

ARISTÓFANES

Obra Completa

Aristófanes

completo

Os acarnenses

Tradução de Maria de Fátima de Sousa e Silva

ARGUMENTO

Em cena a assembleia de Atenas. Aí, a refutar os oradores que defendem a guerra e que, sem rebuço, enganam o povo, apresenta-se Diceópolis, um camponês. Através de um fulano de nome Anfiteo, Diceópolis faz tréguas por sua conta, com os Lacedemônios. Tendo conhecimento do caso, uns velhos de Acarnas, que formam o Coro, avançam em sua perseguição. Então, ao verem Diceópolis a fazer sacrifícios, depois de concluir tréguas com os seus piores inimigos, lançam-se sobre ele e apedrejam-no. Este sujeita-se a fazer a sua defesa com a cabeça no cepo, com a condição de que, se as suas palavras, embora justas, não forem convincentes, lhe cortem a cabeça. Vai a casa de Eurípides e pede-lhe uma roupa de mendigo. Veste-se com os andrajos de Télefo e parodia o discurso deste, atacando, com azedume, Péricles, por causa do decreto de Mégara. Alguns membros do Coro encarniçam-se contra Diceópolis, por lhes parecer que está a defender a causa do inimigo e avançam sobre ele; outros, porém, apoiam-no, porque as suas palavras são justas. Aparece Lâmaco, que tenta provocar um tumulto. Depois de uma altercação, o Coro, persuadido, liberta Diceópolis, e dirige-se ao público, para lhe falar a respeito do mérito do poeta e de outros assuntos. Depois que Diceópolis fez, para si próprio, a paz, vem primeiro um Megarense com as filhas, disfarçadas de porquinhas, num saco, para vender; depois um Beócio, que traz para o mercado enguias e pássaros de todas as espécies. Aparecem alguns sicofantas. Diceópolis agarra num deles, enfia-o num saco e dá-o ao Beócio para o levar para fora de Atenas, em troca das suas mercadorias. Os muitos que se apresentam a Diceópolis para lhe pedirem que divida com eles as tréguas, são recebidos com desdém. Durante a festa dos Côngios, um mensageiro dos estrategos vem chamar Lâmaco, que vive ali ao lado, para que parta com as armas a defender as fronteiras. A Diceópolis é alguém da parte do sacerdote de Dioniso que o vem chamar para o banquete. Pouco depois, Lâmaco volta coberto de golpes, maltratado, e Diceópolis, bem almoçado, em companhia de duas cortesãs.

A peça pertence ao número das de primeira qualidade, e de qualquer modo, é uma exortação à paz. Foi apresentada no arcontado de Eutino, sob o nome de Calístrato. Ficou em primeiro lugar. Em segundo, ficou Cratino com A Tempestade*, que se perdeu. Em terceiro, Êupolis, com* Os Novilúnios.

II ARGUMENTO

Durante a assembleia, apresentam-se uns embaixadores outrora enviados à corte persa e a Sitalques; uns trazem um exército, outros ouro, outros ainda trazem tréguas da parte dos Lacedemônios. Estes de modo nenhum são aceites pelos Acarnenses, que os atacam, o que o poeta censura com dureza. A propósito diz que o decreto de Mégara e Péricles, não os Lacedemônios, são os culpados de tudo; as tréguas, segundo ele, são a única forma de libertação das dificuldades presentes.

PESSOAS DO DRAMA

DICEÓPOLIS

ARAUTO

ANFÍTEO

EMBAIXADOR DE ATENAS JUNTO DO REI

PSEUDARTABAS

TEORO

CORO DE ACARNENSES

FILHA DE DICEÓPOLIS

SERVO DE EURÍPIDES

EURÍPIDES

LÂMACO

MEGARENSE

JOVENS FILHAS DO MEGARENSE

SICOFANTA

TEBANO

NICARCO

<MENSAGEIRO DE DICEÓPOLIS>

MENSAGEIRO DE LÂMACO

LAVRADOR

PADRINHO DE CASAMENTO

A cena decorre em uma zona suburbana de Atenas, vizinha da Pnix. Ao fundo, as casas de Diceópolis, Eurípides e Lâmaco.

DICEÓPOLIS (*contemplando a Pnix deserta*)

Quantos desgostos tenho eu tido a roerem-me a alma! Lá alegrias, essas são poucas,

bem poucas mesmo, uma meia dúzia delas! Mas aflições!... às centenas, como de areias tem o mar. Ora bem, vejamos! Que alegria tive eu que se possa dizer um "deleite"? Ah, bem sei! Foi um espetáculo que me encheu de prazer o coração: aqueles cinco talentos que Cléon deitou cá para fora. Que alegrão não senti naquele momento! Muito admiro eu os cavaleiros por causa dessa proeza! Um golpe de sorte para a Grécia! Em compensação, de outra vez, passei por um sofrimento "trágico". Foi quando eu, de boca aberta, estava à espera de Ésquilo, e o fulano sai-se-me a anunciar: "Teógnis, apresenta o teu coro!" Bem podem imaginar o abalo que não foi para o meu pobre coração. Pelo contrário foi uma alegria quando, depois de Mosco, entrou Dexíteo para cantar uma beócia. Ainda este ano me senti morrer, até vesgo fiquei, quando vi despontar Céris para tocar o hino órtio. Mas, desde que tomo banho, nunca os olhos me arderam tanto com a lixívia, como agora, quando, num dia de assembleia regular, de manhãzinha, venho aqui encontrar a Pnix vazia, enquanto eles palram na ágora e depois, como podem, lá vão escapando à corda vermelha. Nem os prítanes vieram ainda. Até eles vão chegar atrasados! E depois, quando vierem - já se sabe! -, vá de se disputarem uns aos outros os lugares da frente, aos magotes, numa correria. Lá a paz e o modo de a conseguir é o que menos os preocupa. Ai, cidade, cidade! Pelo que me toca, sou sempre o primeirinho a chegar à assembleia e a sentar-me. E então, enquanto estou só, começo com as lamentações, abro a boca, espreguiço-me, dou uns traques, fico sem saber que fazer, traço uns rabiscos, arranco pelos, deito contas à vida. Lá me ponho a contemplar o meu campo, desejoso de paz. Tenho horror da cidade, e saudades da minha terra, que nunca me disse: "Compra carvão", nem vinagre, nem azeite; que não conhecia essa história do "compra". Era ela que me dava tudo, sem essa serrazina do "compra". Ora cá estou eu desta vez decidido - e bem decidido! - a berrar, a intervir, a insultar os oradores, se algum falar de outro assunto que não seja a paz. (*Entram os primeiros cidadãos.*) Mas aí estão os prítanes. Já é meio-dia! Eu não vos tinha avisado? Ora aí está o que eu vos dizia. É quem mais disputa os lugares da frente.

ARAUTO

Venham cá para a frente, vamos, para ficarem dentro do recinto sagrado.

ANFÍTEO

Já alguém falou?

ARAUTO

Quem pede a palavra?

ANFÍTEO

Eu!

ARAUTO

Quem és tu?

ANFÍTEO

Anfíteo.

ARAUTO

Então não és homem?

ANFÍTEO

Não, sou imortal. É que Anfíteo era filho de Deméter e Triptólemo. Este foi pai de Celeu. Celeu casou com Fenárete, a minha avó, mãe de Licino, que era o meu pai. Portanto sou imortal. Foi a mim que os deuses encarregaram de fazer tréguas com os Lacedemônios, a mim e a mais ninguém. Mas, embora imortal, meus senhores, não tenho provisões para a viagem. Os prítanes não mas querem dar.

ARAUTO

Guardas!

ANFÍTEO

Ó Triptólemo! Ó Celeu! Deixais-me entregue à sorte?

DICEÓPOLIS

Prítanes, é um ultraje à assembleia prender assim um homem empenhado, no nosso próprio interesse, em fazer tréguas e pendurar os escudos.

ARAUTO

Senta-te! Silêncio!

DICEÓPOLIS

Não, por Apolo, isso é que não, se não for posto à discussão o problema da paz.

ARAUTO

Os embaixadores do Rei!

DICEÓPOLIS

Qual Rei, qual quê! Já me irritam esses embaixadores, mais as suas pavonadas e fanfarronices.

ARAUTO

Silêncio!

DICEÓPOLIS

Ena pá! Ó Ecbátanos! Que pose!

EMBAIXADOR

Fomos por vós enviados junto do Grande Rei, com um salário de duas dracmas por dia, no arcontado de Eutímenes.

DICEÓPOLIS

Minhas ricas dracmas!

EMBAIXADOR

De fato foi desgastante a nossa peregrinação pela planície do Caístro, instalados em tendas, confortavelmente estendidos em carros, mortos de fadiga.

DICEÓPOLIS

Quer dizer que a são e salvo ia eu, bem rente à muralha, estendido... no lixo.

EMBAIXADOR

Depois da recepção, fomos forçados a beber, em taças de cristal e ouro, um vinho puro, muito doce.

DICEÓPOLIS

Ó cidade de Crânao! Compreendes agora que os teus embaixadores andam a gozar contigo?

EMBAIXADOR

É que os bárbaros, os únicos homens por quem têm consideração, são os bons garfos e os bons copos.

DICEÓPOLIS

É como nós, pelos devassos e pelos invertidos.

EMBAIXADOR

Ao fim de quatro anos, chegamos à corte do rei. Mas ele tinha saído com o exército para... cagar, e há oito meses que estava a fazer no alto de uns peni...nhascos de ouro.

DICEÓPOLIS

E ao fim de quanto tempo é que ele fechou o rabo? Lá pela lua-cheia, não?

EMBAIXADOR

Só nessa altura voltou para o palácio. Então fez-nos uma recepção e mandou-nos servir, inteirinhos, uns bois assados no forno.

DICEÓPOLIS

Bois assados no forno?! Onde é que já se viu tal coisa?! Que gabarolices!

EMBAIXADOR

E mais ainda, por Zeus! Serviu-nos também uma ave com três vezes o tamanho de Cleônimo. O nome que lhe davam era ‘Velhaco’.

DICEÓPOLIS

Ora aí está porque nos fazias essa velhacaria de nos apanhares duas dracmas.

EMBAIXADOR

E agora, de regresso, trouxemos conosco Pseudartabas, o Olho do Rei.

DICEÓPOLIS

Que um corvo lho arrancasse à bicada, e o teu também, seu embaixador!

ARAUTO

O Olho do Rei!

DICEÓPOLIS

Ó Hércules poderoso! Pelos deuses, tiozinho, tens um olho que nem escovém de navio! Quando dobras um cabo, logo enxergas o estaleiro. E aí em baixo, À volta do olho, é uma correia de remo isso que aí tens?

EMBAIXADOR

Vamos, explica lá qual a missão de que o Rei te encarregou junto dos Atenienses, Pseudartabas.

PSEUDARTABAS

I artamane Xarxas apiaona satra.

EMBAIXADOR

Percebeste o que ele está a dizer?

DICEÓPOLIS

Não, por Apolo, eu não!

EMBAIXADOR

Diz ele que o Rei nos vai mandar ouro. Vamos, tu, explica lá melhor e com mais clareza essa questão do ouro.

PSEUDARTABAS

Tu não receber oura, não, cu-mole de Ione!

DICEÓPOLIS

Ai que desgraça a minha! Esta agora foi bem clara.

EMBAIXADOR

O que é que ele está a dizer?

DICEÓPOLIS

O que é?... Diz ele que os Iônios são uns cus-moles, se estão à espera do ouro dos bárbaros.

EMBAIXADOR

Nada disso! Ele está mas é a falar de ouro aos alqueires.

DICEÓPOLIS

Quais alqueires, qual quê?! Um aldrabão de primeira foi o que tu me saíste. Desanda daí! Quem vai fazer umas perguntinhas ao fulano sou eu, mas sozinho. Anda lá! Explica-me isso agora a mim como deve ser - estás a ver isto aqui? *(mostra um cajado)* - antes que eu tenha de te banhar num banho à moda de Sárdis. O Grande Rei vai-nos mandar ouro? *(Pseudartabas acena que não)* Quer dizer então que estamos a ser enganados pelos nossos embaixadores? *(Pseudartabas acena que sim, e os eunucos imitam-no.)* Foi à grega que estes tipos aqui fizeram que sim com a cabeça; não há dúvida nenhuma de que são mesmo de cá. Destes dois eunucos, esse aí conheço eu de ginjeira, é o Clístenes, o filho de Sibírtio. Ó cu-rapado de ardentes desígnios! E é com uma barba dessas, seu macaco, que tu te apresentas entre nós disfarçado de eunuco? E este aqui, quem é ele? Deve ser Estratão, não será?

ARAUTO

Silêncio! Senta-te! O Conselho convida o Olho do Rei para o Pritaneu.

DICEÓPOLIS

Isso era só mesmo com a forca! Perante uma destas, só estou aqui a perder tempo, mais nada. Para receber tipos desta laia nunca as portas se fecham. Vou mas é meter ombros a uma empresa arriscada, de monta. O meu Anfíteo, onde está ele?

ANFÍTEO

Aqui mesmo à tua beira.

DICEÓPOLIS

Toma lá estas oito dracmas e vai, em meu nome, fazer tréguas com os Lacedemônios, só para mim, para os meus filhos e para a minha mulher. E vocês vão mandando embaixadas e deixem-se ficar pasmados à espera.

ARAUTO

Pode avançar Teoro, legado junto de Sitalques.

TEORO

Aqui estou eu.

DICEÓPOLIS

Mais um aldrabão, este que anunciam agora.

TEORO

Não teria sido tão longa a nossa demora na Trácia...

DICEÓPOLIS

Lá isso não, por Zeus, se não recebesses uma maquia tão grossa!

TEORO

...se a Trácia inteira não estivesse coberta de neve e os rios gelados.

DICEÓPOLIS

Poi por essa altura que Teógnis aqui se apresentou a concurso.

TEORO

Durante esse tempo, estivemos a beber na companhia de Sitalques. A verdade é que ele se mostrou profundamente amigo de Atenas e tão autêntico era o seu entusiasmo por vós, que até nas paredes escrevia: “Bravos Atenienses!” O filho, a quem demos cidadania ateniense, ardia por comer salsichas nas Apatúrias, e suplicava ao pai que socorresse a sua pátria. O pai, de taça na mão, jurou que nos iria socorrer com um tal exército, que os Atenienses haviam de dizer: “Que praga de gafanhotos aí vem!”

DICEÓPOLIS

Um raio me parta se acredito numa palavra que seja do que tu estás para aí a dizer... a não ser nos gafanhotos.

TEORO

E para já foi o povo mais belicoso da Trácia que ele nos enviou.

DICEÓPOLIS

Pelo menos isso está à vista.

ARAUTO

Avancem para aqui os trácios que Teoro trouxe.

DICEÓPOLIS

Que desgraça é esta agora?

TEORO

O exército dos Odomantos.

DICEÓPOLIS

Que Odomantos? Diz-me lá, o que vem a ser aquilo ali? Quem descascou o membro dos Odomantos?

TEORO

Estes homens, se se lhes der duas dracmas de salário, só com a infantaria, são capazes de arrasar a Beócia de uma ponta à outra.

DICEÓPOLIS

A esses tipos? Duas dracmas a esses circuncisados? Gemer é o que resta aos marinheiros, os salvadores da cidade. (*Os Odomantos roubam-lhe o saco.*) Ai que desgraça a minha! Estou perdido! Os Odomantos estão a pilhar os meus alhos. Vocês largam já esses alhos ou não largam?

TEORO

Ah desgraçado! Não te aproximes deles. Já comeram os alhos.

DICEÓPOLIS

Vocês, prítanes, têm a coragem de me ver suportar um ultraje destes na minha pátria, e da parte dos bárbaros? Mas eu recuso-me a continuar a discussão sobre o salário a dar aos trácios. Declaro-vos que um sinal divino acaba de se revelar: já me caiu uma gota de chuva.

ARAUTO

Os trácios podem retirar-se para comparecerem de novo depois de amanhã. Os prítanes consideram encerrada a assembleia.

(*Esvazia-se o terreno da assembleia.*)

DICEÓPOLIS

Mas que desgraça esta! La se foi a minha rica guisarada de alho! Olha, aí vem o Anfíteo de regresso da Lacedemônia. Viva, Anfíteo!

ANFÍTEO

Nada de vivas antes de eu parar de correr. Tenho de me pôr ao fresco para escapar aos Acarnenses.

DICEÓPOLIS

Mas o que há?

ANFÍTEO

Eu vinha lançado para cá para te trazer as tréguas. Mas a coisa cheirou-lhes, aí a uns tipos já de idade, de Acarnas, velhos de boas fêveras, rijos como pedra, de antes quebrar que torcer, combatentes de Maratona, gente de ferro. E então puseram-se a berrar em coro: "Ah patife! Tu a trazeres aí tréguas, quando as nossas vinhas estão todas derrubadas?" E começaram a apanhar pedras e a metê-las para o capote. Eu pus-me a cavar e eles a correrem atrás de mim, em grande gritaria.

DICEÓPOLIS

Deixa-os lá gritar. E então? Trazes aí as tréguas?

ANFÍTEO

Já te vou explicar. Trago-as aqui de três paladares. Estas são por cinco anos. Toma lá, prova.

DICEÓPOLIS

Pf!

ANFÍTEO

O que é?

DICEÓPOLIS

Não me agradam. Cheiram a pez e a preparativos de frotas.

ANFÍTEO

Bem, toma lá estas por dez anos. Prova.

DICEÓPOLIS

Estas então cheiram que tresandam a embaixadas às cidades, a qualquer coisa como desmobilização de aliados.

ANFÍTEO

Mas aqui tens estas por trinta anos, em terra e no mar.

DICEÓPOLIS

Ó Dionísias! Estas, sim, cheiram a ambrósia e néctar. Só não ter que arranjar comida para três dias! Parece que já as sinto na boca a dizerem-me: “Vai para onde quiseres.” Essas aceito-as, faço libações com elas, bebo-as até à última gota. E os Acarnenses que passem por lá muito bem, é o que lhes desejo. Cá por mim, livre da guerra e dos meus males, vou para casa celebrar as Dionísias, no campo.

ANFÍTEO

E eu, vou cavar. Aí vêm os Acarnenses. (*Entra o Coro dos Acarnenses.*)

CORO

Vamos, todos por aqui. Persigam-me esse fulano, perguntem por ele a todos os passantes. No interesse da cidade, temos de deitar mão a esse tipo. Vá lá, deem-me uma pista. Alguém sabe para que lugar da terra se sumiu o fulano com as tréguas? Escapou-se, meteu pernas ao caminho. Ai que desgraça esta, na minha idade! Não era nos meus tempos de rapaz, quando eu, com um saco de carvão às costas, era capaz de acompanhar Faulo na corrida, que esse portador de tréguas se escapava tão facilmente à minha perseguição. Por mais lesto que fosse não se safava assim, ó pernas para que vos quero. Mas trôpego como estou, agora que as pernas vão pesando cá ao velho Lacratides, o tipo raspou-se. Temos de ir atrás dele. Não se há de ficar a rir por ter escapado aos Acarnenses, mesmo velhos como somos. Esse fulano - ó Zeus pai! ó deuses! - fez tréguas com os inimigos, contra quem, dentro de mim, vai crescendo o furor do combate, o ódio, por causa dos meus campos. Não descanso enquanto lhes não varar o corpo com um pau, penetrante, doloroso, enterrado até ao cabo, de maneira que não hão de voltar a pisar as minhas vinhas.

Vamos, é preciso procurar esse fulano, esquartejar tudo até à... Pedralene, persegui-lo de terra em terra, até o encontrarmos. Pela minha parte não me hei de fartar de lhe atirar pedras.

DICEÓPOLIS (*assomando à porta, na companhia de familiares e escravos*)

Silêncio! Silêncio!

CORO

Calem-se todos. Estão a ouvir, meus senhores, este convite ao silêncio? Aí está o fulano que nós procuramos, é aquele mesmo. Vamos, afastem-se todos daqui. É para fazer um sacrifício, ao que parece, que ele vem a sair de casa.

DICEÓPOLIS (*saindo com a sua gente*)

Silêncio! Silêncio! Avança um pouco cá para a frente, tu, a canéfora. O Xântias que erga o falo bem direito. Pousa aí o cesto, minha filha, para oferecermos as primícias.

FILHA

Mãe, dá-me cá a colher, para eu espalhar o purê em cima deste bolo.

DICEÓPOLIS

Pronto, está bem assim. Dioniso, meu senhor, que te seja agradável este cortejo que aqui te trago, e os sacrifícios que faço em tua honra com toda a minha gente. Que eu possa celebrar, feliz, estas Dionísias rurais, longe das fileiras, e que essas tréguas que acordei por trinta anos me tragam a felicidade. Vamos, filha, graciosa como és, vais com graça levar esse cesto, com ar de quem come azedas. Feliz daquele que te levar e te fizer... umas gatinhas, que não te fiquem atrás nuns traquezitos logo pela manhã. Avança, mas muito cuidado, não vá, no meio da multidão, alguém, à socapa, se pôr a roer, pouco a pouco, as tuas joias. Xântias, vocês dois aí, tratem de me pôr direito esse falo atrás da canéfora. Sou eu que vou cantar, pelo caminho, o hino fálico. E tu, mulher, fica a ver-me do terraço. Vamos lá embora.

Fales, companheiro de Baco, seu conviva, notívago, adúltero, pederasta, ao fim de seis anos pude agora saudar-te, de regresso à minha terra, com o coração em festa, depois de ter feito umas tréguas só para mim, livre de questões, de lutas, e de Lâmacos. Quanto mais doce é - ai Fales, Fales! - surpreender, com lenha roubada, uma linda lenhadora, Trata, a escrava de Estrimodoro, de regresso do monte, aferrá-la pela cintura, prendê-la bem, derrubá-la no chão e... descaroçá-la. Ai Fales, Fales, se vieres beber conosco, depois da bebedeira, amanhã de manhã, hás de engolir uma boa pratada em honra da paz. O escudo, esse vamos pendurá-lo na lareira.

CORO

É este! É este mesmo! Atira! Atira! Atira! Atira! (*Arremessam pedras.*) Dá-lhe! Dá nesse malvado! Atira mais! Atira mais! (*Mais pedradas.*)

DICEÓPOLIS (*tapando a cabeça com a panela que trazia*)

Por Hércules! Que vem a ser isto? A panela, vocês vão-me partir a panela!

CORO

É para ti que são as nossas pedradas, cabeça maldita.

DICEÓPOLIS

Mas por que razão, veneráveis Acarnenses?

CORO

Ainda perguntas? Um descarado, é o que tu és, um infame, um traidor à pátria. E és tu, o único entre nós que fez tréguas, que ainda te atreves a olhar-me de frente?

DICEÓPOLIS

E por que razão fiz eu essas tréguas, também ouviram dizer? Não? Então oiçam.

CORO

Ouvirmos-te? A ti? Estás perdido. Vamos-te esmagar com estas pedras.

DICEÓPOLIS

Isso não. Têm de me ouvir primeiro. Parem com isso, meus caros amigos.

DICEÓPOLIS

Não paro nada. Não me venhas com histórias. O meu ódio por ti é mais forte ainda do que por Cléon, que eu hei de retalhar para fazer calçado para os cavaleiros. Não vou dar ouvidos a essas histórias sem fim. Fizeste tréguas com os Lacônios, e quem te vai dar o castigo sou eu, olá se vou.

DICEÓPOLIS

Meus caros amigos, deixem os Lacônios em paz. É das minhas tréguas que se trata agora, se foram ou não foram um bom negócio.

CORO

Como podes falar ainda em bom negócio, quando, de uma vez por todas, fizeste tréguas com essa gente para quem nada valem altares, nem pactos, nem juramentos?

DICEÓPOLIS

Mas também sei que os Lacedemônios, contra quem tanto nos encarniçamos, não têm a culpa de todos os nossos problemas.

CORO

Não têm a culpa de tudo, malvado?! Atreves-te a dizer isso na minha cara, sem papas na língua?! E, depois disto, ainda te hei de poupar?

DICEÓPOLIS

Não têm a culpa de tudo, não, não têm. E eu, que vos falo neste momento, posso demonstrar que muitas vezes houve em que foram eles as vítimas.

CORO

Esta agora já passa das marcas. É revoltante! Ainda te atreves a defender, na nossa frente, os nossos inimigos?

DICEÓPOLIS

Pois bem! Mesmo que não sejam justas as minhas palavras, nem tenha o povo do meu lado, estou disposto a falar com a cabeça no cepo.

CORO

Ora digam-me lá, por que é que o poupamos às pedras, cidadãos? Por que esperamos para pormos esse fulano tinto de púrpura?

DICEÓPOLIS

Que negro tição esse que vos incendeia! Vocês não me querem ouvir, não querem mesmo ouvir-me, Acárnides?

CORO

Não te queremos ouvir. Isso é que não.

DICEÓPOLIS

É uma ofensa que tenho de suportar.

CORO

Raios me partam, se te dou ouvidos!

DICEÓPOLIS

Por favor, Acárnicos!

CORO

Vais morrer, já sabes, e agora mesmo.

DICEÓPOLIS

Pois quem vos vai morder sou eu! É a minha vez de matar os mais queridos dos vossos amigos. Como já aqui tenho os vossos reféns, vou agarrar neles e degolá-los. (*Entra em casa.*)

CORO

Mas que é isto? Que ameaça é esta, cidadãos, que ele nos faz a nós, Acarnenses? Será que tem preso lá dentro de casa um filho de algum de nós aqui presentes? Se não, o que será que lhe dá assim tanta segurança?

DICEÓPOLIS (*saindo de casa com um cesto de carvão e um punhal*)

Atirem, se quiserem. Pela minha parte, vou dar cabo deste cesto aqui. Agora é que eu vou saber qual de vocês ainda tem algum amor ao carvão.

CORO

Estamos perdidos! Este cesto é da minha terra. Não lhe faças isso que estás a pensar. Não! Por favor! Não!

DICEÓPOLIS

Vou matá-lo, vou! Vocês podem gritar à vontade, que não vos dou ouvidos.

CORO

Tu vais acabar com esse companheiro de sempre, esse amigo dos carvoeiros?

DICEÓPOLIS

Também as minhas palavras, agora mesmo, vocês se recusaram a ouvi-las.

CORO

Pois bem, fala então agora, diz lá qual é a tua ideia. Para começar, os Lacedemônios, como é que eles se tornaram teus amigos? Porque esse cestinho é que eu não hei de trair nunca.

DICEÓPOLIS

Antes de mais nada, atirem-me essas pedras para o chão.

CORO (*obedecendo*)

Aí as tens no chão. Bom, mas então pousa tu também o punhal.

DICEÓPOLIS

E se aí nos capotes ainda há pedras escondidas?

CORO

Já as sacudimos todas para o chão. Estás a ver como eu sacudo o capote? Vamos lá! Deixa-te de rodeios, e pousa mas é a tua arma. Cá o meu capote, com uma volta, fica sacudido.

DICEÓPOLIS

Pouco faltou para todos vocês desatarem numa gritaria. Por pouco não morreram os carvões do Parnes por culpa dos seus concidadãos. Com medo, o cesto largou-me em cima uma data de fuligem, uma espécie de sépia. É terrível o feitio destes homens, azedo de natureza. Só pensam em agredir, em gritar, e nunca estão dispostos a discutir frente a frente. Tudo aquilo que eu quero dizer sobre os Lacedemônios, vou dizê-lo com a cabeça no cepo, embora tenha muito amor à vida.

CORO

Quando é que trazes o cepo cá para fora, malvado, e dizes essa coisa tão importante que tens para dizer? Estou ansioso por saber o que anda aí nessa cabeça. Seguindo as condições que tu próprio estabeleceste, põe aí o cepo e toca a falar.

(*Diceópolis vai buscar o cepo e coloca-o no meio da orquestra.*)

DICEÓPOLIS

Aqui tens o cepo, olha! E aqui está também o homem que vos vai falar, que não é maior do que isto. Fiquem descansados, por Zeus, que não me vou armar de escudo. Só vos vou dizer o que penso sobre os Lacedemônios. No entanto, tenho bons motivos de receio. Conheço bem a maneira de ser dos nossos aldeões, sei o prazer que sentem em ouvirem gabar-se a si próprios e à cidade, por um parlapatão qualquer, com razão ou sem ela. São estes elogios que os

impedem de ver que estão a ser levados. Sei o que vai na cabeça destes velhos, que não veem outra coisa que não seja morderem com o seu voto. Eu próprio estou bem lembrado das que passei com Cléon, por causa da comédia do ano passado. Depois de me ter arrastado a tribunal, atirou-me uma catadupa de calúnias por aquela boca fora, que mais parecia uma verdadeiro Cicloboro. Foi um tal lavar de roupa suja, que pouco faltou para eu marchar desta para melhor no meio daquela porcaria toda. Por isso, desta vez, antes de começar a falar, deixem-me vestir a roupa que mais piedade possa inspirar.

CORO

Mas por que esses rodeios e essas engenhocas? Por que esses artifícios e essas demoras? Toma lá, por minha conta, esta cabeleira de Hierônimo, negra, espessa, cerrada, como o elmo de Hades; a seguir dá largas a artimanhas dignas de Sísifo. Porque um debate destes não pode admitir delongas.

DICEÓPOLIS

É este o momento de reunir todas as minhas forças. Tenho de ir procurar Eurípedes. (*Bate à porta do poeta.*) Rapaz! Rapaz!

SERVO

Quem é?

DICEÓPOLIS

Eurípides está em casa?

SERVO

Está em casa e não está, não sei se percebes.

DICEÓPOLIS

Como é isso? Está em casa e não está?

SERVO

É isso mesmo, tiozinho. O espírito anda por fora a recolher versinhos, portanto não está em casa. Mas ele está em casa, de pés no ar, a compor uma tragédia.

DICEÓPOLIS

Que felizardo, esse Eurípides! Que escravo ele aqui tem que desempenha tão bem o seu papel! (*Ao Servo.*) Chama-o cá fora.

SERVO

É impossível.

DICEÓPOLIS

Anda lá, tem de ser. Daqui não saio. Vou bater à porta. (*Torna a bater.*) Eurípides! Euripidezinho! Ouve lá, se é que alguma vez deste ouvidos a um mortal. Sou eu, o Diceópolis, que te estou a chamar, eu, da freguesia de Colides.

EURÍPIDES (*de dentro*)

Não tenho vagar.

DICEÓPOLIS

Deixa que te rolem cá para fora.

EURÍPIDES

É impossível.

DICEÓPOLIS

Anda lá.

EURÍPIDES

Bom, vou rodar aí para fora. Não tenho vagar para descer.

(*Eurípides é rolado para o exterior.*)

DICEÓPOLIS

Eurípides!

EURÍPIDES

Que berros são esses?

DICEÓPOLIS

É de pés no ar que tu compões, quando bem o podias fazer com os pés em terra! Não admira que cries personagens coxas. Para que são esses farrapos de tragédia que aí trazes, essa roupa de fazer pena? Não admira que cries mendigos. Mas, Eurípides, pelos teus joelhos te peço, dá-me um farrapo daquela tua tragédia já antiga. Tenho de fazer ao Coro um grande discurso, que há de ser a minha morte, se o faço mal.

EURÍPIDES

Que trapos? Serão aqueles com que aqui o Eneu, o velhinho desafortunado, se apresentou a concurso?

DICEÓPOLIS

Não eram os do Eneu, eram de um outro ainda mais infeliz.

EURÍPIDES

E os de Fênix, o cego?

DICEÓPOLIS

Não, os de Fênix não. Havia outro ainda mais desgraçado do que Fênix.

EURÍPIDES

Mas afinal, que manto em farrapos é que o tipo está a pedir? Será que te estás a referir aos de Filoctetes, o mendigo?

DICEÓPOLIS

Não. São os de outro muito, muito mais mendigo do que ele.

EURÍPIDES

Se calhar queres as roupas imundas que usava Belerofonte, esse coxo que aí está.

DICEÓPOLIS

Não eram as de Belerofonte. Eram de um outro, coxo como ele, fala-barato, com uma grande léria.

EURÍPIDES

Já sei quem é o tipo. Télefo da Mísia.

DICEÓPOLIS

Esse mesmo, o Télefo. Por favor, dá-me cá os trapos dele.

EURÍPIDES

Ó rapaz! Dá-lhe lá esses farrapos do Télefo. Estão aí em cima dos farrapos de Tiestes, misturados com os de Ino. Aqui estão, toma lá!

DICEÓPOLIS (*recebendo os andrajos*)

Ó Zeus que tudo espias e vigias, faz com que eu envergue a roupa mais miserável que exista. Eurípides, já que me fizeste este favor, dá-me também o resto dos acessórios destes farrapos, o chapelinho mísio, para pôr na cabeça. Hoje tenho de me fazer passar por mendigo, tenho de ser aquilo que sou, não apenas parecê-lo. Os espectadores podem saber quem eu sou, mas o Coro tem de ficar aparvalhado, enquanto eu lhe faço o ninho atrás da orelha, com meia dúzia de tretas.

EURÍPIDES (*passando-lhe o chapéu*)

Aqui o tens. Que finura de espírito, que sutileza de ideias!

DICEÓPOLIS

Felicidades! E, para o Télefo, o sucesso que eu espero. Muito bem! Já todo eu sou paleio. Mas também preciso de um cajado de mendigo.

EURÍPIDES (*dando o cajado*)

Aqui o tens! Toma lá e põe-te a andar destas mansões de pedra.

DICEÓPOLIS

Ó coração! Estás a ver como sou corrido desta casa, quando ainda me falta uma data de tralhas! Agora é a tua vez de seres peganhento, pedinchas, crava. Eurípides, dá-me um cestinho bem passado pelas brasas.

EURÍPIDES

Mas que necessidade tens tu dessa seira, miserável?

DICEÓPOLIS

Necessidade nenhuma. Mas, mesmo assim, quero levá-la.

EURÍPIDES (*dando a cesta*)

És um grande chato, sabes? Põe-te a mexer desta casa para fora.

DICEÓPOLIS

Ai, ai! Boa sorte para ti, como teve a tua mãe.

EURÍPIDES

Desaparece da minha vista!

DICEÓPOLIS

Não, ainda não. Dá-me só mais uma coisa, uma só: uma escudelazinha que esteja esbeiçada.

EURÍPIDES

Raios te partam! Pega lá! (*Entrega-lhe a escudela.*) E fica a saber que estás a incomodar, aqui na minha casa.

DICEÓPOLIS

Não, por Zeus, tu não sabes o mal que fazes. Vamos lá, Eurípides, minha doçura, só mais uma coisa. Dá-me uma panelinha com uma esponja lá dentro.

EURÍPIDES

Ó homem, vais-me levar a tragédia toda. Toma-a lá (*dá-lhe a panela*) e desaparece daqui.

DICEÓPOLIS

Desapareço já. Mas o que eu hei de fazer? Ainda me falta mais uma coisa e é que se não a arranjo estou arrumado. Ouve lá, Eurípides, minha doçura! Se lhe deito as unhas, ponho-me a mexer e não apareço cá mais. Dá-me umas folhas de couve para eu pôr aqui no cestinho.

EURÍPIDES

Dás cabo de mim. Aqui as tens. Lá se me vão as tragédias.

DICEÓPOLIS

Pronto, mais nada. Vou-me embora. Já estou a aborrecer demais, nem reparo que os reis me ganham ódio. Ai, que desgraça a minha! Estou perdido! Fui-me logo esquecer do pomo da questão. Euripidezinho, minha doçura, meu caro amigo! Raios me partam se te peço mais alguma coisa além desta, esta e só esta. É o cerefólio. Dá-me cá um bocado daquele que herdaste da tua mãe.

EURÍPIDES

Olha a lata do tipo! Fecha as portas desta mansão.

(*Eurípides é rolado para o interior da casa. Fecham-se as portas.*)

DICEÓPOLIS

Ai, coração, tens mesmo de te ir embora sem o cerefólio. Sabes bem como é duro o combate que vais travar muito em breve, quando defenderes os Lacedemônios? Para a frente, coração: chegou a hora. Ficas parado? Não arrancas, mesmo depois de um golezinho de Eurípides? Tens razão. Vamos, meu pobre coração, chega-te para aí e oferece a tua cabeça, mas só depois de dizeres o que pensas. Coragem, vamos! Para a frente! Bravo, coração! (*Volta a colocar-se junto do cepo.*)

CORO

Que vais fazer? Que vais dizer? És um tipo de arrojo, um homem de ferro. Puseste a cabeça à disposição da cidade e vais falar sozinho contra todos nós. E o tipo não se preocupa nada com isso. Vamos, já que assim o queres, fala lá.

DICEÓPOLIS

Não levem a mal, espectadores, que eu, um mendigo, vá falar aos Atenienses a respeito da cidade, numa comédia. Porque o que é justo também é do conhecimento da comédia. Ora o que eu vou dizer é arriscado, mas é justo. Desta vez, Cléon não me pode acusar de dizer mal da cidade na presença de

estrangeiros. Estamos sós, este é o concurso das Leneias, não há estrangeiros presentes. Nem é altura de virem os impostos nem os aliados das suas cidades. Agora estamos sós, a fina-flor. Sim, porque os metecos são a palha dos cidadãos, acho eu. Pois bem, eu detesto os Lacedemônios. Que Posídon, o deus do Tênaro, com um tremor de terra, lhes derrubasse as casas, a todos eles! Também eu tenho as minhas vinhas cortadas. Mas já que só aqui estão amigos a ouvirem as minhas palavras, por que é que atiramos com as culpas de tudo isto para cima dos Lacônios? Havia entre nós uns fulanos - não me estou a referir à cidade (fixem bem isto, não é à cidade que me estou a referir!) - uns tipinhos miseráveis, de mau quilate, uns infames, que não valem nem um tostão furado, meio estrangeirados, que denunciavam "os mantozinhos de Mégara". Onde quer que vissem um pepino, uma lebre, um leitão, um dente de alho, ou um grão de sal, punham-se a dizer: "Isto é de Mégara" e naquele mesmo dia vendia-se tudo. Estes eram casos sem importância e correntes na nossa terra. Mas uns rapazes de viagem para Mégara metem-se nos copos durante o jogo do cótabo e roubam a cortesã Simeta. Então os Megarenses, espicaçados pelo desgosto, roubam a Aspásia, como represália, duas cortesãs. E foi assim que estalou a guerra em toda a Grécia, por causa de três prostitutas. Irritado com o fato, Péricles o Olímpico lançou o raio, fez ouvir o trovão, pôs a Grécia em polvorosa e estabeleceu leis redigidas à maneira de cantilenas: "Que nem em terra, nem em praça, nem no mar ou continente, permaneça o Megarense". Entretanto os Megarenses, quando a fome, passo a passo, foi chegando, pediram aos Lacedemônios que conseguissem a revogação do tal decreto feito por causa das prostitutas. Mas nós não atendemos os seus pedidos insistentes. E assim começou o alarido dos escudos. Pode haver quem diga: "Não era preciso tanto." Mas então o que é que era preciso, digam lá? Ora vejamos: se um lacedemônio viesse por aí fora num navio e pusesse à venda um cãozinho dos Serífios que tivesse encontrado, vocês deixavam-se ficar sossegadinhos em casa? Não faltava mais nada! Tratavam mas é de pôr logo no mar trezentos navios e a cidade enchia-se do tumulto dos soldados, de gritaria a respeito do trierarco. Pagavam-se os salários, douravam-se as estátuas de Palas, o mercado animava-se com a algazarra geral, média-se o grão. E eram odres, correias para os remos, gente a comprar pipos, alhos, azeite, réstias de cebolas, coroas, sardinhas, flautistas, narizes esmurrados. No estaleiro, aplainavam-se os remos, rangiam as cavilhas, prendiam-se as correias nas portinholas, e eram flautas, vozes de comando, apitos, assobios. Era isto, tenho a certeza, que vocês faziam. E o Télefo também, não é o que estamos a pensar? Juizinho é o que nos falta.

PRIMEIRO SEMICORO

Ai ele é isso! Safado, patife! E és tu, um mendigo, que te atreves a falar assim na nossa frente? Se houve algum sicofanta, tu ainda o insultas?

SEGUNDO SEMICORO

Por Posídon, tudo o que ele diz é verdade. Não há, nas suas palavras, sombra de mentira.

PRIMEIRO SEMICORO

E lá por ser a verdade, era preciso que a dissesse? Mas não se há de ficar a rir por ter o atrevimento de fazer tais afirmações. (*Arremetem contra Diceópolis.*)

SEGUNDO SEMICORO (*interpondo-se*)

Eh, tu aí! Para onde vais nessa correria? Ora fazes favor de ficar quieto? Pois bem, se bateres neste homem, és tu que vais pelos ares que é uma pressa.

PRIMEIRO SEMICORO

Eh, Lâmaco, de olhos faiscantes, vem em meu auxílio, tu, o do penacho da Górgona, aparece. Eh, Lâmaco, meu amigo e companheiro! E se aqui há um taxiarco, um estratego ou um defensor das nossas muralhas, que venha em meu auxílio, depressa! que estou para ser vencido! (*Lâmaco entra de rompante.*)

LÂMACO

Donde veio este grito de guerra que chegou aos meus ouvidos? Onde é preciso prestar auxílio? Onde é preciso levar o tumulto do combate? Quem despertou a minha Górgona e a fez sair do estojo?

DICEÓPOLIS

Ó Lâmaco, herói dos penachos e dos batalhões!

CORO

Ó Lâmaco, não é que este tipo tem estado a insultar, há já um pedaço, toda a nossa cidade?!

LÂMACO

Eh tu, mendigo, como te atreves a falar dessa maneira?

DICEÓPOLIS

Ó Lâmaco, ó herói, perdoa-me se eu, um mendigo, disse para aí algum disparate.

LÂMACO

O que é que disseste de nós? Não queres dizer?

DICEÓPOLIS

Já nem sei. Tenho um tal medo dessas armas, que até me dão tonturas. Por favor, chega-me para lá esse espantalho.

LÂMACO

Pronto!

DICEÓPOLIS

Pousa-o aí, mas de costas para mim.

LÂMACO

Já está no chão.

DICEÓPOLIS

Tira a pluma do teu elmo e dá-ma cá.

LÂMACO

Aqui a tens, a peninha.

DICEÓPOLIS

A minha cabeça, segura-me nela que vou vomitar. Fazem-me náuseas, esses teus penachos.

LÂMACO

Eh tu! Que estás a fazer? É com esta peninha que vais vomitar? Esta peninha é...

DICEÓPOLIS

Diz-me lá, de que pássaro é ela? Do Fanfarronadas, não?

LÂMACO

Ah sim?... Vou dar cabo de ti!

DICEÓPOLIS

Isso não, Lâmaco! A força não é para aqui chamada. E se és assim tão forte, por que é que não me arreganhaste a coisa? Estás armado até aos dentes!

LÂMACO

E és tu, um mendigo, que falas assim de um estratego?

DICEÓPOLIS

Com que então eu sou um mendigo?

LÂMACO

Mas quem és tu afinal?

DICEÓPOLIS

Quem sou? Um cidadão honesto: não sou da raça desses que andam atrás de um tacho. E desde que a guerra começou, és da raça dos que se fazem pagar.

LÂMACO

Mas se eu fui eleito...

DICEÓPOLIS

...por três araras! Foi por estar farto dessas e de outras, que eu fiz tréguas, ao ver homens de cabelos brancos nas fileiras, e moços como tu a escapulirem-se. Uns estão na Trácia com um soldo de três dracmas, uns Tisâmenos, uns Fenipos, outros com os Câones, uns meios Geres, meios Teodoros, uns gabarolas de Diomia, outros na Camarina, outros em Gela, e outros em 'É de rir com ela'.

LÂMACO

Mas se eles foram eleitos!

DICEÓPOLIS

Mas por que motivo hão de vocês sempre, seja de que maneira for, receber soldadas dessas, que é coisa que nenhum destes recebe? *(Aponta o Coro)* Em boa verdade, ó Marílades, tu, com os teus cabelos brancos, já foste embaixador uma só vez que fosse? Estás a ver, ele diz que não com a cabeça. E no entanto é um homem sensato e trabalhador. E vocês, Antracilo, Eufórides, Prínides? Já algum de vocês viu Ecbátanos ou a Caônia? Não - dizem eles. Isso está bem para o filho de Césira e para Lâmaco, que ainda não há muito tempo, nem as contribuições nem as dívidas pagavam. De maneira que os amigos todos lhes diziam: "Desanda daqui!", como quem, à tardinha, despeja a água suja em que tomou banho.

LÂMACO

Ó democracia, será que se tem de aturar uma coisa destas?

DICEÓPOLIS

De modo nenhum, claro, a não ser que Lâmaco receba por isso um bom salário!

LÂMACO

Pois bem, por meu lado hei de lutar até ao fim contra os Peloponésios, todos sem exceção: hei de fazê-los tremer seja em que canto da terra for, ou com os meus navios ou com a infantaria, com todas as minhas forças. (*Retira-se.*)

DICEÓPOLIS

Pois eu cá por mim, proclamo aqui o meu convite a todos os Lacedemônios, Megarenses e Beócios: que venham ao mercado negociar comigo..., mas com Lâmaco não. (*Entra em casa.*)

CORO

Este homem saiu vencedor com a sua argumentação, pois soube levar o povo a mudar de ideias em relação às tréguas. É altura de tirarmos os mantos e passarmos aos anapestos. Desde que dirige coros de comédia, o nosso poeta nunca se apresentou perante o público para gabar o seu talento. Mas como foi acusado pelos seus inimigos perante os Atenienses, sempre prontos a tomarem decisões, de, nas comédias, maltratar a nossa cidade e o seu povo, ele sente a necessidade de hoje, aqui, responder a esses ataques perante os Atenienses, sempre prontos a mudarem de decisões. Afirma o poeta ter-vos prestado muitos e bons serviços, ao impedir que vocês fossem redondamente enganados por discursos de estrangeiros, que se deixassem levar por lisonjas, que se tornassem numa gente mole. Dantes, os embaixadores das cidades, quando vos queriam enganar, começavam por chamar "povo coroado de violetas". Mas tais palavras eram ditas, vocês ficavam logo de rabo alçado lá com a história das coroas. Quem quer que fosse que, para vos espicaçar a vaidade, chamasse "lustrosa" a Atenas, conseguia tudo com esse "lustrosa", por vos dar um epíteto próprio de sardinhas. Foi este um dos muitos serviços que vos prestou o poeta, além de ter provado o valor da democracia para os povos das cidades aliadas. Por isso, hoje em dia, quem vos vem pagar o tributo, sente o desejo de ver esse poeta por excelência, capaz de se arriscar a dizer a verdade aos Atenienses. Foi

por isso, por causa dessa audácia, que a sua fama já chegou longe; a ponto que até o Rei, para pôr à prova a embaixada dos Lacedemônios, começou por lhes perguntar qual dos dois povos era mais poderoso pela sua armada, e depois a qual dos dois dirigia o tal poeta mais ataques. Esse povo é de longe superior, dizia ele, e o que tem mais possibilidades de ganhar a guerra, se o tomar por conselheiro. Ora, aí está por que os Lacedemónios vos propõem a paz, mas exigem Egina. E não é a ilha em si que os preocupa: o que eles querem é apanhar-vos o tal poeta. Mas vocês não o deixem partir, porque nas comédias há de sempre defender a justiça. Diz ele que vos há de ensinar muitas coisas boas, a felicidade por exemplo, sem vos lisonjear, sem vos prometer dinheiro, sem vos ludibriar nem um pouco que seja, sem trafulhices nem catadupas de elogios. Mas que vos há de ensinar onde está o bem. Depois disto, que Cléon promova e arquitete contra mim toda a casta de perseguições. O bem e a justiça hão de ser os meu aliados, e não me hão de apanhar nunca, como a ele, a ser cobarde ou invertido para com a cidade.

Vem cá, Musa de Acarnas, impetuosa, ardente como fogo, plena de vigor. Como das brasas do carvalho salta uma chama atiçada pelo sopro favorável do abanador, quando se tem à mão peixes para fritar, ou quando se mexe um molho de Tasos, com os seus anéis brilhantes de gordura, ou se amassa o pão, assim vigorosa vem até mim, teu concidadão, com o teu canto bem timbrado, de tom rústico.

Nós os velhos, os antigos, temos uma censura a fazer à cidade. Não encontramos junto de vós, na velhice, o tratamento devido a quem combateu no mar. Temos passado maus bocados. Agora, na velhice, vemo-nos implicados em processos e, com a vossa permissão, somos gozados por oradores ainda moços, contra quem não somos nada, com o nosso ouvido duro e voz de cana rachada. Posídon, o deus protetor, é o nosso único bordão. A titubearmos de velhice, ali ficamos junto à tribuna, sem vermos outra coisa que não sejam as trevas em que se debate a justiça. Entretanto o jovem que deu tudo por tudo para ser procurador da justiça atira-se a toda a pressa sobre nós, num duro combate de palavras. Depois faz-nos subir ao estrado e criva-nos de perguntas, em que cada palavra é uma armadilha. E ali somos nós, como Titono, feitos em pedaços, torturados, atormentados. O pobre do velho lá vai resmoneando, para acabar por sair dali com uma multa às costas. Então rompe em soluços, fica lavado em lágrimas e diz para os amigos: “O dinheiro com que eu devia pagar o meu caixão é para pagar a multa com que saio daqui”. Será que é justo liquidar assim um velho de cabelos brancos, em frente de uma clépsidra, depois de ter passado tantas canseiras, depois de ter enxugado mil vezes o suor quente e viril do seu rosto, depois de ter sido um herói em Maratona para defender a sua cidade? Nos tempos de Maratona, éramos nós os perseguidores; agora somos perseguidos por uns miseráveis, e mais ainda, saímos derrotados. Contra isto será que mesmo um Márpsias teria alguma coisa a dizer?

Como se pode aceitar que um homem já curvado, na idade de Tucídides, se veja feito em frangalhos nas mãos de um vindo do deserto, um cita, o filho de Cefisodemo, esse procurador fala-barato? Foi de tal ordem que me deixou

incapaz de reter as lágrimas, ao ver o pobre do velho maltratado por um archeiro, um homem, por Deméter, que, nos seus tempos de Tucídides, não teria facilmente aturado nem a própria Acaia. Dantes, teria batido dez Euatlos que fosse, com os seus berros teria ensurdecido dez mil archeiros, com as suas setas teria derrotado os parceiros do pai do tal fulano. Ora já que vocês não querem deixar os velhos dormirem em paz, decretem ao menos que os processos sejam organizados de modo que a um velho se oponha um procurador velho e desdentado como ele, e aos jovens um cu-às-escâncaras e um fala-barato como o filho de Clínias. Em conclusão: sob pena de castigo para quem o não cumprir, que o velho seja vencido pelo velho, e o novo pelo novo.

(*Diceópolis sai novamente de casa. De chicotes*

na mão, traça limites diante da sua porta.)

DICEÓPOLIS

Estes são os limites do meu mercado. Aqui podem negociar todos os Peloponésios, Megarenses e Beócios, com a condição de me venderem só a mim, ao Lâmaco não. Como fiscais do meu mercado ficam encarregadas, por sorteio, estas três correias... de Escorcha. Aqui é proibida a entrada a sicofantas ou a qualquer outro tipo da Espiônia. Por agora vou buscar a tabuleta com as tréguas, para a pôr à vista no mercado. (*Volta a entrar em casa.*)

(*De saco às costas, entra o Megarense, seguido de duas jovens, suas filhas.*)

MEGARENSE

Biba, mercado de Atãnas, amigo dos Megarenches! Que choidades eu tinha de ti! Por Zeus, chenhor da amijade, choidades, ... que nem de uma mãe! Bamos, povres filhinhas de um pai desgrachado, chubam para aqui, para ber che arranjam um naco de pão, se entxergam algum. Oicham lá, deem-me cá atenchão, barriguinhas vajias. O que é que vochês proferem? Cherem bendidas ou arrebentarem de fome?

DICEÓPOLIS

Chermos bendidas! Chermos bendidas!

MEGARENSE

Tamém chou da mesma opinião. Mas quem cheria achim tam vurro, que vos foche cumprar a vochês?! Um prejuíjo, tá-se mesmo a ber! Mas ando cá a engenhar uma à moda dos Megarenches. Bou-bos disfarchar de leitonjinhos e depois digo que bos trouche ao mercado. Ponham lá eches cascos de porco, para pracher que chois filhas de uma boa porca. Chim, por Hermes, que che eu bos bolto a lebar pra caja por bender, atão é que habeis de esprementar o que é larica. Bamos, ponham lá tamém estes focinhos, e enfiem-che aqui p'ro chaco. *(As raparigas entram no saco.)* Icho mesmo! E agora toca a grunhir e a fajer coí, pra fingirem os berros dos porcos pros mistérios. E eu bou tchamar o Dicheópolis, cheja lá donde for. Dicheópolis, queres cumprar umas porquinhas?

DICEÓPOLIS (*reaparecendo*)

O que vem a ser isto? Um tipo de Mégara aqui?

MEGARENSE

Biemos ao mercado.

DICEÓPOLIS

E então, como têm passado por lá?

MEGARENSE

Arrebentemos de fomaça ao canto da lareira.

DICEÓPOLIS

Ah, mas isso é um regalo, por Zeus! E então com uns toquezinhos de flauta! E que mais fazem vocês por lá agora, em Mégara?

MEGARENSE

O que che pode. Quando eu de lá chaí e meti pernas ao caminho, andavam os do conchelho a rejorber as coijas da chidade. Estamos arrumadinhos, já che chabe, não há de faurtar muito.

DICEÓPOLIS

Assim acaba-se com os vossos problemas num instante.

MEGARENSE

Lá icho é!

DICEÓPOLIS

E que mais há lá por Mégara? A como está o trigo?

MEGARENSE

Lá na minha terra está de se lhe tirar o chapéu, que nem aos deujes.

DICEÓPOLIS

É sal que aí trazes?

MEGARENSE

Não. A eche não lhe deitaram vochês a unha?

DICEÓPOLIS

Então, são alhos?

MEGARENSE

Alhos? Aquais? Não chão vochês chempre que, nas invajões, lhes arrancam os dentes da terra com um pau, que nem ratos de campo?

DICEÓPOLIS

Mas afinal o que é que trazes aí?

MEGARENSE

Umas porquinhas, é o que eu trago. Como as dos mistérios.

DICEÓPOLIS

Ótimo! Mostra lá!

MEGARENSE (*abrindo o saco*)

Chão mesmo uma beleja. Ora bê lá o pejo desta, che queres. Gordinha, uma beleja.

DICEÓPOLIS (*depois de apalpar*)

Mas o que vem a ser isto?

MEGARENSE

Uma porquinha, por Zeus.

DICEÓPOLIS

Que é que estás tu a dizer? De que terra é ela, esta porca?

MEGARENSE

De Mégara. Mas atão, isto aqui achim não é uma porquinha?

DICEÓPOLIS

A mim não me parece nada.

MEGARENSE

Echa é boa! Ora bejam bem uma dúbida achim! Diz ele atão que isto não é uma porquinha. Pois, che quijeres, aposta comigo uma medida de tomilho com chal, a ber che isto é ou não é aquilo que se tchama ‘porquinha’ em grego.

DICEÓPOLIS

Mas é uma porquinha de gente.

MEGARENSE

Ah pois é, por Díocles, pois se ela é minha! De quem penchabas tu que ela era? Olha, queres ouvi-la chiar?

DICEÓPOLIS

Pelos deuses, se quero!

MEGARENSE

Grunhe lá deprecha, porquinha! Queres ou não queres? Ficas calada? Um raio que te parta! Torno-te a lebar pra caja, por Hermes, ai icho torno.

FILHA

Coí! Coí!

MEGARENSE

É uma porquinha ou não é?

DICEÓPOLIS

Agora sim parece uma porquinha. E, quando for grande, há de ser uma pássara.

MEGARENSE

Mais uns chinco anos - fica-te com esta! -, há de cher a mãe tchapada.

DICEÓPOLIS

Mas não pode ser sacrificada assim tal-qual.

MEGARENSE

Homessa! Não pode cher chacrificada por quê?

DICEÓPOLIS

Porque não tem... o penduricalho.

MEGARENSE

É muito nova pra icho. Mas quando crecher, há de ter um grande, grocho, bermelho. Mas che for pra criar, tens aqui esta porquinha que é uma beleja.

DICEÓPOLIS

Mas que pássara tão parecida que ela tem com a outra!

MEGARENSE

É que é filha da mesma mãe e do mesmo pai. Quando engordar e che entcher de pelo, há de cher uma porquinha que é uma beleja, pra chacrificar a Afrodite.

DICEÓPOLIS

Onde é que já se viu sacrificar porquinhas a Afrodite?

MEGARENSE

Não se chacrificam porquinhas a Afrodite? É mesmo chó a ela, dos deujes todos! E mais, a carne destas porquinhas é um regalo, achadinha no espeto.

DICEÓPOLIS

Já estão na altura de comerem sem a mãe?

MEGARENSE

Chim, por Pojídon, e chem o pai tamém.

DICEÓPOLIS

E o que é que esta come melhor?

MEGARENSE

Tudo o que lhe deres. Ora pergunta-lhe tu.

DICEÓPOLIS

Porquinhas! Porquinhas!

FILHAS

Coí! Coí!

DICEÓPOLIS

Será que são tomates que vocês comem?

FILHAS

Coí! Coí! Coí!

DICEÓPOLIS

Ah, sim? E uns figuinhos de Fíbalis?

FILHAS

Coí! Coí!

DICEÓPOLIS (*Dirigindo-se à outra*)

E tu, então? É figos que tu comes, tu aí?

FILHA

Coí! Coí!

DICEÓPOLIS

Que gritos agudos que vocês dão à palavra ‘figos’! Tragam-me aí de dentro uns figos para estes amores de porquinhas. (*Trazem os figos. Diceópolis distribui-os*) Será que os vão comer? Ena pá! Que ranger de queixadas, por Hércules venerável! De que terra são estas porquinhas? Da Papagônia, está-se mesmo a ver.

MEGARENSE

Bá lá, afinal não paparam os figos todos. Chempre conchegui apanhar um cá pro rapaz.

DICEÓPOLIS

Coa breca, que par de bichinhos bonitos tu aqui tens!... Por quanto me vendes estas porquinhas? Diz lá.

MEGARENSE

Esta aqui por uma réstia de alhos, e aquela, che também a quijeres, por uma litrada de chal, nem mais nada.

DICEÓPOLIS

Negócio arrumado. Ora espera lá! (*Entra em casa.*)

MEGARENSE

Ora pronto. Por Hermes, deus do comérchio, oxalá eu concheguisse bender achim a minha mulher... e até a minha mãejinha!...

(*Entra um sicofanta*)

SICOFANTA

Ó tiozinho! De que terra vens tu?

MEGARENSE

Chou bendedor de porquinhas. Benho de Mégara.

SICOFANTA

Pois bem, essas porquinhas vou denunciá-las como inimigas, e a ti também. (*Deita a mão ao saco.*)

MEGARENSE

Chó faurtaba mais esta! Cá temos nós outra vez a rajão da minha desgráchia!

SICOFANTA

Ainda hás de chiar com as tuas megarices. Largas o saco ou não largas?

MEGARENSE

Dicheópolis! Ó Dicheópolis! Querem-me chicofantar!

DICEÓPOLIS (*reaparecendo*)

Quem? Quem é que te vai denunciar? (*Agarra nos chicotes.*) Guardas, corram com os sicofantas daqui para fora. E tu, o que é que tu sabes? Que é que vais pôr a claro sem lanterna?

SICOFANTA

Então não hei de denunciar os inimigos?

DICEÓPOLIS

Vais ver uma fona, se não desandas daqui! Trata de ir pregar a outra freguesia com as tuas denúncias.

MEGARENSE

Isto é que é uma desgráchia! Aqui em Atenas, é chó gente desta laia.

DICEÓPOLIS

Coragem, Megarense! Aqui tens o preço das porquinhas. Toma lá os alhos e o sal. Adeusinho! Boa sorte!

MEGARENSE

Icho é coija que não se uja lá na nocha terra.

DICEÓPOLIS

Já meti o bedelho onde não sou chamado. Raios me partam!

MEGARENSE

Minhas porquinhas, bejam lá se entxergam, longe do vocho pai, uma butcha com chal - che é que arranjam quem bo-la dê!

CORO

É um felizardo este homem! Não ouviste como levou por diante os seus planos? Agora é só colher os frutos, sentado no mercado. Que apareçam por aí os Ctésias ou outros sicofantas quaisquer! Se cá poisam o pé, hão de levar que contar. Ninguém no mundo será capaz de te burlar com os preços das mercadorias, nem Prépis te poderá emporcalhar com as mariquices do costume, nem hás de apanhar pela frente tipos da laia de Cleônimo. Bem podes andar por aí de roupa limpa, sem o risco de topares com um Hipérbolo que te empeste de processos. Estás livre de esbarrar na praça com Cratino, nas suas passeatas, e que ele venha ao teu encontro com os eternos cabelos cortados... à galã, com uma navalha; ou esse miserável do Ártemon, autor de musica atamancada, a cheirar mal dos sovacos como o pai, esse... Bodunense. Decerto que não se há de voltar a rir de ti, no teu mercado, Páuson, esse bandalho, e o Lisístrato, a vergonha de Colarges, um tipo encharcado em vícios, que, por hábito, passa frio e fome mais de trinta dias por mês.

(*Entram um Tebano e o seu escravo, seguidos de um cortejo de tocadores de flauta*)

TEBANO

Ai Hércules! Estou aqui com o ombro que na posso. Poisa-me aí esse poejo, Ismínias. Cuidado! E vocês todos, que desde Tebas vêm tocando atrás de nós, vão lá, amais as gaitas, para um raio que vos parta.

DICEÓPOLIS (*arremetendo para os flautistas*)

Basta! Vão-se enforcar! Suas vespas, vocês desandam da minha porta ou não desandam? Donde virão a voar estes Ceridezinhos todos? Um raio que os parta! E vá de virem aqui para a minha porta, com os seus zumbidos de cana rachada. (*Retiram-se os tocadores de flauta.*)

TEBANO

Por Iolau, obrigadinho, estrangero! Desde Tebas que eles vinham a assoprari atrás de mim. E atão na é que até no chão me chimparam cas flores do me poejo?! Mas se quiseres, podes comprari do que aqui traigo, estes franguinhos ou estes gafanhotos.

DICEÓPOLIS

Ora viva, seu beociozinho papa-baroa. Que é que trazes aí?

TEBANO

Todas as especialidades lá de Tebas, ne mais ne menos: orégão, poejo, esteras, mechas, patos, gralhas, perdizes, galinholas, carriças, mergulhões...

DICEÓPOLIS

É uma verdadeira rajada de pássaros, a tua vinda aqui ao mercado.

TEBANO

Tameim trago gansos, lebres, raposas, toperas, oriços, gatos, arminhos, fuinhas, lontras, enguias do Copaís.

DICEÓPOLIS

Tu que trazes aí esse peixe, o melhor pitéu que há no mundo, deixa-me cumprimentá-las, se é que as trazes mesmo, essas enguiazinhas.

TEBANO (*abrindo um cesto*)

Tu, a primera das cinquenta filhas do Copaís, salta cá pra fora, vem fazeri auga na boca aqui ao estrangero.

DICEÓPOLIS

Ó minha querida amiga há tanto desejada, vieste enfim - e que saudades! - ao encontro dos coros de comédia, tu, a amada de Mórico. Rapazes, tragam cá o fogareiro e o abanador. Vejam só, meninos, esta enguia, se não é uma beleza! Aqui a temos depois dos sete anos de saudades sem fim. Cumprimentem-na, meus filhos. O carvão fica por minha conta, em honra desta estrangeira. (*A um escravo*) Vamos, tu, leva-a lá para dentro. Nem a morte me há de afastar de ti, temperadinha com acelga.

TEBANO

Atão e a mim, quanto me dás por elas?

DICEÓPOLIS

Como imposto de venda, essa és tu que ma vais oferecer. Mas se tens aí mais alguma coisa para feirar, podes dizer.

TEBANO

Atã não? Tudo isto aqui.

DICEÓPOLIS

Ora bem, quanto queres por isso? Ou vais levar para casa outras mercadorias das nossas?

TEBANO

Atã levo o que houver em Atenas que na haja na Beócia.

DICEÓPOLIS

Ou seja, vais comprar e levar para casa anchovas de Falero ou loiça.

TEBANO

Anchovas ou loça? Disso temos lá nós. Mas há uma coisa que nós lá na temos e que na falta aqui.

DICEÓPOLIS

Ah pois, já sei! Trata de levar um sicofanta, embrulhadinho como se fosse loiça.

TEBANO

Pelos dois deuses! Se o levari, boa maquia hei de fazeri co eli, esse macacão cheo de manhas.

DICEÓPOLIS

Olha, aí vem o Nicarco à coca de qualquer coisa.

TEBANO

Dez rês de gente, o tipo.

DICEÓPOLIS

Mas cheio de peçonha.

NICARCO

De quem são estas mercadorias?

TEBANO

São minhas, de Tebas, assim Zeus me salvi.

NICARCO

Pois bem, vou denunciá-las como inimigas.

TEBANO

O quei? Que mali te fizeram estes passarinhos, pra te meteres em guerras e lutas com eles?

NICARCO

E mais, vou-te denunciar a ti também.

TEBANO

Atã... mas que fiz eu de mali?

NICARCO

Vou-te dizer, em atenção aos presentes. Meteste cá uma mecha dos inimigos.

DICEÓPOLIS

Com que então “vais pôr as coisas a claro” por causa de uma mecha?

NICARCO

É que ela bem pode ir incendiar o arsenal.

DICEÓPOLIS

O arsenal?... Uma mecha?...

NICARCO

É isso mesmo.

DICEÓPOLIS

Mas como?

NICARCO

Qualquer beócio podia enfiá-la numa cana, chegar-lhe o fogo e fazê-la entrar no arsenal por uma conduta de água aproveitando um vento forte. E se o fogo tomava conta dos navios todos de uma vez, ardia tudo num instante.

DICEÓPOLIS

DICEÓPOLIS

Raios te partam! Com que então ardia tudo por causa de uma cana e de uma mecha!... (*Bate-lhe.*)

NICARCO

Vou arranjar testemunhas.

DICEÓPOLIS (*Ao Tebano*)

Tapa-lhe a boca. Passa cá uma mão-cheia de palha, para eu o levar embrulhado, como se fosse loiça, não vá partir-se pelo caminho. (*O Tebano obedece.*)

CORO

Embrulha-me aí essa mercadoria como deve ser, meu caro amigo, para o estrangeiro, não vá partir-se pelo caminho.

DICEÓPOLIS

Deixa isso comigo. (*Amarra o sicofanta, apesar dos seus protestos.*) Entretanto, ele vai resmungando numa voz de falsete, ainda por cima desagradável aos deuses.

CORO

E para que é que ele pode servir?

DICEÓPOLIS

De vasilha para todo o serviço: taça de desgraças, almofariz de processos, lamparina para "aclarar" as prestações de contas, tigela para misturar os negócios.

CORO

Mas quem é que se pode fiar, na lida da casa, numa vasilha assim, a fazer uma chiadeira dessas?

DICEÓPOLIS

Lá resistente é ela, meu amigo, não parte, mesmo que se pendure pelos pés, de cabeça para baixo.

CORO

Ora aí o tens tu prontinho.

TEBANO

Toca a pegari aí nas minhas tralhas.

CORO

Vamos, pega, estrangeiro, meu caro amigo. Põe-lhes em cima o sicofanta e carrega-as para onde quiseres.

DICEÓPOLIS

Apre! Bem me custou a empacotar esse patife, um raio que o parta! Tu, carrega com ele e põe-te a andar, beócio.

TEBANO

Anda cá, Isminiazinho! Abaixa a cabeça. (*Coloca-lhe no dorso o fardo que contém o sicofanta.*)

DICEÓPOLIS

Vê lá como lhe pegas. Leva-o com cuidadinho. Não é que leves aí alguma coisa que se aproveite, mas enfim! E se tirares algum lucro dessa mercadoria, ficas a dever a tua felicidade aos sicofantas.

(*Sai da casa de Lâmaco um mensageiro do estratego*.)

MENSAGEIRO DE LÂMACO

Diceópolis!

DICEÓPOLIS

O que há? Por que gritas por mim dessa maneira?

MENSAGEIRO

Por quê?!... Foi o Lâmaco que me mandou, para tu lhe cederes uns tordos dos teus para a festa dos Côngios, por esta dracma, e por três dracmas uma enguia do Copaís.

DICEÓPOLIS

Que Lâmaco é esse, que quer enguias?

MENSAGEIRO

O terrível, o invencível, o que brande a Górgona e agita os três penachos do seu elmo.

DICEÓPOLIS

Não, coa breca! Nem mesmo que ele me desse o escudo! Se quer peixe fumado, "que agite os penachos". E se ele barafustar, eu chamo os fiscais. (*Empunha os chicotes. O Mensageiro de Lâmaco foge.*) Vou mas é pegar nestas mercadorias todas para mim, e vou lá para dentro, ao som das asas dos tordos e dos melros.

CORO

Estás a ver, ó cidade, este homem sensato, este poço de sabedoria, e o que ele conseguiu depois de fazer as tréguas? Produtos para vender, uns de uso caseiro, outros bons para comer quentes. Sem mexer uma palha, tudo que é bom lhe vem parar às mãos. Em minha casa, nunca mais hei de acolher a Guerra. Não, na minha presença, à minha mesa, não há de ela cantar aquela canção de Harmódio. É como um bêbado, um estroina, que se mete numa casa onde reina a felicidade e só arranja sarilhos. Vira a casa do avesso, deita tudo por terra, mete-se em brigas, e quanto mais se lhe diz: "Bebe! Senta-te! Faz um brinde!", mais ela vai queimando as estacas e, à força, arrancando o vinho das ramadas.

Lá foi ele, sobre asas, fazer o almoço, todo inchado. E para mostrar que vive bem, atirou estas penas pela porta fora. Ó companheira de Cípris formosa e das Graças, ó Reconciliação, que beleza de rosto mantinhas escondido! Que um Eros, como aquele que aparece representado com uma coroa de flores, nos unisse, a mim e a ti! Talvez me aches já um tanto velhote... Mas se fosses minha, velho como sou, acho que ainda seria capaz de realizar três tarefas: primeiro, plantar uma grande linha de videiras; depois, junto dela, uns rebentinhos novos de figueira, e, em terceiro lugar, um pé de vinha; e, a toda a volta do campo, eu plantava oliveiras, para nos podermos untar, tu e eu, no primeiro dia de cada mês.

ARAUTO

Senhoras e senhores! Atenção! Segundo um costume antigo, celebrem-se os Côngios a beber ao som da trombeta. E o primeiro que esvaziar a caneca, receberá um odre, o de Ctesifonte.

DICEÓPOLIS (*assomando à porta, mas falando para dentro*)

Rapazes! Mulheres! Não estão a ouvir? O que estão vocês a fazer? Não ouvem o arauto? Vamos, tratem de me cozer estas lebres, assem-nas, virem-nas, tirem-nas do forno, depressa! Entrelacem-me essas coroas. Tragam cá os espetos para eu enfiar os tordos.

CORO

Invejo o teu bom senso, homem, mas mais ainda essa comezaina que aí tens, de fazer crescer água na boca.

DICEÓPOLIS

E o que não será então, quando vocês virem estes tordos assadinhos!...

CORO

Mais uma vez acho que tens razão.

DICEÓPOLIS

Atiça-me essas brasas.

CORO

Reparaste com que saber culinário, com que requinte de bom apreciador ele se trata?

(*Entra um lavrador andrajoso*)

LAVRADOR

Ai de mim! Que desgraça a minha!

DICEÓPOLIS

Com mil raios! Quem é este agora?

LAVRADOR

Um desgraçado.

DICEÓPOLIS

Então segue o teu caminho.

LAVRADOR

Ó meu caro amigo, já que és o único que fez tréguas, arranja-me aí um bocado de paz, nem que seja por cinco anos.

DICEÓPOLIS

O que te aconteceu?

LAVRADOR

Estou arruinado. Perdi a minha junta de bois.

DICEÓPOLIS

Como?

LAVRADOR

Foram os Beócios que mos levaram, de File.

DICEÓPOLIS

Ó desgraçado! E ainda andas vestido de branco?

LAVRADOR

E eram eles - caramba! - que me sustentavam com aquele estrume todo.

DICEÓPOLIS

Bom, e agora de que é que tu precisas?

LAVRADOR

Fiquei sem olhos à força de chorar pelos meus bois. Mas, se ainda tens em alguma conta Dercetes de File, vamos, depressa, põe-me aqui nos olhos uma pomadinha... de paz.

DICEÓPOLIS

Pouca sorte a tua! Por azar não dou assistência social.

LAVRADOR

Vá lá, por favor, a ver se eu recupero os meus bois.

DICEÓPOLIS

Não há nada a fazer. Vai-te chorar lá para os de Pítalo.

LAVRADOR

Anda lá! Ao menos uma gotinha de paz, só uma. Pinga-ma aqui para esta caninha.

DICEÓPOLIS

Nem gotinha, nem meia gotinha! Vai-te chorar para outro lado.

LAVRADOR

Ai que desgraça a minha! Os meus ricos boizinhos de lavoura! (*Sai.*)

CORO

Este homem encontrou nas tréguas qualquer coisa de delicioso que não quer repartir com ninguém.

DICEÓPOLIS

Vamos, tu, põe mel nesse chouriço! Frita-me esses chocos!

CORO

Estás a ouvir aquela voz de comando?

DICEÓPOLIS

Tratem de assar as enguias!

CORO

Vais-nos matar à fome, a mim e aos teus vizinhos, com essa fumarada e essa voz. Que gritaria infernal!

DICEÓPOLIS

Assem-nas bem, que fiquem tostadinhas!

(*Entra um Padrinho de casamento*)

PADRINHO DE CASAMENTO

Diceópolis! Diceópolis!

DICEÓPOLIS

Quem será este?

PADRINHO

Foi um noivo que te mandou estas carnes da boda.

DICEÓPOLIS

Foi muito amável, quem quer que ele seja.

PADRINHO

Em troca das carnes, manda pedir-te, para não ir à guerra, e poder ficar em casa a fazer amor, que lhe deites nesta taça de alabastro um copo de paz, só um.

DICEÓPOLIS

Leva, leva as carnes. Não as quero. Não lho dou - nem por um milhar de dracmas. Mas... essa mulher, quem é ela?

(*Entra uma Dama de Honor*)

PADRINHO

É a Dama de Honor. Vem da parte da noiva para te dizer qualquer coisa em particular.

DICEÓPOLIS

Bem, o que tens para me dizer? (*A Dama de Honor fala ao ouvido de Diceópolis*) É de rir - coa breca! - o pedido da noiva. Pede-me ela - e com que insistência! - que arranje a que ela conserve em casa... a pilinha do noivo. (*A um escravo*) Traz-me cá as tréguas. Vou-lhas dar, mas só a ela, porque é mulher e

não tem culpa da guerra. Chega cá o frasco, mulher. Sabes o modo de usar? Diz lá à noiva o seguinte: na ocasião da recruta dos soldados, ela que esfregue, durante a noite, a pilinha do noivo com isto. Torna a levar as tréguas lá para dentro. Traz-me uma infusa para eu deitar o vinho para a festa dos Côngios.

CORO

E agora vem um de sobrolho carregado, como quem traz notícias graves.

(*Entra um Arauto*)

ARAUTO

Ó misérias! Ó guerras! Ó Lâmacos! (*Bate à porta do estratego.*)

LÂMACO (*saindo*)

Quem faz ressoar estas mansões ornadas de bronze?

ARAUTO

Tens de partir ainda hoje, agora mesmo, são as ordens dos estrategos, com os teus batalhões e os teus penachos, para ficares de guarda aos desfiladeiros, debaixo de neve. Alguém os avisou de que, durante a festa dos Côngios e das Marmitas, uns salteadores beócios vão tentar uma arremetida.

DICEÓPOLIS

Ai estrategos, mais numerosos que poderosos!

LÂMACO

É mesmo aborrecido nem sequer poder celebrar a festa.

DICEÓPOLIS

Pobre exército, a quem toca essa guerra... lamaquense!

LÂMACO

Que infelicidade a minha! E tu a rires-te, ainda por cima.

DICEÓPOLIS

Queres-te bater com um Gerião de quatro penachos?

LÂMACO

Ai, ai! Que notícia o arauto me veio cá trazer!

DICEÓPOLIS

Ai, ai! E que notícias me trará aquele fulano que ali vem a correr?

(*Entra um Mensageiro com notícias para Diceópolis*)

MENSAGEIRO

Diceópolis!

DICEÓPOLIS

O que há?

MENSAGEIRO

Vem depressa para o banquete. Traz a cesta e o côngio. Foi o sacerdote de Dioniso que te mandou chamar. Vamos, despacha-te! O banquete está já muito atrasado, e por tua causa. Todo o resto está prontinho, leitos, mesas, almofadas, mantas, coroas, perfumes, guloseimas - e já lá estão as cortesãs! -, tortas, bolos, pãezinhos de sésamo, boroinhas de mel, bailarinas, a cantiga "Querido Harmódio" - tudo pronto há que tempos. Vamos lá, despacha-te, depressa!

LÂMACO

Que desgraça a minha!

DICEÓPOLIS

Também teres gravada aí uma Górgona desse tamanho! (*A um escravo.*) Fecha a porta. Um de vocês prepare-me o almoço.

LÂMACO (*ao seu escravo*)

Rapaz! Rapaz! Vamos, traz-me cá o alforge!

DICEÓPOLIS

Rapaz! Rapaz! Vamos, traz-me cá a cesta!

LÂMACO

Arranja-me um bocado de sal com tomilho, rapaz, e umas cebolas.

DICEÓPOLIS

E para mim umas postazinhas de peixe. As cebolas fazem-me mal

LÂMACO

Arranja-me também uma folha de figueira com uma conserva, mesmo rançosa.

DICEÓPOLIS

E para mim, rapaz, na folha de figueira, uma empada. Depois eu cozinho-a lá.

LÂMACO

Traz-me cá as duas plumas do meu elmo.

DICEÓPOLIS

E a mim os pombos. Ah! Traz também os tordos.

LÂMACO

Que beleza! Que branca esta pluma de avestruz!

DICEÓPOLIS

Que beleza! Que lourinha esta carne de pombo!

LÂMACO

Ó pá! Acaba lá com essa troça das minhas armas.

DICEÓPOLIS

Ó pá! Deixa-te de cobiçares os meus tordos.

LÂMACO

Traz-me aí essa caixa, a dos meus três penachos.

DICEÓPOLIS

E a mim um pratinho com uns pedaços de lebre. Anda, dá-mo cá.

LÂMACO

Esta agora! Querem ver que as traças me comeram os penachos!

DICEÓPOLIS

Esta agora! Hei de comer este guisado antes do almoço?

LÂMACO

Ó homem, fazes-me o favor de não falar mais comigo?

DICEÓPOLIS

Não é contigo que estou a falar. Eu e aqui o rapaz é que temos estado a discutir. Queres fazer uma aposta? Lâmaco pode ser o árbitro. Quais são mais saborosos, os gafanhotos ou os tordos?

LÂMACO

Ah! Já é preciso descaramento!

DICEÓPOLIS

Os gafanhotos - pensa ele -, e de longe.

LÂMACO

Rapaz! Rapaz! Tira-me a lança cá para baixo e traz-ma aqui.

DICEÓPOLIS

Rapaz! Rapaz! Tira-me o chouriço do lume e traz-mo aqui.

LÂMACO

Bem, vou tirar a espada da bainha. Vamos, moço, segura com força aí desse lado.

DICEÓPOLIS (*passando ao escravo a ponta de um chouriço*)

E tu, moço, segura com força desse lado.

LÂMACO

Traz-me aí o cavalete, o apoio do escudo, rapaz.

DICEÓPOLIS

E a mim traz-me boroinhas, o apoio do meu. (*Pousa a mão sobre o estômago.*)

LÂMACO

Traz-me cá o escudo, aquele que tem a Górgona, o redondo.

DICEÓPOLIS

E a mim dá-me essa torta de queijo, a redonda.

LÂMACO

Ora aqui está uma piadinha sem sal.

DICEÓPOLIS (*Ao escravo*)

Ora aqui está uma torta com muito açúcar.

LÂMACO (*ao escravo*)

Deita aqui uma gota de azeite, rapaz. No bronze estou a ver um velho que vai ser perseguido por cobardia.

DICEÓPOLIS

Deita aqui uma gota de mel. Aqui vê-se um velho que manda àquela parte Lâmaco, o filho de Górgaso.

LÂMACO

Traz cá a minha couraça de guerra, rapaz.

DICEÓPOLIS

Tira-me daí também a minha couraça, rapaz, o côngio.

LÂMACO (*vestindo a couraça*)

É com ela que me vou couraçar contra os inimigos.

DICEÓPOLIS (*empunhando o côngio*)

É com ela que me vou couraçar contra os convivas.

LÂMACO

Essas mantas, rapaz, prende-mas bem ao escudo.

DICEÓPOLIS

O almoço, rapaz, prende-mo ao cesto.

LÂMACO

Vou pegar no alforge para o levar comigo.

DICEÓPOLIS

Pois eu vou pegar no manto e vou-me embora.

LÂMACO

Pega-me aí nesse escudo e toca a andar, rapaz. Está a nevar, coa breca! Está tempo de trovoada. (*Sai com o escravo.*)

DICEÓPOLIS (*Sai com o escravo.*)

Pega aí no almoço. É tempo de uma boa canecada.

CORO

Toca a andar e boa sorte para a vossa campanha. Bem diferentes são os caminhos que um e outro vão seguir. Ele, de coroa na cabeça, vai beber uns copos, e tu, transido de frio, vais fazer a sentinela, e entretanto está ele na cama com uma mocinha na flor da idade, que lhe faz festas... na coisinha.

Esse Antímaco, esse filho... do Perdigoto, o escritor, o poeta lírico, para falar com franqueza, um raio que o parta! Quando foi corego nas Leneias, mandou-me embora - pobre de mim! - com a barriguinha a dar horas. Bem eu gostava ainda de que ele me viesse pedir para lhe dar uma lula: e ela a avançar, tostadinha, acabada de sair da água e posta no prato. Mas no momento em que ele se preparasse para se atirar a ela, que viesse uma cadela, a agarrasse e fugisse. Este era o primeiro azar, mas ainda lhe havia de acontecer outro, e esse de noite. Que, quando voltasse a casa da equitação, cheio de febre, um Orestes furioso, bêbado que nem um cacho, lhe pregasse um murro na tola. E quando ele quisesse agarrar numa pedra, que, naquele negrume, deitasse a mão a um pedaço de trampa, ali feitinho de fresco. Mas ao mandar o tiro, havia de falhar o alvo e acertar... em Cratino.

(*Entra um mensageiro de Lâmaco.*)

MENSAGEIRO

Ó servos da casa de Lâmaco! Água, aqueçam uma panela de água. Arranjem ligaduras, uma pomada, compressas, um penso para lhe pôr no tornozelo. O fulano, ao saltar um fosso, magoou-se numa estaca, e torceu um pé, desmanchou o tornozelo. Para mais, foi cair em cima de uma pedra, rachou a cabeça, e acordou a Górgona do escudo. Ao ver a sua pluma de valentaço espatifada de encontro às pedras, desatou numa choradeira desgraçada: “Ó sol glorioso, é esta a última vez que te vejo, antes de deixar a luz. Já não sou deste

mundo.” Acabou de dizer estas palavras e foi cair um riacho. Põe-se de pé, corre atrás de uns bandidos, de espada no ar, e vai dar de caras com uns desertores. Mas aí está ele em pessoa. Vamos, abre a porta.

(*Entra Lâmaco manquejante, amparado em dois soldados.*)

LÂMACO

Ai! Ai! Ai! Ai! Que horríveis, que terríveis dores! Que desgraça a minha! Vou morrer, vítima das lanças inimigas. Mas mais penoso e lamentável seria se Diceópolis me visse ferido e se ficasse a rir da minha triste sorte.

(*Entra Diceópolis radiante, amparado em duas cortesãs.*)

DICEÓPOLIS

Ah! Ah! Ah! Ah! Que maminhas estas! Como são rijas, uns marmelinhos mesmo! Beijem-me com ternura, minhas joias, deem-me beijos sem fim, de língua encadeada. Fui eu o primeiro a esvaziar o côngio.

LÂMACO

Ó sorte infeliz! Ó desgraça! Ai! Ai! Como estas feridas me fazem sofrer!

DICEÓPOLIS

Oh! Oh! Viva, Lamacozinho! A cavalo, hem?

LÂMACO

Que sofrimento horrível o meu!

DICEÓPOLIS (*a uma das cortesãs*)

Por que me beijas?

LÂMACO

Que dor a minha!

DICEÓPOLIS (*à outra cortesã*)

Por que me mordiscas?

LÂMACO

Que infelicidade a minha! Que pesado o meu quinhão neste combate!

DICEÓPOLIS

Então na festa dos Côngios alguém exigia quinhões?

LÂMACO

Ai! Ai! Péan! Péan!

DICEÓPOLIS

Mas que é isso? Hoje não é a festa de Péan.

LÂMACO

Segurem-me, segurem-me nessa perna. Ai! Ai! Segurem-me, meus amigos!

DICEÓPOLIS

E vocês as duas, segurem-me bem na pilinha, minhas queridas!

LÂMACO

Sinto a cabeça à roda da pancada na pedra. Estou com tonturas.

DICEÓPOLIS

E eu quero mas é ir para a cama. Estou em ponto de rebuçado, todo em pulgas para o amor.

LÂMACO

Levem-me lá para fora, a casa de Pítalo. Entreguem-me nas suas mãos que sabem curar.

DICEÓPOLIS

E a mim levem-me aos juízes. Onde é que está o rei? Passem-me cá o odre.

LÂMACO

Uma lança - que sorte desgraçada! - atravessou-me os ossos. (*Sai amparado.*)

DICEÓPOLIS

Vejam, mais um escorropichado até à última gota. Eferriá! Hurra!

CORO

Eferriá! Já que me convidas, meu velho, hurra!

DICEÓPOLIS

E mais, enchi-o de vinho puro e empinei-o de um trago.

CORO

Hurra, seu valente! Pega no odre e anda lá.

DICEÓPOLIS

Venham comigo. Toca a cantar. Eferriá! Hurra!

CORO

Cá vamos para te fazer a vontade. Eferriá! Hurra! Vivam, tu e o teu odre!

(*Saem cantando.*)

Aristófanes: *Os acarnenses*, versão do grego de Maria de Fátima de Sousa e Silva, Coimbra, INIC, 1980.

Os cavaleiros

Tradução de Maria de Fátima de Sousa e Silva

I ARGUMENTO

1. *Esta peça foi composta contra Cléon, demagogo ateniense, que aparece como um Paflagônio, servo do Povo, aquisição recente, e alcança, junto do patrão, uma grande influência. São dois os seus companheiros de escravatura; estes, por informação de uns oráculos, encontram o Salsicheiro Agorácrito, famoso em velhacaria, para governar o povo de Atenas. Aparece um punhado de cavaleiros atenienses, no papel do coro. Cléon, irritado com os insultos que eles lhe dirigem, e com vantagem em descaramento sobre os seus opositores, vai denunciá-los ao Conselho como autores de uma conspiração contra a cidade. Enquanto o Salsicheiro lhe vai no encalço, os cavaleiros dirigem-se aos cidadãos, para lhes falar do poeta, dos seus próprios antepassados e dos companheiros nos perigo da luta, os cavalos. O Salsicheiro, depois de levar a melhor sobre Cléon, perante o Conselho, de uma forma extremamente divertida, investe contra ele com novos insultos. Cléon chama o Povo, que se aproxima para ouvir os contendores. Depois de um grande discurso contra Cléon, Agorácrito, com invenções do arco-da-velha, muita adulação, e mais, com o apoio dos próprios oráculos, consegue levar a melhor; pouco a pouco vai convencendo o Povo com as suas palavras. Cléon, receoso, esforça-se por adoçar a boca do Povo; logo o outro trata de fazer o mesmo. Então o Povo espreita os cestos de ambos: encontra um vazio, mas cheio o de Cléon, que, apanhado com a boca na botija como ladrão do Povo, entrega o poder ao adversário. Por fim, o Salsicheiro dá uma fervura ao Povo e apresenta-o em cena visivelmente rejuvenescido. Cléon pega nos apetrechos de Agorácrito e vai, como castigo exemplar, pela cidade a vender chouriços, a fazer, portanto, o serviço daquele, enquanto o poder é entregue ao Salsicheiro. A peça pertence ao número das de primeira qualidade.*

2. *O objetivo da peça é derrotar Cléon. Esse político, curtidor de profissão, dominava Atenas com este pretexto: os atenienses cercaram a cidadela de Pilos, chamada Esfactéria, sob o comando de Demóstenes e Nícias, e estavam descontentes com os seus estrategos por tardarem no cumprimento da missão. Reunida a assembleia, num clima de inquietação, Cléon, o homem dos curtumes, compremete-se a que, se o elegessem estratego, em vinte dias faria prisioneiros os inimigos. Assim acontece: de acordo com a proposta, Cléon é eleito estratego, no meio da confusão geral. Inconformado com os acontecimentos, Aristófanes apresenta, por sua conta e risco,* Os cavaleiros*, já que nenhum dos aderecistas, por temor, se prestou a fazer a máscara de Cléon. Antes, ainda timorato, o poeta ocultava a sua identidade. Agora, porém, apresenta a peça em seu próprio nome.*

3. *A personagem a quem cabe o prólogo parece ser Demóstenes, que, enquanto se cansava no cerco de Pilos, se viu espoliado do seu exército por*

Cléon, depois de este ter prometido aos atenienses tomar Pilos em vinte dias, o que conseguiu, porque todos os planos para a conquista haviam sido já elaborados por Demóstenes. Parece uma intriga montada em casa de um senhor despótico. O tirano seria o Povo; a casa, a cidade. O prólogo é pronunciado por dois escravos do Povo, maltratados por Cléon. O coro é composto de cavaleiros, que infligiram a Cléon, por crime de corrupção, uma multa de cinco talentos. Dizem que um dos servos é Demóstenes, o outro Nícias, de forma que os oradores são dois.

4. *Convém lembrar que o povo ateniense estava dividido em quatro classes: pentacosimedinos, cavaleiros, zeugitas e tetas.*

5. *A peça foi apresentada a expensas públicas, no arcontado de Estrátocles, no festival das Leneias, sob o nome de Aristófanes. Ficou em primeiro lugar. Cratino foi o segundo, com* Os sátiros*; em terceiro, ficou Aristômenes com* Os lenhadores.

6. *A casa é a cidade, o senhor o povo, os servos os estrategos.*

II ARGUMENTO

A comédia apresenta um tal Cléon, sob o nome de Paflagônio, um curtidor da pior espécie, que devora o patrimônio público de uma maneira inaudita; além dele, um Salsicheiro de meia-tigela, que leva a melhor, de longe, em astúcia. Este é convencido a aliar-se aos Cavaleiros, que constituem o coro, para tomar as rédeas do poder. No meio da peça é feita uma acusação contra Cléon. E eis o que se passa: Cléon é vergonhosamente derrotado, e o tipo de meia-tigela consegue a honra da proedria.

PERSONAGENS DA PEÇA

1º Escravo do Povo

2º Escravo do Povo

Paflagônio, Intendente do Povo

O Salsicheiro (Agorácrito)

Coro de Cavaleiros

Povo

A cena representa a casa do Povo. Entra o primeiro escravo, Demóstenes, logo seguido do colega, Nícias; ambos esfregam com exuberância as costas.

1º ESCRAVO

Ai, ai! Ai, ai! Raio de vida esta! Ai, ai! Ai, ai! Diabos levem esse tal Paflagônio, maldita compra de última hora! Que os deuses estourem com ele, mais os seus intentos! Desde o dia em que pôs os pés nesta casa, há de sempre arranjar maneira de os escravos serem moídos de pancada.

2º ESCRAVO

Lá isso é! Um raio para os Paflagônios, a começar por esse fulano! Ele e as calúnias dele!

1º ESCRAVO

Então, meu pobre amigo, como vai isso?

2º ESCRAVO

Mal! Cá como lá, camarada!

1º ESCRAVO

Chega-te aqui. Vamos gemer à flauta, à moda de Olimpo.

1º E 2º ESCRAVOS

(*gemem em coro*)

Ui, ui! Ui, ui! Ui, ui! Ui, ui! Ui, ui!

1º ESCRAVO

Mas afinal, gemer para quê? Não valia mais procurarmos uma saída e acabarmos com a choradeira.

2º ESCRAVO

Uma saída? Qual?

1º ESCRAVO

Ora, diga lá.

2º ESCRAVO

Não, não, fala tu primeiro, que eu não faço questão nenhuma disso.

1º ESCRAVO

Ah, com um raio, eu? Eu, não! Fala tu, força! Depois eu digo também o que acho.

2º ESCRAVO

‘Fuarça’?! Isso não é para mim. Ora... como é que eu hei de dizer a coisa de uma maneira habilidosa, à Eurípides? Por que tu não me dizes aquilo que eu tenho de dizer?

1º ESCRAVO

Ah não! Cerefólios (hortaliça) para cima de mim, não! Arranja mas é um... raspa (dança), para nos safarmos do patrão.

2º ESCRAVO

Repete comigo, ‘an-dar’, assim, de um fôlego só.

1º ESCRAVO

Pronto. ‘An-dar’.

2º ESCRAVO

E agora a ‘an-dar’ junta “des”.

1º ESCRAVO

‘Des’.

2º ESCRAVO

Muito bem! E agora, como quem faz... festinhas, primeiro devagar, diz ‘andar’. depois ‘des’, e depois uma a seguir à outra, cada vez mais depressa.

1º ESCRAVO

‘Andar’, ‘des... andar’, ‘desandar’!

2º ESCRAVO

Então que tal? Não é uma delícia?

1º ESCRAVO

Caramba, se é! Não fosse esse tal presságio de temer cá pela courama.

SALSICHEIROº ESCRAVO

O quê? Que história é essa?

1º ESCRAVO

É que com as tais festinhas lá se vai o meu couro.

SALSICHEIROº ESCRAVO

Bem, então o melhor que temos a fazer, no ponto em que as coisas estão, é irmos ajoelhar aos pés de uma estátua dos deuses.

1º ESCRAVO

O quê? De uma estátua? Tu ainda vais nessa mentira dos deuses?

2º ESCRAVO

Ai não, não vou!

1º ESCRAVO

Mas com que fundamento?

2º ESCRAVO

Com o de que sou um perseguido pela divindade. Não é uma boa razão?

1º ESCRAVO

Sem dúvida. Estou plenamente convencido. Bem, então é preciso arranjar outro processo. E se eu contasse a história aos espectadores? Que achas?

2º ESCRAVO

Não seria pior. Só que temos de lhes pedir uma coisa: que nos deixem ver, pela cara que fazem, se estão gostando dos versos e do argumento.

1º ESCRAVO

(*que se volta para o público*)

Ora, vamos a isto. O nosso patrão é, por temperamento, um grosseiro - nervos à flor da pele - o Povo, da Pnix, um velhinho de maus fígados, duro de ouvido. Pois o nosso homem comprou, na lua nova passada, um escravo, um

Paflagônio, curtidor de profissão, a escamoteação em pessoa, a linguinha mais afiada que já se viu. Mal descobriu o fraco do velho, esse tal Paflagônio dos curtumes arma-se em capacho e tome de bajular o patrão, de lhe lamber as botas, de o embrulhar com... umas aparas de couro; e eram falinhas deste tipo: "Povo, despacha primeiro um processo - não mais que um! - e vem tomar o teu banhinho; depois toca a papar, mete para o bucho, saboreia-lhe bem. Aqui tens os três óbolos! Queres que te sirva uma ceia?" Vai daí o Paflagônio fila o prato que um de nós tinha preparado para o patrão e dá-lho de presente. Ainda um dia desses, eu tinha estado, em Pilos, amassando um pão da Lacônia, e o indivíduo - cara-de-pau é coisa que não lhe falta! - passa correndo, agarra-o, e vai servir o pão que eu tinha amassado. A nós mantém-nos a distância, não permite que mais ninguém sirva o patrão. Durante o jantar, o cavalheiro, de pé, correia na mãos, espanta... os oradores. É só ele cantar os oráculos e aí temos o velho num delírio sibilino. Quando vê o cara apalermado, põe em função os seus métodos: ou seja, mete-lhe mentiras contra os de casa. Aí chicotadas para cima da turma. Então o Paflagônio põe-se a perseguir a criadagem, faz pedidos, atormenta, explora, e lá vem com a cantiga: "Vocês veem o Hilas? A surra que ele não levou, graças a mim! Pois se não me obedecerem, hão de ter um rico enterro, e não passa de hoje". E nós? Nós damos. Porque se não, com um apertão, o velho faz-nos... cagar oito vezes mais. (*Para o 2º Escravo*) Pois, meu amigo, resolve que caminho havemos de tomar e a que porta bater.

2º ESCRAVO

O melhor, meu caro, ainda é aquele do 'desandar'.

1º ESCRAVO

Mas é impossível que alguma coisa passe despercebida ao Paflagônio. De olho em cima de tudo como ele anda sempre! Tem um pé em Pilos e outro na Assembleia. E tão escarrapachado fica com esta pernada, que esconde o rabo mesmo em cima da Pategônia, as mãos grandes na Pedinchina e o miolo na Latrônia.

2º ESCRAVO

Bem, então a nossa salvação é dar o triste pio.

1º ESCRAVO

Vê lá! Morrermos, sim, mas com honra.

2º ESCRAVO

E como? Como é que havemos de o fazer com honra? Mais vale bebermos sangue de touro: uma morte à Temístocles ainda é a melhor que se pode desejar.

1º ESCRAVO

Ora, ora! Temos mais é de entornar um gole do genuíno à nossa boa estrela. Talvez assim tenhamos uma ideias que se aproveite.

2º ESCRAVO

Ora, vejam lá! Com que então um gole do genuíno! Tu pensas que é com vinho que isso se resolve?! Como é que um tipo bêbado pode tirar da cabeça uma ideia que se veja?

1º ESCRAVO

A sério, meu menino?!!! Para meter água tu estás por aí três vezes. O vinho, atreves-te a negar-lhe a invenção? É um insulto! O vinho... que outra coisa tu poderias arranjar mais eficaz do que o vinho? Repara bem: se os homens bebem, são ricos, prosperam nos negócios, ganham os processos, são felizes, podem dar a mão aos amigos. Vá lá, depressa, arranja-me um côngio (três litros) de vinho para eu regar a cabeça, para ver se me sai uma ideia de gênio.

2º ESCRAVO

Ai de mim! Em que tu irás nos meter com a bebida?

1º ESCRAVO

Numa boa, com certeza! Anda, traga lá! (*O 2º Escravo entra em casa*) Vou-me deitar. Se fico de porre, borrifo isto tudo aqui de planozinhos, de frasezinhas, de ideiazinhas. (*Reclina-se no chão, como para um banquete*)

2º ESCRAVO

(*que regressa com um odre e uma taça*)

Foi mesmo uma sorte não ter sido apanhado lá dentro roubando o vinho.

1º ESCRAVO

Diz-me: o que anda fazendo o Paflagônio?

2º ESCRAVO

Lambeu-se com uns salgadinhos confiscados, e agora o maldito, muito bêbado, ronca a bom roncar, amolecido em cima dos curtumes.

1º ESCRAVO

Vamos lá, faz-me aí gorgolejar um bom trago de vinho sem mistura, para uma libação.

2º ESCRAVO

Toma, faz uma libação ao gênio do Bem.

1º ESCRAVO

Vamos, entorna-me esse gênio de Pramnos (bom vinho). (*Bebe o vinho de um trago*) Ó gênio do Bem, a ideia foi tua, não foi minha.

2º ESCRAVO

Fala, por favor, o que há?

1º ESCRAVO

Os oráculos de Paflagônio, depressa! Vai lá dentro, rouba-os e trá-los cá, enquanto ele está dormindo.

2º ESCRAVO

Que seja. Mas esse teu gênio, receio que se torne para mim um gênio do mal. (*Entra em casa*)

1º ESCRAVO

Ora, vamos lá! Deixa-me levar o côngio à boca, para ver se rego a cabeça e me sai uma ideia que se aproveite.

2º ESCRAVO

(*que regressa*)

Que traques dá lá dentro o Paflagônio! Ronca como gente grande! Foi da maneira que lhe furtei, sem ele perceber, o oráculo sagrado, que guardava com unhas e dentes.

1º ESCRAVO

És um crânio! Passa aqui, para eu o ler. E tu, depressa, enche-me aí um copo. (*Começa a ler*) Pois bem, deixa ver o que diz aqui... Oh, profecias! Me dá a taça, me dá a taça, rápido!

2º ESCRAVO

Toma. O que o oráculo?

1º ESCRAVO

(*estende-lhe a taça vazia*)

Enche-me outra.

2º ESCRAVO

É isso que diz aí nas profecias: “enche-me outra”?

1º ESCRAVO

Ó Bácis (Oráculo da Beócia)!

2º ESCRAVO

O que é?

1º ESCRAVO

Me dá a taça, depressa!

2º ESCRAVO

(*devolve-lhe a taça cheia*)

Muito se servia da taça esse tal Bácis!

1º ESCRAVO

Patife do Paflagônio! Era então por causa disso que, de uns tempos para cá, tomavas todas as precauções! Este oráculo a teu respeito fazia-te medo.

2º ESCRAVO

Por quê?

1º ESCRAVO

Diz aqui qual vai ser o fim dele.

2º ESCRAVO

E qual é?

1º ESCRAVO

Qual é? O oráculo diz, pura e simplesmente, que, para começar, aparece um negociante de estopas, que será o primeiro a administrar a cidade.

2º ESCRAVO

Um então é esse, o tal negociante. E depois? Continua!

1º ESCRAVO

Depois dele, em segundo lugar, é a vez de um mercador de gado.

2º ESCRAVO

Dois negociantes, portanto. E a esse, o que é que lhe acontece?

1º ESCRAVO

Governa, até que apareça um outro fulano mais safado do que ele. Nessa altura leva sumiço. Vem depois o Paflagônio vendedor de curtumes, gatuno, grasnador, com voz de Ciclóboro (rio).

2º ESCRAVO

Quer dizer então que estava escrito que o negociante de gado havia de ser derrubado por um vendedor de curtumes?

1º ESCRAVO

É isso mesmo!

2º ESCRAVO

Mas que desgraça esta! Onde se há de ir arranjar mais um negociante, só mais um?

1º ESCRAVO

Ainda há mais um, e com um ofício incrível.

2º ESCRAVO

Diz lá, por favor! Quem é ele?

1º ESCRAVO

Digo?

2º ESCRAVO

Anda lá, caramba!

1º ESCRAVO

Um salsicheiro! É quem há de correr com o fulaninho.

2º ESCRAVO

Um salsicheiro? Puxa, que profissão! Ora, e onde se vai achar esse camarada?

(*Aparece o Salsicheiro com os seus apetrechos de trabalho*)

1º ESCRAVO

Procura-se. Olha, aí o tens, lá vem ele para o mercado, como por milagre. Ei, Salsicheiro - seu felizardo! -, venha cá, venha cá, meu caro amigo, chega aqui acima. Foi a salvação da cidade e a nossa, a tua vinda.

SALSICHEIRO

(*que se aproxima*)

O que há? O que é que vós quereis?

1º ESCRAVO

Vem aqui para saberes o quão feliz és. Que grande sorte a tua!

2º ESCRAVO

Vamos, desembaraça-o da banca e põe-no a par do que diz o oráculo do deus. Eu vou lá dentro dar uma vista d'olhos no Paflagônio. (*Sai*)

1º ESCRAVO

(*ao Salsicheiro*)

Pois bem, tu, antes de mais nada, põe-me essa tralha no chão e faz as tuas orações à terra e aos deuses.

SALSICHEIRO

(*Depois de pôr no chão todos os apetrechos*)

Pronto! Mas o que vem a ser isto?

1º ESCRAVO

Homem de sorte! Seu ricaço! Se hoje não és ninguém, amanhã vais estar nos píncaros! Ó soberano da feliz Atenas!

SALSICHEIRO

Olha, amigo, por que não me deixas lavar as tripas e vender os chouriços em paz, em vez de zombares de mim?

1º ESCRAVO

Ó seu palerma! Tripas?! Quais tripas, qual carapuça! Olha aqui. (*Aponta para o anfiteatro*) Estás vendo estas filas de gente?

SALSICHEIRO

Estou.

1º ESCRAVO

Pois é de todos eles que tu vais ser rei e senhor. E da ágora e dos portos, e da Pnix. Conselho, calca-o aos pés; estrategos, corta-lhes as vazas; põe-lhes algemas, manda-os para a prisão; e no Pritaneu... fornica.

SALSICHEIRO

Quem? Eu?

1º ESCRAVO

Tu, claro! E ainda não viste tudo. Ora, sobe aí também à tua banca e dá uma olhadela às ilhas todas em volta.

SALSICHEIRO

Estou vendo.

1º ESCRAVO

Vendo o quê? Os mercados e os navios de carga?

SALSICHEIRO

Sim, isso mesmo.

1º ESCRAVO

E então? Tens ou não tens uma sorte dos diabos? E agora vira um olho para a Cária, o direito, e o outro para Cartago.

SALSICHEIRO

Uma sorte em revirar os olhos?!

1º ESCRAVO

Nada disso! Podes negociar com tudo que tens à vista, à tua vontade. Porque passas a ser - é aqui o oráculo quem o diz - um grande senhor.

SALSICHEIRO

Mas diz-me uma coisa: como é que eu, um salsicheiro, vou me tornar um ‘senhor’?

1º ESCRAVO

Mas é precisamente nisso que está a tua grandeza: em seres um canalha, um vagabundo e um pobretão.

SALSICHEIRO

Pois eu não me julgo digno de tamanho poder.

1º ESCRAVO

Ai, ai! Ai, ai! O que é que te faz dizer que não te achas digno? Está me parecendo que tens alguma coisa de bom a pesar-te na consciência. Serás tu filho de boas famílias?

SALSICHEIRO

Nem por sombras! De patifes, mais nada.

1º ESCRAVO

Homem ditoso! Que sorte a tua! Tens todas as qualidades para a vida pública.

SALSICHEIRO

Mas, meu caro amigo, instrução não tenho nenhuma. Conheço as primeiras letras: e, mesmo essas, mal e porcamente.

1º ESCRAVO

Ora, aí está o teu único senão, que as conheças, por mal e porcamente que seja. A política não é assunto para gente culta e de bons princípios: é para os ignorantes e velhacos. Não desprezes o que os deuses te concedem nos seus oráculos.

SALSICHEIRO

Mas afinal, como é que fala o oráculo?

1º ESCRAVO

Como deve ser, é claro! Em termos rebuscados, com palavras enigmáticas. "Quando a águia dos couros, de garras curvas, arrebatar no bico a serpente tacanha, chupadora de sangue, é o fim do escabeche dos Paflagônios. Aos toucinheiros os céus destinam grande glória, a não ser que prefiram continuar a vender chouriços".

SALSICHEIRO

E o que é que isso tem a ver comigo? Explica-me.

1º ESCRAVO

A águia dos couros é o Paflagônio, que está ali. (*Aponta na direção da casa*)

SALSICHEIRO

E que história é essa das "garras curvas"?

1º ESCRAVO

Está mesmo dizendo: com as mãos que nem garras, o camarada apanha e leva.

SALSICHEIRO

E a serpente, o que significa?

1º ESCRAVO

Isso então é claro como água. A serpente é comprida, o chouriço também é comprido. E chupador de sangue, tanto o é o chouriço como a serpente. A serpente, portanto, segundo o que lá se diz, vai vencer a águia dos couros, a não ser que se deixe enrolar com conversa fiada.

SALSICHEIRO

Esse oráculo deixa-me muito lisonjeado. Mas admira-me como vou ser capaz de governar o povo.

1º ESCRAVO

É muito simples. Continua a fazer aquilo que já fazes: mistura os negócios públicos, amassa-os todos juntos, numa pasta. O povo, conquista-o quando quiseres, com umas palavrinhas doces, lá da tua especialidade. Tudo o mais necessário à demagogia tens tu de sobra, voz de safado, baixa condição, ar de vagabundo. Tens tudo o que é preciso para a governação. As profecias e o oráculo de Apolo estão de acordo. Vamos, põe a coroa e faz uma libação à... Estupidez. Depois, trata de acabar com o camarada.

SALSICHEIRO

E para meu aliado, quem se há de arranjar? Bem sabes, os ricos morrem de medo dele, e o pobre do povo borra-se de susto.

1º ESCRAVO

Tens os cavaleiros, um milhar de valentes que o detestam e que hão de vir em teu socorro. Depois, há também os cidadãos honestos, a gente boa, e, no meio do público, sempre há de haver alguém com dois palmos de testa: além deles, estou eu aqui, e o deus, que se há de pôr do nosso lado. Não tenhas medo, que o camarada não está nada parecido. É tal o cagaço, que não houve um único fabricante que lhe quisesse fazer a máscara. Mesmo assim, vai ser reconhecido. O público está de olho.

2º ESCRAVO

(*de dentro de casa*)

Deus nos acuda! Aí vem o Paflagônio.

PAFLAGÔNIO

Não, com seiscentos diabos! Vós os dois não vão ficar rindo das conspiraçõezinhas que tendes tramado contra o povo. (*Repara na taça de que se servia o 1º Escravo*) Mas o que faz aí essa taça de Cálcis? Não há dúvida, vós estais levando os calcídicos à revolta. Um raio que vos parta, seus velhacos de uma figa! Haveis de ter um rico enterro!

(*O Salsicheiro foge, assustado*)

1º ESCRAVO

Ei, tiozinho! Por que escapas? Ó Salsicheiro, homem de brios como és, não abandones a nossa causa. (*Chama em direção ao párodo*) Cavaleiros, vinde! Chegou o momento. Ó Simão, ó Panécio, avançai para a ala direita! (*Ao Salsicheiro, tranquilizador*) Já estão perto os nossos homens. Vamos, defende-te, atira-te ao fulano! A poeira é sinal de que eles estão por aí aparecendo. Vai lá, faz-lhe frente, vai atrás dele, dá-lhe uma corrida.

CORO

Dá-lhe, dá nesse patife a sombra negra dos Cavaleiros, esse cobrador de impostos, um poço sem fundo, a Caríbdis da rapinagem. Um patife - e que patife! -, posso repeti-lo mil vezes, porque patife era ele mil vezes cada dia. Vamos, derruba-o, persegue-o, atormenta-o, chateia-o, detesta-o - como nós o

detestamos -, cai-lhe em cima com grande gritaria. Presta atenção, não vá ele escapar, que o camarada conhece os caminhos por onde Êucatres se raspava direitinho ao farelo (saía-se bem).

PAFLAGÔNIO

Ó velhos heliastas da confraria do trióbolo, que eu sustento a berrar, com razão ou sem ela, vinde em meu socorro! É uma conspiração! Estão a me desancar!

CORO

É bem feito, já que tu emborcas os bens do Estado, antes mesmo de serem sorteado; como quem colhe figos, aperta os magistrados na prestação de contas para ver os que estão verdes, ou maduros, ou para amadurecer. E descubra se entre os cidadãos aparece um cordeirinho, rico, sem maldade, tímido nos negócios. Porque se sabes de algum que seja inexperiente e bronco, mando-o vir do Quersoneso, agarra-o, passa-lhe uma rasteira, torce-lhe o dorso, e põe o tipo prostrado.

PAFLAGÔNIO

Com que então vós também saltais em cima de mim? De mim, meus senhores, que estou apanhando por vossa causa, só porque ia propor que é justo erigir, na Acrópole, um monumento à vossa valentia?!

CORO

Que fanfarrão o fulaninho, hã?!! O que ele tem é malícia! E adular é só com ele, estás vendo? Vem para cá com pantomimas, como se fôssemos uns caquéticos.

PAFLAGÔNIO

Ó cidade! Ó povo! São como feras esmurrando o meu estômago.

1º ESCRAVO

E tu ainda berras, como quando viras a cidade do avesso?!

SALSICHEIRO

Se é assim que ele leva a melhor (*ergue o punho, ameaçador*), eu já lhas canto. E se tentar esquivar-se, há de ferrar com os cornos aqui na minha perna. (*O Coro cerca o Paflagônio para lhe impedir a fuga*)

PAFLAGÔNIO

Pois bem, é com esta gritaria, que estás ouvindo, que eu vou correr contigo. E é para já.

CORO

(*Ao Paflagônio*)

Se conseguires batê-lo em berraria, os meus parabéns. Mas se ele te passar a perna em descaramento, a vitória é nossa.

PAFLAGÔNIO

(*aponta o Salsicheiro*)

Este fulano aqui, quero denunciá-lo: posso garantir que ele exporta, para as trirremes do Peloponeso... caldo de carne.

SALSICHEIRO

Com um raio! Pois eu acuso este homem de correr para o Pritaneu com a barriga vazia e de sair de lá com ela abarrotada.

1º ESCRAVO

Ah, caramba! E de trazer cá para fora comida de contrabando, pão, carne, peixe - coisa de que nem mesmo Péricles podia se gabar.

PAFLAGÔNIO

Vós os dois, vou acabar convosco, e é para já.

SALSICHEIRO

E eu vou berrar três vezes mais que tu.

PAFLAGÔNIO

E eu abafo os teus gritos com os meus.

SALSICHEIRO

E eu os teus guinchos com os meus.

PAFLAGÔNIO

Hei de difamar-te, quando fores general.

SALSICHEIRO

Moo-te o lombo de pancada que nem um cão.

PAFLAGÔNIO

Hei de fazer-te o cerco com imposturas.

SALSICHEIRO

E eu corto-te a retirada.

PAFLAGÔNIO

(*fixa-o de perto, cara a cara*)

Olha-me de frente, sem pestanejar.

SALSICHEIRO

(*que corresponde ao olhar*)

Foi no mercado que eu também me criei.

PAFLAGÔNIO

Corto-te aos pedaços, se dás um pio.

SALSICHEIRO

E eu cubro-te de merda, se abres o bico.

PAFLAGÔNIO

Confesso que sou um ladrão. Tu, nem por sombras!

SALSICHEIRO

Ora essa! Valha-me Hermes Agoreu!

PAFLAGÔNIO

E mais, nego de pés juntos, quando me apanham com a boca na botija.

SALSICHEIRO

Pura imitação, essa tua habilidade!

PAFLAGÔNIO

Pois vou denunciar-te aos prítanes por guardares, sem pagar a dízima, as tripas consagradas aos deuses.

CORO

Ah, patife! Valentão malvado! Tu tens cara-de-pau que chegue para entulhar a terra inteira, a assembleia de fio a pavio, os impostos, os processos, os tribunais. Para remexer na lama, estás por aí três vezes! A nossa cidade, de uma ponta à outra, puseste-a num rebuliço, ensurdeceste a nossa Atenas à força de berros; e tome de espiar, do alto dos rochedos, os tributos, como quem espreita atuns.

PAFLAGÔNIO

De que couros se anda a curtir esta tramoia, eu já sei há muito tempo.

SALSICHEIRO

Ou não soubesses tu de couros como eu sei de chouriços! Um tipo como tu, que despedaçava o couro de um reles boi, de modo a parecer grosso, e o vendia aos camponeses - uma trapaça grande! Ainda nem há um dia o traziam nos pés, e ele já tinha dado de si uns bons dois palmos.

1º ESCRAVO

Ah, caramba! A mim também ele enfiou esse barrete. De tal maneira que ainda servi de bobo à gente lá da terra e aos amigos: antes mesmo de chegar a Pérgaso, eu já nadava dentro dos sapatos.

CORO

A verdade é que, desde sempre, mostraste aquela desfaçatez que é a única salvaguarda dos oradores. Foi ou não foi? É nela que, posto à frente da cidade, ficas de pé, para chupares os estrangeiros ricos. E entretanto o filho de Hipódamo fica numa consumição perante esse espetáculo. Mas apareceu um outro tipo, mais canalha do que tu, e de longe - para minha grande satisfação -, que há de te derrubar e passar a perna - quanto a isso não há dúvidas - em safadeza, descaramento e trapaça. (*Ao Salsicheiro*) Vamos, tu que te criaste na escola de onde saem os grandes homens de hoje em dia, é hora de mostrares que de nada vale uma boa educação.

SALSICHEIRO

Pois bem, ouvi então que tipo de cidadão é este que aqui está na vossa frente.

PAFLAGÔNIO

Ora, dá-me licença?

SALSICHEIRO

Nem pensar nisso, porque eu também sou bastante malvado.

1º ESCRAVO

Se ele não aceitar esse argumento, acrescenta: “e filho de malvados”.

PAFLAGÔNIO

Mas dá-me licença?

SALSICHEIRO

Não, caramba!

PAFLAGÔNIO

Sim, caramba!

SALSICHEIRO

Macacos me mordam, se eu não der tudo para ser o primeiro a falar!

PAFLAGÔNIO

Ora, uma destas! Estou intrigado.

SALSICHEIRO

Isso era preciso que eu deixasse!

1º ESCRAVO

Deixa-o lá, com os diabos! Deixa-o intrigar-se à vontade!

PAFLAGÔNIO

Mas, afinal, o que te dá tanta certeza de estares em condição de discutir comigo?

SALSICHEIRO

É que, para discutir, sou tão mestre como tu. E, para armar um estrugido, também.

PAFLAGÔNIO

Ora, vejam lá, discutir! Pois muito bem: se te viesse parar às mãos um caso cru, cortado em pedaços, talvez ainda lhe pudesses resolver a contento. Mas sabes qual é o teu mal, na minha opinião? O mesmo de muita gente. Só porque saíste bem de um processozinho, desses comuns, contra um meteco - depois de andares uma noite inteira a mastigá-lo, de o resmungares pela rua afora com os teus botões, de beberes umas goladas de água, de fazeres um ensaio, de massacrares os amigos - já pensas que tens veia de orador. Puro engano! Patetice tua!

1º ESCRAVO

E tu? Que bebes tu, para teres posto esta cidade no estado em que está agora? Como é que és capaz - só tu e mais ninguém - de a intimidar, à força de língua?

PAFLAGÔNIO

Quer dizer então que descobriste um adversário à minha altura?! Pois aqui onde me vês, mesmo depois de engolir umas postas de atum bem quentinhas, e de lhe entornar em cima uma caneca do genuíno, ainda sou capaz de arrombar com os generais de Pilos.

SALSICHEIRO

E então eu?! Depois de engolir um bucho de boi e umas tripas de porco e de lhes entornar em cima o molhinho, saio dali, mesmo sem lavar as mãos, pronto para esganar os oradores e... confundir o Nícias.

1º ESCRAVO

(*ao Salsicheiro*)

Tudo o mais que disseste é do meu inteiro agrado. Só há uma coisa que não me entra nessa história: é que embales sozinho o tal molho.

PAFLAGÔNIO

Não é por teres tragado as percas que atrapalhas Mileto.

SALSICHEIRO

E quando me empanturrar de costeletas, ponho-me a comprar minas.

PAFLAGÔNIO

E eu caio de rajada em cima do Conselho e viro-o de cangalhas.

SALSICHEIRO

E eu moo-te esse cu que nem uma morcela!

PAFLAGÔNIO

E eu arrasto-te lá para fora pelos fundilhos, de cabeça para baixo.

1º ESCRAVO

Então, com os diabos, se o arrastares a ele, arrasta também a mim.

PAFLAGÔNIO

Macacos me mordam, se não te ponho na canga!

SALSICHEIRO

Vou acusar-te de covardia.

PAFLAGÔNIO

Esse teu coro ainda há de levar uma boa esticadela.

SALSICHEIRO

E o teu, arranco-o e faço um saco... para a roubalheira.

PAFLAGÔNIO

Prego-te ao chão, escanchado de pés e mãos.

SALSICHEIRO

Pois eu faço-te em picado.

PAFLAGÔNIO

Essas pestanas, vou a elas e arranco-as.

SALSICHEIRO

E esse teu papo, ainda o estripo.

1º ESCRAVO

Ah, caramba! Mete-se-lhe uma escora na boca, como fazem os carniceiros, puxa-se-lhe a língua para fora, e enquanto o tipo está escancarado, nós examinamos-lhe - tintim por tintim -... o rabo, não vá que tenha sarna.

CORO

Não há dúvida, há coisas mais quentes do que o fogo e palavreado mais sem-vergonha ainda do que as arengas sem-vergonha que ouvimos nesta cidade. O caso não era assim tão corriqueiro nem tão banal como isso. Vamos, atira-te a ele, fá-lo girar, não o poupes. O tipo está ferrado. E se o amorteces na primeira estocada, hás de ver que ele não passa de um covarde. Quem o fulano é, eu conheço há muito tempo.

1º ESCRAVO

O certo é que, apesar de ter sido assim a vida inteira, sempre se fez passar por um homem de valor, colhendo fruto em seara alheia. Ainda agora, essas espigas que trouxe de lá, amarrou-as na canga, pô-las a secar e quer vendê-las.

PAFLAGÔNIO

Não julgueis vós que me meteis medo, enquanto for vivo o Conselho e o povo se reunir na assembleia, com aquela cara de bobo.

CORO

Isto é que é fulano de topete! Ainda está para ser a primeira vez que ele mude de cor. Se não é ódio o que sinto por ti, seja eu cobertor em casa de Cratino, ou tenha de aprender um canto numa tragédia de Mórsimo. Tu que sempre e em toda a parte pousas na flor da corrupção, oxalá tão facilmente como te veio parar às mãos, pusesses cá para fora o pedaço que abocanhaste. E então a minha canção havia de ser esta e mais nenhuma. “É beber, é beber ao feliz sucesso!” E o filho de Úlio, estou vendo-o, esse velho mesquinho, com a alegria, havia de gritar ‘ié péan!’ e cantar ‘Ó Baco! Ó Baco!’

PAFLAGÔNIO

Não julgueis que me passais a perna em desfaçatez - é o passas! -, ou eu não tome parte nunca mais nas tripas de Zeus Agoreu (usar da palavra na assembleia)!

SALSICHEIRO

Pelo que me diz respeito, foram tantos ou tão poucos os socos que levei desde criança, tantas as facadas, que estou certo de te vencer nesse ponto; ou teria sido debalde que, criado a bolinhas de pão, me tornei este homenzarrão que aqui vês.

PAFLAGÔNIO

A bolinhas de pão, como um sabujo? Pobre coitado! Como é que tu, que foste criado com comida de cão, podes fazer frente a um maca...cão?

SALSICHEIRO

Com os diabos! Trunfos de mangas não me faltam, desde os tempos de menino. Já então eu fintava os cozinheiros com esta conversa: “Olhem, rapazes! Estão vendo? Vem aí a primavera: uma andorinha!” Eles punham-se a olhar e eu - zás! - punha a mão em um pedaço de carne.

1º ESCRAVO

Sabido o fulaninho, hem! Bom golpe de vista o teu! À maneira de quem come urtigas, antes que chegassem as andorinhas (antes da primavera), tu já andavas na rapinagem.

SALSICHEIRO

E fazia-o sem dar nas vistas. Mas se algum deles dava por ela, eu escondia o furto no fundo das vestes, e negava de pés juntos. A ponto que um tipo qualquer, um desses políticos que andam por aí, quando me viu naquela manobra, se saiu com esta: “Não há dúvida, este rapaz está talhado para governar o povo”.

1º ESCRAVO

Pois acertou em cheio. E está mesmo se vendo como é que ele chegou a essa conclusão: se tu juravas falso depois de roubares e tinhas... a coisa metida nas vestes!

PAFLAGÔNIO

(*Ao Salsicheiro*)

Deixa estar que eu meto-te nas encolhas (*volta-se também para o 1º Escravo*), ou antes, a vós os dois! (*Ao Salsicheiro*) Avanço para cima de ti rapidamente, como um furacão, pronto a virar terra e mar do avesso.

SALSICHEIRO

E eu recolho as... salsichas e deixo-me ir na onda (para evitar os ventos fortes). E tu, um raio que te parta!

1º ESCRAVO

Quanto a mim, se há um rombo, toca-me a guarda ao porão.

PAFLAGÔNIO

Ah, não, caramba! Não te safas, depois de teres roubado tanta comida aos atenienses.

1º ESCRAVO

(*como quem dá ordens à tripulação de um navio*)

Cuidado, solta a escota, que já sopra um ventinho... e de delação.

SALSICHEIRO

E tu, de Potideia, arrebanhaste - julgas que eu não sei? - dez talentos.

PAFLAGÔNIO

Que história é essa? Quererás tu apanhar um desses talentos para ficares calado?

1º ESCRAVO

Esse fulaninho aí, bem que o aceitaria com ambas as mãos. (*De novo a uma tripulação imaginária*) Solta as cordas. O vento está amainando.

PAFLAGÔNIO

(*ao Salsicheiro*)

Hás de pegar quatro processos, de cem talentos cada um.

SALSICHEIRO

E tu vinte por deserção, e então, por roubo, mil é pouco!

PAFLAGÔNIO

Pois eu declaro que tu pertences a essa cambada de criminosos que ofenderam a deusa.

SALSICHEIRO

E eu declaro que o teu avô foi um desses lanceiros...

PAFLAGÔNIO

De quais? Ora, diga lá!

SALSICHEIRO

Dos da Coir...ina, a mulher de Hípias.

PAFLAGÔNIO

És um trapaceiro.

SALSICHEIRO

E tu, um malvado.

1º ESCRAVO

Chega-lhe! Força! (*O Salsicheiro atira-se ao adversário*)

PAFLAGÔNIO

Ai, ai! Estão me descascando. São conspiradores.

1º ESCRAVO

Chega-lhe! Força! Manda-lhe um soco no estômago! Agarra nas tripas e nos enchidos e dá-me uma liçãozinha nesse fulano.

CORO

(*para o Salsicheiro*)

Ah, homem de fibra! Coração entre todos valente! Apareceste como a salvação para a cidade e para nós, cidadãos. Com que arte, com que finura enrolaste o tipo no fraseado! Não há elogios capazes de traduzir a alegria que nos vai na alma.

PAFLAGÔNIO

(*um pouco recomposto da surra que levara*)

Toda essa história - com um raio! - já não é segredo para mim. As tramoias que vocês andaram montando, conheço-as eu com todas as cavilhas e junturas.

SALSICHEIRO

E o que tu tens feito por Argos, também há muito que deixou de ser segrego para mim. (*Para os espectadores*) Vem com a cantiga de que anda nos cativando a amizade dos argivos, mas é por sua conta que lá se encontra com os lacedemônios.

1º ESCRAVO

(*Ao Salsicheiro*)

Ora esta! Então tu não arranjas uma à carpinteiro para lhe responder?

SALSICHEIRO

E está-se a caldear uma, ou pensas que não sei? Tem a ver com os prisioneiros o que anda na forja.

1º ESCRAVO

Bravo! Bravo! Manda-lhe com a forja contra as junturas dele!

SALSICHEIRO

E há por lá menino que bate o ferro em compasso contigo. Mas uma coisa dessas, mesmo que me desses prata ou ouro, ou me mandasses os amigos de medianeiros, nunca havias de me convencer a escondê-la dos atenienses.

PAFLAGÔNIO

Pois bem, eu por mim vou direitinho ao Conselho para denunciar as conspirações em que vós todos andais metidos, essas reuniõezinhas na cidade, pela calada da noite, todos os vossos pactos com os persas e com o Grande Rei, e o queijinho que andam fermentando com os beócios.

SALSICHEIRO

(*fazendo-se de desentendido*)

Quanto custa o queijo lá na Beócia?

PAFLAGÔNIO

Diabos me levem, se não te estendo ao comprido! (*Sai*)

1º ESCRAVO

Pois bem, a inteligência e o bom senso que tens é agora hora de os pores à prova, se é verdadeira essa história que contaste da carne que escondeste nas vestes. Vamos, mexe-te, corre à sala do Conselho, porque o fulano vai irromper lá por dentro, cobrir-nos de calúnias e gritar em alto e bom som.

SALSICHEIRO

Já vou lá. É só colocar, aqui mesmo, as tripas e as facas. (*Liberta-se dos acessórios*)

1º ESCRAVO

(*passa-lhe o óleo*)

Toma, unta o pescoço com isto, para poderes, com uma escorregadinha, escapar às... calúnias do camarada.

SALSICHEIRO

Tens toda a razão. Falaste como um mestre de luta.

1º ESCRAVO

(*entrega-lhe uns dentes de alho*)

Anda, toma, engole isto.

SALSICHEIRO

Para quê?

1º ESCRAVO

Para lutares mais, meu caro, por teres comido alho. Afasta-te! Depressa!

SALSICHEIRO

É o que estou fazendo.

1º ESCRAVO

(*ao Salsicheiro, que se afasta*)

Não te esqueças, ferra-lhe o dente, arrasa com ele, come-lhe a crista. E não apareças aqui de volta sem lhe teres papado a barbela. (*Entra em casa*)

CORO

Toca a andar e boa sorte! Oxalá correspondas aos nossos desejos. Que Zeus Agoreu te proteja, e que, com a vitória nas mãos, voltes aqui coberto de coroas. (*Aos espectadores*) E vós, prestai atenção aos anapestos, ó gente habituada a experimentar, por si própria, todo gênero de poesia.

Se algum desses poetas cômicos, já fora de moda, nos quisesse obrigar a falar ao público na parábase, não o teria conseguido do pé para a mão. Mas desta vez o poeta merece-o: odeia a mesma gente que nós odiamos, tem a coragem de dizer o que é justo, e avança, com dignidade, contra Tífon e o furacão. Quanto à surpresa de muitos de vós que, segundo diz o poeta, o tendes procurado para lhe perguntar por que razão, há tanto tempo já, não solicitava um coro em seu próprio nome, ele encarregou-nos de vos dar uma explicação. Pois bem, diz o nosso poeta que não foi por falta de senso que deixou passar o tempo nessa situação, mas por considerar a produção de uma comédia a tarefa mais árdua que pode haver. Muitos foram os que se aventuraram a ela; a poucos ela concedeu os seus favores. Pelo que vos toca, há muito ele vem constatando que o vosso humor varia com os anos e que os poetas antigos, quando chegam à velhice, ponde-os de lado. Sabe o que aconteceu a Magnes, à medida que os cabelos brancos foram chegando, apesar de tantas vitórias alcançadas sobre coros rivais e dos troféus obtidos. Não houve processo que ele não tentasse: tocava lira, batia as asas, fazia-se de lídio, de pulgão, tingia-se de verde como as rãs. E o que ganhou ele com isso? Depois que ficou velho, no fim da vida, foi posto a um canto - nunca tal lhe acontecera nos verdes anos -, quando lhe faltou o dom de fazer rir. Depois lembrava-se do caso de Cratino, antes tão aplaudido, como um rio correndo por planícies sem escolhos, derrubando do seu posto,

para os arrastar consigo, carvalhos, plátanos e rivais cortados pela raiz. Nos banquetes não se cantava outra coisa, era só “Doro de sandálias de... sicofanta” ou “artífices de hinos bem modelados”, de tal maneira ele estava então em voga. Agora, porém, que vós o vedes tresler, não querem saber dele para nada, nem da sua lira de cavilhas soltas, cordas bambas e junturas esgaçadas. Um homem daquela idade anda por aí armado em Conas (deturpação de Cono, músico notável), uma coroa murcha na cabeça, morto de sede; quando, graças às vitórias do passado, devia beber no Pritaneu, e, em vez de dizer disparates, assistir ao teatro, com todo o esplendor, ao lado de Dioniso. E Crates, quantos assomos de cólera e maus tratos da vossa parte não teve de engolir, um tipo que vos mandava embora depois de servir um prato ligeiro, e que sabia preparar, com um gosto requintado, os mais finos pensamentos. Apesar de tudo, foi o único que conseguiu aguentar-se, com muitos altos e baixos. Era com estes receios que o nosso poeta ia sempre adiando. E mais ainda: entendia que era preciso começar como remador, antes de pôr a mão ao leme, depois passar a piloto e estudar os ventos e só então comandar por conta própria. Por todas estas razões, evitou irromper em cena à doida para despejar meia dúzia de patacoadas e preferiu agir com bom senso. Façam ressoar, em sua honra, uma trovoada de aplausos, acompanhai-o com os vossos onze remos, com um vigoroso clamor leneu (do festival das Leneias), de modo que o poeta parta feliz, radiante, de fronte... iluminada, por ter conseguido o sucesso que desejava.

Posídon, senhor dos cavalos, que te comprazes com o tropel de cascos de bronze e com os seus relinchos; com as trirremes velozes, de negro esporão, portadoras de salários; com a corrida dos jovens, gloriosos nos seus carros, mesmo quando pouco afortunados. Vem até nós, ao nosso coro, deus do tridente de ouro, senhor dos delfins, divindade do Súnion, ó filho de Cronos venerado em Geréstio, entre todos os deuses o mais caro a Fórmion e aos atenienses, no momento presente.

Queremos celebrar os nossos pais, que se mostraram dignos desta terra e do peplos (manto que se oferecia à deusa Atená), nos combates em terra como nas batalhas navais; por toda a parte vitoriosos, sempre ilustraram esta cidade. Jamais algum, perante os inimigos, se quedou a contá-los; logo o coração se lhe dispunha à defesa. Se, na refrega, iam com o ombro ao chão, sacudiam o pó, negavam que tivessem caído e retomavam a luta. Nunca um estratego, nos velhos tempos, iria pedir a Cleeneto para ser sustentado a expensas públicas. Ao passo que hoje em dia, se não se lhes concede a proedria (lugar de honra no teatro) e o sustento, recusam-se a combater. Mas nós achamos que pela cidade e pelos deuses nacionais se deve lutar de graça, com toda a valentia. Fora disto, não pedimos mais nada, a não ser um pequeno favor, só um: se um dia a paz vier e acabar com o nosso sofrimento, não nos invejem a cabeleira e a pele bem massageada (sinais de luxo).

Ó Palas, guardiã da cidade, soberana desta terra sagrada, superior a qualquer outra pelo combate, pelos poetas e pelo poder, vem até nós e traz contigo aquela que, nas expedições e batalhas, é nossa aliada, a Vitória; nossa companheira de dança, ela se alinha conosco contra os inimigos. Vamos, é tempo, aparece. É preciso que assegures aos nossos homens a vitória, por qualquer preço. Agora ou nunca!

Por aquilo que conhecemos dos nossos cavalos, queremos fazer-lhes aqui o elogio. São dignos de uma palavra de louvor. Muitas empresas houve, de fato, em que se empenharam, a nosso lado, em ataques e lutas. Mas o que é a nossa admiração pelos seus feitos em terra, se pensarmos que os vimos saltar para os navios, como homens, depois de se abastecerem de cantis, ou mesmo de alhos e cebolas. Então pegaram nos remos como nós, mortais, e meteram mãos à obra gritando: "U-upa, então quem é que rema? Força, mais! Em que estamos pensando? Vamos, puxa, Sânfora!" Desembarcaram em Corinto. Logo os mais novos, com os cascos, puseram-se a cavar os leitos de campanha e a procurar comida. Em vez de lucernáridas, comiam caranguejos, os que saíam fora d'água, ou mesmo os que eles próprios iam caçar no fundo. De tal maneira que Teoro atribui esta tirada a um caranguejo de Corinto: "É demais, Posídon! Nem nas profundezas, nem em terra, nem no mar, consigo escapar aos cavaleiros".

(*Ao Salsicheiro, que vem entrando*) Ó meu grande amigo - o maior de todos e o melhor -, que inquietação nos causou a tua ausência! Mas agora que voltaste são e salvo, conte-nos: como decorreu a luta?

SALSICHEIRO

Que mais posso dizer-vos senão que me portei como...um Nicobulo (nome inventado que significa: aquele que vence perante o Conselho)?

CORO

É a hora de soltarmos - todos! - um clamor de alegria. Tu que tens o dom da palavra e, melhor ainda que as palavras, que soubeste agir como era devido, vê lá se me contas tudo, tintim por tintim. Porque estou vendo que seria capaz de fazer uma boa caminhada para te ouvir. Por isso, meu caro amigo, fala - coragem! -, que todos rejubilamos por ti.

SALSICHEIRO

Pois bem, vale a pena ouvir a história toda. Eu saí daqui e fui logo no encalço dele. O camarada já estava lá dentro, lançado numa arenga danada, com

voz de trovão, inventando mentiras contra os cavaleiros; e tome de amontoar palavrões de metro e meio, e tratá-los de conspiradores, de maneira muito convincente. O Conselho inteiro, à força de o ouvir, ficou pálido... de tanta mentira. As caras anunciavam mostarda, as testas franziam-se. Então eu, quando percebi que as palavras dele tinham acolhimento, e que o Conselho se deixava ir no desafio, pensei: "Vamos lá, gênios da safadeza e da trapaça, da maluquice, da mentira e do descaramento, e tu, ágora, onde, menino ainda, me criei, chegou a hora de me darem coragem, uma língua pronta e uma voz atrevida". Estava eu falando com os meus botões e, à minha direita, um maricas manda um traque. Prostrei-me em adoração. Depois, com um coice, derrubei a balaustrada e, de boca escancarada, gritei: "Membros do Conselho, trago boas notícias! Quero ser o primeiro a anunciar-vos a boa nova. Desde que entre nós estalou a guerra, ainda não tinha visto sardinhas tão baratas". Foi instantâneo: as expressões serenaram. Queriam coroar-me por tão boa notícia. Então eu, no maior segredo, dei-lhes um conselho: se queriam arranjar uma boa sardinhada por um óbolo apenas, que corressem a arrematar as tigelas aos fabricantes. Todos aplaudiram e ficaram pasmados olhando para mim. O outro, o Paflagônio, teve uma ideia e, farto de conhecer a linguagem que mais agrada ao Conselho, fez esta proposta: "Meus senhores, proponho que, dado o feliz acontecimento que acabam de nos anunciar, se sacrifiquem cem bois à deusa". Foi a vez de ele receber a aprovação do Conselho. Aí eu, quando me vi batido por aquele monte de trampa, levantei o número para duzentos bois, e sugeri que se fizesse voto à Deusa da Caça de um milhar de cabrinhas no dia seguinte, se as anchovas estivessem a um óbolo o cento. E o Conselho inteiro pregou os olhos em mim outra vez. O fulaninho, quando ouviu aquilo, perdeu as estribeiras e desatou a disparatar. Então os prítanes e os archeiros arrastaram-no lá para fora, enquanto os do Conselho, de pé, faziam um alarido danado por causa das sardinhas. O nosso homem bem pedia que esperassem só um momento: "Ouçam o que tem para vos dizer o arauto enviado da Lacedemônia" - dizia ele. "Ele veio por causa das tréguas". Mas todos de uma vez gritaram: "Tréguas? Numa horas destas? Agora, meu caro amigo, que tiveram cheiro de que temos aqui sardinhas baratas?! Não precisamos de tréguas para nada. A guerra que continue". E gritaram para os prítanes que encerrassem a sessão. Por todos os lados, era quem mais saltava a balaustrada. Quanto a mim, passei-lhes à frente a toda a brida e fui comprar quantos coentros e alhos havia no mercado. Quando os vi atrapalhados, sem saberem onde os arranjar, dei-lhos de graça, para temperarem as sardinhas; foi a maneira de lhes ser agradável. Todos se fartaram de me dar elogios e hurras. De tal maneira que conquistei o Conselho inteiro com óbolo de coentros, e aqui estou eu de volta.

CORO

Estás mostrando-te perfeito, como convém a um protegido da sorte. O safado arranjou um parceiro que lhe leva a melhor em patifarias, em confusões de todo o tamanho e em falinhas mansas. Mas prepara-te para sair desta com uma vitória de arromba. Estamos do teu lado, e tu o sabes há muito tempo.

(*Entra o Paflagônio, furioso*)

SALSICHEIRO

Olha, lá vem o Paflagônio, arrastando consigo uma tempestade, pronto para virar tudo em ruínas, como se fosse me engolir vivo. Arre que o fulano tem topete!

PAFLAGÔNIO

(*ameaçador*)

Se não acabo contigo, com o pouco que me resta das minhas trapaças, que me desfaça todo aos pedaços.

SALSICHEIRO

São um prazer as tuas ameaças! Até rio das tuas bazófias! Danço o fandango! Canto de galo pra cima de ti.

PAFLAGÔNIO

Ah, não! Macacos me mordam, se não te... engulo desta terra para fora!

SALSICHEIRO

Se não me engoles? Outro tanto digo eu. Diabos me levem se não te tragar, nem que, contigo no bucho, dê um realíssimo estouro!

PAFLAGÔNIO

Vou acabar contigo, pelo lugar de honra que arranjei em Pilos.

SALSICHEIRO

Lugar de honra, hã?! Ainda hei de te ver saltar do lugar de honra para fora, e ficar sentadinho na última fila.

PAFLAGÔNIO

Ah, justos céus! Ainda hei de te amarrar à canga!

SALSICHEIRO

Que exaltado! Ora, deixa ver... o que é que hei de te dar para mastigares? O que gostarias mais de comer? Uma bolsa, não?

PAFLAGÔNIO

Vou estripar-te com as unhas.

SALSICHEIRO

E eu arrebanho-te essa comida do Pritaneu.

PAFLAGÔNIO

E eu arrasto-te à presença do povo, para me dares a reparação devida.

SALSICHEIRO

Quem te arrasta lá sou eu, para te caluniar ainda mais.

PAFLAGÔNIO

Oh, pobre coitado, o povo não vai acreditar numa só palavra do que tu disseres! Para reinar com ele eu estou aqui, quando me der na real gana.

SALSICHEIRO

Estás mesmo convencido de que tens o povo na mão!

PAFLAGÔNIO

Conheço-o bem, sei como se lhe adoça a boca.

SALSICHEIRO

Lá isso é! E depois, como fazem as amas, rouba-lhes na comida. Esmagas-lhe a papa, metes-lhe um pedacinho na boca e tratas de engolir três vezes mais que ele.

PAFLAGÔNIO

Caramba! E habilidade não me falta para fazer o povo esticar ou encolher.

SALSICHEIRO

O meu rabo também é perito nisso.

PAFLAGÔNIO

Não, meu amigo, no Conselho vais ficar rindo de mim, com as tuas fanfarronadas. Vamos à presença do Povo.

SALSICHEIRO

Por que não? Vamos, anda. Nada nos pode impedir.

(*Aproximam-se da casa do Povo e batem com alarido*)

PAFLAGÔNIO

Ó Povo, chega aqui!

SALSICHEIRO

Caramba, tiozinho! Anda lá, meu povinho querido.

PAFLAGÔNIO

Vem cá, vem ver como estou sendo insultado.

POVO

(*que aparece à porta*)

Que gritaria vem a ser esta? Ora, façam o favor de desandar da minha porta! A minha coroa das colheitas, puseram-na em frangalhos. (*Reconhece Paflagônio*) Ó Paflagônio, quem te fez mal?

PAFLAGÔNIO

Foi por tua causa. Levei uma surra. (*Aponta o Salsicheiro e o Coro*) Foi este camarada e aquela rapaziada.

POVO

Mas por quê?

PAFLAGÔNIO

Porque te quero muito, Povo, porque estou doido por você.

POVO

(*volta-se para o Salsicheiro*)

Mas quem és tu, afinal?

SALSICHEIRO

Sou rival deste fulano. É uma paixão antiga esta que sinto por você. Só quero o teu bem, como tanta gente boa. Mas não podemos fazer nada por causa deste rapaz. Tu és igualzinho a qualquer rapaz que tem um apaixonado: os que são homens e bem-intencionados, não os aceitas; e é aos mercadores de tochas, aos bate-solas, aos sapateiros e à gente dos curtumes que te entregas.

PAFLAGÔNIO

É preciso ver os favores que eu faço ao Povo.

SALSICHEIRO

Que favores? Ora, diga lá!

PAFLAGÔNIO

Quais? Quando os generais se puseram em debandada de Pilos, eu dei um salto até lá e trouxe os lacedemônios como prisioneiros.

SALSICHEIRO

E eu fiz melhor: andava dando uma volta, estava um camarada com a panela no fogo, e eu a surrupiei de dentro da loja.

PAFLAGÔNIO

Pois bem, Povo, convoca já uma assembleia para saberes qual de nós dois te é mais dedicado e decide. É a esse que vais dar o teu amor.

SALSICHEIRO

Sim, sim, decide lá, mas que não seja na Pnix.

POVO

Eu nunca me sentaria noutro lado. Vamos, em frente! Sigam para a Pnix.

(*Afastam-se de casa e dirigem-se para um dos lados da cena, convencionalmente a Pnix*)

SALSICHEIRO

(*à parte*)

Ai, que desgraça essa! Estou perdido! O velho, em sua casa, é um esperto como não há outro. Mas quando se senta nesta pedra, fica embasbacado como se estivesse mascando figos.

CORO

(*ao Salsicheiro*)

É chegado o momento de soltares todos os cordames, mostrares um espírito combativo e usares argumentos irrefutáveis, para que possas levar a melhor. Que o tipo é velhaco e, se se vê entalado, faz de tudo para se desentalar. Por isso, cai violentamente, em cima do fulano. Vamos, põe-te em guarda, e antes que ele se atire a ti, iça primeiro os golfinhos e encosta a tua barca.

PAFLAGÔNIO

É à deusa Atena, que governa a nossa cidade, que eu faço esta súplica: se me mostrei o melhor servidor do povo ateniense, depois de Lísicles, Cina e Salabaco, que eu possa comer no Pritaneu, como agora, por... não ter feito nada. (*Ao Povo*) Mas se te odeio, se não luto por ti - a resistir sozinho -, que um raio me parta, que eu rache ao meio e me faça em tiras.

SALSICHEIRO

Pois quanto a mim, Povo, se não te amo, se não te estremeço, seja eu cortado em pedaços e cozido num guisado. E se não acreditas no que te digo, seja eu, em cima desta mesa que aqui vês, amassado como queijo num almofariz e, com um gancho, arrastado pelos tomates para o Cerâmico.

PAFLAGÔNIO

Mas onde havia de achar-se um cidadão que te amasse mais do que eu, Povo? Para começar, quando estava no Conselho, arranjei-te grandes somas do erário público, a atormentar uns, a esganar outros, a reclamar percentagens de outros, sem querer saber de ninguém em particular, desde que fosse para te dar prazer.

SALSICHEIRO

Isso, Povo, não é nada demais. É coisa que eu também posso fazer. Rapino o pão aos outros para to servir. Mas ele não te ama nem te é fiel - e isso é o que vou te provar antes de mais nada -, a não ser por uma única razão: para se aquecer à tua lareira. E tu que, em defesa desta terra, terçaste espadas com os medos em Maratona e que, com a tua vitória, nos deste assunto para tanta eloquência - queira ele saber que estejas aí sentado, nessa pedra dura. Não é como eu, que te mandei fazer esta almofada. Aqui a tens. Ora, levanta-te. Senta-te agora bem fofinho, para não gastares essa coisa aí, que andou por Salamina.

POVO

Ó tiozinho, mas quem és tu? Da linhagem de Harmódio, vai ver. Seja como for, esta foi realmente, da tua parte, uma atitude generosa, de um amigo do povo.

PAFLAGÔNIO

(*ao Salsicheiro*)

É então com essas bajulações caipiras que lhe mostras a tua dedicação!

SALSICHEIRO

E olha que foi com habilidades ainda mais caipiras que estas que tu o enganaste.

PAFLAGÔNIO

(*ao Povo*)

Pois bem, aposto a minha cabeça como nunca apareceu um homem mais empenhado na causa do povo ou mais teu amigo do que eu.

SALSICHEIRO

Tu, amigo dele? Como pode ser isso? Um tipo como tu, que o vês viver em pipas, buracos e águas-furtadas, há quase oito anos, e nem ligas para isso! Depois de o teres encurralado, ainda o sugas por cima. E quando Arqueptólemo nos vem trazer a paz, atira-a aos quatro ventos. Os embaixadores, corres com eles da cidade, a pontapés no traseiro, quando nos vêm oferecer tréguas.

PAFLAGÔNIO

É para ele governar sobre todos os helenos. Dizem os oráculos que o Povo há de ser um dia heliasta na Arcádia e receber cinco óbolos, se souber ter paciência. Seja como for, vou sustentá-lo e tratar dele. Porque hei de descobrir, por bem ou por mal, a maneira de lhe garantir o trióbolo.

SALSICHEIRO

Não é o ele "governar" a Arcádia que te preocupa - macacos me mordam, se é isso! O que tu queres é rapinar à vontade, receber subornos das cidades aliadas, e que o Povo, com a guerra e a poeira que ela levanta, não veja as trapaças que tu fazes; antes por miséria, por necessidade e falta de salário, ande atrás de ti como um cordeirinho. Mas se chegar o dia em que ele possa regressar aos campos para viver em paz, revigorar-se a comer espigas e dar dois dedos de prosa com um bom vinho, é que vai reconhecer quanta coisa boa lhe roubavas, à pala do soldo. Então, lavrador de má índole como é, há de vir por aí na pegada da pedrinha, para votar contra ti. E tu o sabes bem. É por isso que lhe fazes o ninho atrás da orelha e vens com a cantiga de que sonhas com ele.

PAFLAGÔNIO

Mas é o cúmulo que fales de mim nesses termos e me venhas difamar, diante dos atenienses e do Povo, a mim que já prestei à cidade - caramba! - mais serviços do que Temístocles. Sim, muitos mais!

SALSICHEIRO

(*a declamar*)

"Ó cidade de Argos, pasma com o que ouves!" (Citação de Eurípides.) Tu te comparares a um Temístocles, que encontrou a nossa cidade pelo meio e a encheu até às bordas! E mais ainda, que, por cima do almoço, lhe serviu o Pireu de sobremesa, e sem nada tirar da de antigamente, apresentou-lhe pescaria nova. E tu? Tu procuraste converter os atenienses em cidadãos atrofiados, a ergueres barreiras e a proclamares oráculos. Com que então rival de Temístocles, hem?! Pois ele está exilado desta terra, mas tu limpas as mãos com pão-de-ló.

PAFLAGÔNIO

Não é o cúmulo, Povo? Ouvir tais coisas deste fulano, só porque te sou dedicado?

POVO

(*ao Paflagônio*)

Basta, ouviste? Chega de desaforo! Já faz tempo demais que tens tramado contra mim pelas costas! E continuas!

SALSICHEIRO

Esse cara é um canalha, meu querido Zé-Povinho, com um repertório sem fim de tramoias. Quanto te vê pasmado, arranca os talos dos magistrados que prestam contas e tome de encher o estômago. É vê-lo, com ambas as mãos, a raspar o fundo do... erário público.

PAFLAGÔNIO

Não vais ficar rindo. Vou provar-te que roubaste trinta mil dracmas.

SALSICHEIRO

De que te serve malhar em ferro frio? Se tu és o maior safado que o povo ateniense já conheceu! Mais ainda: vou mostrar também - morto seja eu se o não faço! - que recebeste disfarçadamente, de Mitilene, mais de quarenta minas.

CORO

(*ao Salsicheiro*)

Tu que a todos apareceste como a salvação, invejo-te a eloquência. A atacares assim, hás de ser o maior dos helenos; sozinho, vais governar a cidade e comandar os aliados, de tridente em punho, com que hás de arranjar muita massa, à força de sacolões e de balbúrdia. E não largues o fulano, que ele já te mostrou um ponto fraco. Vais arrasá-lo com um pé nas costas, já que bofes tu tens de primeira.

PAFLAGÔNIO

Não, meus amigos, as coisas ainda não chegaram a esse ponto, caramba! Tenho na mão um trunfo capaz de calar a boca de todos os meus inimigos, enquanto sobrar alguma coisa dos escudos de Pilos.

SALSICHEIRO

Pego-te nessa dos escudos. Foi uma deixa que me deste! Não precisavas, se é verdade que amas o povo, de deliberadamente os deixares pendurar com boldriés e tudo. Mas isso, Povo, é um estratagema - para, no caso de lhe quereres dar o castigo, ficares de mãos atadas. Vês essa multidão à volta dele, essa garotada dos curtumes? Pois em redor deles vivem os vendedores de mel e de queijo. Todos, de cabeças unidas, conspiram ao ouvido. De modo que, se tu rosnasses ou quisesses brincar do... jogo do caco (nesse caso, o castigo do ostracismo), eles corriam de noite soltando os escudos e boicotando os acessos ao nosso mercado.

POVO

Ai, que desgraça! Os boldriés estão nas mãos deles? (*Ao Paflagônio*) Ah, miserável, há quanto tempo andavas a me enganar! Enganavas o povo com habilidade.

PAFLAGÔNIO

Meu caro amigo, não dês ouvidos ao que ele diz, nem julgues que hás de encontrar um amigo melhor do que eu. Por minha conta e risco corri com os

conspiradores, e nenhuma trama se prepara na cidade que me passe despercebida. É só cheirar alguma coisa e ponho-me logo a ladrar.

SALSICHEIRO

Estás como os pescadores de enguias. Quando o lago está parado, não pescam nada. Mas, se remexerem a lama de baixo para cim, fartam-se de pescar. Tu também pegas sempre qualquer coisa, se virares a cidade do avesso. Ora, responde-me só a esta pergunta: já alguma vez deste ao Povo - tu que te dizes amigo dele - um pedacinho de couro lá da tua loja, para consertar os sapatos?

POVO

Nem nada, de jeito nenhum!

SALSICHEIRO

(*ao Povo*)

Agora já sabes quem ele é. Pois eu comprei para ti este par de sapatos. Aqui os tens, prontos para usar.

POVO

(*que calça os sapatos*)

Considero-te, de todos os homens que conheço, o mais amigo do povo e o mais dedicado à cidade e aos meus pés.

PAFLAGÔNIO

E esta?! Não é o cúmulo que um par de sapatos tenha tanta força, que faça esquecer tudo o que fiz por ti? Eu que acabei com os maricas, ao riscar Grito da lista dos cidadãos.

SALSICHEIRO

Ora, francamente! Não é o cúmulo que te armes em inspetor de rabos e te gabes de ter acabado com os maricas? Só se for por dor de cotovelo que acabaste com eles, para que não se tornassem oradores. E este querido amigo - com a idade que tem - via-o sem camisa, e nunca achaste o Povo digno de uma camisa com mangas, mesmo no inverno. Pois bem, sou eu quem ta dou. Aqui a tens! (*Entrega a camisa ao Povo, que a veste.*)

POVO

Uma ideia assim nunca passou pela cabeça do próprio Temístocles. É certo que foi um bom golpe aquela história do Pireu. Mas, a meu ver, nada que se pareça com o achado que é esta camisa.

PAFLAGÔNIO

Que azar o meu! Com que macaquices me queres passar a perna!

SALSICHEIRO

Nada disso. Estou só a servir-me das tuas próprias armas - como um camarada num banquete que, se lhe dói a barriga, agarra aos chinelos do vizinho.

PAFLAGÔNIO

Mas não hás de vencer-me em bajulação. Vou enfiar-te este casaco. (*Tira o seu próprio casaco e prepara-se para o vestir no Povo*) E tu, morde-te à vontade, desgraçado.

POVO

(*arremessando-o de si*)

Arre! Vai para o raio que te parta, tu e esse fedor de couro!

SALSICHEIRO

O que o tipo queria era embrulhar-te nele para te asfixiar. E não foi a primeira vez que te armou uma cilada. Lembras daqueles pés de sílfio (planta rara e cara) que apareceram aí a preço de banana?

POVO

Lembro-me perfeitamente.

SALSICHEIRO

Foi de propósito que ele arranjou com que ficassem tão baratos, para vocês os comprarem e comerem; de modo que depois, no tribunal, os juízes, com os traques, se envenenassem uns aos outros.

POVO

Ah, caramba! Foi isso mesmo que me disse um fulano... da Cagadócia.

SALSICHEIRO

Vai ver que foi por causa dos traques que vocês ficaram tão corados.

POVO

Essa é de cabo-de-esquadra, com um raio!

PAFLAGÔNIO

(*ao Salsicheiro*)

Ah, malvado, é com patacoadas dessas que queres acabar comigo?!!!

SALSICHEIRO

São ordens da deusa: que te vencesse em fanfarronices.

PAFLAGÔNIO

Mas não hás de me vencer, não! Povo, prometo-te arranjar-te, sem precisares mexer um dedo, um prato de... salário para mastigares.

SALSICHEIRO

Pois eu tou-te um frasquinho de remédio para esfregares nos arranhões que tens nas canelas.

PAFLAGÔNIO

E eu arranco-te os cabelos brancos e transformo-te num jovem.

SALSICHEIRO

Toma lá, aqui tens este rabo de lebre para limpares esses olhinhos queridos.

PAFLAGÔNIO

Assoa-te, Povo, e limpa os dedos nos meus cabelos.

SALSICHEIRO

Não, antes nos meus.

PAFLAGÔNIO

Não, nos meus. (*Ao Salsicheiro*) Vou fazer de ti trierarco, e vais ter de abrir a bolsa. Arranja-se um barco bem velho que te leve o dinheiro todo em reparações sem fim. E mais, hás de aguentar com uma vela podre.

SALSICHEIRO

Lá está o camarada a ferver! Chega, chega! Já está transbordando. É preciso lhe tirar umas brasas e escoar-lhe as ameaças com isto aqui.

PAFLAGÔNIO

Mas tu me pagas, ora se pagas! Ainda hei de te ver esmagado de impostos. Porque vou ter o cuidado de te inscrever na lista dos ricos.

SALSICHEIRO

Pois bem, do meu lado acabaram-se as ameaças. Só faço este voto: que a tua frigideira, cheia de lulas, esteja no fogo a estalar; e que tu, pronto para apresentar uma proposta sobre o caso dos milésios - que, se fores bem-sucedido, te há de trazer um talento de lucro -, estejas em ânsias de te empanturrares de lulas, para chegar à assembleia a tempo e a hora. Pois que nessa hora, antes de teres comido, chegue o tal fulano, e que tu, na pressa de apanhar o talento, te entales com a refeição.

CORO

Bem feito, por Zeus, por Apolo, por Deméter!

POVO

Também acho. De resto, este camarada parece-me um cidadão direito, um homem como já há muito tempo não aparecia, em defesa dessa cambada de ordinários. Enquanto tu, Paflagônio, a dizeres que me querias bem, me confundiste. Vamos, passa para cá o meu anel; de hoje em diante, deixas de ser meu intendente.

PAFLAGÔNIO

Aqui o tens. Mas fique sabendo que, se não me deixar governar a casa, ainda há de te aparecer outro mais trapaceiro do que eu.

POVO

(*examina o anel*)

Mas o que é isto? Este anel não é o meu. O sinete parece outro. (*Mostra-o ao Salsicheiro*) Ou será que não estou vendo bem?

SALSICHEIRO

Mostra aqui? Qual era o teu sinete?

POVO

Um rissole de carne, cozido a preceito.

SALSICHEIRO

Não é isso que aqui está.

POVO

Não é um rissole? Então o que é?

SALSICHEIRO

Uma gaivota, de bico escancarado, a grasnar em cima de um rochedo.

POVO

Ai, que desgraça a minha!

SALSICHEIRO

O que é?

POVO

Leva-o da minha vista. Não era o meu que ele tinha, era o de Cleônimo (*Tira outro anel e dá-o ao Salsicheiro*) Dou-te este: toma. Passas a ser o meu intendente.

PAFLAGÔNIO

Ainda não, meu senhor, por favor. Primeiro tens de ouvir os meus oráculos.

SALSICHEIRO

E os meus também.

PAFLAGÔNIO

Se te deixas ir na cantiga, ainda hás de ser esfolado vivo.

SALSICHEIRO

E se te deixas ir na dele, aindas hás de acabar capadinho da silva.

PAFLAGÔNIO

Pois aqui os meus oráculos dizem que hás de dominar a terra inteira, coroado de rosas.

SALSICHEIRO

E os meus dizem que tu, de túnica de púrpura bordada e coroa na cabeça, em cima de um carro de ouro, hás de perseguir... a Esmícita e o seu bem-querer.

POVO

(*ao Salsicheiro*)

Bom, vai lá buscá-los (*aponta o Paflagônio*), que este tipo aqui precisa ouvi-los.

SALSICHEIRO

É para já.

POVO

E tu, traz também os teus.

PAFLAGÔNIO

Está bem.

SALSICHEIRO

Está bem, caramba! Por que não?!

(*Saem ambos*)

CORO

Bem doce há de ser a luz deste dia para os que habitam na cidade e para os nossos visitantes, se Cléon for derrotado. Se bem que ouvi uns velhos, dos mais caturras, no mercado dos processos, a defenderem que, se ele não tivesse se tornado o homem poderoso desta cidade, teríamos de passar sem dois instrumentos de primeira necessidade, o almofariz e a colher de pau. Mas, o que mais admiro nele são as artes suínas que o fulano tem. As crianças que frequentavam a escola com ele dizem que muitas vezes só conseguia afinar a lira à maneira dórica, e que se recusava a aprender outra; então, o mestre irritava-se e mandava-o embora; raio de rapaz aquele que não sabia outra que não fosse a d'our...ica!

PAFLAGÔNIO

(*que regressa carregado de oráculos*)

Aqui tens. Olha! E ainda não os trouxe todos.

SALSICHEIRO

(*que regressa também, ainda mais carregado*)

Ai, que eu faço pelas pernas abaixo! E ainda não os trouxe todos.

POVO

O que é isso aí?

PAFLAGÔNIO

Oráculos.

POVO

Tudo isso?

PAFLAGÔNIO

Admiras-te? Pois olha que ainda tenho uma caixa cheia.

SALSICHEIRO

E eu um sótão e dois armazéns.

POVO

Pois bem, vamos lá ver. De quem são esses oráculos, afinal?

PAFLAGÔNIO

Os meus são de Bácis.

POVO

(*AO Salsicheiro*)

E os teus, de quem são?

SALSICHEIRO

De Glânis (nome inventado, correspondente a um peixe) , o irmão mais velho de Bácis.

POVO

(*ao Paflagônio*)

Esses aí, falam de quê?

PAFLAGÔNIO

De Atenas, de Pilos, de ti, de mim, te tudo em geral.

POVO

(*ao Salsicheiro*)

E os teus, de que tratam?

SALSICHEIRO

De Atenas, de sopa de lentilhas, dos lacedemônios, de cavalas fresquinhas, dos que roubam a farinha no mercado, de ti, de mim. E desse cara que fica mamando... na coisa!

POVO

Vamos lá, tratem de mos ler, sem esquecer aquele que me diz respeito e me dá tanto gosto, que hei de ser águia entre as nuvens.

PAFLAGÔNIO

Pois então, ouça lá. Presta atenção ao que eu vou dizer (*começa a ler*): “Tem cuidado, filho de Erecteu, com o caminho dos oráculos que Apolo te faz retumbar do fundo do santuário, através dos tripés venerados. Ordena-te que protejas o cão sagrado de dentes afiados, que, sempre ladrando em tua defesa, e uivando por tua causa, te há de arranjar o salário. Se o não fizeres, o cão morre. Mil gralhas odientas grasnam contra ele”.

POVO

Esse oráculo, não entendo o que quer dizer, caramba! Que história é essa de Erecteu, as gralhas e o cão?

PAFLAGÔNIO

O cão sou eu; é em tua defesa que ladro. Febo disse-te que protejas o cão; a mim, portanto.

SALSICHEIRO

Não é nada disso que diz o oráculo. (*Aponta para o Paflagônio*) Este cão que aqui vês rói-te nos oráculos como se fosse osso. Porque quem esse cão é, eu estou cansado de saber.

POVO

Então diga lá. Eu por mim vou pegar uma pedra, antes que o oráculo do cão ainda me pregue alguma mordidela.

SALSICHEIRO

(*que lê, por sua vez*)

Tenha cuidado, filho de Erecteu, com o cão Cérbero, esse gatuno, que, enquanto estás à mesa, te mima com a cauda, esperando comer a papinha, quando te puseres a olhar para outro lado. Enfia-se na cozinha às escondidas e, como um cão de verdade, pela calada da noite, desata a lamber os pratos... e as ilhas.

POVO

Com a breca! Este é muito melhor, ó Glânis.

PAFLAGÔNIO

Ouça isto, meu caro amigo, e depois faça o teu juízo: “Uma mulher há de dar à luz um leão, na sagrada Atenas, que se há de bater pelo povo contra uma

revoada de mosquitos, como se lutasse pelas crias. Para o guardares, constrói uma muralha de madeira com torres de ferro". E este agora, percebeste o que quer dizer?

POVO

Palavra que não!

PAFLAGÔNIO

Aconselha-te o deus - clarinho como água - a que me protejas. Porque, para ti, sou eu que pareço um leão.

POVO

Como é que, sem eu perceber, viraste um Antileão (Antíleon, tirano de Cálcis.)?

SALSICHEIRO

Há uma coisa aí no oráculo que ele, de propósito, não explica: o que se entende por muralha de ferro e madeira, com que Lóxias te mandou guardar o fulano.

POVO

O que é que o deus queria então dizer com isso?

SALSICHEIRO

É esse tipo mesmo que o deus te manda prender numa tábua (canga)... com cinco buracos.

POVO

Parece-me que esse oráculo se deve cumprir o quanto antes.

PAFLAGÔNIO

Não te deixes ir na cantiga dele. É a inveja que faz crocitar as gralhas. Trata de acarinhar o falcão; lembra-te de que foi ele quem te trouxe, bem amarrados, os corv...inas lacedemônios.

SALSICHEIRO

Um golpe desses, se o Paflagônio se aventurou a ele, foi porque estava bêbado. Ó seu asno de Cecrópida, julgas isso uma grande façanha? Até uma mulher pode carregar um fardo, desde que um homem lho ponha em cima. Mas ir à guerra não é para ela. Porque se lutasse, talvez ainda se borrasse, mas é... pelas pernas abaixo.

PAFLAGÔNIO

Mas não te esqueças: “Pilos antes de Pilos”, como te dizia o oráculo. “Pilos antes de Pilos...”

POVO

Mas o que vem a ser isso, “antes de Pilos”?

SALSICHEIRO

“Pias”?! Diz ele que vai pôr a mão na tina do banho.

POVO

E eu, vou ficar sem o meu banho hoje?

SALSICHEIRO

Pois decerto, se o tipo nos rouba as bacias! Mas este oráculo aqui tem a ver com a armada. Deves prestar-lhe a máxima atenção.

POVO

Sou todo ouvidos. Ora, lê-me aí, antes de mais nada, como é que se há de pagar o soldo dos meus marinheiros.

SALSICHEIRO

“Filho de Egeu, toma cuidado com esse cão-raposa - não te deixes levar por ele! - que morde pela calada, veloz como ele só, um matreiro de um bicho, cheio de astúcia”. Estás entendendo onde isso quer chegar?

POVO

Essa do cão-raposa é com Filóstrato.

SALSICHEIRO

Não é nada disso. A questão é com as naus velozes que esse camarada passa a vida a pedir-te para ir cobrar os tributos. Lóxias proíbe-te de lhas dares.

POVO

Uma trirreme virar cão-raposa? Como pode ser isso?

SALSICHEIRO

Como pode ser? É que a trirreme é, como o cão, uma coisa veloz.

POVO

E por que é que se juntou a raposa ao cão?

SALSICHEIRO

Aos raposinhos comparam-se os soldados, porque comem as uvas nos vinhedos.

POVO

Bom! E o soldo para os raposinhos, onde está ele?

SALSICHEIRO

Eu arranjo-o, num prazo de três dias. Mas ouve mais este oráculo: “O filho de Latona aconselha-te a ter cuidado com o porto da Gafanha, não vá que te engane”.

POVO

Gafanha? Que Gafanha?

SALSICHEIRO

Virou Gafanha a mão do camarada, que não se cala: “Mete para a... gadanha!”

PAFLAGÔNIO

Ele não está explicando bem. Por “Gafanha”, Febo quer dizer a mão de Diopites. Mas tenho aqui, ainda a teu respeito, um outro oráculo alado, onde te tornas águia e reinas sobre a terra inteira.

SALSICHEIRO

É como no meu: “Sobre a terra e o mar vermelho”. E mais: que hás de ser juiz em Ecbátanos, enquanto te lambes com um salgadinho.

PAFLAGÔNIO

Pois eu tive um sonho: parecia-me ver a deusa em pessoa a despejar, sobre o povo, saúde e riqueza às bateladas.

SALSICHEIRO

Com o diabo, um sonho! Eu também tive um. Parecia-me ver a deusa em pessoa sair da cidade, com uma coruja pousada no elmo, então, com uma

garrafa, derramava ambrosia na tua cabeça e salmoura na daquele parceiro.

POVO

Oh! Oh! Realmente quem se compara, em sabedoria, com Glânis?! (*Ao Salsicheiro*) Pois bem, a partir de agora, aqui onde me vês, entrego-me nas tuas mãos, para me guiares na velhice e me reeducares.

PAFLAGÔNIO

Ainda não, por favor. Espera lá! Sou eu quem vai te arranjar a cevada e o sustento, todos os dias.

POVO

Não aguento mais ouvir falar de cevada. Já fui enganado vezes sem conta por ti e pelo Túfanes.

PAFLAGÔNIO

Então arranjo-te as farinhas já preparadas.

SALSICHEIRO

Pois eu arranjo-te umas tortazinhas bem amassadas e um bom assado. Só tens o trabalho de comer.

POVO

Vão embora, façam o que têm a fazer. Porque, por mim, é àquele dos dois que melhor me tratar agora, que eu entrego as rédeas da Pnix.

PAFLAGÔNIO

Vou agora correndo lá dentro. Vou ser o primeiro.

(*Parte correndo, mas é ultrapassado pelo rival*)

SALSICHEIRO

Nem penses nisso. Primeiro eu.

CORO

Ó Povo, que belo império é o teu! Todos te receiam como a um rei. Mas és tão fácil de levar! Gostas de ser adulado, enganado, ficas de boca aberta perante os oradores. Esse teu juízo está aí, mas anda por longe.

POVO

Juízo é coisa que vocês não têm debaixo dessa cabeleira, se julgam que eu não sei o que faço. É de propósito que me faço de idiota. Por minha parte, gosto da minha papinha todos os dias, e estou disposto a sustentar um ladrão de um chefe político. Mas quando o camarada está cheio, mando-o ao ar com um pontapé no rabo.

CORO

Pois fazes muito bem, se é a perspicácia que determina o teu comportamento, como dizes. Uma grande perspicácia mesmo, se é com um fito que os engordas na Pnix, como vítimas públicas; e quando acontece que não tens outro pitéu à mão, agarras um deles, dos mais gordinhos, imola-o e papa-o no jantar.

POVO

E vejam lá se não me ajeito agarrando esses fulanos, que se julgam muito espertinhos e que pensam que me enganam. Ando de olho neles toda a hora, sem querer parecer reparar que eles roubam. Depois, obrigo-os a colocar aqui para fora tudo aquilo que me furtaram. O funil do voto é a minha sonda.

(*O Paflagônio e o Salsicheiro voltam ao mesmo tempo, ambos carregados com um cesto, e a atropelarem-se mutuamente*)

PAFLAGÔNIO

Vai para o inferno! Desaparece daqui!

SALSICHEIRO

Vai tu, malvado!

PAFLAGÔNIO

(*que pousa o cesto*)

Povo, aqui me tens à tua disposição. Há tempos e tempos e tempos que aqui estou, desejoso de te servir.

SALSICHEIRO

(*imitando o adversário*)

E eu há dez vezes, doze vezes, mil vezes mais tempo. Há tempos sem fim, sem fim, sem fim.

POVO

E há trinta mil vezes mais que estou à vossa espera, e farto de ambos há tempos sem fim, sem fim, sem fim.

SALSICHEIRO

Sabes o que tens a fazer?

POVO

Fico a saber, se me disseres.

SALSICHEIRO

Põe-nos os dois em linha, a mim e a este fulano, e dá o sinal da partida, para podermos competir, em igualdade de circunstâncias.

POVO

É o que tenho a fazer. Ponham-se em linha

SALSICHEIRO E PAFLAGÔNIO

(*tomando posição para o início da corrida*)

Pronto!

POVO

Partida!

(*Ambos correm para a casa, o Paflagônio à frente*)

SALSICHEIRO

Não vale barrares-me o caminho.

POVO

Ou eu hoje sou paparicado pelos meus adoradores, ou - caramba! - vão ter de me aturar.

PAFLAGÔNIO

(*que regressa, precipitado*)

Olha aqui! Sou eu o primeiro a trazer-te um banquinho.

SALSICHEIRO

(*também precipitado*)

Mas uma mesa, não. Eu fico antes do primeiro.

(*Ambos oferecem comida que tiram dos cestos*)

PAFLAGÔNIO

Olha, trago-te esta torta, feita com farinha de Pilos.

SALSICHEIRO

E eu, umas empadas moldadas pela deusa, com as suas mãos de marfim.

POVO

Que dedo comprido tu tens, ó deusa!

PAFLAGÔNIO

Eu trago-te um purê de ervilhas com uma corzinha! Delicioso! Quem o ralou foi a própria Palas... Pilêmaca.

SALSICHEIRO

É claro, Povo, que a deusa te protege. Agora mesmo estende sobre ti uma panela cheia de sopa.

POVO

E tu julgas que esta cidade ainda sobreviverá, se a deusa - é bom de ver! - não estendesse sobre nós... a panela?

PAFLAGÔNIO

Aqui tens uma posta de peixe que te mandou o “Terror dos exércitos” (Atená).

SALSICHEIRO

“A filha do deus soberano” oferece-te uma carne estufada, umas tripinhas, um naco de coalho e de bucho.

POVO

Muito correto da parte dela em se lembrar de peplos.

PAFLAGÔNIO

A deusa do penacho de Górgona convida-te a comer esta broa para ver se nos animamos ao remo também.

SALSICHEIRO

Toma lá mais isto.

POVO

Para que eu quero essa tripalhada?

SALSICHEIRO

É com uma intenção que a deusa tas manda: para estri...bar as trirremes. Porque - é evidente - ela protege a nossa armada. Toma lá, bebe também esta mistura de três partes para duas.

POVO

Que doçura, Zeus! Quão bem assentam as três partes de água neste vinho!

SALSICHEIRO

É que foi a deusa de Tríton que mediu as três doses.

PAFLAGÔNIO

Toma lá esta fatia de torta que te dou.

SALSICHEIRO

Pois, da minha parte, aqui tens a torta inteira.

PAFLAGÔNIO

(*ao Salsicheiro*)

Tu não tens um pedaço de lebre que lhes dês. Mas eu tenho!

SALSICHEIRO

(*à parte*)

Ó diabo! Onde hei de ir arranjar um pedaço de lebre? Coração, trata de arranjar uma saída.

PAFLAGÔNIO

(*tira a lebre do cesto e mostra-a ao rival*)

Estás vendo aqui, desgraçado?

SALSICHEIRO

Pouco me importa. (*Finge olhar ao longe*) Vêm ali uns indivíduos ao meu encontro, uns embaixadores, com a bolsa cheia de dinheiro.

PAFLAGÔNIO

(*que corre, em alvoroço, na direção indicada*)

Onde? Onde é que estão?

SALSICHEIRO

Que tens com isso? Deixa os estrangeiros em paz ou não? (*Rouba as lebres e apresenta-as ao Povo*) Ó meu Povinho querido, estás vendo as lebres que eu te trago?

PAFLAGÔNIO

(*que volta atrás*)

Esta agora! Raio de sorte a minha! Não é decente pores a mãos no que me pertence.

SALSICHEIRO

Homessa! Outro tanto fizeste tu com os camaradas de Pilos.

POVO

(*ao Salsicheiro*)

Diga-me uma coisa, fazendo o favor: onde foste buscar essa ideia de rapinar?

SALSICHEIRO

A ideia é da deusa. O roubo é que é meu. Fui eu quem deu o golpe.

PAFLAGÔNIO

E eu que a assei.

POVO

(*ao Paflagônio*)

Mexa-se! É para quem ma serviu que vão os meus agradecimentos.

PAFLAGÔNIO

Aai que desgraça esta! Estou morrendo de vergonha.

SALSICHEIRO

Povo, porque não decides qual de nós trata melhor de ti e da tua pança?

POVO

E que argumento eu havia de apresentar para os espectadores acharem sensata a minha decisão?

SALSICHEIRO

(*a meia voz*)

Vou te dizer. Pegue na minha cesta, sem barulho, e dê uma olhadinha lá dentro. Faça o mesmo com a do Paflagônio. Fique tranquilo, que a tua decisão vai ser acertada.

POVO

(*olhando a cesta do Salsicheiro*)

Ora, vejamos, esta aqui, o que tem dentro?

SALSICHEIRO

Não vês que está vazia, tiozinho? Se eu já te dei tudo!

POVO

Ora, aqui está uma cesta verdadeiramente democrática!

SALSICHEIRO

Agora venha cá. Olhe a do Paflagônio. (*Levanta-lhe a tampa*) Estás vendo isto?

POVO

Ah, raios! Cheiinha de tudo o que é bom! O pedação de torta que o cara reservou para ele! A mim deu uma fatiinha que não era maior que isto.

SALSICHEIRO

Pois é assim mesmo que ele tem feito até agora. Dava-te um pedacinho do que conseguia e guardava a maior parte para ele.

POVO

(*ao Paflagônio*)

Ah, safado! Era assim que tu me enganavas, roubando dessa maneira. E eu cobrindo-te de coroas e de presentes!

PAFLAGÔNIO

Mas olhe que, se eu roubasse, seria pelo interesse da cidade.

POVO

Pousa aí a tua coroa - depressa! - para eu a pôr neste camarada aqui.

SALSICHEIRO

Pousa lá isso depressa, patife!

PAFLAGÔNIO

Não, não! Pois eu tenho um oráculo pítico que indica aquele que será o único a poder vencer-me.

SALSICHEIRO

E é o meu nome que indica, quanto a isso não há dúvida.

PAFLAGÔNIO

Pois bem, vamos então tirar a prova, para saber se tens alguma coisa a ver com a profecia. Agora, uma perguntinha para te experimentar: nos tempos de criança, em que escola estudaste?

SALSICHEIRO

Foi nos matadouros que me criei, à força de soco.

PAFLAGÔNIO

Que estás dizendo? (*À parte*) Ah, esse oráculo, como me fere o coração! (*De novo ao Salsicheiro*) Bom. E quanto ao pedótriba, que golpes aprendeste?

SALSICHEIRO

A roubar e a jurar em falso, olhando as pessoas de frente.

PAFLAGÔNIO

(*à parte*)

Ah, Febo Apolo, deus da Lícia, que mais tu me reservas? (*Ao rival*) E já homem feito, qual era a tua profissão?

SALSICHEIRO

Vendia chouriços e fazia uns servicinhos de maricas.

PAFLAGÔNIO

(*à parte*)

Ai de mim, estou perdido! Acabou-se! Está tudo acabado! Bem leve é a esperança que nos sustém. (*De novo ao Salsicheiro*) Ainda mais uma coisa: onde é que tu vendias os chouriços, na ágora ou às portas da cidade?

SALSICHEIRO

Às portas da cidade, onde se vende a salga.

PAFLAGÔNIO

Pronto! Cumpriu-se o oráculo do deus. Rolem lá para dentro este pobre infeliz que eu sou. (*Tira a coroa e despede-se*) Ó coroa, vai-te, adeus! É contra vontade que te deixo. Outro há de te usar, mais ladrão do que eu decerto não, mais feliz talvez.

SALSICHEIRO

Zeus helênico, a vitória é tua!

1º ESCRAVO

Bravo, vencedor! Lembra-te de que te tornaste alguém, graças a mim. Quero pedir-te um favor sem importância: o de ser teu Fano, teu signatário nos processos.

POVO

E agora diga-me: qual é o teu nome?

SALSICHEIRO

Agorácrito, já que foi na ágora, no meio das discussões, que me criei.

POVO

Pois bem, é a Agorácrito que confio a minha sorte. E esse tal Paflagônio que passe muito bem!

SALSICHEIRO

Da minha parte, Povo, vou servir-te o melhor que puder, de tal modo que hás de reconhecer que nunca viste ninguém mais dedicado à cidade dos... basbaquenses.

(*Entram em casa*)

CORO

Que pode haver de mais belo, para começarmos ou acabarmos o nosso canto, do que não entoarmos, nós, os condutores de velozes corcéis - babando de gozo - nem uma palavra de ataque contra Lisístrato, ou contra Tumântis, esse desgraçado sem eira nem beira? Pois o pobre coitado - ah, Apolo, meu caro Apolo! -, sempre com a barriguinha vazia, lavado em lágrimas, vai se agarrando ao teu coldre, na divina Pito, para ver se se safa da miséria.

Contar piadas a essa cambada que anda por aí, não tem nada de censurável; é, ao contrário, uma homenagem prestada à gente de bem, para quem sabe ver as coisas como elas são. Porque se o camarada que está precisando ouvir umas palavras duras fosse suficientemente famoso, evitava que eu mencionasse aqui o nome de um amigo. É que se Arignoto é bem conhecido por todo aquele que sabe distinguir o branco... do ritmo órtio, tem, no entanto, um irmão que não lhe é nada quanto à maneira de ser, esse Arífrades, um perfeito esperto. E mais, o é e com muito gosto. E se fosse só esperto, um esperto de primeira categoria, nem se reparava. Mas arranjou uma melhor para lhe juntar: anda pelos prostíbulos emporcalhando a língua, com lambidelas imundas, a barba num nojo, a incendiar vergonhas. Depois faz cantigas à moda de Polimnesto e associa-se a Eônico. Quem não sentir um asco profundo por tal fulano, nunca há de beber conosco na mesma taça.

Mais de uma vez, durante a noite, entregue aos meus pensamentos, me pus a meditar onde diabo irá o Cleônimo buscar a papinha, assim do pé para a mão. É que, segundo ouvi dizer, o tal homenzinho, uma vez que foi encher a pança na casa de gente de grana, não desgrudava da panela. Nem mesmo com aquela turma a suplicar-lhe: "Vamos, meu senhor, por quem és, sai daqui, poupa ao menos a mesa".

Dizem que as trirremes se reuniram em assembleia e que só uma delas, a mais velha de todas, usou da palavra: "Vocês, meninas, já ouviram dizer o que vai por essa cidade? Diz-se por aí que um indivíduo qualquer pediu cem de nós para fazer uma expedição contra Cartago, um safado de um cidadão, esse

Hipérbolo, o vinagrete". A coisa pareceu-lhes terrível, intolerável mesmo. Então uma delas, em quem homem algum jamais havia tocado com um dedo, disse: "Deus protetor, não há de ser a mim que ele há de comandar nunca. Mas se tivesse de ser, antes eu envelhecesse aqui mesmo, roída pelo caruncho". "Nem a mim, Naufante, filha de Náuson, não, caramba! Tão certo como eu ser feita de pinheiro e de madeira! E se essa ideia agrada aos atenienses, parece-me melhor navegarmos para o Teséion ou para o templo das deusas sagradas e refugiarmo-nos lá. Não há de ser à frente do nosso grupo que há de enrolar a cidade. Que ele navegue sozinho... para o raio que o parta, se lhe der vontade. Que ponha no mar os caixotes onde vendia as lamparinas".

(*O Salsicheiro regressa, em traje de festa, com toda a solenidade*)

SALSICHEIRO

Silêncio! Fechem a boca! Que se interrompam os depoimentos das testemunhas e que se encerrem os tribunais que fazem a alegria desta terra. Que, em honra desta felicidade que acaba de nos ser concedida, os espectadores entoem um péan.

CORO

Ó chama da sagrada Atenas, protetora das ilhas, que boas novas nos trazes, que nos façam encher os ares da fumaça dos sacrifícios?

SALSICHEIRO

O Povo, dei-lhe uma fervura, e de feio que era, aqui o tem bonito de se ver.

CORO

E onde ele está agora, ó criador de ideias brilhantes?

SALSICHEIRO

Vive na velha Atenas coroada de violetas.

CORO

Como o podemos reconhecer? Que roupa é que ele usa? Como ele está agora?

SALSICHEIRO

Tal e qual como no tempo em que comia à mesa com Aristides e Milcíades. Vocês vão vê-lo agora. Já se ouve o ruído dos Propileus a abrirem. Vamos, soltem gritos de alegria; eis que surge a velha Atenas, admirável e tão celebrada, moradia do glorioso Povo.

CORO

Ó Atenas de brilho sem igual, coroada de violetas, cidade tão invejada, mostra-nos o soberano da Hélade e desta terra também.

(*Aparece o Povo, rejuvenescido e radiante, com um traje esplêndido*)

SALSICHEIRO

Aí está ele, olhem-no, com o broche da cigarra, no esplendor do seu traje antigo. Não é a conchas que ele cheira, é a tréguas, todo ungido de mirra.

CORO

Viva, senhor da Hélade, também nós tomamos parte na tua alegria. A tua sorte é digna da cidade e do troféu de Maratona.

POVO

Tu, meu grande amigo, chega aqui, Agorácrito. Que grande favor me fizeste com essa fervura!

SALSICHEIRO

Achas? Bem, meu caro, tu não tens consciência do que eras antes, nem do que fazias. Senão consideravas-me um deus.

POVO

Mas o que é que eu fazia antes? Diga lá! Como é que eu era?

SALSICHEIRO

Antes de mais nada, quando alguém dizia na assembleia: “Povo, sou teu admirador apaixonado, quero-te muito, és o meu enlevo, só eu olho pelos teus interesses”, mal se punha mão a um argumento destes, tu batias as asas e arrebitavas os chifres.

POVO

Eu?

SALSICHEIRO

Enquanto isso, ele já tinha partido, depois de colocar uma pulga atrás da tua orelha com essas baboseiras.

POVO

O que tu estás dizendo? Então era assim que eles lidavam comigo, e eu sem perceber nada?

SALSICHEIRO

É que os teus ouvidos - caramba! - abriam-se como um guarda-sol, para logo se voltarem a fechar.

POVO

Será que realmente eu fiquei assim bobo e pateta?

SALSICHEIRO

E mais ainda, com a breca! Se dois oradores propunham, um que se fizessem grandes navios, o outro que se gastasse esse dinheiro em salários, aquele que falasse em salários ganhava daquele das trirremes. (*O Povo baixa a cabeça, envergonhado*) Ei, por que baixas a cabeça? Não podes aguentar firme aí?

POVO

Tenho vergonha dos meus erros de antigamente.

SALSICHEIRO

Mas a culpa não era tua, fica tranquilo, a culpa era dos que sabiam te enganar. E agora, diga-me uma coisa. Se um fanfarrão de um acusador oficioso te disser: "Acaba-se-vos o pão, juízes, se não decidirdes pela condenação neste processo", o que é que tu lhe fazes, diga lá, a esse acusador?

POVO

Levanto o camarada no ar e atiro-o para as profundezas, com o Hipérbolo pendurado ao pescoço.

SALSICHEIRO

Ora, aí está como se fala bem e com cabeça. E quanto ao resto, vamos ver, qual vai ser a tua política? Fala.

POVO

Para começar, a todos os remadores de grandes navios, desde o momento que entrem no porto, pago-lhes o soldo por inteiro.

SALSICHEIRO

Para uma quantidade de traseiros um tanto gastos, é uma grande amabilidade da tua parte.

POVO

A seguir, nenhum hoplita, depois de inscrito numa lista, pode, por recomendação, mudar de lugar; tem de ficar inscrito onde estava primeiro.

SALSICHEIRO

Isso é o que se chama roer o boldrié do Cleônimo.

POVO

Nem mais um imberbe há de vadiar pela ágora.

SALSICHEIRO

Então onde é que há de vadiar o Clístenes com o seu Estráton?

POVO

Refiro-me a essa rapaziada do mercado dos perfumes, que, ocultos por ali, pronunciam tolices deste tipo: “Que saber, o tal do Féax! Que artes ele usou para escapar à morte! Um argumentador de primeira, impressionador, de fraseado um grande produtor, claro, encantador, hipnotizador sem-par de qualquer reclamador”.

SALSICHEIRO

E tu? Não me saíste um... manguitador desse estilo de tagarela?!

POVO

Com os diabos! Pois vou obrigar, a todos, a caçarem e a deixarem-se de decretos.

(*O Salsicheiro faz sinal a um escravo, que entra com uma cadeira de abrir*)

SALSICHEIRO

Sendo assim, aqui tens esta cadeira de abrir, e este moço bem... apetrechado, para te carregar com ela. E se quiseres faz dele uma cadeira de abrir.

POVO

Que felicidade voltar à vida antiga!

SALSICHEIRO

Fala quando eu te passar para as mãos as tréguas por trinta anos. Vem cá, Trégua, depressa! (*Uma jovem apresenta-se ao Povo*)

POVO

Zeus venerável, que beleza! Com a breca, pode-se matar um desejo de trinta anos com ela? Onde diabo tu a foste arranjar?

SALSICHEIRO

Não é que o Paflagônio a escondeu lá dentro, para tu não lhe pores a mão? Pois bem, agora sou eu que ta entrego para ires para o campo com ela.

POVO

E o Paflagônio, mais as suas tramoias, que castigo lhe vais dar, posso saber?

SALSICHEIRO

Nada de especial: ele só vai passar para o meu negócio. Há de ir, sozinho, vender chouriços à entrada da cidade: é vê-lo misturar carne de cão e de burro, como fazia com a política. Com uns copinhos a mais, há de pôr-se a insultar as prostitutas, e a beber a água suja dos banhos públicos.

POVO

Bem pensado! É isso mesmo que ele está pedindo, andar engalfinhado com prostitutas e com a gentinha dos banhos. Em contrapartida, a ti convido a ocupar, no Pritaneu, o lugar que pertencia a esse malvado. Vem comigo, toma esta farpela verde-rã. Esse outro fulano, que o levem para o trabalho, de modo que o vejam os estrangeiros, a quem deu tantas dores de cabeça.

Aristófanes: *Os cavaleiros*, versão do grego de Maria de Fátima de Sousa e Silva, Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

As nuvens

Tradução de Mário da Gama Kury

Introdução: Aristófanes e *As nuvens*

A COMÉDIA É INCORPORADA aos festivais dramáticos apenas em 487 a.C., cerca de cinquenta anos após a criação das Grandes Dionísias, o maior deles. As razões disso são obscuras, mas provavelmente estão relacionadas à formação tardia do gênero, que deve ter se espelhado na tragédia para superar a fase de improvisos e constituir uma forma literária.

Aristófanes, o principal poeta do gênero e o único do qual foram preservadas peças na íntegra, atua no último quarto do século V a.C. Dos seus pares, conhecemos pouco mais que os nomes e os títulos das peças, reduzidas hoje a fragmentos. Apontado pelos antigos, ao lado de Cratino e Eupolis, como integrante da tríade cômica canônica, Aristófanes compôs cerca de quarenta comédias, das quais onze foram preservadas. Além de ser um número representativo, elas se distribuem ao longo de sua carreira, dando uma boa ideia de sua trajetória artística. São elas: *Acarnenses*, *Cavaleiros*, *As vespas*, *As nuvens*, *Paz*, *As aves*, *Lisístrata*, *As tesmoforiantes*, *As rãs*, *Só para mulheres* e *Um deus chamado dinheiro*. Embora representem apenas uma fração do que se produziu no gênero, devemos muito de nosso conhecimento da comédia antiga a elas.

Apesar dessa centralidade, pouco se sabe sobre a vida de Aristófanes. De certo, tem-se que o poeta nasceu por volta de 450 a.C. e que fez sua estreia em 427 a.C., com *Os convivas*, peça da qual só restaram alguns fragmentos. Somente dois anos depois, em 425 a.C., com *Cavaleiros*, ele se arriscou na direção, posto de grande visibilidade, exercido na maioria das vezes pelos autores, que ensaiavam coro e atores. Nessa peça, o coro declara que a composição de comédias é "a mais árdua dentre todas", em virtude do caráter instável dos espectadores, que passam do apoio à vaia em questão de instantes. Aristófanes morreu em 385 a.C., em Atenas.

Essa breve cronologia revela que praticamente toda a carreira do comediógrafo transcorreu durante a Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.), evento que marcou profundamente seu tempo e seu teatro. O conflito pan-helênico contrapôs Atenas e Esparta e seus respectivos aliados por quase três décadas, exigindo enormes sacrifícios das populações e cidades envolvidas. É natural, assim, que a paz assuma lugar de destaque em sua obra - ao menos três comédias tratam diretamente do tema, a saber, *Acarnenses*, *Paz* e *Lisístrata*. Nelas, ressalta-se a devastação que a guerra traz e elaboram-se planos extraordinários para pôr fim às hostilidades e restabelecer a concórdia. Mais do que refletir a opinião do poeta, isso revela uma convenção do gênero. Ideologicamente a comédia exalta a vida, a festa e a fartura, valores incompatíveis com a guerra.

O fato de o poeta repudiar a guerra e criticar a forma como a cidade conduzia sua política revela o vínculo que a comédia mantinha com a democracia. Ao contrário do que acontece com a tragédia, cuja introdução nos festivais dionisíacos é contemporânea à tirania de Pisístrato, a comédia só passa a integrar o programa dramático após as reformas democráticas. Foi o novo contexto político que forneceu a salvaguarda institucional, que se somava à religiosa, para se censurar a comunidade e os indivíduos pelos seus vícios. A invectiva pessoal, propriedade que a comédia antiga partilha com a lírica jâmbica[1] ([1] A lírica jâmbica se caracteriza pela sátira virulenta a indivíduos e costumes. Arquíloco e Semônides de Amorgos são seus principais representantes na Grécia.), é um de seus traços característicos. O objeto de sua crítica é a autoridade constituída, seja ela política, religiosa ou intelectual, que com frequência é substituída por um personagem marginalizado na sociedade, um camponês pobre ou uma mulher. Assim, personalidades influentes da cidade estão na mira do comediógrafo e, por vezes, são feitas personagens das comédias. É o que acontece com os poetas Ésquilo e Eurípides, o filósofo Sócrates, o demagogo Cleão, entre outros. Nem os deuses escapam da verve cômica: em *As aves* e *Um deus chamado dinheiro*, Zeus acaba deposto de seu trono, enquanto Posídon e Hermes são rebaixados e obrigados a negociar seu sustento com os mortais; em *As rãs*, Dioniso, o deus do teatro, é ridicularizado.

A comédia antiga é considerada política justamente por discutir a *pólis* e suas instituições. Num momento posterior, com a derrota ateniense na Guerra do Peloponeso e o consequente declínio do debate público, a esfera privada ganharia maior destaque. Essa tendência consolidou-se ao longo do século IV, com o advento da comédia nova, que tem em Menandro seu principal expoente. Nela, as intrigas domésticas assumem definitivamente o primeiro plano e o coro, que representa a opinião pública, deixa de ter relevância.

Nas comédias aristofânicas, o coro é muito atuante, assumindo as caracterizações mais diversas - os comediógrafos, longe de se contentar apenas com formas humanas, atribuíram a seus coros identidade animal ou fantástica. O herói não tem o apoio imediato do coro como nas tragédias, mas deve conquistá-lo, requisito necessário para o sucesso da empresa cômica. O coro desempenha papel importante no *agon*, a disputa de caráter verbal em que o herói deve fazer prevalecer seu ponto de vista; e na parábase, seção de natureza exclusivamente coral em que os coreutas se dirigem aos espectadores para censurá-los e elogiar o poeta, pedindo votos para sua comédia, como se vê em *As nuvens*, onde os coreutas, aqui personificações de nuvens, prometem chover sobre os campos daqueles que as apoiarem:

Queremos dizer aos nossos juízes que ganharão ao tomarem o partido do coro. Para início de conversa, quando vocês quiserem iniciar o trabalho em seus campos na estação apropriada, faremos chover antes de tudo para vocês e só depois para os outros. … Mas se algum de vocês nos ofender, sendo ele mortal

e nós deusas, preste muita atenção aos males que suportará, vindo de nós: não produzirá nem vinho nem nada em suas terras.

Dentre as comédias de Aristófanes, *As nuvens* é uma das mais conhecidas, sobretudo por trazer como personagens o filósofo Sócrates, imortalizado por Platão em seus *Diálogos*. Sócrates viveu em Atenas na segunda metade do século V a.C., na mesma época de Aristófanes. Sua prática filosófica consistia em abordar pessoas consideradas pela sua sabedoria e com elas entabular longas conversas em que investigava um assunto e questionava os pontos de vista consolidados. Apesar de não ter legado nenhum registro escrito de tais entrevistas, seus discípulos, notadamente Platão e Xenofonte, tomaram para si a tarefa de manter viva sua memória, fazendo dele uma personagem central nas obras que deixaram.

Mas, ao contrário do que acontece nos textos desses filósofos, o Sócrates cômico não está livre de defeitos. Ele dirige uma escola dedicada a altas investigações e ao ensino de técnicas retóricas, o Pensatório. É a ele que o herói da comédia, Strepsiades, recorre na esperança de aprender a ganhar todas as causas no tribunal, mesmo as não fundamentadas. Essa associação do filósofo com a retórica, bem como a menção de que ele cobraria por seus ensinamentos e a própria ideia da escola, avessa aos preceitos socráticos, revelam que o alvo da comédia é outra espécie de intelectual, bastante comum na Atenas daquele tempo: o sofista.

Os sofistas propunham-se a ensinar a persuadir através do discurso sem levar em consideração se as teses defendidas eram justas ou não. Também relativizavam os conhecimentos e certezas herdados do passado e questionavam a natureza dos deuses. Tomavam como alunos os filhos das famílias abastadas e, a acreditar em Platão, cobravam vultosas quantias por suas lições. Sócrates, que nos diálogos platônicos é o principal crítico desses profissionais do ensino, foi a eles assemelhado por Aristófanes - talvez por força de andar sempre em sua companhia ou na de seus jovens alunos.

O filósofo também é retratado, no começo de *As nuvens*, como um investigador dos fenômenos naturais. Quando entra em cena, está pairando nos ares, suspenso em uma cesta (*ex machina*?) de modo a melhor estudar o sol, enquanto seus discípulos investigam o que está sob a terra. Na *Apologia de Sócrates*, obra em que Platão pretensamente teria registrado a defesa do filósofo perante o tribunal que viria a condená-lo à morte, pela ingestão de cicuta, Sócrates se queixa de sua imagem pública ter sido deturpada pelos comediógrafos, que o representaram a andar pelos ares e pronunciar tolices, no que, acredita-se, seja uma alusão às *Nuvens*. Assim, tudo indica que o Sócrates aristofânico reúne características de sábios e cientistas diversos, compondo uma espécie de mosaico caricato do intelectual que, mais tarde, na *commedia dell'arte*[2] ([2] Gênero dramático de raiz popular, surgido na Itália a partir do séc.

XV e forte também na França, até o séc. XVIII.), resultará na personagem do *dottore*, o sabichão pretensioso e charlatão.

Já o herói cômico, Strepsiades, está entre os mais sóbrios da comédia antiga. Tanto o problema que o afeta quanto a solução que encontra para superá-lo são relativamente banais. Seu filho, Fidipides, vive acima de suas posses e o pai se encontra endividado. Acredita que pode se livrar dos credores fazendo o rapaz aprender com Sócrates o raciocínio injusto, uma técnica discursiva capaz de tornar qualquer causa, independente de seu mérito, imbatível. O plano esbarra, contudo, em dois obstáculos. Primeiro, Fidipides se recusa a fazer o que lhe é pedido, de modo que o pai é forçado a se matricular no Pensatório em seu lugar. Além disso, a capacidade intelectual de Strepsiades deixa a desejar, de modo que ele não consegue reter as lições do filósofo.

Depois do fracasso do herói, ele finalmente persuade seu filho a ingressar no Pensatório. Lá, Fidipides assiste à disputa entre os dois Raciocínios, personificados, cada qual defendendo sua posição. O Raciocínio Justo defende os valores tradicionais, a disciplina e a ética. O Injusto subordina a ética aos interesses e lucros auferíveis. Diante da constatação de que a maioria dos espectadores compactuava com a nova ordem das coisas, o Justo dá-se por vencido e bate em retirada, deixando Fidipides nas mãos do Injusto. A essa altura, Sócrates não é mais do que um espectador da ação, eximindo-se de participar ativamente da educação do rapaz, mas não se deve esquecer que os dois raciocínios habitam sob seu teto.

As nuvens é uma comédia atípica por vários fatores. O mais visível deles é que seu final contraria uma regra da comédia, de que no fim o herói será sempre bem-sucedido, o que leva à festa e à celebração de suas conquistas. Nas *Nuvens*, Strepsiades está longe de triunfar e o desfecho é bastante sombrio. Por um momento somos levados a pensar que a ação tomará o rumo habitual. Quando Fidipides volta para casa, seu pai parece acreditar que seus problemas estão resolvidos e expulsa os credores de sua porta, confiante em uma vitória nos tribunais. Mas o rapaz, que aprendeu bem demais a lição, está mudado: já não respeita os mais velhos, não vê razão para se submeter às convenções sociais, contesta todo e qualquer valor. Agredido pelo filho, abandonado pelo coro de nuvens, que agora deixa claro ter desaprovado seu plano desde o início, o velho camponês resolve se vingar de Sócrates, a quem imputa a origem de seus males, e coloca fogo no Pensatório. Como se pode constatar, não há motivo para celebração.

A crítica costuma evocar outra particularidade dessa comédia para justificar seu final inusitado. Sabe-se que Aristófanes compôs duas versões de *As nuvens*, sendo aquela que conhecemos a segunda. Isso fica claro a partir de um trecho da parábase, no qual o coro, em nome do poeta, se refere ao fracasso de sua peça no passado:

Conhecendo o discernimento de vocês [espectadores], e convencido de que esta comédia, feita por mim há algum tempo com muito cuidado, era a melhor de minhas obras, achei que devia submetê-la ao julgamento do bom gosto de vocês em outra ocasião. Entretanto, fui vencido por rivais menos capazes.

A hipótese da comédia, uma espécie de sinopse que acompanhava os manuscritos, registra que, além da parábase, o final também foi revisto. Embora não se possa afirmar com certeza, tudo indica que as alterações incorporadas ao texto original, suscitadas pela má recepção que obteve dos atenienses, nunca foram levadas aos palcos e, talvez, não tenham sido tão profundas quanto o autor gostaria. O mais provável é que ele tenha procedido a uma reelaboração parcial de sua comédia, reelaboração esta que teria feito circular por escrito, para rebater as críticas que recebera após a encenação da primeira versão, em 423 a.C. A hipótese da peça sugere ainda que as alterações no final talvez tenham sido feitas para agradar àqueles que gostariam de ver o herói trapaceiro tratado com maior severidade, muito embora Strepsiades não seja exceção entre os heróis cômicos. Outra possibilidade é que julguemos com olhos muito severos o desfecho dessa trama: a cena do Pensatório em chamas e as tentativas dos filósofos de escaparem do incêndio poderia, sim, ter rendido boas gargalhadas à audiência ateniense que, com o perdão do trocadilho, amava ver o circo pegar fogo.

AS NUVENS

Época da ação: Século V a.C.

Local: Atenas

Primeira representação: 423 a.C., em Atenas

Personagens

STREPSIADES

FIDIPIDES, filho de Strepsiades

ESCRAVO

DISCÍPULO de Sócrates

SÓCRATES

RACIOCÍNIO JUSTO

RACIOCÍNIO INJUSTO

PASIAS
AMINIAS } credores de Strepsiades

TESTEMUNHA

CORO das Nuvens, dividido às vezes em dois SEMICOROS

Cenário

O quarto de dormir de STREPSIADES, que está deitado. Veem-se também FIDIPIDES e escravos adormecidos. Pela janela vê-se a casa de SÓCRATES. É noite.

PRÓLOGO, Cena 1

[Strepsiades não consegue dormir, atormentado pelas dívidas que contraiu para satisfazer o gosto de seu filho pela equitação. O rapaz, Fidipides, dorme e sonha com cavalos de corrida. O velho, um camponês radicado na cidade, lamenta ter se casado com uma moça rica local, acima de sua condição, que acostumou o filho ao luxo. Dada a proximidade do vencimento das contas, Strepsiades acorda Fidipides e tenta convencê-lo a se tornar discípulo de Sócrates para aprender uma técnica discursiva, o raciocínio injusto, que lhe isentaria do pagamento dos empréstimos. Diante da recusa do rapaz, decide ele mesmo estudar no Pensatório, a escola de Sócrates.]

STREPSIADES

Levantando-se.

Como são longas estas noites, Zeus! Parece que o dia nunca vai chegar! O galo já cantou há muito tempo, mas os meus escravos ainda estão roncando. Antigamente não era assim. Maldita seja a guerra por muitas razões e principalmente porque ela não deixa castigar estes vagabundos[1] ([1] As tensões entre senhores e escravos tendiam a se acirrar em tempos de guerra, pois temia-se que os últimos desertassem para o lado inimigo. A peça é contemporânea à Guerra do Peloponeso, que, durante três décadas, contrapôs as duas maiores cidades gregas, Atenas e Esparta, e seus aliados.)! Este meu bom filho não acorda durante a noite toda; ele dorme e peida enrolado em cinco cobertores.

STREPSIADES torna a deitar-se.

Se vocês deixarem eu também vou roncar.

Após um curto silêncio.

Mas coitado de mim! Não posso dormir, atormentado pelas despesas, pelo custo das cocheiras e dos cavalos e pelas dívidas contraídas por meu filho para sustentar tudo isso! Exibindo sua longa cabeleira ele monta a cavalo, guia um carro, sonha com cavalos, enquanto eu estou minguando ao ver a lua trazendo os dias dos vencimentos[2] ([2] O calendário grego era lunar, e no fim do mês se deviam saldar as dívidas e pagar os juros referentes aos empréstimos.), ao mesmo tempo que as dívidas e os juros se amontoam.

Acordando um dos escravos.

Acenda a lâmpada, cara! Vá buscar meu livro de contas! Quero ler os nomes de todos os meus credores e calcular logo os juros!

O escravo obedece.

Ai de mim! Vejamos as minhas dívidas: doze minas[3] ([3] A mina era uma moeda de prata grega equivalente a cem dracmas. Para se ter ideia do que representava a dívida de Strepsiades, estima-se que uma família média gastasse meio dracma para sua manutenção diária.) a Pasias… Por que doze minas a Pasias? Por que pedi emprestadas essas minas? Foi quando comprei um certo cavalo… Por que não acertei uma pedrada no olho dele?

FIDIPIDES

Sonhando.

Você está me tapeando, Fílon! Mantenha a sua posição!

STREPSIADES

É esta a minha perdição! Mesmo dormindo ele sonha com cavalos e nada mais!

FIDIPIDES

Ainda sonhando.

Quantas guinadas vão dar os carros de guerra?

STREPSIADES

Quantas vezes você me faz dar “guinadas”, eu, seu pai?

Lendo o livro de contas.

Mas vejamos: a quem devo pedir dinheiro emprestado depois desse Pasias? Três minas por um banquinho para o carro, e um par de rodas a Aminias…

FIDIPIDES

Ainda sonhando.

Traga o cavalo para a cocheira depois de fazer o bicho rolar no chão!

STREPSIADES

Sou eu que você obriga a rolar para longe de meus bens, meu caro! Já fui condenado a pagar contas, e outros credores me ameaçam de tomar o que me resta para garantia das dívidas.

FIDIPIDES

Acordando.

Por que, meu pai, você tem de fazer essas coisas desagradáveis em plena noite, rolando na cama o tempo todo?

STREPSIADES

É a ferroada de… um oficial de justiça que me obriga a sair debaixo do cobertor.

FIDIPIDES

Me deixe dormir um pouco, homem possuído pelo diabo!

FIDIPIDES torna a adormecer.

STREPSIADES

Durma, então, mas fique sabendo que todas essas dívidas um dia vão cair em cima de sua cabeça! Ah! Por que não morreu miseravelmente a fofoqueira que pôs em minha cabeça a ideia de me casar com sua mãe? Eu levava uma vida feliz de caipira; minha existência era simples e dura, sem frescuras; eu tinha uma porção de colmeias, ovelhas, bagaço de azeitonas… De repente me casei com a sobrinha de Megaclés[4] ([4] O nome Megaclés está documentado em Atenas, mas, ao que tudo indica, Aristófanes o escolheu menos para zombar de um indivíduo em particular e mais com o intuito de explorar seu significado: pode ser traduzido por "Megafamoso" (ou, numa versão mais ousada, "Vip"), o

que condiz bem com o sogro aristocrata de Strepsiades.), filho do nobre Megaclés, eu, um caipira, e ela uma moça da cidade, uma senhorita, uma pretensiosa, metida a grande dama. No dia do casamento, ao lado dela na mesa, eu cheirava a vinho novo, a queijo ainda nas formas, a lã tosada pouco tempo antes - a abundância!; ela cheirava a perfumes, a açafrão, a beijos amorosos - despesas, ambição! -, devota de Afrodite[5] ([5] A deusa do amor na mitologia grega, Afrodite corresponde à Vênus dos latinos.), padroeira do peru e das atividades dele. Não quero dizer que ela era preguiçosa; ao contrário, as mãos dela estavam sempre ocupadas, e eu mostrava a ela o meu manto com alguma coisa dura por baixo, aproveitando para dizer: "Você sabe mexer muito bem com as mãos, mulher!"

O lampião apaga-se.

ESCRAVO

Acabou o óleo do lampião, patrão!

STREPSIADES

Coitado de mim! Por que você acendeu este lampião que gasta óleo demais? Venha até aqui para eu lhe dar umas porradas!

ESCRAVO

Mas por que o senhor quer me dar porradas, patrão?

STREPSIADES

Porque você pôs uma mecha muito grossa no lampião.

O ESCRAVO afasta-se com o lampião.

STREPSIADES

Continuando a monologar.

Logo depois do nascimento deste filho meu e de minha muito boa esposa, eu e ela discutimos sobre o nome a dar a ele. Ela queria que o nome tivesse alguma coisa que lembrasse "cavalo"[6] ([6] O composto *híppos* (cavalo, em grego) estava associado na Grécia aos nomes de famílias aristocráticas, revelando status social elevado.): Xântipo, Cáripo ou Calipides. Eu, pensando no avô dele, queria que fosse Fidonides[7] ([7] Além de ser habitual que o neto recebesse o mesmo nome do avô paterno, o significado de Fidonides, "Poupador", também agrada ao pai.). A discussão durou muito tempo, mas finalmente a gente concordou com Fidipides[8] ([8] Para contentar ambos os pais, o menino recebeu um nome misto, Fidipides, que pode ser traduzido como "Poupador de cavalos", o que produz efeito irônico.). Ensinando a ele as palavras a mãe dizia: "Quando você for grande e guiar seu carro para ir à cidade, como Megaclés, vestindo uma túnica da cor de púrpura…" E eu dizia: "Em vez disso, quando você trouxer as cabras do monte Fileu, como seu pai, vestido com uma pele de cabra…" Mas ele não quis de jeito nenhum ouvir minhas palavras e atropelou meus bens com seus cavalos. Agora, obrigado a procurar durante toda a noite a melhor saída, só achei uma: um caminho divinamente maravilhoso; se eu puder convencer meu filho a seguir esse caminho, estou salvo!… Mas antes tenho de acordar este dorminhoco. Como devo agir para despertar Fidipides da maneira mais agradável possível? Como? Fidipides! Meu Fidipidesinho!…

FIDIPIDES

Que é, meu pai?

STREPSIADES

Me abrace e me dê sua mão direita!

FIDIPIDES

Aqui está ela. Qual é o caso?

STREPSIADES

Me diga se você gosta de mim.

FIDIPIDES

Gosto sim, por Poseidon que está ali, o deus dos cavalos.

STREPSIADES

Não! Não me fale muito deste deus dos cavalos! Ele é a causa de minha desgraça. Mas se você quer mesmo bem a seu velho pai, meu filho, de todo o coração, faça o que eu vou dizer.

FIDIPIDES

Que é que você quer que eu faça?

STREPSIADES

Mude completamente e o mais depressa possível seu modo de viver e aceite o que vou lhe recomendar.

FIDIPIDES

Então fale. Quais são as suas ordens?

STREPSIADES

Você vai me obedecer um pouquinho?

FIDIPIDES

Obedeço, sim, por Diôniso.

STREPSIADES

Fazendo um gesto com a mão na direção da casa de SÓCRATES.

Olhe para este lado; você está vendo aquela casinha e aquela portinha?

FIDIPIDES

Estou vendo. Que é que você quer dizer com isto, meu pai?

STREPSIADES

Ali é o "Pensatório", a escola dos espíritos sabidos. Lá dentro vivem pessoas que, falando a respeito do céu, nos convencem de que ele é um forno que cobre a gente e de que a gente é o carvão dele[9] ([9] Strepsiades expõe de forma caricata teorias filosóficas em voga no seu tempo, com destaque para a conjectura do filósofo pré-socrático Hipon de que o ar abafaria a terra como um forno. O herói deduz, então, que os homens seriam os carvões, já que habitam o interior do forno.). Aqueles caras ensinam os outros, se eles quiserem contribuir com algum dinheiro, a tornarem vitoriosas todas as causas, justas ou injustas, usando só as palavras.

FIDIPIDES

E quem são esses caras?

STREPSIADES

Não sei muito bem o nome deles; eles são pensadores-meditabundos e muito sérios.

FIDIPIDES

Agora eu sei quem são eles! Você está falando daqueles vigaristas, descalços e brancosos, daquela turma onde estão o maldito Sócrates e o Cairefon[10] ([10] Cairefon, ou Querofonte, amigo de Sócrates, satirizado com frequência na comédia por sua palidez e aspecto doentio.) maldito.

STREPSIADES

Cale a boca! Não diga bobagens! Mas se você se preocupa com seu pai e quer que ele tenha pão para comer, passe a ser um deles e abandone a sua cavalaria.

FIDIPIDES

Não! Nem se você me oferecesse os faisões criados por Leagoras[11] ([11] Leagoras era um ateniense rico, como revela sua criação de raros faisões. Era parente de Péricles e pai de Andócides, o orador.)!

STREPSIADES

Escute o meu apelo! Você, que é a criatura mais querida por mim, vá aprender com eles!

FIDIPIDES

O que é que você deseja que eu aprenda com aquela gente?

STREPSIADES

O pessoal diz que eles usam dois raciocínios ao mesmo tempo: o justo e o injusto. Um desses raciocínios - o injusto - derrota o outro - o justo - defendendo as causas injustas. Então, se você me der o prazer de aprender esse raciocínio injusto, eu não vou pagar a ninguém um simples centavo de todas as dívidas que eu contraí por sua causa, meu filho.

FIDIPIDES

Não posso obedecer, pai; eu não ia ter coragem de aparecer com a cara pálida diante dos outros cavaleiros[12] ([12] Fidipides prezava seu bronzeado, signo

de uma vida ao ar livre, dedicada às atividades físicas, compatível com sua classe social. Os filósofos, recolhidos ao Pensatório, adquiriam a palidez característica das mulheres e dos artesãos, de modo que seria motivo de vergonha para Fidipides ser confundido com eles.).

STREPSIADES

Então você não vai comer mais à minha custa, nem você nem seus cavalos de carro, nem seus cavalos de montar! Eu vou pôr você para fora de casa! Vá para o inferno!

FIDIPIDES

Mas meu tio Megaclés não vai me deixar sem cavalos. Volto para a casa dele e não quero mais saber de você!

STREPSIADES

Está bem! Por ter caído uma vez não vou ficar esticado no chão! Eu mesmo, depois de invocar os deuses, vou aprender o que você não quer. Vou já para o "Pensatório"!

Hesitante.

Mas como um velho gagá, com o espírito lerdo, pode aprender as frescuras dos raciocínios certinhos?

Decidido.

Mas tenho de ir! Por que estou aqui bobeando em vez de bater nesta porta?

PRÓLOGO, Cena 2

[Strepsiades vai ao Pensatório e é recebido por um dos discípulos, com quem se informa sobre as atividades ali praticadas. Avista Sócrates em uma cesta suspensa nos ares, ocupado com a observação do sol. Sócrates o aceita em sua escola, desde que ele renegue os deuses olímpicos e passe a venerar as Nuvens como divindades supremas. Com a concordância de Strepsiades, o filósofo roga que as Nuvens venham a sua presença.]

STREPSIADES

Batendo na porta da casa de SÓCRATES.

Menino! Menininho!

DISCÍPULO DE SÓCRATES

Do interior da casa.

Quem está batendo na porta? Vá para o inferno!

STREPSIADES

Strepsiades, filho de Pandíon, do distrito de Cicina!

DISCÍPULO

Você é um mal-educado para ter batido com esta sem-cerimônia e com tanta força na porta, causando o aborto de uma ideia já concebida em minha mente!

STREPSIADES

Desculpe; moro longe, no campo. Mas me conte como foi o seu aborto.

DISCÍPULO

Isto só pode ser dito aos condiscípulos.

STREPSIADES

Diga sem medo, pois venho ao Pensatório para ser seu condiscípulo.

DISCÍPULO

Então vou dizer, mas é necessário manter estas coisas em segredo, como se fossem mistérios. Há pouco tempo Sócrates perguntou a Cairefon quantas vezes o tamanho de suas patas uma pulga salta (ela tinha picado Cairefon na sobrancelha e pulado até a cabeça de Sócrates).

STREPSIADES

E como ele mediu o pulo?

DISCÍPULO

De uma maneira muito engenhosa. Ele derreteu cera e em seguida, pegando a pulga, pôs a cera nas duas patas dianteiras dela; quando a cera esfriou formou botas da Pérsia[13] ([13] As botas produzidas na Pérsia eram muito apreciadas em Atenas.) nas patinhas da pulga; depois mediu a distância com elas.

STREPSIADES

Quanta finura de espírito!

DISCÍPULO

Que significaria isso se você soubesse de outra ideia de Sócrates?

STREPSIADES

Qual? Me diga, por favor!

DISCÍPULO

Cairefon de Sfetos perguntou se na opinião dele os mosquitos zumbem pela tromba ou pelo traseiro.

STREPSIADES

Qual foi a resposta de Sócrates quanto aos mosquitos?

DISCÍPULO

Ele disse que os intestinos dos mosquitos são muito finos; o cólon, sendo estreito, obriga o ar a passar com força diretamente até o traseiro; depois, saindo através do reto apertado, faz o ânus ressoar por causa da violência do sopro.

STREPSIADES

Então o traseiro dos mosquitos é uma trombeta! O autor desta descoberta é triplamente feliz! Com certeza, quem conhece bem o intestino pode escapar facilmente de uma condenação se for acusado…

DISCÍPULO

Há pouco tempo uma lagartixa atrapalhou uma indagação transcendental dele.

STREPSIADES

E como aconteceu isto? Me conte!

DISCÍPULO

Quando Sócrates observava a lua para estudar o curso e as evoluções dela, no momento em que ele olhava de boca aberta para o céu, do alto do teto uma lagartixa noturna, dessas pintadas, defecou na boca dele.

STREPSIADES

Que delícia! Uma lagartixa despejou toda a merda dela na boca escancarada de Sócrates!

DISCÍPULO

E ontem à noite não tínhamos o que comer.

STREPSIADES

E que trambique ele imaginou para dar comida a vocês?

DISCÍPULO

Ele espalhou sobre a mesa de um ginásio de esportes uma fina camada de cinzas, curvou uma haste de ferro e usou a haste como um compasso. Enquanto todos olhavam embasbacados ele escamoteou um manto para vender e com o dinheiro comprou comida.

STREPSIADES

Por que, então, vamos admirar o famoso Tales[14] ([14] Tales de Mileto era considerado um dos Sete Sábios da Grécia. Seu nome é usado nesta comédia como sinônimo de gênio.)? Abra! Abra já o Pensatório e me mostre logo esse Sócrates! Estou ansioso para ser discípulo dele. Abra a porta!

A porta é completamente aberta e se veem no interior outros discípulos de SÓCRATES igualmente pálidos e cadavéricos. STREPSIADES continua.

De onde vieram estas bichas?

DISCÍPULO

De que você se admira? Com quem você acha que eles se parecem?

STREPSIADES

Com os prisioneiros lacônios de Pilos[15] ([15] Em 425 a.C., os atenienses capturaram uma tropa de soldados espartanos (também denominados lacônios ou lacedemônios) em Pilos. Os prisioneiros foram mantidos em Atenas até 421 a.C., quando se celebrou a paz de Nícias. É de se supor que as más condições do cativeiro justifiquem a comparação de Strepsiades.). Mas por que eles olham tanto para o chão?

DISCÍPULO

Eles procuram o que existe embaixo da terra.

STREPSIADES

Então eles procuram cebolas.

Dirigindo-se aos discípulos.

Não sofram por isso! Sei onde vocês podem encontrar grandes e bonitas. E aqueles ali, recurvados para o chão, que estão fazendo?

DISCÍPULO

Eles investigam o Érebo até as profundezas do Tártaro[16] ([16] Um dos elementos primordiais da cosmogonia grega, o Tártaro seria identificado com a região mais profunda do universo, abaixo mesmo do Hades. Filho do Caos, o Érebo personifica a escuridão das regiões inferiores.).

STREPSIADES

Por que, então, o olho traseiro deles fica contemplando o céu?

DISCÍPULO

Eles aprendem ao mesmo tempo astronomia com os respectivos traseiros.

Dirigindo-se aos discípulos próximos à porta.

Entrem, para que o mestre não veja vocês aí!

STREPSIADES

Ainda não! Ainda não! Deixe os moços aí. Vou falar com eles sobre um probleminha meu.

DISCÍPULO

Mas eles não podem ficar ao ar livre, fora do Pensatório, durante muito tempo.

STREPSIADES

Notando alguns objetos estranhos.

Que coisas esquisitas são estas? Diga!

DISCÍPULO

São instrumentos relacionados com a astronomia.

STREPSIADES

Apontando para outro objeto estranho.

E este aqui, para que serve?

DISCÍPULO

Também para o estudo da astronomia.

STREPSIADES

E para que serve aquele outro?

DISCÍPULO

Para medir a terra.

STREPSIADES

As terras separadas em lotes?

DISCÍPULO

Não; a terra inteira.

STREPSIADES

O que você está dizendo é interessante… A ideia é democrática e boa.

DISCÍPULO

Mostrando um mapa.

Aqui está, diante de você, a terra toda. Você está vendo? Atenas fica neste ponto.

STREPSIADES

Que é que você está dizendo? Não acredito, pois não vejo juízes reunidos em sessão nos tribunais[17] ([17] A democracia ateniense era sustentada por um vasto aparelho jurídico, que envolvia de forma apaixonada grande parte dos cidadãos. Daí Strepsiades não reconhecer sua cidade quando os tribunais não estão representados no mapa.).

DISCÍPULO

Pois isto representa fielmente todo o território da Ática.

STREPSIADES

E onde vivem os cicínios, meus conterrâneos de distrito?

DISCÍPULO

Eles estão ali, e como você pode ver a Eubeia é aqui, estendendo-se ao longo da costa, muito comprida, indo bem longe.

STREPSIADES

Eu sei; nós e Péricles demos um puxão de orelha na Eubeia[18] ([18] Em 446 a.C., Péricles, chefe do governo ateniense no início da Guerra do Peloponeso, reprimiu a revolta dos habitantes da Eubeia contra Atenas. É de se supor que Strepsiades tenha participado dessa campanha.). Mas onde está a Lacedemônia[19] ([19] Em virtude da guerra contra Esparta (ou Lacedemônia), Strepsiades quer mudá-la de lugar no mapa, de modo a ficar bem distante de Atenas.)?

DISCÍPULO

Onde ela está? Aqui!

STREPSIADES

Como ela está perto de nós! Trate de afastá-la para muito longe!

DISCÍPULO

Mas isto não é possível!

STREPSIADES

Você vai sofrer por isto!

Vendo SÓCRATES.

Olhe ali! Quem é aquele cara que está empoleirado naquela cesta suspensa no ar?

DISCÍPULO

É ele!

STREPSIADES

É ele quem?

DISCÍPULO

Com ar de beatitude.

Sócrates!

STREPSIADES

Alô, Sócrates!

Dirigindo-se ao DISCÍPULO.

Chame você bem alto!

DISCÍPULO

Chame você mesmo; não tenho tempo.

Sai o DISCÍPULO.

STREPSIADES

Sócrates! Socratesinho!

SÓCRATES

Suspenso numa cesta.

Por que me chama, criatura efêmera?

STREPSIADES

Para início de conversa, o que é que você está fazendo aí?

SÓCRATES

Percorro os ares e contemplo o sol.

STREPSIADES

Você está olhando dessa cesta os deuses daí de cima, e não a terra, como devia!

SÓCRATES

De fato, nunca eu poderia distinguir as coisas celestes se não tivesse elevado meu espírito e misturado meu pensamento sutil com o ar igualmente sutil. Se eu tivesse ficado na terra para observar de baixo as regiões superiores, jamais teria descoberto coisa alguma, pois a terra atrai inevitavelmente para si mesma a seiva do pensamento. É exatamente isto que acontece com o agrião.

STREPSIADES

Que papo é este? O pensamento atrai a seiva do agrião? Calma, meu Socratesinho! Desça até onde eu estou, para me ensinar as coisas que vim aprender aqui.

SÓCRATES

Descendo no balão até o chão.

Com que intenção você veio até aqui?

STREPSIADES

Eu quero aprender a falar bem. Por causa dos juros e dos credores teimosos estou sendo roubado, saqueado! Tudo que eu tinha foi penhorado!

SÓCRATES

E como você se endividou sem perceber?

STREPSIADES

Uma doença me consumiu - a dos cavalos, roedora terrível. Mas me ensine um de seus raciocínios, um que possa me livrar de devolver seja lá o que for; eu juro que pago o preço que você quiser; juro pelos deuses!

SÓCRATES

Mas você também jura pelos deuses? Para início de conversa, aqui entre nós não existe esta moeda.

STREPSIADES

E como vocês juram? Será com pedaços de ferro, como em Bizâncio[20] ([20] Ao ouvir de Sócrates que os deuses eram moeda desusada, Strepsiades pensa que foram substituídos pelas moedas de ferro, empregadas em Bizâncio.)?

SÓCRATES

Você quer conhecer claramente as coisas divinas e saber exatamente o que elas são?

STREPSIADES

Quero, se isto é possível.

SÓCRATES

É, sim, entrando em contato com as Nuvens, nossas divindades.

STREPSIADES

Seja o que os deuses quiserem!

SÓCRATES

Então sente-se no banquinho sagrado.

STREPSIADES

Pronto! Já estou sentado!

SÓCRATES

Segure agora esta coroa.

STREPSIADES

Para que esta coroa? Ora, Sócrates! Não vá fazer de mim um outro Atamas para me sacrificar depois[21] ([21] Atamas foi um rei beócio prometido em sacrifício a Zeus, mas salvo no último momento por Heraclés. Sófocles compôs uma tragédia com esse nome, da qual restam fragmentos.)!

SÓCRATES

Não tenha medo; fazemos isto com todos os iniciados[22] ([22] Toda a cerimônia que marca o ingresso de Strepsiades no Pensatório remete aos mistérios de Elêusis, em que as deusas Deméter e Perséfone eram adoradas. Neles admitiam-se apenas os iniciados, que haviam se submetido a rituais de caráter secreto. A entronização e a coroação são etapas da iniciação. Sócrates é equiparado ao sacerdote e as nuvens, por ele evocadas, são as divindades cultuadas.).

STREPSIADES

O que é que eu vou ganhar com isso?

SÓCRATES

Você passará por um moinho de palavras e sairá dele espertíssimo, fino como a flor da farinha de trigo.

STREPSIADES

Não vá me enganar! Vocês vão me reduzir a pó, transformado em flor de farinha de trigo.

SÓCRATES

Você terá de se concentrar, meu velho, e ouvir a minha prece: "Mestre soberano, ar infinito que manténs a terra suspensa no espaço, éter brilhante, e vós, veneráveis deusas, Nuvens que transportais o trovão e o raio, vinde, aparecei, soberanas do alto dos ares, ao pensador!"

STREPSIADES

Ainda não!

Transformando o manto em capuz.

Antes quero me proteger com isto para não ficar encharcado. E eu, que saí de casa sem apanhar uma capa - coitado de mim!

SÓCRATES

"Vinde, então, Nuvens venerabilíssimas! Mostrai-vos a este homem! Quer estejais sentadas no cume sagrado do Olimpo castigado pela neve, quer estejais nos jardins do Oceano, vosso pai, formando um coro sagrado com as Ninfas, ou bebendo nas bocas do rio Nilo suas ondas em cântaros de ouro, ou ainda se estiverdes no lago Meótis, ou no rochedo coberto de neve do Mimas[23] ([23] O lago

Meótis é o atual mar de Azov. Mimas era um promontório situado na Iônia.), escutai minha prece, recebei minha oferenda, e que os ritos sagrados vos agradem!”

Ouve-se ao longe o CORO das Nuvens, entrecortado por estrondos de trovões.

PÁRODO

[Ouve-se fora de cena o canto do Coro, em resposta à invocação de Sócrates. As Nuvens anunciam sua aproximação da cidade de Atenas, cuja glória celebram em seu canto.]

CORO

Nós, as Nuvens jamais exauridas, apareçamos, apareçamos aos olhares dos homens como vapores, em fáceis movimentos! Deixando o Oceano, nosso pai estrondoso, dirijamo-nos aos cumes arborizados das altas montanhas, para atingir depois os píncaros visíveis à distância, e a terra bem aguada, e os rios divinos de águas murmurantes e o mar com seu ronco surdo; o olho do Éter[24] ([24] O olho do Éter é metáfora para o sol.) brilha incansável no resplendor de seus raios. Mas dissipemos a brumosa chuva que envolve nossas formas imortais, e contemplemos a terra com o nosso olhar longevidente.

CENAS EPISÓDICAS I, Cena 1

[Sócrates discorre sobre a natureza das Nuvens, entidades capazes de tornar os homens hábeis oradores, e Strepsiades começa a sentir o efeito de sua aproximação. O Coro de Nuvens finalmente adentra a orquestra e o velho camponês se surpreende em vê-las na forma de mulheres, e não de vapor ou flocos de lã. Segundo Sócrates, isso acontece porque elas têm o poder de assumir o aspecto que quiserem. Também explica que elas são as únicas deusas verdadeiras, pois detêm os atributos normalmente associados a Zeus, o raio e o trovão.]

SÓCRATES

Obviamente ouvistes meu apelo, Nuvens venerabilíssimas!

Dirigindo-se a STREPSIADES.

Você percebeu a voz delas misturada aos mugidos sagrados do trovão?

STREPSIADES

Imitando no princípio o tom solene das Nuvens e de SÓCRATES.

Ouvi e vos adoro, augustas divindades, e quero responder com um estrepitoso peido aos trovões que me fazem tremer de medo. Com licença dos deuses, agora mesmo - e mesmo sem a licença deles - tenho de me aliviar!

SÓCRATES

Não fique aí gracejando, como esses malditos poetas cômicos que você conhece muito bem; seja bem-falante, pois um grupo numeroso de deusas aproxima-se cantando.

CORO

Ainda invisível aos atores.

Nós, virgens portadoras da chuva, voamos para a terra esplêndida de Palas, pátria de heróis, terra amável de Cêcrops[25] ([25] Atenas era frequentemente referida em poesia como a cidade de Palas, em referência à deusa Atena, sua

padroeira. Também era conhecida como cidade de Cêcrops, um dos seus reis lendários. Metade humano, metade cobra, Cêcrops teria nascido da terra, dando origem ao mito da autoctonia ateniense.), onde celebram-se ritos sagrados. Lá, para receber os iniciados, um santuário se abre em sacrossantas cerimônias, enquanto se fazem oferendas aos deuses do céu. Lá se erguem templos de altas cumeeiras cheios de estátuas; lá realizam-se sacratíssimas procissões aos deuses bem-aventurados, e com belas coroas realizam-se em todas as estações do ano sacrifícios e festas em honra das divindades; a primavera traz a festa de Brômio[26] ([26] Brômio, que significa "estrondoso", é epíteto de Dioniso.), a consagração dos coros melodiosos e o som penetrante das flautas.

STREPSIADES

Me diga, Sócrates: quem são estas mulheres que cantam estes hinos bacanas? São fantasmas?

SÓCRATES

De modo nenhum! São as Nuvens celestes, grandes deusas dos ociosos; elas nos oferecem o saber, a dialética, o entendimento, a linguagem elevada e verbosa, a arte de comover e de enganar.

STREPSIADES

É por isso, então, que depois de ouvir a voz delas minha alma levantou voo e já tem a pretensão de ser refinada, de tagarelar sobre a fumaça, de responder a uma frase com outra frase mais certinha, de rebater um argumento! Por isso, se for possível quero ver afinal essa gente frente a frente.

SÓCRATES

Olhe então para cá, para o lado do monte Parnes; já posso vê-las descendo lentamente; são elas.

STREPSIADES

Diga onde! Mostre!

SÓCRATES

Elas avançam em grande número através dos vales e dos bosques, ali, daquele lado!

STREPSIADES

Como são elas? Não consigo ver essas deusas.

SÓCRATES

Elas já estão perto da entrada.

STREPSIADES

Até que enfim estou começando a ver algumas delas!

Aparecem as Nuvens do CORO, personificadas por mulheres vestidas com tecidos vaporosos.

SÓCRATES

Com certeza você pode vê-las agora, a não ser que tenha nos olhos pedaços de remela do tamanho de sementes de abóbora.

STREPSIADES

Sim, já estou vendo! Salve, ilustríssimas! Elas já enchem toda a cena!

SÓCRATES

Mas você não sabia que elas eram deusas e não acreditava nelas.

STREPSIADES

Não; eu pensava que elas eram uma névoa, orvalho, fumaça.

SÓCRATES

Mas você não sabe que elas sustentam um bando de sofistas, de adivinhos, médicos charlatães, cabeludos, bichas ocupadas apenas com seus anéis e suas unhas, fabricantes de versos para os coros cíclicos[27] ([27] Sócrates associa as nuvens à linguagem e, por isso, são consideradas protetoras dos poetas, adivinhos, oradores e outros profissionais da palavra.), mistificadores aéreos, malandros nutridos por elas para nada fazerem, apenas para cantá-las em seus versos.

STREPSIADES

É por isso, então, que eles celebram em seus poemas “o tumultuoso ímpeto das úmidas nuvens cheias de relâmpagos ofuscantes, os cabelos arrepiados de

Tífon de cem cabeças, o sopro estrondoso das tempestades", e ainda "o voo das nuvens pelos ares, pássaros de bicos curvos nadando nos ares, trombas-d'água caindo do céu". E como pagamento de seus poemas eles devoram "fatias de mulas gordas e suculentas e delicadas carnes de tordos".

SÓCRATES

Graças a elas, com certeza. Não é justo?

STREPSIADES

Então me diga: por que elas, se de fato são nuvens, parecem com mulheres, simples mortais? As nuvens lá de cima não são assim.

SÓCRATES

Vejamos: como são elas?

STREPSIADES

Não sei muito bem, mas uma coisa é certa: elas parecem com grandes flocos de lã, e não com mulheres; de jeito nenhum!

SÓCRATES

Então responda às minhas perguntas.

STREPSIADES

Diga logo o que você quer saber.

SÓCRATES

Você já viu, quando olha para cima, nuvens parecidas com um centauro, com um leopardo, ou com um lobo, ou com um touro?

STREPSIADES

Já vi, sim. Que significa isso?

SÓCRATES

Elas transformam-se no que desejam; se veem alguém com uma longa cabeleira, um desses monstros cabeludos como o filho de Xenofanto, elas tomam a forma de centauro para zombar de sua paixão mórbida por si mesmos.

STREPSIADES

E se veem um ladrão dos dinheiros públicos - Símon, por exemplo -, que fazem elas?

SÓCRATES

Para mostrar a natureza verdadeira dele, elas se transformam imediatamente em lobos.

STREPSIADES

Então é por isso que, vendo ontem Cleônimo[28] ([28] O político ateniense Cleônimo, contemporâneo de Aristófanes, é constantemente zombado nas comédias aristofânicas por sua covardia, o que justifica a comparação com um animal assustadiço como o veado.), elas transformaram-se no mesmo instante em veados!…

SÓCRATES

E agora que elas viram Clístenes[29] ([29] Clístenes, político ateniense contemporâneo de Aristófanes, é alvo frequente de zombaria por seus modos afeminados.) você poderá vê-las num instante com a forma de mulheres.

STREPSIADES

Então salve, madames! E agora, se vocês nunca fizeram isso para outro qualquer, cantem para mim por toda a vastidão do céu, rainhas do mundo!

CORO

Dirigindo-se a STREPSIADES.

Salve, coroa, homem dos tempos antigos, seguindo fervorosamente os discursos tão apreciados das Musas!

Dirigindo-se a SÓCRATES.

E você, pontífice dos palavrórios mais sutis, diga-nos o que deseja.

Não prestaríamos atenção a nenhum outro dos sofistas de hoje, que vivem com a cabeça na estratosfera, excetuando apenas Pródico[30] ([30] Pródico foi um sofista contemporâneo de Sócrates, cujas lições eram muito reputadas. É irônico

que as nuvens comparem o filósofo ao sofista, já que a reputação deles em Atenas era proporcionalmente inversa.), por sua sabedoria e erudição, e a você, por seu andar soberbo nas ruas, por seu modo de olhar para os lados, pelos sofrimentos que suporta andando descalço, por sua confiança em nós, por sua pose imponente.

STREPSIADES

Que vozes divinas, solenes, prodigiosas!

SÓCRATES

É porque, como você está vendo, somente elas são deusas legítimas. Todas as outras são apenas frivolidade.

STREPSIADES

Mas você vai me dizer que Zeus Olímpico não é um deus?

SÓCRATES

Que Zeus? Não zombe de mim! Zeus não existe.

STREPSIADES

Que é que você está dizendo? Então, quem faz chover? Explique isto antes de mais nada.

SÓCRATES

Apontando para o CORO.

Elas, com certeza. E eu vou dar provas disto. Você já viu algum dia cair chuva sem haver nuvens no céu? Para que fossem os deuses seria necessário que chovesse com o céu sereno e sem que elas estivessem lá.

STREPSIADES

É mesmo! Aí está, sem dúvida, um bom argumento que você apresenta a respeito da questão de que estamos tratando!… E eu, que até agora acreditava bobamente que Zeus mijava através de uma peneira! Mas diga quem produz o trovão, esse trovão que me deixa borrado de medo!

SÓCRATES

São nuvens que estrondam rolando umas por cima das outras.

STREPSIADES

Como? Diga, você que é tão atrevido!

SÓCRATES

Quando elas são compelidas a mover-se cheias d'água, caindo pesadamente umas sobre as outras, rebentam estrondosamente.

STREPSIADES

Mas quem, senão Zeus, obriga as nuvens a se mexerem?

SÓCRATES

De modo nenhum; é um turbilhão etéreo que as move.

STREPSIADES

Turbilhão? Eu não sabia que Zeus não existe, e que o Turbilhão reina agora no lugar dele. Mas você não ensinou coisa alguma até agora a respeito do estrondo do trovão.

SÓCRATES

Você é surdo? Eu disse que as nuvens cheias d'água caem umas sobre as outras e provocam esse estrondo por causa de sua densidade.

STREPSIADES

Como é que eu vou acreditar nisto?

SÓCRATES

Vou lhe ensinar usando você mesmo como exemplo. Já lhe aconteceu, ou não, ficar entulhado de comida nas Panateneias[31] ([31] As Panateneias eram festivais anuais que os atenienses celebravam em honra de Atena, sua padroeira. Além de uma procissão solene, incluía também banquetes.), e ter perturbações no ventre e ouvir de repente dentro dele um barulho prolongado?

STREPSIADES

Já ouvi, sim; fiquei perturbado e, como se fossem trovões, as comidas provocavam um barulho infernal; primeiro em surdina: papax, papax; depois mais alto: parapapax, parapapax; e quando eu me aliviei foi um trovão: mais parapapax.

SÓCRATES

Imagine, então, que com a sua simples barriguinha você solta cada petardo! E o ar aqui fora, que não tem limites, não é natural que ele troveje estrondosamente?

STREPSIADES

É por isso, então, que as palavras "peidar" e "trovejar" terminam em "…ar"? Mas, por outro lado, de onde vem o raio com seu fogo brilhante? Então me diga também por que, quando ele atinge a gente, mata alguns de nós e deixa outros vivos, embora chamuscados?

SÓCRATES

Você é mesmo um velho gagá, contemporâneo de Cronos[32] ([32] Um dos deuses mais antigos da mitologia grega, filho de Urano e Gaia (o Céu e a Terra) e pai de Zeus.), vivendo no mundo da lua! Como, se ele alveja os perjuros, ainda não fulminou Símon, Cleônimo e Teoro[33] ([33] Símon, Cleônimo e Teoro, três contemporâneos do poeta que marcavam presença nas assembleias. Mais importante do que estabelecer a identidade desses indivíduos é perceber a acusação que se faz contra eles, a de cometer perjúrio. Vale lembrar que um dos motivos que levaram à condenação de Sócrates foi sua suposta impiedade.)? Todos eles são perjuros. Mas ele atinge seu próprio templo em Súnion, promontório perto de Atenas, e os carvalhos altaneiros. Que ideia! Afinal um carvalho não é perjuro!

STREPSIADES

Não sei, mas você parece saber das coisas… Que é um raio, então?

SÓCRATES

Quando sobe um vento seco em direção às nuvens e fica confinado nelas, ele as enche de ar como se elas fossem uma bexiga soprada; em seguida ele as perfura e escapa-se violentamente mediante expansão, e se inflama por causa de sua violência estrepitosa.

STREPSIADES

Foi exatamente isso que aconteceu em certo dia de festa religiosa. Eu assava as tripas de uma vítima de sacrifício para minha família. Mas eu tinha esquecido de abrir as tripas e elas cresceram, e depois, de repente, estouraram, lançando nos meus olhos o "recheio" delas e chamuscando meu rosto.

CENAS EPISÓDICAS I, Cena 2

[As Nuvens aceitam tornar Strepsiades imbatível na argumentação, desde que passe a venerá-las. Sócrates testa os conhecimentos do velho camponês e, mesmo desapontado com sua limitação, entra com ele na escola para proceder à sua instrução.]

CORIFEU

Dirigindo-se a STREPSIADES.

Você, que deseja aprender de nós a alta sabedoria, será muito feliz entre os atenienses e todos os gregos se tiver boa memória, se souber meditar, se a perseverança morar em sua alma, se você não se cansar de ficar em pé nem de marchar, se souber suportar o frio sem resmungar, se puder passar sem comer na hora do almoço, se puder passar sem as academias de ginástica e outras bobagens, se aspirar ao bem supremo, como convém a um homem inteligente, e a sobressair na ação, nas assembleias e nos combates verbais.

STREPSIADES

Dirigindo-se a SÓCRATES.

Se é necessário ter a alma resistente, uma perseverança inimiga do sono, o estômago moderado, acostumado a privações, me contentando com uma salada no jantar, não tenha cuidado nem receio, pois quanto a isto posso até servir de bigorna.

SÓCRATES

Você é capaz, de agora em diante, de acreditar apenas em nossos deuses - o Caos, as Nuvens e a Língua, somente estes três e mais nenhum?

STREPSIADES

Nunca mais vou pedir nada a outros, ainda que eles apareçam na minha frente, e não vou fazer sacrifícios, nem oferecer vinho ou incenso a eles.

CORIFEU

Agora diga o que espera de nós; fale confiantemente, pois você não deixará de conseguir o que deseja se nos honrar e reverenciar e se esforçar por ser esperto.

STREPSIADES

Só peço um favorzinho a vocês, madames: me concedam somente que eu passe na frente de todos os gregos uns vinte quilômetros em uma lábia esperta.

CORIFEU

Muito bem! Faremos isto. A partir de hoje ninguém imporá suas opiniões ao povo com maior facilidade que você.

STREPSIADES

Mas não me falem em apresentar propostas estrondosas. Não é isso que eu quero; meu único desejo é convencer os juízes a me favorecerem e me livrarem de meus credores.

CORIFEU

Seu desejo será satisfeito, pois suas aspirações são modestas. Vamos! Entregue-se confiantemente a nossos auxiliares!

STREPSIADES

Vou seguir os conselhos de vocês. A necessidade me obriga, por causa dos cavalos de meu filho e de meu casamento, que me arruinaram. Agora vocês

podem fazer de mim o que quiserem; entrego a vocês este meu corpo para espancarem, para me deixarem faminto, morto de sede; podem me sujar, gelar, arrancar a minha pele para fazer dela um saco, desde que eu me livre de minhas dívidas e tenha na cidade a reputação de ser atrevido, bem-falante, sem-vergonha, indecente, amontoador de mentiras, dominador das palavras, vencedor de questões nos tribunais, conhecedor das leis, barulhento, esperto como uma raposa, trapalhão da cabeça aos pés, leve como a lã, escorregadio, fanfarrão, insensível aos golpes, canalha, malandro, intratável, lambedor de pratos; se todas as pessoas que me encontrarem me cumprimentarem com estes nomes, meus professores podem me tratar como quiserem, e se desejarem façam de mim um pudim para servir aos pensadores!

CORIFEU

Dirigindo-se ao CORO.

Nosso homem, a quem não falta atrevimento, tem uma vontade, um coração decidido.

Dirigindo-se a STREPSIADES.

Fique sabendo: quando você tiver aprendido tudo isso de nós, sua glória entre os mortais se elevará aos céus.

STREPSIADES

Que vai acontecer comigo?

CORIFEU

Você levará conosco a vida mais feliz de todas durante o resto de seus dias.

STREPSIADES

Será que um dia vou ver isto?

CORIFEU

De tal maneira que muitas pessoas virão sentar-se na porta de sua casa para conversar com você e levar a seu conhecimento questões e processos judiciais envolvendo muito dinheiro, dignos de sua atenção, sobre os quais irão querer trocar ideias com você.

Dirigindo-se a SÓCRATES.

Vamos! Tente iniciar o velho naquelas coisas que você quer ensinar! Sonde a inteligência dele! Ponha à prova o raciocínio dele!

SÓCRATES

Dirigindo-se a STREPSIADES.

Vejamos; mostre-nos o seu caráter para que, ciente de como ele é, eu saiba como devo disparar os meus projéteis em sua direção.

STREPSIADES

Que é isto? Você está pensando em me assaltar?

SÓCRATES

Nada disto! Quero somente lhe fazer algumas perguntinhas. Você tem boa memória?

STREPSIADES

Depende; se alguém me deve, me lembro muito bem, mas se eu devo - ai de mim! - esqueço completamente!

SÓCRATES

Você tem facilidade para aprender?

STREPSIADES

A falar bem, não, mas a enganar, tenho.

SÓCRATES

Então, como você vai aprender?

STREPSIADES

Não esquente a cabeça; vai dar tudo certo.

SÓCRATES

Quando eu lhe ensinar alguma coisa sábia sobre assuntos celestes, trate de pegá-la imediatamente.

STREPSIADES

Essa é boa! Tenho de pegar a sabedoria como se eu fosse um cachorro?

SÓCRATES

Que homem ignorante e bárbaro! Receio muito, meu velho, que você tenha necessidade de levar umas pancadas. Vejamos: que faz você quando lhe dão pancadas?

STREPSIADES

Recebo as pancadas; depois de esperar um pouco, procuro testemunhas; logo depois entro com um processo na Justiça.

SÓCRATES

Então, tire seu manto.

STREPSIADES

Fiz alguma coisa errada?

SÓCRATES

Não, mas a norma aqui é entrar nu.

STREPSIADES

Mas não entrei aqui para ser examinado!

SÓCRATES

Tire! Chega de jogar conversa fora!

STREPSIADES

Tirando o manto.

Me diga o seguinte: se eu for um discípulo esperto e aplicado nos estudos, com qual de seus discípulos atuais vou me parecer?

SÓCRATES

Você não será diferente de Cairefon quanto ao físico.

STREPSIADES

Coitado de mim! Então vou me parecer com um quase defunto?

SÓCRATES

Chega de conversa mole! Venha depressa e me siga até ali!

STREPSIADES

Ponha primeiro em minhas mãos um bolo de mel, pois tenho medo de entrar ali, como se estivesse descendo para o antro de Trofônio[34] ([34] O antro de Trofônio era um centro de peregrinação na Beócia. Para consultar o oráculo era preciso adentrar a caverna repleta de cobras, às quais se ofertavam bolos de mel.)

SÓCRATES

Ande! Por que você hesita diante da porta?

Os dois entram.

CORIFEU

Vá e seja feliz por sua coragem! Boa sorte para o homem que, nesta idade já avançada, quer encharcar seu espírito de ideias novas e cultivar a sabedoria.

PARÁBASE I

[O poeta, através do Coro momentaneamente despojado da condição de nuvens, dirige-se aos espectadores para fazer a defesa de sua comédia e pedir os votos dos juízes do concurso dramático. Em seguida, o Coro volta a encarnar as Nuvens. Dividindo sua fala em dois semicoros, celebra os deuses tradicionais e lista os benefícios que as Nuvens e a Lua trazem à cidade.]

PARÁBASE[35] ([35] Como se deduzirá de sua leitura, essa seção da comédia foi reelaborada pelo poeta posteriormente à

estreia da comédia, cuja recepção menciona. Também é pouco frequente o uso da primeira pessoa do singular, embora seja esperável que o coro atue aqui como porta-voz do comediógrafo.)

Direi francamente a verdade a vocês, espectadores, invocando Diôniso[36] ([36] Diôniso era o deus patrono do teatro.), de quem sou discípulo. Queiram os deuses que eu seja o vencedor e seja considerado um bom poeta! Conhecendo o discernimento de vocês, e convencido de que esta comédia[37] ([37] A referência aqui é à primeira versão de *As nuvens*, classificada em terceiro lugar nas Grandes Dionísias de 423 a.C.), feita por mim há algum tempo com muito cuidado, era a melhor de minhas obras, achei que devia submetê-la ao julgamento do bom gosto de vocês em outra ocasião. Entretanto, fui vencido por rivais menos capazes. Queixo-me desta injustiça de vocês, juízes esclarecidos, para os quais eu escrevo. Mas isto jamais será para mim motivo para menosprezar a opinião dos espectadores de discernimento. Com efeito, desde que, neste mesmo lugar, meu Virtuoso e meu Devasso[38] ([38] Virtuoso e Devasso: personagens de *Os convivas* (427 a.C.), comédia de estreia de Aristófanes, reduzida hoje a fragmentos. Através dessa dupla de irmãos, o poeta representou os efeitos da educação tradicional e moderna, tema revisitado em *As nuvens*.) receberam uma acolhida muito favorável de juízes diante dos quais é uma ventura comparecer, fui compelido pela segunda vez a enjeitar minha criança (sendo ainda virgem na época, não me era permitido ter filhos…)[39] ([39] Com essa imagem, o poeta quer indicar que, quando da estreia de sua primeira comédia, não estava apto a participar oficialmente do concurso teatral, talvez por não ter ainda atingido a idade mínima, e que foi obrigado a ceder a produção a um colega.). Mas outra mãe a adotou e vocês generosamente a nutriram e criaram; desde aquela época eu contava cegamente com a benevolência de vocês. Hoje, então, esta comédia é encenada, como uma outra Electra, e procura com os olhos seus amigos antigos; ela saberá reconhecer à primeira vista os cabelos de seu irmão[40] ([40] Em *As coéforas*, tragédia da trilogia *Oresteia*, Ésquilo faz com que Electra deduza o retorno de Orestes, seu irmão, quando encontra um cacho de cabelos sobre o túmulo paterno. O comediógrafo alude com isso às semelhanças entre suas comédias, *Os convivas* e *As nuvens*, convidando os espectadores a reconhecerem o "parentesco" e estenderem à última a boa acolhida que a primeira recebeu.). Observem sua modéstia e sua decência; ela é a primeira que não vem ostentando um pênis feito de couro, com a cabeça vermelha e enorme, para fazer as crianças rirem. Ela não se diverte tampouco ridicularizando os carecas, nem dançando lambada; ela não recorre ao velho que, dizendo seus versos, espanca com um bastão todos que estão a seu alcance, impingindo suas brincadeiras de mau gosto. Ela não avança pela cena com uma tocha na mão gritando "iê! iê!"; ela confia apenas em si mesma, em seus versos. Quanto a mim, que sou o autor, tenho orgulho dela, e não tento enganar vocês apresentando duas ou três vezes o mesmo assunto. Invento sem

cessar enredos novos, produtos de minha arte, cada um diferente do outro e todos agradáveis e alegres. Dei uma porrada na barriga de Clêon[41] ([41] Clêon, morto em 422 a.C., foi estratego, o equivalente grego a um general, durante a primeira parte da Guerra do Peloponeso. Representa bem os políticos demagogos que sucederam Péricles, que não pertenciam à aristocracia, mas exploravam pequenas indústrias (ele tinha um curtume). Aristófanes censurou-o em várias de suas comédias, com destaque para *Cavaleiros*.) frente a frente na época em que ele era onipotente, mas suspendi meus golpes quando o vi caído no chão. Meus rivais, depois que Hipérbolo[42] ([42] Hipérbolo, o comerciante de lamparinas, lançou-se na política e veio a suceder Clêon quando da sua morte (422 a.C.).) foi atacado, não se cansavam de tripudiar sobre o infeliz e sua mãe. Êupolis[43] ([43] Êupolis foi um comediógrafo da geração de Aristófanes. Segundo Aristófanes, ele teria copiado o enredo de *Cavaleiros* (425 a.C.) na comédia *Maricas* (421 a.C.), com a diferença que, em vez de zombar de Clêon, satirizava Hipérbolo.) apresentou pela primeira vez sua peça *Maricas*, onde imitou mediocremente meus *Cavaleiros*, acrescentando aos personagens uma velha embriagada dançando o côrdax[44] ([44] O côrdax é uma dança agitada e de caráter obsceno, típica da comédia antiga.), personagem criada havia muito tempo por Frínico[45] ([45] Frínico foi um comediógrafo da geração anterior à de Aristófanes, que teria sido alvo da paródia de Êupolis.), que um monstro marinho queria devorar. Hermipo[46] ([46] Hermipo foi outro poeta cômico que tinha Hipérbolo por alvo. Aristófanes alega que Hermipo e outros poetas copiaram a imagem que ele criou para caracterizar Clêon. Como os pescadores de enguias precisam revolver o lago para capturá-las, o político demagogo deve agitar a cidade para alcançar seus objetivos.) também atacou Hipérbolo, e agora todos os outros poetas o desancam, copiando a minha comparação com as enguias. Não ria nem goste de minhas peças quem ri das peças deles. Se sou agradável na opinião de vocês e se minhas criações proporcionam prazer, o bom gosto de vocês será elogiado no futuro.

PRIMEIRO SEMICORO

Invocamos primeiro em nosso coro o soberano das alturas, o rei dos deuses, o grande Zeus, e o poderoso senhor do tridente[47] ([47] O tridente é um dos atributos de Posídon.) que abala a terra e agita o mar feroz, e nosso pai muito famoso, o Éter venerável que mantém a vida no universo, e o condutor de corcéis, que com seus raios cintilantes envolve a terra, grande divindade entre os deuses e os mortais. Concedam-nos sua atenção, espectadores muito esclarecidos: desprezados por vocês, nós os recriminamos por isso face a face. Mais que a todos os deuses prestamos serviços à cidade, e entre as divindades somos as únicas a quem vocês não oferecem sacrifícios nem libações, a nós, que velamos por vocês. Faz-se uma expedição militar sem o mínimo de bom-

senso, e logo estrondamos ou nos precipitamos em chuva fina. Depois quando o inimigo dos deuses, o curtidor de couro da Paflagônia, ia ser escolhido para general por vocês, levantamos as sobrancelhas e ficamos tremendamente indignadas, e entre relâmpagos estrondou o trovão. A luz se afastou de seu caminho e o sol, contraindo instantaneamente sua mecha em si mesmo, recusou-se a luzir para vocês se Clêon fosse general. Ainda assim vocês o elegeram. De fato, dizem que as más resoluções são apanágio desta cidade, mas que os deuses fazem voltar-se a favor de vocês todas as faltas desse gênero que cometem. Ainda hoje será fácil para vocês perceberem o meio de tornar proveitoso o erro cometido. Se, após haver evidenciado a culpa de Clêon, essa gaivota de corrupção e de roubo, vocês apertassem o pescoço dele numa argola de ferro em seguida, de acordo com o hábito antigo, o caso mudaria de rumo para favorecer a cidade.

SEGUNDO SEMICORO

Esteja sempre a nosso lado, senhor Febo, deus de Delos, que domina o monte Cíntio com seu pico altaneiro, você e Ártemis felicíssima, que tem em Éfeso sua morada toda de ouro, onde os filhos dos lídios a veneram magnificamente; e você, Atena, deusa de nossa terra, que empunha a égide protetora da cidade; e também aquele que, dominando a rocha Parnasiana, cintila no meio das tochas entre as Bacantes délficas, nobre figura, amigo dos cortejos alegres! Na hora em que estávamos prestes a partir para cá, a lua, vendo-nos, incumbiu-nos antes de mais nada de saudar os atenienses e seus aliados; depois ela nos disse que estava ressentida porque vocês a tratam indignamente, ela, que presta serviços a todos vocês, não em palavras, mas com a sua luminosidade. Primeiro, mensalmente ela lhes proporciona uma economia de no mínimo um dracma[48] ([48] Moeda ateniense de certo valor na época.), de tal forma que vocês dizem quando saem à noite: "Não compre tochas, menino, pois o luar está uma beleza!" Ela lhes traz ainda outros benefícios, em sua própria opinião, mas vocês veem os dias passarem sem precisão e os misturam de qualquer maneira[49] ([49] Alusão à reforma do calendário grego, elaborada pelo astrônomo Mêton e posta em vigor na época da primeira apresentação de *As nuvens*.). Por isso ela diz que é ameaçada pelos deuses sempre que eles se veem privados de oferendas gostosas e voltam para seus domínios sem terem visto as festas por causa da nova contagem dos dias. Além disso, além de fazer sacrifícios, vocês, espectadores, estão nos tribunais julgando réus e aumentando penas, e muitas vezes, enquanto nós, os deuses, fazemos jejum em sinal de luto por Mêmnon ou por Sarpedon[50] ([50] Heróis de origem divina que morreram durante a guerra de Troia.), vocês fazem libações e se divertem. Eis por que, neste ano, Hipérbolo, sorteado para ser representante no Conselho Anfictiônico de cada cidade, pertencente à Anfictionia, foi em seguida despojado de sua

coroa por nós, os deuses. Será melhor agora que se regule o uso dos dias de conformidade com o curso da lua.

CENAS EPISÓDICAS II, Cena 1

[Sócrates exaspera-se com a obtusidade de Strepsiades, mas mesmo assim tenta levar adiante sua formação, sem sucesso. Aconselhado pelo Coro, o camponês decide intimar Fidipides a tomar seu lugar no Pensatório e aprender o raciocínio injusto.]

SÓCRATES

Saindo de casa precipitadamente.

Não! Pela Respiração! Pelo Caos! Pelo Ar! Nunca vi um homem tão rústico, tão grosseiro, tão desajeitado, tão desmemoriado! As bobagens mais insignificantes que lhe ensinamos, ele as esquece antes de havê-las aprendido. Onde está você, Strepsiades? Saia trazendo seu mísero colchão!

STREPSIADES

Não posso trazer o colchão para cá por causa dos percevejos.

SÓCRATES

Chega! Ponha-o aí e preste atenção!

STREPSIADES

Estou prestando.

SÓCRATES

Vejamos. Que deseja você aprender primeiro entre as coisas que nunca lhe ensinaram? Fale! É dos metros ou dos ritmos da poesia, ou algo mais sobre nossa versificação?

STREPSIADES

Das medidas, pois um dia destes um vendedor de farinha de trigo me roubou dois canecos do produto.

SÓCRATES

Não é isso que estou perguntando, e sim qual o mais belo metro em sua opinião: o trímetro ou o tetrâmetro?

STREPSIADES

Quanto a mim, prefiro o tetracaneco.

SÓCRATES

Você não diz nada que se aproveite, homem!

STREPSIADES

Então aposte comigo que o tetrâmetro não é a mesma coisa que o tetracaneco!

SÓCRATES

Vá para o inferno! Você é um grosseiro de cabeça dura! Talvez você aprenda melhor os ritmos.

STREPSIADES

Para que servem os ritmos na luta pelo pão de cada dia?

SÓCRATES

Primeiro para ser agradável nas reuniões sociais, sabendo qual dos ritmos é o enóplio e qual o datílico[51] ([51] O enóplio era o ritmo dos cantos marciais. O dátilo, termo cuja primeira acepção é "dedo", era um ritmo pausado, marcado pela flauta (que é tocada com a ajuda dos dedos.)).

STREPSIADES

O datílico? Este eu conheço!

SÓCRATES

Mostrando o dedo indicador esticado.

Então diga; que dátilo existe além deste dedo?

STREPSIADES

Mostrando o dedo médio esticado.

Antigamente, quando eu era criança, eu usava este dedo aqui.

SÓCRATES

Você é um grosseiro e um tolo!

STREPSIADES

Mas eu não quero aprender nada disto, bicho!

SÓCRATES

Então, que deseja você aprender?

STREPSIADES

Outra coisa muito diferente: o raciocínio mais injusto!

SÓCRATES

Mas há outras coisas que você tem de aprender antes. Entre os animais quadrúpedes, quais são os machos propriamente ditos?

STREPSIADES

Eu conheço os machos. Será que você me considera um ignorante? Carneiro, bode, touro, cachorro, passarinho…

SÓCRATES

Veja a que ponto você chegou! Você chama de passarinho a fêmea, como se ela fosse o macho.

STREPSIADES

Como? Vejamos…

SÓCRATES

Como? Passarinho é passarinho.

STREPSIADES

É mesmo! Mas afinal, como devo chamar a fêmea?

SÓCRATES

A fêmea de passarinho é passarinha.

STREPSIADES

Passarinha? Muito bem! Por causa desta palavrinha vou encher sua boca com uma caneca de farinha!

SÓCRATES

Veja só! Outro erro! Você diz “caneca”, transformando em feminina uma palavra masculina.

STREPSIADES

Como? Eu transformo caneca em masculino?

SÓCRATES

Exatamente, como quando você diz Cleônimo.

STREPSIADES

Mas como? Explique!

SÓCRATES

Você dá o mesmo valor a caneco e Cleônimo?

STREPSIADES

Ora, meu caro amigo! Cleônimo não tinha nem caneco; ele estava sempre pegando numa coisa redonda, mas que nada tinha de caneco… Como é que eu vou dizer de agora em diante?

SÓCRATES

Como? Caneca, como você diz Sóstrata.

STREPSIADES

Caneca, no feminino?

SÓCRATES

É assim que se fala corretamente.

STREPSIADES

Então devo dizer: caneca, Cleônima?

SÓCRATES

Você tem de distinguir, entre os nomes próprios, quais são os masculinos e quais os femininos.

STREPSIADES

Mas eu sei quais são os femininos.

SÓCRATES

Então me diga quais são eles.

STREPSIADES

Lisila, Filina, Clitagora, Demétria…

SÓCRATES

E quais são os nomes entre os masculinos?

STREPSIADES

Milhares: Filôxeno, Melesias, Aminias[52] ([52] A comédia antiga se caracteriza pela invectiva pessoal. Assim, muitos dos conterrâneos do poeta são ridicularizados pelo nome. No entanto, pouco se sabe sobre a maioria dessas vítimas de Aristófanes, embora se possa deduzir do contexto o motivo da zombaria.)...

SÓCRATES

Você é um desastrado mesmo; estes não são masculinos.

STREPSIADES

Estes nomes não são masculinos?

SÓCRATES

De modo algum! De fato, como você chamaria Aminias se o encontrasse?

STREPSIADES

Assim: “Venha cá, venha cá, Aminiazinha!”

SÓCRATES

Você está percebendo? É por um nome de mulher que você chama esse Aminias.

STREPSIADES

E não é justo, já que ele não fez o serviço militar? Mas por que devo aprender o que todo mundo já sabe?

SÓCRATES

Isso não dá em nada.

Mostrando um colchão.

Mas fique deitado ali…

STREPSIADES

Que devo fazer?

SÓCRATES

Imagine uma saída, refletindo sobre seus negócios.

STREPSIADES

Não! Eu peço de joelhos! Não ali, pelo menos! Mas se é necessário, me deixe meditar profundamente no próprio chão sobre isso.

SÓCRATES

É impossível fazer de outra maneira.

STREPSIADES

Como sou infeliz!

Deitando-se no colchão.

Os percevejos vão se vingar de mim agora!

SÓCRATES

Agora medite e pondere bem, agite seus pensamentos em todos os sentidos, concentrando-se. Se você ficar perplexo, passe rapidamente de uma ideia para outra em seu espírito, e afaste de seus olhos o suave sono.

STREPSIADES

Ai! Ai! Ai!

SÓCRATES

De que você está sofrendo? Que acontece com você?

STREPSIADES

Estou morrendo! Como sou infeliz! Saem do colchão aos montes para me ferrarem os… coríntios[53] ([53] Em vez de "percevejos", como seria natural, Strepsiades se refere aos coríntios, a quem se atribuía o início da guerra.) e me devoram! Eles sugam a minha vida, arrancam meus bagos e se enfiam no meu traseiro! Eles vão me matar!

CORIFEU

Não fique tão desesperado!

STREPSIADES

Mas como, se meu dinheiro sumiu, se meu sangue está sumindo, se minha vida some, se minhas sandálias sumiram e se, para cúmulo de minha desgraça, estou aqui quase sumido depois de haver perdido tudo?

SÓCRATES

Afinal, o que é que você está fazendo? Meditando você não está!

STREPSIADES

Eu? Estou sim…

SÓCRATES

E sobre que você está meditando?

STREPSIADES

Se os percevejos vão deixar sobreviver alguma coisa em mim…

SÓCRATES

Afastando-se.

Você se acabará miseravelmente!

STREPSIADES

Mas tudo vai se acabar, meu bom amigo…

CORIFEU

Trate de não esmorecer; cubra-se! Temos de descobrir algum truque, alguma manobra astuciosa.

STREPSIADES

Ai! Quem vai jogar em cima de mim uma pele de cordeiro para me aliviar?

SÓCRATES

Voltando.

É isso aí. Vejamos: devo examinar primeiro o que ele faz. Ei! Você está dormindo?

STREPSIADES

Não; não estou.

SÓCRATES

Você está sentindo alguma coisa?

STREPSIADES

Não… Nadinha…

SÓCRATES

Mas nada mesmo?

STREPSIADES

Nada além do peru na mão direita.

SÓCRATES

Você vai ou não se cobrir depressa e meditar?

STREPSIADES

Sobre quê? É você quem vai me dizer, Sócrates.

SÓCRATES

Você mesmo vai descobrir primeiro e me dizer o que deseja.

STREPSIADES

Você já ouviu mil vezes o que eu quero; o meu caso são juros, um meio de não pagar juros a mais ninguém.

SÓCRATES

Vamos! Enrole-se e, cortando seu pensamento em fatias bem finas, reflita detalhada e profundamente sobre as coisas; divida-as e examine-as de acordo com as regras.

STREPSIADES

Picado ainda pelos percevejos.

Ai, infeliz de mim!

SÓCRATES

Fique tranquilo, e se estiver perplexo com uma ideia qualquer, esqueça e vá em frente; depois, pense de novo nela, agite a coisa e pense bem nela.

STREPSIADES

Meu Socratesinho querido!

SÓCRATES

Qual é o caso, coroa?

STREPSIADES

Tenho uma ideia para me livrar dos juros!

SÓCRATES

Apresente a sua ideia.

STREPSIADES

Me diga, então…

SÓCRATES

O quê?

STREPSIADES

…se eu desse dinheiro a uma feiticeira da Tessália, e se ela forçasse a lua a descer aqui de noite… Se depois trancasse a lua num grande estojo redondo, como se ela fosse um espelho, e depois ficasse de guarda para ela não sair?

SÓCRATES

Que vantagem lhe traria isso?

STREPSIADES

Ora! É porque se empresta dinheiro a juros por mês.

SÓCRATES

Muito bem! Mas, de minha parte, vou propor outra ideia mais engenhosa. Se movessem uma ação contra você para cobrar cinco talentos[54] ([54] O talento, equivalente a trinta quilos de prata, era a maior unidade monetária grega e valia sessenta minas, ou seis mil dracmas.), como agiria você para se livrar dela?

STREPSIADES

Como? Como? Não sei; vamos procurar…

SÓCRATES

Não enrole seus pensamentos em volta deles mesmos; deixe seu espírito tomar impulso no ar, como um besouro amarrado por uma das patinhas com uma linha.

STREPSIADES

Achei um meio de me livrar do processo! Você mesmo vai concordar que ele é genial!

SÓCRATES

Qual?

STREPSIADES

Você já viu nas lojas aquelas pedras transparentes para acender o fogo?

SÓCRATES

Você está falando do cristal de rocha?

STREPSIADES

É isso mesmo! Que tal a minha ideia? Pegando essa pedra, no momento em que o oficial de justiça apresentasse a intimação, e me mantendo a certa distância…

Afastando-se um pouco de SÓCRATES.

- assim! - eu conseguia que o sol destruísse a acusação contra mim[55] ([55] Na Grécia antiga, as acusações na justiça eram escritas em plaquetas de madeira recobertas de cera.)!

SÓCRATES

É mesmo genial!…

STREPSIADES

Oba! Estou feliz por ter achado um jeito para acabar com um processo de cinco talentos!

SÓCRATES

Vamos! Depressa! Resolva este problema para mim!

STREPSIADES

Que problema?

SÓCRATES

Como, envolvido num processo, você fugiria a uma condenação, se fosse perder a causa por falta de testemunhas a seu favor?

STREPSIADES

Nada mais fácil nem mais simples.

SÓCRATES

Então me diga.

STREPSIADES

Assim: quando restasse só um processo para ser julgado antes de o juiz me chamar para o meu, eu saía correndo para me enforcar.

SÓCRATES

Você não diz nada que se aproveite.

STREPSIADES

Como não? Quando eu estiver morto ninguém vai mover ações contra mim.

SÓCRATES

Você está pirado! Vá embora! Não lhe ensino mais coisa alguma!

STREPSIADES

Por que, meu Socratesinho?

SÓCRATES

Você esquece num instante tudo que ouve. Vejamos: qual foi a primeira coisa que lhe ensinei? Diga!

STREPSIADES

Vamos ver… Qual foi a primeira?… Qual foi mesmo a primeira?… Como se chama aquela coisa em que se amassa farinha? Coitado de mim! Qual foi?

SÓCRATES

Vá para o inferno! Morra logo! Morra, cabeça mais desmemoriada e mais estúpida de todas!

STREPSIADES

Sou um desgraçado! Que vai ser de mim? Como sou infeliz! Estou… perdido se não aprender a usar a minha língua! Vamos, Nuvens! Me deem um bom conselho!

CORIFEU

Nosso conselho, meu velho, é que se você tiver um filho mais sabido, mande ele para aprender em seu lugar.

STREPSIADES

Tenho um filho ótimo, mas infelizmente ele não quer aprender estas coisas. Que posso fazer?

CORIFEU

E você tolera a recusa dele?

STREPSIADES

Ele é um bom rapaz, forte, cheio de saúde, e descende pelo lado materno de raça nobre. Vou mesmo buscar Fidipides, e se ele não quiser vir nada me impede de expulsar o boa-vida lá de casa!

Dirigindo-se a SÓCRATES.

Vá lá para dentro e espere por mim.

STREPSIADES entra em sua casa.

CORO

Dirigindo-se a SÓCRATES.

Você imagina os muitos benefícios que colherá agora mesmo graças a nós, somente nós entre todos os deuses? De fato, nosso homem está pronto a fazer tudo que você mandar. Enquanto o coroa está fora de si e visivelmente entusiasmado, sabendo disso você vai arrancar dele o máximo possível, e depressa, pois as coisas estão tomando por si mesmas um rumo inesperado.

Volta STREPSIADES empurrando o filho.

CENAS EPISÓDICAS II, Cena 2

[Após demonstrar a Fidipides o que aprendeu com Sócrates, Strepsiades convence o filho a ingressar no Pensatório.]

STREPSIADES

Não, pela Névoa, você não vai ficar na minha casa! Vá comer as colunas da casa de Megaclés!

FIDIPIDES

Homem diabólico! Que aconteceu com você, meu pai? Você não está com o juízo perfeito, por Zeus Olímpico!

STREPSIADES

Vejam só! Vejam só! Zeus Olímpico! Que bobagem acreditar em Zeus na sua idade!

FIDIPIDES

Por que você está rindo assim?

STREPSIADES

Pensando que você ainda é uma criança que acredita em contos de fadas. De qualquer maneira se aproxime, pois você ainda tem muito a aprender. Vou lhe dizer umas coisas, e quando você souber será um homem de verdade. Mas tenha cuidado! Não ensine estas coisas a ninguém!

FIDIPIDES

Estou aqui para isso; qual é o caso?

STREPSIADES

Você falou em Zeus há pouco tempo.

FIDIPIDES

E daí?

STREPSIADES

Veja, então, como é bom aprender. Zeus não existe, Fidipides.

FIDIPIDES

Como?

STREPSIADES

Agora reina no céu o Turbilhão, depois de expulsar Zeus de lá.

FIDIPIDES

Essa não! Que piada!

STREPSIADES

Pois fique sabendo; agora é assim.

FIDIPIDES

Quem disse isto?

STREPSIADES

Sócrates, o Mélio[56] ([56] Strepsiades assimila Sócrates a Diágoras de Melo, sofista conhecido por suas posições ateístas.), e Cairefon, que sabe medir o pulo das pulgas.

FIDIPIDES

E você está tão maluco a ponto de acreditar nestes pirados?

STREPSIADES

Contenha sua língua e não fale mal dos homens sabidos e cheios de bom senso, tão econômicos que nenhum deles manda cortar os cabelos nem esfrega óleo no corpo, nem vão aos banhos públicos para se lavar; você, ao contrário, como se eu já tivesse morrido, esbanja a minha fortuna. Vá aprender o mais depressa possível a maneira de me salvar da ruína!

FIDIPIDES

É possível aprender alguma coisa boa com esta gente?

STREPSIADES

Você está falando sério? Tudo que existe em matéria de sabedoria entre os homens! Você vai ficar sabendo o quanto é ignorante e grosso. Mas espere aqui um instante!

STREPSIADES torna a entrar em casa.

FIDIPIDES

Estou perdido! Que posso fazer, agora que meu pai pirou definitivamente? Será que devo levar o velho aos tribunais para ser interditado como demente, ou vou dizer aos fabricantes de caixões de defuntos que ele é um maluco moribundo?

STREPSIADES

Voltando à cena com um pássaro em cada mão.

Agora vamos ver: como você chama este pássaro aqui? Diga!

FIDIPIDES

Pássaro.

STREPSIADES

Muito bem. E este aqui?

FIDIPIDES

Pássaro.

STREPSIADES

Os dois com o mesmo nome? Você é um ignorante! Não repita isto! Chame esta aqui de pássara e o outro de pássaro.

FIDIPIDES

Pássara? Foram estas coisas engraçadas que você aprendeu entrando por instantes na casa dos filhos da Terra?

STREPSIADES

E muitas outras. Mas logo depois de aprender uma coisa eu esqueço, por causa da minha velhice.

FIDIPIDES

Foi também por isso que você esqueceu seu manto?

STREPSIADES

Eu não esqueci; dispensei o manto.

FIDIPIDES

E o que fez você de suas sandálias, débil mental?

STREPSIADES

Perdi as sandálias porque "era necessário" que eu perdesse, como disse Péricles[57] ([57] Péricles teria justificado uma despesa de dez talentos, feita durante a campanha contra a Beócia, alegando apenas que o gasto "era necessário".). Mas continue; vamos em frente. Erre obedecendo a seu pai! Mas também, há muito tempo, quando você tinha seis anos e não falava direito, eu fazia suas vontades. O primeiro óbolo[58] ([58] O óbolo era a menor unidade monetária grega e correspondia a um sexto da dracma.) que recebi como funcionário público, gastei na compra de um carrinho para você nas Diasias[59] ([59] As Diasias eram um concorrido festival ateniense dedicado a Zeus.).

CENAS EPISÓDICAS II, Cena 3

[A contragosto Fidipides assume a tarefa do pai. Sócrates chama os Raciocínios Justo e Injusto para ensiná-lo pessoalmente.]

FIDIPIDES

Um dia você vai se arrepender do que está fazendo.

STREPSIADES

É bom ver que você me obedece.

Dirigindo-se a SÓCRATES, que estava dentro de casa.

Saia e venha para cá, Sócrates! Trouxe meu filho; consegui convencer o teimoso!

SÓCRATES

Saindo de casa.

É porque ele ainda é criança e ainda não levou nenhuma queda em nossas viagens pelos ares.

FIDIPIDES

Você mesmo teria caído, se estivesse pendurado.

STREPSIADES

Vá para o inferno! Você deseja coisas ruins a seu mestre?

SÓCRATES

Essa é boa! “Se estivesse pendurado”! Você pronuncia estas palavras como um debiloide, com os lábios escancarados. Como este rapaz poderia aprender a arte de se livrar de uma sentença, de fazer uma acusação em juízo, de adoçar a voz para se tornar persuasivo? Para aprender tudo isso Hipérbolo me pagou um talento.

STREPSIADES

Não se zangue; basta você ensinar ao rapaz. Ele é naturalmente esforçado. Quando ele ainda era pequenino já modelava casas, fazia barquinhos, construía carrinhos de couro, e fazia rãs muito bem-feitas com cascas de romãs. Trate de ensinar a ele os dois raciocínios: o justo como ele é, e o injusto que, defendendo a injustiça, derrota o justo; se não for possível os dois, ensine ao menos o injusto, e de qualquer maneira.

SÓCRATES

Ele mesmo aprenderá da própria boca dos dois raciocínios. Quanto a mim, vou me afastar.

STREPSIADES

Não se esqueça de ensinar ao rapaz o que ele precisa para arrasar tudo que é justo.

SÓCRATES torna a entrar em sua casa, de onde em seguida saem o RACIOCÍNIO JUSTO e o RACIOCÍNIO INJUSTO discutindo acaloradamente.

AGON[60] ([60] Do ponto de vista formal, deve-se dividir esta cena em duas partes: *proagon* e *agon* (a partir da fala do Coro). Inicialmente, no *proagon* (ou *agon* preliminar), o debate é mais livre, correspondendo a uma troca de provocações entre as partes, sem que se siga um esquema métrico definido. No *agon* propriamente dito, o debate deve atender a regras formais preestabelecidas. Como essas diferenças desaparecem na tradução, mas a argumentação sobressai em ambas as partes, ambas são aqui reunidas como *agon*.)

[Os Raciocínios se enfrentam, cada qual procurando provar-se superior ao outro. O Raciocínio Justo representa o passado, a antiga educação pautada pela

ética e pela disciplina. O Raciocínio Injusto se apresenta como um campeão do tempo presente, que valoriza a obtenção de vantagens a qualquer preço. Ao final da exposição, o Raciocínio Justo reconhece a mudança dos tempos e a derrota. O Injusto assume a educação de Fidipides.]

RACIOCÍNIO JUSTO

Dirigindo-se ao RACIOCÍNIO INJUSTO.

Avance até aqui e se apresente aos espectadores, você que é tão convencido.

RACIOCÍNIO INJUSTO

Vá para onde você quiser. Será muito mais fácil para mim derrotá-lo falando diante do público.

RACIOCÍNIO JUSTO

Derrotar? Quem é você para me derrotar?

RACIOCÍNIO INJUSTO

Um raciocínio.

RACIOCÍNIO JUSTO

Sim, o fraco[61] ([61] Os Raciocínios ou Argumentos (*lógoi*, em grego) são denominados nos manuscritos como Justo e Injusto (*díkaios* e *ádikos*, respectivamente), mas eles se referem um ao outro como Forte e Fraco (*kreítton* e *hétton*), ou, numa tradução mais livre, Certo e Errado.).

RACIOCÍNIO INJUSTO

O fato de você pensar que é mais forte do que eu não me impede de vencê-lo.

RACIOCÍNIO JUSTO

Com que artifícios?

RACIOCÍNIO INJUSTO

Com a novidade de minhas invenções.

RACIOCÍNIO JUSTO

É verdade; a novidade agora está na moda…

Apontando para os espectadores.

…graças a estes insensatos.

RACIOCÍNIO INJUSTO

Insensatos não; sábios.

RACIOCÍNIO JUSTO

Vou ser a perdição deles.

RACIOCÍNIO INJUSTO

Fazendo o quê?

RACIOCÍNIO JUSTO

Dizendo o que é justo.

RACIOCÍNIO INJUSTO

Vou derrotá-lo contradizendo suas falas.

Para começar, digo que não existe justiça.

RACIOCÍNIO JUSTO

Você diz que ela não existe?

RACIOCÍNIO INJUSTO

Então vejamos: onde ela existe?

RACIOCÍNIO JUSTO

Entre os deuses.

RACIOCÍNIO INJUSTO

Se existe justiça entre eles, por que Zeus não foi morto, ele, que acorrentou seu próprio pai?

RACIOCÍNIO JUSTO

A repugnância já faz o seu efeito; me dê uma bacia!

RACIOCÍNIO INJUSTO

Você é um velho imbecil e desequilibrado!

RACIOCÍNIO JUSTO

Você é bicha e sem-vergonha!

RACIOCÍNIO INJUSTO

Você está falando de rosas!

RACIOCÍNIO JUSTO

Você é um sacrílego!

RACIOCÍNIO INJUSTO

Você me coroa de lírios!

RACIOCÍNIO JUSTO

Um parricida!

RACIOCÍNIO INJUSTO

Você me cobre de ouro sem saber.

RACIOCÍNIO JUSTO

Eu não cobriria você de ouro, e sim de chumbo!

RACIOCÍNIO INJUSTO

Para mim isto é um enfeite.

RACIOCÍNIO JUSTO

Você é muito atrevido!

RACIOCÍNIO INJUSTO

E você é um antiquado!

RACIOCÍNIO JUSTO

Por sua causa este rapaz quer frequentar a minha escola. Um dia os atenienses vão saber o que você ensina aos pobres de espírito.

RACIOCÍNIO INJUSTO

Você vegeta vergonhosamente!

RACIOCÍNIO JUSTO

E você prospera, embora há pouco tempo pedisse esmolas, fazendo-se passar por um Télefo mísio e tirando de uma bolsa frases de Pandêleto para mascá-las.[62] ([62] No mito, Télefo, rei da Mísia, se faz passar por mendigo para penetrar no palácio de Agamêmnon e defender sua causa diante dos chefes da campanha troiana. Pandêleto foi um delator, contemporâneo de Aristófanes. Ambos os exemplos visam a caracterizar o Injusto como um orador hábil, mas vil.).

RACIOCÍNIO INJUSTO

Quanta erudição…

RACIOCÍNIO JUSTO

Quanta loucura…

RACIOCÍNIO INJUSTO

…você está exibindo!

RACIOCÍNIO JUSTO

…a sua e a da cidade que o sustenta, corruptor da juventude!

RACIOCÍNIO INJUSTO

Desista de instruir este rapaz, sendo você o antiquado que é.

RACIOCÍNIO JUSTO

Se você quer que ele saia perdendo e passe a ser apenas um tagarela.

RACIOCÍNIO INJUSTO

Dirigindo-se a FIDIPIDES.

Venha para perto de mim e deixe o velho delirar.

RACIOCÍNIO JUSTO

Você se arrependerá se puser a mão nele.

CORIFEU

Interpondo-se entre os dois RACIOCÍNIOS para evitar que eles se agridam.

Basta de discussão e de xingações!

Dirigindo-se primeiro ao RACIOCÍNIO JUSTO e depois ao INJUSTO.

Mostre você o que ensinava aos rapazes de antigamente, e você mostre a nova educação; depois de ouvir os dois, Fidipides poderá julgar e escolher.

RACIOCÍNIO JUSTO

É exatamente o que desejo fazer.

RACIOCÍNIO INJUSTO

E eu também.

CORIFEU

Muito bem. Vejamos quem fala primeiro.

RACIOCÍNIO INJUSTO

Permito que seja ele. Depois eu acabo com ele, disparando algumas frases curtas e grossas e pensamentos novos como se fossem flechas. No fim, se ele ainda puder sussurrar uma palavra com todo o rosto e até os olhos picados como se fosse por zangões, minhas frases vão matá-lo de uma vez por todas.

CORO

Agora eles vão mostrar quem fala melhor, cheios de confiança na enorme habilidade de seus raciocínios, de seus pensamentos e de suas reflexões transformadas em sentenças. Chegou a hora de uma prova decisiva, aqui mesmo, desta sapiência em que os dois confiam para se atracarem num grande combate.

CORIFEU

Dirigindo-se ao RACIOCÍNIO JUSTO.

Vamos, então; você, que enfeita os antigos com roupagens tão bonitas, fale com sua voz agradável e diga o que a sua natureza mandar.

RACIOCÍNIO JUSTO

Então vou dizer como era a educação antiga, quando eu ganhava dinheiro ensinando a justiça e todos cultivavam a moderação. Para começar, as crianças andavam em silêncio; todos os meninos de cada bairro andavam nas ruas em perfeita ordem, a caminho da casa do professor de música, sem mantos e em grupos bem alinhados, ainda que a neve caísse como farinha de trigo de uma peneira. Lá o professor ensinava antes de tudo um hino, enquanto os meninos permaneciam com as coxas afastadas, ou então cantavam “Palas destruidora de cidades”, ou ainda “um grito retumbante ao longe”, perpetuando a solene cadência dória de seus pais. Se um deles fazia graças ou imitava as inflexões do

gênero dos cantos atualmente em moda, graças a Frínis[63] ([63] Frínis de Mitilene foi um músico premiado nas Panateneias, a quem se atribuíram inovações na arte do canto.),tão difíceis de entoar, era moído de pancadas por querer ridicularizar as Musas. Depois, na casa do mestre de ginástica, os meninos, sentados, tinham de cobrir as coxas, de maneira a não mostrar nada que pudesse chocar os vizinhos. Quando um deles se levantava tinha de alisar a areia e de cuidar de não deixar seus colegas verem marcas de sua virilidade. Nenhum menino esfregava-se com óleo abaixo do umbigo, e em volta dos órgãos sexuais se via uma penugem viçosa e macia como o pelo dos pêssegos. Nenhum deles se aproximava de seu amigo favorito dando inflexões efeminadas à voz e com olhares de mormaço, como se fosse prostituir-se. Nunca podiam comer raiz-forte no jantar, nem tirar dos mais idosos o aneto e o aipo, ou ser gulosos, ou rir às gargalhadas, ou cruzar as pernas.

RACIOCÍNIO INJUSTO

Velharias do tempo das Dipolias, como as cigarras, Cedidas e as Bufonias[64] ([64] O Injusto menciona várias coisas que se consideravam ultrapassadas, visando a caracterizar o pensamento do Justo como antiquado. As Bufonias, sacrifícios de bois, integravam as Dipolias, festival em honra de Zeus Protetor da Pólis. As "cigarras" aludem a presilhas na forma desse inseto com que as mulheres prendiam os cabelos. Cedidas foi um poeta ditirâmbico da geração anterior a Aristófanes.).

RACIOCÍNIO JUSTO

Mas foi com essas velharias que os guerreiros de Maratona[65] ([65] Em Maratona, planície vizinha a Atenas, travou-se a batalha mais emblemática da primeira guerra médica (490 a.C.), em que os gregos sagraram-se vitoriosos sobre os povos medo-persas, com grande destaque para a participação dos atenienses.) se educaram e se formaram, graças a meu sistema pedagógico. E você ensina os meninos de hoje a se enrolarem desde cedo em mantos. Fico revoltado quando, durante as Panateneias, vejo meninos que, obrigados a dançar, põem seus escudos sobre os órgãos sexuais, sem o respeito devido a Atena.

Dirigindo-se a FIDIPIDES.

Sendo assim, meu jovem, escolha-me confiantemente, a mim, o Raciocínio Justo; você aprenderá a detestar a praça pública, a detestar os banhos públicos, a corar diante de tudo que é indecoroso, a zangar-se quando riem de suas boas maneiras, a levantar-se de seu assento quando os idosos se aproximam, a não ser grosseiro com os pais, a não praticar qualquer ato vergonhoso, ofensivo ao pudor que é o seu ornamento; a não correr em direção a uma dançarina para evitar que, observando tudo isso de boca aberta, receba nela uma maçã jogada por alguma mulher depravada e perca a sua boa reputação; a não replicar a seu pai, invocando o antigo Jápeto[66] ([66] Jápeto, o pai de Prometeu, é um dos Titãs, deuses filhos de Urano e irmãos de Crono, que reinou antes de Zeus. É mencionado como símbolo de velhice extrema.), com alusões desrespeitosas à idade dele, pois você foi posto neste mundo por seu pai.

RACIOCÍNIO INJUSTO

Se você acreditar nele, rapazinho, ficará parecido com os filhos de Hipócrates[67] ([67] Hipócrates era um nome relativamente comum entre os gregos e este aqui não deve ser confundido com o seu homônimo mais conhecido, o pai da medicina: é provável que a referência seja a um sobrinho de Péricles.) e será chamado “filhinho da mamãe”.

RACIOCÍNIO JUSTO

Você passará o tempo nos ginásios atléticos, brilhante e viçoso como uma flor, em vez de declamar na praça pública bobagens grosseiras sem o menor sentido, como se faz atualmente, ou de gastar suas energias com questões armadas sobre chicanas, contestações e trapaças. Você irá até a Academia[68] ([68] A Academia está associada a Platão, que ali teria estabelecido sua escola. Na época de Aristófanes, no entanto, era apenas um conhecido parque de Atenas, usado para a prática de exercícios.), onde, sob as oliveiras sagradas, você correrá coroado de juncos finos, com um amigo de sua idade, cheirando a flores, aproveitando o lazer entre as folhas do álamo branco que perde suas espiguinhas, gozando as delícias primaveris, enquanto o álamo cochicha com o olmo. Se você aceitar os meus conselhos e concentrar seu espírito neles, terá sempre o peito robusto, a pele viçosa, os ombros largos, a língua curta, as nádegas musculosas, o pênis encolhido; mas se você adotar os costumes atuais,

primeiro terá a pele pálida, os ombros estreitos, o peito reentrante, as nádegas flácidas, o pênis ereto e o espírito amigo de chicanas.

Apontando para o RACIOCÍNIO INJUSTO.

Ele o levará a achar decente tudo que é vergonhoso, vergonhoso tudo que é decente e ainda por cima o emporcalhará com o vício indecoroso de Antímaco[69] ([69] Antímaco é outro exemplo de invectiva pessoal sem que se possa estabelecer a identidade da figura zombada.).

CORO

Dirigindo-se ao RACIOCÍNIO JUSTO.

Você, que pratica uma bela e sublime sabedoria glorificante, adorna suas falas com a flor suave da virtude! Como eram felizes os nossos antepassados!

Dirigindo-se ao RACIOCÍNIO INJUSTO.

Você, um artista caracterizado pela tapeação, terá de dizer alguma coisa nova, pois seu adversário foi muito apreciado.

CORIFEU

Dirigindo-se também ao RACIOCÍNIO INJUSTO.

Aparentemente você ainda tem razões poderosas para opor às dele, se pretende vencer este rival e não ser alvo de risadas.

RACIOCÍNIO INJUSTO

De fato, eu estava bufando de impaciência até as entranhas, ansioso por derrubar todos esses argumentos com palavras contrárias às dele. Eu, o Raciocínio Injusto, recebi esta qualificação entre os pensadores exatamente porque tive antes de qualquer outro a ideia de falar contra as leis e a justiça. Esta arte tem um valor maior que qualquer outra; ela ensina a defender as razões mais fracas e fazê-las prevalecerem apesar de sua fragilidade.

Dirigindo-se a FIDIPIDES.

Veja como eu vou estraçalhar essa educação em que ele confia. Primeiro, ele não deixará você banhar-se em água quente - ele disse isso!

Dirigindo-se ao RACIOCÍNIO JUSTO.

Baseado em que princípio você condena os banhos quentes?

RACIOCÍNIO JUSTO

Ora! É por ser um hábito pernicioso, que enfraquece o homem.

RACIOCÍNIO INJUSTO

Pare, pois peguei você pelo pé! Você não pode escapar. Diga: entre os filhos de Zeus, qual deles, em sua opinião, possui o espírito mais combativo e trabalha mais?

RACIOCÍNIO JUSTO

Nenhum deles é superior a Heraclés[70] ([70] Heraclés, ou Héracles, é o maior e mais popular dentre os heróis gregos, conhecido pelos doze trabalhos que cumpriu sob o jugo de Hera. Os banhos termais eram denominados “banhos de Héracles”.).

RACIOCÍNIO INJUSTO

E onde você viu “banhos de Heraclés” frios? E quem foi mais viril que ele?

RACIOCÍNIO JUSTO

É por isso que nossos adolescentes passam o dia todo tagarelando nas casas de banho cheias, enquanto os ginásios atléticos estão vazios!

RACIOCÍNIO INJUSTO

Em seguida você censura os rapazes por ficarem na praça pública, mas eu acho que eles estão certos. Se isto fosse um mal, Homero nunca teria feito o elogio de Nestor e de todos os sábios frequentadores constantes dela. Passando ao uso da boa linguagem, que em sua opinião os jovens não devem exercitar: eu afirmo o contrário. Por outro lado, a moderação, diz você, é um dever dos adolescentes. Estes seriam dois males enormes. Para quem você viu a moderação ser um bem? Fale e me contradiga.

RACIOCÍNIO JUSTO

Para muitos. Peleu, por exemplo, recebeu sua espada por causa dela[71] ([71] Peleu, rei da Ftia, foi falsamente acusado de tentar seduzir a mulher de seu anfitrião e, por isso, foi abandonado desarmado na floresta. Graças à intervenção divina recupera sua espada e se salva. Célebre é seu casamento com a nereida Tétis, da qual nascerá Aquiles, o principal herói grego em Troia.).

RACIOCÍNIO INJUSTO

Uma espada? Ele levou uma grande vantagem… Hipérbolo, o vendedor de lâmpadas, não ganhou um monte de dinheiro graças à sua desonestidade? Não foi só uma espada…

RACIOCÍNIO JUSTO

Sim, e se Peleu casou-se com Tétis foi por causa de sua modéstia.

RACIOCÍNIO INJUSTO

E ela foi embora e deixou o coitado na mão. Peleu não foi fogoso nem ficou indócil debaixo do cobertor durante a noite que ela passou com ele. Uma mulher gosta de ser deixada exausta. Você é um velho que só diz bobagens.

Dirigindo-se a FIDIPIDES.

Veja, rapaz, os inconvenientes da moderação, e de quantos prazeres ela nos priva, com meninos e mulheres, com jogos, com comidas gostosas, com bebidas, com boas gargalhadas. Ao contrário, de que vale sua vida se você se priva de tudo isso? Vamos adiante. Agora passo às necessidades naturais. Digamos que você teve azar, amou, cometeu um adultério e foi apanhado em flagrante delito. Você está perdido porque não sabe falar. Mas se você ficar comigo vai gozar as coisas boas da natureza - pular, rir, não considerando coisa alguma vergonhosa. Se você for surpreendido em adultério, dirá ao marido que nada fez de mal; depois diga que o culpado é Zeus. De fato, se um deus se deixa vencer pelo amor e pelas mulheres, como você, simples mortal, pode ser mais forte que um deus?

RACIOCÍNIO JUSTO

Mas como? Se um deus deixar que enfiem um nabo no traseiro do adúltero por ter levado alguém na sua conversa, e se depilarem o traseiro dele com cinza

quente, ele terá alguma palavra a dizer para provar que não é um “traseiro frouxo”?

RACIOCÍNIO INJUSTO

E se ele for um “traseiro frouxo”, que mal há nisto para ele?

RACIOCÍNIO JUSTO

Ou melhor, que lhe poderia acontecer de pior?

RACIOCÍNIO INJUSTO

E que dirá você se for vencido por mim neste ponto?

RACIOCÍNIO JUSTO

Fico calado. Que outra coisa posso fazer?

RACIOCÍNIO INJUSTO

Muito bem! Então responda: que espécie de homens são os advogados?

RACIOCÍNIO JUSTO

São homens de “traseiro frouxo”.

RACIOCÍNIO INJUSTO

Acredito. E os autores de tragédias?

RACIOCÍNIO JUSTO

“Traseiros frouxos”.

RACIOCÍNIO INJUSTO

Bem dito. E os políticos?

RACIOCÍNIO JUSTO

“Traseiros frouxos”.

RACIOCÍNIO INJUSTO

Afinal você reconhece que não diz coisa alguma digna de aprovação? E os espectadores, que são eles em sua maioria? Olhe para eles!

RACIOCÍNIO JUSTO

Estou olhando.

RACIOCÍNIO INJUSTO

Então, que vê você?

RACIOCÍNIO JUSTO

Em sua maioria são "traseiros frouxos". Ali está um, por exemplo, que eu conheço; e aquele lá atrás; e aquele cabeludo ali.

RACIOCÍNIO INJUSTO

Que tem você a dizer agora?

RACIOCÍNIO JUSTO

Dirigindo-se aos espectadores.

Fui vencido, prostitutos!

Voltando-se para a casa de SÓCRATES.

Recebam o meu manto[72] ([72] Na Grécia antiga, entregar o manto significava reconhecer a derrota.). Passo para o lado de vocês.

O RACIOCÍNIO JUSTO volta à casa de SÓCRATES.

RACIOCÍNIO INJUSTO

Dirigindo-se a STREPSIADES, que permanecera fora.

Então? Você prefere levar o seu filho de volta, ou quer que eu ensine ele a falar?

STREPSIADES

Ensine e castigue o rapaz e não se esqueça de afiar a língua dele dos dois lados: um lado para tornar ele capaz de enfrentar os pequenos processos, e o outro para as causas mais importantes.

RACIOCÍNIO INJUSTO

Fique tranquilo; vou transformar ele num sofista espertíssimo.

FIDIPIDES

Pálido, penso eu, e miserável.

CORIFEU

Agora retirem-se.

O RACIOCÍNIO INJUSTO e FIDIPIDES entram na casa de SÓCRATES. O CORIFEU dirige-se a STREPSIADES.

Tenho a impressão de que você vai se arrepender da decisão que acaba de tomar.

STREPSIADES sai para sua casa.

PARÁBASE II

[O Coro, ainda encarnando nuvens, dirige-se aos juízes para pedir seus votos e prometer castigos caso a comédia não saia vitoriosa.]

CORO

Queremos dizer aos nossos juízes[73] ([73] Os juízes aqui são os cidadãos encarregados de distribuir os prêmios nos festivais dramáticos. O coro dá início à segunda parábase.) que ganharão se tomarem o partido do coro. Para início de conversa, quando vocês quiserem iniciar o trabalho em seus campos na estação apropriada, faremos chover antes de tudo para vocês e só depois para os outros. Depois protegeremos suas colheitas e suas vinhas, para que elas não sejam prejudicadas nem pela seca e nem pelo excesso de chuva. Mas se algum de vocês nos ofender, sendo ele mortal e nós deusas, preste muita atenção aos males que suportará, vindo de nós: não produzirá nem vinho nem nada em suas terras. Quando as oliveiras e as parreiras começarem a crescer, nós as arrasaremos, atingindo-as todas com nossas tempestades. Quando o virmos fazendo tijolos, faremos chover, atingindo as telhas da cobertura da olaria com granizos redondos, até reduzi-las a pedaços. E se um dia algum deles ou algum de seus parentes ou amigos se casar, faremos chover durante a noite inteira[74] ([74] O coro faria chover a noite inteira na intenção de apagar as tochas do cortejo nupcial.), de tal maneira que talvez ele preferisse estar no Egito em vez de ter sido um mau juiz aqui.

CENAS EPISÓDICAS II

[Fidipides volta do Pensatório como um orador completo. Strepsiades celebra o sucesso de seu plano e despacha os credores, confiante de que o filho anulará as dívidas no tribunal.]

STREPSIADES

Saindo novamente de sua casa algum tempo depois.

Cinco, quatro, três, depois dois e finalmente o dia mais temido entre todos, que me deixa arrepiado, que detesto, o dia da lua velha e da lua nova[75] ([75] O "dia da lua velha e da lua nova" era o último do mês, quando as dívidas e os juros deviam ser cobrados.). Cada um daqueles a quem devo juros, depois de depositar o dinheiro das custas processuais, vai causar a minha perdição e me destruir. Embora minhas demandas judiciais sejam comedidas e justas, homem diabólico, me dê tempo para pagar esta outra e me dê quitação daquela. Os credores imaginam que assim jamais serão pagos; me xingam e me chamam de trambiqueiro, e me ameaçam com novos processos. Muito bem! Que me processem - pouco me importa -, desde que Fidipides tenha aprendido a falar bem. Vou saber dentro de pouco tempo, batendo à porta do Pensatório. Rapaz! Meu rapaz!

SÓCRATES

Abrindo a porta.

Salve, Strepsiades!

STREPSIADES

Também cumprimento você, mas primeiro concorde em receber os honorários de mestre. Mas diga se meu filho, o rapaz que você há pouco tempo recebeu em sua casa, aprendeu o famoso raciocínio.

SÓCRATES

Aprendeu.

STREPSIADES

Viva o trambique, rei do mundo!

SÓCRATES

Agora você será absolvido em qualquer processo quando quiser.

STREPSIADES

Ainda que houvesse uma testemunha quando tomei o dinheiro emprestado?

SÓCRATES

Melhor ainda: mesmo que houvesse mil testemunhas!

STREPSIADES

Então vou gritar e berrar: coitados de vocês, agiotas, de vocês mesmos e do dinheiro emprestado! Vocês já não vão poder me fazer mal nenhum, agora que está sendo preparado para mim neste Pensatório um filho brilhante, uma língua com dois gumes afiados, uma fortaleza para me proteger, um salvador para minha casa, uma desgraça para meus inimigos, libertador do pai ameaçado por grandes males!

Dirigindo-se a SÓCRATES, que tornava a entrar em casa.

Vá correndo chamar meu filho! Quero que ele saia e venha ao meu encontro para ouvir a voz de seu pai!

SÓCRATES reaparece trazendo FIDIPIDES.

SÓCRATES

Eis aqui o grande homem!

STREPSIADES

Amigo! Meu amigão!

SÓCRATES

Você pode ir embora com ele.

SÓCRATES volta à sua casa sozinho.

STREPSIADES

Meu filho! Oba! Oba! Tenho de mostrar a minha alegria, antes de tudo por ver a sua cor. Seu jeito é o de um homem preparado para negar tudo, para contradizer tudo. No seu rosto se lê perfeitamente: “Que tem você a alegar?”, e me anima esta maneira de parecer ofendido quando está ofendendo e maltratando os outros; conheço muito bem essas coisas! E nos seus olhos vejo esta maneira ática de olhar! Agora trate de me salvar, já que você até hoje tem sido a minha perdição.

FIDIPIDES

Você está com medo de alguma coisa; de que você tem medo?

STREPSIADES

Da lua velha e da lua nova[76] ([76] Ver a nota anterior.).

FIDIPIDES

E existe um dia da lua velha e lua nova?

STREPSIADES

Existe, sim; é aquele em que os credores dizem que vão fazer a consignação em juízo contra mim.

FIDIPIDES

Eles perderão as consignações, pois um dia só não pode ser transformado em dois.

STREPSIADES

Isto é possível?

FIDIPIDES

De fato, como seria? Só se a mesma mulher pudesse ao mesmo tempo ser velha e moça.

STREPSIADES

Mas a lei diz isso.

FIDIPIDES

Penso que não compreendem bem o espírito da lei.

STREPSIADES

E qual é esse espírito?

FIDIPIDES

O antigo Sólon[77] ([77] Poeta e legislador ateniense que viveu no séc. VI a.C., Sólon redigiu as leis que vigoravam em Atenas. O juízo de que era "amigo do povo" pode ter surgido da sua iniciativa de proibir a escravidão por dívidas.) era por natureza amigo do povo.

STREPSIADES

Isto não tem nada, mas nada mesmo, a ver com lua velha e lua nova.

FIDIPIDES

Aquele legislador fixou, então, para o depósito, dois dias - a lua velha e a lua nova - para que a consignação fosse feita no dia da lua nova.

STREPSIADES

E por que ele falou na velha?

FIDIPIDES

Pobre homem!… Para que os réus, presentes na véspera, pudessem cumprir o compromisso amigavelmente, em dia, ou para que eles ficassem inquietos desde a manhã do dia da lua nova.

STREPSIADES

Como pode acontecer que não seja no dia da lua nova que os magistrados recebam as consignações, e sim no dia da lua velha e lua nova?

FIDIPIDES

Penso que acontece com eles o mesmo que se passa com os provadores públicos[78] ([78] Funcionários públicos encarregados de provar previamente as iguarias dos banquetes oficiais.); eles antecipam em um dia as consignações para começarem a sentir o gosto delas com um dia de antecedência.

STREPSIADES

Muito bem!

Dirigindo-se aos espectadores.

Coitados de vocês! Por que estão sentados aí com essa cara de retardados, vítimas dos sabidos como nós, parecendo pedras, ou simples números, rebanho de carneiros, ânforas amontoadas? Devo também cantar um hino triunfal em minha honra e em honra de meu filho que está aqui comemorando o seu sucesso:

Declamando.

"Sua ventura é grande, Strepsiades; você nasceu para ser um doutor e está criando um filho sabidíssimo!"

Dirigindo-se ao filho.

"Direi de hoje em diante a meus amigos e a todos os meus bravos conterrâneos: todos invejam o grande sucesso das defesas que você faz no foro!" Mas primeiro quero levar você para nossa casa e lhe dar um presente digno de você.

Os dois entram na casa de STREPSIADES. Chega um PRIMEIRO CREDOR, acompanhado por uma testemunha.

PRIMEIRO CREDOR

Dirigindo-se à testemunha.

Vamos! Será necessário sacrificar um homem levando-o a perder seus bens? Não! Nunca! Teria sido melhor desde o princípio, naquele dia, esquecer toda a compostura em vez de atrair aborrecimentos sobre mim, já que para reaver meu dinheiro estou arrastando você comigo como testemunha; mais do que isso, vou também transformar em inimigo um conterrâneo meu. Mas não me importa; nunca, enquanto eu viver, envergonharei a minha terra! Vou cobrar na Justiça o que Strepsiades me deve…

STREPSIADES

Quem é ele? Aquele ali!

PRIMEIRO CREDOR

…pois hoje é lua velha e lua nova.

STREPSIADES

Dirigindo-se à testemunha.

Tomo você como testemunha de que ele falou em dois dias diferentes.

Dirigindo-se ao PRIMEIRO CREDOR.

Por que você me processa?

PRIMEIRO CREDOR

Por causa do dinheiro que você me pediu emprestado para comprar um cavalo malhado.

STREPSIADES

Um cavalo?

Dirigindo-se aos espectadores.

Vocês estão ouvindo? Todos sabem que detesto montar a cavalo…

PRIMEIRO CREDOR

E você me prometeu o reembolso do dinheiro, jurando pelos deuses!

STREPSIADES

Foi porque naquela ocasião Fidipides ainda não tinha aprendido o raciocínio irrespondível para me defender.

PRIMEIRO CREDOR

E agora você pensa em negar a dívida por causa disso?

STREPSIADES

Que outro proveito eu posso tirar da sabedoria dele?

PRIMEIRO CREDOR

E você vai querer negar a dívida jurando em nome dos deuses?

STREPSIADES

Em nome dos deuses? Que deuses?

PRIMEIRO CREDOR

Zeus, Hermes, Poseidon…

STREPSIADES

Sim, e para poder jurar eu tinha de dar três óbolos.

PRIMEIRO CREDOR

Tomara que você morra por sua falta de vergonha!

STREPSIADES

Curtido com sal, seu couro dava para fazer um bom saco…

PRIMEIRO CREDOR

Como você zomba de mim!

STREPSIADES

O saco dava para eu levar seis litros de vinho…

PRIMEIRO CREDOR

Muito bem; por Zeus Grande e por todos os deuses, você me pagará!

STREPSIADES

Você me diverte demais com seus deuses, e Zeus, tomado como testemunha por quem sabe das coisas, é até engraçado!

PRIMEIRO CREDOR

Dentro de pouco tempo estas palavras lhe custarão caro! Mas afinal, você me entrega ou não o meu dinheiro? Responda! Quero ir embora!

STREPSIADES

Tenha paciência. Vou responder com a maior clareza dentro de muito pouco tempo…

STREPSIADES torna a entrar em casa.

PRIMEIRO CREDOR

Dirigindo-se à testemunha.

Que acha você que ele vai fazer? Será que ele vai pagar?

STREPSIADES

Voltando com um caneco na mão.

Onde está o cara que veio cobrar o dinheiro dele?

Mostrando o caneco.

Que é isto aqui na minha mão?

PRIMEIRO CREDOR

Que é isto? É um caneco.

STREPSIADES

E você quer cobrar seu dinheiro, ignorante como é? Eu não pago nem um óbolo a quem chama caneca de caneco.

PRIMEIRO CREDOR

Então você não vai me pagar a dívida?

STREPSIADES

Não, que eu saiba. Você quer fazer o favor de parar de falar e sair imediatamente de minha porta?

PRIMEIRO CREDOR

Vou embora, mas fique sabendo que prefiro morrer a não depositar a minha consignação!

O PRIMEIRO CREDOR sai com a testemunha.

STREPSIADES

Isto vai ser mais dinheiro perdido a juntar às doze minas deste credor. Estou realmente triste por causa dessa perda só porque ele confundiu o gênero dos substantivos…

Entra o SEGUNDO CREDOR.

SEGUNDO CREDOR

Coitado de mim!

STREPSIADES

Quem é aquele cara que está se lamentando? Será que está falando de algum dos deuses de Carcino[79] ([79] Carcino foi um conhecido tragediógrafo ateniense do séc.V a.C. Escreveu 160 tragédias, todas perdidas.)?

SEGUNDO CREDOR

Essa não! Quem sou eu? É isto que você quer saber? Sou um infeliz!

STREPSIADES

Então siga seu caminho sozinho.

SEGUNDO CREDOR

"Deusa cruel, sorte adversa que partiste o eixo do carro puxado por meus corcéis! Foste a causa de minha perdição, Palas![80] ([80] A passagem parodia a tragédia *Licímnio*, de Xenocles, filho de Carcino. Nela, o herói homônimo é morto acidentalmente por Tlepólemo, filho de Héracles.)"

STREPSIADES

Que mal Tlepólemo fez a ele?

SEGUNDO CREDOR

Não zombe de mim, caro amigo! Mande seu filho me pagar o dinheiro que recebeu de mim, principalmente porque estou agora na maior miséria!

STREPSIADES

Que dinheiro é esse?

SEGUNDO CREDOR

O que ele me tomou emprestado.

STREPSIADES

Pela sua cara, você deve estar mesmo muito infeliz.

SEGUNDO CREDOR

Caí do carro quando chicoteava os cavalos.

STREPSIADES

Você está exagerando, pois deve ter caído de um jumento.

SEGUNDO CREDOR

Eu exagero só porque quero meu dinheiro de volta?

STREPSIADES

Não é possível que você esteja com o juízo perfeito! Parece que recebeu uma pancada muito forte na cabeça…

SEGUNDO CREDOR

E parece que você vai ser processado por mim se não me entregar meu dinheiro!

STREPSIADES

Então me diga: você acredita que é sempre água nova que Zeus deixa cair do céu quando chove, ou é a água que o sol bombeia daqui debaixo lá para cima?

SEGUNDO CREDOR

Não sei qual é das duas, nem quero saber.

STREPSIADES

Como você se acha com o direito de reaver seu dinheiro, se nada sabe das coisas celestes?

SEGUNDO CREDOR

Vejamos… Se vocês estão em dificuldades financeiras, paguem ao menos os juros de meu dinheiro.

STREPSIADES

Juros? Que bicho é esse?

SEGUNDO CREDOR

Que pode ser, senão que a cada mês e cada dia o dinheiro cresce, cresce sem parar, enquanto o tempo passa?

STREPSIADES

Você falou bem. E daí? O mar pode estar mais cheio hoje do que antigamente?

SEGUNDO CREDOR

Não; ele continua o mesmo. Não é normal que ele cresça.

STREPSIADES

Então, miserável, o mar não cresce de jeito nenhum, apesar das águas dos rios, e você quer que seu dinheiro cresça? Siga seu caminho e vá para longe de minha casa!

Gritando para dentro de sua casa.

Tragam depressa uma barra de ferro!

SEGUNDO CREDOR

Tomo os presentes por testemunhas!

STREPSIADES

Vá embora! Que é que você espera? Vá andando, cavalo marcado a fogo!

SEGUNDO CREDOR

Isto não é uma humilhação?

STREPSIADES

Você não vai embora? Vou encher seu traseiro de buracos com uma vara de ferrão, cavalo desatrelado!

STREPSIADES entra em casa.

ESTÁSIMO

[As Nuvens anunciam a reviravolta, pois quem recorre à injustiça termina por se tornar vítima dela.]

CORO

É nisso que dá o gosto pelas causas más. Nosso coroa, que está com este problema, quer dar um calote em quem lhe emprestou dinheiro. É impossível que não lhe aconteça alguma desgraça, pois só assim este sabichão receberá um golpe inesperado como castigo de seus trambiques. De fato, pensamos que ele vai buscar lá dentro o que lhe estava faltando: o filho astucioso para pronunciar frases contrárias à justiça, a ponto de ludibriar com discursos nojentos quem faz negócios com ele. Mas talvez ele ainda venha a desejar que seu filho tivesse nascido mudo.

STREPSIADES sai apressadamente de casa, seguido por FIDIPIDES, que o espanca.

ÊXODO, Cena 1

[As cenas do êxodo enfatizam o castigo dos que voltaram as costas à Justiça. A altercação entre Strepsiades e Fidipides constitui um segundo *agon*, mais informal, na comédia. Instruído por Sócrates e pelo Raciocínio Injusto, o rapaz não se submete às regras sociais e nem respeita mais seu pai, chegando ao ponto de agredi-lo fisicamente.8)]

STREPSIADES

Ai! Ai! Vizinhos, parentes, conterrâneos! Socorro! Estão me espancando! Me ajudem como puderem! Quanta infelicidade! Minha cabeça! Meu queixo!

Dirigindo-se a FIDIPIDES.

Você está dando porradas em seu pai, filho degenerado!

FIDIPIDES

Estou, meu pai.

STREPSIADES

Vocês estão ouvindo! Ele confessa que está me espancando!

FIDIPIDES

Perfeitamente.

STREPSIADES

Desalmado! Parricida! Destruidor de muralhas!

FIDIPIDES

Repita estes elogios e outros. Você sabe que tenho prazer em ouvir todos estes insultos?

STREPSIADES

Traseiro completamente sem pregas!

FIDIPIDES

Espalhe generosamente suas rosas…

STREPSIADES

Você, dando porradas em seu pai?

FIDIPIDES

E vou provar que tenho razões para espancar você.

STREPSIADES

Maior dos tarados! Como alguém pode ter razões para espancar o próprio pai?

FIDIPIDES

Vou demonstrar isso e você ficará convencido.

STREPSIADES

De que você vai me convencer?

FIDIPIDES

De tudo, e facilmente. Escolha entre os dois raciocínios o que você quer que eu use.

STREPSIADES

Que dois raciocínios?

FIDIPIDES

O justo e o injusto, velho gagá!

STREPSIADES

Então eu obriguei meu filho a aprender a contradizer a justiça para ele me convencer de que é justo e bonito que os filhos batam nos pais!

FIDIPIDES

Mas tenho certeza de que vou convencê-lo, tão bem que você mesmo, depois de me ouvir, não vai nem mesmo replicar.

STREPSIADES

É… Estou ansioso por ouvir o que você tem a dizer.

CORO

Sua obrigação, coroa, é pensar nos meios de dominar este homem; se alguma coisa não lhe inspirasse confiança, ele não seria tão atrevido. Mas aqui há qualquer coisa que lhe dá esse atrevimento. A confiança dele é evidente.

CORIFEU

Dirigindo-se a STREPSIADES.

Mas por que começou a discussão? Antes de mais nada você tem de dizer isto ao coro, de qualquer maneira!

STREPSIADES

Vou dizer a verdade a respeito do começo da xingação entre nós. A gente estava começando a almoçar, como vocês devem saber. Primeiro eu disse a ele para pegar a lira e cantar um hino de Simonides a propósito de Crio[81] ([81] Simônides de Ceos, que viveu entre os sécs. VI e V a.C., foi um poeta lírico bastante admirado. Compôs diversos epinícios, poemas para celebrar a vitória de atletas nos jogos pan-helênicos, dentre os quais o mencionado Crio.) e da maneira de ele se pentear. Mas ele disse logo que era uma velharia tocar lira e cantar bebendo, tanto quanto uma mulher quando mói cevada torrada.

FIDIPIDES

Eu não tinha razão para espancá-lo, para moê-lo a porradas, quando ele me disse para cantar como se eu fosse uma cigarra?

STREPSIADES

Foi isto mesmo que ele me disse lá dentro, há pouco tempo como agora; ele achava também que Simonides era um chato. Aí - a muito custo, é verdade, mas de qualquer maneira -, eu consegui me conter; depois pedi a ele para ao menos segurar um ramo de mirto e recitar para mim alguns trechos das tragédias de Ésquilo. Ele disse na mesma hora: "Na minha opinião Ésquilo é o primeiro entre os poetas trágicos, mas é barulhento, contraditório, bombástico, inventor de palavras pomposas." Vocês podem imaginar como meu coração pulou no peito. Ainda assim, engolindo minha raiva, eu disse: "Está bem; recite ao menos alguma coisa desses modernos, qualquer desses trechos bacanas que você sabe." E sem demora ele declamou uma tirada de Eurípides onde um irmão - valham-me os deuses! - estupra sua própria irmã uterina! Dessa vez, não consegui mais me conter, joguei um monte esmagador de palavras e insultos em cima dele. Depois disso, como é natural, trocamos "opiniões contraditórias"; finalmente ele pulou em cima de mim, me esmurrou, me maltratou, quase me esganou e me esmagou.

FIDIPIDES

E não era justo, no momento em que você falou mal de Eurípides, o mais sábio dos poetas?

STREPSIADES

O mais sábio, ele? Como falar de novo se você ia me espancar ainda mais?

FIDIPIDES

Sim, e isto seria justo.

STREPSIADES

Mas como isto seria justo, monstro? Eu, que criei você, que adivinhava todos os seus desejos quando você apenas balbuciava! Você dizia “a” e eu compreendia e dava água a você. Você dizia “pa” e eu lhe trazia pão. Você ainda não tinha acabado de dizer “cocô” e eu já trazia o penico para você e ficava tomando conta. E quando há pouco tempo você quis me estrangular eu gritei e urrei que estava com vontade de ir lá fora e você não se dignou de me levar para me aliviar, tarado, e quase sufocado fiz cocô aqui mesmo!

CORO

Cremos que o coração dos moços devia ponderar, na impaciência de saber o que vai dizer. De fato, se depois de conduta semelhante este rapaz conseguisse com seu papo furado convencer o pai, não daríamos um grão-de-bico pelo couro do velho.

CORIFEU

Dirigindo-se a FIDIPIDES.

É você, grande inventor e falador de palavras novas, que tem de encontrar algum meio de persuasão capaz de lhe dar a aparência de quem fala de maneira justa.

FIDIPIDES

Como é bom viver no meio de coisas novas e incrementadas, e desprezar as leis vigentes! Assim, quando só os cavalos me atraíam, eu não era capaz de dizer três palavras sem cometer um erro, mas agora, depois que o mestre que mora ali pôs fim a tudo isso, e que estou por dentro das ideias, raciocínios e meditações sutis, espero poder demonstrar que é justo castigar o próprio pai.

STREPSIADES

Volte, então, para seus cavalos; prefiro sustentar quatro deles a ser moído por suas pancadas.

FIDIPIDES

Retomo o que estava dizendo quando você me interrompeu. Antes de mais nada lhe pergunto: quando eu era pequeno você batia em mim?

STREPSIADES

Batia; para seu bem e porque eu me interessava por você.

FIDIPIDES

Então me diga: não é justo que eu agora dê provas de interesse por você e lhe dê porradas, já que bater nas pessoas é sinal de interesse por elas? Ora: por que seu corpo deve ficar livre de surras e o meu não ficou? Eu também nasci livre. Está certo que as crianças chorem, e na minha opinião um pai também deve chorar. Por quê? Você pode dizer que, de acordo com os nossos costumes, o papel da criança é ser tratada assim, mas eu respondo que os velhos são duplamente crianças. Chorar é mais natural nos velhos que nos moços, entre outras coisas porque as faltas dos moços são mais desculpáveis.

STREPSIADES

Mas em parte alguma a lei permite tratar o pai assim.

FIDIPIDES

Não foi um homem como você e eu que impôs essa lei, e não foi com palavras que ele convenceu os antigos? Por que não posso fazer também uma lei nova, determinando que os filhos podem bater também nos pais? Todas as porradas que recebemos antes de ser promulgada essa lei, nós consideramos quitadas; não ligamos ao fato de termos sido espancados sem vocês serem punidos. Mas veja como os galos e outros animais que você conhece retribuem as pancadas de seus pais; em que eles são diferentes de nós, senão no fato de eles não fazerem decretos?

STREPSIADES

Já que você quer imitar os galos em tudo, por que você não come bosta e não dorme no poleiro?

FIDIPIDES

Não se trata da mesma coisa, meu caro, e a opinião de Sócrates não é esta.

STREPSIADES

Então não continue a me dar porradas, senão você age contra si mesmo.

FIDIPIDES

Como?

STREPSIADES

Porque tenho o direito de castigar você, da mesma forma que você vai ter o direito de castigar seus filhos, se você tiver filhos.

FIDIPIDES

E se eu não tiver, terei chorado por nada, e você morrerá zombando de mim.

STREPSIADES

Na minha opinião de pessoa idosa, você tem razão. Acho que é preciso dar às crianças o que é bom para elas. É muito natural chorar quando se comete uma injustiça.

FIDIPIDES

Ouça agora outro argumento.

STREPSIADES

Estou perdido!

FIDIPIDES

Talvez você não esteja de fato aborrecido por ter sido tratado como acaba de ser.

STREPSIADES

Que conversa é esta? Mostre a vantagem que vou tirar disto!

FIDIPIDES

Vou espancar minha mãe como espanquei você.

STREPSIADES

Que é que você está dizendo? Este crime é pior que o outro!

FIDIPIDES

Por quê? E se com o raciocínio injusto eu confundir você provando que tenho necessidade de espancar minha mãe?

STREPSIADES

Onde você quer chegar? Depois disso, nada impede você de se lançar no precipício onde são lançados os piores criminosos, junto com Sócrates e o

raciocínio injusto.

Após alguns momentos de silêncio STREPSIADES dirige-se ao CORO.

ÊXODO, Cena 2

[Strepsiades responsabiliza as Nuvens por seu infortúnio, mas elas ressaltam que ele é o único culpado, já que buscou meios ilícitos de se livrar das dívidas. Embora reconheça seu erro, o velho camponês decide punir Sócrates e ateia fogo ao Pensatório.]

STREPSIADES

É por causa de vocês, Nuvens, que estou neste beco sem saída, pois me entreguei completamente às senhoras.

CORO

Você mesmo é culpado pelo que lhe acontece, porque praticou atos condenáveis.

STREPSIADES

Por que vocês não disseram tudo isso na hora própria, em vez de abusar da boa-fé de um velho caipira?

CORO

Agimos desta maneira sempre que vemos numa certa pessoa a obsessão de práticas perversas, até lançá-la na desgraça, para ensinar-lhe o temor aos deuses.

STREPSIADES

Ai de mim! É ruim mas é justo, pois eu não devia deixar de pagar o dinheiro que pedi emprestado.

Dirigindo-se a FIDIPIDES.

Agora, filho, muito querido, venha comigo para acabarmos com este patife Cairefon e com Sócrates, eles, que nos enganaram, a mim e a você!

FIDIPIDES

Mas não sou tão mau a ponto de acabar com meus mestres.

STREPSIADES

Está bem, mas respeite Zeus Paternal.

FIDIPIDES

Zeus Paternal! Como você é simplório! Existe algum Zeus?

STREPSIADES

Existe, sim.

FIDIPIDES

Não e não! Quem reina é o Turbilhão, depois de expulsar Zeus do Olimpo.

STREPSIADES

Ele não expulsou Zeus, mas acredito nisto por causa deste vaso-turbilhão[82] ([82] Chamava-se também de "turbilhão" um grande vaso para vinho presente nas casas gregas na Antiguidade.) que você está vendo.

Dirigindo-se ao vaso.

Coitado de mim, que considerava você apenas um vaso quando na verdade você é um deus!

FIDIPIDES

Fique aqui divagando e dizendo tolices a si mesmo.

FIDIPIDES retira-se.

STREPSIADES

Que maluquice! Fui um louco renegando os deuses por causa de Sócrates!

Dirigindo-se a um busto de Hermes, o deus mensageiro de Zeus, existente na rua.

Não se zangue comigo, Hermes querido, e não me esmague caindo em cima de mim. Peço perdão se me desgarrei por causa de papos furados. Me dê um conselho e me diga se devo apresentar queixa e levar esta gente à justiça, ou o que você quiser.

Fingindo escutar o deus.

Você me dá um bom conselho dizendo para eu não me meter num processo, mas em vez disso tocar fogo o mais depressa possível na casa destes trapaceiros.

Chamando um escravo.

Venha cá, Xântias! Venha e suba comigo até a cobertura do Pensatório e destrua o teto, se você estima seus donos, até ver a casa cair em cima dos gênios!

Xântias sobe à cobertura e põe o teto abaixo.

Me traga uma tocha bem acesa! Vou agir de tal maneira que hoje todos eles vão me pagar, por mais fanfarrões que sejam!

UM DISCÍPULO DE SÓCRATES

Ai! Ai!

STREPSIADES

Sua missão agora, tocha, é acender altas labaredas!

UM DISCÍPULO

Que faz você aí, homem?

STREPSIADES

Que faço? Simplesmente dialogo filosoficamente com o madeiramento da cobertura.

OUTRO DISCÍPULO

Do interior da casa.

Que desgraça! Quem está incendiando nossa casa?

STREPSIADES

Aquele coroa de quem vocês tiraram o manto.

OUTRO DISCÍPULO

Você vai nos matar! Você vai nos matar!

STREPSIADES

É isto mesmo que eu quero, a não ser que o machado me faça uma falseta ou que antes eu quebre o pescoço caindo daqui de cima!

SÓCRATES

Ei! Você aí! Que está fazendo aí em cima?

STREPSIADES

Percorro os ares e contemplo o sol.

SÓCRATES

Ai! Infeliz de mim! Vou morrer miseravelmente assado!

OUTRO DISCÍPULO

E eu - pobre de mim! - vou ser consumido pelas chamas!

STREPSIADES

Por que vocês insultam os deuses e se intrometem nos assuntos da lua?

Dirigindo-se a Xântias.

Persiga esta gente! Jogue coisas neles! Pau neles, principalmente porque ofendiam os deuses!

CORO

Levem-nos para fora daqui. Nosso coro já apareceu bastante hoje.

FIM

PERFIS DOS PERSONAGENS

STREPSIADES: Ao contrário do que se vê na tragédia, em que as personagens são herdadas do mito e da tradição poética, o poeta cômico deve criar o herói de suas comédias, a começar pelo nome. Strepsiades significa "o que (se) vira", podendo indicar que ele muda de opinião (sobre Sócrates, por exemplo) ou que acha solução para tudo, que é um enrolador, um espertalhão. Embora nas comédias não haja um tipo único de herói, Strepsiades representa o mais comum entre eles: um homem velho, ligado ao campo, de espírito conservador e rústico nos modos. Possui ainda outra característica do herói cômico: iniciativa. Diante de um problema que o aflige, concebe ele próprio a solução. Apesar disso, tem uma inteligência limitada, e cumpre muitas vezes o papel de bufão. Na *Poética*, Aristóteles afirma que a comédia imita homens piores do que a média, o que significa que tendem mais para o vício do que para a virtude. Strepsiades ilustra bem essa noção, pois desconsidera as leis e a justiça unicamente em nome do seu bem-estar. Ao contrário do que ocorre nas demais comédias, em que o herói é consagrado no final, ele fracassa e termina punido - e nisso *As nuvens* é exceção. Assim, o personagem serve de exemplo, desestimulando os que desejam se entregar às más ações.

FIDIPIDES: O filho de Strepsiades também tem um nome significativo. Fidipides significa "o que poupa cavalos". Ironicamente ele faz exatamente o contrário disso, gastando quantias exorbitantes para manter ou adquirir novos animais e equipamentos de equitação. Apesar de jovem, cultiva os tradicionais valores aristocráticos: preza os exercícios ao ar livre e o companheirismo, desdenha a vida contemplativa e as querelas dos tribunais. Forçado por seu pai a aprender o raciocínio injusto, passa a representar a geração corrompida pela nova educação, que não demonstra respeito pelos mais velhos e pela tradição. Nos dois polos, é antagonista de Strepsiades. *As nuvens* explora um tema popular da comédia em todos os tempos: a guerra entre as gerações.

ESCRAVO: O escravo é uma personagem recorrente na comédia. Atua como um ajudante do herói, exercendo também, ao transportar adereços, a função de contrarregra. O escravo de Strepsiades aparece rapidamente no prólogo e no êxodo, quando é denominado Xântias, e não contribui para o desenrolar da trama.

DISCÍPULO DE SÓCRATES: O discípulo de Sócrates não pode ser identificado com nenhuma figura histórica, mas é claramente uma caricatura de intelectual. Cumpre o papel de receber Strepsiades no Pensatório, revelar-lhe sua rotina, bem como introduzir Sócrates através das anedotas que conta sobre o filósofo. Em certa medida, equivale ao escravo de Strepsiades, já que atende a porta e demonstra um grande respeito por seu mestre.

SÓCRATES: Ao contrário das demais personagens, Sócrates é uma personagem histórica contemporânea de Aristófanes e bem conhecida dos espectadores. Em alguns aspectos, a figura aristofânica coincide com os testemunhos que temos do Sócrates real, como no culto aos hábitos simples ou no desleixo que demonstra com sua aparência. Outras características, no entanto, só podem ser explicadas pela pressuposição de um Sócrates composto, uma caricatura dos diversos tipos de intelectual que circulavam por Atenas. Ele cumpre o papel do impostor, um personagem cômico tradicional, que pretende saber mais do que de fato sabe e que, ao final, será castigado pelo herói cômico.

RACIOCÍNIO JUSTO: O Raciocínio Justo personifica a educação tradicional baseada na moderação dos apetites, nos exercícios físicos, na música. Convive com Sócrates no Pensatório.

RACIOCÍNIO INJUSTO: O Raciocínio Injusto representa a nova educação, identificada com a retórica sofista. Dentro dessa concepção, a argumentação deve desconsiderar o teor de verdade ou de justiça de uma causa, buscando apenas a persuasão. Convive com Sócrates no Pensatório.

CREDORES DE STREPSIADES: Strepsiades menciona seus credores no começo da peça como justificativa para procurar a ajuda de Sócrates. Com isso cria-se a expectativa de que eles apareçam para testar o plano do herói, o que acontece perto do final da comédia. São dois credores que terminam expulsos, cumprindo a função tradicional do bode expiatório - costumeiramente, na comédia, personagens que encarnam aproveitadores são castigadas pelo herói. Contrariamente ao que se poderia esperar, é o próprio Strepsiades que os rechaça, e não Fidipides, que foi treinado expressamente para cumprir essa tarefa.

DISCÍPULOS E TESTEMUNHA: No palco, são apenas figurantes os discípulos de Sócrates que Strepsiades avista ao ingressar no Pensatório e que reaparecem no êxodo, durante o incêndio. É também figurante a personagem silenciosa que acompanha um dos credores de Strepsiades e que poderia testemunhar nos tribunais contra ele.

CORO DE NUVENS: O coro cômico pode assumir as mais diversas formas. Em *As nuvens*, o coro que as encarna, embora vinculado expressamente a Sócrates, também está próximo de Strepsiades, já que propicia a chuva, necessária à sua plantação. Por outro lado, representa o interesse dos primeiros filósofos nos fenômenos naturais, bem como a abstração do pensamento. Essa ambiguidade se faz notar ao longo da comédia, em que o coro parece apoiar Strepsiades para depois censurá-lo. As nuvens também se negam a chover sobre o Pensatório em chamas, abandonando Sócrates à própria sorte. Trata-se de um caso único nas comédias de Aristófanes, em que normalmente o coro apoia o herói cômico, mesmo que a princípio esteja reticente quanto a seu plano. Em

cena, os coreutas assumiam a forma de mulheres, já que as nuvens podem se transformar no que quiserem.

GLOSSÁRIO

AGON: Seção do teatro grego, particularmente da comédia, em que se trava um debate entre dois interlocutores que buscam fazer prevalecer seu ponto de vista ou uma determinada tese.

CATARSE: Termo derivado da medicina, na qual significa purgação. Com Aristóteles, catarse tornou-se um conceito de poética indicando a purificação das emoções trágicas: o terror e a piedade. Para Aristóteles, na catarse reside a finalidade da tragédia.

CENA: Inicialmente designava o lugar de representação dramática, por derivar do grego *skene*, tenda (que abrigava os atores). Com o tempo passa a indicar cada uma das partes do prólogo, do êxodo ou ainda de um episódio em uma peça de teatro.

CENA EPISÓDICA: Cena que integra um episódio (que pode comportar mais que uma cena). A nomenclatura é mais comum para referir-se a partes da comédia antiga.

COREGO: Na Grécia antiga, designa o cidadão encarregado de financiar a produção de uma peça teatral, custeando, principalmente, as despesas do coro. Essa função cabia aos cidadãos mais ricos, que assim contribuíam para com a cidade.

COREUTA: Cada um dos integrantes de um coro.

CORIFEU: Líder do coro. Era o seu porta-voz, cabendo-lhe conduzir o diálogo com as personagens durante os episódios.

DEUTERAGONISTA: Depois do protagonista, o principal ator de uma companhia (do grego *deuteros*, segundo).

ENCICLEMA: Plataforma rolante usada no teatro grego para revelar o interior de uma residência.

EPISÓDIO: No teatro grego, parte dialogada inserida entre as partes corais.

ESTÁSIMO: Qualquer parte cantada pelo coro, à exceção do párodo.

ÊXODO: Última seção de uma peça teatral, marcando seu desenlace. O nome indica a saída (*exodos*, em grego) de cena do coro e das personagens.

HAMARTIA: Ou falha trágica, o erro que determina a mudança de sorte do herói. Para Aristóteles, na *Poética*, não deve ser fruto da maldade, mas da ignorância.

MÁQUINA: Guindaste usado para suspender por sobre a cena personagens que representam, em geral, divindades, dando origem à denominação *deus ex machina*.

MIMESE: Imitação ou representação do real. Termo-chave da poética aristotélica, para a qual toda arte é fruto de mimese.

ORQUESTRA: Espaço circular entre a cena e a arquibancada, ocupado pelo coro.

PARÁBASE: Seção da comédia antiga em que, sozinho em cena, o coro dirige-se diretamente aos espectadores, por vezes em nome do autor, censurando-os e elogiando a peça e o comediógrafo, de modo a persuadir os juízes a votarem por ela.

PÁRODO: Seção coral do teatro grego que marca o ingresso do coro em cena.

PERIPÉCIA: Ou reviravolta, momento em que se dá uma mudança de sorte inesperada e radical para o herói.

PRÓLOGO: Seção inicial de uma peça teatral, nela se dá a exposição da trama.

PROTAGONISTA: Ator principal de uma companhia, a quem compete representar os papéis mais importantes (do grego *protos*, primeiro)

TRITAGONISTA: Terceiro ator de uma companhia teatral (do grego *tritos*, terceiro).

Aristófanes, *As nuvens*, tradução do grego de Mário da Gama Kury, Rio de Janeiro, Zahar, 3ª edição, 2003.

As vespas

Tradução de Mário da Gama Kury

Época da ação: Século V a.C.
Local: Atenas
Primeira representação: 422 a.C., em Atenas
PERSONAGENS
FILOCLÊON
BDELICLÊON
CORIFEU
CORO de velhos fantasiados de vespas
MENINOS
FLAUTISTA (mulher, personagem muda)
PADEIRA
CAIREFON (testemunha, personagem mudo)
ACUSADOR
TESTEMUNHA (personagem mudo)
CONVIDADO
DANÇARINOS (dois, personagens mudos)

Cenário

A casa de FILOCLÊON, em Atenas; a ação começa de madrugada; a casa está cercada por uma rede por todos os lados; no terraço BDELICLÊON está deitado e adormecido; embaixo, em frente à porta de entrada, XÂNTIAS e SÓSIAS estão sentados, um de cada lado da porta; um deles está tentando resistir ao sono, enquanto o outro dorme.

SÓSIAS

Despertando XÂNTIAS.

Você aí! Qual é o caso, Xântias infeliz?

XÂNTIAS

Estou tentando descansar desta vigília noturna.

SÓSIAS

Suas costas mereciam um bom castigo. Você sabe ao menos que espécie de animal estamos vigiando?

XÂNTIAS

Sei, sim, mas o que eu quero mesmo é dormir mais um pouquinho.

SÓSIAS

Então corra o risco; eu mesmo sinto um sono gostoso querendo fechar minhas pálpebras…

XÂNTIAS

Você está delirando ou com o diabo no corpo (Literalmente: "ou com o delírio dos Coribantes", que eram os sacerdotes da deusa Cibele.)?

SÓSIAS

Não é nada disso; estou cheio do sono que um bom trago dá.

XÂNTIAS

Então você adora o mesmo deus que eu, pois agora mesmo um sono pesado está puxando minhas pálpebras para baixo como se fosse um inimigo, e acabo de ter um sonho maravilhoso.

SÓSIAS

Eu também tive um como nunca tinha tido. Mas me conte primeiro o seu.

XÂNTIAS

Vi uma águia enorme descer na praça pública, pegar com as garras dela um escudo de bronze e levá-lo até o céu; depois vi o mesmo escudo cair das mãos do covarde Cleônimo (Cleônimo era um cidadão muito covarde em Atenas na época de Aristófanes; ele jogou várias vezes o escudo fora para poder fugir do inimigo com maior facilidade.).

SÓSIAS

Mas alguém pode perguntar: como o mesmo covarde pode abandonar seu escudo em terra, no céu e no mar?

XÂNTIAS

Coitado de mim! Que desgraças devo esperar depois de um sonho destes?

SÓSIAS

Não se inquiete; juro que você não tem nada a temer.

XÂNTIAS

É… Mas um homem jogar suas armas fora é uma coisa horrível. Então me conte o seu sonho.
SÓSIAS
O meu sonho foi comprido; ele tem a ver com a nau oficial (A nau em que viajavam as altas autoridades do governo ateniense.).
XÂNTIAS
Me conte pelo menos o principal.
SÓSIAS
Durante o primeiro sono me pareceu que eu via um bando de carneiros reunidos na Pnix (A Pnix era a praça pública na qual os atenienses se reuniam para debater os assuntos políticos da cidade.), com togas e bastões (Togas e bastões eram as insígnias dos juízes.), e no meio dos carneiros havia uma baleia enfurecida; os guinchos dela pareciam os de um porco que está sendo grelhado ainda vivo.
XÂNTIAS
Que coisa horrível!
SÓSIAS
E daí?
XÂNTIAS
Basta! Não me diga mais nada; o seu sonho fede tanto quanto o mau cheiro do couro do… povo (Xântias imagina que a baleia é o famoso demagogo ateniense Clêon.).
SÓSIAS
A baleia maldita segurava uma balança e em vez da gordura dos carneiros pesava o… povo (A mesma palavra grega (*demôs*) pode significar "gordura" e "povo"; a única diferença está na acentuação (*démos* = povo, e *demôs* = gordura).).
XÂNTIAS
Estamos perdidos! Eles querem vender nosso couro!
SÓSIAS
Teoro (Teoro era um político mencionado em outras comédias de Aristófanes. Alcibíades, a seguir, era outro político ateniense famoso e mal conceituado; quando falava, trocava o "r" pelo "l".) estava sentado no chão, perto da baleia, e tinha a cabeça de um corvo; e Alcibíades disse, trocando o "r" pelo "l": "Olhe, Teolo! Ele tem um colvo na cabeça!"
XÂNTIAS
Nunca Alcibíades trocou as letras mais a propósito…
SÓSIAS
Não é um sinal de mau agouro? Teoro virou corvo!
XÂNTIAS
Nada disto! Ao contrário, é um sinal muito feliz.
SÓSIAS
Mas, como?

XÂNTIAS
Você ainda pergunta? Ele deixou de ser gente e passou a ser corvo; não é claro que ele vai embora para se juntar a eles (Dizia-se na época "vá para os corvos" querendo significar "vá se enforcar", como dizemos hoje "vá para o inferno".)?
SÓSIAS

Não posso deixar de lhe dar uma gorjeta de dois óbolos (O óbolo era a moeda de menor valor na época em Atenas.), para recompensá-lo pela interpretação inteligente do sonho.
XÂNTIAS
Espere até que eu explique o assunto aos espectadores e faça algumas observações destinadas a eles.
Dirigindo-se aos espectadores.
Não esperem de nós nada de muito elevado; não esperem também uma gargalhada à maneira dos megáricos (A expressão "gargalhada à maneira de Mégara" era proverbialmente usada para caracterizar um gênero de humor grosseiro.). Não temos escravos que joguem sobre os espectadores nozes tiradas de suas cestas. Nenhum Heraclés (O herói lendário Heraclés (o Hércules dos latinos) caracterizava-se por sua gula.) foi frustrado em sua gula; Eurípides (Aristófanes não apreciava as tragédias de Eurípides em geral e seu autor, e não se cansa de censurá-lo como poeta.) não vai ter de mostrar mais uma vez seu sarcasmo mordaz, e Clêon, apesar do sucesso em sua carreira militar e política, o que deve apenas à sorte, não se verá mais temperado por nós com molhos picantes. Minha fala tem uma intenção; sem menosprezar a sagacidade de vocês, há mais sentido em minhas palavras que um truque banal de comédia. O fato é o seguinte: nosso senhor está dormindo lá em cima, no terraço da casa. Ele nos encarregou de tomar conta de seu pai e de não deixar o velho sair de seu quarto, onde ele o trancou. Este pai sofre de uma doença esquisita, que ninguém é capaz de perceber se não for alertado por mim.
Apontando para os espectadores.
Tentem adivinhar! Aqui está Aminias (Aminias era arconte, a mais alta autoridade em Atenas.), filho de Pronapes, que diz que a doença é a mania de jogar dados.
SÓSIAS
Não é bem isto; é que ele julga os outros por si mesmo.
XÂNTIAS
Não. Há mesmo alguma paixão, uma mania por trás deste mal… Aqui está Sósias, que diz a Dercilo que é a paixão da bebida.
SÓSIAS
De jeito nenhum! É uma paixão de pessoas decentes.
XÂNTIAS
Nicóstrato acha que é o amor aos sacrifícios ou o amor aos hóspedes.
SÓSIAS
Por todos os diabos! Não é possível, pois ele é um prostituto; abusa de todos os hóspedes.
XÂNTIAS
Dirigindo-se novamente aos espectadores.
Vocês estão perdendo tempo; nenhum de vocês vai esclarecer o caso. Se vocês estão ansiosos por saber, façam silêncio; vou dizer qual é mesmo a doença de meu senhor: é a paixão pelos tribunais. A paixão dele é julgar; ele fica desesperado se não consegue ocupar o primeiro banco dos juízes. À noite ele não goza um instante de sono. Se por acaso fecha os olhos, seu próprio espírito fica olhando para a clepsidra (A clepsidra é um instrumento para medir o tempo com água.).

A paixão dele pelo voto no tribunal é tão grande que faz ele acordar apertando três de seus dedos (Como se tivesse entre os dedos a pedrinha arredondada que os juízes punham numa urna para que fosse votada a condenação ou absolvição de um acusado nos tribunais.), como se oferecesse incenso aos deuses (Ofereciam-se pitadas de incenso aos deuses, pondo-as sobre brasas.) no dia da lua nova. Quando ele vê escrito nos muros "Demo encantador (Demo era um rapaz com belo muitos pretendentes, como era habitual na Grécia antiga entre os rapazes.), filho de Pirilampo!", escreve ao lado: "Encantadora urna de votos!" Se seu galo cantava durante a noite ele dizia que algum acusado sem dúvida usava essa humilde ave para fazê-lo acordar mais tarde do que era necessário. Logo depois do jantar ele pedia as sandálias, corria para o tribunal em plena noite e adormecia lá, colado a uma coluna como uma ostra à concha. Sua severidade o levava a traçar sobre as plaquetas do voto a linha da condenação, e ficava com os dedos cheios de cera (Para a condenação os juízes traçavam uma longa linha numa plaqueta de madeira coberta de cera.). Com receio de não ter a pedrinha para o voto, ele tinha no jardim de sua casa um canteiro de pedrinhas, que renovava sem parar. Esta era a sua loucura. E as censuras deixavam o coroa excitadíssimo. Também fechamos o ferrolho da porta principal para impedi-lo de sair, pois esta "doença" deixava o filho desesperado. No começo este usa a doçura, lhe pede para não ficar todo o tempo com o manto de sair, e permanecer em casa. Depois dá um banho no pai e purifica ele, mas tudo isto é inútil. Ele sujeita o pai aos exercícios sagrados dos Coribantes (Sacerdotes frígios da deusa Cibele em rituais bárbaros.); o pai foge com o tambor e corre para o tribunal querendo julgar. Diante do fracasso dessas tentativas, ele leva o pai a Áigina (Cidade próxima a Atenas.) para se deitar de noite no templo de Asclépio (Deus da medicina dos gregos (o Esculápio dos latinos).), mas quando amanhece o dia lá está o velho no recinto reservado aos juízes no tribunal. Fazemos o possível para impedi-lo de sair, mas ele escapa pelas calhas e pelos canos de águas das chuvas; onde aparecia um buraco, nós tapávamos e fechávamos imediatamente todas as saídas, mas ele punha paus nos muros e saltava de um lado para o outro como se fosse um gato. Afinal pusemos redes fechando todo o acesso ao jardim e ficávamos de guarda. O velho se chama Filoclêon (Ou seja, amigo de Clêon, o famoso demagogo ateniense que exercia grande influência nas assembleias e tribunais de Atenas.); nenhum nome ficaria melhor nele. O nome do filho dele é Bdeliclêon (Ou seja, inimigo de Clêon.); ele faz tudo para dominar o gênio fogoso do pai.

BDELICLÊON

Aparecendo numa das janelas de casa.

Xântias! Sósias! Vocês ainda estão dormindo?

XÂNTIAS

Coitado de mim!

SÓSIAS

Qual é o caso?

XÂNTIAS

Bdeliclêon está nos chamando.

BDELICLÊON

Depressa! Venha já um de vocês aqui! Meu pai entrou no forno! Ele sumiu como um rato que se esconde num buraco! Um de vocês dois tome cuidado para evitar que ele fuja pela chaminé, e o outro fique impedindo a saída pela porta!
SÓSIAS
Sim, meu senhor.
BDELICLÊON
Por Poseidon (Poseidon era o deus dos mares (o Netuno dos latinos), e irmão de Zeus, o deus maior da mitologia grega.)! Quem está fazendo este barulho na chaminé? Ei! Você aí, quem é você?
FILOCLÊON
Sou a fumaça que está saindo…

BDELICLÊON
A fumaça? De que lenha?
FILOCLÊON
De figueira…
BDELICLÊON
Ah! É a mais sufocante de todas. Você vai sair logo? Onde está o tampão para fechar a
chaminé? Volte! Vamos pôr uma trave aí. Agora trate de procurar outra trapaça para sair. Sou mesmo o mais infeliz dos homens! Pode-se dizer que meu pai é um limpador de chaminés.
Dirigindo-se a um dos escravos.
Você aí, tome conta da porta; apoie-se firmemente nela. Examine a fechadura e o ferrolho; tome cuidado para que ele não roa a lingueta!
FILOCLÊON
Que é que vocês estão querendo fazer? Vocês não vão mesmo me deixar julgar? Dracontidas (Dracontides era um cidadão ateniense de má fama.) vai ser absolvido!
BDELICLÊON
Isso vai deixar você muito aborrecido?
FILOCLÊON
O deus de Delfos (O "deus de Delfos" é Apolo, deus dos oráculos.) me respondeu um dia que eu morreria no momento em que um acusado escapasse de minhas mãos.
BDELICLÊON
Ah! Apolo Salvador! Que oráculo você proferiu!
FILOCLÊON
Por favor! Eu lhe imploro! Me deixe sair! Não me deixe morrer de fome aqui!
BDELICLÊON
Não, meu pai! Nunca vou deixar! Juro por Poseidon!
FILOCLÊON
Então vou roer a rede com meus próprios dentes.
BDELICLÊON
Dentes? Você não tem mais dentes…
FILOCLÊON

Sou mesmo um infeliz! Se eu pudesse matar você!… Mas, com quê? Depressa! Uma espada ou uma sentença condenatória!
BDELICLÊON
Este homem quer dar algum golpe baixo…
FILOCLÊON
Não! Nada disso! Só quero ir vender meu jumento com sela e tudo; agora é a época de vender.
BDELICLÊON
Não posso vender também o jumento?
FILOCLÊON
Não tão bem quanto eu.
BDELICLÊON
Ao contrário, bem melhor. Me traga o jumento.
FILOCLÊON vai buscar o jumento.
XÂNTIAS
Que boa trapaça ele imagina para escapar!…
BDELICLÊON
Mas o anzol dele não pescou ninguém; adivinhei a trapaça dele. Eu mesmo vou levar o
jumento, para que o velho não escape mais.
Falando ao jumento.
Pobre cavalgadura! Você está chorando? Será que vão vender você? Marche! Por que você está gemendo? Você carregaria um Odisseu (Odisseu era o Ulisses dos latinos. Este trecho é uma paródia do canto IX da *Odisseia* de Homero.)!
XÂNTIAS
Por Zeus! Ele está levando alguém embaixo da barriga!
BDELICLÊON
Quem? Vamos ver!
XÂNTIAS
É o próprio velho!
BDELICLÊON
Que é que há? Quem é você?
FILOCLÊON
Ninguém (Resposta de Odisseu ao Ciclope no canto IX da *Odisseia*. Ítaca, logo depois, era a terra em que Odisseu reinava.).
BDELICLÊON
Ninguém? E filho de quem?
FILOCLÊON
De Drasidas (Nome fictício que traz à ideia uma fuga.), vindo de Ítaca.
BDELICLÊON
Garanto, Ninguém, que você não vai aplaudir sua esperteza. Tirem ele o mais depressa
possível de baixo do jumento! Trapaceiro! Onde ele se escondeu? Ele parece um filhote de jumenta (Porque Filoclêon foi para baixo do animal, como o filhote que vai mamar.).

FILOCLÊON
Se vocês não me deixarem em paz, vamos brigar na Justiça.
BDELICLÊON
A propósito de quê?
FILOCLÊON
A propósito da sombra do jumento (Provérbio grego a que Demóstenes alude (no fim da oração *Sobre a paz*): um jovem ateniense havia alugado um jumento para ir até Mégara. No meio do caminho o calor se tornou insuportável e o jovem quis abrigar-se à sombra do jumento. O dono do jumento alegou que o locador não havia alugado a sombra do jumento, e os dois se engajaram numa discussão interminável, muito ao gosto dos gregos.).
BDELICLÊON
Você é um trambiqueiro sem-vergonha e atrevido, mas pouco inteligente.
FILOCLÊON
Trambiqueiro, eu? De jeito nenhum! Você não me dá agora o valor que eu tenho; só vai dar quando provar o gosto delicioso da herança de um velho juiz (Literalmente "heliasta", título dos juízes em Atenas.).
BDELICLÊON
Entre em casa com o jumento!
FILOCLÊON
Juízes meus amigos, e você, Clêon, venham me socorrer!
BDELICLÊON
Grite quanto quiser, mas lá dentro e com a porta fechada.
Dirigindo-se a SÓSIAS.
Você aí, arraste as pedras para a entrada, feche o ferrolho e amontoe imediatamente esta argamassa junto deste pedaço de pau, para impedir que a porta seja aberta.
SÓSIAS
Uai! De onde caiu em cima de mim este torrão?

XÂNTIAS
Talvez um rato tenha jogado ele.
SÓSIAS
Um rato jogando este torrão? Essa não! Foi este juiz de goteiras que subiu no telhado.
XÂNTIAS
Como sou infeliz! Ele agora virou pardal; está voando! Onde está a rede?
Levando um dedo aos lábios.
Psiu!… Psiu!
BDELICLÊON
Na verdade, eu preferiria tomar conta da cidade de Squione (Squione era uma cidadezinha da Trácia que os atenienses levaram dois anos para conquistar.) em vez de ter um pai assim.
SÓSIAS
Agora que já tomamos conta dele e ele não pode fugir sem ser visto, por que não vamos

dormir um pouquinho?
BDELICLÊON
Mas, meu rapazinho, daqui a pouco vão chegar os juízes colegas dele, que vêm chamar o meu pai aos berros.
SÓSIAS
Que é que você está dizendo? O dia ainda nem raiou.
BDELICLÊON
É verdade; eles hoje vão se levantar mais tarde que nos outros dias. Geralmente começam a chegar à meia-noite com lanternas nas mãos cantando os versos antiquados das *Fenícias* de Frínico (Poeta trágico dos mais antigos, que estava no apogeu no início do século V a.C.). É assim que eles chamam o coleguinha.
SÓSIAS
Então, se for necessário jogamos pedras neles.
BDELICLÊON
Mas esta raça de velhos, imbecil, parece com as vespas quando elas se zangam. Eles também têm embaixo da barriga um ferrão penetrante e picam todo mundo com ele; eles dançam zumbindo e atacam como se fossem centelhas.
SÓSIAS
Não se preocupe; com apenas algumas pedras vou obrigar todo esse enxame de juízes a
debandar.
Todos entram e aparece o CORO de velhos juízes fantasiados de vespas.
CORIFEU
Avancem, marchem com firmeza! Você está se atrasando, Comias! Você já não é o mesmo; você era teso como uma corda amarrada no pescoço de um cachorro indócil; agora Carinades marcha melhor que você. E você, Stimôdoro de Contilo, o melhor de nossos confrades. Euergidas ou Cabes de Fliús estão aqui? Ah! Estamos vendo tudo que resta daquela juventude que sobressaiu em Bizâncio enquanto você e eu patrulhávamos as muralhas; durante a noite, em nossas correrias, roubávamos da padeira a pá de amassar o pão e quebrávamos ela no meio e assávamos alguns legumes ruins… Mas vamos nos apressar, amigos! Hoje é o julgamento de Laques (Laques foi um general ateniense na catastrófica expedição à Sicília, famoso por sua avareza e provavelmente enriquecido com o dinheiro da cidade.). Todos dizem que seu cofre ficou recheado de dinheiro. É por isto que ontem Clêon, nosso sustentáculo, nos disse para virmos cedo, com raiva para três dias, para punir o malandro pela roubalheira dele. Vamos nos apressar, amigos, antes do dia clarear. Vamos marchar olhando bem para todos os lados, com o auxílio de nossos lampiões, para evitar os assaltos dos malfeitores contra nós.

MENINO
(Um dos muitos que seguiam os pais levando lampiões.)
Tome cuidado com esta poça de lama, pai!
CORIFEU
Junte um pouco de palha para avivar a mecha do lampião.
MENINO

Não! Não! Eu faço isto com os dedos.
CORIFEU
Você está querendo alongar a mecha, bobão, agora que o óleo está mais caro? Logo se vê que não é você quem paga!
MENINO
Se vocês nos surrarem, nós apagamos os lampiões e voltamos para casa; aí vocês vão ficar sem luz e vão enfiar os pés nas poças de lama como os frangos.
CORO
Se isto acontecer castigaremos os maiores que você, mas parece que já estamos andando na lama. Ficaremos muito admirados se dentro de poucos dias não cair uma chuva muito forte, pois as mechas dos lampiões estão cheias de cogumelos; isto é sinal de chuva. Aliás, os frutos temporãos têm necessidade de água, e o sopro dos ventos faz bem a eles.
O CORO para em frente à casa de FILOCLÊON.
Mas, que está acontecendo ao nosso colega que mora neste sobrado para ele não aparecer no meio do grupo? Geralmente ele não fica para trás; marcha sempre na frente cantando trechos de Frínico, pois é um apreciador das Musas. Meus amigos! Em nossa opinião deveríamos parar aqui e chamá-lo cantando. O prazer que ele terá quando nos ouvir talvez faça com que ele saia de casa.
Depois de alguns momentos de silêncio.
Por que esse velhote não aparece na porta e não nos responde? Será que ele perdeu as
sandálias? Ou será que pisou de mau jeito na escuridão e torceu o pé? Talvez ele tenha uma hérnia. Ele era o mais mal-humorado entre nós todos, e o único intransigente. Se alguém lhe dirigia algum apelo ele baixava a cabeça dizendo: "Você quer cozinhar uma pedra?" Talvez seja por causa daquele homem que ontem escapou de nós recorrendo a mentiras, dizendo que era inteiramente dedicado à cidade de Atenas, e que foi o primeiro a revelar as intenções dos habitantes de Samos; a mágoa de vê-lo absolvido talvez lhe tenha causado uma febre, pois ele devia estar aqui…
Falando em direção à casa.
Vamos, caro amigo! Levante-se! Não se deixe devorar assim pelo ressentimento! Hoje temos de julgar um desses ricaços que entregaram a Trácia (O ricaço provavelmente era Clêon.). Vamos mandá-lo ao suplício!
Dirigindo-se ao MENINO que levava o lampião.
Avance, menino! Avance!
MENINO
Você me dá o que eu lhe pedir, pai?
CORIFEU
Dou, meu filho querido, mas me diga: que quer você que eu compre de bonito para lhe dar? Imagino que você não vai querer ossinhos (As crianças pobres brincavam com ossinhos.).
MENINO
Não, paizinho; eu quero figos; eu gosto muito de figos.
CORIFEU

Você não vai ganhar figos, nem que se enforque!

MENINO
Então não vou mais acompanhar você.
CORIFEU
Esta é boa! Com o meu salário miserável tenho de comprar pão, lenha e carne, e você ainda me pede figos?
MENINO
Se o arconte (A mais alta autoridade da cidade.) não convocar mais o tribunal, onde vamos jantar? Você tem de nos dar uma esperança, senão vamos nos afogar no mar (Literalmente: "o caminho sagrado de Hele". Hele, heroína da mitologia grega; raptada através dos ares por um carneiro alado, amedrontou-se com o ruído das ondas enquanto atravessava o mar Negro; a heroína se afogou no estreito que à época passou a ser chamado Helésponto (atual estreito de Dardanelos) em homenagem a ela.).
CORIFEU
Ah! Deuses! Ai de mim! Ai de mim! Já não sei o que vamos jantar!
MENINO
"Ah! Mãe infeliz! Por que você me deu à luz, se eu teria de sofrer tanto para me manter
vivo? (Paródia de versos da tragédia *Teseu*, de Eurípides, de que nos restam apenas fragmentos.)"
CORIFEU
Assim, minha sacola (Os gregos andavam geralmente com uma sacola de couro, onde punham as compras que faziam.), você é apenas um ornamento!
CORIFEU e MENINO
Ai! Ai de nós! Só lágrimas nos restam!
FILOCLÊON
Falando ao CORO de uma janela de sua casa.
Meus amigos! Estou secando de impaciência depois de ouvir vocês desta janela, mas não posso ir cantar com vocês. Que é que vou fazer? A minha gente toma conta de mim porque estou pegando fogo para ir com vocês, juntar nossas… urnas e pronunciar alguma sentença condenatória. Ah! Zeus! Relampeje aí em cima e me transforme em fumaça! Ou então faça com que eu me pareça com Proxenides, o filho de Selos, esse grande tecelão de mentiras! Conceda-me esta graça, comovendo-se com a minha miséria ou me reduzindo a cinzas com seus raios, e fazendo com que seu sopro me leve já para uma salmoura ácida e fervente, ou finalmente me transformando na pedra em cima da qual são contados os votos do tribunal.
CORO
Quem prende você assim em sua casa e fecha as portas na sua cara? Fale! Somos todos seus amigos.
FILOCLÊON
É o meu próprio filho. Não falem mais alto, pois ele está dormindo em frente à casa. Falem mais baixo!
CORO
Coitado de você! De quem ele pretende defender você? Que pretexto ele alega?

FILOCLÊON
Ah! Meus amigos! Ele não quer permitir que eu julgue nem profira nenhuma condenação; quer que eu fique em casa sem fazer nada, mas isto eu não quero!
CORO
Esse celerado, esse demagogo só chegou a este ponto de audácia porque você diz a verdade sobre a frota ateniense.
FILOCLÊON
Ele não teria chegado a este ponto de audácia se não estivesse armando alguma conspiração.

CORO
Está na hora de imaginar algum meio de você escapar daí e descer até aqui.
FILOCLÊON
Que meio? Procurem! Faço qualquer negócio, tão grande é o meu desejo de percorrer os
bancos do tribunal para dar o meu voto.
CORO
Não há alguma abertura por aí, por onde você possa fugir e desaparecer vestido de andrajos como o esperto Odisseu (Na *Odisseia*, Odisseu disfarçou-se de mendigo para não ser reconhecido pelos pretendentes à mão de Penélope.)?
FILOCLÊON
Está tudo fechado; nem um mosquito acharia um buraco por onde pudesse passar. Imaginem outra maneira; a de abertura é impraticável.
CORO
Você não se lembra mais de que, na conquista de Naxos, você desceu pela muralha da cidade valendo-se de espetos roubados de cozinheiros, que você enfiava nas juntas das pedras?
FILOCLÊON
Eu me lembro, mas aqui isso não adiantaria. A situação não é a mesma. Naquele tempo eu era moço, cheio de vigor e de jogo de cintura até para voar. Ninguém me pegava e eu podia fugir sem medo. Agora há sentinelas armadas, espalhadas por todas as saídas; só aqui na porta estão duas com espetos nas mãos, de olho em mim como se eu fosse um gato querendo roubar carne.
CORO
Então imagine o mais depressa possível algum expediente novo, pois está chegando a aurora, nossa abelhinha.
FILOCLÊON
Não me ocorre nada melhor que roer a rede em que estou preso. Que a deusa Dictina (Dictina era uma das divindades da caça na mitologia grega, ou um simples epíteto de Ártemis (a Diana dos latinos).) me perdoe!
CORO
Esta é a atitude correta de um homem que luta por sua liberdade. Vamos! Ponha os maxilares em ação!
FILOCLÊON

Pronto! A rede já está roída! Não gritem! Vamos ter cuidado para Bdeliclêon não perceber.
CORO
Não tenha medo, amigo. Se ele se mexer vamos forçá-lo a roer o coração e a combater em sua própria defesa; vamos ensinar Bdeliclêon a não violar as leis das deusas veneráveis (Deméter e Perséfone, deusas dos mistérios.). Amarre uma corda na janela, enrole a corda no seu corpo e vá descendo, animado pelo furor de Diopites (Orador contemporâneo de Aristófanes, conhecido por seus arroubos de eloquência.).
FILOCLÊON
Mas me digam uma coisa: se eles perceberem, se quiserem retirar a corda e me deixarem cair, que é que vocês vão fazer?
CORO
Estamos aqui para socorrê-lo, reunindo todas as nossas forças para evitar que eles retenham você. É isto que vamos fazer.

FILOCLÊON
Está bem; assim seja! Estou nas mãos de vocês. Se me acontecer alguma desgraça, lembrem-se de me enterrar por baixo do tribunal depois de me terem banhado com suas lágrimas.
CORO
Esteja certo de que nada de mau lhe acontecerá. Desça confiantemente, invocando os deuses protetores de Atenas.
FILOCLÊON
Lico (Divindade secundária de que havia um busto em frente aos tribunais.), divindade protetora, herói meu vizinho! Tanto quanto eu, você gosta das lágrimas e do pranto sem fim dos acusados nos tribunais. Sem dúvida você escolheu o tribunal para eu nada perder dos suspiros deles; entre todos os heróis você é o único que quis viver no meio dos infelizes. Tenha piedade de mim; salve um de seus adoradores fiéis! Eu lhe prometo não mijar nem peidar perto das paredes de seu santuário.
FILOCLÊON começa a descer lenta e silenciosamente, mas apesar do cuidado BDELICLÊON acorda.
BDELICLÊON
Ei! Você aí!
SÓSIAS
Do alto da casa.
Qual é o caso?
BDELICLÊON
Estou ouvindo alguma coisa parecida com uma voz…
SÓSIAS
Será que o velhote se meteu em algum lugar?
BDELICLÊON
Não, mas ele está descendo, pendurado numa corda.

SÓSIAS
Miserável! Que é que você está fazendo? Não pense em descer!
BDELICLÊON
Dirigindo-se a SÓSIAS.
Suba depressa pela outra janela e dê uma surra nele com este galho seco para forçá-lo a voltar pelo mesmo caminho!
FILOCLÊON
Vocês, Smicítion, Tisiades, Crêmon, Feredipno, todos que têm processos durante este ano, não vêm me socorrer? Quando, afinal, vocês me ajudarão, se não for agora, antes de eu ser trancado outra vez?
CORO
Chega! Por que tardamos a lançar mão desta cólera com que castigamos qualquer um que exaspere nossos enxames? Nossos ferrões vingadores se preparam. Meninos! Joguem fora os nossos mantos! Corram gritando bem alto para levar estes acontecimentos ao conhecimento de Clêon! Digam a ele para vir combater um inimigo do governo, merecedor sem dúvida alguma da morte, pois ele se atreve a pretender que não deve haver processos nem julgamentos!
OS MENINOS saem correndo.
BDELICLÊON
Saindo de casa com seu pai e dois escravos.
Ouçam, meus amigos! Não gritem!
CORO
Gritaremos para que nos ouçam até no céu! Não abandonaremos você, Filoclêon!
BDELICLÊON
Não é uma atitude fora do comum, uma tirania descarada?
CORIFEU
Ah! Cidadãos! Ah! Teoro, inimigo dos deuses, e todos vocês, aduladores que nos governam!
XÂNTIAS
Por Heraclés! Eles têm ferrões! O meu senhor não vê?
BDELICLÊON
São os mesmos que picaram Filipe (Filipe era um orador e sicofanta ateniense contemporâneo de Aristófanes.), filho de Górgias.
CORIFEU
Você será também nossa vítima. Sigam todos naquela direção; vamos atacá-lo com nossos ferrões, todos nós em formação compacta, com o coração cheio de ressentimento e de raiva, pois ele agora sabe por que enxame será atacado!
XÂNTIAS
Se se trata de combater, começo a ter medo, pois só de ver estes ferrões eu fico apavorado.
CORIFEU
Solte este homem, ou garanto que o seu lombo vai invejar a carapaça das tartarugas!
FILOCLÊON

Vamos, juízes meus colegas, vespas zangadas! Avancem contra ele, encham a bunda, os olhos e os dedos dele de ferroadas!
BDELICLÊON
Socorro, Midas, Frígio, Masintias (Nomes de escravos.)! Agarrem Filoclêon e não soltem mais ele, senão eu vou deixar vocês acorrentados e sem comer! Não tenho medo das ameaças dos colegas dele.
CORIFEU
Se vocês não deixarem Filoclêon em liberdade, vão sentir nossos ferrões!
FILOCLÊON
Ah! Cêcrops (Um dos primeiros reis de Atenas.), nosso rei cujo corpo terminava com um rabo de dragão! Você deixará que eu seja tratado como um joguete destes três bárbaros? Eles vão aprender comigo a derramar rios de lágrimas!
CORIFEU
A velhice é mesmo uma infelicidade, uma grande infelicidade. Estes dois facínoras detêm seu velho dono à força; eles esquecem as peles, as túnicas curtas, os gorros de peles de cães que ele comprou para eles, e o cuidado que ele tinha para proteger os pés deles do frio rigoroso. Eles não têm vergonha na cara, nem se lembram mais de suas sandálias caindo aos pedaços.
FILOCLÊON
Dirigindo-se a XÂNTIAS.
E você, Xântias, não quer mesmo me deixar sair daqui, animal perverso? Você se esqueceu de que num certo dia, quando surpreendi você roubando minhas uvas, amarrei você no tronco de uma oliveira e arranquei a sua pele com tanta força que parecia que ela estava gritando. Mas você é um ingrato. Me deixe em paz!
Dirigindo-se a SÓSIAS.
E você também, antes de meu filho aparecer!
CORIFEU
Vocês não tardarão a receber o castigo merecido; os três vão aprender a conhecer os homens de caráter rancoroso, justo e severo.
Começa uma briga. BDELICLÊON chega com um bastão que dá a SÓSIAS, e uma tocha acesa que entrega a XÂNTIAS; este e SÓSIAS começam a espancar os amigos de
FILOCLÊON com bastões.
BDELICLÊON
Basta! Basta, Xântias! Enxote estas vespas daqui de casa!
XÂNTIAS
É o que estou fazendo.
SÓSIAS
Eu também já estou dando porradas neles.
Dirigindo-se a XÂNTIAS.
E você, faça aí de seu lado uma fumaça espessa.
XÂNTIAS
Muito bem! Vocês pensam que vão se salvar? Então vocês não querem ir embora? Bastão neles!

SÓSIAS
Você, Xântias, jogue no fogo este Aisquines filho de Selártio para fazer mais fumaça.
XÂNTIAS
Eu sabia que íamos conseguir expulsar vocês daqui.
BDELICLÊON
Mas você não ia poder fazer este pessoal debandar com tanta facilidade se eles tivessem
engolido versos de Filoclés (Provavelmente um mau poeta da época.).
CORO
Não é claro para os pobres que a ditadura foi restabelecida aqui sem nós sabermos? Celerado! Correligionário do arrogante Aminias! Você espezinha as leis estabelecidas pela democracia, sem o menor pretexto nem palavras melosas que justifiquem o seu desrespeito?
BDELICLÊON
Não é possível conversarmos sem pancadaria e gritaria?
CORO
Conversar com você, inimigo do povo, partidário da monarquia e amigo de Brasidas (General do exército espartano.), você, que ainda usa franjinhas de lã e deixa crescer a barba (Para caracterizar a imaturidade de Bdeliclêon.)?
BDELICLÊON
De fato, eu agiria melhor se abandonasse logo meu pai em vez de suportar todos os dias
borrascas como esta!
CORIFEU
Muito bem; você ainda não está no jardim nem saiu da rua, como diz o provérbio. O que você sofre hoje não é nada; você vai ver quando o promotor denunciar os seus crimes e intimar os seus cúmplices na conspiração.
BDELICLÊON
Em nome dos deuses! Vocês afinal vão embora? Se não forem, estou decidido a desancar vocês durante todo o dia.
CORO
Não e nunca, enquanto nos restar um sopro de vida! Estamos percebendo claramente que vocês aspiram à tirania!
BDELICLÊON
Para nós tudo é tirania e conspiração; pouco me importa se as acusações são sérias ou
infundadas. Durante cinquenta anos estas palavras não tinham ferido os meus ouvidos; hoje elas são mais comuns que peixe salgado; elas reboam por todos os cantos da praça do mercado. Tanto faz alguém comprar peixe-agulha e desprezar o linguado, o vendedor do linguado diz logo: “a cozinha deste homem cheira horrivelmente a tirania”. Se outro pede pimenta para temperar as enchovas, o vendeiro olha de lado e diz: “Você pede alho; será que o que você quer mesmo é a tirania? Você pensa que Atenas deve lhe fornecer os temperos?”

XÂNTIAS
Ontem ao meio-dia eu entrei na casa de uma prostituta e disse a ela que desejava fazer
exercícios de equitação; ela me perguntou, muito zangada, se eu queria restabelecer a tirania de Hípias (Este Hípias foi tirano de Atenas no período de - a.C.; no original grego há um trocadilho entre o nome de Hípias e "hippikôs", que é relativo à equitação.).
BDELICLÊON
Essas intenções agradam ao povo; e eu, porque desejo proporcionar a meu pai a boa vida de Môrico (Môrico era um poeta trágico ateniense amante da boa vida.) e afastá-lo dos processos, das delações que tiram o sono dele, sou acusado de conspiração e de ser partidário da tirania.
FILOCLÊON
Você bem merece; por mim, prefiro a vida que você quer que eu abandone, em vez da maior prosperidade. Um processinho recheado é um prato que me agradaria muito mais.
BDELICLÊON
É claro! É um prazer a que você já se habituou. Mas fique calado um instantinho e tente me entender; vou fazer você perceber que está iludindo a si mesmo.
FILOCLÊON
Eu, me iludir, quando só faço justiça?
BDELICLÊON
Você não percebe que é um joguete desses homens que você reverencia como se estivesse num culto? Você é um escravo e não percebe.
FILOCLÊON
Por que você fala de escravidão? Na realidade sou um rei.
BDELICLÊON
De jeito nenhum! Você é escravo dos outros e pensa que está reinando. Diga, meu pai: que honras são prestadas a você por sua contribuição à Hélade?
FILOCLÊON
Muitas, sem nenhuma dúvida; sou colega dos juízes.
BDELICLÊON
E eu também.
Dirigindo-se ao CORO.
Vocês aí, deixem meu pai em liberdade. Me deem uma espada; se eu perder a minha causa, enfio ela no meu coração.
Dirigindo-se a FILOCLÊON.
E você, se recusar o parecer dos árbitros…
FILOCLÊON
… que nunca mais eu beba vinho em honra do Gênio Bom!
CORO
Dirigindo-se a FILOCLÊON.
É você, nosso paladino, que tem de achar argumentos novos a fim de parecer…
BDELICLÊON
Interrompendo o CORO.

Sim, e tudo que ele disser vou anotar fielmente na memória; me tragam minhas plaquetas de tomar notas.

CORO
Que aparência você vai ter, a fim de dar a impressão de que não está falando à maneira deste rapaz? Você percebe a importância do debate em que tudo será questionado, desde que ele queira vencer você (tomara que isto não aconteça!)?
BDELICLÊON
Quero tomar nota de tudo que ele vai dizer, para não esquecer.
FILOCLÊON
E vocês, que iriam dizer se eu morresse?
CORO
A tropa de velhotes não serviria para mais nada. Seríamos ridicularizados nas ruas e chamados de anjos de procissão e de arquivos para processos. Você, então, Filoclêon, que vai defender nossa soberania, mostre altivamente toda a sua eloquência.
FILOCLÊON
Desde o comecinho vou provar que nosso poder não se curva diante de nenhuma soberania. Que criatura é mais feliz, mais afortunada que um juiz? Que vida é mais gostosa que a dele? Que animal é mais temível, principalmente na velhice? Mal me levanto da cama os homens mais importantes me escoltam até o tribunal; desde que apareço sou docemente paparicado por mãos que roubaram o dinheiro do tesouro da cidade; o culpado cai aos meus pés, dizendo com voz lamentosa: “Tenha piedade de mim, meu pai, pelos trambiques que pude praticar no exercício de funções públicas, ou no abastecimento do exército!” Pois ele não saberia nem que existo, se eu já não tivesse absolvido ele uma vez.
BDELICLÊON
Quanto aos suplicantes, tomei nota deles em minhas plaquetas.
FILOCLÊON
Aí eu me sento em meu lugar no tribunal, atordoado por súplicas que diminuem um pouco a minha severidade; e não faço nada do que prometo. De todos os lados se ouvem lamentos dos acusados. Que mesuras gentis se fazem diante do juiz! Uns deploram sua miséria e acrescentam males imaginários a seus males reais, para igualá-los aos meus; outros me contam histórias ou alguma piada de atores de comédias; outros dizem palavras espirituosas para me fazer rir e relaxar meu rigor. Se nada disso me sensibiliza, eles trazem seus filhos pelas mãos, meninos e meninas; eu ouço; eles inclinam a cabeça e começam a balir juntos,como se fossem carneiros. Depois o pai, trêmulo, suplica em nome dos filhos, como se eu fosse um deus, para eu absolvê-lo com pena deles: “Você gosta dos berrinhos de um cordeiro? Seja sensível à voz de um rapazinho”! Se dou a impressão de gostar da “coisinha” das meninas, ele procura me comover com a voz da filha. Então o nosso humor se adoça um pouco. Isto não é reinar e estar acima das riquezas todas?

BDELICLÊON
Outro ponto que anoto: o desprezo pelas riquezas. Me diga agora: que vantagens você tira dessa prepotência que você tem a pretensão de exercer sobre a Hélade?
FILOCLÊON
Se se trata de verificar a idade dos meninos, (Quando completavam certa idade os filhos de pais atenienses livres faziam sua declaração de idade e de sexo diante de um juiz.) temos o direito de vê-los nus. Se Ôiagro (Ôiagro era um ator célebre na época de Aristófanes.) for citado judicialmente, ele não será absolvido antes de haver recitado diante de nós a mais bela tirada da *Níobe* (Tragédia de Ésquilo (ou de Sófocles), na qual Ôiagro desempenhava o papel principal.). Um flautista ganha sua causa? Em sinal de reconhecimento ele toca uma marcha para nós quando saímos do tribunal. Se um pai moribundo indica no testamento o marido que destina à filha, única herdeira, deixamos com ele o mísero testamento e a conchinha que cobre o selo e damos a moça àquele cujas súplicas conseguem nos comover. E tudo isto sem dar satisfações a ninguém (privilégio que nenhum outro magistrado tem).
BDELICLÊON
Estas vantagens são preciosas, e eu felicito você por elas, mas cassar o testamento me parece injusto.
FILOCLÊON
Mas isto não é tudo. Quando o Senado e o povo estão divididos sobre algum assunto importante, um decreto manda os acusados comparecerem diante dos juízes. Veem-se, então, Êatlo (Orador de má fama na época de Aristófanes.) e também o frouxo Colacônimo (Alusão ao nome de Cleônimo, que também significava "adulador".) jurarem que nunca trairão vocês e que lutarão pelo povo. Enfim, nenhum orador consegue fazer prevalecer sua opinião na assembleia se não declara que os tribunais teriam de fechar depois do julgamento de um caso. O próprio Clêon, com sua voz tonitruante, não nos morde; mas ele fica vigilante perto de nós e afasta as moscas. Você nunca fez nada comparável com o que seu pai fez. Teoro, digno rival de Eufêmio (Adulador famoso por sua subserviência.), pega a esponja na bacia para tirar a lama de nossas sandálias. Veja os benefícios de que você quer me privar, me arrancar! É isto que você chama de escravidão e servilismo?
BDELICLÊON
Fale tanto quanto você quiser; um dia você perceberá a inutilidade dessa maravilhosa
prepotência; você terá de ser muito lavado depois de tanta sujeira!
FILOCLÊON
Esqueci o melhor da história: quando entro em casa com meu salário, minha grana atrai mil carícias para mim; primeiro minha filha lava e perfuma os meus pés, e fica na ponta dos pés para me beijar, e me chamando pelos nomes mais carinhosos consegue tirar com sua língua os três óbolos de minha boca (Até hoje no Oriente Próximo e Médio os comerciantes põem moedas na boca para atrair a riqueza.). Minha mulher, cheia de meiguice, me oferece uns bolos leves, sentando-se perto de mim e dizendo insistentemente: "Coma este! Prove aquele!" Tudo isso me deixa alegre; tudo isso me agrada muito; não tenho de olhar para você nem para

o mordomo tentando saber quando ele ou você vão mandar servir o jantar, me maldizendo e resmungando. Não é necessário lembrar que eles preparam um bolo ruim. E este salário me serve de proteção contra todos os males, e de armadura contra todos os projéteis; se você não quer servir o vinho, num instante o copeiro enche a taça e é só eu beber; o gluglu do vinho caindo na taça faz muito barulho e não me deixa ouvir seus gritos, meu filho. Isto não é uma verdadeira soberania, igual à de Zeus? Falam de nós como do próprio Zeus. Se fazemos barulho em nosso tribunal, todos os presentes gritam: "Ah! Zeus! Que tempestade desaba sobre o tribunal!" Quando lanço meus raios os ricos e os mais emproados começam a me adorar e se borram de medo. Você mesmo, meu filho, tem muito medo de mim (sim, por Deméter (Uma das deusas mais poderosas do panteão grego, protetora do lar.)!).

BDELICLÊON

Que eu morra agora mesmo se tenho medo de você!

CORIFEU

Nunca ouvi alguém defender uma causa com tanta habilidade e prudência.

FILOCLÊON

Ele pensava que ia colher as uvas de uma parreira sem dono, mas já conhecia o meu talento.

CORIFEU

Como ele soube dizer tudo, sem esquecer coisa alguma! Eu sentia que estava crescendo

enquanto ele falava. O encanto da eloquência do velhote era tão grande que parecia que ele estava julgando nas ilhas dos Bem-aventurados (Lugar para onde iam as melhores criaturas humanas após a morte.)!

BDELICLÊON

Como ele se babava de prazer e ficava em estado de beatitude!

Dirigindo-se a FILOCLÊON.

Vou fazer você sonhar hoje com chicotadas.

CORIFEU

Dirigindo-se a BDELICLÊON.

Você vai ter de pôr para funcionar todos os seus recursos se quiser ganhar a sua causa. É

difícil me dobrar falando contra mim. Se você não tem nada de bom a dizer, procure já um moinho capaz de moer a minha cólera.

BDELICLÊON

De fato, curar uma doença crônica numa cidade como esta é uma tarefa difícil, ousada e

superior às forças de um poeta cômico. Mas meu pai, filho de Cronos (Cronos (o Saturno dos latinos) era um dos deuses mais antigos da mitologia grega; dizer "filho de Cronos" equivalia a dizer "velho caduco".)…

FILOCLÊON

Pare de invocar o nome de pai! Se você não me provar agora mesmo que um juiz é um

escravo, nada me impedirá de matar você, ainda que eu tenha de ser excluído da festa dos Sacrifícios (Os pais que assassinavam seus próprios filhos eram proibidos de participar das cerimônias religiosas na Grécia antiga.).

BDELICLÊON

Me ouça com um ar um pouco menos severo, pai. Faça primeiro um cálculo muito simples em seus dedos, e não com pedrinhas (Na Grécia antiga faziam-se cálculos com pedrinhas arredondadas.), de todos os tributos que as cidades aliadas nos pagam; conte também os impostos pessoais, os percentuais, as custas judiciárias, a parte do produto das minas, os direitos sobre os mercados e os portos, as taxas, o produto dos confiscos; a soma destas rendas sobe a quase dez mil talentos (O talento era a moeda de maior valor na Grécia antiga.). Conte também os honorários anuais dos juízes, no valor de seis mil talentos, pois nunca houve tantos gastos deste tipo aqui; a soma de tudo isto é de cento e cinquenta talentos para vocês.

FILOCLÊON

Então não temos nem mesmo a décima parte das rendas públicas?

BDELICLÊON

Não.

FILOCLÊON

Então para onde vai o resto?

BDELICLÊON

Para essa gente que não para de gritar: "Nunca trairei o povo de Atenas! Lutarei sempre pelo povo!" E você, meu pai, seduzido por palavras como estas, se submete ao império dessa gente. Eles extorquem uma porção de talentos das cidades, fazendo ameaças a elas. Você se contenta com roer os restos do reinado deles. Os aliados, vendo todo o bando de vocês se contentar com uma sopa aguada e com a comida mais intragável, não fazem mais caso de você do que do voto de Cono (Cono tinha sido professor de música de Sócrates, e nada mais civicamente.). E aos demagogos eles dão pratos de peixe salgado, vinho, tapetes, queijo, mel, gergelim, almofadas, jarros bonitos, roupas caríssimas, coroas, colares, copas, enfim, as riquezas companheiras da boa vida. E a você, nenhum daqueles em quem você diz que manda, depois de tantas canseiras em terra e no mar, dá nem mesmo uma cabeça de alho para temperar uns peixinhos de nada.

FILOCLÊON

Isto é verdade; tive de mandar buscar três dentes de alho na quitanda de Eucarides. Mas afinal você não me prova esta suposta servidão.

BDELICLÊON

E não é uma verdadeira servidão ver todos esses intrigantes que exercem as magistraturas e seus aduladores presenteados com salários de marajás? Enquanto isto, você se contenta com os três óbolos que lhe pagam e que você ganhou em mil combates em terra e no ar e no cerco de cidades. Mas o que me deixa ainda mais revoltado é que você é forçado a ir à assembleia por ordens de outros, enquanto um fedelho debochado - o filho de Caireas (Caireas não era sequer cidadão ateniense.) (o das pernas tortas) -, de andar provocante e cheio de frescura, convida você para vir julgar de manhã cedinho e na hora marcada,

pois quem se apresentar depois do sinal não porá as mãos nos três óbolos. Mas ele recebe um bom dinheiro, na qualidade de promotor público, por mais tarde que chegue. Se algum acusado dá qualquer presente a ele, o malandro divide o presente com um de seus coleguinhas; se os dois combinam arranjar uma negociata, passam a maracutaia das mãos de um para o outro como dois malabaristas com batatas quentes nas mãos; enquanto isto você, com a boca escancarada, fica olhando para o tesoureiro do tribunal, sem perceber a manobra.

FILOCLÊON

O quê? É assim que eles me tratam? Essa não! Que é mesmo que você está dizendo? Você está pondo o meu espírito de cabeça para baixo! Isto me faz pensar muito. Já não sei onde estou!

BDELICLÊON

Então ouça: você poderia ser tão rico quanto todos os outros colegas seus; mas esses eternos aduladores do povo lhe tiram os meios. Você reina sobre uma porção de cidades, desde o mar Negro até a Sardenha, e sua única satisfação é esse salário miserável; e eles ainda lhe pagam avarentamente e gota a gota, como o óleo na mecha de um lampião; na realidade eles querem que você seja pobre, e vou lhe dizer a razão disto: é porque você conhece a mão que te alimenta, e ao menor sinal você se lança sobre o inimigo que ela escolhe para ser atacado por você. Garantir a subsistência do povo seria coisa fácil, se você quisesse. Mil cidades nos pagam tributos. Se se impuser a cada uma delas que sustente vinte cidadãos, vinte mil homens viverão uma vida de delícias. Eles terão todas as lebres que quiserem, coroas, o primeiro leite das mulheres depois do parto (Na Grécia antiga considerava-se esse leite tão bom quanto a ambrosia, o manjar dos deuses.), enfim, todas as coisas boas que nossa pátria e os vencedores da batalha de Maratona merecem. Longe disto, agora vocês seguem aquele que paga o salário, como os colhedores de azeitonas.

FILOCLÊON

Um frio repentino entorpece minha mão! Não posso mais segurar a minha espada, minhas forças me faltam!

BDELICLÊON

Mas esses mesmos homens, quando temem por suas vidas, oferecem a vocês a Êuboia e muito trigo, eles, que nunca lhe deram nem um pouquinho de aveia. Mais ainda: você sua muito para receber esse pouquinho, pois eles alegam que é importado. É por isso que tenho mantido você nesse confinamento, para alimentar você e para poupar você das gargalhadas insolentes deles. E agora que resolvi lhe dar tudo que você desejar, menos o primeiro leite das mulheres depois do parto…

CORO

Dirigindo-se a BDELICLÊON.

Sempre se tem razão para dizer: “Ouça as duas partes antes de julgar”. Pare, pois você agora ganhou a causa. Nossa cólera está mais branda, vamos jogar fora estes porretes.

Dirigindo-se a FILOCLÊON.

Ceda diante destas razões, nosso amigo e correligionário! Não queira parecer louco nem
teimoso demais! Ah! Se nós mesmos tivéssemos tido um amigo ou parente que nos desse conselhos como este! Hoje uma divindade virá socorrer você e lhe oferecerá os favores dela. Aceite sem hesitar!

BDELICLÊON

É isto mesmo. Vou cuidar dele e lhe darei tudo que convém a um homem da sua idade; ele terá farinha de cevada, uma túnica, um manto bem fino, uma prostituta para fazer massagens no peru e nos rins dele. Mas ele deve ficar caladinho, não vai dizer uma palavra, nem que seja para me agradar.

CORO

O velhote voltou à razão sobre os assuntos em que dizia bobagens; ele reconheceu sua loucura, e se recrimina por não ter seguido seus conselhos. Talvez ele, tornando-se um sábio, se disponha a se comportar de acordo com seus desejos, Bdeliclêon.

FILOCLÊON

Depois de algum tempo de silêncio geral.

Ai! Coitado de mim!

BDELICLÊON

Que é isto? Por que você está gritando?

FILOCLÊON

Deixe para lá todas estas promessas. Ah! Se eu estivesse num certo lugar onde o oficial de justiça grita: "Quem ainda não depositou seu voto na urna, levante-se!" Ah! Se eu pudesse estar ao lado das urnas e ser o último a depositar meu voto! Apresse-se, minha alma! Onde está minha alma? "Trevas! Abram-me uma passagem!" (Verso de Eurípides na tragédia perdida *Belerofon*.) Por Heraclés! Por que não vou poder sentar hoje entre os juízes e convencê-los de que Clêon foi apanhado em flagrante de roubo?

BDELICLÊON

Em nome dos deuses, meu pai! Ceda às minhas súplicas!

FILOCLÊON

Que é mesmo que você está querendo de mim? Peça tudo, tudinho, menos uma coisa.

BDELICLÊON

Que coisa? Diga!

FILOCLÊON

Que eu deixe de julgar. Antes de eu concordar, Hades (Hades era o deus maior do mundo dos mortos, e também o nome desse mundo.) terá pronunciado minha sentença de morte.

BDELICLÊON

Está bem! Está bem! Se você gosta tanto de ser juiz, não é necessário sair de casa para isto; fique aqui e julgue seus escravos.

FILOCLÊON

Com base em que acusações? Você está brincando!

BDELICLÊON

Você vai fazer tudo como no tribunal. Se sua escrava abrir a porta da despensa sem você ver, você aplicará a ela uma simples multa, como você faria no tribunal. Tudo se passará na ordem conveniente; se o sol estiver de fora desde cedo, você julgará em pleno sol; se estiver chovendo ou nevando, você instruirá o processo em frente à sua lareira; se por acaso você se levantar ao meio-dia, não precisa ter receios de ser excluído pelo juiz-presidente (Literalmente "pelo tesmoteta", que era um dos arcontes e tinha a incumbência de supervisionar a aplicação da justiça.).

FILOCLÊON

Até que estou gostando disto!

BDELICLÊON

Além disto, se o advogado estiver falando demais e você sentir fome, você não terá de sofrer por isto; vingue-se do advogado.

FILOCLÊON

Como eu poderia conduzir bem o processo comendo durante o intervalo?

BDELICLÊON

Bem melhor que em jejum; não me diga que os juízes, cercados de falsas testemunhas por todos os lados, não descobrem a verdade ruminando!

FILOCLÊON

Você me leva a tomar uma decisão, mas ainda não disse quem vai me pagar o meu salário de juiz.

BDELICLÊON

Eu.

FILOCLÊON

Está bem: concordo com ser pago à parte e não junto com os outros juízes. Ora: ultimamente esse palhaço chamado Lisístrato me tapeou indecorosamente; ele tinha recebido um dinheiro para nós dois; aí ele me levou até o mercado para trocar o dinheiro em duas partes e me deu três escamas de peixe, que eu pus logo na minha boca, pensando que se tratasse de moedas. O fedor me obrigou a cuspi-las no mesmo instante, e eu abri processo contra ele na Justiça.

BDELICLÊON

Bem feito! E qual foi a réplica dele?

FILOCLÊON

Veja só! Ele respondeu que eu tinha um estômago de galo. "É assim que você digere dinheiro?", disse ele rindo!

BDELICLÊON

Veja o proveito, também nisto, que você vai ter agora.

FILOCLÊON

Talvez ele não seja tão pequeno; mesmo assim, execute seu plano.

BDELICLÊON

Espere um pouco aqui; vou trazer tudo para cá.

Sai BDELICLÊON.

FILOCLÊON

Assim se realizam os oráculos! Sempre ouvi dizer que chegaria o tempo em que cada

ateniense aplicaria a justiça em sua casa e se construiria no vestíbulo dela um tribunalzinho, como os santuariozinhos de Hecate que se veem por toda parte em frente às casas.
Volta BDELICLÊON trazendo um penico e um galo.
BDELICLÊON
Está tudo aqui. Você tem alguma coisa a dizer? Trago tudo que lhe prometi, e mais ainda. Se você quiser mijar, este penico aparecerá suspenso perto de você, pendurado num gancho.
FILOCLÊON
Grande ideia! Para um velho isto é um bom preservativo contra a retenção de urina.
BDELICLÊON
Mostrando um fogareiro com brasas e uma panela.
É, sim. Aqui está o fogo e ao lado há um purê de lentilhas também, que você pode comer em caso de força maior.
FILOCLÊON
Ótimo também! Assim, mesmo se eu estiver com febre receberei sempre o meu salário;
poderia até comer minhas lentilhas sem sair do lugar. Mas, para que você trouxe o galo?
BDELICLÊON
Se você dormir durante os debates, como fazia no tribunal, ele acordará você cantando.
FILOCLÊON
Tudo isto é muito conveniente para mim, mas ainda queria uma coisa.
BDELICLÊON
Que coisa?
FILOCLÊON
É possível trazer para cá uma imagem de Lico?
BDELICLÊON
Mostrando uma pintura.
Ela está ali à sua frente. É o próprio herói.
FILOCLÊON
Herói nosso chefe! Como é terrível o seu olhar!
BDELICLÊON
Parece até que estamos vendo Cleônimo.
FILOCLÊON
Ele não está com as armas, por mais herói que seja.
BDELICLÊON
Se você se sentasse já, eu proporia na mesma hora uma ação.
FILOCLÊON
Então proponha; estou sentado há muito tempo.
BDELICLÊON
Vejamos: que ação eu proporia primeiro? Alguém da casa fez alguma bobagem?
A criada Trata deixou queimar há pouco tempo o que estava na panela.

FILOCLÊON
Essa não! Pare! Você me mataria! Você quer propor uma ação antes de fazer uma balaustrada aqui (Uma balaustrada como a do tribunal.)? Mas é a primeira coisa que se vê no tribunal.
BDELICLÊON
É verdade; não há balaustrada aqui, mas vou providenciar uma agora mesmo. Como são
importantes os usos e costumes locais!
Entra XÂNTIAS correndo.
XÂNTIAS
Dane-se este animal! Ninguém pode tomar conta de um cachorro assim!
BDELICLÊON
Qual é o caso agora?
XÂNTIAS
O senhor está vendo Labes, o seu cachorro, que agora mesmo entrou na despensa e comeu um queijo da Sicília (O nome Labes faz lembrar o nome de um general ateniense na época (Laques), que se deixou subornar pelo inimigo na malograda expedição militar do exército ateniense à Sicília.)?
BDELICLÊON
Que bom! Aqui está o primeiro delito para levar ao "tribunal" diante de meu pai!
Dirigindo-se a XÂNTIAS.
Faça você mesmo a acusação.
XÂNTIAS
Eu não; o promotor deve ser outro cachorro, se permitem que eu dê palpites.
BDELICLÊON
Está bem. Chame outro cachorro.
XÂNTIAS
É o que vou fazer.
FILOCLÊON
Dirigindo-se a BDELICLÊON.
Que é que você está trazendo aí?
BDELICLÊON
O cercado onde são engordados os porcos destinados à deusa Hestia (Hestia era a deusa protetora do lar.).
FILOCLÊON
Você se atreve a pôr as suas mãos sacrílegas nele?
BDELICLÊON
Não, mas vou realizar um sacrifício começando por Hestia.
FILOCLÊON
Apresente logo a acusação, enquanto eu vejo a pena a ser aplicada.
BDELICLÊON
Espere; vou já buscar para você as plaquetas e o estilete (As notas no tribunal eram escritas com um estilete numa plaqueta de madeira encerada.).
FILOCLÊON

Essa não! Você me irrita com sua demora; quanto a mim, basta tomar notas na areia do chão.
BDELICLÊON
Está tudo aqui.
FILOCLÊON
Agora exponha a causa.
BDELICLÊON
É o que vou fazer.
Lendo as plaquetas.
Quem é o primeiro inscrito?
Interrompendo a leitura.
Com todos os diabos! Esqueci as urnas para receberem os votos dos juízes.
FILOCLÊON
Não é possível! Para onde você está correndo?
BDELICLÊON
Vou procurar as urnas.
FILOCLÊON
Não é necessário: vamos pôr uns vasos no lugar delas.
BDELICLÊON
Muito bem. Agora nada está faltando… com exceção do relógio.
FILOCLÊON
E este penico? Não pode ser um relógio?
BDELICLÊON
Você sabe quebrar todos os galhos, como todos os atenienses… Depressa! Tragam fogo, ramos de mirto e incenso para invocarmos os deuses.
CORO
Durante as libações e as preces cantaremos com nossos louvores os presentes e a nobre
reconciliação que sucedeu às querelas acaloradas entre o pai e o filho.
BDELICLÊON
Façam-se ouvir, então, palavras de bons augúrios.
CORO
Ah! Febo! Ah! Apolo Pítio! Faça com que este processo, instruído por este juiz diante da porta de sua casa, tenha um desfecho feliz, e nos livre de erros!
BDELICLÊON
Deus nosso senhor! Você que preside a entrada de minha casa, receba estes novos sacrifícios que lhe oferecemos pela primeira vez em favor de meu pai! Adoce o humor áspero e austero dele! Deixe cair sobre o coração dele algumas gotas de mel, para que de hoje em diante ele seja clemente para com os homens, mais benevolente para com o acusado que com o acusador, enfim, seja sensível às preces dirigidas a você! Tire do caráter dele todo o fel e todas as folhas de urtiga!
CORO
Dirigindo-se a FILOCLÊON.

Unidos de todo o coração aos sentimentos que você expressou, juntamos nossos votos aos seus neste cargo que você exerce; de fato, você se torna querido por todos nós, depois que vimos você mais zeloso para com o povo que qualquer dos juízes mais novos que você!

Um criado traz dois personagens disfarçados de CACHORROS; um dos disfarces reproduz as feições de Laques, e o outro as de Clêon.

BDELICLÊON

Se algum juiz está lá fora, que se apresse a entrar; uma vez iniciadas as falas, ninguém mais poderá entrar!

FILOCLÊON

Quem é este acusado? A que pena ele está sujeito?

XÂNTIAS

Como se fosse o promotor.

Ouçam agora a acusação: "O cachorro da vila de Cidateneia acusa Labes, da vila de Aixone, de haver contra toda a justiça devorado sozinho um queijo da Sicília". Que sua pena seja a de usar uma coleira bem apertada!

FILOCLÊON

Ou então uma morte de cão, se ele for condenado.

BDELICLÊON

Aqui está Labes, o outro acusado.

FILOCLÊON

Ah! Bandido! Ele tem mesmo a pinta de um ladrão, e se orgulha de me tapear, rangendo os dentes. Onde está o queixoso, o cachorro de Cidateneia?

1º CACHORRO

Au! Au!

BDELICLÊON

Aqui está ele!

FILOCLÊON

Este é um outro Labes, bom latidor e lambedor de panelas.

SÓSIAS

Como se fosse o arauto.

Silêncio! Todos sentados! Você, objeto da acusação, suba à tribuna!

FILOCLÊON

Durante a fala dele vou me servir de sopa e engoli-la rapidamente.

XÂNTIAS

Como promotor.

Senhores juízes! Os senhores vão ouvir minha acusação contra este réu. Ele cometeu em

relação à cidade e à frota de Atenas um atentado indecoroso. Ele se esgueirou para um canto depois de roubar um enorme queijo da Sicília, aproveitando-se das trevas.

FILOCLÊON

O roubo dele está suficientemente comprovado; o patife acaba de deixar cair no chão um naco de queijo extremamente malcheiroso!

XÂNTIAS

Pedi a ele que me deixasse provar um pedaço do queijo, mas ele não me atendeu. Quem vai querer ajudar vocês, se seu cachorro fiel não deixou nem um pouquinho para mim?
FILOCLÊON
Ele não lhe deu nada mesmo?
XÂNTIAS
Nadinha, nem a mim, nem a seu companheiro.
FILOCLÊON
Aí está um trapalhão que vai ferver mais que estas lentilhas.
BDELICLÊON
Em nome dos deuses, meu pai, não profira a sentença antes de ter ouvido as duas partes!
FILOCLÊON
Mas a coisa está clara, meu caro; ela fala por si mesma.
BDELICLÊON
Mas preste atenção para não absolver o acusado; este cachorro é o mais guloso e o mais
egoísta que já vi; ele lambe num piscar de olhos todos os cantos de uma… cidade, e devora tudo (Alusão à voracidade insaciável dos políticos atenienses da época quanto à riqueza.).
FILOCLÊON
E não tenho dinheiro nem para mandar consertar meu vaso…
2º CACHORRO
Então castigue o acusado; uma única cozinha não pode encher a barriga de dois ladrões.
Tomara que eu não tenha latido no vazio e em vão, senão nunca mais vou latir.
FILOCLÊON
Quanta falta de vergonha! Aí está um grande trapaceiro! Que pensa você dele, meu galo?
Alguns instantes de silêncio.
Para mim ele diz “sim”. Guarda do tribunal! Onde está você? Que alguém me dê um penico!
SÓSIAS
Fingindo ser o guarda do tribunal.
Pegue você mesmo o penico; estou ocupado fazendo a citação das testemunhas. Apresentem-se as testemunhas de acusação a Laques! Um prato, um pilão, uma fôrma de queijo, uma grelha, uma panela e outros utensílios de cozinha. Você ainda está mijando? Ainda não acabou?
FILOCLÊON
Apontando para o acusado.
Ainda não, mas penso que aquele ali vai fazer coisa pior; hoje ele vai se borrar.
BDELICLÊON
Dirigindo-se ao CACHORRO acusador.
Então você será sempre tão severo e intratável para com o acusado? Por que esta ferocidade?

FILOCLÊON
Dirigindo-se ao acusado.
Suba à tribuna e defenda-se! Por que este silêncio? Fale!

SÓSIAS
Com certeza ele nada tem a dizer.
BDELICLÊON
Você se engana; acontece com ele o que aconteceu há muito tempo com Tucídides (Bom orador ateniense, que acusou Péricles de traição. Péricles permaneceu mudo e foi exilado.) quando acusou Péricles; a surpresa da acusação paralisou completamente as mandíbulas de Péricles. Afaste-se; vou assumir a sua defesa. É uma tarefa difícil, senhores juízes, defender um cachorro que é alvo de acusações extremamente odiosas, porém de qualquer maneira falarei. Este cachorro é valente e caça lobos.
FILOCLÊON
Ele é um ladrão e um conspirador!
BDELICLÊON
Não, por Zeus! Não há um cachorro melhor no mundo! Ele seria capaz de cuidar de um grande rebanho de carneiros.
FILOCLÊON
Que importa tudo isto se ele comeu o queijo?
BDELICLÊON
Que importa? Ele luta para defender você, guarda sua casa, e além disto tem outras qualidades. Se ele rouba uma coisinha você deve perdoá-lo. Reconheço que ele não é um grande tocador de cítara.
FILOCLÊON
Eu gostaria de que ele nem soubesse ler; ele não faria a apologia de seu crime.
BDELICLÊON
Ouça minhas testemunhas, juiz imparcial. Aproxime-se, facãozinho, e fale em voz alta; então você, que estava incumbido dos pagamentos, responda com clareza: você não cortou as partes que deveriam ser distribuídas aos soldados?
Um curto silêncio.
Ele confirma que cortou.
FILOCLÊON
Por Zeus! Ele está mentindo!
BDELICLÊON
Julgue benevolentemente, juiz impoluto! Tenha pena do infeliz! Este pobre Labes só via
cabeças e barbatanas de peixes; ele nunca fica no mesmo lugar. O outro cachorro só tem de guardar a casa. Ele tem suas razões. Nada se traz para esta casa sem que ele peça a sua parte, e se alguém se recusa a dar leva uma mordida.
FILOCLÊON
Que horror! Por que será que estou cheio de compaixão? Que estará acontecendo comigo? Sinto-me comovido.

BDELICLÊON
Não sacrifique o coitadinho! Onde estão as crianças? Venham, membros da família desolada! Gritem! Rezem! Chorem!
FILOCLÊON
Desçam, desçam, desçam, desçam!
BDELICLÊON
Estou descendo; este chamado enganou muita gente, mas apesar disto desço.
FILOCLÊON
Vá se enforcar! Tenho certeza de que foi unicamente por causa deste purê de lentilhas que me empanturrei.
BDELICLÊON
Afinal de contas, ele está ou não absolvido?
FILOCLÊON
Não sei.
BDELICLÊON
Ah! Meu pai querido! Tenha sentimentos humanos! Receba este voto, passe diretamente para a segunda urna (Nos tribunais atenienses havia duas urnas, uma para os votos de condenação e a segunda para os votos de absolvição dos réus.), fechando ligeiramente os olhos. Faça com que ele seja absolvido, meu pai!
FILOCLÊON
É impossível, filho; não sei tocar cítara (Ou seja, "não sei absolver".).
BDELICLÊON
Venha; eu mesmo vou levar você lá.
FILOCLÊON
Esta é a primeira urna?
BDELICLÊON
Sim; é a primeira.
FILOCLÊON
Vou depositar meu voto nela.
BDELICLÊON
Ele foi enganado e acabou absolvendo sem querer…
FILOCLÊON
Espere; vou derramar os votos. Vamos ver o resultado.
BDELICLÊON
Você vai ver. Labes foi absolvido!
Vendo que o pai estava indisposto.
Meu pai! Meu pai! Que é que você está sentindo?
FILOCLÊON
Ai! Deuses! Água! Depressa!
Aparece um escravo trazendo água para FILOCLÊON.
BDELICLÊON
Volte a si, pai!
FILOCLÊON
Me diga: ele foi mesmo absolvido?
BDELICLÊON

Foi sim, por Zeus!
FILOCLÊON
Estou… perdido!
BDELICLÊON
Não se aflija! Recupere a coragem!
FILOCLÊON
Como vou suportar a ideia de ter absolvido um acusado? Que será de mim? Deuses
veneráveis! Me perdoem! Fiz isso tudo sem querer; este não é o meu hábito.
BDELICLÊON
Contenha a sua mágoa, meu pai; quero lhe proporcionar uma boa vida; vou levar você comigo a todos os lugares aonde eu for, às festas, aos banquetes, ao teatro. Você viverá uma vida muito feliz, e Hipérbolo (Hipérbolo era um demagogo perigoso na época em Atenas.) não zombará mais de você. Vamos entrar.
FILOCLÊON
Faça o que quiser.
Entram todos em casa.

PARÁBASE

(Na parábase o autor da comédia dirige, por intermédio do Corifeu, as censuras que acha cabíveis aos espectadores na qualidade de cidadãos de Atenas.)

Vamos até onde a alegria nos chama. Vocês, espectadores incontáveis, não deixem cair por terra as sábias palavras que vou pronunciar: isto seria de esperar de ignorantes, e não de vocês. E agora, cidadãos, prestem atenção ao que vou dizer, se vocês gostam de uma linguagem sincera. Neste momento o poeta deseja dirigir algumas censuras a vocês. Ele acha que tem motivos para se queixar de vocês, ele, que foi muitas vezes o primeiro a ser agradável a vocês.

Primeiro sem dizer o seu verdadeiro nome, escrevendo comédias sob o pseudônimo de outros poetas (As primeiras comédias de Aristófanes foram encenadas sob os nomes de Calístrato e Filonides, porque o comediógrafo ainda não tinha completado a idade imposta pelas leis atenienses para participar dos festivais onde eram representadas as comédias.). Naquele tempo ele imitava a linguagem profética de Euriclés (Euriclés era um adivinho ventríloquo em Atenas no início da carreira de Aristófanes.), e lhes falava com as entranhas. Depois, enfrentando diretamente o perigo, ele tomou as rédeas nas mãos e guiou sua própria Musa em sua carreira. Cercado de glória e honrarias, como nenhum outro jamais havia recebido, ele não imaginou que havia atingido o ápice da perfeição, e não passou a sentir maior orgulho por isso; jamais ele percorreu os ginásios atléticos para corromper a juventude neles (Toda esta verrina de Aristófanes é contra Sócrates.); se algum amante avançava para queixar-se a ele de que a comédia visava o alvo de seus amores, ele jamais se dava por vencido diante do assédio, com a louvável intenção de não atribuir às Musas que o inspiravam o papel de alcoviteiras.

Na primeira vez que ele apareceu com seu próprio nome (Apresentando a comédia *Os cavaleiros* em a.C.) no teatro, não foram homens que ele teve de enfrentar: ele teve de se armar da força de Heraclés contra monstros terríveis; ele ousou desde o princípio atacar esse Cérbero (Cérbero era o cão terrível que guardava as portas do inferno.) de dentes afiados, cujos olhares aterradores lançavam chamas como as de Cina (Prostituta famosa em Atenas na época.), e cuja fronte era lambida pelas línguas pervertidas de cem aduladores, reunidos em círculo em volta dele; ele tinha a voz de uma torrente avassaladora, o fedor de uma foca, as coxas de uma Lamia (Lamia era um monstro lendário horrível, que devorava as criancinhas.), e o ânus de um camelo; diante da visão desse monstro, o terror não lhe arrancou presentes para acalmá-lo. Apesar de tudo isso, até hoje o autor luta por vocês.

No ano passado ele atacou também outros flagelos, outros vampiros (Os sicofantas, caluniadores e delatores profissionais em Atenas.), que durante a noite estrangulavam os próprios pais e sufocavam os avós; gozando da intimidade de cidadãos inofensivos, eles os perseguiam e os soterravam com processos judiciais, acusações e chicanas; também podia-se vê-los correr em grande número para implorar a proteção do polemarca (Polemarca era o terceiro arconte na hierarquia ateniense.). Vocês tinham achado um defensor, um salvador, mas o abandonaram no ano passado (Quando Aristófanes encenou *As nuvens*, os atenienses lhe deram apenas um segundo lugar.), enquanto ele semeava seus pensamentos mais novos que não tinham sido bem compreendidos. Entretanto, em meio às libações ele toma Diôniso (Deus do vinho e do teatro, o Baco dos latinos.) por testemunha de que jamais foram ouvidos melhores versos cômicos. É uma vergonha para vocês o fato de não terem percebido imediatamente o mérito do poeta; mas o poeta não é menos estimado pelos sábios por haver sido espoliado da vitória, embora fosse melhor que seus rivais. No futuro, maravilhosos atenienses, amem e honrem os poetas que buscam ideias novas e invenções; preservem seus pensamentos, esforcem-se por conservá-los como preciosidades em seus cofres; se vocês tiverem este cuidado, suas roupas exalarão durante o ano inteiro um perfume de… esperteza…

Ai de nós, antigamente tão hábeis na dança, tão valentes nos combates e ainda mais valentes na virilidade! Estes belos dias já passaram. Agora a brancura de nossos cabelos iguala a dos cisnes, mas o que ainda resta reencontrará a pujança da mocidade. Nossa maturidade vale mais que os adornos, os trejeitos efeminados e a devassidão de muita gente jovem.

Se algum de vocês, espectadores, vendo as nossas roupas admirar-se de nos ver com a aparência de uma vespa e armados com este ferrão, explicaremos as coisas e dissiparemos a ignorância de vocês. Esta gente armada de ferrão é a gente da Ática, única autóctone e única nobre; raça cheia de coragem e que defendeu muitas vezes esta cidade em combates, na época em que os persas vieram arrasar a nossa terra natal e cobri-la de fogo e fumaça, com o propósito de destruir nossas colmeias. Rapidamente cada um de nós empunhou sua lança e seu escudo, e marchou contra o inimigo; combatemos em Maratona e em Salamina impelidos pela cólera, homem contra homem, com os lábios cerrados de fúria; a quantidade de lanças arremessadas impedia a visão do céu. Afinal

pusemos em fuga os atacantes quando já anoitecia, com a ajuda dos deuses. Antes da batalha uma coruja havia passado por cima de nosso exército; perseguimos os invasores atacando seus flancos com nossos ferrões. E assim, até hoje os bárbaros não conheceram nada de mais terrível que as vespas áticas. A coragem delas foi inacreditável; nenhum temor as detinha; a bordo de nossas naus acabamos de destruir nossos inimigos. Naquele tempo pensávamos não em fazer discursos artisticamente elaborados, nem em caluniar uns aos outros, mas em nos tornarmos bons remadores. Conquistamos numerosas cidades dos persas. É, então, principalmente ao nosso próprio valor que devemos os tributos que os jovens dilapidam.

Examinando cuidadosamente, vocês encontrarão em nós uma semelhança total com as vespas, tanto pelo caráter como pela maneira de viver. Primeiro, nenhum bicho é mais irascível e mais terrível quando o irritam; depois, todas as nossas ocupações lembram as das vespas. Formamos como elas diversos enxames que se dispersam em colmeias diferentes; uns vão julgar junto ao arconte, outros junto aos Onze (Juízes incumbidos de julgar os roubos e de providenciar a aplicação das penas aos culpados.), outros no Odeon (O Odeon era um teatro construído em Atenas por iniciativa de Péricles. Em frente a ele distribuía-se farinha de trigo aos atenienses necessitados.); alguns deles, espremidos contra as muralhas da cidade, com a cabeça baixa, apenas mexendo-se, como se fossem larvas em seus alvéolos (Juízes incumbidos de zelar pela conservação das muralhas e julgar as causas relativas ao assunto.). Nossa atividade proporciona abundantemente a satisfação de todas as necessidades da vida (para isto, basta picar com nossos aguilhões). Mas temos entre nós zangões indolentes, desprovidos dessa arma, que, sem participar de nossas fadigas, devoram os frutos delas. Para nós é verdadeiramente intolerável ver nossos salários roubados por quem nunca entra em combate, e que jamais faz calos manejando a lança ou o remo para defender a pátria. Em uma palavra, nossa opinião é que, no futuro, quem não tiver ferrão não porá as mãos nos três óbolos (Os três óbolos que os juízes ganhavam por sessão nos tribunais.).

Sai de casa FILOCLÊON, mal-humorado, tentando escapar dos cuidados de seu filho, que segue seus passos de perto, acompanhado por um criado que leva num dos braços um manto e numa das mãos um par de sandálias.

FILOCLÊON

Não! Não tirarei por nada na vida este meu manto, pois só ele me salvou nesta batalha em que Bóreas (Vento tempestuoso que provocava muitos naufrágios com sua violência.) solta o seu furor!

BDELICLÊON

Parece que você tem pouca curiosidade pelo que é bom.

FILOCLÊON

Pouco me preocupo com roupas bonitas. Há algum tempo eu comia peixe frito na salmoura; eu tinha de dar três óbolos ao limpador de panelas.

BDELICLÊON

Experimente um pouco da vida que estou lhe oferecendo, porque você agora está entregue a mim.

FILOCLÊON

Que é que você está exigindo, então?
BDELICLÊON
Largue este manto grosseiro e ponha no lugar dele um manto mais fino.
FILOCLÊON
Por que você não faz filhos e cuida deles? O meu só quer me reprimir.
BDELICLÊON
Vamos! Segure e não diga mais nada.
FILOCLÊON
Em nome dos deuses! Que é isto?
BDELICLÊON
Isto é um manto persa, que outros chamam de pelúcia.
FILOCLÊON
Pensei que eram retalhos de pele.
BDELICLÊON
Sua ignorância não me causa admiração; você nunca esteve em Sardes (Cidade da Lídia (na Ásia Menor), famosa pelo luxo e ostentação de seus habitantes.). Se você tivesse estado lá conheceria essas coisas, mas em vez disso você não conhece coisa alguma.
FILOCLÊON
Eu? De jeito nenhum! Isto parece muito com o casaco da mulher de Môrico.
BDELICLÊON
Não senhor! Este manto foi tecido em Ecbátana (Capital da antiga Média.).
FILOCLÊON
Em Ecbátana as tripas são de lã?
BDELICLÊON
Você acredita que isso é possível? Pois entre os bárbaros este tecido é caríssimo; ele consome uma montanha de lã.
FILOCLÊON
Então seria mais justo chamar ele de “come-lã” em vez de pelúcia.
BDELICLÊON
Vamos! Fique empinado e vista o manto!
FILOCLÊON
Começando a vestir o manto.
Que calor sufocante esta roupa maldita me faz sentir!
BDELICLÊON
Você não quer mesmo vestir esta beleza de manto?
FILOCLÊON
De jeito nenhum! Por que você não me põe logo no forno?
BDELICLÊON
Vamos! Eu mesmo visto ele em você. Chegue mais para perto!
FILOCLÊON
Segure ao menos esta alça.
BDELICLÊON
Para quê?
FILOCLÊON

Para eu sair dele antes de virar água…
BDELICLÊON
Agora tire estas malditas sandálias e use estas da Lacedemônia.
FILOCLÊON
Eu? Suportar em meus pés um calçado feito por nossos piores inimigos?
BDELICLÊON
Ponha o pé dentro e se apoie firmemente.
FILOCLÊON
Isto não vai bem… Você me força a pôr o pé em território inimigo!
BDELICLÊON
Vamos! Agora o outro pé.
FILOCLÊON
Este aqui é impossível. Um dos dedos deste pé tem verdadeiro horror à Lacedemônia.
BDELICLÊON
Não pode ser de outra maneira.
FILOCLÊON
Sou um infeliz por não ter frieira na velhice!
BDELICLÊON
Calce depressa e depois imite a maneira de andar dos ricos e sua marcha rebolada.
FILOCLÊON
Então olhe a minha elegância e me diga: com que rico eu pareço assim?
BDELICLÊON
Com quem você parece? Com uma bolha inflamada e esfregada com alho.
FILOCLÊON
Agora eu gostaria de rebolar.
BDELICLÊON
Vamos ver; você poderá manter uma conversa séria num grupo de homens sabidos e bem educados?
FILOCLÊON
Com certeza.
BDELICLÊON
De que você vai falar?
FILOCLÊON
De minhas coisas. Primeiro vou dizer como a Lamia, sentindo-se apertada, soltou um peido. Depois, como Cardopíon, agarrando sua mãe…
BDELICLÊON
Deixe de lado as fábulas e fale das coisas comuns da vida, que fazem o assunto de nossas conversas em casa.
FILOCLÊON
Também sei contar histórias deste gênero: “Era uma vez um gato e um rato…”
BDELICLÊON
“Criatura boba e grossa”, como disse Teagenes ao limpador de latrinas, censurando-o; por que você vai falar de gatos e ratos a criaturas humanas?

FILOCLÊON
Diga, então: de que devo falar?

BDELICLÊON
De personagens ilustres; da missão de que você participou com Androclés e Clistenes (Aristófanes censura aqui os cidadãos atenienses por escolherem as pessoas mais desprezíveis, como Androclés e Clistenes (um escravo e um mendigo) para missões importantes.).
FILOCLÊON
Eu? Nunca participei dessas missões, a não ser da ida a Paros; e me pagaram dois óbolos.
BDELICLÊON
Muito bem! Conte ao menos como Efúdion combateu gloriosamente em uma luta livre contra Ascondo; embora velho e com os cabelos grisalhos, ele foi valente usando os punhos, os flancos e uma ótima couraça.
FILOCLÊON
Pare! Pare! Você não sabe o que está dizendo! Como ele poderia lutar metido numa couraça?
BDELICLÊON
Os sábios conversam assim. Me diga uma coisa: se você estivesse numa festa com estranhos, a propósito de que feitos de sua juventude você gostaria de falar com eles?
FILOCLÊON
O mais belo de meus feitos foi sem dúvida o de ter roubado as estacas de Ergasíon.
BDELICLÊON
Você me deixa tonto! Onde você vai falar de estacas? Conte - isto sim - que você perseguiu um javali ou uma lebre; que você correu sem deixar a tocha se apagar. Fale, enfim, de algum feito de audácia e coragem.
FILOCLÊON
Aqui está um de meus feitos mais corajosos: ainda criança persegui o corredor Fíalo e ganhei dele de longe.
BDELICLÊON
Chega! É melhor você ir se deitar em sua cama a fim de pensar sobre o que é preciso fazer para ser um bom conviva e ter boas maneiras.
FILOCLÊON
Como eu tenho de ficar? Explique, afinal.
BDELICLÊON
Decentemente.
FILOCLÊON
Deitando-se no chão.
Assim, debaixo de uma coberta?
BDELICLÊON
De jeito nenhum!
FILOCLÊON

Como, então?
BDELICLÊON
Estenda as pernas, e como um bom atleta perfume seu corpo embaixo do manto; depois faça o elogio dos vasos de bronze, olhe para o teto, admire as tapeçarias da sala. Peça água para lavar as mãos; mande trazer as mesas; janta-se; depois de lavar bem as mãos, passa-se às libações.
FILOCLÊON
Pelos deuses! Estamos jantando em sonho?

BDELICLÊON
A flautista começa a tocar. Os outros convidados são Teoro, Aisquines, Fano, Clêon, Acéstor e outros, estranhos, ao lado de Acéstor. Você está entre eles. Faça tudo para responder direitinho às canções deles.
FILOCLÊON
Você vai ver! Nenhum montanhês se sairá melhor que eu!
BDELICLÊON
Vou ver. Faça de conta que sou Clêon; eu canto primeiro o "Harmódio"; você canta depois de mim: "Jamais houve homem assim em Atenas…"
FILOCLÊON
"Um ladrão muito astucioso…"
BDELICLÊON
É isto que você vai responder? Você não aguentará os gritos dele; ele ameaçará de pôr você a perder, de arruiná-lo, de expulsar você da cidade.
FILOCLÊON
Se ele me ameaçar eu vou cantar assim: "Olá, homem furioso! Você quer pôr esta cidade de pernas para o ar? Ela já caminha para a ruína".
BDELICLÊON
E quando Teoro (Teoro, além de político, era um grande adulador.), deitado aos pés de Clêon, cantar segurando a mão dele: "Amigo, você já conhece a história de Ádmeto; ame, então, os valentes", com que canção você responderá?
FILOCLÊON
Respondo no mesmo tom: "Eu não poderia ter a astúcia da raposa, nem ser amigo dos dois lados".
BDELICLÊON
Esquines, filho de Selo, homem sábio e músico talentoso, replicará depois dele e dirá: "Bens e riqueza para Clitagora (Poetisa famosa na época.) e para mim, com os tessálios…"
FILOCLÊON
Dispensamos perfeitamente uns e a outra.
BDELICLÊON
Quanto a isso, você sabe também o que é necessário. Mas já está na hora de irmos jantar em casa de Filoctêmon.
Chamando.

Rapaz! Rapaz! Ponha o jantar na cesta! Queremos nos embriagar um pouco.
FILOCLÊON
Não! Não! É perigoso beber. Quando se bebe as portas se quebram; as pedradas, as pancadas de porrete acontecem logo; e depois de curtida a bebedeira, temos de pagar as custas de nossas tolices.
BDELICLÊON
Não é isto o que acontece entre as pessoas de bem; elas se apressam a pedir desculpas ao ofendido; ou você mesmo diz umas palavras agradáveis, ou conta alguma fábula de Esopo, ou algum conto apimentado que você ouviu em outra mesa; você leva tudo na brincadeira e eles deixam você ir embora.
FILOCLÊON
Então eu tenho de aprender uma porção de histórias, já que este é o meio de não ser castigado pelo mal que se faz. Vamos embora; que nada nos retenha.
BDELICLÊON e FILOCLÊON saem, seguidos pelo criado que leva a cesta onde está o jantar (Em Atenas os convidados para jantares levavam comida numa cesta.).

CORIFEU
Muitas vezes dei provas de saber levar a vida, sem nunca fazer grosserias como Aminias filho de Selo, da família de Crôbilo, que há algum tempo vi comendo na mesa de Leagoras (Leagoras era um gastrônomo famoso na época.), trazendo como contribuição uma maçã e uma romã; ele não é mais faminto que Antifon; foi numa delegação, mas lá, só, ele se comunicava com os avarentos como ele, e ele mesmo era mais avarento que todos os outros avarentos. Ah! Feliz Automenes! Invejo sua ventura! Seus filhos são os artistas mais dotados; o primeiro, homem bem-educado e querido por todos, é um excelente citarista, e a graça está em tudo que ele faz; o outro é ator, e seria difícil dizer até que ponto é um ótimo artista; depois vem Arifrades, o mais admirável de todos; o pai dele garante que o filho nunca teve mestres, e só a natureza lhe ensinou a usar a língua todas as vezes que ia aos prostíbulos. Algumas pessoas dizem que eu mudava de tom quando Clêon me perseguia ferozmente e me cobria de insultos; enquanto eu era maltratado ignominiosamente, os espectadores riam de meus gritos, sem se preocupar comigo, mas somente para ver se, em minha desventura, eu deixava escapar alguma palavra ferina. Percebi tudo, e fiz então algumas macaquices tolas. Mas eis que hoje Clêon está decepcionado (Literalmente: "faltou estaca para a parreira de Clêon", provérbio que significa "ficar frustrado".).
Entra XÂNTIAS gemendo e se esfregando.
XÂNTIAS
Ah! Tartarugas três vezes felizes! Como invejo a dureza da carapaça de vocês! Com que sábia previdência vocês guarneceram seus costados com uma armadura impenetrável! Minhas costas estão marcadas de cacetadas!
CORIFEU
Que há com você, rapaz? (Mesmo um velho merece este nome quando deixa que batam nele.)

XÂNTIAS
Acontece que nosso velhote se tornou pior que a peste, e o mais sem-vergonha dos convidados. Embora existam Hípilo, Antifon, Lícon, Lisístrato, Teofrasto e Frínico, ele ultrapassou todos em descaramento. Logo que se empanturrou de comidas gostosas ele começou a dançar, a pular, a rir, a peidar como um jumento cheio de cevada, e a me espancar com toda a força gritando: "Copeiro! Copeiro!". Lisístrato, vendo-o naquele estado, passou uma descompostura nele dizendo: "Você parece um mendigo que ficou rico, velhote, ou um jumento correndo no estábulo". "E você", respondeu o outro gritando, "parece um gafanhoto carcomido, ou Stênelo (Ator trágico de péssima categoria.) depois que roubaram as roupas dele". Todos aplaudiram, menos um só - Teofrasto -, que mordia os lábios como um homem educado. Então o velhote se dirigiu a ele: "Me diga: por que você é tão posudo e banca o autossuficiente e vaidoso, você que passa a vida divertindo os ricos com suas palhaçadas?" Era assim que ele fazia com cada convidado em suas brincadeiras grosseiras, jogando para todos os lados gracejos de mau gosto e impertinentes. Finalmente ele ficou num estado de completa embriaguez, espancando todos que encontrava pela frente. Mas aí ele avançou contra mim trocando as pernas, e eu saí correndo para evitar as porradas dele.
XÂNTIAS torna a entrar em casa. FILOCLÊON chega, bêbedo e descomposto, perseguido pelas pessoas que havia maltratado, trazendo consigo uma FLAUTISTA nua e uma tocha acesa.
FILOCLÊON
Me deixem! Saiam daqui! Vou fazer um estrago em alguns daqueles que me perseguem! Então? Vocês vão embora ou não, tratantes? Se não forem eu vou assar a carne de vocês com esta tocha!
CONVIDADO
Você pode ter certeza de que amanhã pagará por tudo isto que está fazendo, abusando desta falta de vergonha de mocinho pretensioso. Viremos todos nós, os juízes, intimar você a comparecer ao tribunal!
FILOCLÊON
Essa não! Me intimar! Isto é velharia! Vocês sabem que já não posso nem ouvir a palavra "processo"? Não! Não! Agora tenho outros passatempos; joguem fora as urnas! Afinal, vocês irão embora? Onde está o juiz? Que ele vá se enforcar!
Dirigindo-se à FLAUTISTA.
Venha cá, minha mariposinha linda! Venha apertar o meu peru na mão! Segure, mas com cuidado, pois ele está muito usado, embora tenha sido manipulado direitinho. Você viu como poupei você com muito jeito dos caprichos indecorosos dos convidados? Em compensação você deve ser muito boazinha com o meu peru. Mas você não vai ser boazinha; sei muito bem que você não vai nem tentar. Você zombará de mim, rirá no meu nariz, como já fez com muitos outros. Mas se você não quiser ser má, logo depois da morte de meu filho eu faço a sua independência, e vou querer você para ser minha amante, minha joia. Agora não posso dispor de meus bens; ainda sou moço (me olhe com atenção!), e meu filho não tira os olhos de mim; ele é uma criatura

implicante, sordidamente avarento; ele se preocupa muito comigo e tem medo de me perder, pois sou o único pai dele; mas ele está vindo em nossa direção. Comporte-se como uma estátua e pegue estas tochas; quero zombar atrevidamente dele, como ele fazia comigo antes de minha iniciação.
A FLAUTISTA pega as tochas. Entra BDELICLÊON apressado.
BDELICLÊON
Ah! Velho libertino! Parece que você adora os caixões de defunto bonitos, mas juro que isto não vai ficar assim!
FILOCLÊON
Você gostaria muito de comer um processo com molho picante.
BDELICLÊON
Não é péssimo fazer estas coisas e tirar dos convidados a flautista deles?
FILOCLÊON
Que flautista? Você perdeu o juízo, ou faz como se estivesse saindo de uma sepultura?
BDELICLÊON
Estou falando desta dardaniana (Muitas flautistas vinham da Dardânia, cidade da Troas (na Ásia Menor).) que está aqui com você.
FILOCLÊON
Isto aqui? É uma tocha que pegou fogo na praça pública em honra dos deuses.
BDELICLÊON
Uma tocha?
FILOCLÊON
Com certeza. Você não vê que ela é de cores diferentes?
BDELICLÊON
Que é essa coisa preta que estou vendo no meio da tocha?
FILOCLÊON
É resina derretida que ela deixa sair quando queima…
BDELICLÊON
Que é que estou vendo do outro lado? Não é uma bunda?
FILOCLÊON
É o outro lado da tocha…

BDELICLÊON
Que é que você está dizendo? Que lado?
Dirigindo-se à FLAUTISTA.
Venha!… Venha cá!
FILOCLÊON
Mas, que pretende você fazer?
BDELICLÊON
Levar você daqui e ela também; você está muito gasto; não pode fazer mais nada.
FILOCLÊON
Me ouça um instante. Eu estava nos Jogos Olímpicos quando Efúdion lutou valentemente contra Ascondo; ele era velho, mas mesmo assim derribou o

moço. Então, tome cuidado para não ficar com os olhos inchados.
BDELICLÊON
Por Zeus! Você conhece bem Olímpia (Olímpia era a cidade grega onde se disputavam os Jogos Olímpicos na Antiguidade.).
Entra uma vendedora de pão com o cesto vazio e acompanhada por CAIREFON como
testemunha.
PADEIRA
Dirigindo-se a CAIREFON.
Em nome dos deuses, venha cá me socorrer!
Apontando para FILOCLÊON.
Este homem me arruinou! Ele me afastou com sua tocha e me fez derribar dez pães de um óbolo e outros quatro ainda mais caros!
BDELICLÊON
Dirigindo-se a FILOCLÊON.
Você vê o que fez? Sua falta de vergonha vai provocar questões e processos judiciais.
FILOCLÊON
De jeito nenhum! Pequenos acertos de contas resolvem as maiores questões. Sei perfeitamente como me entender com ela.
PADEIRA
Pelas duas deusas (Deméter e Perséfone.), você estragou minha mercadoria mas vai me pagar! Eu, Mórtia, filha de Ancílion e de Dóstrata, não vou deixar que abusem de mim sem levar o troco!
FILOCLÊON
Escute, menininha; vou lhe contar uma história muito bonita.
PADEIRA
Não quero ouvir história nenhuma!
FILOCLÊON
Um dia Esopo (O famoso fabulista grego.), voltando do jantar, viu-se perseguido por uma cadela indecorosa e bêbeda que não parava de latir. “Cadela”, disse ele, “você faria melhor negócio trocando sua má língua por um pedaço de pão.”
PADEIRA
Você está me gozando? Muito bem! Seja você quem for vou levar você à presença das
autoridades (Literalmente: “dos agorânomos”, juízes incumbidos de resolver todas as questões referentes ao comércio.) para obter reparação pelo prejuízo que me causou. Cairefon, que está aqui, será minha testemunha.
FILOCLÊON
Ao menos me ouça, moça, pois posso ter alguma coisa a lhe dizer. Laso e Simonides (Laso teria sido professor do grande poeta Simonides.) um dia disputavam para saber qual dos dois era mais talentoso, e Laso então disse: “Pouco me importa!”
PADEIRA
Dirigindo-se a CAIREFON.
De fato! É assim mesmo!

FILOCLÊON
E você, Cairefon, vai então ser testemunha de uma mulher de cara pálida, de Ino (Heroína de tragédias de Eurípides.) precipitando-se de um rochedo aos pés de… Eurípides?
Saem a PADEIRA e CAIREFON. Entra um ACUSADOR muito ferido trazendo uma TESTEMUNHA.
BDELICLÊON
Dirigindo-se a FILOCLÊON.
Vem chegando outra pessoa que parece estar aqui também para processar você. Ele está
trazendo uma testemunha.
ACUSADOR
Ai! Como sou infeliz! Acuso você de me ultrajar, velhote!
BDELICLÊON
De ultrajar você? Em nome dos deuses eu suplico: não acuse ele! Eu lhe pago em nome dele a indenização que você exigir, e você ainda terá todo o meu reconhecimento.
FILOCLÊON
Eu mesmo quero me reconciliar com ele; reconheço que bati nele e o apedrejei.
Dirigindo-se ao ACUSADOR.
Venha cá; você me deixa estipular, eu mesmo, a reparação que lhe devo, ou você prefere dizer quanto é?
ACUSADOR
Diga você, pois detesto os processos e discussões na Justiça.
FILOCLÊON
Um sibarita (Sibaritas eram os naturais de Síbaris, cidade muito rica, na Itália antiga, famosa pela *dolce vita* de seus habitantes.) caiu de seu carro e ficou gravemente ferido na cabeça; ele não era um bom escudeiro; um de seus amigos chegou e lhe disse: "Que cada um faça aquilo em que é competente!" Da mesma forma, o que você tem a fazer é ir procurar Pítalo, o médico.
BDELICLÊON
Você continua o mesmo!…
ACUSADOR
Dirigindo-se à sua TESTEMUNHA.
Lembre-se bem da resposta que você deve dar.
FILOCLÊON
Ouça! Não se afaste. Um dia, em Síbaris, uma mulher arrombou o cofre onde eram guardados os processos.
ACUSADOR
Eu tomo você também como testemunha!
FILOCLÊON
Aí o cofre pegou uma testemunha; então a sibarita disse a ela: "Por Perséfone! Você mostraria muito mais sabedoria se deixasse de lado as testemunhas e comprasse depressa algumas ataduras."
ACUSADOR

Faça-se de insolente até a hora de o juiz chamar a si o processo.
O ACUSADOR sai com a TESTEMUNHA.
BDELICLÊON
Dirigindo-se a FILOCLÊON.
Por Deméter! Você não vai ficar muito tempo aqui; vou levar você para casa à força!
FILOCLÊON
Que é que você está fazendo?
BDELICLÊON
Exatamente o que estou fazendo. Quero tirar você daqui; se eu não fizer isto já, logo vão faltar testemunhas para todas as pessoas que acusam você.
FILOCLÊON
Um dia Esopo, estando em Delfos…
BDELICLÊON
Pouco me importam as suas fábulas.
FILOCLÊON
… foi acusado de ter roubado os vasos sagrados de Apolo; então ele contou a quem estava lá que um dia um escaravelho…
BDELICLÊON
Você me incomoda com seus escaravelhos.
BDELICLÊON leva FILOCLÊON para dentro de casa.
CORIFEU
Parabéns a você, velhote! Que mudança em sua vida dura e chata! Convertido a outros
princípios, de hoje em diante ele provará as doçuras do luxo e dos prazeres; mas talvez ele se recuse ao resto, pois é difícil deixar de lado o caráter que sempre se teve. Mas muitos conseguiram isto. Os conselhos de outras pessoas às vezes mudam nossos hábitos. Haja o que houver, todos os homens sábios farão, como eu, elogios aos ternos cuidados do filho de Filoclêon. Nunca vi um jovem tão suave, e nenhum com o jeito tão amável, e que me proporcionasse tanta alegria. Em todas as razões que opôs a seu pai, ele não levou sempre vantagem? Ele queria somente trazê-lo de volta a uma existência mais digna deste nome.
XÂNTIAS
Saindo de casa.
Por Diôniso! Que deus trouxe para nossa casa a perturbação e a bagunça? Nosso coroa,
esquentado pelo vinho e pelo som da flauta, em seu arrebatamento infatigável repete a noite inteira as danças antigas retratadas por Téspis (Téspis foi o criador da tragédia em sua forma definitiva.). Ele afirma agora mesmo, dançando, que os autores de tragédias de nossos dias são uns tolos.
FILOCLÊON e BDELICLÊON saem de casa; FILOCLÊON, vestido de Polifemo para parodiar o drama satírico Os Ciclopes *de Eurípides, dança de maneira ridícula*.
FILOCLÊON
Declamando até o fim.

Quem está sentado na porta de entrada?
XÂNTIAS
Também declamando.
Eis que se aproxima o flagelo!
FILOCLÊON
Retirem os obstáculos! A dança começou!
XÂNTIAS
Ou melhor dizendo: a loucura começou!
FILOCLÊON
Ela aperta meus flancos impetuosamente! Como minhas narinas bufam! Como minhas
vértebras estalam!
XÂNTIAS
Beba o heléboro!

FILOCLÊON
Frínico (Outro tragediógrafo antigo.) espanta seus rivais de maneira terrível, como se fosse um galo no terreiro…
XÂNTIAS
Você assim acaba me atingindo.
FILOCLÊON
… jogando as pernas para o céu.
XÂNTIAS
Seu traseiro se abriu!
FILOCLÊON
Cada um cuide de si, pois agora com que leveza meus membros rodam nas articulações! Não estou dançando bem?
Entra BDELICLÊON.
BDELICLÊON
Não há nada de bom em tudo isto; é só loucura!
FILOCLÊON
Vamos ver; desafio meus rivais. Se algum ator trágico quer dançar graciosamente, venha se juntar a mim. Algum deles se apresenta?
BDELICLÊON
Só se apresenta um.
Entra um DANÇARINO.
FILOCLÊON
Quem é o infeliz?
BDELICLÊON
É o segundo filho de Carcino (Carcino é outro autor trágico antigo não muito apreciado; seus filhos foram dançarinos medíocres.).
FILOCLÊON
Logo ele estará fora de combate; vou esmagá-lo com meus golpes cadenciados, pois ele nada entende de ritmo.
Entra outro DANÇARINO.

BDELICLÊON
Ah! Infeliz! O irmão dele, o terceiro trágico da família de Carcino, está avançando!
FILOCLÊON
Tudo bem! Agora vou ter pratos feitos para o meu jantar!
BDELICLÊON
Garanto que você só terá caranguejos (Um trocadilho, pois "carcino" significa caranguejo.). Está chegando outro filho de Carcino.
FILOCLÊON
Que é que estou vendo ali? É um camarão ou uma aranha?
BDELICLÊON
É um tatuí, o último da família, também autor de tragédias.
FILOCLÊON
Carcino, pai afortunado! Que bando de pardais dançarinos veio pousar aqui! Mas tenho de enfrentar todos eles! Preparem a salmoura, se eu for o vencedor.
CORO
Vamos deixar um pouco de espaço, para que eles possam fazer piruetas diante de nós.
1º SEMICORO
Filhos ilustres de um pai marinho (O "pai marinho" era Carcino (caranguejo).), irmãos dos tatuís, pulem sobre a areia, sobre a praia árida do mar!

2º SEMICORO
Agitem seus pés ligeiros fazendo roda! Deem pulos à maneira de Frínico, para que, vendo no ar as pernas de vocês, os espectadores gritem de admiração!
CORO
Façam as pernas rodarem, deem volteios em torno de si mesmos, batam na barriga, joguem as pernas para o ar, façam piruetas como os saltimbancos! Eis aqui o próprio senhor do mar (Ainda Carcino.), o pai de seus próprios rivais, que avança orgulhoso de sua tripla descendência. Mas se estas danças agradam a vocês, deixem que nós saiamos, dançando cada vez mais depressa, pois até hoje ninguém mandou sair do palco um coro de comédia!

FIM

Aristófanes, *As vespas*, tradução do grego de Mário da Gama Kury, Rio, Zahar, 3ª edição, 2004.

A paz

Tradução de Maria de Fátima de Sousa e Silva

Personagens da peça

Dois criados de Trigeu

Trigeu

Criança, filha de Trigeu

Hermes

Pólemos

Kydoimos

Coro

Hiérocles

Fabricante de foices

Mercador de armas

Dois meninos, filhos de Cleônimo e Lâmaco

Criado 1 - Ofereça, ofereça uma pasta bem rápido para o escaravelho.

Criado 2 - Aqui! Dê a ele, ao miserável, e que jamais coma uma pasta mais doce que esta.

Cr. 1 - Dê a ele uma outra pasta, feita de excrementos de jumentinho.

Cr. 2 - Eis aqui um pouco mais de novo. Onde está aquela que levavas neste momento? Não comeu?

Cr. 1 - Por Zeus, mas, tendo arrancado por inteiro, engoliu após ter enrolado com as patas. No entanto, amassa, o mais rapidamente possível, um pedaço bem grande e compacto.

Cr. 2 - Ó homens ajuntadores de excrementos, em nome dos deuses, se não quereis me ver sufocado.

Cr. 1 - Dá-lhe uma outra (porção), triturada de uma menino prostituído, diz-se que assim deseja.

Cr. 2 - Eis aqui. De uma coisa, ó homens, considero estar livre: ninguém poderia dizer que como um bolinho.

Cr. 1 - Oh! Traga-me outra, e mais, mais outra e triture outras mais.

Cr. 2 - Não, quanto a mim, por Apolo, não! Ademais, não sou capaz de suportar o odor da fossa.

Cr. 1 - Assim, vou levá-la, após ter arrancado a fossa.

Cr. 2 - Sim, por Zeus, aos corvos e para ti mesmo. Faça-me saber, se alguém dentre vós sabe, onde eu poderia comprar um nariz sem furo (sem narinas). Nenhum trabalho é mais miserável do que fornecer massa para um escaravelho devorar. Um javali, com efeito, ou um cão, negligentemente, apoia-se como alguém que iria evacuar; ele, no entanto, ensoberbece-se e não se digna a comer. Se eu não corro para triturar, durante o dia inteiro, como um bolo para uma mulher.Mas, verificarei, da entrada, se já parou, para que não me veja.Apoia-te fortemente, não pares jamais de comer, até que estoures, semperceberes. O escaravelho come avidamente, como um lutador, mostrando os dentes

molares, e todas as coisas movendo em torno da cabeça e das duas patas - de certo modo, como os que lançam cordas grossas para os barcos de carga.Coisa imunda, asquerosa e voraz, e não sei de qual, então, dos deuses é esse ataque. Não me parece de Afrodite, nem das Graças.

Cr. 1 - De quem é?

Cr. 2 - Não é possível que ele não seja o sinal de Zeus Merdejante (1 Traduzimos o termo Σκατατιβάτης por “Merdejante” por analogia com a forma do epíteto “tonitruante”.).

Cr. 1 - Certamente, desde já, algum dentre os espectadores, um rapaz que se considere sábio falaria: “o que é isto? O escaravelho está de que lado?” E logo algum homem da Jônia que esteja sentado perto lhe diria: “Penso que faz alusão a Cléon, tal o modo como este animal come despudoradamente o excremento humano.” Mas, depois de entrar, darei algo para o escaravelho beber.

Cr. 2 - Eu, às crianças e aos jovens, aos homens feitos, aos homens mais poderosos e aos que se consideram acima dos homens - ainda muito mais a estes - explicarei essa história. O meu senhor está perturbado com costumes novos, não o que vós tendes, mas com um outro costume muito mais novo. Durante o dia, fica olhando para o céu, com a boca aberta assim, insulta Zeus e diz: “Ó Zeus, o que, por acaso, queres dizer? Desce a vassoura, não exclui a Hélade.” Oh! Oh! Cala-te, acho que ouço sua voz.

Trigeu - Ó Zeus, o queres fazer de nosso povo? Ignoras que tu mesmo destróis as póleis.

Cr. 2 - Está aqui o próprio mal de que eu falava; vós ouvis os exemplos das loucuras - as coisas que ele primeiramente falou quando a bile ardia. Vós sabereis. Ele sempre declarava para si mesmo as seguintes coisas: “Como eu poderia chegar, pois, diretamente até Zeus?” Depois, tendo construído umas escadas delicadas, subiria até os céus por meio delas até que despedaçou sua cabeça ao cair do alto. Ontem, depois disso,

mesmo arruinado, não sei para onde foi, trouxe um escaravelho enorme do Etna e, imediatamente, obrigou-me a cuidar dele como se fosse um cavalo, e ele mesmo acaricia-o como a um potro: “Ó filho de Pégaso”, diz ele, “ave nobre, voarás de modo a levar-me diretamente a Zeus.” Eu, porém, verei, por uma fresta, o que ele faz. Ai de mim, desgraçado! Vinde aqui, ó vizinhos! Meu senhor está suspenso no ar, como um cavaleiro em direção ao infinito, em cima do escaravelho.

Trigeu - Calma, calma, docemente, escaravelho, não avances com muita impetuosidade, no início, confiante em tua força, antes que sues e fiquem ensopados os músculos dos membros pelo movimento impetuoso das asas. Não me sopres algo ruim, eu te suplico - se fizeres isto, permanece aqui mesmo em nossa casa.

Cr. 2 - Ó senhor soberano, como enlouqueceste?

Tr. - Silêncio, silêncio!!!

Cr. 2 - Onde, então, te perdes nas nuvens?

Tr. - Voo em favor de todos os gregos, maquinando uma nova ação audaciosa.

Cr. 2 - Por que voas? Por que não recuperas o senso perdido?

Tr. - É necessário calar, sem murmurar palavras de mau agouro, mas gritar de alegria. Ordene aos homens que se calem e interceptem, com barricadas, estrumes, esgotos, ladrilhos recém fabricados e ânus fechados.

Cr. 2 - Não é possível que me cale, se não me disseres para onde pensas voar.

Tr. - Não há outra coisa que ir até Zeus, em direção ao céu?

Cr. 2 - O que tens em mente?

Tr. - Indagarei a ele o que deseja fazer com todos os gregos.

Cr. 2 - E se não te disser?

Tr. - Eu o processarei por entregar a Grécia aos Medos.

Cr. 2 - Não, por Dioniso, jamais, estando eu vivo!

Tr. - Salvo isto, não há outra razão.

Cr. 2 - Oh! Oh! Oh! Ó filhas, vosso pai partiu para o céu, às escondidas, deixando-vos sozinhas. Mas, suplicai a vosso pai, ó infelizes.

Criança - Ó pai, ó pai, então é verdadeiro o rumor que chega a nossa casa de que tu, abandonando-me, vais, entre aves, em direção aos corvos, tão leve quanto o vento? Há algo verdadeiro nessas coisas? Dize, pai, se tens algum amor por mim.

Tr. - É possível imaginar assim, meninas; a verdade é que sofro por vocês, sempre que pedem pão, chamando-me papa, em casa, não há nenhuma migalha de dinheiro, nada absolutamente. Se eu voltar, tendo obtido sucesso, tereis, na hora, pão redondo e grande e um molho como cobertura (Tradução de τὸ o″φον: “tudo que se come com pão” , “carne”, peixe” (Bailly, 1434) que podemos entender como *recheio* ou *cobertura*.) em cima dele.

Criança - E qual será o meio de transporte para esta viagem? Um navio não te conduzirá a esse caminho.

Tr. - Este cavalo voador me transportará; não serei levado por um navio.

Criança - Que ideia é essa de tomar um escaravelho para ir em direção aos deuses, papaizinho?

Tr. - Nas fábulas de Esopo, é mostrado que somente os que podem voar vão até os deuses.

Criança - Tu falas de uma história incrível, pai, como um animal fedorento pode ir aos deuses.

Tr. - Ele foi, por ódio à águia, há muito tempo, e para se vingar jogando seus ovos ao chão.

Criança - Bem, deves tu atrelar uma asa de Pégaso a fim de que pareças mais trágico aos deuses.

Tr. - Mas, ó mel, é preciso que eu o alimente o dobro (duas vezes mais) - agora, então, tendo eu mesmo me alimentado com pães, enchê-lo-ei com estas mesmas coisas.

Criança - Bem, se ele cai em pleno alto-mar? Como, alado, poderá escapar?

Tr. - Como convém, tenho um leme, que usarei; o navio será um escaravelho feito na ilha de Naxos.

Criança - Qual porto receberá a ti, assim transportado?

Tr. - No Pireu, sem dúvida, há um porto do Escaravelho.

Criança - Observa isto: não caias daqui para que, depois, coxo, dês assunto a Eurípides e te tornes uma tragédia.

Tr. - Eu tenho cuidado com essas coisas. Então, adeus! Vós, por quem eu sofro estas aflições, não solteis um peido, nem evacueis durante três dias; pois se ele, estando no alto, sentir o cheiro, jogando-me com a cabeça abaixo, pastará. Ora, vai, Pégaso, alegre, prossegue com o barulho dos freios de ouro, movendo as orelhas radiantes.

O que fazes? O que fazes? Para onde metes as narinas contra o esgoto? Vai tu mesmo, confiante, longe da terra, e, depois, estendendo sua(s) asa(s) ligeira(s), retira-te direto à morada de Zeus, afastando o nariz para longe dos excrementos, longe de todos os alimentos cotidianos. Ó homem, que fazes tu que evacuas no Pireu entre prostitutas? Tu me matarás, matarás. Não enterrarás e colocarás em cima uma grande quantidade de terra, plantarás por cima serpão (planta) e derramarás perfume? Posto que, caindo daqui, sofro algo, a pólis de Quios, pela minha morte, será condenada a uma multa de cinco talentos por causa de seu ânus. Ah, como temo, não falo brincando. Ó maquinista, fica atento, pois já um vento revolve em torno do meu umbigo, e se não tomares cuidado, alimentarei o escaravelho. Assim, parece-me que estou perto dos deuses e vejo a morada de Zeus. Quem está na porta de Zeus? Não abrireis?

Hermes - De que mortal esse odor me incomoda? Senhor Héracles, que desgraça é essa aí?

Tr. - É um escaravelho usado como um cavalo.

Hermes - Ó sujeito impuro e audacioso, tu és imprudente, torpe, infame e impuríssimo, como subiste até aqui, ó mais impuro dentre os impuros? Qual é o teu nome? Não falarás?

Tr. - Impuríssimo.

Hermes - De que país és? Explica-me.

Tr. - Impuríssimo.

Hermes - Quem é o teu pai?

Tr. - Meu pai? Impuríssimo.

Hermes - Certamente, por Gaia, é possível que tu morras se não me contares o teu nome, qualquer que ele seja.

Tr. - Trigeu de Atmônia, hábil vinhateiro, não sou caluniador, nem apaixonado por assuntos públicos.

Hermes- Vens por causa de quê?

Tr. - Para trazer-te estas carnes aqui.

Hermes - Ó infeliz, como vieste?

Tr. - Ó vil comilão, vês que, a ti, eu não mais pareço ser impuríssimo? Vai agora e chama Zeus para mim.

Hermes - Ah, ah, ah. Posto que pensavas estar perto dos deuses; eles partiram; ontem, mudaram de residência.

Tr. - Para que lugar da terra?

Hermes - Eis aqui a terra.

Tr. - Mas, para onde?

Hermes - Bem mais longe, ao final, naturalmente, da própria abóbada do céu.

Tr. - Como, então, tu foste deixado sozinho aqui?

Hermes - Eu guardo as coisas restantes dos deuses, uns vasos, tabuletas e anforazinhas.

Tr. - Os deuses mudaram de residência por quê?

Hermes - Estão irritados com os gregos. Consequentemente, aqui onde estavam, eles assentaram Pólemos, entregando-vos para fazer, naturalmente, o que deseja. Eles se estabeleceram num lugar mais elevado para não verem que vós combatíeis, nem compreenderem o que suplicais.

Tr. - Por que fizeram estas coisas conosco? Dize-me.

Hermes - Porque preferistes guerrear, enquanto eles (Optaram pela guerra e não pelos deuses, ou pelo que eles ofereciam: paz.), muitas vezes, ofereciam tréguas; se os lacônios ganhassem um pouco, diriam o seguinte: “Pelos dois deuses (Castor e Pólux.), agora, vamos ajustar as contas com os habitantes da Ática.” Se, outra vez, fizesse algo bom, aticônicos, os lacônios se aproximassem para falar acerca da paz, vós dizíeis, imediatamente: “Nós somos enganados, por Atená, por Zeus - não devemos ser persuadidos!” E, por outro lado, eles virão, se mantivermos Pílon(Porto de Messênia.).”

Tr. - É a marca, pelo menos, dos discursos do nosso país.

Hermes - Por isso, então, que não sei se, enfim, vereis, ainda, no porvir, a Paz.

Tr. - Mas, para onde ela se foi?

Hermes - Pólemos lançou-a em uma gruta profunda.

Tr. - Em qual?

Hermes - Nesta aí, a de baixo. Tu vês, então, quantas pedras ele amontoou por cima, para que não a tomasses jamais.

Tr. - Dize-me o que ele está disposto a fazer de nós?

Hermes - Não sei exceto uma coisa: durante as tardes, ele porta um pilão de tamanho extraordinário.

Tr. - O que, certamente, ele fará com esse pilão?

Hermes - Ele decidiu triturar as póleis nele. Mas eu vou embora. Ele deve voltar, na minha opinião - ao menos, ele faz barulho (lá) do interior.

Tr. - Como sou desgraçado! Vamos, então, deixa-me fugir, posto que eu mesmo escutei o barulho de pilão de guerra.

Pólemos - Ai, mortais, mortais, mortais que muito sofrem, como sentireis dor na boca neste mesmo instante.

Tr. - Ó Senhor Apolo, que pilão! Que amargura! Quanto mal; e Pólemos! Que vista! Então é ele de quem fugimos, o terrível, o indomável, o que faz descer pelas pernas?

Pol. - Oh, Prásias, três vezes infeliz e ainda cinco vezes e muitas vezes mil, como tu vais perecer hoje.

Tr. - Isso aí, homens, não é um assunto para nós, ainda, esse mal é dos lacônios.

Pol. - Oh, Mégara, Mégara serás logo triturada, destroçada toda em miúdos.

Tr. - Oh, que longos e acres lamentos lançam-se aos Megarenses.

Pol. - Oh, Sicília, tu como estás destruída.

Tr. - Qual pólis infortunada será dilacerada.

Pol. - Vamos, derramo aí este mel ático.

Tr. - Este, aconselho-te que é necessário outro mel. Ele vale quatro óbolos, parcimônia com o ático!

Pol. - Menino, menino, Kydoimos!

Ky. - Por que me chamas?

Po. - Chorarás muito. Estás imóvel, sem fazer nada. Aqui, para ti, um murro.

Tr. - Como é acre!

Ky. - Ai de mim, desgraçado! Ó senhor!

Tr. - Acaso colocou um pouco de alho no murro?

Pol. - Trarás o pilão correndo?

Ky. - Mas, meu amigo, não temos; nós nos mudamos ontem.

Pol. - Então não correrás e arranjarás um com os atenienses logo?

Ky. - Eu sim, por Zeus! Se não, lamentarei .

Tr. - Anda, então, o que fazemos, ó pequenos homens desgraçados? Vede o perigo para nós, como é grande! Se, contudo, alguém chegar trazendo o pilão, agitará nele, tranquilamente, as póleis. Então, ó Dioniso, oxalá perecesse e não o trouxesse.

Pol. - Ele.

Ky. - O que há?

Pol. - Não trazes?

Ky - O tal, pilão foi perdido pelos atenienses - o negociante de curtume (Referência a Cléon , que negociava curtume, morto em guerra.), que transtornou a Grécia.

Tr. - Fizeste bem, ó soberana senhora Atená, ele morreu no momento oportuno para a pólis, morreu antes de derramar o guisado em nós.

Pol. - Não vais procurar, então, outro na Lacedemônia? Vá depressa.

Ky. - Certamente, senhor.

Pol. - Volta rapidamente.

Tr. - Senhores, o que nos afligirá? Agora a luta é grande. Mas, se algum de vós, por acaso, foi iniciado em Samotrácia, neste momento, convém suplicar para que retorne torcendo os dois pés.

Ky. - Ai de mim, desgraçado! Ai de mim! Então, ai de mim, certamente!

Pol. - O que há? Não trazes nada outra vez?

Ky. - O pilão foi perdido pelos lacedemônios.

Pol. - Como, patife?

Ky. - Mandaram-no para os campos da Trácia, de empréstimo a outros, perderam-no, por conseguinte.

Tr. - Fizeste bem, fizeste bem, ó Dióscoros. Talvez tudo fique bem, tende confiança, ó mortais.

Pol. - Pega esses objetos, trá-los de novo; eu, entrando, farei um pilão.

Tr. - Agora, é isso mesmo, vem o canto de Dátis, o qual, sendo tocado, ameaçava ao meio-dia; “Como me alegro, me regozijo e me deleito.” Agora, ó helenos, é favorável a nós, tendo nos libertado das querelas e das lutas públicas, tirar a paz querida por todos, antes que, de novo, um outro pilão impeça. Então, ó camponeses, negociantes, carpinteiros, artistas, metecos, estrangeiros e insulares, vinde aqui, todos os povos, o mais rápido, com cordas e alavancas. Agora, é o momento que podemos nos apoderar do bom *daimon.*

Coro

Aqui, todos, com ânimo, avancem direto à salvação. Todos os gregos, socorramo-la, se realmente, de algum modo, é necessário; descartando os batalhões e os maus tecidos cor de púrpura; o dia, que odeia Lâmaco, já raiou. Para nós, é isso, se for necessário fazer algo, dize, sê nosso chefe; não haveria possibilidade de declarar hoje. De modo algum, eu penso, haveria a possibilidade de renunciar, antes de tirar, com alavancas e maquinaria, a maior dentre todas as deusas e a que mais ama as vinhas.

Tr. - Não vos calareis? Toma cuidado para que não te alegres em excesso com os gritos? Vós reanimareis Pólemos lá dentro, devido aos gritos!

Coro - Mas tendo escutado tal proclamação, nos alegramos por causa da proclamação dela; não é por chegar trazendo comida para 3 dias.

Tr. - Tomai cuidado agora com aquele Cérbero dos infernos, receiai que balbuciando e gritando, como quando estava aqui, torne-se um obstáculo para impedir-nos de tirarmos a deusa de lá.

Coro - Não há ninguém, agora, que a leve, se, ela, de uma só vez, for para as minhas mãos. Oh, Oh!

Tr. - Aniquilar-me-eis, ó homens, se não moderares o barulho; ao voltar, ele destruirá todas as coisas aqui com os pés.

Coro - Assim, então, que (Pólemos) coloque tudo de pernas para o ar (Literalmente, ficaria: Assim, ela desordena, pisoteia e revolve tudo.). Nós, não deixaríamos de estar alegres hoje.

Tr. - Qual é o mal? O que tendes, ó homens? De modo algum, pelos deuses, arruineis uma situação (Πρᾶγμα.) favorável com vossas atitudes.

Coro - Eu não desejo mexer-me, mas, por prazer, sem que eu as mova, as duas pernas dançam.

Tr. - Não, agora ainda, mas para, para de dançar.

Coro - Olha, já parei.

Tr. - Tu dizes, ainda não paraste.

Coro - Então, permita-me tirar um só passo e não mais.

Tr. - Então este, e não mais; e não dances mais nenhuma outra coisa.

Coro - Não dançaremos, se te formos útil em algo.

Tr. - Mas, vede, ainda não acabastes.

Coro - Por Zeus, ao darmos este passo à direita, já cessamos já.

Tr. - Eu vos concedo isto, desde que não me inquieteis mais.

Coro - (Mas) a esquerda, certamente, é-me mais forte. Estou alegre, fico radiante, solto traques e rio, mais por ter abandonado do que por ter me visto livre da velhice.

Tr. - Não vos alegrais agora: nada sabeis claramente. Entretanto, quando a tomarmos, nesse momento, então, alegrai, gritai e ride; já não é possível a vós, aí, navegar, permanecer, mover, dormir, assistir às festas, festejar, jogar ocótabo, viver em Sibarita, e gritar ó, ó.

Coro - Que me seja permitido (Trad. do optativo com o sentido desiderativo.) ver esse dia uma vez. Suportei muitas coisas: discussões e leitos ao relento que Fórmion (Almirante ateniense a quem Aristófanes trata com deferência.) obteve

por causa de seu cargo, mas não me descubras como um juiz amargo e desagradável...

Tr. - ... nem os modos, sem dúvida, ásperos como outrora.

Coro - Mas tu me verias terno e bem mais novo, apartado dos assuntos públicos. E, durante muito tempo, nós nos destruímos e nos desgastamos, correndo para o Liceu com lança e escudo. Mas que faremos para sermos mais agradáveis? Vamos, dize: uma boa sorte escolheu-te como nosso soberano.

Tr. -Vamos, examino por onde arrastaremos as pedras.

Hermes - Ó impuro e audacioso, o que tu intentas fazer?

Tr. - Nada vil, mas precisamente como Cilícon.

Hermes - Estás perdido, ó desgraçado.

Tr. - Bem, se recebo por sorte; sendo tu Hermes, tirarás a sorte, eu sei bem.

Hermes - Estás completamente perdido.

Tr. - Para qual dia?

Hermes - Para agora mesmo.

Tr. - Mas não negociei nada ainda, nem farinha, nem queijo, para ir morrer.

Hermes - E, certamente, estás aniquilado.

Tr. - E, então, como não compreendi que recebia algo tão bom?

Hermes - Sabes que Zeus predisse a morte para quem fosse encontrado

desterrando-a?

Tr. - Agora, acaso, há necessidade absoluta de que eu morra?

Hermes - Sabe bem isto.

Tr. - Para o leitão, empresta-me agora três dracmas (Para os mistérios de Elêusis, em sacrifício a Deméter e Perséfone.); é necessário que eu seja iniciado nos grandes mistérios antes de morrer.

Hermes - Ó Zeus, que troveja lançando raios -

Tr. - Não, pelos deuses, não nos denuncies, eu te suplico, senhor.

Hermes - Não poderia calar-me.

Tr. - Sim, pelas porções de carne, que eu, de boa vontade, vim trazer-te.

Hermes - Mas, ó bom amigo, serei destruído por Zeus se não falar com voz aguda e gritar essas coisas.

Tr. - Não grites agora, suplico-te, ó Hermezinho. Dize-me, o que acontece, ó homens? Permaneceis em pé estupefatos. Ó covardes, não vos caleis; senão, ele gritará.

Coro - De modo algum, ó senhor Hermes, de modo algum, de modo algum, se reconheces um certo porquinho - enviado por mim - não julgues isso como se fosse sem importância, nesta circunstância.

Tr. - Não escutas como te lisonjeiam, ó soberano senhor?

Coro - Não sejas vingativo, suplicamos, contra nós, de modo que não a tomes; mas sê favorável, ó mais amigo dos homens e generosíssimo dentre os deuses, se tens, acaso, horror aos penachos e sobrancelhas de Pisandro (Favorável à guerra, instaurou o governo dos quatrocentos.). E, por meio de sacrifícios sagrados e procissões grandes, para sempre, ó senhor, nós te honraremos.

Tr. - Vai, suplico-te, tem pena da voz deles, posto que te honram mais do que antes. São mais ladrões agora do que antes (Hermes era protetor dos comerciantes e dos ladrões.). E explicar-te-ei uma coisa terrível e grande que se planeja contra todos os deuses.

Hermes - Vai, denuncia, talvez me convenças.

Tr. - A Lua (Selene) e o hábil Sol (Hélio) tramam contra vós, já há muito tempo, entregar a Grécia aos bárbaros.

Hermes - Por que fazem isso?

Tr. - Porque, por Zeus, nós sacrificamos a vós, e os bárbaros a eles, e, justamente por causa disso, querem que nós todos pereçamos, para que eles, dentre os deuses, recebam as oferendas.

Hermes - É por isso que, desde muito tempo, nos furtavam parte dos dias e roíam parte do globo, pela condução de um carro (Paródia das recentes reformas no calendário.).

Tr. - Sim, por Zeus. Com relação a essas coisas, ó querido Hermes, junta-se a nós de boa vontade e ajuda-nos a tirá-la. Aí, nós acompanharemos as Grandes Panateneias e todas as outras cerimônias religiosas dos deuses, os mistérios de Hermes, Dipolias, festas de Adônis; e as outras póleis que ficaram livres de teus males, a ti sacrificarão, a Hermes, salvador do mal, em todas as partes. E ainda muito mais coisas boas terás. Primeiramente, dou a ti como presente esta taça, para que tu possas fazer libações.

Hermes - Ah, sou sempre sensível às coisas de ouro.

Tr. - A partir de agora, o trabalho é nosso, homens. Mas, com as pás, entrando rapidamente, tirai as pedras.

Coro - Nós faremos essas coisas; tu, ó mais sábio dentre os deuses, dize o que devemos fazer, tu que és mestre no ofício. De resto, descobrirás que não somos covardes ao servir.

Tr. - Vamos, tu, prontamente, estende sua taça, a fim de que trabalhemos, após termos feito súplicas aos deuses.

Hermes - Libação! Libação! Silêncio! Silêncio! Fazendo a libação, nós suplicamos que o dia de hoje dê início a muitas coisas boas para todos os gregos. E, quem quer que, de bom coração, pegar nesses cabos, que este homem não pegue no escudo no futuro.

Tr. - Por Zeus, mas, em paz, que passe a vida, com uma amante e atiçando o fogo (Conotação sexual.).

Hermes - Quem preferir estar em guerra, que ele nunca cesse, ó senhor Dioniso...

Tr. - ... de extrair pontas de dardos dos cotovelos.

Hermes - E se alguém, desejando comandar uma divisão de infantaria, te invejar, por voltares à luz, ó senhora, nestas lutas...

Tr. - ...que padeça tais coisas, as mesmas que Cleônimo (Aristófanes alardeava a fama de covarde desse seu contemporâneo. Segundo o poeta, Cleônimo teria deixado o escudo no campo de batalha para escapar ileso da luta.).

Hermes - E se algum fabricante de lança ou comerciante de escudos, para negociar melhor, desejar as lutas...

Tr. - que seja tomado pelos ladrões e que coma grãos de cevada (“Pão de pior qualidade”) somente,

Hermes - E se alguém, desejando ser general, não se unir ou, como um escravo, se preparar para desertar

Tr. - ...que seja seja arrastado pela roda e açoitado.

Hermes - Para nós, que aconteçam coisas boas. Hurra! Pean, Hurra!

Tr. - Tira o bater, mas dize somente hurra!

Hermes - Hurra, hurra, pois, digo somente hurra.

Tr. - A Hermes, às Graças, às Horas, a Afrodite, ao Desejo.

Hermes - A Ares não.

Tr. - Não.

Hermes - Nem a Eniálio (Equivale a Ares, em Homero.).

Tr. - Não.

Hermes - Peguem todos fortemente e conduzam com estas cordas.

Coro - Vamos!

Hermes - Mais coragem!

Coro - Vamos!

Hermes - Coragem, ainda mais!

Coro - Coragem, vamos!

Tr. - Mas os homens não puxam da mesma forma. Não pegareis juntos? Como sois orgulhosos; lamentareis, os Beócios.

Hermes - Coragem agora!

Tr. - Oh, coragem!

Coro - <Mas> Vamos, tirai ambas.

Tr. - Porventura não puxo e me suspendo, me lanço com ardor e me esforço?

Coro - Por que, então, o trabalho não avança?

Trigeu - Ó Lâmaco, cometes um erro por te teres tornado um obstáculo. Não temos necessidade, ó homens, de teu monstro assustador. Estes argivos não tiravam nada ultimamente, mas, por outro lado, riem dos que sofrem e recebem estes víveres das duas partes (Tentam manter a "neutralidade", lucrando dos dois lados.) como salário.

Hermes - Mas os Lacônios, ó bom, puxam corajosamente.

Tr. - Então, sabes, todos aqueles que dentre eles trabalham com madeira são os únicos cheios de boa vontade; mas o ferreiro não permite (Trecho que levanta discussões quanto a sua interpretação. Para alguns, trata-se de uma oposição entre carpinteiros, ferreiros, obreiros de paz, artífices de material bélico. Para Sousa e Silva, a referência é feita aos prisioneiros espartanos que estariam mais interessados no retorno da paz para obterem sua liberdade.).

Hermes - Nem os megarenses fazem nada; puxam, muito sordidamente, abrindo a boca para mostrar os dentes, como uns cachorrinhos.

Tr. - Por Zeus, morrem de fome.

Hermes - Não fazemos nada, ó homens, mas unanimemente, deve-se fazer um esforço, mais uma vez, todos nós.

Coro - Vamos!

Hermes - Mais, vamos!

Coro - Vamos!

Hermes - Vamos, por Zeus!

Coro - Nós movemos um pouco.

Tr. - Certamente não é terrível que, <entre nós>, uns se alogam, outros puxam em sentido contrário? Tomareis golpes, argivos.

Hermes - Vamos, agora!

Tr. - Vamos!

Coro - Como alguns são maus entre nós.

Tr. - Vós, ao menos, os que desejam intensamente a paz, puxai virilmente.

Coro - Entretanto, há aqueles que impedem.

Hermes - Homens de Mégara, não ireis às favas? A deusa vos odeia por lembrar-se de que (fostes) os primeiros a untá-la com alhos (O alho era o produto característico de Mégara usado para untar a deusa, quando deveria ser usado perfume.). E digo aos atenienses que se afastem, desde já, de onde agora puxam. Vós não fazeis outra coisa exceto julgar. Mas se desejais puxá-la, retirai-vos um pouco para o mar.

Coro - Vamos, ó homens, que nós, os lavradores, puxemos sozinhos.

Hermes - A tarefa, certamente, avança muito mais, ó homens, convosco.

Coro - Ele diz que a tarefa avança. Que cada homem se esforce.

Tr. - Os lavradores, certamente, fazem o trabalho, e nenhum outro.

Coro - Vamos, agora, vamos todos.

Hermes - Está já perto.

Coro - Agora, não nos esforcemos em vão, mas redobremos os esforços muito vigorosamente.

Hermes - Ainda mais, é isso mesmo!

Coro - Ó, força agora,

Força, força, força <agora>

Força, força, força, todos!

Tr. - Ó augusta produtora de cachos de uva, como eu te invoco? De onde eu tomaria uma palavra que tenha dez mil ânforas, com a qual eu te invoque? Não tinha em casa.

Salve, Opora, e tu, ó Teoria; que cara tens, ó Teoria! Que odor exalas, como é agradável dentro do meu coração, dulcíssimo, como se fosse de dispensa do serviço militar e de perfume.

Hermes - Então, é como se fosse de saco de provisões de soldados.

Tr. - Eu desprezei a muito odiosa cesta da maldita tropa de soldados. Dela exala um cheiro de arroto de quem comeu cebola, mas desta exala cheiro de frutas, de banquete, das Dionísias, de flautas, de tragédias, das poesias de Sófocles, dos tordos, dos versos de Eurípides...

Hermes -Tu te arrependerás, proferindo uma calúnia contra ela! Ela não gosta de poetas de palavrinhas judiciárias.

Tr. - De hera, de filtro para o vinho, de balidos de cordeiros, de seio de mulheres que correm para o campo, de escrava que fica bêbada, de três litros derrubados, de muitas outras coisas boas.

Hermes - Vamos agora, vê como as póleis falam umas contra as outras, reconciliam-se e riem alegres...

Tr. - ...e, assim, todas juntas, tendo se esbofeteado, de modo extraordinário, e colocado ventosas (As ventosas eram o tratamento usado para remover inchaços provocados por golpes ou contusões.).

Hermes - E, então, vê as faces dos que correm, para que conheças seus ofícios.

Tr. - Ah, infeliz!

Hermes - tu não vês aquele fabricante de penacho ali, que arranca seus próprios cabelos?

Tr. - Este, que faz as enxadas, há pouco zombou daquele fabricante de espadas.

Hermes - Este fabricante de foices, não vês como tem prazer?

Tr. - E como tratou mal o fabricante de lanças.

Hermes - Vamos agora, anuncia que os lavradores podem ir embora.

Tr. - Escutai, vós todos: os lavradores vão levando consigo os equipamentos agrícolas para o campo, rapidamente, sem dardo, sem lança pequena, sem

espada; pois todas as coisas já estão cheias da boa velha paz. Mas, que cada um retorne ao trabalho, para o campo, entoando um pean.

Coro - Ó desejado dia para os justos e lavradores, estou contente por ver-te! Quero falar com os vinhedos e com as figueiras que eu plantei, quando era jovem, temos o desejo de nos abraçar depois de muito tempo.

Tr. - Agora, pois, ó homens, primeiramente supliquemos à deusa, que afastou de nós os penachos e as Górgonas; depois, como for, nós nos apressamos para casa, em direção aos campos, após termos comprado, para o campo, alguma salmoura de boa qualidade.

Hermes - Ó Poseidon, como parece bela a tropa deles, e densa e terrível como uma massa e um banquete.

Tr. - Por Zeus, a enxada era brilhante e preparada, os tridentes brilham diante do sol. Sem dúvida, o espaço entre duas fileiras de árvores (Ou qualquer plantação.) sairia bem deles (Ou "seria feito com felicidade por eles", entretanto, o verbo indica "sair-se bem de qualquer dificuldade".). De tal modo, que eu mesmo já desejo ir para o campo e mexer o pequeno pedaço de terra com um enxadão depois de algum tempo. Mas vos lembreis, ó homens, do modo de vida de antigamente, que ela nos oferecia antes, daqueles bolos de frutos secas, dos figos, dos mirtos, da vindima, de alcaçuz, do lugar cheio de violetas perto do poço, das oliveiras, que desejamos, Em troca delas, agora, invoquemos a deusa.

Coro - Salve, salve, tu vieste para a nossa alegria, ó amicíssima. Sou dominado pelo desejo que tenho de ti, ao desejar, um *daimon* levou-me para o campo. Eras para nós uma vantagem muito grande, ó desejada, para todos quanto trabalhamos com a terra - és a única que nos ajuda. Muitos doces queridos e sem custo recebíamos outrora, no seu tempo. Para os camponeses eras pão e salvação. Como os pequenos vinhedos e os novos figuinhos e tantas outras coisas que são, os vegetais sorrirão para ti com alegria! Mas onde, antes, estava ela, longe de nós, por todo esse tempo, ensina-nos isso, ó mais benévola dentre os deuses.

Hermes - Ó sapientíssimos lavradores, compreendei as minhas palavras apenas se quereis ouvir como ela se perdeu. Primeiramente, Fídias, estando em má situação, começou a ruína. Depois, Péricles, temendo que tivesse a mesma sorte, tendo medo da vossa natureza e do vosso caráter irascível e obstinado, antes que ele próprio se encontrasse em alguma má situação, incendiou a pólis. Tendo lançado nela uma centelha pequena (vinda) do decreto de Mégara (Por esse decreto, Mégara é impedida de comercializar nos portos e mercados atenienses.Esse decreto serviu de pretexto para se iniciar um conflito com Atenas.), instigou tal guerra, de modo que todos os helenos choraram por causa da fumaça, tanto os de lá como os daqui. Como, pela primeira vez,

involuntariamente, um vinhedo fez barulho e um tonel, após ser golpeado por (causa de) uma cólera, lançou-se contra (um outro) tonel, não havia ninguém que parasse o mal, então, ela desapareceu.

Tr. - Essas coisas, com efeito, por Apolo, eu não tinha ouvido de ninguém, nem tinha ouvido como Fídias interessou-se (Verbo que também se refere à consanguinidade.) por ela.

Coro - Tampouco eu, senão agora. Por isso, então, era de boa aparência: por ser parente dele. Muitas coisas escapam a nós.

Hermes - E depois, quando as póleis que vós comandáveis souberam que vós vos enfurecestes uns contra os outros mostrastes os dentes, tramaram todas as coisas contra vós, por temerem os impostos, e persuadiram, dentre os lacônios, os mais importantes, por causa dos bens. Eles, como eram avaros esimuladores de hospitalidade, tendo-a expulsado, desonrosamente, colocaram Pólemos no alto. Os lucros daqueles eram males para os lavradores. As trirremes daqui, por sua vez, vingando-se, devoravam as figueiras dos homens que não eram culpados de nada.

Tr. - Justamente; depois eles cortaram a minha figueira, que eu plantei e criei.

Coro - Por Zeus, ó bom amigo, justamente porque, dando uma pedra em mim, puseram a perder uma caixa minha de seis medimos (Cerca de 320 litros.).

Hermes - E, aqui mesmo, como o povo trabalhador veio dos campos, não sabe que está sendo negociado, da mesmo maneira, mas como estavam sem semente de uva e amam o figo seco, voltaram-se para os que discursam; os que sabiam bem que os pobres estavam doentes e precisavam de trigo, expulsaram a deusa com uma forquilha e com gritos. Muitas vezes, ela apareceu por causa da saudade deste país. Eles importunavam os fortes e ricos dentre os aliados, imputando-lhes culpa, à guisa de que eram do partido de Brásidas. E, depois, vós o despedaçáveis como se fossem cãezinhos. A pólis ficou pálida e paralisada pelo medo, devorava prazerosamente aquelas calúnias que lançavam sobre ela. Os estrangeiros, vendo os golpes que eram dados, enchiam de ouro a bocados que faziam essas coisas de tal sorte que aqueles ficaram ricos; a Grécia, por sua vez, foi assolada e esquecida por vós. Quem fez essas coisas era negociante de curtume (Nessa época, Cléon já havia morrido.).

Tr. - Para, para, ó senhor Hermes, não fale, mas deixa aquele homem ficar onde está: embaixo. Não é mais nosso, todavia, aquele homem, é teu. Tudo o que disseres, em verdade, dele, se, enquanto vivia, foi um vilão, um charlatão, um caluniador, um enrolador e desordenador, tu fazes agora todas essas reprovações aos teus. Mas, o que silencia, ó senhora, dize-me.

Hermes - Mas não falaria aos espectadores, ela tem muita ira contra eles devido às coisas que sofreu.

Tr. - Que fale, ao menos, a ti somente, em vista do pouco tempo.

Hermes - Fala para mim o que pensas deles, ó querida. Vamos, tu que, dentre as mulheres, mais detesta o escudo. Eh, bem, escuto. Reprova-nos por essas coisas? Compreendo. Escutai, vós, por que motivo ela se queixa. Ela veio, diz, espontaneamente, depois daquelas coisas em Pilo, trazer à pólis um cesto cheio de tréguas; mas ela foi rejeitada três vezes na assembleia pelo voto.

Tr. - Nós cometemos essas falhas, porém conceda perdão, a nossa mente estava, então, nos couros.

Hermes - Vamos, agora, escuta, que coisa me perguntou há pouco: quem aqui mesmo era hostil a ela e quem, sendo amigo, trabalha para que não haja batalhas?

Tr. - O mais bem disposto era, de longe, Cleônimo (Um dos atenienses mais criticados por Aristófanes.).

Hermes - De que classe parece ser, nas coisas da guerra, Cleônimo?

Tr. - É o melhor em relação à alma, salvo que não era, como diz ser, filho de seu pai. Se partiu como soldado, em seguida, tornou-se um sujeito a rejeitar as armas.

Hermes - Ademais, agora, escuta o que me perguntou há pouco: quem domina agora sobre a pedra na Pnix (Colina em Atenas onde se realizava habitualmente assembleia do povo.)?

Trigeu - Hipérbolo (Sucedeu a Cléon.) ocupa este lugar. E tu, que fazes? Para onde viras tua cabeça?

Hermes - Afastou-se do povo, por estar zangada, já que increveu como seu patrão alguém perverso.

Tr. - De modo algum, usaremos; mas, agora, o povo carecendo de tutor e estando nu, por enquanto, cobriu-se com esse homem.

Hermes - Como são proveitosas essas coisas para a pólis? - pergunta.

Tr. - Nós nos tornaremos mais prudentes.

Hermes - De que modo?

Tr. - Acontece que ele é fabricante de lâmpadas. Outrora, pois, discerníamos os negócios, às apalpadelas, na escuridão; agora, decidiremos todas as coisas à lâmpada.

Hermes - Oh! Que coisas ordenou-me informar junto a ti!

Tr. - O que é?

Hermes - Numerosíssimas e antigas coisas as quais não há muito deixou. Primeiramente, perguntou sobre o que faz Sófocles.

Tr. - Ele está feliz, ocorreu algo estupendo.

Hermes - O quê?

Tr. - De Sófocles, ele tornou-se Simônides.

Hermes - Simônides? Como?

Tr. - Porque, velho e desvigorado, por causa da ganância, navegaria sobre o caniço.

Hermes - Que, pois, foi feito de Cratino, o sábio? Existe?

Tr. - Morreu, quando os lacônios invadiram.

Hermes - Que sucedeu?

Tr. - O quê? Desfaleceu, não suportou ver um tonel ser quebrado cheio de vinho. E quantas outras coisas que pensa ter acontecido na pólis? Por conseguinte, ó senhora, nós jamais te abandonaremos.

Hermes - Vamos, agora, em vista dessas coisas, toma esta aqui como tua mulher, Opora, e, depois, habitando com ela, nos campos, constrói para ti mesmo uma parreira.

Tr. - Ó queridíssima, vem aqui e permite-me fecundá-la. Então, a ti, parece que faço mal, depois de um certo tempo, ó senhor Hermes, em precipitar-me sobre Opora?

Hermes - Não, se beberes um preparado com poejo. Mas, rapidamente, tomando esta aqui, a Teoria, conduze-a ao conselho, do qual ela participava outrora.

Tr. - Ó bem-aventurado conselho, com a Teoria, que sopa tu sorverás durante três dias, devorarás quantas tripas cozidas e porções de carne. Mas, ó querido Hermes, sê muito feliz.

Hermes - E tu, ó homem, volta alegremente e lembra-te de mim.

Tr. - Ó escaravelho, vamos para casa, para casa.

Hermes - Não está aqui, ó amigo!

Tr. - Aonde vai?

Hermes - Ele, tendo partido, preso ao carro de combate de Zeus, porta os relâmpagos.

Tr. - Onde, então, o desgraçado terá comida ?

Hermes - Alimentar-se-á da ambrosia de Ganimedes.

Tr. - Como, por certo, eu descerei?

Hermes - Tem ânimo, tudo ficará bem; fica aqui, perto desta deusa.

Tr. - Aqui, ó jovens, acompanhem-me o mais rápido possível, que muitos certamente, ansiosos, esperam-vos, em ereção.

Coro - Vai, alegremente. Nós, no momento em que entregamos esses utensílios aos criados, damos a eles para guardar, porque, rapidamente, em volta do palco, muitíssimos ladrões estão acostumados a ficar espreitando e a fazer coisas más. Guardai, corajosamente, essas coisas; nós vamos aos espectadores, pois temos um caminho de palavras para expor todas as coisas de que nossa mente dispõe.

Deveriam os vigias golpear, se algum comediógrafo elogia a si mesmo, após ter avançado em direção ao espectadores em anapestos. Se, pois, é conveniente homenagear alguém, filha de Zeus, que se mostrou o mais célebre autor de peças dentre os homens, o mestre diz ser ele digno de um grande elogio. Primeiramente, foi o único dentre os homens que fez com que os concorrentes parassem de ridicularizar sempre com trapos e de combater contra os piolhos; com aqueles Héracles que fazem massa e têm fome [os que fogem, enganam e (são) castigados, convenientemente] expulsou-os,desonrando-os, antes de tudo, e dispensou os escravos que eram sempre colocados para fora chorando, para que o companheiro, por causa disso, após ter rido dos golpes, perguntasse: “Ó desgraçado, o que sentiste na pele? Acaso, um chicote invadiu teus flancos e massa e dilacerou suas costas?” Tendo afastado essas coisas - chacota grosseira, coisas más e bufonarias vulgares - tornou a arte grande para nós e a exaltou, depois de construí-la com belas palavras, sob grandes pensamentos e sarcasmos que não pertencem aos mercados. Não eram simples homenzinhos das comédias, nem mulheres, mas, tendo um certo ardor de Héracles, perseguia os grandes, transpondo terríveis odores de couros e ameaças que perturbam a alma. Antes de tudo, luto contra o monstro de dentes afiados de cujos os olhos (Sic: N. do R.) de Cina (Nome de uma cortesã ateniense da época.) reluziam os mais terríveis raios. Cem cabeças, de aduladores, lamentando, lambiam em volta da cabeça. Tinha a voz de torrente que produzia morte, odor de foca, os testículos não lavados de Lâmia (Era um ser híbrido, com busto de mulher e pernas de burro, que devorava os homens.) e ânus de camelo. Vendo tal monstro, não temi; mas, em vosso favor, e também pelas outras ilhas, combatia, fazia-lhe frente com perseverança. É por isso que vós me restituem esta benfeitoria assim como, da mesma forma, sois lembrados. E, melhor, agindo pela razão e rodeando para examinar palestras, não tentava os meninos, mas, tomando a

vestimenta, prontamente me retirava. Raramente importunava, mas alegrava muito e oferecia todas as coisas necessárias. Por isso, é necessário que estejam comigo os homens e os meninos e aconselhamos os carecas a empenharem-se pela vitória. Todo mundo diz, por eu ter vencido, na mesa (de refeição) e nos simpósios: “Leve ao calvo, dê ao careca sobremesa, e não afaste o homem generoso que tem a fronte dos poetas”. Musa, tu, repelindo os inimigos, dança comigo, teu amigo, celebrando as bodas dos deuses, os banquetes dos homens e as festas dos bem-aventurados - essas coisas, desde o princípio, são seus cuidados. Se Cárcino (Os filhos de Cárcino eram bailarinos.) vem suplicar-te para que dances com seus filhos, não o escute, nem se vá como companheira de trabalho deles, mas vê todos como cordonizes nascidas em casa, dançarinos de pescoço longo, de estatura de anões, restos de excrementos. O pai falava que tinha - junto da esperança - um drama que a doninha afogou de tarde. Essas canções populares das Graças de cabelos formosos convém também que vosso sábio poeta faça; quando, na primavera, uma andorinha pousada faz soar com sua voz, quando nem Mórsimo nem Melântio, cuja voz é bem aguda - eu ouvi cantar - não têm coro; foi quando ele e seu irmão tiveram o coro das tragédias, ambas as Górgonas Comilonas, Harpias (Deusa mãe dos ventos. No plural, representa as Harpias, deusas das tempestades.) observadoras de navios, infames perseguidores de velhas, cujos sovacos cheiram a bode, flagelos dos peixes. Escarrando sobre eles, forte e longamente, Musa querida, celebra comigo a festa.

Tr. - Como foi difícil ir diretamente à morada dos deuses. Eu tenho muita dor nas pernas. Pequenos sois quando vistos daqui de cima. Para mim, em verdade, do céu, parecestes, certamente, bem malvados, daqui um pouco mais malvados.

Cr. 1 - Ó senhor, chegaste?

Tr. - Como eu ouvi dizer de alguém.

Cr. 1 - O que te aconteceu?

Tr. - Tive dores nas pernas ao atravessar o grande caminho.

Cr. 1 - Vamos, agora, revela-me -

Tr. - O quê?

Cr. 1 - Viste algum outro homem errando no ar sem seres tu mesmo?

Tr. - Não, a não ser duas ou três almas de poetas ditirâmbicos.

Cr. 1 - O que faziam?

Tr. - Colhiam, voando, alguns prelúdios que voam rapidamente através do ar.

Cr. 1 - Não eram aquelas coisas que dizem, que nos tornamos asteroides no céu, depois que morremos?

Tr. - Sim, por certo eram.

Cr. - E quem é estrela ali agora - Íon de Quios?

Tr. - Ele criou, outrora, aqui, o da Manhã. Quando chegou, logo, todos chamavam-no Estrela da Manhã.

Cr. 1 - Quem são as estrelas que vão de um lado a outro, e que se incendeiam ao correr?

Tr. - Depois de um banquete, algumas das poderosas estrelas retornam com lanternas e fogo nas lanternas. Mas tomando rapidamente esta aqui, leva-a, enche a banheira e esquenta a água, arruma o leito conjugal para mim e para ela. Depois de fazer essas coisas, vem aqui de novo. Eu a entregarei, entretanto, ao Conselho.

Cr. 1 - De onde tu as tomaste?

Tr. - De onde? Do céu.

Cr. 1 - Não daria, então, uma moeda de três óbolos dos deuses, se tiverem uma casa de prostituição como nós, os homens.

Tr. - Não, mas alguns lá vivem dessas coisas. Vamos agora, andemos!

Cr. 1 - Dize-me, dou algo para ela comer?

Tr. - Nada, ela não quererá comer nem pão, nem massa, pois tem o hábito de sempre, ao lado dos deuses, lamber ambrosia.

Cr. - Algo deve ser preparado aqui mesmo para ela lamber (Alusão obscena.).

Coro - Pelo menos o velho faz bem agora essas coisas, que eu posso ver.

Tr. - O que será, quando virdes que eu sou um noivo reluzente?

Coro - Serás invejado, velho, por estares jovem de novo, coberto de perfume.

Tr. - Acho também isso. O que falarão, quando, eu, deitado com ela, pegar suas mamas?

Coro - Parecerás mais feliz que os filhos de Carcino.

Tr. - Acaso não é justo? Eu que, tendo-me colocado na carruagem do escaravelho, salvei os gregos, de tal sorte que, nos campos, todos estão em segurança fazendo amor e dormindo.

Cr. 1 - A jovenzinha lavou-se e as belas partes das nádegas. O pastel foi cozido, e também bolo de sésamo e mel está pronto, e todas as outras coisas; falta o pênis.

Tr. - Vamos! Agora! Entreguemos esta Teoria ao conselho, para acabarmos com isso.

Cr. - Quem é essa aí? Que falas?

Tr. - Esta é Teoria, que nós, uma vez, atacamos, indo, bem bêbados, a Bráuron (Aldeia da Ática onde se comemorava o culto de Ártemis de Tamide.). Sabes, claramente, que a tomei com dificuldade.

Cr. 1 - Ó senhor, que festa extraordinária ela tem.

Tr. - Eh, bem! Quem de vós é justo, quem? Quem, tendo-a tomado, a guardará para o conselho (Começam-se a discutir as providências a serem tomadas para o retorno da paz.)? Tu aí, o que delineias?

Cr. 1 - Uma coisa, para os jogos ístmicos, eu mesmo vou reservar uma tenda para o pênis.

Tr. - Vós ainda não dizeis quem será o guardião? Tu, aqui. Eu mesmo, conduzindo-te, te deixarei no meio do público.

Cr. 1 - Aquele ali faz um sinal com a cabeça.

Tr. - Quem?

Cr. 1 - Quem? Arífrade, suplicando que a conduzam até ele.

Tr. - Mas, caro amigo, jogando-se sobre ela, lamberá o seu suco. Vamos tu, coloca, primeiramente, a bagagem no chão. Conselho, prítanes (Os cinquenta membros do pritaneu.), contemplai a Teoria. Examinai quantas coisas boas, vos entregarei ao trazê-la, de sorte que, tendo-a tomado, com as pernas levantadas, conduzireis, em seguida, o sacrifício. Vedes esta cozinha.

Cr. 1 - Que coisa bela! Por isso ela está preta de fumaça. Ali mesmo, estava a cozinha do conselho, antes da guerra.

Tr. - Eles a têm. Depois, amanhã, logo, é possível instituir a luta, muito bela, [lutar por terra, pôr-se de quatro patas], deitá-la obliquamente, colocá-la de joelhos com o corpo inclinado, e, tendo-se untado bem, como em um pancrácio, golpear e, ao mesmo tempo, penetrar com o punho e com o pênis. No terceiro dia, depois disso, vós conduzireis a corrida de cavalos, em que um corredor cavalga ao lado de um corredor, carros virados uns sobre os outros, se aproximam ofegantes e respirando fortemente; outros se deitarão com o prepúcio descoberto; os aurigas ficam caídos nessas curvas. Mas, prítanes,

recebei Teoria. Vê como o prítane a recebeu ardentemente. Mas não farias, se tu devesses conduzir algo gratuitamente. Então, te encontrei dando pretexto para a suspensão das armas.

Coro - É um cidadão precioso para todos quem quer que seja assim.

Tr. - Quando as uvas colherdes, vereis que sou muito mais capaz.

Coro - E, agora, tu és visível, tu te tornaste salvador para todos os homens.

Tr. - Dirás, quando esvaziares a taça de vinho novo.

Coro - Exceto os deuses, te consideramos o primeiro.

Trigeu - Eu, Trigeu de Atimônia, sou de grande merecimento para vós, por ter apartado os piores males do povo e dos camponeses, e por ter destruído Hipérbolo.

Cr. 1 - Vamos, o que nós dois devemos fazer agora?

Tr. - Que outra coisa a não ser instalá-la e oferecer-lhe marmitas?

Cr. 1 - Marmitas, como a um repreensível Hermesinho?

Tr. - Que parece? Quereis um boi gordo?

Cr. 1 - Boi? De modo algum, para que não seja necessário correr em auxílio.

Tr. - Mas uma porca gorda e grande?

Cr. 1 - Não, não!

Tr. - Por quê?

Cr. 1 - Para que não aconteça uma obscenidade de Teógenes.

Tr. - Por qual das restantes (vítimas) decides?

Cr. 1 - Pelo cordeiro.

Tr. - Pelo cordeiro?

Cr. 1 - Sim, por Zeus!

Tr. - Mas essa é uma palavra jônica.

Cr. 1 - Claro, para que <quando> na assembleia, alguém falar que é necessário fazer guerra, os espectadores, por causa do medo, dizerem ao modo jônico: Oh (Interjeição homófona, no ático e no jônico, da palavra que significa “cordeiro”.)!

Tr. - Tens razão.

Cr. 1 - E que as outras coisas sejam favoráveis. Assim nós seremos, uns para os outros, ovelhas em relação aos nossos modos e, para nossos aliados, muito mais dóceis.

Tr. - Vamos, então, traze o mais rápido possível a ovelha. Eu prepararei o altar sobre o qual sacrificaremos.

Coro - Como todas as coisas que têm êxito, se o deus e a sorte querem. Realizam-se conforme o que foi projetado, uma vai ao encontro da outra, segundo a oportunidade.

Tr. - Como todas as coisas estão claras: o altar está exatamente na porta.

Coro - <Vamos>, apressai-vos, então, enquanto uma brisa impetuosa, vinda da divindade, detém a guerra. Agora, um deus, claramente, faz mudanças em direção à prosperidade.

Tr. - Estão aqui a cesta com grãos de cevada, a coroa e a faca, e este fogo. Nada nos retém, a não ser a ovelha.

Coro - Bem, ambas façam esforços, pois se Céris (Flautista.) vos vir, se aproximará, sem ser convidado, para tocar flauta, e sei muito bem o que, ao soprar e ao se fatigar, dareis mais.

Tr. - Vamos, tu, levando a cesta e a água lustral para lavar as mãos antes do sacrifício, dá a volta no altar rapidamente pela direita.

Cr. 1 - Aqui está. Dize outra coisa; já fiz a volta.

Tr. - Eia! Traze esse pequeno tição, vou mergulhá-lo na água. Agita-te, rapidamente. Tu, apresenta a cevada. Tu mesmo purifica tuas mãos na água lustral, após tê-la dado a mim. E atira cevada aos espectadores.

Cr. 1 - Aqui está.

Tr. - Tu deste já?

Cr. 1 - Sim, por Hermes, mesmo sendo tantos espectadores, não há ninguém que não tenha cevada.

Tr. - As mulheres não receberam.

Cr. 1 - Mas, à tarde, os maridos darão a elas.

Tr. - Então, oremos. Quem está aqui? Onde estão os muitos homens honestos?

Cr. 1 - Vamos dar (Tradução indicada por Bailly.) a estes aqui; é muita gente de bem.

Tr. - Tu julgaste estes bons?

Cr. 1 - Não são? Alguns, embora nós derramemos tanta água, da mesma forma, tendo vindo até aqui, permanecem no mesmo lugar?

Tr. - Mas, rapidamente, oremos.

Cr. 1 - Oremos, então.

Tr. - Ó deusa rainha augusta, soberana Paz, senhora dos coros, senhora dos casamentos, aceita o nosso sacrifício.

Cr. 1 - Aceita sim, ó muito estimada, por Zeus, e não faças como fazem as mulheres que têm relações adúlteras. Elas, entreabrindo as portas, olham de soslaio, e se alguém lhes dá atenção, afastam-se, e, quando a pessoa se retira, olham de soslaio. Não faças nada disso, então, conosco.

Tr. - Por Zeus, mas mostra a ti mesma inteira, como convém a um ser bem nascido, nós, a estes apaixonados, que nos afligimos por ti já há treze anos; deixa as lutas e burburinhos, para que te chamemos Lisímaca (Nome composto pelo verbo "libertar" e pelo substantivo "luta".), põe fim a nossas suspeitas muito divertidas, com as quais lançamos injúrias uns contra os outros, mistura a vós os gregos, de novo, desde o começo, com suco de amizade, tempera o espírito com algum perdão doce; lança sobre nós a praça de coisas boas, de Mégara: alhos, pepinos salientes, maçãs, romãs, pequenos mantos para os escravos; e, da Beócia, que se vejam pessoas trazendo gansos, patos, pombas, carriça; e de Copaís, que cheguem cestos e, ao redor delas, nós juntos, depois de fazermos as provisões, nos faremos alvoroço sobre Morico, Telea, Gláucita e muitos outros glutões. Quando chegar Melântio, mais tarde, ao mercado, que elas já estejam vendidas; ele chorará, então, depois cantará uma monodia, de Medeia: "Ai de mim, ai de mim, estou privado das costas colocadas nas enguias colocadas." Os homens se alegram. Muito venerada, dá a nós suplicantes. Toma a faca, para, em seguida, degolares a ovelha, à maneira de um cozinheiro.

Cr. 1 - Mas não é permitido.

Tr. - Por que então?

Cr. 1 - A Paz não se alegra, sem dúvida, com degolação, nem que o altar fique ensanguentado.

Tr. - Mas levando-a para dentro para ser sacrificado, separa as coxas e traze até aqui. Deste modo, a ovelha é salva para o corego (Cidadão que financiava as peças.).

Coro - Na porta <aqui mesmo> tu deves permanecer, certamente, separando aqui mesmo para colocar rapidamente todas as oferendas para isso.

Tr. - Parece a ti que eu coloco o graveto como um adivinho?

Coro - Como não? O que te escapa, aproximadamente, no que concerne a ser um homem sábio? O que tu não entendes de tudo que é necessário para ser reputado como sábio e um espírito rico e aguçado?

Tr. - O tronco, ao menos, queimando, oprime Estilbides (Adivinho ateniense.). A mesa, eu a trarei, não é preciso escravo.

Coro - Quem, então, não louvaria tal homem, que, tendo muito suportado, salvou a sagrada pólis? Por conseguinte, não deixará, no futuro, de ser invejado por todos.

Tr. - Essas coisas foram feitas. Pegando as duas coxas, coloca aí. Eu vou para as vísceras e oferendas.

Cr. 1 - Eu me ocupo com essas coisas.

Tr. - Era preciso que viesses.

Cr. 1 - Vê, aqui estou. Acaso pareço a ti ter sido retido?

Tr. - Vamos, grelha bem agora essas carnes, que alguém se aproxima com uma coroa de loureiro.

Cr. 1 - Quem é?

Tr. - Como parece um impostor.

Cr. 1 - É um adivinho?

Tr. - Não, por Zeus, mas Hiérocles (Aristófanes chama-o de o que simplesmente "pronuncia oráculos" e não o que faz o oráculo (Bailly).). Ele provavelmente é o que pronúncia oráculos, o de Óreo.

Cr. 1 - O que dirá, então?

Tr. - É claro que ele se oporá à reconciliação.

Cr. 1 - Não, mas veio através do odor do sacrifício.

Tr. - Agora, vamos fingir que não o vemos.

Cr. 1 - Tens razão.

Hier. - Qual é o sacrifício, à qual das deusas?

Tr. - Grelha tu, silêncio, e afasta-te dos rins.

Hier. - A quem vós sacrificais, não contareis?

Tr. - A cauda está bem feita.

Cr. 1 - Bem, certamente, ó augusta Paz querida.

Hier. - Vamos agora, começa o sacrifício e depois dá as primícias.

Tr. - Primeiramente, é melhor assar.

Hier. - Mas estas aqui já estão assadas.

Tr. - Fazes muito, quem quer que sejas. Corta em pedaços.

Hier. - Onde está a mesa?

Tr. - Traze a libação.

Hier. - A língua se corta separadamente.

Tr. - Nós nos lembramos. Mas sabes o que fazer?

Hier. - Se disseres.

Tr. - Não fales nada conosco. Fazemos um sacrifício à Paz.

Hier. - Ó vãos mortais e infantis.

Tr. - Para tua cabeça.

Hier. - Os que, por não perceberem o pensamento dos deuses, homens, fizeram acordos, como bestas, com macacos de olhos claros (Referência aos espartanos.).

Tr. - Oh!

Hier. - Por que ris?

Tr. - Alegrei-me com os macacos de olhos claros.

Hier. - Tolos medrosos vós vos deixais persuadir pelas jovens raposas cujas almas são enganosas, mentes enganosas.

Tr. - Oxalá que te seja, ó impostor, o pulmão quente deste modo aqui.

Hier. - Se as ninfas divinas não enganassem Bácis (Famoso adivinho da Beócia.), nem Bácis os mortais, nem, de novo, as ninfas, o próprio Bácis.

Tr. - Possas tu ser exterminado, se não parares de profetizar como Bácis.

Hier. - De modo algum o oráculo era soltar as cadeias da Paz, mas antes...

Tr. - Estas devem ser cobertas com sal.

Hier. - Não é agradável aos deuses bem-aventurados: fazer cessar a discórdia, antes que o lobo se case com a ovelha.

Tr. - E como, ó maldito, um lobo se casaria com uma ovelha?

Hier. - Enquanto o inseto, ao fugir, eliminar um odor horribilíssimo, e o pintassilgo, que ressona como um trompete, com impetuosidade dá à luz filhotes cegos, desta vez ainda não era conveniente fazer a paz.

Tr. - Mas, o que nos é necessário? Não cessar de guerrear? Ou qual dos dois chorará mais - decidir-se-á tirando-se a sorte, quando é possível governar, com tratados em comum, a Grécia?

Hier. - Jamais fareis o caranguejo andar corretamente.

Tr. - Jamais comereis, daqui em diante, até o porvir, no pritaneu, nem nada fareis depois sobre o executado.

Hier. - Jamais poderás deixar liso o áspero ouriço.

Tr. - Então, deixarás, um dia, de enganar os atenienses?

Hier. - Segundo qual oráculo vós queimastes os ossos aos deuses?

Tr. - Aquele belíssimo, sem dúvida, que Homero fez. “Como os que repelem a odiosa nuvem de guerra, escolheram a paz e consagraram-na com um sacrifício. Todavia, quando cada osso foi queimado, e comeram as vísceras, ofereceram uma libação, com taças, eu mostrava o caminho.” Ao adivinho, ninguém oferecia uma taça resplandecente.

Hier. - Não participo disso. Sibila não falou isso.

Tr. - Mas Homero, o sábio, seguramente, por Zeus, falou habilmente: “sem laços de parentesco, sem lei, sem lar é aquele que ama a horrível guerra civil.” (Cf. Hom., *Il.*, IX, 63-4.)

Hier. - Fica atento, então, para que não te enganes, de algum modo, tua mente pela astúcia e que nem um milhafre (Ave de rapina, europeia, da família dos falconídeos.) te apanhe.

Tr. - Certamente, vigia tu isto aqui, posto que essa profecia é receosa em relação às vísceras. Derrama uma libação e traze as vísceras para cá.

Hier. - Mas se quiseres, eu, por mim mesmo, me prepararei um banho.

Tr. - Libação, libação.

Hier. - Encha uma taça para mim e concede uma parte dessas vísceras.

Tr. - Isso, de modo algum, é agradável aos deuses bem-aventurados. Mas, antes, que nós façamos libações e que tu te vás. Ó soberana paz, fica conosco durante nossa vida.

Hier. - Mostra a língua.

Tr.- Tu, leva a tua própria para fora daqui.

Cr. 1 - Libação!

Tr. - Estas aqui, com a libação, toma depressa.

Hier. - Ninguém me dará dessas vísceras?

Tr. - Não nos é possível dar, antes de o lobo se casar com a ovelha.

Hier. - Sim, pelos joelhos (Posição de um suplicante.).

Tr. - Inutilmente, meu querido amigo, tu suplicas; não tornarás liso rapidamente o ouriço. Vamos, contempladores, comei estas entranhas das vítimas aqui com nós dois.

Hier. - E eu?

Tr. - Come a Sibila.

Hier. - Certamente, por Gaia, vós sozinhos não devorareis essas coisas, mas eu as pegarei dos dois, elas estão à disposição de todos.

Tr. - Ó, bate, bate em Bácis.

Hier. - Eu atesto.

Tr. - E eu atesto que tu és um homem guloso e fanfarrão. Bate nele se aproximando com a madeira, fanfarrão!

Cr. 1 - Ei, tu, aí. Descascarei aqui essas pelezinhas de ovelha, que ele mesmo, enganando, tomou.

Tr. - Não abaterás essas pelezinhas de ovelha, ó sacrificador? Escutaste? O corvo que veio de Óreo, não voará rapidamente para Elímnio?

Coro - Eu me alegro, eu me alegro, por ter abandonado o elmo, e o queijo e a cebola. Não sinto prazer em guerras, mas, em, ao lado do fogo, beber com os companheiros queridos, queimando pedaços de madeira. Os que eram os mais secos, arrancados no verão, fazendo grelhar no carvão o grão de bico e assar uma azinheira e, ao mesmo tempo, eu beijo Trata (Nome de uma escrava.), enquanto minha mulher se lava. Não há nada mais doce do que, após ter feito a semeadura, um deus fazer cair uma pequena chuva e dizer algo ao vizinho: “Dize-me o que, então, faremos, ó Comárquides?” Beber dá-me satisfação,

tendo o deus nos feito bem. <Mas> cozinha, ó mulher, três medidas de feijão, mistura nele grão de trigo, separa figos, a Sira que chame Manes do campo. Não é possível, absolutamente, podar a vinha hoje, nem trabalhar na lama, posto que a terra está úmida." - "E, da minha casa, tragam o tordo e os dois canários. Havia um colostro dentro e quatro pedaços de lebre, se a doninha não levou alguma dessas coisas à tarde, certamente, eu não sei o que fazia o barulho, o que produzia a algazarra lá dentro. Ó criança, traze dessas partes, três pedaços para nós, e dá uma para o teu pai e pede mirto dos arbustos de Esquínades. E, também, alguém chame, gritando, a Carínade, no mesmo caminho, para que beba conosco, pois o deus faz bem e é útil no campo."

(Antístrofe) Quando a cigarra entoa seu doce canto, alegro-me em examinar a fundo os vinhedos de Lemnos, se já estão amadurecendo - o rebento precocemente brota - em ver o figo inchar. Depois, quando fica maduro, devoro, me afasto e, ao mesmo tempo, digo: "Tempos aprazíveis". Faço uma bebida mista com tomilho (Planta odorífera.) triturado e, depois, fico forte, e neste momento do verão; mais do que olhar um comandante desprezível aos deuses, com três penachos e uma veste vermelho escarlate bem reluzente, a qual ele diz ser uma tintura sardônica. De algum modo, é necessário lutar com a veste vermelho-escarlate. Aí, ele fica corado na cor de Cízico (Cor amarela, de medo.), e, em seguida, foge primeiramente como se fosse um cavalo-galo amarelo, agitando os penachos. Eu fiquei de olho nas redes. Quando chegam a casa, tornam-se insuportáveis, listando os nomes de alguns de nós, e apagando, de alto a baixo, duas ou três vezes. "Amanhã é a partida." Não comprou nenhum alimento: não sabia que partiria. Depois, tendo ficado parado diante da estátua humana de Pandion (Herói epônimo.). Viu a si mesmo, estando numa situação embaraçosa por causa da desgraça, corre seu olhar. Eles fazem essas coisas a nós, camponeses, aos da cidade, menos, esses covardes para os deuses e homens. Um dia, incitá-los-ei a prestar-me contas dessas coisas, se deus quiser. Muitos danos, com efeito, me fizeram, em casa são leões; na luta, raposas.

Tr. - Oh, oh! Quão grande multidão veio para o jantar de casamento. Vamos, limpa as mesas com isto aqui. Certamente, desde então, isto não é útil para nada. Depois, traze mais bolos, tordos, muitas pedaços de lebres e pastéis.

Fabricante de foices - Onde está Trigeu?

Tr. - Cozinho tordos.

Fab. de foices - Ó querido, ó Trigeu, que grandes e boas coisas nos fazes ao produzir a paz. Como ninguém, antes, comprava foice, nem por uma moedinha, agora, vendo-as por cinco dracmas. Este aqui, vende vasos de três dracmas para o campo. Mas, ó Trigeu, toma as foices e os vasos, o que quiseres, gratuitamente, e recebe estas coisas aqui. Do que vendemos e lucramos é que trazemos estes presentes para teu casamento.

Tr. - Vamos, agora, após depositar em minha casa essas coisas e entrai para o almoço rapidamente. Esse aí, comerciante de armas, que está sofrendo, aproxima-se.

Comerciante de armas - Ai de mim! Extirpando até a raiz, tu me arruinaste.

Tr. - O que há, ó desgraçado? Mas não tens, de algum modo, penacho?

Comerciante de armas - Tu arruinaste meu ofício e minha vida, e deste aqui e daquele ali que fabrica lanças.

Tr. - Quanto eu te pago em troca desses penachos?

Comerciante de armas - O que tu próprio ofereces?

Tr. - O que eu ofereço? Envergonho-me. Contudo, porque a cimeira teve muito trabalho, dou por eles três medidas de figos secos, para que eu limpe a mesa com isto aqui.

Comerciante de armas - Traze, pois, depois de entrar em casa, os figos; é melhor, amigo querido, do que receber nada.

Tr. - Leva, leva para aquela parte, longe da minha casa. Os dois perdem os pelos, os dois penachos nada são. Não compro nem por um figo.

Comerciante de armas - O que farei, eu, infeliz, dessa cavidade da couraça que vale dez minas?

Tr. - Este, certamente, não te trará prejuízo. Mas oferece para mim este pelo preço corrente; aliviar o ventre é bem apropriado.

Comerciante de armas - Para de ser insolente a mim e aos meus bens.

Tr. - Assim, colocando três pedras. Não fica apropriado?

Comerciante de armas - De que modo te limparás, acaso, ó sapientíssimo?

Tr. - Por aqui, passando a mão, através da portinhola de toalete e por aqui.

Comerciante de armas - Ambas ao mesmo tempo?

Tr. - Quanto a mim, por Zeus, para não ser surpreendido dissimulando o orifício do navio.

Comerciante de armas - Depois, sobre dez minas, sentado, evacuar.

Tr. - Eu, por Zeus, ó velhaco. Crês que eu venderia o ânus por dez mil dracmas?

Comerciante de armas - Vamos, traze a prata.

Tr. - Mas, ó bom, isso consome o lombo. Leva, não comprarei.

Comerciante de armas - Que farei com este trompete aqui, que eu comprei por sessenta dracmas, outrora?

Tr. - Derramando chumbo nesta cavidade aqui, depois, colocando em cima um bastão um pouco longo, tu terás para ti um dos cótabos que se pode abaixar.

Comerciante de armas - Ai de mim, tu te ris.

Tr. - Aconselharei outra coisa. Derrama, como eu disse, o chumbo, aqui, coloca uma balança pendurada com cordinhas - tu terás para ti algo para pesar os figos para os criados no campo.

Comerciante de armas - Ó destino implacável, como tu me arruinaste, porque paguei, outrora, uma mina por essas coisas. E agora, o que farei? Quem as comprará?

Tr. - Vende essas coisas aos egípcios. São coisas apropriadas para medir o rábano (Planta usada pelos egípcios.) silvestre.

Comerciante de armas - Ai de mim, ó fabricante de capacete, como somos desgraçados!

Tr. - Ele não sofreu nada.

Comerciante de armas - Mas o que, então, é que alguém fará com esses capacetes?

Tr. - Se aprender a fazer esses tipos de asas, melhor do que agora ele venderá essas coisas.

Comerciante de armas - Vamos embora, fabricante de lanças.

Tr. - De modo algum, pois eu comprarei estas lanças para ele.

Comerciante de armas - Quanto tu dás, na verdade?

Tr. - Se fossem serradas em duas partes, tomaria para estacas cem por um dracma.

Comerciante de armas - Estamos sendo desonrados. Vamos, amigo, para longe.

Tr. - Por Zeus, pois os filhos dos convidados já saem para mijar - elas aqui, para que ensaiem o que cantarão em prelúdio, parece-me. Mas o que, certamente, pensas em cantar, menininho, colocando-te junto a mim, primeiramente, aqui mesmo, começa a cantar uma parte.

Criança 1 - “Agora mesmo, comecemos pelos hoplitas mais jovens”.

Tr. - Para de cantar “hoplitas mais jovens” e essas coisas, ó triplamente infeliz, havendo a paz. És um ignorante e maldito.

Criança 1 - Quando estavam perto, foram uns contra os outros, lançaram, juntamente, escudos e escudos recurvos.

Tr. - Escudos? Não pararás de nos lembrar dos escudos?

Criança 1 - Então, juntamente, havia o gemido e o canto de triunfo dos guerreiros.

Tr. - O gemido dos guerreiros? Chorarás, por Dioniso, se cantar ‘gemidos’ e esses escudos recurvos.

Criança 1 - Mas, o que canto, então? Dize-me com que tipo de canto te alegras.

Tr. - “Eles devoraram carnes de bois”, e as coisas desse tipo aí: “serviram à mesa”, aquelas coisas.

Criança 1 - “Eles devoraram carnes de boi” e “libertaram os pescoços suados dos cavalos quando se cansaram do combate.”

Tr. - Fartaram-se da guerra e, por conseguinte, comeram. Canta essas coisas, essas coisas, como comeram já saciados.

Criança 1 - Armaram-se de couraça, quando acabaram.

Tr. - Felizes, eu penso.

Criança 1 - Construindo torres, expandindo-se, um grito inextinguível se levantou.

Tr. - Com alegria, eu creio.

Criança 1 - Expandiram das torres; um grito inextinguível se elevou.

Tr. - Que pereças de um mal, menino, e para os teus combates. Nada cantas além da guerra. De quem és filho, então?

Criança 1 - Eu?

Tr. - Tu, certamente, por Zeus.

Criança 1 - Filho de Lâmaco.

Tr. - Oh! Eu estaria admirado de ouvir, se tu não fosses filho de algum Boulômaco (Significa “belicoso”.) ou de Clausímaco (Aquele que chora para não ir à guerra.). Vá passear e, indo, canta para os lanceiros. Onde está o filho de Cleônimo? Canta uma coisa antes de entrar. Tu, eu sei bem que não cantarás as circunstâncias atuais, pois tu és filho de um pai sábio.

Criança 2 - Vangloria-se um saio do escudo uma arma irrepreensível, que junto a um arbusto deixei sem querer...

Tr. - Dize-me, ó jovem vigoroso, cantas para teu próprio pai?

Criança 2 - Salvei minha vida...

Tr. - ...desonrando os pais. Mas entremos, eu sei bem, seguramente, que essas coisas que cantaste há pouco sobre o escudo, sendo filho daquele pai, não esquecerás no futuro. Vós tendes como trabalho restante, desde já, então, comer avidamente todas essas coisas, triturá-las e não mastigar em seco. Mas, corajosamente, lançai-vos e triturai com os maxilares. Para nada, ó covardes, é o trabalho dos dentes brancos, se eles não mastigam.

Coro - Disso nos preocuparemos; tu fazes bem em explicar. Mas, ó os que antes passavam fome, lançai-vos um pedaço das lebres, pois não é todo dia que encontramos tortas soltas e solitárias. Mastigas essas coisas rapidamente, eu vos digo, ou se arrependerão.

Tr. - Devem dizer palavras de bom agouro e conduzir a noiva até aqui fora, devem trazer as tochas para que todo o povo se congratule e se anime. Todos os equipamentos devem levar, de novo, para o campo, agora mesmo, depois de terem dançado, feito libação, expulsado Hipérbolo, suplicado aos deuses para que deem riqueza aos gregos, e, para todos nós, igualmente, grãos e que possamos fazer muito vinho, e figos para devorar, mulheres para nos darem filhos, e que juntemos todos os bens que perdemos, de novo, e acabem com o ferro brilhante. Agora, mulher, para o campo, para deitar-se comigo absolutamente bela. Himeneu, Himeneu, ó!

Coro - Ó três vezes felizardo, pois, justamente, tens os bens agora. Himeneu, Himeneu, ó! Himeneu, Himeneu, ó!

Tr. - O que faremos a ela?

Coro - O que faremos a ela?

Tr. - Vindimá-la-emos.

Coro - Vindimá-la-emos. Mas nós, os que estamos na frente, peguemos o noivo, e o levemos, homens. Himeneu, Himeneu, ó! Himeneu, Himeneu, ó!

Tr. - Vivereis, certamente bem, sem dificuldades, colhendo figos. Himeneu, Himeneu, ó! Himeneu, Himeneu, ó!

Coro - O dele é grande e grosso; o dela é agradável - o figo.

Tr. - Falas, quando comeres e beberes bastante vinho. Hímen, Himeneu, ó! Hímen, Himeneu, ó! Alegrai-vos, alegrai-vos, homens. Se marchardes comigo, comereis tortas.

Aristófanes, *A paz*, tradução de Maria de Fátima de Sousa e Silva, apud Dissertação de Mestrado de Greice Ferreira Drumond, UFRJ, 2002.

As aves

Tradução de Mário da Gama Kury

Época da ação: Século V a.C.
Cenário: inicialmente um lugar ermo, rochoso; depois uma floresta, e finalmente as alturas por onde voam as aves.
Primeira representação: 414 a.C.

PERSONAGENS
EUELPIDES
UM GAIO
PISTÊTAIRO
ESCRAVO
UMA POUPA
UM FLAMINGO
CORO de homens fantasiados de aves e pássaros
CORIFEU
ARAUTO
UM ROUXINOL
SACRIFICADOR
POETA
ADIVINHO
MÊTON, geômetra famoso
INSPETOR
PREGOEIRO público
MENSAGEIROS
A deusa ÍRIS, mensageira de Zeus
ADOLESCENTE
CINÉSIAS, poeta ditirâmbico
SICOFANTA (denunciante)
PROMETEU
POSEIDON
TRÍBALO
HERACLÉS
ESCRAVO de Pistêtairo
ENVIADO
SOBERANIA (personagem muda)

Cenário
Local ermo, rochoso e cheio de moitas; ao fundo vê-se uma floresta, e ao lado um rochedo, morada da POUPA.

EUELPIDES
Dirigindo-se ao GAIO que lhe serve de guia.
Devo seguir sempre em linha reta? É para o lado desta árvore?
PISTÊTAIRO
Segurando uma gralha.
Que a peste acabe com você! Aqui está uma gralha que não para de grasnar andando para trás.
EUELPIDES
Para que caminhar assim sem rumo, meu rapaz? Estamos nos matando, procurando em vão a nossa rota, indo para um lado e para o outro.

PISTÊTAIRO
Devo ter feito alguma bobagem seguindo a gralha, que me fez percorrer mais de mil estádios (O estádio correspondia a 85 metros.) de caminho.
EUELPIDES
E eu a bobagem de seguir este gaio maldito, que roeu as unhas de meus dedos dos pés.
PISTÊTAIRO
Para falar a verdade, não sei mais onde estamos.
EUELPIDES
Você poderia chegar à sua pátria indo por aqui?
PISTÊTAIRO
De jeito nenhum! Nem eu, nem Execestides (Um estrangeiro que se fazia passar por ateniense.).
EUELPIDES
Ai de nós!
PISTÊTAIRO
Experimente este caminho, companheiro.
EUELPIDES
Ah! Como o vendedor de passarinhos do mercado de aves nos tapeou, esse Filóstrato maluco! Ele disse que estas duas aves, melhor que todas as outras, nos mostrariam a morada de Tereu, que foi transformado em poupa. Ele nos vendeu este gaio, filho de Tarrelides (Vendedor de pássaros famoso na época em Atenas por sua tagarelice.), por um óbolo, e a gralha por três, mas os dois só sabem dar bicadas dolorosas.
Dirigindo-se ao GAIO.
Você aí, por que está abrindo o bico assim? Você ainda vai nos conduzir pelo meio dos rochedos? Não passa estrada nenhuma por aqui?
PISTÊTAIRO
Não há nem uma vereda!…

EUELPIDES
E a gralha também não diz nada sobre nosso caminho?
PISTÊTAIRO
Nadinha! Ela grasna agora como sempre grasnou.
EUELPIDES
Que diz ela, então, sobre o caminho?
PISTÊTAIRO
Que quer você que ela diga senão que lá no fim do caminho ela vai ter comido os meus dedos dos pés?
EUELPIDES
Não é estranho que, com toda a nossa vontade de ir até para o inferno, e com todas as
providências tomadas para chegar lá, não se possa achar nem o caminho?
Dirigindo-se aos espectadores.
Mas afinal vocês que me escutam vão saber que nossos males são completamente diferentes dos de Sacas (Provavelmente Sacas é o apelido de um poeta trágico medíocre, originário da Cítia (denominação antiga de parte da atual Rússia), que não conseguia terminar suas peças.). Ele não é cidadão de Atenas, mas quer ser de qualquer maneira; e nós, cidadãos legítimos, nós, de uma tribo e de nascimento ilustres, sem que nos expulsassem levantamos nosso voo para longe da pátria correndo com as pernas bem abertas. Não é por ódio à nossa terra natal; não é porque ela não seja grande e opulenta para todos aqueles que desejam… se arruinar. De fato, as cigarras cantam somente durante um mês ou dois nas figueiras, enquanto os atenienses cantam durante toda a vida deles, empoleirados em processos judiciais. É isto que nos leva a fazer esta viagem; munidos de uma cesta, de um pote de água e de ramos de mirto (Para fundar uma cidade punha-se no chão ramos de mirto.), vamos procurando por toda parte um lugar bem tranquilo, onde possamos nos instalar e viver nossos dias em paz. Vamos neste passo em direção a Tereu, a poupa, para perguntar se nas regiões por onde ela passou já viu um lugar parecido com o que estamos procurando.
PISTÊTAIRO
Oba!
EUELPIDES
Que é que há?
PISTÊTAIRO
Há algum tempo a gralha está fazendo sinal de que há alguma coisa lá em cima onde ela está.
EUELPIDES
Esta gralhinha também olha para o ar, como se quisesse me mostrar alguma coisa. Tem de haver aves aqui. Vamos saber já, fazendo barulho.
PISTÊTAIRO
Você sabe o que temos de fazer? Dê um chute nesta rocha.
EUELPIDES
E você bate com a cabeça, para que o barulho seja duplo.
PISTÊTAIRO

Está bem: você bate com uma pedra.
EUELPIDES
Agora mesmo, se você quiser. Escravo! Escravo!
PISTÊTAIRO
Que é que você está dizendo? Você quer chamar uma poupa gritando: "Escravo"? Em vez de "Escravo" você deve gritar: "Poupa"!
EUELPIDES
Poupa! Poupa! (Silêncio) Tenho de gritar mais uma vez: Poupa! Poupa!
O ESCRAVO, que está com a POUPA no braço, sai da moita.
ESCRAVO
Quem vem lá? Quem é que meu senhor está chamando?
EUELPIDES
Ah! Apolo Salvador! Que bicão!
ESCRAVO
Deuses! Que estou vendo? São caçadores de passarinhos!
EUELPIDES
Que figura assustadora! E a fala dele não é nada bonita!
ESCRAVO
Vocês que se danem!
EUELPIDES
Mas nós não somos criaturas humanas.
ESCRAVO
Quem são vocês, então?
EUELPIDES
Sou o treme-treme, uma ave africana.
ESCRAVO
Você está inventando histórias.
EUELPIDES
Olhe bem para meus pés.
ESCRAVO
Apontando para PISTÊTAIRO.
E este outro, que ave é ele? Você pode dizer?
PISTÊTAIRO
Sou o vira-bosta, uma ave estrangeira (Literalmente: "Do Faso", região originária dos faisões.).
EUELPIDES
Dirigindo-se ao ESCRAVO.
E você aí, diga que ave você é?
ESCRAVO
Sou a ave escrava.
EUELPIDES
Será que você foi vencido numa briga de galos?
ESCRAVO
Não, mas quando meu senhor foi transformado em poupa, ele pediu que eu também fosse transformado em ave, a fim de haver alguém para seguir com ele

e servir a ele.
EUELPIDES
Uma ave tem necessidade de escravo?
ESCRAVO
Pelo menos esta, sem dúvida porque já foi homem. Às vezes ele quer comer enchovas de Fáleron (Fáleron era um dos três portos que serviam a Atenas.); aí eu pego uma peneira e corro para pescar enchovas. Ele quer uma enchova cozida e então eu preciso de uma colher e de uma panela; aí eu corro para procurar a colher.
EUELPIDES
Esta ave é realmente corredora. Você sabe o que tem de fazer, escravo? Chame o seu senhor!
ESCRAVO
Mas ele acaba de adormecer, depois de comer bagas de mirto e formigas.
EUELPIDES
Não importa; acorde o dorminhoco!
ESCRAVO
Tenho certeza de que ele vai se zangar, mas vou atender ao seu pedido para o senhor me achar bonzinho.
O ESCRAVO volta a entrar no mato.
PISTÊTAIRO
Dirigindo-se ao ESCRAVO que saía.
Que a peste acabe com você, pois você quase me matou de medo.
EUELPIDES
Ai de mim! Como sou infeliz! Meu gaio levantou voo de tanto medo.
PISTÊTAIRO
Que bicho covarde! O medo fez você perder o seu gaio.
EUELPIDES
E você não deixou a gralha escapar quando levou um tombo?
PISTÊTAIRO
De jeito nenhum!
EUELPIDES
Então onde está ela?
PISTÊTAIRO
Ela voou.
EUELPIDES
Então você acha que não deixou a gralha escapar? Como você é valente!
Entra a POUPA, dirigindo-se a EUELPIDES.

POUPA
Abra a floresta para eu sair!
EUELPIDES
Por Heraclés! Que bicho é este? Que plumagem! E esta crista tripla!
POUPA
Quem está me procurando?
EUELPIDES

Parece que os doze deuses maiores maltrataram muito você.
POUPA
Com certeza vocês estão rindo de minha plumagem. Mas ai de mim, estrangeiros! Fui uma criatura igual a vocês.
EUELPIDES
Não é de você que estamos rindo.
POUPA
De que, então?
EUELPIDES
Seu bico é muito engraçado…
POUPA
Mas vocês podem ver como Sófocles me tratou, a mim, Tereu, em suas tragédias (Em sua tragédia perdida *Tereu*, Sófocles mostrava a metamorfose do rei Tereu em ave.).
EUELPIDES
Então você é Tereu? Você queria ser galo ou pavão?
POUPA
Sou ave.
EUELPIDES
Então onde estão as suas penas?
POUPA
Elas caíram.
EUELPIDES
Por causa de alguma doença?
POUPA
Não, mas durante o inverno todas as aves mudam de penas, para se cobrirem logo depois com uma plumagem nova. Mas me diga: quem são vocês?
EUELPIDES
Nós? Somos simples mortais.
POUPA
De que cidade?
EUELPIDES
Da cidade das belas trirremes (Atenas. Na fala seguinte da poupa há uma alusão à proliferação de juízes em Atenas. Cf. *As vespas* para essa proliferação.).
POUPA
Vocês são juízes?
EUELPIDES
De jeito nenhum! Acontece exatamente o contrário; somos antijuizistas.
POUPA
Semeia-se lá esta espécie de grãos?
EUELPIDES
Procurando bem você encontra alguns…
POUPA
Que motivos trazem vocês até aqui?
EUELPIDES
O desejo de bater um papo com você.

POUPA
Sobre que assunto?
EUELPIDES
Primeiro porque você já foi homem como nós; você tinha dívidas como nós; você não gostava de pagar as dívidas como nós; depois, então, metamorfoseado em ave, você percorreu a terra e os mares; você tem ao mesmo tempo experiência de homem e de ave. É isto que nos traz até aqui, para lhe pedir que nos indique alguma cidade pacata, como um colchão macio onde se possa dormir sossegado.
POUPA
Então você procura uma cidade maior que Atenas (Literalmente "… maior que a de Cranaôs", rei antiquíssimo de Atenas.).
EUELPIDES
Não muito grande, mas de acordo com nosso gosto.
POUPA
Vocês querem evidentemente um governo aristocrático.
EUELPIDES
Eu? De forma nenhuma! Eu até detesto o filho de Squêlio (O filho de Squêlio chamava-se Aristocrates.).
POUPA
Afinal, em que cidade vocês querem morar?
EUELPIDES
Naquela em que os aborrecimentos mais graves sejam deste tipo: de manhã cedinho se
apresenta na porta de minha casa um dos meus amigos e me diz: "Em nome de Zeus Olímpico faça as coisas de maneira a vir até a minha casa com seus filhos depois de banhados, bem cedo, pois quero oferecer um banquete de núpcias. Não deixe de vir, ou nunca mais venha me procurar quando eu estiver infeliz."
POUPA
De fato, você é apaixonado pela infelicidade.
Dirigindo-se a PISTÊTAIRO.
E você?
PISTÊTAIRO
Meus desejos são iguais aos dele.
POUPA
Quais são eles?
PISTÊTAIRO
Eu gostaria de uma cidade onde o pai de um belo rapaz me dissesse pegando no meu saco, num tom de censura: "Sinceramente, Stilbonides, quero imitar você. Você encontra meu filho voltando dos banhos públicos e do ginásio, e você não beija ele nem diz uma palavra; você não toca no saco dele, você, um amigo da família!"
POUPA
Homem desventurado! A que destino infeliz ele se resigna! Pois há uma cidade afortunada, tal como você deseja, na costa do mar Eritreu (O atual mar Vermelho.).

EUELPIDES
Por favor! Não me fale em cidade à beira-mar, aonde chegará numa bela manhã a galera
Salamínia (Galera sagrada usada somente quando Atenas necessitava urgentemente de socorro.) levando o porteiro da assembleia. Você tem uma cidade grega a nos indicar?
POUPA
Por que vocês não vão morar em Leprêon ou em Élis?
EUELPIDES
Pelos deuses! Sem tê-las visto, tenho horror a elas por causa de Melântio (Poeta trágico contemporâneo de Aristófanes.).
POUPA
Ainda há na Locris a cidade dos opúntios, onde vocês poderão morar.
EUELPIDES
Eu não gostaria de ser opúntio (Personagem popular em Atenas na época.) nem por um talento (A moeda ateniense mais valiosa na época.) de ouro. Mas qual é a vida que se leva entre as aves? Você deve saber perfeitamente como ela é.
POUPA
A vida entre elas não é desagradável. Antes de mais nada não há necessidade de bolsas para dinheiro.
EUELPIDES
Vocês tiraram da vida uma grande fonte de fraudes.
POUPA
Nos jardins o alvo gergelim, o mirto, a dormideira e a menta perfumada nos oferecem a
alimentação.
EUELPIDES
De fato, é uma vida de lua de mel.
PISTÊTAIRO
É isto aí! Imagino um belo destino para a raça das aves, no qual elas se tornariam poderosas se vocês seguissem meus conselhos.
POUPA
Que conselhos?
PISTÊTAIRO
Primeiro, não voar fazendo voltas para lá e para cá com o bico aberto, pois isto é uma coisa pouco decente. Entre nós, se você perguntar, vendo essas cabeças volúveis: “Que ave é esta?”, Teleas (Teleas era um ateniense na época de Aristófanes, famoso por sua inconstância.) responderá: “É uma inconstante, uma ave que dá voltas sem parar, incapaz de ficar quieta.”
POUPA
Por Diôniso! Suas zombarias fazem sentido! Que temos nós, então, a fazer?
PISTÊTAIRO
Construam uma cidade.
POUPA
Que cidade poderíamos construir, nós, as aves?
PISTÊTAIRO

A pergunta é tola. Olhe para baixo!
POUPA
Estou olhando.
PISTÊTAIRO
Agora olhe para cima.
POUPA
Estou olhando.
PISTÊTAIRO
Vire a cabeça para todos os lados.
POUPA
É mesmo; eu ganharia muito torcendo o pescoço assim.
PISTÊTAIRO
Você não está vendo nada?
POUPA
Nada além das nuvens e do céu.
PISTÊTAIRO
Pois isto tudo não é o polo das aves?
POUPA
O polo? Como assim?
PISTÊTAIRO
É o mesmo que dizer "o lugar". Como tudo gira e atravessa tudo, aplica-se a isto o nome de polo. Se vocês construírem neste espaço e fizerem lá um recinto cercado de muralhas, isto não será mais um polo, e sim uma cidade; então vocês reinarão sobre os gafanhotos e farão os deuses morrer de fome como os mélios (Os habitantes da ilha de Melos, cercados pelas forças comandadas por Nícias, enfrentaram uma escassez terrível de víveres no sexto ano da guerra do Peloponeso. Para este episódio dramático, veja-se o livro V, capítulos 84 e seguintes da *História*, de Tucídides.).
POUPA
Como?
PISTÊTAIRO
O ar está entre o céu e a terra; da mesma forma que, para ir a Delfos, temos de pedir passagem aos habitantes da Beócia, quando os homens sacrificarem aos deuses vocês poderão, se os deuses não pagarem um tributo a vocês, impedir a fumaça dos sacrifícios de atravessar a cidade de vocês e a imensidade do ar.
POUPA
É mesmo, pela terra e pelas nuvens, pelas redes e pelas malhas delas, nunca vi nada tão bem bolado! Estou pronto para fundar essa cidade com você, se as outras aves aprovarem o projeto.
PISTÊTAIRO
Quem, então, vai explicar o assunto às aves?
POUPA
Você mesmo. Antigamente elas eram bárbaras, mas durante minha longa estada entre elas ensinei todas a falar.
PISTÊTAIRO
E como você vai convocar todos os pássaros?

POUPA
Vai ser fácil. Vou entrar no bosque; depois desperto o rouxinol, meu companheiro, e chamamos todos os pássaros para se reunirem; e quando eles ouvirem nossa voz, virão o mais depressa possível.
PISTÊTAIRO
Não demore, mais querida de todas as aves! Eu lhe suplico: entre depressa no bosque e
desperte o rouxinol.
POUPA
Dirigindo-se ao ROUXINOL.
Ah! Meu fiel companheiro! Pare de cochilar! Cante os hinos sacros que saem de seu bico divino, lamentando a triste morte de Ítis, nosso filho, com seus gorjeios harmoniosos e variados! Sua voz se eleva pura através das moitas de salsaparrilha até o trono de Zeus, lá onde Febo dos cabelos de ouro responde aos seus cantos lamentosos com os sons de sua lira de marfim, enquanto conduz as danças dos deuses; e os acordes de suas vozes imortais formam um concerto celestial de bem-aventurados.
Ouve-se o som de uma flauta imitando o canto do ROUXINOL.
PISTÊTAIRO
Ah! Zeus soberano! Que canto maravilhoso de um pássaro tão pequeno! Que encanto ele espalha por todo o bosque!
EUELPIDES
Olá!
PISTÊTAIRO
Que é isto?
EUELPIDES
Você vai se calar?
PISTÊTAIRO
Por que você pergunta?
EUELPIDES
A poupa ensaia novos cantos.
POUPA
Epopoi, popoi, popoi, popoi, io, io. Venham, venham, venham, venham, venham, voem para cá, companheiras queridas! Venham todas vocês que se fartam nos campos férteis, tribos incontáveis de voo veloz e de gargantas melodiosas, que furtam os grãos das terras recém-semeadas! Vocês, que se divertem estridentemente no meio dos sulcos que receberão as sementes: tio, tio, tio, tio! E vocês que saltitam nos jardins sob a folhagem da hera, ou que bicam o fruto da oliveira selvagem e do medronheiro nas montanhas, acorram ao meu chamado: trioto, trioto, trioto, totobrix. Vocês também, que nos vales pantanosos se nutrem de mosquitos de trompa aguçada, vocês que moram nos lugares úmidos de orvalho, e nos prados risonhos de Maratona; perdiz de plumagem pintalgada de mil cores, bando alado que volteia com os alciones sobre as vagas do mar! Venham ouvir uma grande novidade! Reunimos aqui todo o povo das aves de pescoço longo. Chegou um velho imaginoso com

ideias novas e novos projetos. Venham todas dar a sua opinião! Depressa! Depressa!Torotorotorotorotorotorotinx (Aqui, como no início do trecho, é imitado o canto de vários pássaros.)!
PISTÊTAIRO
Dirigindo-se a EUELPIDES.
Você está vendo alguma ave?
EUELPIDES
Por Apolo, não vejo nenhuma; estou cansado de olhar para o ar.
PISTÊTAIRO
Então foi inútil a entrada da poupa no bosque para gritar lá como a ave que está na época da postura, e imitando o pio da gaivota.
FLAMINGO
Torotinx, torotinx.
PISTÊTAIRO
Oba! Está chegando aqui uma ave!
EUELPIDES
É verdade. Está aqui a ave. Mas, qual é ela? Não é um pavão?
PISTÊTAIRO
A poupa vai dizer.
Dirigindo-se à POUPA.
Que ave é aquela?
POUPA
Não é uma dessas aves comuns que a gente vê todos os dias; é uma ave de pântano.
PISTÊTAIRO
Deuses! Como ela é linda! É vermelha como uma chama!
POUPA
É isto mesmo; ela se chama flamingo.

EUELPIDES
Vá dizendo os nomes, então.
PISTÊTAIRO
Qual é o caso?
EUELPIDES
Aqui está outra ave!
PISTÊTAIRO
Sim, é outra. Ela deve ser estrangeira. Qual é esta profetisa fanfarrona, esta ave das
montanhas?
POUPA
O nome dela é persa.
PISTÊTAIRO
Persa? Por Heraclés! E como, se ela é persa, chegou aqui sem seu camelo?
EUELPIDES
Aqui está outra, usando uma crista.

PISTÊTAIRO
Dirigindo-se à POUPA.
Que prodígio é este? Então você não é a única poupa do mundo?
EUELPIDES
Esta aqui é filha de Filoclés (Alusão ao plagiato cometido por Filoclés, poeta trágico contemporâneo de Aristófanes; em sua tragédia *Tereu* Filoclés simplesmente plagiou a tragédia do mesmo nome escrita por Sófocles.) com a Poupa; mas eu sou o avô desta última. É como na
genealogia: Calias era pai de Hipônico, e Hipônico era pai de Calias.
PISTÊTAIRO
Então Calias é uma ave? Como caem as penas dele (Calias havia dilapidado a fortuna paterna.)!
EUELPIDES
É porque ele é generoso; os sicofantas e as mulheres depenaram ele.
PISTÊTAIRO
Ah! Poseidon! Aqui está outra ave toda suja; como é o nome dela?
POUPA
O nome dela é Gulosa.
PISTÊTAIRO
Então há outro guloso além de Cleônimo? Como Cleônimo perdeu o seu penacho? Céus! Que significam estas aves com suas cristas? Vêm correr o díaulo (Díaulo, ou duplo estádio, era uma corrida em que os atletas davam duas voltas no estádio.)?
EUELPIDES
Elas fazem como os cários, que vivem nas cristas das montanhas para terem mais segurança.
PISTÊTAIRO
Ah! Poseidon! Você está vendo esta multidão de aves?
EUELPIDES
Por Apolo! Que nuvem! Quando as asas delas se abrem não deixam a gente ver a frente da cena…
PISTÊTAIRO
Olhe! Veja ali uma perdiz!
EUELPIDES
É isso mesmo! Ali está uma perdiz!
PISTÊTAIRO
E esta ave é um adem.
EUELPIDES
Aquela é o alcione. Qual é a que está lá atrás?
POUPA
Aquela ali? É o barbeiro.
EUELPIDES
Então o barbeiro é uma ave?
PISTÊTAIRO
Será que não há por aqui um Spêrgilo (Spêrgilo era um barbeiro muito popular na época em Atenas.)? A coruja está ali!

EUELPIDES
Que diz você? Quem traz uma coruja para Atenas (As corujas eram numerosíssimas em Atenas; elas eram as aves da deusa Atena e o símbolo da cidade.)?
PISTÊTAIRO
Preste atenção: a pega, a rolinha, a calhandra, o pavão…
EUELPIDES
… o gavião, o pombo bravo, o cuco…
PISTÊTAIRO
… a galinhola, o mergulhador, o rabujento, a águia marinha…
EUELPIDES
Quantas aves!
PISTÊTAIRO
Quantos melros! Como eles gorjeiam! Eles já chegam gritando!
EUELPIDES
Será que eles se sentem ameaçados? Você está vendo? Eles abrem o bico e me olham, e olham para você também.
PISTÊTAIRO
É mesmo; para mim também.
CORO
Popopopopopopo, opoi! Onde está quem nos chama? Onde ele ficou?
POUPA
Estou aqui há muito tempo; não abandono meus amigos.
CORO
Dirigindo-se à POUPA.
Titititititi! Que tem você de bom para nos dizer?
POUPA
Um caso de interesse público, de segurança, justo, agradável e útil. Dois homens conhecedores do assunto vieram me procurar.
CORO
Onde? Como? Que diz você?
POUPA
Digo que eles chegaram do mundo dos homens; são dois coroas, vindos para nos propor um empreendimento da mais alta importância.
CORO
Que eu saiba, você cometeu a maior falta desde que existimos. Que tem você a nos dizer?
POUPA
Ainda não é hora de se assustar.
CORO
Que foi que você fez?

POUPA
Acolhi estes dois homens, que propõem insistentemente uma aliança conosco.
CORO
Você aceitou uma coisa destas?

POUPA
E me alegro por ter concordado com eles.
CORO
Onde estão eles agora?
POUPA
Eles estão entre vocês, como eu mesma estou.
CORO
Ah! Ah! Fomos traídas! Fomos indignamente enganadas! Nossa amiga, aquela que compartilhava conosco o produto de nossos campos, violou nossas leis antiquíssimas e os juramentos do povo das aves. Ela nos atraiu a uma armadilha e nos entregou como reféns a uma raça ímpia que, desde que existe, nos declara guerra. Mais tarde vamos conversar com ela, mas é preciso começar pelo castigo destes dois coroas e reduzir os dois a picadinho.
PISTÊTAIRO
Estamos… perdidos!
EUELPIDES
Mas você é o causador de tudo que está acontecendo conosco. Por que você me trouxe?
PISTÊTAIRO
Para lhe fazer companhia.
EUELPIDES
Para me fazer lamentar a minha triste sorte?
PISTÊTAIRO
Mas na realidade você está desvairado. De fato, como você vai chorar se vão arrancar os seus olhos?
CORO
Vamos! Vamos! Marchem! Avancem! Lancem-se sobre o inimigo, derramem o sangue dele, abram as asas em todas as direções e envolvam os dois nelas! Eles vão servir de pasto para nós! Nem as montanhas sombrias, nem as nuvens do céu, nem o mar de espuma alva poderão livrá-los de nossa perseguição! Vamos depressa lançar-nos sobre eles e estraçalhá-los! Onde está o comandante? Que ele mande avançar a ala direita!
EUELPIDES
E nós estamos aqui! Para onde vamos fugir, infeliz?
PISTÊTAIRO
Está bem! Você não fica firme no seu posto?
EUELPIDES
Para ser estraçalhado?
PISTÊTAIRO
E como você imagina que podemos escapar delas?
EUELPIDES
Quanto a isto, nada sei.
PISTÊTAIRO
Mas eu digo que temos de combater com os pés firmes e pegar as panelas.
EUELPIDES

Para que vão servir as panelas?
PISTÊTAIRO
A coruja não nos atacará.
EUELPIDES
E estas aves de garras afiadas?
PISTÊTAIRO
Pegue um espeto e agite ele diante delas.
EUELPIDES
E os meus olhos?
PISTÊTAIRO
Cubra os dois com galhos de vinagreira ou com um prato.
EUELPIDES
Que presença de espírito! Você teve uma boa ideia, digna de um general. Suas sugestões
derrotariam as máquinas de guerra de Nícias (Nícias foi um dos comandantes atenienses na Guerra do Peloponeso.).
CORO
Guerra! Guerra! Avante com os bicos em posição de ataque! Nada de demoras! Estiquem os bicos, arranquem, firam! Primeiro quebrem a panela!
POUPA
Me digam, mais cruéis de todas as bestas! Por que vocês querem matar e despedaçar dois homens que não fizeram mal algum a vocês, parentes de minha mulher, e da mesma tribo?
CORO
Devemos poupá-los mais que os lobos? De que inimigo mais odioso poderíamos nos vingar?
POUPA
Mas, se apesar de nascidos de inimigos, eles são amigos sinceros de vocês, e vêm dar um conselho útil a vocês?
CORO
Que conselho útil poderíamos receber daqueles que foram inimigos de nossos antepassados?
POUPA
Vocês ignoram que os sábios aprendem muito até com seus inimigos? A desconfiança é a mãe da segurança. Não é com um amigo que aprendemos a nos servir dela. Um inimigo obriga vocês a isso. Foi com seus inimigos, e não com seus amigos, que as cidades aprenderam a construir altas muralhas, e a construir naus de guerra. Ora, é a experiência que garante nossos filhos, nossas casas e nossos bens.
CORO
Isto é verdade; seria bom ouvir primeiro os coroas. Até do pior inimigo se pode aprender alguma coisa.
PISTÊTAIRO
Parece que a cólera das aves está se acalmando. Recuo de um passo.
POUPA

É uma questão de justiça; vocês me devem reconhecimento por isso.
CORO
Até hoje nunca fomos contrários às suas opiniões.
PISTÊTAIRO
As disposições delas parecem mais pacíficas agora.
Dirigindo-se a EUELPIDES.
Ponha no chão a panela e os pratos. Depois faça o mesmo com a lança, isto é, o espeto que está na sua mão, e vamos andar perto da panela e sem perdê-la de vista, pois não se deve fugir.

EUELPIDES
Está bem! E se nos matarem, onde vão nos enterrar?
PISTÊTAIRO
O Cerâmico (No bairro de Atenas chamado Cerâmico ficava o cemitério onde eram enterrados os soldados mortos em combate. Logo depois, "com as sepulturas abertas" em vez de "com os braços abertos".) nos receberá com as sepulturas abertas. Para sermos enterrados à custa do Tesouro, vamos dizer aos magistrados que fomos mortos combatendo o inimigo em Orneas (Pouco tempo antes da estreia de *As aves* os atenienses sofreram uma derrota diante dos peloponésios em Orneas. Esta palavra lembra Ô*rnithes*, aves.).
CORIFEU
Volta cada um a seu posto! Vamos deixar de lado nossa cólera e nosso ressentimento, como o soldado põe de lado suas armas; e nos informemos para saber que gente é esta, de onde ela vem e com que intenções. Ouça, Poupa!
POUPA
Que quer você de mim?
CORIFEU
Quem são estes homens? De onde eles vêm?
POUPA
São estrangeiros e vêm da Hélade, o país das luzes.
CORIFEU
Que intenção pode trazer estes coroas para nosso meio, para o meio das aves?
POUPA
Eles gostam de nossa maneira de viver, e desejam ficar aqui e morar conosco.
CORIFEU
Que é que você está dizendo? Afinal, qual é a conversa deles?
POUPA
É incrível, nunca, jamais ouvida!
CORIFEU
Eles acham, então, alguma vantagem em ficar aqui conosco - descobrir algum meio de
vencer seus inimigos ou de servir a seus amigos?
POUPA
Eles falam de uma felicidade infinda, inexprimível, incrível; acham que tudo pertence a vocês, no universo, aqui, ali, em toda parte.
CORIFEU

Será que eles são malucos?
POUPA
Nada se iguala à sabedoria deles.
CORIFEU
Essa não! Eles estão no pleno gozo de suas faculdades mentais?
POUPA
Eles são raposas espertíssimas; são a própria sutileza, tudo que há de mais astuto, de mais sabido, de mais fino.
CORIFEU
Diga para eles virem falar conosco o mais depressa possível. Tudo que você falou ainda não me fez bater as asas de alegria.
POUPA
Dirigindo-se a dois escravos.
Vamos, vocês dois, tornem a pegar esta armadura e suspendam ela por cima da lareira, perto da grade, com o favor dos deuses.
Dirigindo-se a PISTÊTAIRO.
Você aí, exponha à assembleia das aves o projeto para o qual eu convidei você.
PISTÊTAIRO
Não, por Apolo! Não vou fazer nada disto, a não ser que elas façam um trato comigo, como o macaco fabricante de armaduras fez com a mulher dele, garantindo que não vão me bicar, não vão me estraçalhar, que não vão me enfiar…
CORIFEU
… o peru? Não tenha medo.
PISTÊTAIRO
Não é isto que você está pensando; é nos olhos de cima…
CORIFEU
Pro… meto!
PISTÊTAIRO
Garanta com um juramento.
CORIFEU
Juro, mas com uma condição: a de que conseguirei os votos de todos os juízes e de todos os… espectadores!
PISTÊTAIRO
De acordo.
CORIFEU
E se eu faltar à minha palavra, que consiga somente um voto.
Entra um ARAUTO.
ARAUTO
Ouçam, povos! Que os soldados amontoem suas armas e voltem para suas casas, e que se informem sobre as ordens do dia que serão afixadas nos quadros de avisos!
CORO
O homem é uma criatura enganadora por natureza, mas concordamos em ouvi-lo. Talvez você tenha alguma boa ideia a propor, ou algum meio de aumentar

nosso poder, meio que escapa ao nosso juízo mas que você pode ter percebido. Fale para o bem de todos. As vantagens que ficamos devendo a você serão comuns a todos nós. Diga, então, confiantemente: por que motivo você tomou a decisão de vir para cá? Não romperemos a trégua antes de ter ouvido o que você veio dizer.

PISTÊTAIRO

Estou pronto a falar; os ingredientes de meu discurso já estão misturados e agora só falta amassar.

Dirigindo-se a um escravo.

Traga uma coroa e água para lavar as mãos! Depressa!

EUELPIDES

Será que vamos sentar em volta de uma mesa para comer alguma coisa?

PISTÊTAIRO

Não; eu gostaria de falar de uma coisa grande, admirável, que pode comover o coração delas; me interesso tanto por vocês, que tendo sido reis…

CORO

Nós, reis? De quê? De quem?

PISTÊTAIRO

De tudo e de todos que existem; meu, primeiramente;

Apontando para EUELPIDES.

deste aqui, e do próprio Zeus, pois vocês são mais antigas que Cronos, que os Titãs e a Terra.

CORO

Que a Terra?

PISTÊTAIRO

Sim, por Apolo!

CORO

Em verdade, não duvidávamos disto.

PISTÊTAIRO

É porque vocês não estudaram, são ignorantes e não têm curiosidade; vocês não leram nem o próprio Esopo, que disse que a calhandra nasceu antes de todas as outras aves e antes daprópria Terra; e que o pai dela morreu de doença quando a Terra ainda não existia; ele ficou cinco dias insepulto, e a calhandra, naquela perplexidade enorme, sepultou enfim o pai em sua própria cabeça.

EUELPIDES

O pai da calhandra jaz então agora em Cefalés (*Kephalés* significa “cabeça” e também é o nome de uma localidade na Ática.).

POUPA

Tudo bem; então, se as aves existiam antes da Terra e antes dos deuses, a soberania não

pertence a elas por direito de antiguidade?

EUELPIDES

É claro, por Apolo! Você também deve se esforçar para tornar seu bico mais temível; Zeus não se apressará a dar o cetro dele ao pica-pau.

PISTÊTAIRO

Temos muitas provas de que antigamente as aves reinavam sobre os homens. Cito aqui o galo, por exemplo, que reinou sobre os persas e foi comandante deles antes de Dario e de Megabizo; por isto ele é chamado de "ave da Pérsia", para perpetuar a memória dessa antiga soberania.

EUELPIDES

Então é por isto que até hoje somente ele entre todas as aves marcha com o Grande Rei (Título honorífico dos soberanos da Pérsia antiga.), com a cabeça adornada pela tiara empinada.

PISTÊTAIRO

Então ele era tão grande e tão poderoso, tão temível que até hoje, por causa de seu poder
antigo, desde que ele faz ouvir seu canto matinal todos correm para trabalhar - ferreiros,
oleiros, correieiros, sapateiros, padeiros, armadureiros, fabricantes de instrumentos musicais, e até os que trabalham à noite (Os ladrões.).

EUELPIDES

Posso dizer também umas novidades: o galo foi o causador da perda de um manto de lã da Frígia que eu possuía. Eu tinha sido convidado para ir à cidade, para o banquete do décimo dia depois do nascimento de uma criancinha; aí bebi demais e adormeci. O galo começou a cantar antes dos convidados, e eu pensei que já era dia e saí de volta para Alimus (Alimus era um povoado da Ática, perto de Atenas.). Mal eu tinha passado pelos muros da cidade, um ladrão me deu uma violenta porrada nas costas; eu caí e gritei por socorro, mas ele já tinha levado meu manto.

PISTÊTAIRO

A ave de arribação também reinava antigamente sobre todos os gregos.

POUPA

Sobre os gregos?

PISTÊTAIRO

Foi ela que, quando era rei, ensinou os gregos a se ajoelharem quando aparecia uma ave de arribação (Essa ave aparecia na Grécia no início da primavera. Os pobres se alegravam à sua chegada, vendo o fim do inverno.).

EUELPIDES

Foi, por Diôniso! Um dia em que eu estava ajoelhado assim ao ver uma ave de arribação, me deitei com a boca aberta e engoli um óbolo (Cf. *As vespas*.), e tive de voltar para casa com o saco vazio.

PISTÊTAIRO

O cuco foi rei do Egito e de toda a Fenícia, e quando ele gritava "cuco" todos os fenícios colhiam o trigo e a cevada nos campos.

EUELPIDES

Daí, sem dúvida, o provérbio: "Cuco! Os circuncidados para o campo!"

PISTÊTAIRO

A autoridade deles era tão grande que em todas as cidades da Grécia governadas por um rei, como Agamêmnon e Menelau, um pássaro estava pousado no cetro e recebia parte dos presentes oferecidos ao rei.

EUELPIDES

Confesso que não sabia disto; também me causa admiração ver Príamo aparecer nas tragédias com uma ave que ficava observando Lisicrates (General ateniense acusado de corrupção por Aristófanes.) e os presentes pelos quais ele se deixava corromper.

PISTÊTAIRO

Mas aqui está o mais importante: Zeus, que reina agora, é representado nas imagens com uma águia na cabeça, caracterizando sua qualidade de rei; a filha dele (A "filha dele" é Atena.) ostenta uma coruja; e Apolo tem um gavião como seu servidor.

EUELPIDES

Por Deméter, você está falando a verdade! Mas por que eles têm aves?

PISTÊTAIRO

Para que nos sacrifícios, quando, como é usual, se faz a oferenda das entranhas das vítimas dedicadas aos deuses, as aves recebam a sua parte antes do próprio Zeus. Antigamente não se jurava pelos deuses; todos juravam pelas aves. Lâmpon (Um adivinho e sacrificador em Atenas.) ainda jura somente pelo ganso quando diz alguma mentira; a tal ponto vocês eram sagradas e reverenciadas! Hoje tratam vocês como se fossem bobos ou simples escravos (No original "ou simples Manes", nome próprio muito comum entre os escravos vindos da Ásia Menor.), atiram pedras contra vocês como se fossem loucos; e até nos lugares sagrados os caçadores de aves põem seus laços, suas armadilhas, cola, redes, malhas; uma vez presas, eles vendem vocês por atacado, enquanto os compradores apalpam vocês. Além disso eles, quando não agem assim, às vezes se contentam com assar vocês no espeto, mas preparam um molho de queijo ralado, óleo, sílfio e vinagre, e misturam com isso tudo um tempero mais doce e mais gorduroso, e derramam esse molho fervente sobre vocês, como se se tratasse de cadáveres.

CORO

Você nos fez um relato muito triste. Lamentamos muito a covardia de nossos pais, que não souberam nos transmitir as honrarias que seus antepassados tinham legado a vocês. Afinal os deuses e a boa sorte nos enviam em vocês os nossos salvadores. Nós lhes confiamos sem temor nossos filhotes e nós mesmas. Digam agora o que devemos fazer; de hoje em diante a vida não terá valor para nós se não descobrirmos os meios de reconquistar a nossa antiga soberania.

PISTÊTAIRO

Minha opinião é que, antes de mais nada, haja uma cidade para toda a nação das aves, e que todo o espaço imenso seja cercado por uma muralha circular de tijolos cozidos, como na Babilônia.

POUPA

Ah! Cebriones! Ah! Porfírion (Nomes de gigante e de ave, respectivamente.)! Que muralha espantosa!
PISTÊTAIRO
Quando a muralha estiver construída, vocês exigirão de Zeus a soberania. Se ele não concordar, se ele se recusar, se ele não for logo razoável, declarem uma guerra sagrada contra ele e proíbam os deuses de ir e vir como autênticos libertinos através dos domínios de vocês, para macular como até agora com seus amores adúlteros as Alcmenes, as Alopes, as Semeles (Heroínas de tragédias.); se eles não concordarem, tratem esses usurpadores como eles merecem: deem um jeito para que a "coisa" deles deixe de funcionar na "coisa" das mulheres. É necessário também mandar um pássaro como mensageiro aos homens para que eles de agora em diante tenham de realizar sacrifícios às aves, senhoras do mundo, e só depois disso aos deuses. Eles deverão dedicar a cada divindade a ave conveniente. Fazem-se sacrifícios a Afrodite? É necessário oferecer grãos de cevada ao peru. Oferece-se uma ovelha a Poseidon? É necessário dar trigo ao pato. Oferece-se um boi a Heraclés? A gaivota terá de receber bolos de mel. Se se sacrifica um carneiro ao rei dos deuses, o pardal, na qualidade de rei, deverá receber, antes do próprio Zeus, o sacrifício de um mosquito.
EUELPIDES
Gostei muito deste sacrifício de um mosquito. Que Zeus lance agora seus raios!
POUPA
E como os homens nos tomarão por deuses, e não por gaios, nós, que temos asas e voamos?
PISTÊTAIRO
Você não entende nada disto. Hermes, embora sendo o deus que é, não é um ladrão? Ele não tem asas como muitos outros deuses? A Vitória abre suas asas de ouro, Eros tem as suas asas, Homero, falando de Íris, faz a comparação dela com uma pomba tímida.
POUPA
Zeus não soltará mais seus trovões, nem lançará sobre nós seus raios alados?
PISTÊTAIRO
Se os homens, por ignorância, acharam que vocês não valem nada e reconhecem como deuses apenas os do Olimpo, então é necessário lançar sobre suas terras nuvens de pardais e de aves devoradoras de grãos, que roubarão todas as sementes recém-lançadas. Depois disto, que Deméter reduza a safra de trigo quando eles estiverem morrendo de fome!
EUELPIDES
Ela não vai fazer nada disto; você vai ver que ela alegará milhões de pretextos.
PISTÊTAIRO
Além disso, desejo que os corvos furem os olhos dos bois que trabalham a terra e seus
rebanhos; e que em seguida Apolo, o médico, os cure (ele é pago para isto).
EUELPIDES
Espere ao menos que eu tenha vendido meus dois boizinhos!
PISTÊTAIRO

Mas se, ao contrário do que acontece hoje, os homens olharem uma de vocês como um deus, outra como a própria vida, você como a terra, você como Cronos, você como Poseidon, então todos os bens serão dados a vocês.
POUPA
Me diga um só desses bens.

PISTÊTAIRO
Primeiro, os gafanhotos não devorarão mais suas parreiras em flor; um bando de corujas e de andorinhas bastará para destruir esses insetos. Além disso, os vermes e as lagartas deixarão de roer as figueiras; um único bando de tordos acabará com tudo isso.
POUPA
E como vamos fazer para enriquecer os homens? Entre eles o dinheiro é uma paixão.
PISTÊTAIRO
Quando eles consultarem as aves, estas indicarão a eles as minas mais ricas e revelarão aos adivinhos os tráficos mais lucrativos; não morrerá um único negociante enfrentando os riscos do mar.
POUPA
A ave consultada sobre a navegação sempre responderá: “Não embarque; o tempo está
desfavorável”; ou “embarque, pois o lucro é certo!”
EUELPIDES
Eu compro uma nau e passo a ser armador; não quero ficar aqui.
PISTÊTAIRO
Elas mostrarão aos homens os tesouros escondidos por seus pais, pois conhecem o local de todos eles. Também se dirá em toda parte: “Ninguém sabe onde está meu tesouro, a não ser, talvez, uma ave.”
EUELPIDES
Eu vendo a minha nau, compro um enxadão e desenterro os potes cheios de ouro.
POUPA
Mas como dar a saúde aos homens? Ela mora entre os deuses.
PISTÊTAIRO
Se eles forem bem-aventurados, como é que não vão ter saúde? Creia em mim; um homem infeliz nunca passa bem.
POUPA
Como chegarão eles à velhice? Ela também mora no Olimpo. Eles terão de morrer no berço?
PISTÊTAIRO
Não; as aves prolongarão a vida deles até trezentos anos.
POUPA
Graças a quem?
PISTÊTAIRO

A quem? A elas mesmas! Você não sabe que as gralhas vivem cinco idades humanas?
EUELPIDES
É! Elas merecem muito mais que Zeus reinar sobre nós.
PISTÊTAIRO
Quem duvida disto? Primeiro, não será necessário construir para elas templos de mármore com portas de ouro; elas morarão nos bosques e sob a folhagem dos carvalhos; as aves mais veneráveis terão como templo uma oliveira. Não se terá de ir a Delfos, ou ao templo de Amon, para oferecer sacrifícios. De pé, entre os medronheiros e as oliveiras selvagens, ofereceremos a elas um punhado de cevada e trigo, e lá, com as mãos estendidas, suplicaremos que espalhem sobre nós seus benefícios; e isso nos terá custado apenas um pouco de trigo.
CORO
Ah! Coroa que se tornou querido por nós depois de nos ter sido tão odioso! Nada poderia de hoje em diante nos levar a discordar de suas opiniões. Cheios de confiança em suas falas, proclamamos e juramos que se, fiel às suas santas promessas, você se comprometer sem rodeios a se unir a nós contra os deuses, eles não deterão por muito tempo o cetro que nos pertence. Cuidaremos de tudo que depender da força; tudo que depender das reuniões e deliberações será tarefa de vocês.
POUPA
Por Zeus! Este não é o momento de dormir sobre os louros, ou de contemporizar como fazia Nícias; temos de agir o mais depressa possível. Venham, entrem no meu ninho, pousem na minha palha e nas minhas folhas secas e digam os seus nomes.
PISTÊTAIRO
Isto é fácil. Meu nome é Pistêtairo.
EUELPIDES
Sou Euelpides, do povoado de Tria.
POUPA
Sejam felizes um e o outro!
PISTÊTAIRO
Agradecemos os bons votos.
POUPA
Então vamos entrar.
PISTÊTAIRO
Está bem; nos conduza.
POUPA
Venham.
PISTÊTAIRO
Mas volte depressa para cá. Veja e nos diga: ele e eu não temos asas; como vamos poder
conviver com essas criaturas aladas?
POUPA
Isto vai ser fácil.

PISTÊTAIRO
Pense nisto: Esopo diz em uma de suas fábulas que a raposa um dia se associou muito
imprudentemente com a águia.
POUPA
Não tenha receios. Vocês comerão uma certa raiz que fará nascer asas em vocês.
PISTÊTAIRO
Vamos entrar.
Dirigindo-se a seus escravos.
Xantias e você, Manódoro! Apanhem nossa bagagem!
CORIFEU
Dirigindo-se à POUPA.
Você aí! Estou chamando você.
POUPA
Que quer você de mim?
CORIFEU
Traga seus hóspedes com você para jantar, mas deixe conosco seu companheiro, rival das Musas, o rouxinol melodioso. Mande que ele venha nos encantar.
PISTÊTAIRO
Eu lhe suplico! Ceda aos desejos deles! Mande ele sair! Eu lhe peço, para podermos ver o rouxinol.
POUPA
Vocês querem; tenho de obedecer. Apareça, rouxinol, e se mostre aos nossos hóspedes.
Aparece uma fêmea de rouxinol, como uma moça com asas e tocando flauta.
PISTÊTAIRO
Ah! Zeus! Que passarinha bonita! Como ela é delicada! Como é gentil!
EUELPIDES
Fique sabendo: eu agarraria você com muito prazer.
PISTÊTAIRO
Que roupa linda! Você parece uma virgenzinha.
EUELPIDES
Estou com vontade de dar um beijo nela.
PISTÊTAIRO
Mas meu rapazinho, ela tem um bico comprido como se fosse um espeto cortado ao meio.
EUELPIDES
E daí? Basta tirar a casca que cobre o rosto dela, como se fosse a casca de um ovo, e depois dar um beijo nela.
POUPA
Vamos embora!
PISTÊTAIRO
Então nos guie, e boa sorte!
Saem todos. O CORO avança dançando para a frente do palco.
CORO

Mais amável, mais gracioso, mais querido de nossos companheiros alados, rouxinol que
preside os nossos cantos! Você está vindo entoar suas árias melodiosas, você, que na primavera solta seus trinados tão suaves, prelúdios de nossas mensagens!

CORIFEU

Frágeis seres humanos, semelhantes às folhas, impotentes criaturas feitas de lodo e privadas de asas, pobres mortais condenados a uma vida efêmera, fugazes como sombras ou como um sonho instantâneo, ouçam os pássaros, seres imortais, aéreos, imunes à velhice, entregues a pensamentos perenes! Vocês conhecerão conosco os fenômenos celestes, a natureza das aves, a origem dos deuses e dos rios, do Érebo e do Caos; a partir de hoje vocês poderão dizer adeus a Pródico (Pródico foi um sofista contemporâneo de Sócrates, famoso por sua imensa erudição.).

No começo era o Caos, a Noite, o negro Érebo e o imenso Tártaro; a Terra, o Ar e o Céu ainda não existiam; afinal a Noite de asas negras deu à luz, no seio infinito do Érebo, um ovo sem germe, de onde, após uma longa sucessão de anos, nasceu Eros (Eros: o Amor.), com duas asas de ouro cintilante em suas espáduas, velozes como os ventos. Unindo-se às trevas do Caos alado, ele gerou nossa raça no seio do imenso Tártaro, e a trouxe pela primeira vez à claridade. Antes de Eros haver misturado tudo, a raça dos imortais ainda não existia, mas quando a mistura de todas as coisas se completou, então apareceram o Céu, a Terra, o Oceano e a raça imortal dos deuses bem-aventurados. Assim somos mais antigas que todos os deuses. Inúmeras provas atestam que somos filhas de Eros. Voamos como ele, e nos deliciamos convivendo com os amantes. Belos rapazes sem número que haviam renegado o amor no declínio de sua juventude não puderam resistir à nossa doce influência, e cederam ao dom de uma codorna, de um flamingo, de um ganso ou de um galo.

Os mortais obtêm de nós os maiores serviços. Primeiro, indicamos a eles as estações - a primavera, o inverno, o outono -; eles percebem que é hora de semear quando o grou, atravessando os ares, emigra para a África. Eles advertem o piloto para suspender o leme e se entregar ao sono; eles disseram a Orestes (Este Orestes era um bandido famoso na época.) para tecer um manto, a fim de que o frio não o levasse mais a despojar os viajantes. O gavião, com sua vinda, anuncia outra estação e o momento de tosar a lã primaveril das ovelhas. Depois a andorinha diz quando se deve deixar de lado o manto para comprar a roupa leve. Substituímos para vocês Amon, Delfos, Dodona, Apolo (Os três primeiros eram lugares onde havia oráculos famosos, e o último era o deus do oráculo de Delfos.). É graças às advertências das aves que vocês regulam todas as coisas - empreendimentos comerciais, subsistência, casamentos -; vocês designam sob o nome de augúrio das aves tudo que serve para adivinhar o futuro. Uma voz, um espirro, um encontro fortuito, um som, um escravo, um asno, são augúrios. Não somos, então, para vocês, um oráculo de Apolo?

Se vocês nos veneram como a deuses, encontrarão em nós Musas proféticas, ventos mais suaves, estações, invernos, verões e calor moderados. Não iremos

sentar presunçosamente por cima das nuvens, a exemplo de Zeus; ficaremos no meio de vocês, para lhes dar - a vocês mesmos, a seus filhos, a seus netos - riqueza, saúde, felicidade, boa sorte, paz, mocidade, riso, danças, festas, "leite de aves" (Expressão proverbial para exprimir "as coisas mais raras e preciosas", e prosperidade extrema.); enfim, atônitos nesta superabundância de bens, vocês ficarão saciados dessas coisas boas.

Musa dos bosques, de acordes variados, tio, tio, tiotinx, repousando sob a folhagem de um freixo, tio, tio, tio, tio, tiotinx, tiro de minha garganta flexível cantos sagrados que animam as danças sacrossantas em honra de Pã e da mãe de todos os deuses. To to to to to tinx! Lá Frínico (Poeta trágico e lírico.) irá colher, como se fosse uma abelha, os frutos deliciosos a partir dos quais ele compõe suas árias maviosas, tio, tio, tio tiotinx.

Se um de vocês, espectadores, deseja levar de agora em diante uma vida feliz em companhia das aves, venha para nossa morada. Aquilo que na terra é vergonhoso ou proibido pelas leis é exaltado entre as aves. Surrar os pais é um crime odioso entre as criaturas humanas; entre nós é belo lançar-se contra seu pai, surrá-lo e lhe dizer: "Apronte os esporões se você quer combater!" Um escravo fugitivo foi marcado a ferro em brasa? Entre nós ele será uma perdiz de plumagem pintalgada. Se houver entre vocês um bárbaro - um frígio como Spíntaro -, ele será aqui um frigilo, da raça de Filêmon. Se há entre vocês um escravo cário, como Execestides, que ele escolha seu avô entre nós e logo encontrará colegas. O filho de Peisias quer abrir as portas da cidade a gente infame? Ele é digno de seu pai; que se transforme em perdiz; entre nós não é vergonhoso fugir.

Façamos como os cisnes: tio tio tio tiotinx, quando unindo suas vozes e batendo as asas eles cantam Apolo, tio tio tio tiotinx, nos barrancos do Hebro, tio tio tio tiotinx. A voz deles atravessou as nuvens do éter. Os bandos de animais selvagens se detêm espantados; a calma e a paz reinam sobre as ondas: tio tio tio tiotinx; o Olimpo cintila ao longe e o espanto domina os deuses; as garças e as Musas repetem alegremente estes cantos: tio tio tio tiotinx.

Nada é mais útil que as asas, nada é melhor que as ter. Primeiro, um espectador que tivesse asas poderia, quando se sentisse premido pela fome, evitar o tédio de uma tragédia muito longa e voar até a sua casa para comer alguma coisa, e voltar ao teatro para a companhia de vocês com o estômago cheio. Patroclides, surpreendido por uma dor de barriga, não teria de borrar seu manto; ele voaria logo depois de peidar para recuperar o fôlego. Uma mulher, dominada por um amor adúltero, que percebesse o marido nos braços dos senadores, partiria abrindo as asas e voltaria mais tarde para retomar o seu lugar em casa depois de satisfazer sua vontade de fornicar.

Diitrefés só tem asas de vime; foi eleito filarco e depois hiparco (Fílarcos eram os chefes de cada uma das sete tribos de Atenas; os hiparcos, em número de dois, eram os comandantes de cavalaria.). Saído do nada, ele subiu muito; hoje é uma mistura de galo e cavalo amarelo.

Retornam PISTÊTAIRO e EUELPIDES ostentando suas asas.

PISTÊTAIRO

Pavoneando-se.
Vejam! Que tal?
EUELPIDES
Por Zeus! Quanto a mim, nunca vi coisa tão engraçada.
PISTÊTAIRO
De que você está rindo?
EUELPIDES
De suas asas velozes. Você quer saber com que se parece mais com asas?
PISTÊTAIRO
Com uma gansa-barata pintada.
EUELPIDES
E você com um melro com as asas cortadas em forma de penico.
PISTÊTAIRO
Estamos fazendo comparações, e como diz Ésquilo "Essas penas não são de outros; são muito nossas." (Segundo um comentador antigo dos *Mirmidões* (tragédia de que restam apenas fragmentos), este verso é dito por uma águia ao ver duas penas de águia numa flecha.)
POUPA
Muito bem! Que falta fazer agora?
PISTÊTAIRO
Primeiro, temos de dar à nossa cidade um nome retumbante, pomposo, e depois oferecer um sacrifício aos deuses.
EUELPIDES
Esta é também a minha opinião.
POUPA
Vejamos: que nome vamos dar à nossa cidade?
PISTÊTAIRO
Vocês querem um nome bonito tirado da Lacedemônia - o nome de Esparta, por exemplo?
EUELPIDES
Eu? Dar o nome de Esparta à nossa cidade? Eu não queria ele nem para minha esteira de
dormir, feita de junco!
PISTÊTAIRO
Então, que nome vamos dar a ela?
EUELPIDES
Um nome que encha a boca, tirado das nuvens e das regiões etéreas.
PISTÊTAIRO
Que acha você de Nefelococigia (Nefelococigia quer dizer "Cidade dos cucos nas nuvens".)?
POUPA
É um bonito nome. Você inventou um grande nome…
EUELPIDES
Não é exatamente em Nefelococigia que estão os bens imensos de Teagenes e de Aisquines (Personagens de Atenas que se vangloriavam de riquezas que não possuíam.)?
PISTÊTAIRO

Ou então na planície de Flegra, onde os deuses fulminaram com raios a arrogância dos
gigantes.
EUELPIDES
Esta será uma cidade muito bonita, mas qual será sua padroeira? Para que deusa teceremos o véu?
PISTÊTAIRO
Por que não oferecemos esta honraria a Atena Poliás (Atena protetora das cidades.)?

EUELPIDES
Seria uma cidade bem organizada aquela em que uma mulher empunhasse a lança e Clistenes (Um ateniense muito poderoso mas sem caráter.) a lançadeira…
PISTÊTAIRO
Quem defenderá as muralhas da futura cidade?
POUPA
Um de nós, uma ave originária da Pérsia (Um galo.), que em toda parte tem fama de valente; um filho de Ares.
EUELPIDES
Ora! Um pinto!
PISTÊTAIRO
Aí está um deus feito para morar nos rochedos. Agora vá para os ares ajudar os pedreiros que já estão trabalhando lá; leve umas pedras para a muralha, tira esta roupa e prepare a argamassa. Leve também um balde de pedreiro, caia da escada e quebre o pescoço; ponha sentinelas, mantenha o fogo aceso por baixo da cinza, faça a ronda com a sineta na mão e depois deite; mande depois dois arautos, um lá para cima, onde estão os deuses, e outro para baixo, onde estão os homens, e depois volte para perto de mim.
EUELPIDES
Você fica aqui, chorando perto de mim.
PISTÊTAIRO
Vá para onde estou mandando, meu caro amigo, pois nada se pode fazer sem você. Quanto a mim, vou oferecer sacrifícios aos novos deuses e mandar o sacerdote vir para conduzir a procissão. Escravos! Tragam a cesta e a bacia com água lustral.
CORIFEU
Eu me junto a você e a seus votos; aconselho você a fazer preces solenes aos deuses e a imolar uma vítima em sinal de reconhecimento. Cantemos hinos pítios, e Quéris (Quéris era um músico medíocre na época em Atenas.) deve acompanhar os hinos.
PISTÊTAIRO
Dirigindo-se a um flautista disfarçado em corvo.
Pare de soprar! Por Heraclés, que é isto? Já vi muitos prodígios, mas ainda não tinha visto um corvo com bocal.
Entra o SACRIFICADOR.

POUPA
Exerça o seu ofício, sacrificador; sacrifique aos novos deuses.
SACRIFICADOR
Vou fazer isto. Onde está o portador da cesta? Invoque a Hestia dos pássaros, o milhafre, deus tutelar, todas as aves, olímpicos e olímpicas, deuses e deusas.
CORO
Salve, gavião de Súnion, rei pelásgico!
SACRIFICADOR
Invoquem os cisnes de Delfos e de Delos, e Leto, deusa das codornas, e Ártemis pintassilga.
PISTÊTAIRO
Não se dirá mais Ártemis das codornas, e sim pintassilga.
SACRIFICADOR
E Sabázio (Um dos epítetos do deus Diôniso.) frígio, e a avestruz, augusta mãe dos deuses e dos homens.
CORO
Cibele divina, Avestruz, mãe de Cleócrito, dê saúde e felicidade aos nefelococigianos e aos cidadãos de Quios.
PISTÊTAIRO
Gosto de ver cidadãos de Quios em toda parte.
SACRIFICADOR
E os heróis, as aves, os filhos dos heróis, o flamingo, o pelicano, a galinha-d'angola, o pavão, o adem, a garça-real, o papa-figo, o chapim…
PISTÊTAIRO
Chega, homem maldito! Acabe com suas invocações! Para que sacrifícios, infeliz, você
convida as águias marinhas e os abutres? Você não vê que um gavião bastaria para devorar estas carnes? Saia daqui, você com suas fitinhas; eu mesmo sacrificarei direitinho.
SACRIFICADOR
É necessário ainda que para a aspersão eu entoe um hino religioso, e que invoque as divindades (no mínimo uma), se vocês tiverem provisões bastantes, pois suas supostas vítimas se reduzem à barba e aos chifres.
PISTÊTAIRO
Ofereçamos nossos sacrifícios aos deuses alados.
Entra o POETA.
POETA
Celebre em seus cantos, Musa, a felicidade de Nefelococigia!
PISTÊTAIRO
Que significa isto? Quem é você?
POETA
Sou um cantor cujos versos têm a doçura do mel; um zeloso escravo das Musas, como diz Homero.
PISTÊTAIRO
Como é mesmo? Você é escravo mas tem os cabelos longos?

POETA
Não é nada disso; nós, os poetas, somos servidores fiéis das Musas, como diz Homero.
PISTÊTAIRO
Não é de admirar que você vista um manto surrado assim. Mas que azar traz você até aqui, poeta?
POETA
Compus versos em honra de Nefelococigia; muitos e belos ditirambos e partenias (Partenias eram versos cantados por coros de virgens.); e odes ao gosto de Simonides (Famoso poeta lírico, nascido em 556 a.C. na ilha de Ceos, do qual restam numerosos fragmentos.).
PISTÊTAIRO
Desde quando você compõe versos?
POETA
Faz muito tempo, muito mesmo, que canto esta nobre cidade.
PISTÊTAIRO
Mas estou celebrando agora mesmo o sacrifício da consagração dela! Neste instante estou dando um nome a ela, como a uma criança recém-nascida.
POETA
A palavra das Musas é alígera, e voa como os céleres corcéis. Mas ah! Meu pai, fundador da cidade de Etna, você que compartilha as honrarias sagradas, conceda-me benevolentemente os bens que você quereria para si mesmo!
PISTÊTAIRO
Este maldito poeta não nos deixará em paz se não dermos alguma coisa a ele. Você aí, que tem uma capa de pele e uma túnica, dê uma das duas ao poeta (Pistêtairo diz estas palavras dirigindo-se a algum espectador.).
Recebendo a capa.
Aqui está; segure a capa; ainda assim parece que você está sentindo frio.
POETA
Minha Musa recebe prazerosamente este presente, mas ouça atentamente esta ode de Píndaro.
PISTÊTAIRO
Que sujeito chato! Ele não nos livrará dele mesmo tão cedo!
POETA
Declamando.
“Entre os citas nômades erra o infortunado Stráton, que não possui sequer um manto fino para vestir. Mas ele vai embora sem glória e sem túnica.” Você compreendeu o significado destas palavras?
PISTÊTAIRO
Sim, compreendo que você quer a túnica.
Dirigindo-se ao SACRIFICADOR.
Vamos! Tire a sua! Devemos prestar serviços aos poetas.
Dirigindo-se ao POETA.
Tome a túnica e vá embora!
POETA

Já vou, mas num instante comporei estes versos em honra da cidade de vocês: "Canta a cidade aérea e fria, deus do trono de ouro! Já visitei estas férteis planícies cobertas de neve. Trá lá lá!"
Sai o POETA.
PISTÊTAIRO
Sim, mas com esta túnica você está bem agasalhado contra o frio. Por Zeus! Jamais eu teria acreditado que este homem pretendia somente falar de nossa cidade.
Dirigindo-se ao SACRIFICADOR.
Tome o seu vaporizador e faça a volta ao altar. Que todos fiquem em recolhimento!
SACRIFICADOR
Silêncio!
Entra o ADIVINHO.
ADIVINHO
Não toque no bode!
PISTÊTAIRO
Quem é você?
ADIVINHO
Eu? Ora! Sou um adivinho!
PISTÊTAIRO
Vá andar para criar calos!
ADIVINHO
Não despreze as coisas divinas, meu caro amigo. Há um oráculo de Bacis que se refere
claramente a Nefelococigia.
PISTÊTAIRO
Então, por que você não falou antes de eu dar a cidade por fundada?
ADIVINHO
O céu não me permitiu.
PISTÊTAIRO
Nada melhor do que ouvir as palavras do próprio oráculo.
ADIVINHO
"Quando os lobos e as gralhas velhas morarem juntos no espaço que separa Corinto de
Sicione (A cidade imaginária ficaria entre as duas cidades mencionadas.)…"
PISTÊTAIRO
Que é que os coríntios têm em comum conosco?
ADIVINHO
Com estas palavras Bacis quer dizer o ar.
Continuando o oráculo.
"… sacrifique-se primeiro a Pandora um carneiro com o tosão branco; e quem proclamar primeiro as minhas palavras receberá um rico manto e sandálias novas!"
PISTÊTAIRO

As sandálias estão também na fala do oráculo?
ADIVINHO
Elas estão aqui; leia: “Será necessário dar uma taça cheia de vinho ao adivinho, e uma boa porção de entranhas da vítima.”
PISTÊTAIRO
É necessário dar uma boa porção das entranhas?
ADIVINHO
Está escrito aqui; ouça: “Divino jovem! Se você obedecer fielmente a estas ordens será uma águia nas nuvens; se você não obedecer, não será nem rolinha, nem águia, nem corvo.”
PISTÊTAIRO
Isto também está na fala?
ADIVINHO
Está aqui; leia!
PISTÊTAIRO
O seu oráculo não concorda bem com o que Apolo me ditou: “Quando aparecer um charlatão sem ser convidado para perturbar o sacrifício e reclamar sua parte nas entranhas da vítima, será necessário quebrar as costelas dele”…
ADIVINHO
Você está brincando…
PISTÊTAIRO
Está escrito aqui; ouça: “Não tenha pena dele, ainda que ele seja a águia nas nuvens, ainda que ele seja Lâmpon (Diopites, logo depois, era um ladrão famoso em Atenas.) ou o grande Diopites.”
ADIVINHO
Isto tudo está aí também?
PISTÊTAIRO
Está tudo aqui; leia. Vamos! Saia já daqui se quiser sair vivo!
ADIVINHO
Ai de mim! Como sou infeliz!
PISTÊTAIRO
Vá agora mesmo anunciar os seus oráculos em outro lugar!
O ADIVINHO sai correndo. Entra MÊTON, astrônomo e urbanista célebre na época, trazendo instrumentos de medição de terras.
MÊTON
Vim em direção a vocês…
PISTÊTAIRO
Este é outra peste… Que é que você veio fazer aqui? Qual é o seu caso? Que significa este coturno? Por que você veio?
MÊTON
Quero medir o ar e dividi-lo em lotes para vocês.
PISTÊTAIRO
Em nome dos deuses, que espécie de criatura é você?
MÊTON

Quem sou eu? Mêton, famoso em toda a Hélade, até em Colono (Mêton se admira por não ter sido reconhecido imediatamente. Colono era um lugarejo nas vizinhanças de Atenas, conhecido pela circunstância de Édipo ter morrido lá.).

PISTÊTAIRO

Me diga: que badulaques são estes que você está trazendo para cá?

MÊTON

São instrumentos para medir o ar. De saída você vai ficar sabendo que a abóbada celeste é parecida com um forno. Aplicando, então, esta régua curva por cima e ajustando o compasso a ela… você está compreendendo?

PISTÊTAIRO

Não estou entendendo bulhufas.

MÊTON

Então usarei uma régua reta e tomarei minhas medidas de maneira a fazer um triângulo

tetrágono; no centro dele ficará a praça pública; para este centro convergirão de todas as partes ruas bem alinhadas, já que partem do sol, que também é redondo, os raios dele.

PISTÊTAIRO

Mêton é um novo Tales (Tales era um dos chamados "Sete Sábios da Grécia".).

MÊTON

E daí?

PISTÊTAIRO

Você sabe que estou gostando muito de você? Se você quiser acreditar em mim, saia já daqui!

MÊTON

Que tenho a perder se não sair?

PISTÊTAIRO

Aqui, como na Lacedemônia, os estrangeiros são expulsos, e as porradas caem sobre eles como geada no inverno.

MÊTON

Vocês estão tramando uma revolução?

PISTÊTAIRO

De jeito nenhum!

MÊTON

Que é isto, então?

PISTÊTAIRO

Resolvemos por unanimidade expulsar daqui todos os trambiqueiros.

MÊTON

Eu me ponho a salvo num instante.

PISTÊTAIRO

Não sei se você vai ter tempo.

Começando a espancar MÊTON.

Já começaram os estrondos da tempestade.

MÊTON

Socorro! Ninguém me acode?

PISTÊTAIRO
Eu não lhe disse? Por que você não vai tomar as suas medidas em outro lugar?
MÊTON sai correndo; entra um INSPETOR.

INSPETOR
Onde estão os próxenos (Os próxenos eram os cidadãos incumbidos de oferecer hospitalidade aos estrangeiros em Atenas.)?
PISTÊTAIRO
Quem é este Sardanapalo (Sardanapalo foi um riquíssimo e arrogante rei da Assíria. Cf. Heródoto, *História*, livro II.)?
INSPETOR
Sou um inspetor, sorteado para supervisionar Nefelococigia.
PISTÊTAIRO
Um inspetor? E quem mandou você vir aqui?
INSPETOR
Um decreto mal-feito de Teleas.
PISTÊTAIRO
Você quer, mediante um dinheirinho, sair daqui já e sem fazer barulho?
INSPETOR
Com muito prazer; aliás eu gostaria de estar em Atenas para comparecer à Assembleia; estou incumbido de tratar de um assunto de interesse de Farnaces (Sátrapa de uma província persa; os persas costumavam subornar os atenienses para obterem a neutralidade de Atenas em suas campanhas contra outros povos.).
PISTÊTAIRO
Pondo dinheiro na mão do INSPETOR.
Tome; leve isto. São os seus honorários.
INSPETOR
Que pretende você dizer com isto?
PISTÊTAIRO
Espancando o INSPETOR.
Tome! É o jeton da sessão da Assembleia que interessa a Farnaces.
INSPETOR
Quero testemunhas! Estão me espancando, a mim, um inspetor!
PISTÊTAIRO
Você não prefere sair daqui vivo com as suas urnas? Não é incrível? Eles mandam inspetores a esta cidade antes mesmo de serem oferecidos os sacrifícios consagratórios!
O INSPETOR sai correndo e se esconde nas proximidades. Entra o PREGOEIRO público de decretos.
PREGOEIRO
Lendo em voz alta.
"Se algum habitante de Nefelococigia lesou um cidadão de Atenas…"
PISTÊTAIRO
Quem é este outro pilantra com sua papelada?
PREGOEIRO

Sou um pregoeiro de decretos e venho vender leis novas.
PISTÊTAIRO
Quais são elas?
PREGOEIRO
“Que os habitantes de Nefelococigia adotem os pesos, as medidas e os regulamentos dos olofixianos” (Os olofixianos eram habitantes da Trácia (ou talvez da Ática). A nova cidade, fundada por atenienses, é tratada como se fosse uma colônia de Atenas.).
PISTÊTAIRO
Você vai conhecer agora mesmo os pesos e medidas dos olofixianos!
PISTÊTAIRO começa a espancar o PREGOEIRO.
PREGOEIRO
Ei! Você aí! Que é que você está fazendo comigo?
PISTÊTAIRO
Leve de volta imediatamente as suas leis! Vou fazer você sentir hoje outras bem duras!
PREGOEIRO
Intimo Pistêtairo a comparecer à Justiça, para responder por desacato no mês de Muniquíon (O mês de Muniquíon correspondia aproximadamente a abril.).
PISTÊTAIRO
É mesmo? Ora! Você ainda está aqui?
PREGOEIRO
Lendo.
“E se alguém expulsar magistrados, ou não os receber, de conformidade com os decretos afixados na coluna…”
PISTÊTAIRO
Coitado de mim! Você continua aqui?
PREGOEIRO
Você vai me pagar! Vou conseguir que você seja condenado a uma multa de dez mil dracmas!
PISTÊTAIRO
E eu vou quebrar as suas urnas!
PREGOEIRO
Você se lembra de que, numa certa noite, cagou perto da coluna dos decretos?
PISTÊTAIRO
Estou peidando para tudo isto! Prendam este cara!
O PREGOEIRO sai correndo.
SACRIFICADOR
Dirigindo-se ao PREGOEIRO.
Vamos embora daqui o mais depressa possível, para sacrificar um bode aos deuses lá em casa!
Saem todos.
1º SEMICORO
De agora em diante todos os mortais oferecerão votos e sacrifícios à divindade soberana cujos olhares abraçam o universo. Nada sobre a terra escapa à sua vista; ela preserva os frutos destruindo as pragas incontáveis que devoram com

seus ferrões insaciáveis os germes que saem de seus invólucros, e a tenra folhagem das árvores. Ela acaba com aquelas cujo simples contacto arrasa os jardins perfumados; todos os répteis e os animais selvagens perecem sob os golpes de nossas asas!

CORO

Neste dia se proclama o edito seguinte: "Aquele que matar Diágoras de Melos (Diágoras de Melos foi condenado à morte no décimo ano da Guerra do Peloponeso, por ser ateu e por haver ridicularizado os mistérios de Deméter.) receberá a recompensa de um talento. Aquele que matar um tirano receberá também um talento." Eis o decreto que promulgamos: "Aquele que matar Filocrates (Vendedor de pássaros em Atenas.) das avestruzes receberá um talento, e aquele que o trouxer vivo receberá por isto quatro talentos. É ele que enfia os tentilhões num feixe e vende sete deles por um óbolo; ele sopra os tordos, e os expõe à venda e os martiriza; ele passa plumas nas narinas dos melros, reúne os pombos em grande número e os mantém cativos em uma rede e os obriga a descobrir outros." Vamos publicar outro decreto: "Se alguém mantém ainda aves no cativeiro no pátio de sua casa, trate de pô-las já em liberdade. Quem não obedecer a este decreto será preso pelas aves, carregado de correntes, e servirá por seu turno de isca para prender outros homens."

2º SEMICORO

Como é delicioso o destino das aves! No inverno elas podem viver sem mantos; no verão elas não têm de suportar os raios fogosos do sol; elas repousam nos vales floridos à sombra da folhagem, enquanto as cigarras afogueadas pelos ardores do sol do meio-dia emitem seus gritos estridentes, e passam o inverno nos nichos das cavernas, divertindo-se entre as ninfas das montanhas; na primavera colhem os tenros brotos do mirto amado pelas virgens, e as flores mais frescas nos vergéis das Graças.

CORO

Queremos dizer aos juízes dos concursos de comédias uma palavra sobre a vitória. Se for a nós que eles decidirem concedê-la, receberão de nós bens mais preciosos que aqueles dados a Páris (No julgamento das três deusas se disputava o prêmio da beleza.). Em primeiro lugar - recompensa desejada ardentemente por todos os juízes - as corujas do Láurion (Nas moedas de Atenas havia a efígie de uma coruja. Láurion é uma montanha da Ática, onde havia minas de prata.) jamais lhes faltarão; elas morarão no interior das casas de vocês, farão os seus ninhos nas bolsas de vocês, onde se reproduzirão. Além disto vocês morarão em templos, pois elevaremos os frontões de suas casas e lhes daremos a forma de águias. Se vocês exercem um cargo público e quiserem fazer maracutaias, armaremos suas mãos com garras de gaviões. Se vocês forem a uma festa, nós lhes daremos um estômago espaçoso. Mas se vocês não nos concederem o prêmio, tenham cuidado, pois verão aparecerem em vocês cobertas de metal como aquelas que se põem na cabeça das estátuas para protegê-las da chuva; aqueles que não as tiverem devem esperar outra vingança: quando estiverem vestindo uma túnica branca, todos os pássaros cobrirão vocês com sua merda.

Volta à cena PISTÊTAIRO.

PISTÊTAIRO
Nossos sacrifícios foram recebidos favoravelmente, aves, mas me admiro de não ter vindo das muralhas algum mensageiro nos informar do que se passa por lá.
Após alguns segundos de silêncio.
Oba! Aqui vem um, ofegante da corrida!
Entra apressadamente um MENSAGEIRO.
MENSAGEIRO
Onde está ele? Onde está ele? Onde está ele? Onde está Pistêtairo, nosso chefe?
PISTÊTAIRO
Estou aqui.
MENSAGEIRO
A muralha está pronta.
PISTÊTAIRO
Que ótimo!
MENSAGEIRO
Não se pode ver nada mais bonito e mais majestoso; ela é tão larga que Proxenides, o fanfarrão, e Teagenes fariam passar por cima dela dois carros de frente, mesmo que os cavalos fossem tão grandes quanto o cavalo de pau de Troia.
PISTÊTAIRO
Por Heraclés!
MENSAGEIRO
A largura dela, medida por mim mesmo, é de cem braças.
PISTÊTAIRO
Ah! Poseidon! Que largura! Que operários conseguiram fazer essa muralha gigantesca?
MENSAGEIRO
Foram as aves. Ninguém além delas pôs as mãos nas obras, nem pedreiros do Egito, nem cortadores de pedras, nem arquitetos; elas mesmas fizeram tudo. Estou maravilhado! Trinta mil grous vindos da Líbia puseram lá sua carga de pedras. Essas pedras, destinadas às fundações, foram talhadas pelos bicos dos pica-paus. Dez mil cegonhas trouxeram tijolos, enquanto os maçaricos, as gaivotas e outras aves aquáticas traziam água pelos ares.
PISTÊTAIRO
Quem preparou a argamassa?
MENSAGEIRO
As cegonhas reais em baldes.
PISTÊTAIRO
E como elas aplicavam a argamassa?
MENSAGEIRO
O espírito inventivo das aves é extraordinário. Os gansos usavam as patas como pás para bater a argamassa e passá-la para os baldes.
PISTÊTAIRO
Que não fariam eles com as “patas”?…

MENSAGEIRO
Os patos levavam tijolos em tabuleiros que sustentavam com os bicos; as andorinhas levavam a argamassa na cauda e a colher de pedreiro nas costas, como as mães carregam suas criancinhas.
PISTÊTAIRO
Diante disso não há necessidade de gastar dinheiro com operários. Mas me diga: quem fez o madeiramento das muralhas?
MENSAGEIRO
Os pelicanos, carpinteiros muito habilidosos. Eles alinharam as esquadrias de madeira das portas com seus bicos; com o barulho dos golpes de bico, parecia um arsenal de marinha. Agora tudo está provido de portas, tudo está fechado com ferrolhos e protegido cuidadosamente; faz-se a ronda, faz-se circular a sineta, há sentinelas em toda parte e fogos acesos no alto das torres. Mas vou correr para tomar um banho; o resto é com você.
Sai o MENSAGEIRO. PISTÊTAIRO fica boquiaberto.
CORIFEU
Dirigindo-se a PISTÊTAIRO.
Você aí, que é isso? Você se admira da rapidez com que foram levantadas as muralhas?
PISTÊTAIRO
Me admiro, sim, pelos deuses! E não é sem razão; tudo isto parece um sonho. Mas está vindo para cá um dos guardas da cidade; ele está com os olhos esbugalhados.
Entra o 2 º MENSAGEIRO
2º MENSAGEIRO
Oh! Oh! Oh! Oh!
PISTÊTAIRO
Qual é o caso?
2º MENSAGEIRO
Uma coisa indecorosa! Um dos deuses da corte de Zeus levantou voo pelos ares e entrou através das portas, escapando à vigilância dos gaios, sentinelas do dia.
PISTÊTAIRO
É um caso muito sério! Um atentado indigno! Que deus é esse?

2º MENSAGEIRO
Ignoramos; só sabemos que ele tinha asas.
PISTÊTAIRO
Temos de mandar imediatamente guardas para perseguir o tal deus.
2º MENSAGEIRO
Mandamos trinta mil gaviões na qualidade de arqueiros. Todas as aves de garras aduncas - butios, abutres e águias - estão em campanha; o ar está agitado pela impetuosidade das batidas de asas e do voo delas, tão grande é a gana delas de perseguir o inimigo. Ele não está longe; deve estar por aqui.
PISTÊTAIRO

Temos de nos armar com fundas, arcos e flechas. Venham, amigos! Que cada um dispare suas flechas! Me deem uma funda!
CORO
Está declarada a guerra, uma guerra terrível entre nós e os deuses. Patrulhem cuidadosamente o ar, filhos do Érebo, e as nuvens presentes nele, para que nenhum deus passe por ele sem sabermos!
CORIFEU
Que cada um olhe em todas as direções com o olhar vigilante! Já se ouve o ruído de asas, como se fosse um deus planando no ar.
Aparece ÍRIS, mensageira de Zeus, sob a forma de uma moça montada numa máquina
teatral, com uma auréola de arco-íris na cabeça e planando com as asas. Antes de pousar completamente a máquina para.
PISTÊTAIRO
Dirigindo-se a ÍRIS.
Ei! Você aí! Para onde você está voando? Pare! Não avance mais! Quem é você? De onde é você? Diga depressa: de que lugar você está vindo?
ÍRIS
Venho do Olimpo, a morada dos deuses.
PISTÊTAIRO
Como se chama você?
ÍRIS
Sou a velocíssima Íris.
PISTÊTAIRO
Salaminiana ou paraliana (Alusão a dois tipos de naus de guerra usadas pelos atenienses.)?
ÍRIS
Que é que você está querendo saber?
PISTÊTAIRO
Será que não vou ver um peru com três bagos avançar impetuosamente contra ela?
ÍRIS
Avançar impetuosamente contra mim? Que significa isto?
PISTÊTAIRO
Você vai derramar muitas lágrimas!
ÍRIS
Isto é realmente um absurdo!
PISTÊTAIRO
Por que porta você entrou na cidade, criatura atrevida?
ÍRIS
Não sei exatamente por qual delas.

PISTÊTAIRO
Vocês estão ouvindo como ela zomba de nós? E você, Íris, se apresentou ao comando dos gaios?… Você não responde?… Você conseguiu um salvo-

conduto com as cegonhas?
ÍRIS
Que quer dizer tudo isto?
PISTÊTAIRO
Você não tem mesmo salvo-conduto?
ÍRIS
Você está mesmo bom da cabeça?
PISTÊTAIRO
Nenhum chefe das aves lhe deu um salvo-conduto?
ÍRIS
Nenhum, com certeza.
À parte.
Coitado deste maluco!
PISTÊTAIRO
É assim que você levanta voo, sem dizer uma palavra, através de uma cidade estrangeira e do ar que a cerca?
ÍRIS
Então, por onde os deuses serão obrigados a voar de agora em diante?
PISTÊTAIRO
Não sei por onde, mas sei que não é por aqui. Agora você está cometendo um crime. Você sabe que, se tratássemos você como você merece, prenderíamos e até mataríamos você?
ÍRIS
Mas eu sou imortal.
PISTÊTAIRO
Você não deixaria de morrer por isso. Seria na verdade uma coisa estranha que, enquanto comandamos todo o universo, vocês, os deuses, se recusassem a se submeter e obedecer aos mais fortes, como é natural. Me diga: para onde você dirige sua viagem aérea?
ÍRIS
Eu? Estou voando em direção aos homens, por ordem de Zeus, meu pai, para convencê-los a sacrificar aos deuses do Olimpo, a imolar bois e carneiros sobre os altares, e a fazer subir até nós a fumaça e o cheirinho bom das vítimas sacrificadas.
PISTÊTAIRO
Que é que você está dizendo? A que deuses?
ÍRIS
A que deuses? Essa é boa. A nós, os deuses do céu.
PISTÊTAIRO
Vocês são deuses?
ÍRIS
E há outros além de nós?
PISTÊTAIRO
Pois fique sabendo que as aves agora são os deuses dos homens! É a elas (por Zeus!) que devemos sacrificar, e não a Zeus!

ÍRIS
Petulante! Petulante! Não excite a ira terrível dos deuses! Você não receia que a justiça divina, armando-se do machado formidável de Zeus, extermine toda a sua raça, e que seus raios vingadores reduzam a cinzas você e seus palácios?
PISTÊTAIRO
Ouça, moça: acabe com esta gritaria e fique quieta. Você pensa que vai me intimidar com esta linguagem, como se eu fosse um pobre escravo da Lídia ou da Frígia? Você sabe que se Zeus continuar enchendo meu saco eu mandarei as águias, ministras dos raios, incendiar a morada dele e o palácio de Anfíon? Mandarei contra ele mais de seiscentas galinholas cobertas com peles de leopardos. Uma galinhola sozinha lhe fez antigamente muito mal! Se você continuar me aborrecendo, bela Íris, mensageira de Zeus, afastarei as pernas e lhe mostrarei que o coroa que sou ainda tem muito tesão!
ÍRIS
Tomara que você arrebente, jumento velho, com todo o seu palavrório indecoroso!
PISTÊTAIRO
Trate de escapar bem depressa! Vá embora! Cuidado com as porradas!
ÍRIS
Se meu pai não castigar sua violência…
PISTÊTAIRO
Que saco! Vá para outro lugar fazer medo às crianças com os raios de seu pai!
CORO
É proibido aos deuses da raça de Zeus atravessar de hoje em diante nossa cidade, e aos mortais que ofereçam sacrifícios deixar passar por aqui a fumaça das vítimas sacrificadas.
Sai ÍRIS.
PISTÊTAIRO
É muito estranho que o arauto enviado aos homens ainda não tenha voltado!
Entra o ARAUTO com uma coroa de ouro nas mãos.
ARAUTO
Pistêtairo feliz! Sábio Pistêtairo! Você aí, o mais ilustre, o mais hábil, o mais maravilhoso, o mais afortunado, o mais… (me ajude!).
PISTÊTAIRO
Que tem você a nos dizer?
ARAUTO
Todos os povos, em consideração à sua sabedoria, lhe oferecem esta coroa de ouro e lhe
prestam homenagens.
PISTÊTAIRO
Aceito. E por que os povos me prestam tantas homenagens?
ARAUTO

Ó glorioso fundador de uma cidade aérea! Você não imagina a veneração que os homens sentem por você, e o amor entusiasmado que esta cidade inspira! Antes de você fundá-la a Lacedemônia estava na moda, era uma mania universal: deixava-se crescer os cabelos, jejuava-se, vivia-se na maior sujeira à maneira de Sócrates, andava-se com bastões. Agora a moda mudou; usa-se o manto das aves; gosta-se de imitar o canto delas e de fazer tudo como elas fazem. Primeiro, desde o começo do dia todos saem do ninho para ir bicar grãos; depois vão ler os editais e avisos e devorar os decretos. Esta mania é tão forte que um grande número de cidadãos têm nomes de aves. Um manco, dono de cabaré, se chama Perdiz; Mênipo agora se chama Andorinha; Opúntio se chama Corvo Vesgo; Filoclés agora se chama Calhandra, Teagenes é Ganso-Raposa; Licurgo é Íbis; Cairefon é Morcego; Siracôsio é Pega; Meidias se chama Codorna (ele tem o jeito de uma codorna que levou uma porrada na cabeça). Enfim, esta mania pelas aves entrou até nas canções; fazem entrar nelas a andorinha, o ganso, a pomba (pelo menos as asas e a plumagem…); é isto que está acontecendo lá em baixo. Só tenho uma coisa a dizer: é que muitos milhões de homens virão para cá, pedir a você garras recurvadas e asas; então você tem de fornecer estas coisas para os novos habitantes.

PISTÊTAIRO

Se as coisas estão acontecendo assim, não temos tempo a perder. Você aí, vá o mais depressa possível encher de asas todas as cestas e todas as sacolas. Diga a Manes que me traga aqui as asas; receberei todas as criaturas que se apresentarem aqui.

CORO

Esta cidade não vai tardar a ficar cheia de gente vinda de todos os lugares.

PISTÊTAIRO

Desde que a sorte nos favoreça.

CORO

Todos os corações estão cheios de amor por nossa cidade.

PISTÊTAIRO

Dirigindo-se ao escravo.

Então traga imediatamente as asas.

CORO

Que falta à nossa cidade para torná-la um lugar agradável às pessoas? A Sabedoria, o Amor, as Graças imortais, a Paz com sua fisionomia serena, escolheram Nefelococigia para sua morada.

PISTÊTAIRO

Ainda dirigindo-se ao escravo.

Como você é lerdo! Será que você não pode andar mais depressa?

CORIFEU

Espancando o escravo.

Traga imediatamente um saco cheio de asas!

Dirigindo-se a PISTÊTAIRO.

Dê umas porradas nele para animá-lo, como estou fazendo. Ele é emperrado como um jumento.

PISTÊTAIRO
É isto mesmo; Manes é um grande preguiçoso.
CORO
Dirigindo-se ao escravo.
Você aí! Ponha as asas em ordem - as musicais, as proféticas, as agressivas, as agourentas (Ou seja, respectivamente, as asas de rouxinóis, de cisnes, de águias e de corvos.). Você deve dar a cada candidato a plumagem conveniente a seu caráter.
PISTÊTAIRO
Dirigindo-se ao escravo.
Pelos falcões! Não vou suportar por muito tempo a sua preguiça e lentidão!
PISTÊTAIRO espanca o escravo; entra o ADOLESCENTE.
ADOLESCENTE
Por que não sou a águia que plana lá no alto dos ares, para voar por cima das ondas azuis da imensa planície estéril?
PISTÊTAIRO
O mensageiro nos disse a verdade; aqui está alguém cantando louvores às águias.
ADOLESCENTE
Ah! Nada há de mais agradável que pairar nos ares! Amo as leis das aves, sou tarado por aves, quero morar com vocês. Estou apaixonado pelas leis de vocês!
PISTÊTAIRO
Que leis? São muitas as leis das aves.
ADOLESCENTE
Estou tarado por todas, mas principalmente pela que diz que é bacana entre as aves bicar e estrangular o próprio pai.
PISTÊTAIRO
De fato, consideramos valente aquele que, ainda jovem, espanca seu pai.
ADOLESCENTE
É isto que me traz para junto de vocês; quero estrangular meu pai para ficar com tudo que ele possui.
PISTÊTAIRO
Mas há entre nós uma lei antiga, inscrita nos registros públicos das cegonhas, que diz:
"Quando a cegonha cria seus filhos e os põe em condições de voar, estes devem por seu turno alimentar os pais".
ADOLESCENTE
Por Zeus! Ganhei muito em vir para cá se ainda for obrigado a alimentar meu pai…
PISTÊTAIRO
Isto não é necessário; já que você veio para cá com bons sentimentos em relação a nós, meu pobre amiguinho, vou emplumá-lo como ave órfã. Quanto ao resto, rapaz, vou lhe dizer uma coisa que não é ruim, e que aprendi comigo mesmo quando ainda era criança. Não espanque seu pai. Pegue com uma das mãos esta asa e com a outra este esporão de galo; imagine que você tem uma crista de galo (Os galos brigam até com seus pais.), fique de guarda, vá à luta, viva de

sua mesada e deixe seu pai viver. Já que você tem o instinto belicoso, levante voo para a Trácia e vá combater lá (Na época em que foi escrita esta comédia os atenienses estavam em guerra contra os trácios.).
ADOLESCENTE
Por Diôniso! Você me deu um bom conselho; vou segui-lo.
PISTÊTAIRO
Você estará agindo sabiamente.
Sai o ADOLESCENTE. Entra CINÉSIAS, poeta ditirâmbico aleijado de uma das pernas.
CINÉSIAS
Cantando.
"Estou voando para o Olimpo com minhas asas velozes; em meu voo percorro sucessivamente os sendeiros variegados da poesia…"
PISTÊTAIRO
À parte.
Aqui está um capenga que vai necessitar de uma carga inteira de asas.
CINÉSIAS
"Com o espírito e o corpo intrépidos, procuro novidades."
PISTÊTAIRO
Salve, Cinésias, amigo das tílias("Amigo das tílias" é uma alusão à palidez de Cinésias, já que as folhas de tília são de um verde pálido.)! Que vem você fazer aqui com seu pé estropiado?
CINÉSIAS
"Quero ser transformado em pássaro, num rouxinol de voz melodiosa."
PISTÊTAIRO
Pare de cantar e me diga o que tem a dizer.
CINÉSIAS
Ponha asas em mim; quero cruzar os ares e pedir emprestado às nuvens novos prelúdios aéreos e vaporosos.
PISTÊTAIRO
Você quer ir buscar prelúdios nas nuvens?
CINÉSIAS
Quero; elas são a fonte onde nossa genialidade se inspira. Os ditirambos mais pomposos são aéreos, nebulosos e voláteis. Basta você ouvi-los.
PISTÊTAIRO
Eu? Não!
CINÉSIAS
Sim, por Heraclés! "Descreverei o império aéreo, as formas das aves aladas de pescoços
longos, que pairam nas regiões etéreas."
PISTÊTAIRO
Pare!
CINÉSIAS
"Ah! Se eu pudesse, durante o meu delírio, correr sobre as ondas espumantes, impelido pelo sopro dos ventos!…"

PISTÊTAIRO
Por Zeus! Vou acabar com o seu delírio!
PISTÊTAIRO espanca CINÉSIAS.
CINÉSIAS
Pulando para evitar as pancadas de PISTÊTAIRO.
"E ora para calores meridionais, ora em direção ao frio boreal, sulcar as ondas aéreas sem praias."
Observando seus pulos.
Você imaginou um processo habilidoso de me ensinar a voar, coroa!
PISTÊTAIRO
Então? Você gosta de se lançar pelos ares?
CINÉSIAS
É assim que você trata um poeta cíclico disputado por todas as tribos?
PISTÊTAIRO
Você quer ficar conosco e ensinar à tribo Cecrópida um coro de aves voláteis?
CINÉSIAS
Percebo que você está rindo de mim, mas não me abespinho; não vou ficar quieto enquanto não tiver asas para percorrer as planuras aéreas.
Sai CINÉSIAS; entra um SICOFANTA (Sicofantas eram delatores profissionais em Atenas.).
SICOFANTA
Dirigindo-se a PISTÊTAIRO, que está com asas de andorinha.
Que aves indigentes são estas com sua plumagem de cores variadas? Me diga, andorinha de asas estendidas e malhadas.
PISTÊTAIRO
Nossos problemas não são pequenos. Aqui está outra "ave" que chega cantarolando.
SICOFANTA
Repito o que acabei de dizer: andorinha de asas estendidas e malhadas.
PISTÊTAIRO
Sem dúvida é a seu manto que se aplica a frase: "ele parece esperar impacientemente a volta das andorinhas" (Isto é, pelo verão.).
SICOFANTA
Quem está distribuindo as asas às pessoas que chegam?
PISTÊTAIRO
Sou eu, mas é necessário dizer qual é a finalidade das asas.

SICOFANTA
Asas! Quero asas! Não me faça mais perguntas.
PISTÊTAIRO
Será que você quer voar diretamente para Palene (Palene era uma cidade da Acaia, na Grécia, onde se fabricavam mantos de lã famosos na época por sua boa qualidade.)?
SICOFANTA
Não é nada disto; sou porteiro da assembleia perto das ilhas (Atenas impunha sua jurisdição às ilhas adjacentes à Grécia, graças a seu poderio naval.)...

PISTÊTAIRO
Boa profissão…
SICOFANTA
… e despachante no tribunal. Quero ter asas para fazer minha ronda pelas cidades e citar os acusados para enfrentarem a Justiça.
PISTÊTAIRO
E você fará as citações em melhores condições com asas?
SICOFANTA
Não, mas é para não ter nada a temer dos ladrões. Voltarei com os grous depois de estar
carregado de processos.
PISTÊTAIRO
É esta, então, a sua profissão? Essa não! Jovem e robusto como é, você escolheu a profissão de denunciar estrangeiros?
SICOFANTA
Que outra coisa eu poderia fazer? Não sei trabalhar com a enxada.
PISTÊTAIRO
Mas há outras profissões honestas, nas quais um homem de sua idade poderia ganhar a vida de maneira muito mais decente que fazendo trambiques nos processos.
SICOFANTA
Estou lhe pedindo asas, amigo, e não conselhos.
PISTÊTAIRO
Agora que você falou assim, eu lhe dou asas.
SICOFANTA
Como você pode dar asas em troca de palavras?
PISTÊTAIRO
Todos, graças às palavras, elevam-se como se tivessem asas.
SICOFANTA
Todos?
PISTÊTAIRO
Você não ouve no barbeiro os pais dizerem com frequência aos filhos: “As exortações de Diitrefés (Um novo rico proprietário de muitos cavalos.) deram asas a meu filho para a equitação?” Outros pais dizem que seu filho, levado pelas asas da imaginação, levantou voo na direção da poesia trágica.
SICOFANTA
Então os discursos dão asas?
PISTÊTAIRO
Dão; eles elevam o espírito e também dão ímpeto. É assim que desejo educar o seu filho e trazê-lo de volta ao bom caminho por meio de conselhos sábios quanto às ocupações honrosas.
SICOFANTA
Mas eu não quero nada disto!

PISTÊTAIRO

Que fará você, então?
SICOFANTA
Não quero que ele degenere; a profissão de delator é hereditária em nossa família. Me dê, então, asas velozes e leves, de gavião ou falcão, para que depois de ter sido denunciante de estrangeiros eu possa voltar a Atenas a fim de apoiar a acusação, e em seguida voltar às ilhas o mais depressa possível.
PISTÊTAIRO
Estou compreendendo… Para que os estrangeiros sejam condenados aqui antes de terem
chegado…
SICOFANTA
É isto mesmo!
PISTÊTAIRO
E que, em seguida, enquanto eles velejam por nossas costas, você retorne ao lugar onde eles estavam a fim de se apoderar de seus bens confiscados.
SICOFANTA
Exatamente! É necessário que eu vá como um pião.
PISTÊTAIRO
Um pião? Estou entendendo. Na verdade, tenho excelentes "aliados" de Côrcira (Em Côrcira fabricavam-se os melhores açoites da Grécia.).
SICOFANTA
Ai de mim! É um açoite de Côrcira que você tem na mão!
PISTÊTAIRO
Não; são asas para você girar como um pião!
PISTÊTAIRO açoita o SICOFANTA.
SICOFANTA
Ai! Ai! Ai!
PISTÊTAIRO
Vamos! Saia do ninho o mais depressa possível! Levante acampamento daqui, velhaco,
miserável! Vou fazer você sentir o que se ganha degradando a Justiça! Quanto a nós, juntemos as asas e vamos embora.
O SICOFANTA sai correndo. Os escravos apanham os sacos de asas e se retiram.
CORO
Em nosso voo através do ar miríades de novas maravilhas, miríades de objetos incríveis
aparecem diante de nossos olhos. Vimos uma árvore de uma espécie singular, chamada
Cleônimo (inútil, aliás), que tremia. Na primavera ela floresce e produz calúnias; no outono, em vez de folhas ela deixa cair escudos que cobrem a terra. Muito longe daqui, na região das trevas, em desertos tenebrosos, há um país onde os homens banqueteiam-se e convivem com os heróis enquanto não anoitece (depois não se teria certeza de encontrá-los). Se algum mortal

defrontasse à noite o "herói" chamado Orestes, era roubado e desancado a pancadas.
Entra PROMETEU com um capuz e um guarda-sol.
PROMETEU
Como sou infeliz! Tenhamos cuidado para que Zeus não nos veja! Onde está Pistêtairo?
PISTÊTAIRO
Uai! Que será isto? De quem é esta figura de rosto coberto por um capuz?
PROMETEU
Você está vendo algum deus atrás de mim?
PISTÊTAIRO
Não. Mas, quem é você?
PROMETEU
Que horas são do dia?
PISTÊTAIRO
Que horas? Pouco mais de meio-dia. Mas repito: quem é você?
PROMETEU
Na hora de desatrelar os bois, ou já é mais tarde?
PISTÊTAIRO
Você me deixa desconcertado!
PROMETEU
Que faz Zeus agora? Ele está espalhando ou reunindo as nuvens?
PISTÊTAIRO
Tomara que você se dane mil vezes!
PROMETEU
Neste caso eu descubro meu rosto.
PISTÊTAIRO
Ah! Meu caro Prometeu!
PROMETEU
Cuidado! Não grite o meu nome!
PISTÊTAIRO
Mas, qual é o caso?
PROMETEU
Silêncio! Não pronuncie meu nome; estarei perdido se Zeus me vir aqui. Mas se você quiser que eu lhe diga tudo que está acontecendo lá em cima, tome este guarda-sol e ponha ele por cima de minha cabeça, para que os outros deuses não me vejam.
PISTÊTAIRO
Grande ideia, e bem digna de Prometeu! Fique logo debaixo do guarda-sol e fale francamente.
PROMETEU
Então ouça.
PISTÊTAIRO
Estou ouvindo.
PROMETEU

Zeus já era.
PISTÊTAIRO
Desde quando?
PROMETEU
Desde que você construiu a cidade aérea. Ninguém mais oferece sacrifícios aos deuses; a partir de agora o odor das vítimas dos sacrifícios não sobe mais ao céu. Nós todos jejuamos como nas festas de Deméter (Para essas festas (Tesmoforias), veja-se a comédia *Só para mulheres* de Aristófanes.), privados dos sacrifícios. Os deuses bárbaros, famintos e ululando como os ilírios (Povo bárbaro da costa do mar Adriático.), ameaçam Zeus de organizar um ataque contra ele se não mandar reabrir o mercado para que seja possível importar as vítimas dos sacrifícios.
PISTÊTAIRO
Então ainda há deuses bárbaros acima de nós?
PROMETEU
Não foi entre os bárbaros que Execestides (Estrangeiro que se fazia passar por ateniense.) encontrou um patrono?
PISTÊTAIRO
E quais são os nomes desses deuses bárbaros?
PROMETEU
Eles se chamam Tríbalos.
PISTÊTAIRO
Estou ouvindo. Daí, sem dúvida, a expressão: "Tomara que eu possa ver as suas tripas em pleno ar!"
PROMETEU
Exatamente. Mas eis aqui uma coisa certa: os enviados de Zeus e dos Tríbalos virão até aqui tratar da paz; não concorde com coisa alguma até que Zeus tenha restituído o cetro às aves e dê a Soberania em casamento a você.
PISTÊTAIRO
Quem é a Soberania?
PROMETEU
É uma moça encantadora; ela administra os raios e tudo mais de Zeus: a sapiência no conselho dos deuses, as boas leis, a moderação, os arsenais, os xingamentos, a tesouraria, o dinheiro.
PISTÊTAIRO
Então ela é uma espécie de superintendente geral?
PROMETEU
Exatamente; se você conseguir tirar a Soberania de Zeus, será o senhor de tudo. Vim até aqui para lhe dar esta opinião, pois sempre tive uma grande afeição pelos homens.
PISTÊTAIRO
Realmente, é apenas a você que devemos os grelhados (Prometeu presenteou os mortais com o fogo.).
PROMETEU
Você sabe que eu também odeio os deuses.
PISTÊTAIRO

Você foi sempre inimigo deles.
PROMETEU
Um autêntico Tímon (Tímon foi um misantropo e um ateu famoso em sua época.) para eles. Mas tenho de voltar depressa para o céu; me dê meu guarda-sol; se Zeus me perceber lá do alto, vai pensar que estou marchando atrás de você com um buquê de flores.
PISTÊTAIRO
Segure também esta banqueta.
Saem todos.
CORO
No país das sombras há um pântano onde Sócrates, que nunca tomou banho, evoca as almas dos mortos. Lá está também Písandro (General ateniense contemporâneo de Sócrates.) para reencontrar a sua alma, que o tinha deixado desde o tempo em que ele ainda estava vivo. Písandro levava para ser vítima de um sacrifício um camelo em vez de um cordeiro. Ele degolou o camelo e, como Odisseu, retirou-se para um lugar ermo. Aí Cairefon (Um dos muitos discípulos de Sócrates, esquálido como um cadáver.) saiu do inferno para sugar o sangue do camelo - sim, senhores! Cairefon, o morcego!
Entram POSEIDON, HERACLÉS e o deus dos Tríbalos.
POSEIDON
Eis a cidade de Nefelococigia, para onde fomos enviados como embaixadores.
Dirigindo-se ao TRÍBALO.
Ei! Você aí! Que é que você está fazendo aqui? Você põe o manto no ombro esquerdo? Por que você não põe ele à direita? Ah! Infeliz! Você sofre do mesmo mal de Lespodias (General ateniense que sofria de uma doença de pele nas pernas e deixava cair o manto para esconder a doença.)? Ah! Democracia! A que você nos reduz, já que os deuses elegeram tal representante?
TRÍBALO
Você não calar (A maneira de falar do Tríbalo era a de um bárbaro.)?
POSEIDON
Você é uma peste! Nunca vi deus tão bárbaro! Você aí, Heraclés: que vamos fazer?
HERACLÉS
Eu já lhe disse. Tomei a decisão de estrangular o homem que não respeita a nossa condição divina.
POSEIDON
Mas, meu caro, fomos enviados para tratar da paz.
HERACLÉS
Por isso mesmo estou duas vezes resolvido a estrangular o homem.
PISTÊTAIRO
Saindo de casa acompanhado por escravos portando diversos utensílios de cozinha e uma mesa sobre a qual estão algumas aves penduradas para serem cozidas.
Me deem o ralador para queijo! Tragam os temperos! Me passem o queijo! Soprem as brasas!

HERACLÉS
Você aí, receba nossos cumprimentos, cumprimentos de três deuses.
PISTÊTAIRO
Vou ralar o tempero.
HERACLÉS
De que bichos são estas carnes?
PISTÊTAIRO
São as aves culpadas de conspiração contra as liberdades populares.
HERACLÉS
E você põe logo um tempero nelas?
PISTÊTAIRO
Meus cumprimentos, Heraclés. Que há de novo?
HERACLÉS
Fomos enviados pelos deuses para falar com vocês a fim de dar um jeitinho na situação…
ESCRAVO
Não tem azeite na garrafa.
PISTÊTAIRO
As carnes têm de ficar nadando em azeite…
HERACLÉS
Escute: nada ganhamos guerreando com vocês. Por outro lado, se vocês se tornarem nossos amigos vão ter água do céu em suas cisternas, e dias sempre serenos. É por isso que mandaram a gente vir até aqui para conversar com vocês com plenos poderes na qualidade de embaixadores.
PISTÊTAIRO
Não fomos nós que começamos a guerra e estamos prontos a fazer a paz, se vocês concordarem no que é justo. Nossa condição é que Zeus restitua o cetro aos pássaros. Se
houver acordo quanto aos artigos de um tratado, convido os embaixadores para o jantar.
HERACLÉS
Por mim, isto já me deixa satisfeito; estou de acordo.

POSEIDON
Que é isto, débil mental? Você é tão bobo e guloso a ponto de privar assim seu pai de sua autoridade?
PISTÊTAIRO
É isto mesmo! E vocês já não serão poderosos se as aves reinarem sobre a terra. Hoje os
homens cometem perjúrios impunemente valendo-se das nuvens que os escondem; mas se vocês tiverem as aves como aliadas, quando um homem tiver jurado pelo corvo e por Zeus, o corvo se aproximará furtivamente do perjuro e furará os olhos dele a bicadas.
POSEIDON

Por mim mesmo! Estas palavras foram bem ditas!
HERACLÉS
Meu pensamento é igualzinho ao seu.
PISTÊTAIRO
Dirigindo-se ao TRÍBALO.
E você aí, que diz?
TRÍBALO
Nabaisutreu (Aristófanes cria aqui uma palavra sem sentido em grego, para caracterizar a condição de bárbaros dos tríbalos.).
PISTÊTAIRO
Dirigindo-se a POSEIDON.
Você está ouvindo? Ele é da mesma opinião. Ouça agora outra vantagem de uma aliança entre nós. Se um homem, depois de haver dedicado um sacrifício a alguma divindade, fugindo ao cumprimento de sua promessa disser: "Os deuses podem esperar", e se recusar a honrar a palavra por mesquinharia, puniremos esse ímpio.
POSEIDON
Vejamos de que maneira.
PISTÊTAIRO
Quando esse homem estiver contando seu dinheiro, ou quando estiver tomando banho, um gavião virá sem ser visto, levará o valor de duas ovelhas e entregará todo ele ao deus.
HERACLÉS
Acho que se deve entregar o cetro a ele.
POSEIDON
Pergunte agora ao Tríbalo.
HERACLÉS
Ameaçando o TRÍBALO com seu porrete.
Você está com vontade de gritar "ai"?
TRÍBALO
Nãobom surraporrete (Cf. nota anterior; aqui há algo parecido com: "você não deve bater com o porrete.").
HERACLÉS
Ele está dizendo que eu falo muito bem.
POSEIDON
Se esta é a opinião de vocês dois, ela é também a minha.
HERACLÉS
É isso aí, gente boa! Estamos de acordo quanto ao cetro.
PISTÊTAIRO
Ainda há outra condição que eu estava esquecendo: deixo Hera para Zeus, mas vocês têm de me dar a Soberania para ser minha mulher.

POSEIDON
Você não está com vontade de fazer a paz.
Voltando-se para HERACLÉS.

Vamos embora!
PISTÊTAIRO
Pouco me importa. Trate de fazer um bom molho, cozinheiro!
HERACLÉS (Eram conhecidas e proverbiais a gula e a rudeza de Heraclés.)
Com um jeito conciliatório.
Poseidon, o mais divino dos homens, aonde vai você? Será que vamos guerrear por causa de uma mulher?
POSEIDON
Afinal, o que é que você deseja?
HERACLÉS
O que eu quero? Que a gente faça a paz.
POSEIDON
Essa não, ingênuo! Você não vê que eles estão nos enganando? Você está cavando a sua
própria sepultura! Que Zeus morra depois de entregar a Soberania a eles! Você estará reduzido à miséria. É a você que pertencem todos os bens deixados por Zeus em herança quando morrer.
PISTÊTAIRO
Ah! Ingênuo! Ele está enrolando você, Heraclés! Chegue mais perto para eu lhe dizer duas palavras. Seu tio (Poseidon, como irmão de Zeus, era tio de Heraclés.) está enganando você, pobre rapaz! De acordo com a lei, não ficará para você coisa nenhuma dos bens paternos, porque você é bastardo e não filho legítimo.
HERACLÉS
Eu, bastardo? Que é que você está querendo dizer com isto?
PISTÊTAIRO
É isto mesmo, pois sua mãe era estrangeira. Aí, de que maneira Atena seria a única herdeira, ela que é filha legítima de Zeus, se tivesse irmãos legítimos?
HERACLÉS
E se meu pai, morrendo, me legar a parte que a lei dá aos bastardos?
PISTÊTAIRO
A lei não permite que ele faça isto; este mesmo Poseidon, que anima você agora, será o
primeiro a disputar a herança na qualidade de irmão do falecido. A lei de Sólon é assim: “O bastardo é excluído da sucessão se houver filhos legítimos; faltando os filhos legítimos, a herança passa aos colaterais mais próximos.”
HERACLÉS
Então eu não tenho nenhum direito a uma parte dos bens de meu pai?
PISTÊTAIRO
Nenhum. Me diga: seu pai nunca mandou inscrever você no registro da tribo?
HERACLÉS
Não, e na verdade isto me deixava meio cabreiro.
PISTÊTAIRO
Por que este ar de espanto e estes olhares atravessados? Se você se unir a nós eu faço você ser rei, e farei você viver bebendo leite de aves.
HERACLÉS

Há muito tempo me parecem justas as suas razões a respeito da Soberania, e de minha parte entrego a moça a você.
PISTÊTAIRO
Dirigindo-se a POSEIDON.
E você aí, que diz?
POSEIDON
Eu me oponho a isto.
PISTÊTAIRO
Tudo agora depende do Tríbalo.
Dirigindo-se ao TRÍBALO.
Qual é a sua opinião?
TRÍBALO
A linda moça e grande soberana, dou ela a ave.
HERACLÉS
Sua opinião é dar a Soberania?
POSEIDON
Não; ele não disse isto, a não ser que ele diga que ela caminha como as andorinhas.
PISTÊTAIRO
Então ele diz que se deve dar a Soberania às andorinhas?
POSEIDON
Tratem vocês dois deste assunto e se entendam. Quanto a mim, já que vocês querem assim eu me calo.
HERACLÉS
Dirigindo-se a PISTÊTAIRO.
Concordo com tudo que você pede. Venha para o céu com a gente para receber a Soberania e tudo mais que ela tem.
PISTÊTAIRO
Apontando para as aves que estavam preparadas para ser cozidas.
Aquelas aves foram preparadas especialmente para as núpcias.
HERACLÉS
Vocês querem que, enquanto falam, eu fique aqui tratando de cozinhar as carnes? Podem ir embora.
POSEIDON
Cozinhar as carnes? Você só pensa mesmo em comer! Venha conosco!
HERACLÉS
Vão me tratar bem aqui…
PISTÊTAIRO
Me tragam aqui um traje nupcial!
Os escravos trazem o traje. Todos saem.
CORO
Em Fanes (Porto da ilha de Quios.), perto do relógio, está a raça malfazeja dos línguas-e-estômagos (No original, "Englotogastros".), cuja língua semeia, faz a colheita, faz a vindima, colhe os figos. Lá também há bárbaros, Górgias e Filipes (Górgias e Filipe eram oradores famosos em sua época.). É por causa desses Filipes

línguas-e-estômagos que em toda a Ática se deixa de lado a língua das vítimas nos sacrifícios.
Entra um MENSAGEIRO.
MENSAGEIRO
Feliz nação das aves, mais feliz do que se poderia dizer com simples palavras! Recebam seu rei em suas moradas afortunadas! Ele avança para seu palácio cintilante de ouro, envolto num fulgor mais ofuscante que o brilho de qualquer astro em qualquer tempo; os próprios raios do sol jamais tiveram tanto esplendor quanto a incomparável beleza da mulher que ele traz consigo; sua mão brande os relâmpagos alados de Zeus; os mais doces perfumes embalsamam a abóbada celeste. Encantador espetáculo! Uma nuvem de incenso se eleva num turbilhão. Mas ei-lo aqui, o próprio! Que a Musa divina abra seus lábios sagrados para cantos propícios!
PISTÊTAIRO, com uma coroa na cabeça, avança com a SOBERANIA.
CORO
Recuem, afastem-se dos lados e da frente! Façam roda em volta deste homem afortunado! Que a felicidade o acompanhe! Ah! Quanto encanto! Quanta beleza! Ah! Núpcias felizes para nossa cidade! Quanta prosperidade a raça das aves deve a este homem generoso! Acolham todos com um canto nupcial sua chegada e a da bela Soberania! Foi ao som de um concerto semelhante que o Destino uniu outrora o senhor dos deuses à celeste Hera! Himeneu! Himeneu! O Amor, adornado com suas asas de ouro, segurava as rédeas e presidia aquelas núpcias sagradas! Himeneu! Himeneu!
PISTÊTAIRO
Estou encantado com o hino de vocês; estou maravilhado com os cantos de vocês; estou
contente com as palavras de vocês. Agora cantem os mugidos celestes dos trovões, os raios brilhantes do novo Zeus, seus relâmpagos cintilantes e terríveis!
CORO
Ah! Raios brilhantes, dardos inflamados de Zeus, trovões estrondosos, mensageiros de
tormentas que abalam a Terra! É a vocês que ele deve o império do universo e a posse da Soberania! Himeneu! Himeneu!
PISTÊTAIRO
Venham, tribos aladas de todas as espécies! Sigam os esposos até as alturas de Zeus e até o leito nupcial. Apresente a sua mão, esposa querida, segure as minhas asas e dance comigo! Vou levá-la pelos ares!
CORO
Ió, Ió, Peã! Triunfo! Vitória! Ah! Maior dos deuses!

FIM

Aristófanes, *As Aves*, tradução do grego de Mário da Gama Kury, Rio de Janeiro, Zahar, 3ª edição, 2004.

Lisístrata

Personagens:

Lisístrata, Cleonice, Mirrina – mulheres de meia idade, atenienses
Lampito – mulher de meia idade, espartana
Duas Moças – (uma da Beócia, outra de Corinto)
Quatro Velhos – atenienses
Oito Mulheres – atenienses
Comissário de Polícia – ateniense
Quatro Soldados – atenienses
Cinésias – ateniense de meia idade, marido de Mirrina
Manes – criado de Cinésias. Um Menino, filho de Cinésias e Mirrina
Embaixador – espartano
Ministro – ateniense
Atenienses, Espartanos – das Delegações de Paz
Conciliação – personificada por uma mulher jovem e bonita

Época: Cerca de 411 anos antes de Cristo

Local: Atenas

CENÁRIO: *No primeiro plano a casa de Lisístrata de um lado, do outro a de Cleonice. No segundo plano, no meio de uns rochedos, uma gruta com altar ao Deus Pã. Ao fundo, a Acrópole.*
LISÍSTRATA – Se fosse para uma bacanal ou coisa parecida nem teria sido necessário convidá-las. Como é para coisa séria, até agora nenhuma mulher apareceu. (percebendo Cleonice que se aproximava). Até que enfim vejo uma vizinha saindo de casa! Bom dia, Cleonice!

CLEONICE – Bom dia, Lisístrata. Por que você está de cara amarrada? Deixe esse ar trágico, meu bem, você assim vai ficar com rugas.
LISÍSTRATA – É, Cleonice; estou com o coração pulando de raiva de nós mesmas, mulheres. Dizem que com os homens somos espertíssimas...
CLEONICE – E somos mesmo!
LISÍSTRATA - ... Mas quando se combina um encontro aqui para tratar de assunto tão sério, elas ficam dormindo; não aparecem!
CLEONICE – Mas queridinha, elas virão. Você sabe como é difícil para a mulher sair de casa. Uma deve ter estado muito ocupada com o marido; outra teve de acordar a empregada; outra deve ter tido de fazer as crianças dormirem; outra teve de lavá-las; outra deve ter tido trabalho com o mingau...
LISÍSTRATA – Sei de tudo isso, mas havia assuntos mais urgentes a tratar aqui!
CLEONICE – Mas afinal, querida, por que motivo você nos convocou?
LISÍSTRATA – Quero falar sobre uma coisa...
CLEONICE – É grande a coisa?
LISÍSTRATA – Muito grande!
CLEONICE – Então todas já deviam ter chegado!
LISÍSTRATA – *(com ar de desânimo):* A coisa não é essa em que você está pensando! Se fosse já estariam todas aqui há muito tempo. Trata-se de outra coisa, que está remexendo aqui em minha cabeça, que me faz ficar na cama virando para um lado e para outro há muitas noites.
CLEONICE – Então essa coisa que faz você se virar tanto deve ser o máximo!
LISÍSTRATA - É sim, e a salvação da pátria depende do apoio das mulheres à minha ideia.
CLEONICE – Das mulheres? Fraco apoio...
LISÍSTRATA – Fique certa de que o destino do país está em nossas mãos. Se falharmos a pátria estará perdida, será destruída por tantas lutas fratricidas. Mas se nós, as mulheres, nos unirmos, as mulheres de todos os rincões da Grécia, o país estará salvo.

CLEONICE – E que espera você que as mulheres façam de sensato ou de extraordinário, nós que vivemos diante do espelho às voltas com nossa “maquilagem”, nossos vestidos, nossa roupa de baixo, nossas sandálias?
LISÍSTRATA – É justamente isso que nos salvará; nossos vestidos provocantes, nossos perfumes, “rouge”, batom, camisolas transparentes...
CLEONICE – Mas como?
LISÍSTRATA – de tal maneira que não se verá mais ninguém erguer a lança contra ninguém...
CLEONICE – Nesse caso vou já mandar fazer um vestido bem decotado.
LISÍSTRATA - ... nem carregar escudo...
CLEONICE – Vou usar uma camisola transparente!
LISÍSTRATA - ... Nem empunhar espadas.
CLEONICE – Ah! Vou comprar umas sandálias bem chiques!
LISÍSTRATA – Diante disso você não acha que as mulheres já deviam ter chegado?
CLEONICE – Mais ainda: deveriam ter voado para cá há muito tempo.
LISÍSTRATA – É querida, mas você vai ver que como boas atenienses elas chegarão tarde demais. Ninguém apareceu! Nem da costa, nem das ilhas...
CLEONICE - Elas devem estar atracando... Mas olhe ali! Estou vendo algumas
aproximando-se!
LISÍSTRATA – *(mais animada)* É mesmo! Estão vindo outras do lado de lá!
(Entra Mirrina.)
MIRRINA – Será que chegamos tarde, Lisístrata? Que é que há? Por que esse silêncio?
LISÍSTRATA – Você não vai querer elogios por chegar tão tarde e sozinha para tratar de um caso tão importante!
MIRRINA - É que custei a encontrar minha cinta no escuro... Mas se o caso é tão urgente estamos aqui. Fale!
CLEONICE – Ainda não. Vamos esperar as mulheres das outras cidades. Elas não devem demorar.
LISÍSTRATA – Você tem razão. (entram Lampito, de Esparta, e duas moças, uma da Beócia e outra de Corinto). Aliás, Lampito está chegando! Muito bem, minha querida espartana! Salve ela! Você está linda, minha doçura! Que carnação bonita! Que corpo vigoroso! Você seria capaz de estrangular um touro!
LAMPITO – É mesmo. Eu faço ginástica no estádio e dou meus pulinhos para ficar musculosa!
LISÍSTRATA – (apalpando o busto de Lampito) Como é bom ter um busto assim rijo!

LAMPITO – Você está me apalpando como se quisesse me cortar em pedaços para vender a carne!
LISÍSTRATA – E essa moça aí, quem é?
MIRRINA – Uma moça de qualidades, como você está vendo. Ela é da Beócia.
LISÍSTRATA – Sim senhora! Logo se vê. Ela parece muito enxuta!
CLEONICE – É sim! É que a Beócia é muito seca. E ela deve ter pouca vegetação...
LISÍSTRATA – E essa outra mocinha, quem é?
LAMPITO – De uma família muito proeminente lá de Corinto.
CLEONICE – Proeminente mesmo, principalmente de perfil...
LAMPITO – Mas afinal quem convocou essa reunião de mulheres?
LISÍSTRATA – Fui eu.
LAMPITO – Então vá logo dizendo o que você quer.
CLEONICE – Sim, querida. Já é tempo de revelar que negócio tão sério é esse.
LISÍSTRATA – Vocês já vão saber. Antes, porém, vou fazer uma pergunta – uma perguntinha só.
CLEONICE – Quantas você quiser.
LISÍSTRATA – Vocês não sentem falta dos pais de seus filhos que a guerra mantém longe de vocês? Eu sei que os maridos de quase todas estão ausentes.
CLEONICE – *(suspirando)* Quanto ao meu, há cinco meses o coitadinho está fora, lá na Trácia, tomando conta de um general para ele não fugir!
LAMPITO – E o meu? O tempo que ele passa fora do regimento mal dá para pegar de novo o escudo e sai voando!...
LISÍSTRATA – É exatamente isso. Homem mesmo, que é bom, não há. Desde que começou esta última guerra nós não temos consolo... De grande só temos mesmo a saudade. Se eu achasse um meio, vocês concordariam com meu plano para acabar com esta guerra?
CLEONICE – É claro! Eu, pelo menos, topo qualquer parada, ainda que tenha que empenhar tudo o que é meu.
MIRRINA – Eu também, mesmo que tivesse de me cortar ao meio, como um linguado, e dar metade de mim!
LAMPITO – E eu subiria uma montanha de joelhos se soubesse que lá no cume encontraria a paz.
LISÍSTRATA – Então vou falar, pois não há mais razões para guardar segredo. Nós, mulheres, se quisermos obrigar nossos maridos a votar pela paz teremos de nos privar...
CLEONICE – De quê? Diga logo!
LISÍSTRATA - Vocês se privarão?
CLEONICE – Nós nos privaremos, ainda que tenhamos de morrer!
LISÍSTRATA – Muito bem: vocês terão de se privar... De fazer amor! Ei! Por que vocês estão indo embora? Aonde vocês vão? Por que estão

com essa cara amuada e coçando a cabeça? E essas lágrimas? Vocês vão ou não vão fazer o que eu disse? Qual é adificuldade?
CLEONICE – Isso eu não posso fazer. Deus me livre! Antes a guerra!
MIRRINA – Nem eu. Deus me livre! Prefiro a guerra!
LISÍSTRATA – É você quem fala assim, linguado, você que disse se deixaria cortar ao meio?
CLEONICE – Faço qualquer coisa que você queira. Se for preciso andar descalça em cima de uma fogueira, conte comigo. Antes isso que passar sem fazer amor. Isso é insubstituível, minha querida!
LISÍSTRATA – *(dirigindo-se a Mirrina)* E você?
MIRRINA – Eu também prefiro andar por cima da fogueira da Cleonice.
LISÍSTRATA – Ó sexo dissoluto! Não escapa uma! Não é sem razão que somos assunto de tu quanto é tragédia. Quando vocês não estão pensando num homem é porque estão pensando em vários! *(dirigindo-se a Lampito).* Mas minha querida espartana, você parece a única que está comigo. Unamo-nos! Ainda poderemos salvar a situação!
LAMPITO – É doloroso para uma mulher dormir sozinha, sem uma certa coisa... Em todo caso, estou resolvida, pois precisamos de paz!
LISÍSTRATA – Querida! Você é a única mulher de verdade entre todas essas aí!
CLEONICE – E se, na medida do possível, nós nos privássemos disso que você disse – Deus me livre! – você garante que conseguiríamos a paz? Será que não há outro meio?
LISÍSTRATA – O meio é exatamente esse! Se ficamos em casa, bem pintadas, comvestidos transparentes, deixando ver certos lugares bem depiladinhos, e quando nossos maridos avançarem para nós, taradinhos, loucos para nos agarrar, nós não deixarmos,garanto que eles votarão logo pela paz!
LAMPITO – É isso mesmo! Quando Menelau pôs o olho nos seios de Helena, largou logo a espada e mandou brasa!
CLEONICE – E se nossos maridos nem perceberem nossos encantos à mostra?
LISÍSTRATA – Eles veem até o que está escondido, minha filha, quanto mais o que se mostra!...
CLEONICE – Eu acho tudo isso uma bobagem. Não gosto de fingir. Mas se eles nos agarrarem e nos levarem à força para o quarto?
LISÍSTRATA – Vocês seguram na porta.
CLEONICE – E se eles baterem em nós?
LISÍSTRATA – Em último caso, vocês deixam, mas de má vontade e sem cooperar. Não há prazer nessas coisas quando forçadas. Além disso, é preciso faze-los sofrer. Fique tranquila; eles entregarão logo os pontos, pois o homem sem mulher não tem prazer em nada.
CLEONICE – Se vocês são dessa opinião... Eu também sou!
LAMPITO – Nós em Esparta convenceremos nossos homens a votar por uma paz justa, leal. Mas os atenienses, que são de briga, como vai

ser possível aquietá-los?
LISÍSTRATA – Não tenha receios quanto a isso. Daremos um jeito neles...
LAMPITO – Enquanto eles tiverem navios de guerra e o Tesouro lá na Acrópole estiver cheio, acho difícil.
LISÍSTRATA – Mas nós pensamos nisso também. Vamos assaltar a Acrópole hoje, minha filha. As mulheres mais velhas têm ordem para isso; enquanto estivermos nos concentrando aqui, a pretexto de rezar juntas, elas ocuparão a Acrópole.
LAMPITO – Bem; assim pode ser. Você agora me convenceu.
LISÍSTRATA – Então, Lampito, por que não nos unimos logo por um juramento, para que nosso pacto seja inviolável?
LAMPITO – Boa ideia! Então diga como devemos jurar.
LISÍSTRATA – Vamos tratar disso.
CLEONICE – Que juramento você quer fazer, Lisístrata?
LISÍSTRATA – Vamos todas jurar com as mãos em cima de um escudo, como fazem os homens.
CLEONICE – Ora, Lisístrata! Esse negócio de escudo cheira a guerra e nós queremos paz.
LISÍSTRATA – Então como vamos jurar? *(pausa)* Tenho outra ideia. Em vez de escudo vamos usar uma grande taça cheia de vinho para jurar, uma taça de paz. Tragam a taça e vinho!
CLEONICE – Mas Lisístrata, vinho é vermelho e lembra sangue. E depois podemos ficar embriagadas...
LISÍSTRATA – Assim não se vai chegar a nenhuma conclusão, Cleonice.
CLEONICE – Então eu quero ser a primeira...
LISÍSTRATA – Não senhora!
CLEONICE - ... A primeira a beber um traguinho desse vinho perfumado.
LISÍSTRATA – Ponham as mãos por cima da taça. Vamos, Lampito! E uma de vocês repetirá em nome de todas o que eu for dizendo. Vocês jurarão o mesmo que eu e nosso compromisso solene será indissolúvel. Atenção! Vamos começar “Não deixarei nenhum homem, seja amante ou marido...”
CLEONICE – “Não deixarei nenhum homem, seja amante ou marido...”
LISÍSTRATA – “... chegar perto de mim...” *(dirigindo-se a Cleonice que permanecia calada)* Vamos! Repita!
CLEONICE – *(com voz sumida)* “... chegar perto de mim...” Ai! Meus joelhos estão fraquejando, Lisístrata!
LISÍSTRATA – “Ficarei em casa sem homem...”
CLEONICE – “Ficarei em casa sem homem...”
LISÍSTRATA – “... vestida com camisola transparente e toda enfeitada...”
CLEONICE – “... vestida com camisola transparente e toda enfeitada...”

LISÍSTRATA – "... para que meu marido fique tarado por mim..."
CLEONICE – "... para que meu marido fique tarado por mim..."
LISÍSTRATA – "... e não me entregarei a ele até que ele vote pela paz..."
CLEONICE – "... e não me entregarei a ele até que ele vote pela paz..."
LISÍSTRATA – "... e se, contra a minha vontade, ele me forçar..."
CLEONICE – "... e se, contra a minha vontade, ele me forçar..."
LISÍSTRATA – "... não me enroscarei nele nem o abraçarei..."
CLEONICE – "... não me enroscarei nele nem o abraçarei..."
LISÍSTRATA – "... nem levantarei meus pés para o teto..."
CLEONICE - "... nem levantarei meus pés para o teto..."
LISÍSTRATA – "... nem farei qualquer movimento."
CLEONICE – "... nem farei qualquer movimento."
LISÍSTRATA – "... Se eu guardar meu juramento, permitam os deuses que eu possa beber sempre vinho..."
CLEONICE – "... Se eu guardar meu juramento, permitam os deuses que eu possa beber sempre vinho..."
LISÍSTRATA – "... mas se eu quebrar meu juramento, que esta taça se encha d'água!"
CLEONICE – "... mas se eu quebrar meu juramento, que esta taça se encha d'água!"
LISÍSTRATA – Todas juram?
TODAS JUNTAS – Juramos!
LISÍSTRATA – Então bebamos! *(demora bebendo)*
CLEONICE – Ei! Beba só a sua parte! Afinal, se todas juramos, todas devemos beber!
(A taça é passada sucessivamente a todas. Ouvem-se gritos ao longe)
LAMPITO – Que barulho é esse?
LISÍSTRATA – Exatamente o que eu lhe dizia: as mulheres acabam de conquistar a Acrópole. Ocuparam o Tesouro. Agora, Lampito, vá fazer seus preparativos e deixe essas moças comigo como reféns. *(Lampito retira-se)*. E nós vamos juntar-nos às outras mulheres na Acrópole e ajudá-las a aferrolhar o Tesouro.
CLEONICE – Você não receia que os homens contra-ataquem daqui a pouco?
LISÍSTRATA – Não tenho medo deles. Só abriremos as... Portas quando aceitarem nossas condições.
CLEONICE – Isso mesmo, ou então não mereceríamos a fama de criaturas mais perigosasdo mundo.
(Saem todas. Novo cenário. Veem-se as portas da cidadela da Acrópole. Entram pela direita quatro homens idosos carregando lenha e trazendo nas mãos panelas fumaçantes.)
1.º VELHO – Avance homem! Vá mostrando o caminho com seus passos miúdos, apesar dessas toras de árvores que você leva no ombro!

2.º VELHO – Acontece tanta coisa inesperada nesta vida! Nunca eu imaginei que mulheres criadas por nós, essas peste dentro de nossas casas, assaltassem a Acrópole e ocupassem o Tesouro! E ainda por cima fecharam as portas da cidadela com trancas e ferrolhos!
1.º VELHO – Vamos então mais depressa para a Acrópole. Para as mulheres temos aqui essas toras; vamos fazer uma fogueira e assar todas as que se meterem nesse negócio, acomeçar por Lisístrata.
3.º VELHO – Muito bem! Enquanto eu for vivo elas não rirão no meu nariz. O próprio rei de Esparta, que antes ocupou a Acrópole, depois que eu tomei as armas dele na valentia teve que sair de lá correndo desabaladamente em trajes menores. Como ele era cabeludo esujo!
1.º VELHO – Eu lembro disso! Também ajudei a cercar o homem! Seria uma vergonha se eu, só com minha presença, não conseguisse impedir umas mulheres, essas criaturas odiadas pelos deuses e pelos autores de tragédias, de continuarem a fazer violências! Se eu não der um jeito nelas jogo fora todos os meus troféus de guerra!
2.º VELHO – Só falta subir essa ladeira desgraçada que leva à Acrópole. Quero chegar lá já e já. Será que poderemos levar essa lenha até lá em cima sem a ajuda de uns burros de carga? Essas duas toras já feriram meu ombro! Mas temos de marchar e soprar o fogo para ele não apagar no caminho. *(sopra a panela)* Puxa! Que fumaça!
3.º VELHO – *(também soprando a panela)* Quero o fogo bem aceso para atacar essas mulheres lá em cima! Essa fumaça está de morte!
1.º VELHO – Meu fogo graças a Deus está bem vivo. Vamos baixar nossas toras aqui mesmo? Depois mergulharemos umas tochas nas panelas cheias de fogo e iremos até as portas da cidadela. Se as mulheres não atenderem ao nosso ultimato para abrir as... Portas, poremos fogo nelas. Elas vão virar cinza! Vou pôr minha carga no chão. Quanta fumaça! Quem me dá uma mãozinha para baixar esse pau? *(põe a lenha no chão juntamente com os outros velhos)*. Que alívio! Essa tora já estava esfolando o meu pescoço. Agora vou soprar melhor as brasas na panela para por fogo na minha tocha. Soberana Vitória! Se ficares conosco e nos permitires reprimir a audácia das mulheres na Acrópole erigiremos um troféu em tua honra! Vamos mandar brasa nelas!
(Os velhos põem fogo na lenha com as tochas acesas. Entram pela esquerda quatro mulheres trazendo vasos cheios d'água).
1.ª MULHER – Alguma coisa está pegando fogo! Que fumaceira! Deve haver alguma fogueira por aqui! Vamos depressa ver o que há.
2.ª MULHER – Depressa pessoal, antes que esse fogo soprado pelo vento e pelos velhos queime nossas amigas que estão lá dentro da cidadela. Só tenho medo de não chegarmos a tempo de salvá-las. É que havia tanta mulher enchendo vasos na fonte e tanta mulher no caminho já com os vasos cheios que custei a chegar até aqui.

3.ª MULHER – Vim correndo quando ouvi dizer que uns velhos imbecis estavam marchando para cá com paus na mão como se fossem esquentar água para tomar banho, ameaçando céus e terras. *(imitando a voz dos velhos)*. “Vamos comer essas abomináveis mulheres assadas na grelha!” Eles vão ver! Em vez de virar churrasco vamos livrar a Grécia e nossos concidadãos da guerra e dessas loucuras todas! Foi para isso que nossas amigas ocuparam a Acrópole. Temos água bastante para apagar o fogo de qualquer homem que se aproximar delas!

1.ª MULHER – Pare de falar! *(percebendo os velhos)* Que é isso? Ah! São os sem-vergonha! Se fossem boas coisas não fariam esse papel!

1.º VELHO – *(percebendo a chegada das mulheres)* Por essa eu não esperava! Uma porção de mulheres vindas de fora para socorrer as lá de dentro!

1.ª MULHER – Por que esse ar abobalhado diante de nós? Será que vocês estão nos achando muitas? Pois bem! Vocês não viram nem a décima milionésima parte!

1.º VELHO – *(dirigindo-se ao 2.º Velho)* Vocês vão engolir tudo isso calados? Já não temos motivos bastantes para baixar o pau nelas?

1.ª MULHER – Vamos pôr também os vasos no chão para poder usar as mãos se eles nos atacarem.

1.º VELHO – Se já tivéssemos dado duas ou três pauladas nelas, elas não estariam mais falando pelos cotovelos.

1.ª MULHER – Pois então bata! Estou aqui e não dou um passo para fugir. Mas tenha cuidado que nunca mais você vai poder fazer coisa alguma com mulher nenhuma!

1.º VELHO – Se você não se calar eu vou fazer uma porção de rachinhas na sua pele a pauladas!

1.ª MULHER – Toque em mim ainda que seja com o dedo mindinho para você ver o que acontece! Aproxime-se!

1.º VELHO – E se eu pusesse você no chão com um direto? Que é que você faria comigo?

1.ª MULHER – Arrancaria seus pulmões e outras coisas a dentadas!

1.º VELHO – Não há ninguém mais inteligente que os autores de tragédias. Eles é que têm razão. Pode haver criatura mais sem-vergonha que a mulher?

1.ª MULHER – Mulheres! Levantemos nossos vasos d’água!

1.º VELHO – Que negócio é esse, flagelo dos deuses? Que é que você vai fazer com essa água?

1.ª MULHER – E você com esse fogo, sepultura ambulante? Será para reacender o seu... Entusiasmo, que está apagadinho?

1.º VELHO – É para fazer uma fogueira e assar você e suas amigas!

1.ª MULHER – E esta água é para apagar o seu fogo!

1.º VELHO – E você acha que é capaz de apagar o meu fogo?

1.ª MULHER – Você vai ver se não sou!

1.º VELHO – O que eu vou ver é você virar churrasco nesta tocha!
1.ª MULHER – Vocês está precisando é de um bom banho!
1.º VELHO – Banho? Suja é você!
1.ª MULHER – E um banho bem esfregado!
1.º VELHO – *(dirigindo-se a outro velho)* Você está ouvindo essa insolente?
1.ª MULHER – Fique sabendo que eu sou uma mulher livre!
1.º VELHO – Pois eu vou acabar com essas liberdades!
1.ª MULHER – Você não está no tribunal para ficar aí sentenciando, velhinho!
1.º VELHO – *(falando à tocha, que tem na mão)* Bota fogo no cabelo dela, tocha!
1.ª MULHER – *(falando ao vaso que tem na mão)* Apaga o fogo dele, água! *(joga a água do vaso no velho).*
1.º VELHO – Ai, desgraçada!
1.ª MULHER – Está quente?
1.º VELHO – Quente coisa nenhuma! Vamos acabar com isso! Que é que você está fazendo, mulher?
1.ª MULHER – Estou regando você, para ver se você fica mais viçoso...
1.º VELHO – Eu não sou seco, sou é enxuto! Estou tremendo mas é de frio.
1.ª MULHER – Por que você não se esquenta nesse fogo que você tem aí?
(Chega um Comissário de Polícia seguido de quatro soldados)
COMISSÁRIO – Que barulho é esse aí? Mulher só sabe falar alto!
1.º VELHO – Isso não é nada. O senhor precisava ver a insolência delas! Entre outras coisas elas nos molharam com a água desses vasos! Parece até que fizemos uma coisa feia...
COMISSÁRIO – Bem feito! Nós deixamos as mulheres mostrarem a sua ruindade e depois nos queixamos. Há maridos que vão ao joalheiro e dizem: “Você sabe aquele colar de minha mulher que você consertou? Um dia desses ela estava dançando e aquele negócio pendurado caiu de novo. Eu vou viajar hoje e você bem que podia passar lá em casa para falar com minha mulher e pôr o negócio pendurado no lugar!” Outros vão ao sapateiro, homem de grande negócio e dizem: “O dedinho de minha mulher está todo machucado pela argola daquela sandália que comprei aqui para ela. Passe lá em casa ao meio-dia para alargá-la!” O resultado é esse. Eu, comissário, acostumado a quebrar galhos, não vou permitir que essas mulheres me fechem a porta no nariz! Mas não adianta nada ficar plantado aqui. *(dirigindo-se a um soldado)* Traga os pés-de-cabra! Quero acabar com a insolência delas! Que é que você está fazendo aí parado de boca aberta, infeliz? *(dirigindo-se a outro soldado)* E você, para onde está olhando? Parece que nunca viu mulher! Quer fazer o favor de introduzir os pés-de-cabra por baixo da porta para arrombá-la? Eu mesmo vou ajudar a fazer força.

(Abre-se a porta da cidadela e aparece Lisístrata).
LISÍSTRATA – Não é preciso arrombar coisa alguma. Eu mesma saio. Para que pés-de-cabra? Não é isso que falta, mas bom senso e miolo!
COMISSÁRIO – Você é engraçadinha mesmo! Onde estão os soldados? Você aí! Prenda essa mulher e amarre as mãos dela nas costas! *(avança um soldado)*
LISÍSTRATA – Isso não! Se você me tocar com a ponta dos dedos, mesmo sendo autoridade você vai ter muito que gemer! *(o soldado recua)*
COMISSÁRIO – *(ao soldado)* Você está com medo? Vamos, homem! Segure os braços dela!
(Aparecem pela porta Cleonice e Mirrina).
CLEONICE – *(dirigindo-se ao soldado)* Se você puser as mãos em cima dela eu esvazio suas tripas a pontapés!
(Diante da atitude ameaçadora de Cleonice e Mirrina os soldados recuam.)
COMISSÁRIO – Vejam só! “Esvaziar as tripas”! Não há outros soldados por aqui? Amarre essa aí antes das outras, pois ela gosta de gracejar!
MIRRINA – *(dirigindo-se ao 3.º soldado)* Se você tocar nela, ainda que seja de
leve, vai ter de chamar um médico! *(o terceiro soldado recua)*
COMISSÁRIO – Que é que há? Outro soldado! Segure essa valentona! Não vou deixar vocês escaparem!
LISÍSTRATA – *(dirigindo-se ao 4.º soldado)* Se você se aproximar dela eu arranco o resto de seus cabelos! *(O 4.º soldado recua)*
COMISSÁRIO – Não é possível! Vamos, soldado! Não podemos perder para mulheres! Marchemos juntos contra elas, em formação de combate!
LISÍSTRATA – Estou perdendo a paciência! Vou ter de mostrar a vocês que temos quatro batalhões de mulheres prontas para tudo e muito bem armadas!
COMISSÁRIO – Conversa! *(aos soldados)* A ordem é amarrar as mãos delas nas costas. Vamos! *(os soldados fazem menção de avançar)*
LISÍSTRATA – Mulheres! Saiam todas! Mostrem a sua... bravura *(as mulheres saem aos gritos. Os soldados fogem)* Podem voltar lá para dentro. Também não é preciso agarrá-los!
COMISSÁRIO – Que vergonha para meus soldados!
LISÍSTRATA – Mas que é que você esperava? Você pensou que estava lidando com seres inferiores? Ou você pensa que mulher não tem coragem?
COMISSÁRIO – Elas têm até demais... Para certas coisas!
1.º VELHO – Não adianta, comissário! Com elas é tempo perdido. Por que o senhor foi se meter com essas feras? Não queira saber o banho que elas me deram há pouco, e sem sabão!

1.ª MULHER – Mas meu caro, não se deve pôr a mão nos outros por qualquer bobagem. Quem faz isso está sujeito a ficar de olho preto. A única coisa que eu quero é ficar sossegada como um brotinho tímido, sem aborrecer ninguém, sem mexer numa palha. Mas que ninguém ponha a mão na colmeia para apanhar o mel! Quando eu me zango sou de doer!
2.º VELHO – Que é que vamos fazer com essas feras? Não aguento tanto insulto! Precisamos pensar seriamente no caso: por que será que eles ocuparam a cidadela da Acrópole?
1.º VELHO – *(apontando para Lisístrata)* Pergunte a ela! Passe a conversa nela! E não deixe sem resposta o que ela quiser.
COMISSÁRIO – *(dirigindo-se a Lisístrata, Cleonice e Mirrina)* Muito bem. Antes de mais nada quero saber por que vocês ocuparam a cidadela.
LISÍSTRATA – Para guardar o dinheiro que está lá no Tesouro e impedir vocês de fazerem guerras por causa desse dinheiro.
COMISSÁRIO – Então é por causa do dinheiro que fazemos guerras?
LISÍSTRATA – Sim senhor! Vocês e todos os outros. É para poderem roubar nos cargos públicos que vocês vivem armando encrencas. Vocês podem fazer o que quiserem, mas no dinheiro do povo, que está lá dentro, ninguém põe a mão!
COMISSÁRIO – E você! Que é que vai fazer?
LISÍSTRATA – Você ainda pergunta? Agora somos nós, as mulheres, que vamos administrar os dinheiros públicos.
COMISSÁRIO – Vocês vão administrar o Tesouro?
LISÍSTRATA – Que há de estranho nisso? Não somos nós que administramos os bens de vocês em nossas casas?
COMISSÁRIO – Mas não é a mesma coisa!
LISÍSTRATA – Como não é a mesma coisa?
COMISSÁRIO – Os dinheiros públicos são para a guerra.
LISÍSTRATA – mas para início de conversa não é absolutamente necessário que haja guerras.
COMISSÁRIO – Como então havemos de garantir nossa segurança?
LISÍSTRATA – Agora seremos nós, as mulheres, que cuidaremos da segurança de vocês.
COMISSÁRIO – Vocês?
LISÍSTRATA – Sim senhor. Nós.
COMISSÁRIO – Essa é muito forte!
LISÍSTRATA – Ainda que não queiram, vamos salvá-los.
COMISSÁRIO – Essa não!
LISÍSTRATA – Eu sei que vocês não vão gostar, mas pouco importa.
COMISSÁRIO – Mas vocês não tem direito de fazer isso!
LISÍSTRATA – Mas temos o dever de salvá-lo, meu amigo.
COMISSÁRIO – Mesmo sem eu pedir?
LISÍSTRATA – Então? Principalmente se você não pedir.

COMISSÁRIO – Mas onde vocês foram buscar essa ideia de se meterem com a guerra e com a paz?
LISÍSTRATA – Nós vamos explicar.
COMISSÁRIO – *(fazendo um gesto ameaçador)* Então fale depressa, senão vai levar umas bordoadas.
LISÍSTRATA – Pois escute e trate de ficar com as mãos bem quietinhas!
COMISSÁRIO – Não posso contê-las. Elas estão loucas para bater em alguém!
CLEONICE – Então bata em você mesmo!
COMISSÁRIO – *(dirigindo-se a Cleonice)* Qual é o caso, coroa? Você é que está precisando de umas palmadas! *(à Lisístrata)* Agora fale!
LISÍSTRATA – Falo mesmo. No princípio da guerra nós, com a moderação própria das mulheres, suportamos tudo de vocês, homens (como vocês fizeram tolices!), pois vocês não nos deixavam abrir a boca. E vocês não faziam coisa alguma para nos agradar. Nós, que conhecíamos vocês muito bem, quando às vezes ficávamos sabendo de resoluções desastradas sobre assuntos importantíssimos, perguntávamos a nossos maridos: “Que foi que decidiram hoje na Assembleia a respeito da paz?”. “Que é que você tem com isso?”, dizia meu marido; “Cale-se!” E eu me calava.
CLEONICE – Ah! Mas eu não me calava!
COMISSÁRIO – Eu imagino o que sobrava para você quando você não se calava!
LISÍSTRATA – Pois eu me calava. As resoluções pioravam cada vez mais. E eu perguntava: “Mas meu marido, como é que vocês podem fazer tantas tolices?” E ele, olhando para mim de cima para baixo, dizia: “Se você não voltar já para suas agulhas e linhas vai ter! A guerra é assunto para homens, como dizia o poeta.”
COMISSÁRIO – Esse camarada tinha razão!
LISÍSTRATA – Razão por que, bobão? Vocês tomavam resoluções idiotas e nós não podíamos nem dar conselhos. Mas quando ouvíamos dizer nas ruas: “Não há mais homens nesta terra?” e a resposta “Não; acabou!”, então ficamos impressionadas e resolvemos, num comício de mulheres, trabalhar unidas pela salvação da Grécia. Não podíamos mais esperar. Se vocês quiserem escutar quando dermos bons conselhos e souberem calar, como nós sabíamos, seremos a salvação de vocês.
COMISSÁRIO – Vocês, salvação nossa? É muita pretensão! Essa linguagem eu não aguento!
LISÍSTRATA – Então cale-se!
COMISSÁRIO – Eu, calar, mandado por você? Você, que usa vestido? Que atrevimento!
LISÍSTRATA – Se o caso é esse, então eu lhe dou o vestido. Está aí. Vista-o e cale-se!

CLEONICE – Tome também estas agulhas de bordar e este pano. Depois puxe
delicadamente o vestido, sente-se e fique bordando quietinho, ruminando qualquer coisa. E ouça bem: “A guerra passou a ser assunto para mulher!”
1.ª MULHER – *(dirigindo-se às outras)* Mulheres! Deixem os vasos aí e vamos ajudar nossas amigas lá dentro!
Saem todas as mulheres, menos Lisístrata, Cleonice e Mirrina.
LISÍSTRATA – Mas se o doce amor encher nosso corpo de desejos e deixar os homens com um entusiasmo de endurecer o... Coração, creio que mereceremos as maiores recompensas.
COMISSÁRIO – Por haver feito o quê?
LISÍSTRATA – Por haver feito que não haja mais soldados fanfarrões desfilando sua vaidade nas ruas!
CLEONICE – Isso mesmo!
LISÍSTRATA – Pois atualmente as ruas estão repletas deles, passeando cheios de armas e pose, mais duros que postes!
COMISSÁRIO – É a atitude que convém aos bravos.
LISÍSTRATA – Com toda bravura fica muito difícil andar por aí de capacete e escudo fazendo comprinhas...
CLEONICE – Exatamente! Um dia desses vi um comandante de cavalaria parado perto de uma vendedora ambulante, montado, tomando sopa de legumes no capacete. Vi outro com suas armas treinando pontaria em figos e azeitonas, assustando todo mundo...
COMISSÁRIO – Mas como vocês conseguirão acabar com essa desordem toda que há por aí?
LISÍSTRATA – Com a maior simplicidade.
COMISSÁRIO – Pois explique!
LISÍSTRATA – Como nós fazemos quando estamos bordando. Se a linha embaraça é porque há um nó e então desfazemos o nó. Do mesmo modo vamos desfazer esse nó chamado guerra e outros.
COMISSÁRIO – Ah!... Então é com linhas e agulhas que vocês pretendem dar jeito em tudo quanto é situação complicada? Que bobagem!...
LISÍSTRATA – Sim senhor! Se vocês tivessem juízo prestariam mais atenção à nossa linha para não fazerem feio em todas as situações complicadas.
COMISSÁRIO – Como? Vamos! Diga!
LISÍSTRATA – Primeiro só usaríamos a linha dura. Depois, é tanta gente querendo ocupar os cargos públicos que é como se quisesse enfiar uma porção de linhas ao mesmo tempo no buraco de uma agulha só. Isso não vai mais acontecer! Só entra na agulha linha fina. Linha que pretenda engrossar não entra! Mas para os esforços maiores cada um terá de cooperar com sua linha até formarmos uma corda bem forte,

obra da boa vontade de todos, nacionais e estrangeiros. Mais ainda: com muita linha poderemos fazer tecidos para vestir todo o povo!
COMISSÁRIO – Não é mesmo um desaforo misturar assuntos tão sérios com linhas e agulhas? Bem se vê que elas nunca tomaram parte numa guerra!
LISÍSTRATA – Você é mesmo um retardado! O fato é que nós, as mulheres, sofremos duplamente com a guerra. Primeiro, quando levam nossos filhos para combater...
COMISSÁRIO – Cale a boca, mulher! Não fique recordando coisas tristes!
LISÍSTRATA - ... Depois, quando o natural seria experimentar os prazeres da vida e gozar a mocidade com nossos maridos, ficamos em casa sozinhas por causa da guerra. Não quero nem falar no que nós, as casadas, sofremos com isso, mas para as solteiras ainda é pior, pois elas envelhecem solitárias em seus quartos. Sabe lá o que deve ser isso?
COMISSÁRIO – E os homens por acaso não envelhecem?
LISÍSTRATA – Ora, comissário! Não é a mesma coisa! Um homem quando volta da guerra, por mais velho que seja, trata logo de casar com um broto. E a mulher, que tem a vida ativa mais curta? Se não aproveitar essa fase ninguém mais vai querer casar com ela. A solteirona passa o resto da vida esperando uma coisa que não vem...
COMISSÁRIO – Mas todo homem como eu, ainda capaz de dar o que vocês querem...
LISÍSTRATA – Essa é fina! Logo você, que não sei o que está esperando para morrer! O chão está aí; é só arranjar um buraco. Eu até ajudo a enterrar.
CLEONICE – E eu faço uma mortalha.
MIRRINA – E eu ponho uma coroa em cima.
LISÍSTRATA – Então? Não falta mais nada. A morte está chamando. Vá logo.
As mulheres afastam-se.
COMISSÁRIO – *(empertigando-se)* Isso é molecagem! Que maneira grossa de tratar uma autoridade! Mas isso não fica assim! Vou contar tudo aos outros comissários!
(O comissário retira-se).
1.º VELHO – *(dirigindo-se aos outros velhos)* Não podemos dormir no ponto, pessoal. Vamos enfrentar a situação, que não está cheirando bem.
2.º VELHO – Para mim esse cheiro não é propriamente da situação. É de coisa pior. Sinto no ar um cheirinho de... Ditadura!... Se há alguma coisa espartana nisso, na certa ela está conspirando com as outras mulheres para pôr a mão em nosso dinheiro!
1.º VELHO – É mesmo! Elas ainda têm coragem de censurar os homens! E ficam falando de guerra como se fosse ocupação delas! E

ainda por cima querem nos reconciliar com os espartanos! Quem é que pode confiar neles? Um lobo de goela aberta merece mais confiança! Isso tudo me parece um golpe para impor a ditadura! Mas comigo não! Ditadura não é para homem! Estou de olho vivo! Vou me armar dos pés à cabeça e vou para a praça pública! Essa velha maldita vai ver! Vou dar um soco no queixo dela!
(As mulheres reaparecem).
1.ª MULHER – Ah!... É? Pois quando você voltar para casa nem sua mãe vai reconhecê-lo. *(dirigindo-se às outras mulheres)* Vamos logo tirar um pouco dessas roupas que estão atrapalhando os nossos movimentos! *(dirigindo-se aos velhos)* Vocês não creem que eu possa dar bons conselhos à cidade? Não é crime ter nascido mulher e o sexo não me impede de ter ideias melhores que as que andam por aí. Posso dar ao país outras coisas boas além dos filhos que já dei! E vocês? Não dão mais nada! *(dirigindo-se ao 1.º velho)* Se você tentar qualquer coisa eu tiro meu sapato e lhe bato com o salto no queixo!
2.º VELHO – É o cúmulo da insolência! E a coisa ainda vai piorar! Mas temos de pôr um paradeiro nessa calamidade! Afinal ainda somos homens dos pés à cabeça. Vamos também tirar nossas túnicas para elas verem! Nós não andamos cheios de roupas como vocês! Ih! Estou sentindo um entusiasmo juvenil! Vamos sacudir nossa velhice e dar asas ao nosso corpo! Vamos sair para a briga!
1.º VELHO – Isso mesmo! Se cedermos um passo essas gaiatas tomarão conta de tudo! Daqui a pouco elas vão querer substituir os homens até na cavalaria. E nisso elas têm mais facilidade, pois não há nada que atrapalhe na hora de montar... Vamos, pessoal! Vamos pôr umas coleiras no pescoço delas!
2.ª MULHER – Se a coisa continuar esquentando eu vou acabar fervendo e vai sobrar bolha em você! *(às outras mulheres)* Se o caso é de mostrar a... valentia vamos tirar mais roupa, para eles verem como nós estamos tinindo de raiva! Quem quiser apanhar primeiro venha! Se um de vocês disser mais uma palavra contra mim (não aguento mais) eu vou sentar em cima da... Valentia de alguém!
1.ª MULHER – Gostei de ver! Enquanto tivermos amigas como Lampito e minha companheira da Beócia não sentirei medo de homem algum! Vocês não podem passar sem nós! Sozinhos vocês só sabem fazer decretos! Enquanto nós não pegarmos vocês pelas... Pernas e jogarmos num precipício para quebrar o pescoço, vocês não pararão de fazer esses decretos horrorosos! *(vendo Lisístrata aparecer à porta com ar preocupado)* Que ar contrariado é esse, chefa?
LISÍSTRATA – Raça ruim a das mulheres! Se eu não fosse durona já teria desanimado com a fraqueza delas! Parecem brotinhos de coração mole. E eu fico andando de um lado para outro sem saber o que fazer!
1.ª MULHER – Será possível? Será possível?
LISÍSTRATA – É verdade!... É verdade!

1.ª MULHER – Mas a coisa é tão grave? Diga à suas amigas!
LISÍSTRATA – É duro falar e mais duro ainda calar!...
1.ª MULHER – Não esconda nada de mal que esteja acontecendo!
LISÍSTRATA – Em poucas palavras, estão todas malucas lá dentro!
1.ª MULHER – Que horror! Valha-nos Deus!
LISÍSTRATA – Não adianta pedir o auxílio divino. O caso é sério mesmo. Já não consigo mantê-las longe dos maridos; elas fogem. Surpreendi uma, há poucos instantes, abrindo uma brecha no muro; outra descia para a rua por uma corda; outra saiu correndo ao encontro do inimigo; outra já estava para se atirar nos braços do marido quando eu puxei a tarada pelos cabelos. Deu tudo quanto foi desculpa para voltar para casa. Olhe ali uma correndo! Ei! Aonde vai você nessa carreira?
5.ª MULHER – Tenho de ir lá em casa! Deixei uns vestidos de lã no armário. Na certa vai dar mofo.
LISÍSTRATA – Mofo? Volte já para dentro!
5.ª MULHER – Mas eu volto num instantinho! É só o tempo de estender os vestidos na cama...
LISÍSTRATA – Estender na cama... Já percebi tudo! Faça o favor de não tentar fugir!
5.ª MULHER – Mas você quer que eu fique sem vestido?
LISÍSTRATA – É exatamente o que eu não quero!
6.ª MULHER – Sou uma infeliz! Esqueci umas coisas muito importantes lá em casa...
LISÍSTRATA – Lá vem outra querendo coisas que deixou em casa!... Entre!
6.ª MULHER – Juro que é só pegar a coisa e voltar! Só um minutinho!
LISÍSTRATA – Você não vai pegar coisa alguma, senão todas vão querer pegar e adeus juramento!
7.ª MULHER – Ai! Ai! Que dor! Tomara que o parto demore um pouco até eu chegar em casa!
LISÍSTRATA – Que bobagem é essa?
7.ª MULHER – A qualquer momento eu vou ter criança.
LISÍSTRATA – Ter criança? Você ontem não estava nem grávida!...
7.ª MULHER – Mas hoje estou... Deixe-me ir para casa, Lisístrata! Estou precisando de uma parteira já e já!
LISÍSTRATA – Estou desconfiada da gravidez dela... *(apertando o ventre da mulher)* Que coisa dura é essa aí?
7.ª MULHER – É um menino...
LISÍSTRATA – Essa não! Parece uma coisa oca, de metal... *(levantando o vestido da mulher)* Engraçadinha! É um capacete de bronze! E você dizendo que estava grávida!
7.ª MULHER – Estou sim! Garanto que estou grávida!
LISÍSTRATA – Então por que você está com esse negócio aí?

7.ª MULHER – Se não desse tempo de chegar em casa e a criança nascesse por aqui mesmo eu ajeitava a criança no capacete...
LISÍSTRATA – Pura conversa! Você vai ter a criança aqui mesmo!
8.ª MULHER – Eu não vou poder dormir aqui depois que vi uma cobra...
1.ª MULHER – Eu também tenho tido uma insônia horrorosa por causa dos pios de corujas...
LISÍSTRATA – Vocês são todas umas tolas! Chega de tagarelice! Eu sei muito bem o que vocês estão querendo: os maridos. E vocês pensam que eles também não querem? Devem estar passando noites horríveis. Mas aguentem firmes, minhas valentes amigas, e tenham um pouco mais de paciência. Descobri uma profecia que garante a nossa vitória se continuarmos unidas.
1.ª MULHER – Então leia a profecia!
LISÍSTRATA – Se vocês fizerem silêncio. *(lê)* "Quando as tímidas pombinhas fugindo aos pintos se reunirem num mesmo lugar e fizerem um pouco de jejum do que elas mais gostam, seus males cessarão; o que estava por baixo ficará por cima".
1.ª MULHER – Então vamos ficar por cima?
LISÍSTRATA – *(continuando a ler)* "Mas se as pombinhas não se unirem e baterem asas, serão os pássaros mais infelizes do mundo".
1.ª MULHER – A profecia está claríssima! Que bom!
LISÍSTRATA – Então não podemos fraquejar nessa prova, por mais dura que seja. Vai ser uma vergonha se nós fracassarmos, queridinhas!
As mulheres tornam a entrar na cidadela.
(Dias depois. Vê-se Lisístrata fora das portas).
LISÍSTRATA – Ei! Mulheres! Venham cá depressa!
MIRRINA – Que foi que aconteceu? Fale! Por que esses gritos?
LISÍSTRATA – Um homem! Vi um homem vindo para cá com ar de tarado! Parece que ele não aguenta mais o jejum! Se a coisa continuar assim vai sair tudo como nós queremos!
MIRRINA – Onde está ele? Quem será o infeliz?
LISÍSTRATA – Lá vem ele naquela curva! Alguma de vocês o conhece?
MIRRINA – Eu conheço! É meu marido!
LISÍSTRATA – Agora você vai cozinhá-lo em fogo brando, excitá-lo, prometer, tirar o corpo fora, dar tudo menos o.. que você prometeu não dar.
MIRRINA – Fique tranquila; é isso mesmo que vou fazer!...
LISÍSTRATA – Ótimo! Em todo caso vou ficar aqui para ajudar você a excitá-lo, a acabar de tocar fogo nele! *(dirigindo-se às outras mulheres)* vão todas lá para dentro.
(Retiram-se as mulheres, menos Lisístrata e Mirrina. Entra Cinésias, marido de Mirrina, seguido de um criado com uma criança no colo).
CINÉSIAS – Como sou infeliz! Estou até sentindo tonteiras! Meu corpo está todo duro. Não suporta mais esta tortura!
LISÍSTRATA – Quem vem lá?

CINÉSIAS – Eu!
LISÍSTRATA – Um homem?
CINÉSIAS – Um bocado homem!
LISÍSTRATA – Então dê o fora!
CINÉSIAS – Quem é você para me mandar embora?
LISÍSTRATA – A sentinela de dia!
CINÉSIAS – Então pelo amor de Deus vá chamar Mirrina!
LISÍSTRATA – Fique bonzinho aí que talvez eu chame Mirrina. Mas quem é você?
CINÉSIAS – O marido dela, Cinésias!
LISÍSTRATA – Ah!... Bom dia, meu caro! Já sei quem você é! Sua mulher não tira seu nome da boca! Quando ela vê uma fruta ou um ovo diz logo: “Ah! Se o Cinésias estivesse aqui!...”
CINÉSIAS – Ah!... Ela diz isso?
LISÍSTRATA – Diz sim! E quando nós estamos falando de nossos maridos ela diz logo: “Vocês precisam conhecer o meu marido!”
CINÉSIAS – Então vá chamá-la!
LISÍSTRATA – Se eu for você me dá alguma coisa?
CINÉSIAS – Dou sim! Uma coisa que tenho aqui na mão! Não sei se você vai querer...
LISÍSTRATA – Está bem! Então vou chamá-la!
Lisístrata afasta-se.
CINÉSIAS – Vá depressa! Minha vida não tem mais encanto depois que ela me
abandonou. Não gosto nem de entrar na casa deserta. Não sinto gosto no que como. Não aguento mais. Todo mundo percebe o tamanho da minha... saudade!

MIRRINA – *(sem ser vista, falando a Lisístrata, ambas fora do palco)* Eu amo meu marido! Sim, eu amo Cinésias, mas ele não corresponde ao meu amor. Não adianta você me chamar que não vou falar com ele!
CINÉSIAS – Ah! Minha doce Mirrinazinha!... Por que você faz isso comigo? Desça até aqui!
MIRRINA – Não! Não vou!
CINÉSIAS – Então eu chamo e você não vem, Mirrina?
MIRRINA – Você está me chamando por chamar... Você não me quer para nada!
CINÉSIAS – Eu não quero você? Estou necessitado de você!
MIRRINA – Adeus! Vou lá para dentro!
CINÉSIAS – Ouça ao menos seu filho! *(ao filho)* Ei! Você não chama sua mãe?
O FILHO – Mamãe! Mamãe! Mamãe!
CINÉSIAS – É o cúmulo! Que é que há com você? Você não tem pena de seu filho, que não toma banho e não mama há seis dias?
MIRRINA – É claro que tenho pena dele, pois o pai dele é muito mau.

CINÉSIAS – Desça, diabinha! Tenha pena do menino!
MIRRINA – Ser mãe obriga a cada sacrifício!... Tenho de descer! Não posso deixar de descer!
(Mirrina aparece).
CINÉSIAS – *(À parte)* Ela parece até mais nova! Que olhar sensual! Este pouco caso dela ainda me deixa mais tarado!
MIRRINA – *(correndo para o filho e abraçando-o)* Ah! Filhinho tão bonzinho de um pai tão ruim! Deixe que eu abrace você, filhinho da mamãe!
CINÉSIAS – Por que você faz isso, malvada? Não vá na conversa dessas mulheres! Você me faz sofrer e sofre também! *(tenta abraçar Mirrina)*
MIRRINA – Não ponha a mão em cima de mim!
CINÉSIAS – E as coisas lá em casa, as minhas e as suas, que estão se estragando?
MIRRINA – Que é que eu tenho com isso?
CINÉSIAS – Pois fique sabendo que as galinhas estão arrastando seus vestidos pelo quintal.
MIRRINA – Não estou ligando a mínima importância!
CINÉSIAS – E o amor que nós fazíamos todas as noites? Você também não está ligando?
MIRRINA – Enquanto vocês não votarem pela paz, não.
CINÉSIAS – Está bem!... Se não há outro jeito, acaba-se com a guerra!
MIRRINA – Que ótimo! Quando vocês fizerem a paz volto para casa. Enquanto durar a guerra eu jurei não fazer isso que você quer.
CINÉSIAS – Ao menos deite um instantinho comigo...
MIRRINA – Não! Apesar de eu amar muito você, não!
CINÉSIAS – Você me ama? Então por que você ainda não está deitada, Mirrinazinha?
MIRRINA – Você é um inconsciente! Na presença do menino?
CINÉSIAS – Não seja por isso! *(ao criado)* Leve o garoto para casa, Manes. *(o criado obedece)* Pronto! O menino não atrapalha mais. *(pausa)* Você não deita?
MIRRINA – Mas onde poderíamos fazer... Isso?
CINÉSIAS – *(olhando em volta)* Onde? Ali na gruta de Pã!
MIRRINA – Mas como, homem? A gruta é consagrada ao deus! Seria pecado!
CINÉSIAS – *(com ar de embaraço)* É mesmo!... Mas depois você toma um banho na fonte que fica pertinho da gruta. Ela também é consagrada a Pã e você lava... Pecado!
MIRRINA – É... Mas o meu juramento? Você quer que sua mulher cometa perjúrio, desastrado?
CINÉSIAS – Que a culpa caia toda em cima de mim! Pronto! Não pense mais no juramento!

MIRRINA – Está bem, está bem!... Vou buscar alguma coisa para deitarmos em cima... Um colchão...
CINÉSIAS – Para que colchão? No chão mesmo é bom!
MIRRINA – Não senhor! Apesar de você ser muito ruim eu não quero esse desconforto para você! *(sai)*
CINÉSIAS – Minha mulher me ama! Vocês estão vendo? Imaginem se não amasse!...
MIRRINA – *(voltando com um colchão)* Pronto! Deite depressa enquanto eu tiro a roupa. *(pausa)* Chi! Esqueci uma coisa! Tenho de ir buscar um lençol!
CINÉSIAS – Para que lençol, mulher? De minha parte dispenso!
MIRRINA – Eu sei, mas não fica bem em cima do colchão áspero!
CINÉSIAS – Então me dê um beijinho!
MIRRINA – Espere um pouco! *(sai)*
CINÉSIAS – Hum! Volte depressíssima!
MIRRINA – *(trazendo um lençol)* Está aqui o lençol. Agora deite; eu tiro a roupa num instantinho! *(Cinésias deita-se)* Ih! Esqueci outra coisa! Você vai ficar sem travesseiro!
CINÉSIAS – Mas não é disso que eu preciso!
MIRRINA – *(saindo)* É, mas eu preciso!
CINÉSIAS – Francamente! Esse infeliz vai acabar morrendo de excesso de entusiasmo!
MIRRINA – *(voltando com o travesseiro)* Agora estou com tudo.
CINÉSIAS – Com quase tudo... Deite logo, meu tesouro!
MIRRINA – Olhe! Já estou desatando meu cinto. Mas lembre-se! Não vá me enganar a respeito da paz! Não vá me decepcionar!
CINÉSIAS – *(esfregando as mãos)* Não, eu garanto! Senão eu morro!
MIRRINA – Está bem. *(pausa)* Mas não sei onde estou com a cabeça! Você não tem um cobertor!
CINÉSIAS – Essa não! Eu não quero cobertor! Quero é fazer amor!
MIRRINA – *(saindo)* Fique bonzinho que você vai ter amor, mas com cobertor...
CINÉSIAS – Essa mulher vai me matar com o cobertor dela!
MIRRINA – *(voltando com o cobertor)* Fique em pé. Está aqui o cobertor.
CINÉSIAS – “Ele” já está em pé...
MIRRINA – Você quer um pouquinho de perfume?
CINÉSIAS – Não, pelo amor de Deus! Não quero!
MIRRINA – Você pode não querer, mas eu quero. *(sai)*
CINÉSIAS – Tomara que o perfume derrame no caminho!
MIRRINA – *(voltando com um vidrinho)* Abra a mão! *(derrama um pouco de perfume)* Agora esfregue-se!
CINÉSIAS – *(cheirando a mão)* Como cheira mal este perfume! É capaz até de apagar fogo... Isso não é coisa para se usar em noite de núpcias...

MIRRINA – *(observando o vidrinho)* Mas eu sou mesmo uma errada!... Trouxe o perfume nacional!
CINÉSIAS – Não faz mal! Esse mesmo serve, com todos os diabos!
MIRRINA – Você é muito compreensivo, meu bem, mas este não serve! *(sai)*
CINÉSIAS – Que vá para o inferno quem inventou os perfumes!
MIRRINA – *(voltando)* Agora sim! Tome esse vidrão redondo!
CINÉSIAS – Eu já tenho um aqui... Vamos, malvada! Deite-se e não me traga mais nada! Faça o seu papel de mulher!
MIRRINA – É o que eu vou fazer. Já estou me descalçando. Mas queridinho, não esqueça de votar primeiro pela paz! *(sai correndo)*
CINÉSIAS – *(arrasado)* Ela me matou, essa mulher, e para rematar foi embora, depois de ficar para cima e para baixo esse tombo! Sou um infeliz! Que será de mim? Onde é que vou entrar, agora que a mais bonita das mulheres me deixou neste estado? Como é que vou consolar esta criança? Alguém vai ter que fazer o que aquela malvada não fez!
(Reaparece um dos velhos que antes haviam ficado em trajes menores para brigar com as mulheres).
1.º VELHO – *(dirigindo-se a Cinésias)* Que estado deplorável, infeliz! Parece que uma grande decepção está roendo sua alma, velhinho! Eu vi tudo de longe. Como é que você aguentou? Como é que o seu... Coração suportou essa prova? Você até parece que criou rabo no lado oposto!
CINÉSIAS – Ah! Meu Deus! Que arrepios horríveis!
1.º VELHO – A que estado ela reduziu você, essa criminosa, essa bandida!
CINÉSIAS – Não fale dela assim! Diga “essa coisinha querida, essa doçura”!
1.º VELHO – Doçura? Malvada é o que ela é! Se eu fosse você eu jogaria essa tratante para o ar e deixaria que ela caísse espetada nesse negócio que está fazendo você sofrer!
(Entra um Embaixador de Esparta, no mesmo estado de Cinésias. Atrás dele vem um Ministro do governo ateniense).
EMBAIXADOR – Onde é o Senado de Atenas? Ou então onde estão os ministros? Tenho novidades a dizer.
MINISTRO – Quem é você? Um homem ou um saca-rolha?
EMBAIXADOR – Sou embaixador, meu caro. Estou chegando de Esparta para tratar de paz.
MINISTRO – Mas você vem tratar de paz com essa lança apontada para nós?
EMBAIXADOR – Isto não é lança...
MINISTRO – Então por que sua roupa está repuxada na frente, a certa altura? Será um tumor que cresceu durante a viagem?
EMBAIXADOR – *(à parte)* Esse homem está maluco!

MINISTRO – *(levantando a túnica do embaixador)* Não é tumor, não! Não adianta disfarçar!
EMBAIXADOR – Que negócio é esse? Chega de maluquices!
MINISTRO – *(virando de costas para o público e levantando a túnica)* Veja!
MINISTRO – *(virando também de costas pata o público e levantando a túnica)* Veja também! Já percebi tudo! Pode dizer a verdade. Como vão as coisas lá em Esparta?
EMBAIXADOR – Esparta inteira está parada. Nossos aliados também. Precisamos urgentemente de nossas mulheres.
MINISTRO – Qual é causa dessa... Doença? Algum castigo divino?
EMBAIXADOR – Não. Foi Lampito quem começou. Depois todas as mulheres, como se fossem uma só, aderiram a essa greve de sexo.
MINISTRO – E como vocês estão passando?
EMBAIXADOR – Mal. Andamos até meio caídos para a frente, pois não aguentamos o peso da... Lança. E as mulheres não se comovem: só acabarão a greve quando for votada a paz em toda a Grécia.
MINISTRO – Então é uma greve geral das mulheres. Agora estou entendendo! Pois vá dizer já a seu governo que nos envie representantes com plenos poderes para negociar a paz! E eu vou já à Assembleia tratar da eleição de nossos delegados à conferência da paz, depois de mostrar aos deputados o... que você já viu.
EMBAIXADOR – Vou voando! Sua opinião é a mais sensata possível!
(Saem, o Embaixador pela esquerda e o Ministro pela direita. Reaparecem as mulheres que tinham ficado em trajes menores a ponto de brigarem com os velhos).
1.º VELHO – Não há fera mais indomável que a mulher, nem fogo mais destruidor. Nem a pantera é mais traiçoeira.
1.ª MULHER – Você sabe de tudo isso e, no entanto, quer brigar conosco, quando podia ter em nós as aliadas mais seguras, velho injusto!
1.º VELHO – Pode dizer o que quiser, mas eu continuarei odiando as mulheres!
1.ª MULHER – Pois continue, mas estou com pena de você assim quase nu. Você está ridículo! Venha cá! Vou pôr uma túnica em você. *(põe a túnica)*
1.º VELHO – Ah! Que gostoso! Vocês são muito boazinhas! Quando eu tirei a túnica estava zangadíssimo.
1.ª MULHER – Agora sim, você parece um homem! Já não está mais ridículo. *(chegando mais perto)* Você está com o olho tão vermelho! Se você não me tivesse xingado tanto eu tirava esse argueiro que você deve ter no olho!
1.º VELHO – Então era por isso que eu estava chorando!... Pois tire e me mostre. Esse negócio está me incomodando há muito tempo.

1.ª MULHER – Está bem. Eu vou tirar, apesar de seus desaforos. *(aproximando-se mais do velho e examinando-lhe o olho)* Ih! Que coisa grossa! Parece uma tora! *(tira o argueiro)*
1.º VELHO – Muito obrigado! Você me prestou um serviço. As lágrimas estão até rolando!
1.ª MULHER – Vou enxugá-las, embora você seja muito malvado. Vou dar um beijinhono olho para ele ficar bom logo.
1.º VELHO – Não me beije!
1.ª MULHER – Mesmo que você não queira eu beijo!
1.º. VELHO – Chegue para lá, aduladora! Os poetas têm razão quando dizem que com essas pestes a coisa vai mal e sem essas pestes pior. Pois bem! Agora faremos as pazes com vocês. Não maltrataremos mais vocês, nem vocês nos maltratarão. Vamos! Todo mundo junto para comemorar!
(Aparece a delegação de Esparta para negociar a paz).
1.º VELHO – Olhem lá! Está chegando a delegação de Esparta! Sejam bem-vindos, espartanos! Qual é o caso?
EMBAIXADOR – Você ainda pergunta? *(virando-se de costas para o público juntamente com os outros delegados espartanos)* Veja o estado em que estamos!
1.º VELHO – Puxa! O mal de vocês cresceu barbaramente e a inflamação parece ter piorado...
EMBAIXADOR – Está insustentável! Preciso dizer mais alguma coisa? Viemos para fazer a paz de qualquer maneira, incondicionalmente!
1.º VELHO – O pessoal daqui também está vindo para cá. O mal deles também está enorme. Todo mundo vê.
(Chega a delegação ateniense).
MINISTRO – Quem sabe onde está Lisístrata? *(virando-se de costas para o público juntamente com os demais atenienses)* Vejam como estamos!
1.º VELHO – *(apontando para os espartanos)* Gozado! Eles estão com a mesma doença!... Ela ataca mais de manhã, ao levantar?
MINISTRO – Que nada! A essa nós estávamos acostumados, mas agora, se não houver uma reconciliação já, vamos ter de inventar um substituto para as mulheres... Caros amigos espartanos, o que está acontecendo é vergonhoso!
EMBAIXADOR – É mesmo. Aparecer diante de vocês neste estado!...
MINISTRO – Mas vamos ao que interessa. Para que vocês estão aqui?
EMBAIXADOR – Pela paz, como enviados plenipotenciários de Esparta.
MINISTRO – Ótimo! Nós, atenienses, estamos aqui para o mesmo fim. Acho melhor chamarmos logo Lisístrata. Só ela pode resolver nosso problema.
EMBAIXADOR – Boa ideia! Em último caso um Lisístrato também serve...

MINISTRO – Não precisamos mandar chamá-la. Ela já vem aí.
(Reaparece Lisístrata).
1.º VELHO – Salve a bravura em pessoa! Chegou a hora da senhora mostrar que é terrível e condescendente, malvada e boa, altiva e camarada, profunda conhecedora dos homens! Os gregos mais ilustres, conquistados por seus encantos, madame, abrem passagem e submetem suas querelas à decisão da senhora!
LISÍSTRATA – Não haverá dificuldades, pois estou diante de homens que desejam o que há de mais natural. Vamos já experimentar. Onde está a Conciliação? *(A Conciliação, personificada por uma mulher sumariamente vestida, aparece vestida, aparece trazida pelas outras mulheres. Lisístrata dirige-se a ela)* Traga para cá primeiro os espartanos, não com severidade e arrogância, como se fazia antes, mas gentilmente, como convém às mulheres. Segure pela parte mais saliente os que não quiserem dar a mão. *(A Conciliação traz os espartanos para onde está Lisístrata)* Muito bem. Agora traga os atenienses, segurando-os por onde eles preferirem. *(A Conciliação traz os atenienses)* Espartanos, fiquem aqui perto de mim. Vocês, atenienses, fiquem deste lado. Ouçam todos o que vou dizer. Sou mulher, mas tenho cabeça para pensar. Além de ter minhas ideias ouvia as conversas de meu pai e de pessoas mais experimentadas. Por isso sei o que estou dizendo. Agora que vocês estão em minhas mãos quero dizer umas verdades e fazer umas censuras merecidas. Vocês têm de unir-se para não perecerem!
1.º VELHO – *(olhando a Conciliação com ar de tarado)* Já estou convencido só de "ver" os "argumentos" dela!
LISÍSTRATA – Vocês, espartanos, têm sido muito injustos com os atenienses. Parecematé esquecidos de que são todos gregos e muitas vezes foram ajudados e até salvos por eles.
MINISTRO – Isso mesmo, Lisístrata! Eles são de morte. Vivem atacando nosso litoral.
EMBAIXADOR – *(à parte e apontando para a Conciliação)* Se eu pudesse, atacava agora mesmo as costas dela! Que beleza de "litoral"!...
LISÍSTRATA – E vocês, atenienses, não se julguem melhores que os espartanos. Se vocês pensassem um pouco perceberiam que eles fizeram mais bem do que mal a vocês até hoje!
EMBAIXADOR – Nunca vi uma mulher pegar as coisas tão bem!
MINISTRO – *(apontando para a Conciliação)* E eu nunca vi uma coisa assim!
LISÍSTRATA – Por que, então, vocês guerreiam? Por que vocês não acabam com essas divergências e se reconciliam de uma vez por todas? Vamos! Qual é a dificuldade?
EMBAIXADOR – Se soubéssemos que a Conciliação era assim já estaríamos nos braços dela há muito tempo!

MINISTRO – Nós também queremos a Conciliação! Primeiro nós!
LISÍSTRATA – Calma! Calma! Ela será de todos! A Conciliação dará tudo que vocês querem quando as negociações de paz forem concluídas. Agora vão consultar todos os outros gregos.
MINISTRO – Para quê? Quem não vai querer essa Conciliação?
LISÍSTRATA – Então aprontem-se enquanto nós, mulheres, vamos fazer os preparativos lá na cidadela para recebê-los da melhor maneira possível e oferecer a vocês o que temos de mais gostoso. Durante a recepção acertaremos as coisas e trocaremos juramentos de paz. Depois cada um sairá com sua mulher.
(Lisístrata torna a entrar na Cidadela).
MINISTRO – Oba! Vamos depressa, pessoal!
EMBAIXADOR – Não quero nem saber para onde: já estou indo!
MINISTRO – Corram! *(batendo à porta da Cidadela)* Mulheres, chegamos! Abram as portas! Abram senão eu toco fogo em vocês! *(à parte)* Eu ia até esquecendo que não estamos mais brigados! Abram! Se vocês não abrirem nós arrombamos!
EMBAIXADOR – Arrombar é conosco! Como é, mulheres? Vamos para casa? Se vocês não forem já, vão ter muito o que chorar! Elas estão saindo!
(Abrem-se as portas. As mulheres saem e confraternizam ruidosamente com os homens)
MINISTRO – Espartanos, agarrem suas mulheres! Atenienses, segurem as suas! Isso! Os maridos perto das mulheres, as mulheres grudadas nos maridos. Depois de festejar esse fim feliz com danças em honra dos deuses, tratemos de evitar no futuro os mesmos erros que nos deixaram por tanto tempo sem... PAZ!
(Efusões gerais; danças e cantos).

Só para mulheres

ou

As tesmoforiantes

ou

Tesmoforiazusas

Tradução de Mário da Gama Kury

As mulheres de Atenas estão preparadas para celebrar sua festa - as Tesmoforias -, da qual os homens não podiam participar. Eurípides foi informado de que as mulheres, enfurecidas com as reiteradas acusações em suas peças sobre o caráter e a maldade do sexo feminino, estavam tramando sua morte. Ele tenta convencer Agaton, um tragediógrafo efeminado, a participar da festa vestido de mulher e defender sua causa. Agaton recusa-se e diante disso Mnesíloco, sogro de Eurípides, oferece-se corajosamente a ir em seu lugar. Devidamente barbeado, depilado e vestido de mulher, Mnesíloco dirige-se à festa das mulheres. Ouvem-se discursos inflamados contra Eurípides; Mnesíloco toma sua defesa, mencionando o número ainda maior de coisas que o poeta trágico poderia ter dito sobre as mulheres sem faltar à verdade. A indignação geral causada pela fala de Mnesíloco é interrompida pela chegada de notícias de que um homem havia penetrado na festa disfarçado de mulher. Realiza-se um interrogatório e Mnesíloco é descoberto e preso. Imitando o herói de uma das peças de Eurípides, Mnesíloco escreve uma mensagem em quadros votivos do templo e a lança ao ar. Ele passa a representar o papel de Helena, e Eurípides, que chegava para ajudá-lo, aparece como Menelau. Há uma cena de reconhecimento no estilo das de Eurípides em suas tragédias, mas uma mulher da guarda impede o encontro dos dois. Um policial chega em seguida e agrilhoa Mnesíloco. Eurípides passa a falar como se fosse Perseu, e Mnesíloco fala como se fosse Andrômeda numa tragédia de Eurípides, acorrentada a uma rocha, mas o policial evita a tentativa de ajuda. Afinal, Eurípides propõe condições às mulheres para uma reconciliação: ele nunca mais falará mal delas se libertarem seu sogro. As mulheres concordam, porém resta convencer o soldado que detinha Mnesíloco. Essa tentativa é bem-sucedida graças a uma bonita dançarina, que atrai o soldado para longe de seu posto, tornando possível a fuga de Mnesíloco.

SÓ PARA MULHERES (Literalmente: “As Celebrantes das Tesmoforias” (*Thesmophoriazúsai*), festas religiosas só para mulheres, celebradas no mês correspondente a março de nosso calendário durante três dias, sendo o segundo de jejum.)

Época da ação: Século V a.C.

Local: Atenas

Primeira representação: 411 a.C.

PERSONAGENS

MNESÍLOCO, sogro de Eurípides

EURÍPIDES, poeta trágico

ESCRAVO de Agaton

AGATON, poeta trágico contemporâneo de Eurípides

UMA MULHER (arauto)

CORO de mulheres celebrantes das Tesmoforias

DUAS MULHERES

CLISTENES, um efeminado

DELEGADO (Literalmente Prítane, alto funcionário de Atenas incumbido de manter a ordem nas festas cívicas e religiosas.)

UM SOLDADO

Cenário

Ao fundo, a casa de AGATON e o templo das Tesmôforas. Entra EURÍPIDES apressadamente, procurando alguma coisa; seu sogro, já idoso, segue-o com dificuldade.

MNESÍLOCO

Detendo-se como se já não pudesse andar.

Ai, Zeus! Aparecerá um dia uma andorinha (Provérbio significando: "Quando terminarão meus males?".)?

À parte.

Este homem vai me matar de tanto me obrigar a correr assim de um lado para outro!

Elevando a voz.

Mas é possível, antes de eu pôr as tripas pela boca, saber para onde você quer me levar, Eurípides?

EURÍPIDES

Você não tem de entender tudo que seus olhos vão ver agora.

MNESÍLOCO

O quê? Repita: não é necessário que eu entenda?

EURÍPIDES

O que você vai ouvir agora, não.

MNESÍLOCO

E também não é necessário que eu veja?

EURÍPIDES

O que você vai ver agora, não.

MNESÍLOCO

Que recomendação você me faz! Mas você fala bem. Então você acha que eu não devo ouvir nem ver?

EURÍPIDES

É isto mesmo; são duas coisas naturalmente diferentes.

MNESÍLOCO

Não ouvir e não ver.

EURÍPIDES

São bem diferentes.

MNESÍLOCO

Como são bem diferentes?

EURÍPIDES

A diferença é a seguinte: quando o Éter separou-se do Caos no princípio e procriou em si mesmo animais dotados de movimento, para dar a visão a eles fez inicialmente um olho imitando o disco solar, e para a audição cavou um funil - os ouvidos.

MNESÍLOCO

Por causa desse funil, então, é necessário que eu não ouça nem veja? Estou maravilhado ao aprender isto também. Que coisas lindas aprendemos convivendo com os sábios!

EURÍPIDES

Você aprenderá outras coisas do mesmo gênero, saídas de minha boca.

MNESÍLOCO

É uma pena que eu não possa aprender, além dessas coisas lindas, a ser aleijado das duas pernas!

EURÍPIDES

Aproxime-se e preste atenção.

MNESÍLOCO

Estou aqui.

EURÍPIDES

Você está vendo esta portinha?

MNESÍLOCO

Estou (pelo menos penso que estou).

EURÍPIDES

Então cale-se!

MNESÍLOCO

Eu ou a portinha?

EURÍPIDES

Agora ouça.

MNESÍLOCO

Eu ouço e a portinha se cala.

EURÍPIDES

É ali que mora o famoso Agaton, o poeta trágico.

MNESÍLOCO

Como é o seu Agaton?

EURÍPIDES

Há um certo Agaton…

MNESÍLOCO

O seu Agaton é moreno e forte?

EURÍPIDES

Não; é outro.

MNESÍLOCO

Nunca vi esse outro. Será aquele que tem a barba cerrada?

EURÍPIDES

Você nunca viu o meu Agaton?

MNESÍLOCO

Nunca, com certeza, tanto quanto sei.

EURÍPIDES

Mesmo assim você já se encontrou com ele, mas talvez não saiba.

Abre-se a porta da casa de AGATON.

Vamos nos esconder, pois sai de casa um escravo dele com uma tocha acesa e ramos de mirto; parece que é para oferecer um sacrifício pelo sucesso da poesia do patrão dele.

Escondem-se ambos.

ESCRAVO

Na porta da casa, com ar solene.

Recolha-se o povo todo e se faça silêncio, pois aqui mora um coro sagrado das Musas, na casa de meu senhor, pronto para compor um hino. Que o Éter sereno contenha seus ventos, que as ondas verdes do mar não façam barulho, …

MNESÍLOCO

Ploft!

EURÍPIDES

Em voz baixa, dirigindo-se a MNESÍLOCO.

Cale-se! Que é que você está dizendo?

ESCRAVO

… que as criaturas aladas adormeçam, que os animais selvagens não movimentem as patas, …

MNESÍLOCO

Ploft! Pluft!

ESCRAVO

… pois Agaton, o homem dos versos lindos, nosso senhor, vai …

MNESÍLOCO

… querer ser beijado?

ESCRAVO

Quem falou?

MNESÍLOCO

O sereno Éter.

ESCRAVO

… vai armar a estrutura, os fundamentos de um drama! Ele está arredondando novos versos; aqui ele passa alguns na máquina de polir; aqui ele elabora, martela frases, contrapõe palavras, dá forma à cera, suaviza, dá o tom …

MNESÍLOCO

… e procura rapazes para se prostituir.

ESCRAVO

Que homem grosseiro se aproxima deste recinto?

MNESÍLOCO

Andando em direção à porta da casa.

Um homem está bem perto de vocês, você e seu poeta autor de versos lindos, pronto para introduzir no "recinto" de vocês este peru aqui, redondo e comprido, para metê-lo no funil.

ESCRAVO

Essa não! Em sua mocidade você deve ter sido um mau-caráter, coroa!

EURÍPIDES

Dirigindo-se a MNESÍLOCO.

Com todos os diabos! Deixe este homem sossegado!

Dirigindo-se ao ESCRAVO.

Você aí. Vá chamar Agaton! Quero que ele venha de qualquer maneira!

ESCRAVO

Não é preciso me pedir. Ele mesmo não demora a sair, pois já começou a fazer versos líricos e, como estamos no inverno, não é fácil nesta estação caprichar nas estrofes sem sair de casa e se expor ao sol.

MNESÍLOCO

E eu, que vou fazer?

ESCRAVO

Espere, ele já está saindo!

EURÍPIDES

Desanimado.

Que pretende você fazer comigo hoje?

MNESÍLOCO

À parte.

Quero saber o que significa tudo isso.

Dirigindo-se a EURÍPIDES.

Que é que você está sentindo para ficar aí gemendo, aborrecido? Não me oculte nada, a mim, seu sogro.

EURÍPIDES

Estou ameaçado de uma grande desgraça!

MNESÍLOCO

De que espécie?

EURÍPIDES

O dia de hoje decidirá se Eurípides ainda está vivo ou já está morto.

MNESÍLOCO

Como? Não se esqueça de que hoje os tribunais estão fechados e não haverá sessão no Senado. Estamos no segundo dia das Tesmoforias.

EURÍPIDES

É por isso mesmo que posso ser morto. As mulheres armaram uma trama contra mim: elas vão se reunir em assembleia hoje mesmo no templo das Tesmôforas (Tesmôforas: Deméter e Perséfone, as deusas legiferantes.), para deliberar sobre a minha morte, pois querem o meu fim.

MNESÍLOCO

Essa não! E por quê?

EURÍPIDES

Porque mostro quem são elas e falo mal delas em minhas tragédias.

MNESÍLOCO

Você bem merecia. Mas que expediente você está imaginando para sair da encrenca?

EURÍPIDES

Convencer Agaton, o poeta trágico, a entrar no templo das Tesmôforas, onde só entram mulheres.

MNESÍLOCO

Para fazer o quê? Diga!

EURÍPIDES

Para se sentar entre elas e, quando for necessário, falar a meu favor.

MNESÍLOCO

“Abertamente” ou disfarçado?

EURÍPIDES

Dissimuladamente, vestido de mulher.

MNESÍLOCO

A ideia é boa e perfeitamente à sua maneira. Em matéria de esperteza o prêmio é nosso.

Abre-se completamente a porta da casa de AGATON.

EURÍPIDES

Silêncio!

MNESÍLOCO

Qual é o caso?

EURÍPIDES

Apareceu Agaton.

MNESÍLOCO

Onde está ele?

EURÍPIDES

Onde? Ali; é aquele que está sendo trazido para fora. (Literalmente: “é aquele que a máquina está trazendo”. A “máquina” é o *ekkyklema*, engrenagem rotativa destinada a introduzir em cena personagens que ainda não estavam no palco.)

Aparece AGATON deitado languidamente numa cama, vestindo uma túnica da cor de açafrão, cercado de objetos de toalete feminina.

MNESÍLOCO

Então estou cego, pois não vejo nenhum homem aqui; estou vendo uma prostituta (Literalmente: “estou vendo Cirene”, uma prostituta famosa na época, mencionada por Aristófanes também nas *Rãs*.).

Ouve-se o som de uma flauta.

EURÍPIDES

Cale a boca, Mnesíloco! Ele se prepara para cantar.

MNESÍLOCO

Que é que ele está cantarolando? “Caminhos de formiga” (A expressão “caminhos de formiga” parece significar canções ziguezagueantes.)?

AGATON

Dirigindo-se ao CORO, que acaba de entrar em cena.

Recebam, donzelas, a tocha das duas deusas subterrâneas. Executem as danças gritando, com a alma solta.

CORO

Para que divindade é esta festa? Diga o nome dela. Nosso espírito deixa-se convencer facilmente quando se trata de homenagear os deuses.

AGATON

Vamos, Musas! Invoquem Febo, o atirador do arco dourado, que construiu as muralhas da cidade na terra banhada pelo Simóis (Febo é um dos epítetos do deus Apolo, e significa "brilhante". A "terra banhada pelo Simóis" é a Trôade, onde ficava a cidade de Troia.).

CORO

Seja bendito com os mais belos cantos, Febo, você que oferece entre as homenagens harmoniosas o prêmio sagrado!

AGATON

E a virgem que se compraz nas montanhas onde crescem carvalhos, cante também, Ártemis caçadora!

CORO

Prosseguimos invocando a sagrada descendente de Leto, Ártemis do leito jamais violado!

AGATON

E Leto e os sons da lira asiática, cuja cadência destaca o ritmo dos pés nas danças sinuosas das Graças delicadas.

CORO

Saudamos devotamente Leto soberana e a cítara mãe dos hinos realçados por acentos mágicos. Uma luz cintilou em seus olhos divinos e atravessou repentinamente nosso olhar.

AGATON

Por estas razões glorifiquem o senhor Febo!

MNESÍLOCO

Como é suave esta melodia, soberanas Genetlíades (As Genetlíades eram as deusas padroeiras das relações sexuais.), trazendo à mente a mulher e movimentos de língua e beijos lascivos! Todos os meus sentidos se abalam de prazer por causa delas! E agora, rapazinho - se você é mesmo rapazinho - quero fazer umas perguntas a você à maneira de Ésquilo na *Licurgia* (*Licurgia* era uma trilogia perdida de Ésquilo, composta dos *Edônios*, dos *Bassaridas* e dos *Jovens*.): "De onde você saiu, homem-mulher? Qual é a sua pátria? Que roupas são estas? Que significa esta vida escandalosa? Que poderia dizer um alaúde a um vestido cor de açafrão? Ora! Um lampião a óleo a um sutiã? Que têm em comum o espelho e a espada? Quem é você, menino? Você foi criado como se fosse homem? E onde está o seu peru? E o seu manto de homem? Onde estão suas sandálias lacônias? Ou você é uma mulher? Mas onde estão seus seios? Que diz você? Por que este silêncio? Então é com base em seu canto que eu tenho de procurar conhecê-la, já que você mesma não quer explicar?"

AGATON

Ah! Ancião! Ancião! Ouvi todas as injúrias da inveja, mas não me sinto atingido por elas. Minhas roupas combinam com meu espírito. Quando somos poetas, temos de adaptar o tom aos assuntos de

que tratamos. Por exemplo, se compomos tragédias sobre as mulheres, nossa pessoa deve participar necessariamente das maneiras delas.

MNESÍLOCO

À parte.

Então você cavalga quando compõe uma *Fedra* (Fedra: No *Hipólito* de Eurípides, Fedra sentia um amor desenfreado pelo enteado Hipólito, que era apaixonado por cavalos.)?

AGATON

Quando escrevemos peças sobre homens, temos no corpo suas qualidades fundamentais. As que não possuímos, cabe à imitação supri-las.

MNESÍLOCO

À parte.

Quando você escreve peças onde haja sátiros, basta me chamar para colaborar com você por trás, com o peru duro…

AGATON

É chocante, aliás, ver um poeta brutal e peludo. Tenha em vista que o famoso Íbico, que Anacreonte de Ceos e Alceu (Íbico, Anacreonte, Alceu e Frínico foram poetas líricos famosos.), que deram tanta graça à harmonia, usavam adornos de mulheres e levavam uma vida de efeminados à maneira dos iônios (Os habitantes da Iônia adotavam costumes considerados efeminados pelos outros gregos.). E Frínico - deste você ouviu falar - era pessoalmente lindo e usava roupas lindas. Sem dúvida, cada um compõe de acordo com sua própria natureza.

MNESÍLOCO

À parte.

É por isso que Filoclés, sendo feio, compunha coisas feias; Xenoclés, sendo mau, compunha obras más, e Teógnis, sendo frio, compunha obras frias (Filoclés, Xenoclés e Têognis eram poetas trágicos contemporâneos de Aristófanes.).

AGATON

Isto é inevitável. Quando percebi que é assim, passei a cuidar mais de minha pessoa.

MNESÍLOCO

Como?

EURÍPIDES

Pare de latir; eu era como sou hoje quando comecei a escrever tragédias.

MNESÍLOCO

À parte.

Não invejo a educação dele.

EURÍPIDES

Agora me deixe dizer as razões que me trazem até aqui.

AGATON

Fale!

EURÍPIDES

O homem culto, Agaton, sabe dizer muitas coisas em poucas palavras. Ameaçado por uma desgraça descomunal, venho procurá-lo como suplicante.

AGATON

Que deseja você de mim?

EURÍPIDES

As mulheres da cidade estão dispostas a me matar ainda hoje, durante as Tesmoforias, porque falo mal delas.

AGATON

Em que eu lhe poderia ser útil?

EURÍPIDES

Em tudo. Você pode me salvar se se misturar com as mulheres, sem elas perceberem, disfarçado em mulher e falando com elas a meu favor. Você é a única pessoa capaz de conversar com elas de maneira digna de mim.

AGATON

Mas por que você mesmo não se apresenta para se defender?

EURÍPIDES

Vou explicar. Primeiro, todas elas me conhecem; depois, sou careca e barbado, enquanto você tem boa aparência, é claro, barbeado, dotado de voz feminina, delicado e gracioso.

AGATON

Eurípides…

EURÍPIDES

Qual é o caso?

AGATON

… certa vez você escreveu:

“tens o maior prazer

em ver a luz do dia; crês que eu, teu pai,

sofro com a luz? (Versos 855 a 857 da *Alceste* de Eurípides.)”

EURÍPIDES

Escrevi, sim.

AGATON

Não espere, então, que eu tenha de suportar o seu infortúnio. Só se eu fosse louco. Resolva você mesmo seus problemas, pois não devemos enfrentar desventuras com palavras, e sim com resignação.

MNESÍLOCO

À parte.

De fato, depravado, não foi com palavras que você ficou com esse traseiro frouxo, e sim com resignação!

EURÍPIDES

Por que você tem receios de ir até lá?

AGATON

Eu morreria de maneira ainda pior que você mesmo.

EURÍPIDES

Como?

AGATON

Como? Elas iriam pensar que eu estava querendo perturbar as atividades noturnas delas e os prazeres que são exclusividade das mulheres.

MNESÍLOCO

Vejam só! Perturbar! Diga que você gostaria de se prostituir! Mas esse pretexto é artificioso!

EURÍPIDES

E daí, Agaton? Que fará você?

AGATON

Nada; não conte comigo.

EURÍPIDES

Ah! Sou três vezes infeliz! Estou… perdido!

MNESÍLOCO

Eurípides querido, meu genro, não se desespere!

EURÍPIDES

Que devo fazer, então?

MNESÍLOCO

Desista de Agaton; recorra a mim e faça de mim o que quiser.

EURÍPIDES

Vejamos; já que você se põe em minhas mãos, Mnesíloco, tire o seu manto.

MNESÍLOCO

Pronto! Ele já está no chão. Que vai você fazer comigo agora?

EURÍPIDES

Apontando para a barba de MNESÍLOCO.

Faça esta barba e depile o resto do corpo!

MNESÍLOCO

Se isso lhe agrada, faço, embora eu não devesse ceder tão depressa.

EURÍPIDES

Você, Agaton, deve ter sempre uma navalha consigo (Sendo efeminado, Agaton devia barbear-se e depilar-se frequentemente.); me empreste por uns momentos sua navalha.

AGATON

Aqui está ela, no estojo.

EURÍPIDES

Você é muito gentil.

dirigindo-se a MNESÍLOCO.

Sente-se! Encha de ar a bochecha direita!

MNESÍLOCO

Ai!…

EURÍPIDES

Por que você está gemendo? Se você não se calar eu amordaço você!

MNESÍLOCO

Coitado de mim! Coitado de mim!

EURÍPIDES

Ei! Para onde você está correndo?

MNESÍLOCO

Para o templo das Eumênides (Eumênides: as “deusas benévolas”, protetoras dos suplicantes depois de terem sido Fúrias vingadoras dos crimes entre parentes.). Não vou ficar aqui para ser maltratado.

EURÍPIDES

Vão zombar de você com a metade do rosto barbeado.

MNESÍLOCO

Pouco me importa!

EURÍPIDES

Não! Em nome dos deuses não me abandone! Venha cá!

MNESÍLOCO

Voltando relutantemente.

Como sou infeliz!

EURÍPIDES

Fique aqui sem resmungar e levante a cabeça. Para que lado você se vira?

MNESÍLOCO

Cerrando os lábios para não gritar.

Hum! Hum!

EURÍPIDES

Por que você faz “hum, hum”? Está perfeito!

MNESÍLOCO

Ai! Coitado de mim! Vou me disfarçar de boneca?

EURÍPIDES

Não se preocupe; você vai ter um ar perfeitamente gracioso.

Apresentando um espelho a MNESÍLOCO.

Você quer ver?

MNESÍLOCO

Se isto lhe dá satisfação… Me dê o espelho!

EURÍPIDES

Você está se vendo?

MNESÍLOCO

Não; estou vendo Clistenes (Para Clistenes, um efeminado de má fama, ver mais adiante.).

EURÍPIDES

Agora se levante para que eu possa depilar você. Fique inclinado!

MNESÍLOCO

Vou me transformar num leitão assado!

EURÍPIDES

Gritando para dentro de casa.

Tragam lá de casa uma tocha ou um lampião (Para a depilação.)!

Dirigindo-se a MNESÍLOCO.

Incline-se! Tenha cuidado com a sua bunda!

MNESÍLOCO

Vou ter, mas você está me queimando! Ai! Que desgraça! Água! Água! Acudam vizinhos, antes que meu traseiro pegue fogo!

EURÍPIDES

Fique tranquilo.

MNESÍLOCO

Tranquilo, se estão pondo fogo em mim?

EURÍPIDES

Não fique alarmado assim, homem! O pior já passou.

MNESÍLOCO

Ai! Ai! Estou preto e todo chamuscado nas virilhas!

EURÍPIDES

Não se aflija; um escravo vai passar uma escova aí.

MNESÍLOCO

Cuidado, então, se ele quiser lavar o meu traseiro!

EURÍPIDES

Dirigindo-se a AGATON.

Já que você se recusa a nos ajudar, me empreste ao menos algum vestido e um sutiã para Mnesíloco usar. Você não vai dizer que não tem!

AGATON

Use estes com que eu estou e faça o que quiser com eles; isto eu não posso recusar.

AGATON tira as peças de roupa e entrega a MNESÍLOCO.

MNESÍLOCO

Devo usar mais alguma coisa?

AGATON

O quê? Tome primeiro meu vestido da cor de açafrão e experimente.

MNESÍLOCO

Apanhando o sutiã e o vestido.

Que perfume suave de pau sai desta roupa! Me ajude a vestir, depressa! Primeiro o sutiã.

EURÍPIDES

Está aqui.

MNESÍLOCO

Faça alguma coisa! Agora ajeite o vestido na altura das pernas!

EURÍPIDES

Ainda falta um véu de renda.

AGATON

É melhor esta touca que uso à noite.

EURÍPIDES

É exatamente isto que estava faltando!

MNESÍLOCO

Será que ela vai bem em mim?

EURÍPIDES

Pondo a touca na cabeça de MNESÍLOCO.

Não podia estar melhor!

Dirigindo-se a AGATON.

Passe agora uma estola.

AGATON

Apanhe uma que está aqui em cima da cama.

EURÍPIDES

Agora faltam as sandálias de mulher.

AGATON

Apanhe as minhas ali!

MNESÍLOCO

Será que elas vão ficar bem em mim? As suas “coisas” não são muito largas?

AGATON

Experimente. Você já tem tudo que é necessário. Agora me levem para dentro de casa.

A “máquina” leva AGATON na cama para fora do palco, recuando.

EURÍPIDES

Aqui está nosso homem transformado em mulher, ao menos na aparência. Quando você falar faça esforço para que sua voz seja de mulher, suave e persuasiva.

MNESÍLOCO

Vou tentar.

EURÍPIDES

Agora vá.

MNESÍLOCO

Ainda não, a não ser que você jure …

EURÍPIDES

O quê?

MNESÍLOCO

… que ajuda a me salvar por todos os meios se me acontecer alguma desgraça.

EURÍPIDES

"Juro pelo Éter, pela morada de Zeus. (Verso da *Melanipe*, tragédia perdida de Eurípides.)"

MNESÍLOCO

Por que você não jura também pela família de Hipócrates (O general ateniense Hipócrates, sobrinho de Péricles, tinha três filhos famosos por sua pouca inteligência.)?

EURÍPIDES

Está bem! Juro por todos os deuses, sem exceção.

MNESÍLOCO

Você deve se lembrar disto: "Meu coração jurou, mas minha boca não. (Aristófanes parodia aqui um verso de Eurípides no *Hipólito* (verso 650), onde o herói diz o contrário.)" Não quero me comprometer num juramento.

EURÍPIDES

Então se apresse ao máximo, pois o sinal da reunião das mulheres já apareceu no topo do Tesmofórion. Vou me retirar.

Saem todos. A cena muda para o interior do Tesmofórion (templo de Deméter e de Perséfone), onde já estão também as mulheres componentes do CORO.

MNESÍLOCO

Chegando vestido de mulher e esforçando-se por falar com voz feminina, como se estivesse dirigindo-se primeiro a uma escrava e depois às participantes das Tesmoforias.

Aqui, escrava! Sou eu, escrava! Quanta gente vem subindo à luz das lâmpadas acesas! Me acolham, Tesmóforas formosas, com bons augúrios, agora e quando eu regressar à minha casa! Ponha a cesta no chão, escrava, e tire dela o bolo, pois eu quero fazer com ele uma oferenda às deusas. Senhora muito venerada, querida Deméter, e você, Perséfone! Permitam que eu possa oferecer sacrifícios a vocês muitas vezes, ou ao menos passar despercebida hoje! Façam com que minha filha, dona de uma linda xoxota, encontre um marido rico e, além disso, tolo e imbecil, que só pense em afogar o peru! Onde eu devo sentar para ouvir bem os discursos? Você, escrava, vá embora; afaste-se! As escravas não podem ouvir o que se diz aqui!

MNESÍLOCO senta-se entre as mulheres.

UMA MULHER

Concentrem-se! Concentrem-se! Façam preces às duas Tesmóforas, a Pluto e a Caligênia (Pluto era o deus da riqueza; Caligênia é provavelmente um epíteto de Deméter, significando "que faz conceber filhos belos".), à nutriz da juventude (A "nutriz da juventude" é provavelmente a Terra.), a Hermes e às Graças, para que esta assembleia e a reunião de hoje produzam os mais belos e melhores frutos e tragam muitas bênçãos para a cidade dos atenienses e felicidade para nós mesmas! Façamos votos para

que aquela que, por sua onividência e por sua eloquência, merece o melhor do povo ateniense e do povo feminino, seja a vitoriosa! Dirijam estes votos ao céu e façam votos por sua própria felicidade! Iê Paiã (*Iê Paiã* é uma invocação a Apolo; *Paiã* é um dos epítetos deste deus.)! Iê Paiã! Alegremo-nos!

CORO

Aceitamos os augúrios e pedimos à raça dos deuses que demonstre que nossas preces são bem recebidas. Zeus do grande renome, e você, deus da lira de ouro, habitante de Delos sagrada, e também você, virgem onipotente dos olhos esverdeados, dona da lança de ouro, que mora na mais gloriosa das cidades, venham até aqui (O "deus da lira de ouro" é também Apolo, e a "virgem onipotente" é Atena.)! E você, deusa de muitos nomes (A "deusa de muitos nomes" é Ártemis, a Diana dos latinos.), matadora de feras, criança de Leto de olhos dourados, venha! E você, deus dos mares, excelso Poseidon, que reina sobre as ondas, deixe as profundezas agitadas e furiosas onde moram os peixes e venha! Vocês, filhas de Nereu marinho, e vocês, Ninfas errantes das montanhas: permitam que uma trombeta venha soar tonitruantemente, juntando-se às nossas preces! Concedam que nós, nobres atenienses, possamos realizar em perfeita ordem nossa assembleia (Estas e as manifestações seguintes deste coro parecem corresponder realmente ao ritual observado nas Tesmoforias, salvo alguns pequenos enxertos de efeito cômico.)!

UMA MULHER

Façam preces às deusas e aos deuses olímpicos, aos deuses e às deusas píticas, aos deuses e às deusas délias, e a todos os outros deuses e deusas! Se alguém conspirar para fazer mal ao povo feminino, ou se se mancomunar com Eurípides e os Medos (Eurípides e os Medos: Eurípides era o arquiinimigo das mulheres. Os Medos (outra denominação genérica dos persas) eram os arquiinimigos de Atenas.), para prejudicar as mulheres; se alguém tiver a pretensão de ser tirano ou ajudar a trazer um tirano de volta, ou denunciar uma mulher culpada de enjeitar uma criança; se uma escrava alcoviteira de sua dona for dizer tudo ao ouvido de seu dono, ou se, incumbida de uma mensagem, fizer um relato mentiroso; se um conquistador seduzir uma mulher valendo-se de mentiras ou nunca lhe der o que lhe prometeu; se uma velha der dinheiro a um rapaz; se uma amante receber dinheiro traindo seu amante; se um dono ou uma dona de botequim nos enganar no tamanho da garrafa ou do copo de vinho; todas nós devemos desejar que tais pessoas morram miseravelmente. Quanto a todas vocês, peçam aos deuses todos os bens.

CORO

Nossos desejos são os de vocês. Que nossos votos se concretizem plenamente para toda a cidade e para todo o povo, e que as melhores coisas aconteçam a todas vocês, que merecem o prêmio de eloquência. Mas todos aqueles que nos enganam e que descumprem seus juramentos solenes para nos fazerem mal; todos aqueles que tentam burlar os decretos e as leis; que revelam nossos segredos a nossos inimigos, ou querem que os Medos marchem contra nosso país para nosso mal, sejam considerados ímpios e culpados em relação à cidade! Ah! Zeus onipotente! Ratifique estes nossos votos! Faça com que os outros deuses nos ajudem, embora sejamos mulheres!

MULHER-ARAUTO

Ouçam todas!

Lendo.

O Conselho das Mulheres decreta o seguinte: "Sendo Timocleia a presidente, Lisila a secretária e Sóstrata a oradora, realizar-se-á uma assembleia na manhã do segundo dia das Tesmoforias - aquele em que dispomos de mais tempo - com a finalidade de deliberar antes de mais nada sobre Eurípides e a pena a ser aplicada a esse homem, pois em nossa opinião ele se comporta de maneira insultuosa em relação a nós." Alguém pede a palavra?

PRIMEIRA MULHER

Eu!

MULHER-ARAUTO

Ponha, então, esta coroa na cabeça antes de começar a falar.

CORO

Silêncio! Calem-se! Atenção, pois ela está pigarreando, como fazem os oradores. Parece que tem muitas coisas a dizer.

PRIMEIRA MULHER

Juro pelas duas deusas que nenhuma ambição me anima a me levantar para falar, mulheres; mas estou revoltada há muito tempo, pois nos vemos arrastadas na lama por Eurípides, o filho da… verdureira, e somos alvo de mil injúrias de toda espécie ditas por ele. Com efeito, que injúria esse homem não lança contra nós? Onde ele se priva de nos caluniar, desde que haja espectadores por perto, atores trágicos e coros, a nós, as conquistadoras loucas pelos homens, como ele nos chama, as beberronas de vinho, as traidoras, as tagarelas sem o mínimo valor, flagelos dos maridos? Ele chega a tal ponto que os homens, quando voltam do teatro depois de ver uma tragédia dele, nos olham de alto a baixo e começam logo a procurar para ver se não há uma armadilha escondida por perto. Já não podemos fazer nenhuma das coisas que fazíamos antes, tantas foram as maldades que esse homem ensinou a nossos maridos. Se uma mulher prepara uma coroa de flores pensa-se logo que ela está apaixonada por outro homem; se ela deixa cair alguma coisa em suas idas e vindas pela casa, o marido pergunta: “Por causa de quem você quebrou o prato? Deve ter sido por causa do hóspede vindo de Corinto!” Se uma moça adoece um irmão diz logo: “Esta palidez não me agrada nesta mocinha!” Continuemos: se uma mulher sem filhos quer adotar um, ela não pode despistar, pois atualmente os maridos se mantêm sempre por perto. Junto aos velhos que antes se casavam com mulheres jovens, ele também nos caluniou, e agora nenhum velho quer casar por causa deste verso dele: “A mulher escraviza o velho com quem se casa.” Ele também é culpado por se colocarem agora nos quartos das mulheres trancas e ferrolhos para nos guardar, e também pela criação de cães ferozes, espantalhos para os amantes. Tudo isso ainda é compreensível, mas o que nós mesmas podíamos fazer antes - dirigir a casa e tirar da despensa as provisões (farinha de trigo, azeite, vinho) -, isto os maridos também já não permitem; eles agora andam com chaves de segredo de três dentes - as mais seguras - feitas na Lacônia. Antigamente podíamos ao menos abrir ocultamente nossa porta mandando fazer uma argola de três óbolos; atualmente, esse flagelo das mulheres chamado Eurípides ensinou os maridos a usar pequenos carimbos carcomidos, cuja marca não se pode imitar. Por tudo isso - ufa! - minha opinião é que devemos tramar o fim dele de qualquer maneira, seja por meio de venenos, seja por outro meio qualquer capaz de acabar com a vida dele. Eis o que tenho a dizer em altos brados; o resto redigirei com a secretária.

CORO

Nunca ouvimos mulher tão cheia de ideias quanto esta, nem mais hábil para falar. Tudo que ela diz é justo; ela examinou as coisas sob todos os aspectos, ponderou tudo em seu espírito e encontrou espertamente argumentos variados e bem imaginados, de tal maneira que em comparação com ela, se Xenoclés (Xenoclés era um orador ateniense famoso na época de Aristófanes.), filho de Carcino, viesse falar aqui, pareceria, em nossa opinião, estar dizendo absolutamente nada.

SEGUNDA MULHER

Quanto a mim, me apresento somente para dizer algumas palavras. As demais acusações foram expostas muito bem pela primeira oradora, mas quero dizer a vocês o que já me aconteceu pessoalmente. Meu marido morreu em Chipre e me deixou com cinco criancinhas, que eu criava com muita dificuldade trançando coroas de flores para serem oferecidas aos deuses. Até então eu ganhava bem ou mal a vida, mas atualmente esse poeta que vive à custa de tragédias convenceu os homens de que não existem deuses, e por isso meu negócio diminuiu para menos da metade. Diante disso, recomendo e digo a todas vocês que castiguem esse homem por muitas razões. De fato, seus ataques a nós, as mulheres, são grosseiros como as verduras grosseiras entre as quais ele foi criado. Mas estou indo para a ágora, pois tenho de trançar vinte coroas que os homens me encomendaram.

CORO

Outro espírito decidido nos presenteou com um discurso ainda melhor que o primeiro. Que fineza ela demonstra dizendo tantas coisas condizentes com a ocasião! Como tudo é fácil de compreender e convincente! O autor destes ultrajes tem de nos pagar de maneira retumbante!

MNESÍLOCO

Não é de admirar que as mulheres estejam p. da vida com Eurípides, pois ele disse muitas coisas desagradáveis sobre elas, fazendo esguichar a bile de vocês. Eu mesma juro pela vida de meus filhos que detesto esse homem, e se assim não fosse eu seria louca. Mas deve haver uma explicação entre nós; estamos sós aqui e nenhuma de nossas palavras vai chegar lá fora. Por que temos de acusar Eurípides assim e de ficar revoltadas só porque ele revelou dois ou três de nossos defeitos, apesar de saber que eles são muitíssimos? Assim, para falar apenas de mim e não de outras mulheres, tenho a consciência pesada, pois cometi muitas maldades, principalmente uma enorme. Eu tinha casado apenas três dias antes e meu marido dormia perto de mim. Eu namorava um rapaz que me deflorou quando eu tinha somente sete anos. Depois de meu casamento com outro, dominado pelo desejo ele veio bater devagarinho na porta de minha casa. Eu percebi no mesmo instante e desci da cama no maior silêncio. "Aonde você vai?", perguntou o marido. "Aonde? Estou com cólicas, maridinho, e sofro muito; vou ao banheiro." "Vá, então", disse ele. E começou a amassar frutinhas de cedro, anis e salva (Frutinhas de cedro, anis e salva eram remédios usados na época para cólicas.). Depois de jogar água no vaso sanitário, saí e fui ao encontro de meu amante. Num instante me entreguei a ele, me apoiando no altar de Apolo e me firmando com as mãos no loureiro dedicado ao deus. Ora: Eurípides nunca disse nada parecido com isto, nem que nós fazemos amor com nossos escravos e cocheiros, quando não temos coisa melhor por perto, nem que, nos entregando à mais descarada libertinagem com qualquer homem durante a noite, de manhã cedo mastigamos alho para que o olfato de nossos maridos que voltam depois de montar guarda nas muralhas da cidade não descubram nossa conduta vergonhosa.

Dirigindo-se a uma vizinha.

Eurípides contou isto em alguma de suas tragédias? Se ele insulta Fedra, que temos nós com isso? Ele também não contou até agora o caso da mulher que mostrava ao marido seu manto novo dizendo: "Veja como ele é à luz do dia!", permitindo assim que o amante visse o sinal dela e saísse correndo apavorado. Não; até agora ele não falou nisso. Sei ainda a história de outra mulher que fingia ter dores do parto durante dez dias; até comprar um recém-nascido, enquanto o marido corria em todas as direções para comprar algum remédio destinado a apressar o parto. Uma velha trouxe numa panela tampada a criança com a boquinha cheia de favos de mel para evitar que ela chorasse. Então a mulher gritou: "Saia! Saia! Desta vez, meu marido, parece que vou ter o filho!", porque a criancinha tinha batido com o pezinho na tampa da panela. O marido correu, cheio de alegria; ela tirou os favos de mel da boca da criancinha, que começou a gritar. Depois a velha sem-vergonha que tinha trazido a criancinha correu na direção do suposto pai e disse: "Um leãozinho! Você teve um filho que é um leão, e é o seu retrato! Entre outras coisas o peruzinho dele, como o seu, parece um pepino bem pequenino!" Não são estas algumas de nossas espertezas? Elas são mesmo nossas! Devemos, então, ter raiva de Eurípides, que não diz nada além daquilo que nós fazemos mesmo?

CORO

Isto é realmente prodigioso! Onde se foi descobrir esta "coisa" que acaba de falar? Que país nutriu uma mulher tão audaciosa? Falar assim abertamente, com esta falta de vergonha! Não quero acreditar que ela tenha cometido esta ousadia aqui entre nós! Mas tudo pode acontecer de agora em diante, e aprovo o antigo provérbio: "É preciso olhar embaixo de cada pedra para não ser mordido por um… orador. (Esperava-se o proverbial escorpião, mas o coro diz "orador", pois os atenienses sensatos achavam os oradores políticos da época mais perigosos que os escorpiões.)" Nada há de pior que as mulheres atrevidas por natureza, a não ser as… outras mulheres!

PRIMEIRA MULHER

Essa não (Literalmente: "Por Áglauros", filha de Cêcrops, um rei lendário de Atenas, e sacerdotisa da deusa Atena.), mulheres! Vocês devem ter perdido o juízo, ou estão sofrendo de algum mal, para deixarem esta peste nos insultar assim!

Olhando para os espectadores.

Vamos ver se não há alguém… Já que ninguém se apresenta, nós mesmas vamos com nossos escravos procurar cinzas quentes em alguma parte e depilar a xoxota dela para que ela, sendo mulher, aprenda de hoje em diante a não falar das mulheres!

MNESÍLOCO

Não, pela xoxota de vocês, mulheres! Se, usando a franqueza com que a gente deve falar, cidadãs presentes, eu disse a favor de Eurípides o que considerava justo, vou ter de ser depilada por vocês como castigo?

PRIMEIRA MULHER

O quê? Você acha que não deve ser castigada? Você, a única mulher que teve o atrevimento de defender um homem que insultou tanto a gente, inventando com prazer histórias em que apareciam mulheres ruins, exibindo Melanipe e Fedra (Melanipe e Fedra (esta última protagonista da tragédia *Hipólito* de Eurípides) são personagens imorais de tragédias deste autor.) mas nada dizendo de Penélope só porque esta última era considerada um poço de virtudes?

MNESÍLOCO

Sei muito bem a razão. Ninguém podia citar entre as mulheres de hoje uma única Penélope; elas todas são Fedras, completamente Fedras.

PRIMEIRA MULHER

Vocês estão ouvindo, mulheres, como ela nos trata, esta debochada, a todas nós reunidas aqui?

MNESÍLOCO

Eu ainda não disse tudo que sei. Vocês querem mais?

PRIMEIRA MULHER

Você não vai poder, pois já vomitou tudo que sabia!

MNESÍLOCO

Não! Ainda não disse a décima milésima parte do que nós fazemos. Só para dar um exemplo, eu ainda não disse - vejam bem! - que nós chupamos… o vinho com canudinhos sem deixar ninguém ver…

PRIMEIRA MULHER

Quero ver você estraçalhada!

MNESÍLOCO

…e também que nas festas religiosas (Literalmente “nas Apatúrias”, festa religiosa durante a qual os rapazes atenienses, as moças recém-casadas e as crianças eram admitidas nas associações chamadas fratrias, ou seja irmandades. Durante esta festa realizavam-se sacrifícios, seguidos de banquetes em que eram servidas as carnes das vítimas.) nós dávamos as carnes melhores aos nossos amantes e dizíamos aos maridos que elas tinham sido comidas pelos gatos…

PRIMEIRA MULHER

Que bobagem! Você está dizendo mais tolices!

MNESÍLOCO

…e que outra matou o marido com uma machadinha; e também não disse que outra mulher deixou o marido pirado dando drogas a ele; nem que um dia uma mulher da Acárnia…

PRIMEIRA MULHER

Por que você não morre logo?

MNESÍLOCO

…enterrou o próprio pai debaixo da banheira…

PRIMEIRA MULHER

Quem pode suportar tanta bobagem?

MNESÍLOCO

…nem que você, quando sua escrava pariu um menino, tomou o menino dela e deu a ela sua filha pequenina!

PRIMEIRA MULHER

Você não vai dizer tudo isso sem levar uma surra! Vou arrancar seus cabelos!

MNESÍLOCO

Pois fique sabendo que você não vai tocar em mim!

PRIMEIRA MULHER

Batendo em MNESÍLOCO.

Então tome!

MNESÍLOCO

Retribuindo a pancada.

Então tome também!

PRIMEIRA MULHER

Tirando a roupa para brigar melhor e dirigindo-se à escrava.

Pegue meu vestido, Filista!

MNESÍLOCO

Bata mesmo de leve em mim e eu…

PRIMEIRA MULHER

O que é que você vai fazer?

MNESÍLOCO

…faço você cagar o bolo de gergelim que devorou escondida!

CORIFEU

Parem de trocar desaforos, pois uma mulher está vindo esbaforida em nossa direção! Calem a boca antes dela chegar aqui, para ouvirmos decentemente o que ela vem dizer.

Entra CLISTENES, um efeminado, vestido de mulher.

CLISTENES

Queridas, minhas parentes pela semelhança de nossas maneiras! Meu rosto sem barba é testemunha de minha afinidade com vocês. Sim, adoro as mulheres, protejo sempre vocês. Agora mesmo, quando fiquei sabendo de uma coisa muito grave em relação a vocês lá na praça, repetida entre tantas futilidades, vim correndo contar a vocês e alertar vocês para ficarem de olho vivo: evitem que caia nos braços de vocês, desprevenidas, uma infelicidade enorme!

CORIFEU

Que há, bichinha? (É natural que eu chame você de bichinha enquanto seu rosto não tiver barba.)

CLISTENES

Dizem que Eurípides mandou hoje para cá um parente dele disfarçado em velhota!

CORIFEU

Para fazer o quê? Com que intenção?

CLISTENES

A fim de que, presente a todas as deliberações e resoluções das mulheres, o tal parente possa ouvir os discursos de vocês.

CORIFEU

E como as mulheres não perceberam que ela é homem?

CLISTENES

Eurípides chamuscou e depilou ele, e quanto ao resto disfarçou um velhote em velhota.

MNESÍLOCO

Vocês acreditam na história dele? Que homem é tão bobo a ponto de se deixar depilar? Não acredito em nada disto, duas deusas muito veneradas!

CLISTENES

Você não sabe o que diz. Eu não ia denunciar a vocês a vinda dele se não tivesse sabido do fato por pessoas bem informadas.

CORIFEU

É muito estranho este caso que você denunciou… Vamos, mulheres! Vocês não devem ficar paradas aí, e sim descobrir esse homem, e saber onde ele está escondido, sentado entre nós.

Dirigindo-se a CLISTENES.

Você aí, venha nos ajudar a encontrar o espião, pois assim merecerá o título de nosso benfeitor e todo o nosso reconhecimento!

CLISTENES

Dirigindo-se à PRIMEIRA MULHER.

Vamos primeiro investigar você: quem é você?

MNESÍLOCO

À parte.

Para onde eu vou me mandar?

CLISTENES

Dirigindo-se a MNESÍLOCO.

Vou ter de examinar você também.

MNESÍLOCO

Azar o meu!

PRIMEIRA MULHER

Dirigindo-se a CLISTENES.

Você me perguntou quem sou eu? A mulher de Cleônimo.

CLISTENES

Dirigindo-se às outras mulheres e apontando para a PRIMEIRA MULHER.

Vocês sabem quem é esta mulher?

CORIFEU

Sabemos, sim; examine as outras.

CLISTENES

E agora esta aqui com a criancinha nos braços, quem é ela?

PRIMEIRA MULHER

É minha acompanhante.

MNESÍLOCO

À parte, tentando afastar-se.

Estou… perdido!

CLISTENES

Dirigindo-se a MNESÍLOCO.

Ei! Você aí! Para onde você está indo?

MNESÍLOCO se contorce fingindo sofrimento.

Qual é o seu mal?

MNESÍLOCO

Estou louca para mijar.

Dirigindo-se a CLISTENES, que se movimenta para acompanhá-lo.

Mas você é muito atrevido!

CLISTENES

Enfim, faça o que tem de fazer. Espero você aqui.

CORIFEU

Espere, sim, e tome conta dela. É a única que a gente não conhece.

CLISTENES

Você leva muito tempo para urinar!

MNESÍLOCO

É porque sofro de retenção de urina, meu amigo; hoje comi agrião.

CLISTENES

Por que você fala em agrião?

Querendo tirar MNESÍLOCO de onde ele está.

Você quer vir comigo?

MNESÍLOCO

Por que você quer me tirar daqui, se eu estou doente?

CLISTENES

Então me diga: quem é o seu marido?

MNESÍLOCO

Embaraçado.

Você pergunta por meu marido? Você conhece… É aquele do município de Cotocides…

CLISTENES

Aquele? Que aquele?

MNESÍLOCO

É um homem que uma vez, com aquele outro… filho daquele outro…

CLISTENES

Você está querendo me enrolar. Você já esteve aqui?

MNESÍLOCO

Já; eu venho todos os anos.

CLISTENES

E quem são suas companheiras de tenda?

MNESÍLOCO

É aquela… minha companheira…

À parte.

Estou… perdido!…

CLISTENES

Você não diz coisa nenhuma que faça sentido.

PRIMEIRA MULHER

Dirigindo-se a CLISTENES.

Pode ir embora. Eu mesma vou fazer umas perguntas a ela sobre as cerimônias do ano passado. Você é mais ou menos homem e não deve ouvir.

Dirigindo-se a MNESÍLOCO.

Você aí, me diga qual foi a primeira cerimônia realizada?

MNESÍLOCO

Como?… Qual? Ah! Foi a primeira… A gente bebeu…

PRIMEIRA MULHER

E depois, qual foi a segunda?

MNESÍLOCO

A gente bebeu à nossa saúde…

PRIMEIRA MULHER

Você ouviu isso de alguém. E a terceira?

MNESÍLOCO

Xenila pediu uma taça, porque ela não tinha penico…

PRIMEIRA MULHER

Isto não faz nenhum sentido. Volte aqui, Clistenes! Encontrei o homem de quem você falou!

CLISTENES

Voltando.

Que devo fazer com ele?

PRIMEIRA MULHER

Tire a roupa dele. Ele não diz nada que faça sentido.

MNESÍLOCO

Então você vai deixar nua uma mãe de nove filhos?

CLISTENES

Desabotoe já este sutiã, homem sem-vergonha!

PRIMEIRA MULHER

Ela tem o corpo robusto e musculoso, e não tem seios como nós.

MNESÍLOCO

É que sou estéril e nunca fiquei grávida…

PRIMEIRA MULHER

Agorinha, mas há um segundo você era mãe de nove filhos!

CLISTENES

Fique de pé! Onde você escondeu seu peru?

PRIMEIRA MULHER

Indo para trás de MNESÍLOCO.

A cabeça do peru está aqui, e tem até uma cor bonita. Descarado!

CLISTENES

Indo também para trás de MNESÍLOCO.

E onde está "ele"?

PRIMEIRA MULHER

"Ele" foi novamente para a frente.

CLISTENES

Voltando rapidamente para a frente.

"Ele" não está mais na frente!

PRIMEIRA MULHER

Ainda atrás de MNESÍLOCO.

Essa não! "Ele" voltou para cá!

CLISTENES

Que espécie de coisa você tem aí, homem? Você faz o peru ir e vir num instante (Literalmente: "você faz o seu peru passar para cá e para lá com mais frequência que os coríntios". Para não terem de fazer a longa volta pelo Peloponeso, os coríntios levavam suas naus por terra através do istmo, usando mecanismos engenhosos e grandes carretas. Ver Tucídides, *História da guerra do Peloponeso*, livro VIII, § 7, e Herôdotos, *História*, III, § 24.)!

PRIMEIRA MULHER

Ah! Sem-vergonha! Era você que defendia Eurípides e nos desmoralizava!

MNESÍLOCO

Sou um infeliz! Em que encrenca me meti!

PRIMEIRA MULHER

Que vamos fazer com ele agora?

CLISTENES

Fique de olho nele; tenha cuidado para ele não fugir e se livrar de nós. Vou comunicar tudo isso ao delegado.

Sai CLISTENES.

CORIFEU

Agora devemos acender rapidamente as luzes, tirar os mantos e ajustar as túnicas, continuar a procurar para ver se por acaso outro homem se infiltrou entre nós, percorrer toda a colina (A colina é a Pnix, que se eleva no centro de Atenas.) e inspecionar todas as tendas e passagens. Vamos! Antes de mais nada temos de avançar com os pés ligeiros e examinar silenciosamente todos os lugares; qualquer demora é prejudicial; nesta hora não pode haver atraso; o mais importante agora é corrermos o mais depressa possível para ver quem será a primeira a fazer a ronda completa.

CORO

Coragem, então! Vamos seguir cada pista e ver se outro homem está escondido nestes lugares. Temos de olhar para todos os lados, para cá e para lá, e examinar tudo, cumprindo nosso dever.

Marchando para a busca.

De fato, se sem sabermos ele cometeu um sacrilégio, outros terão nele um exemplo de conduta injusta e ímpia. Ele terá de dizer publicamente que os deuses existem, e ensinará desde agora todos os homens a reverenciarem as divindades, a praticarem atos piedosos de conformidade com as leis, e a cuidarem de fazer o bem. Se eles agirem de maneira diferente, eis o que lhes acontecerá: quem for apanhado negando-se a agir devotamente, alucinado pelo furor e transtornado pela raiva, será acusado de todos os crimes por homens e mulheres, numa prova evidente de que atos contrários às leis e à devoção vão ser castigados imediatamente pelos deuses!

CORIFEU

Parece que já examinamos todos os lugares, ou quase todos, como devíamos, e não descobrimos outro homem disfarçado por aqui.

MNESÍLOCO arranca uma criancinha dos braços da mãe.

PRIMEIRA MULHER

Ei! Você aí! Para onde está correndo? Segurem este homem! Como sou infeliz! Ele está correndo depois de arrancar meu filho de meu colo!

MNESÍLOCO

Empunhando um cutelo.

Grite tanto quanto quiser! Nunca mais você vai dar papinha ao seu filhinho se as outras mulheres não me deixarem livre! Aqui mesmo, por cima destas vítimas de sacrifícios, o sangue de seu filho atingido por um cutelo vai inundar o altar!

PRIMEIRA MULHER

Como sou infeliz! Socorro, mulheres! Gritem bem alto! Façam com que eu ganhe esta briga! Não deixem que me roubem meu único filho!

CORIFEU

Veneráveis Parcas (As Parcas (as Moiras dos gregos) eram o destino personificado.)! Que novo atentado se consuma diante de meus olhos? Tudo é audácia e falta de vergonha! Que ato ele está praticando! Que ato, amigas! Vejam!

MNESÍLOCO

Agora eu tenho um meio de me livrar da insolência excessiva de vocês!

CORIFEU

Isto não é uma monstruosidade, e pior ainda que monstruosidade?

PRIMEIRA MULHER

Uma monstruosidade, sim, que ele tenha roubado meu filhinho!

CORO

Que poderemos dizer disto, se ele nem cora diante de seu procedimento?

MNESÍLOCO

E ainda não acabei de falar.

CORO

Em todo o caso você, de volta aos lugares de onde saiu e tendo oportunidades de fugir facilmente, não vai poder dizer que, depois de um ato como este, conseguiu sair desta apertura. Você receberá o castigo merecido!

MNESÍLOCO

Longe de mim este mau agouro!

CORO

Mas qual dos deuses imortais pode proteger você e apoiar seus atos injustos?

MNESÍLOCO

Não adianta vocês esbravejarem; não solto esta criancinha!

CORO

Mas, pelas duas deusas, talvez dentro de pouco tempo você não tenha motivos para se alegrar por nos insultar e dizer palavras ofensivas. Diante de seus atos sacrílegos vamos tratá-lo, como é natural, à altura de seu comportamento. A boa sorte transforma-se rapidamente em má, e passa a reinar de maneira diferente.

CORIFEU

Dirigindo-se a uma das mulheres do coro.

Ajam! Levem estas mulheres com vocês e vão buscar lenha para assar este monstro e consumi-lo rapidamente no fogo!

Saem algumas mulheres.

PRIMEIRA MULHER

Dirigindo-se à sua escrava.

Vamos buscar um feixe de lenha!

Dirigindo-se a MNESÍLOCO.

Hoje vou transformar você em churrasco!

MNESÍLOCO

Acenda! Queime!

Dirigindo-se à criancinha.

Você, tire depressa sua roupinha e acuse como culpada de sua morte, criancinha, uma única mulher: sua mãe!

MNESÍLOCO tira a roupa da suposta criança, e fala à parte.

Que é isso? A criancinha se transformou num garrafão cheio de vinho! Mulheres fogosas, alcoólatras desenfreadas que se esforçam por transformar tudo em vinho, vocês, alegria dos donos de botecos e flagelo dos homens, dos utensílios e dos móveis da casa!

As mulheres voltam com lenha.

PRIMEIRA MULHER

Ponham aí a lenha!

MNESÍLOCO

Ponham mais!

Dirigindo-se à PRIMEIRA MULHER.

Mas você aí, responda: foi isso aqui que você pariu?

PRIMEIRA MULHER

Eu carreguei a criancinha na barriga durante nove meses!

MNESÍLOCO

Você carregou isto?

PRIMEIRA MULHER

Carreguei, sim. Juro pelos deuses.

MNESÍLOCO

Mostrando o garrafão.

De três litros? Ou quantos? Diga!

PRIMEIRA MULHER

Que é que você está fazendo, miserável? Você descobriu indecorosamente o meu filhinho tão pequenino!

MNESÍLOCO

Tão pequenino? Pequeno! Quantos litros ele tem? Três ou quatro?

PRIMEIRA MULHER

Mais ou menos, juntando a isto o tempo passado desde as Dionísias (Festas celebradas solenemente em Atenas.). Me dê a criança!

MNESÍLOCO

Apontando para uma estátua de Apolo.

Não, por Apolo, que está ali!

PRIMEIRA MULHER

Muito bem! Então vamos queimar você!

MNESÍLOCO

Perfeitamente! Queimem, mas esta aqui será degolada agora mesmo!

PRIMEIRA MULHER

Não! Eu lhe suplico! Faça de mim o que quiser, mas ela terá de ser salva!

MNESÍLOCO

Você é uma mãe naturalmente boa, mas nem por isso ela deixará de ser morta.

MNESÍLOCO dá uma pancada no garrafão.

PRIMEIRA MULHER

Ah! Meu filho!

Dirigindo-se à escrava.

Me dê o vaso sagrado para que ao menos eu recolha aqui o sangue de meu filhinho!

MNESÍLOCO

Ponha o vaso aqui embaixo; quero lhe fazer este único favor.

MNESÍLOCO deixa o vinho cair no vaso.

PRIMEIRA MULHER

Quero que você morra miseravelmente, pois você é invejoso e malvado!

MNESÍLOCO

Mostrando o manto que envolvia o garrafão.

Este manto pertence à sacerdotisa.

SEGUNDA MULHER

Que é que pertence à sacerdotisa?

MNESÍLOCO jogando o manto que envolvia o garrafão.

Isto aqui. Segure.

SEGUNDA MULHER

Dirigindo-se à PRIMEIRA MULHER.

Amiga muito infeliz! Quem fez isso com você? Quem tirou de seu colo seu filho querido?

PRIMEIRA MULHER

Esse bandido aí! Mas já que você está aqui, tome conta dele para que eu possa ir com Clistenes contar ao delegado o que ele fez.

Sai a PRIMEIRA MULHER.

MNESÍLOCO

Vamos ver que milagre posso fazer para me salvar. Que saída posso imaginar? O causador de tudo isto me meteu nesta encrenca e não aparece. Que mensageiro eu poderia despachar para ir buscar Eurípides?

Depois de alguns instantes de silêncio.

Já sei! Me lembrei de uma jogada que vi no *Palamedes* (Tragédia perdida de Eurípides, representada pela primeira vez em 415 a.C. (quatro anos antes da estreia desta comédia).); como o antigo Palamedes, vou escrever minha mensagem na parte chata dos remos e depois jogo todos no mar! Mas não há remos nem mar aqui… Onde posso conseguir uns remos neste lugar? Onde? Onde? E se eu apanhasse em vez de remos alguns quadros votivos, destes que existem por aqui? E se eu escrevesse nas costas deles e jogasse eles para todos os lados? Vai ser muito bom! Eles também são de madeira, como os remos. Ah! Minhas mãos! Tenho de tentar uma saída para esta dificuldade!

MNESÍLOCO escreve nas costas dos quadros com imagens de deuses que apanhou.

Vamos, tabuinhas! Recebam as letras mensageiras de minhas agruras! Ai! Este "r" está me dando muito trabalho! Está bem! Está bem! Mas por onde eles podem ir até onde está Eurípides?

Jogando os quadros em todas as direções.

Vão bem depressa por todos os caminhos, por aqui, por ali! Vocês têm de ir depressa!

Enviada a mensagem, MNESÍLOCO senta-se no chão à espera de EURÍPIDES.

PARÁBASE (Dita pelas mulheres do Coro. Ver *As nuvens*.)

Agora vamos fazer nosso próprio elogio na parábase. Sem dúvida há quem fale mal da raça feminina. Dizem que somos um flagelo para os homens, que todos os males vêm de nós - os confrontos, as querelas, a terrível discórdia, os desgostos, a guerra. Mas vejamos: se somos realmente um flagelo, por que…

Apontando para os espectadores.

…vocês se casam conosco e não nos deixam sair, e nos proíbem de ficar na janela com a cabeça pendurada para fora, e se empenham tanto em querer as pestes junto a vocês? Se a mulherzinha de vocês vai a qualquer parte, se vocês notam que ela está na rua, enlouquecem de furor em vez de beberem e se alegrarem, se descobrem que o flagelo está ausente e vocês não veem a peste em casa. Se dormimos fora, cansadas de nos divertirmos, cada um de vocês começa a procurar a peste, andando em volta da cama. Se aparecemos na janela, vocês querem a peste perto de vocês; se por timidez nós nos retiramos para dentro de casa, vocês ficam ansiosos por verem novamente as pestes de perto. É evidente, então, que valemos muito mais que vocês. Há um meio de demonstrar esta verdade. Façamos uma competição para ver quem é pior. Nós dizemos que são vocês, vocês dizem que somos nós. Examinemos todos os aspectos e fiquemos frente a frente, comparando os nomes de cada mulher com os de cada homem. Nausímaca (Nome de mulher significando "aquela que combate contra as naus".) vence Cármico, como os fatos demonstraram. E naturalmente Cleofon também é inferior em tudo

(Cleofon tinha sido escolhido para chefe do partido democrático em Atenas. Salabaca era uma prostituta famosa na época. Aristômaca ("excelente em combate") e Stratonice ("vitória do exército") traziam à memória dos atenienses vitórias gloriosas. Êubula significa "bom conselho"; Ânito, acusador de Sócrates no processo em que o filósofo foi condenado à morte, era considerado um homem pernicioso.) a Salabaca (ou não é?). Há muito tempo vocês não se atrevem a medir forças com Aristômaca, de Maratona, e Stratonice. E Êubula, haverá algum senador da legislatura passada melhor que ela, depois de passar suas funções a outro? Nem mesmo um Ânito teria esta pretensão. Podemos, então, vangloriar-nos de ser superiores aos homens. Não se verá mulher alguma ir para a Acrópole num carro puxado por dois cavalos depois de roubar cinquenta milhões do tesouro; o máximo que ela pode ter furtado é um bocadinho de trigo escuro de seu marido para devolver no mesmo dia. Mas, quantos de vocês poderíamos apontar entre os que praticam atos desonestos e que, além disso, são mais que nós glutões, ladrões, bobos e mercadores de escravos! E sem dúvida eles sabem menos que nós zelar por seu patrimônio. De fato, guardamos em perfeito estado até hoje os instrumentos de tecer e bordar, as cestinhas, os guarda-sóis; ao contrário, quantos de nossos maridos que estão sentados aí em frente deixaram desaparecer o bastão, a lança de ferro e muitas outras coisas em suas campanhas, e jogaram seus escudos no chão? Nós, as mulheres, teríamos o direito de fazer com razão censuras aos homens, entre elas uma enorme: seria justo, se uma de nós dá à luz um homem útil à cidade, um coronel, um general, que ela recebesse alguma homenagem e que lhe fosse oferecido um alto cargo (Literalmente: a Proedria, cargo importante em relação às festas públicas atenienses.) no Departamento de Festas (Literalmente: "nas Cirias", festa ateniense também só para mulheres.)[46], pois somente nós, as mulheres, organizamos e arranjamos as coisas com muita competência. Se a mulher desse à luz um covarde, um mau cidadão ou um mau general, ou um almirante incompetente, ela deveria sentar-se atrás da mãe de um homem de valor, com a cabeça raspada. De fato, é justo, nossa cidade, que a mãe de Hipérbolo fique sentada, vestida de branco e com os cabelos esvoaçantes, ao lado da mulher de Lâmaco, que empresta dinheiro a juros escorchantes? Se ela empresta dinheiro e cobra juros, ninguém deveria pagar, e seus bens deveriam ser confiscados depois de lhe dizermos: "Você bem merece que não lhe paguemos juros, depois de nos haver dado semelhante produto!"

O CORO retira-se para o fundo da cena.

MNESÍLOCO

Estou ficando vesgo depois de tanto olhar para o lado de onde penso que ele vem, mas ele não chega! Que dificuldade está impedindo a vinda dele? Sem qualquer dúvida ele achou o seu *Palamedes* (Nome de uma tragédia de Eurípides, da qual nos restam apenas fragmentos, cujo herói tinha este nome.) e tem vergonha dele. Com que peça devo atrair Eurípides? Já sei! Vou imitar a *Helena*, a peça mais nova dele. Para ganhar tempo, já estou vestido de mulher.

SEGUNDA MULHER

Que é que você ainda está tramando? Quem é que você está esperando? Você terá de ver uma Helena amarga se não se comportar decentemente até a chegada do delegado.

MNESÍLOCO

Recitando desordenadamente trechos da Helena de Eurípides (*Helena* é uma das tragédias conservadas de Eurípides. Os versos de Eurípides estão entre aspas.).

"Aqui estão as Ninfas virginais do Nilo,

do rio que, substituindo águas celestes,

corre molhando o solo do brilhante Egito

e rega as ervas curativas de seu povo."

SEGUNDA MULHER

Você é um trambiqueiro!

MNESÍLOCO

“Todos conhecem minha pátria celebérrima, e Tíndaro é meu pai…”

SEGUNDA MULHER

Esse é teu pai, trambiqueiro? É mais provável que seja Frinondas (Frinondas era um ateniense de mau caráter, que segundo alguns comentaristas antigos teria sido o pai de Eurípides.).

MNESÍLOCO

“O nome que me deram é Helena…”

SEGUNDA MULHER

Você está fingindo outra vez que é mulher, antes de ser punido pelo primeiro disfarce?

MNESÍLOCO

“Muitos guerreiros, junto às margens do Escamandro, por minha causa foram vítimas da Morte.”

SEGUNDA MULHER

Por que você não morreu também lá?

MNESÍLOCO

“Estou aqui, mas meu esposo infelicíssimo,

rei Menelau, não vem! Por que ainda vivo?”

SEGUNDA MULHER

A culpa é dos corvos, que não cumprem o seu dever.

MNESÍLOCO

Prosseguindo na declamação e vendo EURÍPIDES aproximar-se.

“Mas vejo algo que me alegra o coração!

Ah! Zeus! Não desmintas agora a esperança

que sinto renascer em mim!…”

Entra EURÍPIDES disfarçado em Menelau após um naufrágio.

EURÍPIDES

Fazendo-se de Menelau.

“Quem detém o poder neste belo palácio?

Queiram os deuses que ele seja acolhedor

para estrangeiros quase mortos de cansaço,

joguetes indefesos das ondas marinhas

durante a tempestade, semimortos náufragos!”

MNESÍLOCO

“Este palácio é de Proteu…”

SEGUNDA MULHER

Que Proteu? Ah! Três vezes trambiqueiro! Ele está mentindo, pois Proteu está morto há dez anos (A segunda mulher confunde Proteu, rei do Egito na época da guerra de Troia, com algum homônimo ateniense morto havia dez anos.).

EURÍPIDES

“A que lugar chegou, enfim, a nossa nau?”

MNESÍLOCO

“Ao Egito distante…”

EURÍPIDES

“Ah! Desventura! Onde nos lança a tempestade?”

SEGUNDA MULHER

Vocês acreditam neste homem merecedor do pior dos fins, que vem contar estas histórias? Isto aqui é o templo de Deméter!

EURÍPIDES

“Proteu está aqui, ou longe, muito longe?”

SEGUNDA MULHER

Você ainda vai enjoar muito, estrangeiro; dizem que Proteu está morto, e você vem perguntar se ele está aqui ou longe daqui!

EURÍPIDES

“Ah! Ele já morreu? Onde foi sepultado?”

MNESÍLOCO

“Seu túmulo é aqui, onde eu estou sentada.”

SEGUNDA MULHER

Tomara que você morra miseravelmente! E você morrerá, ouviu? Você, que se atreve a chamar este altar de túmulo!

EURÍPIDES

“Por que, usando o túmulo como um assento,

estás velada aqui, mulher?…”

MNESÍLOCO

“Obrigam-me a unir-me ao filho de Proteu,

a partilhar seu leito…”

SEGUNDA MULHER

Por que, celerado, você ainda engana esse estrangeiro?

Dirigindo-se ao "estrangeiro".

Este homem chegou aqui como um louco, estrangeiro, a fim de roubar os adornos de ouro das mulheres.

MNESÍLOCO

"Ultraja-me, ladrando, se isso te agrada!"

EURÍPIDES

"Quem é esta anciã que insiste em acusar-te,

pobre estrangeira?…"

MNESÍLOCO

"Seu nome é Teonoe, a filha de Proteu."

SEGUNDA MULHER

Não, pelos deuses! Sou simplesmente Critila, filha de Antiteu, e moro aqui perto.

Dirigindo-se a MNESÍLOCO.

Você é mesmo um trambiqueiro!

MNESÍLOCO

"Dize o que mais te agrada. Não me casarei

com teu irmão, e nunca, nunca trairei

Menelau, meu esposo, que lutou em Troia."

EURÍPIDES

Prosseguindo como se fosse Menelau.

"Ah! Que dizes, mulher? Olha-me frente a frente!"

MNESÍLOCO

Prosseguindo como se fosse Helena e tirando o véu que lhe ocultava os olhos.

"Tenho vergonha destas marcas ultrajantes

que enfeiam o meu rosto…"

EURÍPIDES

"Que vejo? O pasmo não me permite falar!

Que tenho em frente aos olhos? Quem és tu, mulher?"

MNESÍLOCO

"E tu, quem és? Estou também estupefata!"

EURÍPIDES

"És mesmo Helena, ou alguma mulher daqui?"

MNESÍLOCO

“Eu sou Helena. E tu? Quero saber quem és.”

EURÍPIDES

“Ah! Mulher! Vejo em ti o retrato de Helena!”

MNESÍLOCO

E tu és Menelau, recendendo a… verduras (“Verduras” é uma alusão de Aristófanes à profissão da mãe de Eurípides, que teria sido verdureira.)?

EURÍPIDES

“Vês diante de ti um homem infeliz!”

MNESÍLOCO

“Enfim chegaste aos braços de tua mulher!

Aperta-me! Abraça-me, alma querida!

Deixa-me dar-te um beijo! Leva-me! Sim, leva-me!

Leva-me! Leva-me daqui sem mais delongas!”

SEGUNDA MULHER

Pelos deuses e deusas! Que a desventura atinja quem levar você! Vou espancá-lo com minha tocha!

EURÍPIDES

“Filha de Tíndaro! Pretendes impedir-me

de levar minha esposa daqui para Esparta!”

SEGUNDA MULHER

Você tem o ar de ser bastante esperto e de estar mancomunado com este indivíduo. Não é sem razão que vocês falam tanto no Egito. Mas este cara será castigado, pois vejo avançando para cá o delegado e um soldado.

EURÍPIDES

Agora em tom natural.

Isto vai mal!… Vou me mandar daqui!

MNESÍLOCO

Agora também em tom natural.

E eu, pobre de mim, que vou fazer agora?

EURÍPIDES

Fique tranquilo; enquanto eu tiver um sopro de vida não trairei você, a não ser que me faltem minhas inesgotáveis ideias astuciosas.

Sai EURÍPIDES.

MNESÍLOCO

Não consigo pescar ninguém com meu anzol…

Entra o DELEGADO seguido por um SOLDADO que traz um chicote e uma canga usada para ser posta no pescoço dos presos.

DELEGADO

Este é o trambiqueiro denunciado por Clistenes?

Dirigindo-se a MNESÍLOCO.

Você aí, por que baixou a cabeça?

Dirigindo-se ao SOLDADO.

Entre com ele e ponha a canga no pescoço dele. Depois mostre este trambiqueiro a todo mundo e fique de olho nele. Não deixe ninguém chegar perto dele, e dê uma chicotada em qualquer pessoa que tente se aproximar dele!

SEGUNDA MULHER

É isto mesmo, pois há pouco tempo um sem-vergonha quase levou este trambiqueiro daqui.

MNESÍLOCO

Ah! Dr. Delegado! Em nome desta mão direita que você gosta de estender a quem lhe oferece dinheiro, me faça um favorzinho, ainda que eu tenha de ser morto!

DELEGADO

Que favor?

MNESÍLOCO

Dê ordem ao soldado para tirar toda a minha roupa antes de pôr a canga em mim; tenho medo de que, com meu manto cor de açafrão e com o meu chapéu, velho como sou vou provocar gargalhadas nos corvos que vão se deliciar com as minhas carnes.

DELEGADO

O senado decretou que você vai ser amarrado com esta roupa; assim todas as mulheres presentes podem ver que você é trambiqueiro.

MNESÍLOCO

Ah! Manto cor de açafrão! Quantos males você me traz! Não me resta nenhuma esperança de salvação!

O SOLDADO leva MNESÍLOCO. Saem o DELEGADO e a SEGUNDA MULHER.

CORIFEU

Vamos sair daqui também para participar da festa, como sempre fazemos, nós, mulheres, quando, nas horas santificadas, celebramos os mistérios divinos das duas deusas. Até Páuson (Páuson era um ateniense reduzido à extrema pobreza na época.) reverencia as duas fazendo jejum; muitas vezes ele fez preces conosco para que pudesse participar destas cerimônias por muitos anos ainda.

CORO

Avante, mulheres! Partamos com os pés ligeiros! Vamos fazendo roda com as mãos dadas! Avancemos marcando o ritmo da dança consagrada! Marchemos com os pés ligeiros! Mas o coro, mesmo assim, deve ficar de olho vivo, observando todos os lados. Ao mesmo tempo prestemos homenagem à raça dos deuses olímpicos e cantemos em honra deles enquanto dançamos! Se alguém espera que neste lugar santificado, nós, as mulheres, vamos maldizer os homens, engana-se! Mas temos de recomeçar a dança de roda com passos elegantes. Que nossos pés continuem marchando enquanto celebramos o deus da bela lira (O "deus da lira bela" é Apolo.) e Ártemis portadora do arco, soberana pudica! Salve, deus protetor! Dê-nos a vitória! Celebremos Hera, padroeira dos casamentos, como convém, ela, que em todos os coros participa das festas e guarda as chaves do himeneu! A Hermes, deus dos pastores, e a Pan e às Ninfas queridas, pedimos que sorriam para nós cordialmente e sintam prazer com nossas danças. Começa agora animadamente o passo duplo, encanto da dança! Divirtamo-nos, mulheres, obedecendo aos costumes e mantenhamo-nos rigorosamente em jejum. Vamos! Coragem! Pulemos, façamos roda movendo cadenciadamente os pés! Rodemos cantando bem alto! E guie-nos você mesmo, deus portador das folhas de parreira, Baco, nosso senhor! Estamos festejando-o com árias dançantes, você, Diôniso Brômio (Brômio é um dos epítetos de Diôniso, o deus do vinho e do delírio místico, significando "fremente" ou "retumbante".), filho de Zeus e de Semele, que marcha nas montanhas, principalmente no monte Citéron, divertindo-se com os hinos graciosos das Ninfas! Evoé! Evoé! Conduza nossa dança pela noite afora! Por todos os lados junta-se à nossa algazarra o eco do Citéron, o monte sombrio coberto de folhagem escura, e os vales rochosos fremem! E envolvendo-o em sua folhagem, a parreira de belas folhas floresce!

O CORO se retira. A cena muda para outro local, onde estão o SOLDADO (No original o soldado, por ser um estrangeiro da Cítia, fala um grego misturado com sua língua bárbara, difícil de ser entendida.) *e MNESÍLOCO*.

SOLDADO

Aqui, agora, tu pode gritá com toda a força dos purmão!

MNESÍLOCO

Eu lhe suplico, soldado!

SOLDADO

Num adianta supricá!

MNESÍLOCO

Abra a canga!

SOLDADO

Eu abro ela já!

O SOLDADO aperta mais a canga.

MNESÍLOCO

Estou… perdido! Você apertou ainda mais!

SOLDADO

Tu qué mais ainda?

MNESÍLOCO

Ai, ai, ai! Ai, ai, ai! Que a peste te mate!

SOLDADO

Cala a boca, veio disgraçado! Vou buscá uma istera pra ficá vigiando ocê sem cansá.

MNESÍLOCO (A fala de Mnesíloco inclui citações e paródias de trechos da tragédia *Andrômeda* de Eurípides, da qual nos restam apenas fragmentos.)

Que momentos deliciosos fiquei devendo a Eurípides!…

Percebendo ainda ao longe EURÍPIDES disfarçado na Ninfa Eco.

Ah! Deuses! Ah! Zeus Salvador! Voltei a ter esperanças! Parece que o homem não vai me abandonar; mas ele me dá a entender, correndo para longe da multidão disfarçado em Perseu, que devo me transformar em Andrômeda. Mas de qualquer maneira estou preso. É claro que ele vem me soltar, pois se não fosse assim não tinha voado para cá.

Imitando Andrômeda.

Amigas, virgens amigas, por que não posso ir embora sem que o pau-de-arara ("Pau-de-arara": literalmente o "Cita", natural da Cítia.) me veja? Você está me ouvindo? Você, que repete meus cantos nas cavernas, permita que eu vá encontrar minha mulher! Quem me prendeu aqui não tem coração, é o mais insensível dos mortais. A duras penas escapei de uma velha nojenta, mas estou… perdido da mesma forma. Este pau-de-arara, plantado perto de mim o tempo todo, me pôs aqui, todo ferido, sem um amigo, para ser devorado pelos urubus. Você está vendo? Não é para danças nem para a companhia de mocinhas da minha idade que estou em pé segurando uma urna para receber votos; mas, amarrada em laços apertados, fui lançada como pasto ao monstro Glaucestes. Num hino que não é de himeneu, mas soando como o ruído de grilhões, chorem por mim, mulheres, pois, desgraçada, sofri desgraçadamente - desditosa que sou, desditosa demais! - e entre os sofrimentos infligidos por meus parentes faço um apelo, numa ardorosa lamentação fúnebre, cheia de lágrimas - ai, infeliz de mim! -, ao homem que primeiro me depilou e depois me forçou a vestir esta roupa cor de açafrão, e além disso me mandou para o templo onde estão as mulheres! Ah! Demônio impiedoso de meu destino! Ah! Sou uma mulher maldita! Quem não quer lançar um olhar sobre meus sofrimentos, que ninguém inveja, diante de males como os meus? Possa o astro portador do fogo do éter aniquilar a infeliz que sou! Já não gosto de contemplar a luz imortal do dia, suspensa assim, vítima de dores atrozes em meu pescoço dilacerado, que logo me levarão para o mundo dos mortos!

EURÍPIDES

Disfarçado na Ninfa Eco, sem ser visto.

Salve, criança querida! Praza aos céus que seu pai, que a abandonou, seja aniquilado pelos deuses!

MNESÍLOCO

Ainda imitando Andrômeda.

Quem é você, que se comoveu com meus sofrimentos?

EURÍPIDES-ECO

Sou Eco, que se diverte repetindo as palavras dos mortais; no ano passado, neste mesmo lugar, ajudei Eurípides a competir no concurso de tragédias. Vamos, minha criança! Faça seu papel! Gema desconsoladamente!

MNESÍLOCO-ANDRÔMEDA

Mas você tem de gemer depois de mim!

EURÍPIDES-ECO

Não vou me esquecer de gemer. Vamos! Comece!

MNESÍLOCO-ANDRÔMEDA

Ah! Noite sagrada! Até onde você vai em sua fuga, percorrendo em seu carro a abóbada estrelada do éter sagrado, por cima do muito divino Olimpo?

EURÍPIDES-ECO

Olimpo?

MNESÍLOCO-ANDRÔMEDA

Por que me couberam tantos males em partilha, a mim, Andrômeda, mais que às outras criaturas?

EURÍPIDES-ECO

Criaturas?

MNESÍLOCO-ANDRÔMEDA

A morte é a sorte que me espera! Ai de mim!

EURÍPIDES-ECO

Ai de mim!

MNESÍLOCO-ANDRÔMEDA

Você me mata com sua tagarelice!

EURÍPIDES-ECO

Tagarelice!

MNESÍLOCO-ANDRÔMEDA

Você me aborrece com suas interrupções! Isto é demais!

EURÍPIDES-ECO

Demais!

MNESÍLOCO-ANDRÔMEDA

Me deixe entoar minha cantilena, querido; isso me agradará. Pare!

EURÍPIDES-ECO

Pare!

MNESÍLOCO-ANDRÔMEDA

Vá para o inferno!

EURÍPIDES-ECO

Inferno!

MNESÍLOCO-ANDRÔMEDA

Que mal a aflige?

EURÍPIDES-ECO

Aflige?

MNESÍLOCO-ANDRÔMEDA

Você está dizendo bobagens!

EURÍPIDES-ECO

Bobagens!

MNESÍLOCO-ANDRÔMEDA

Seja muito infeliz!

EURÍPIDES-ECO

Infeliz!

MNESÍLOCO-ANDRÔMEDA

Então lamente-se!

EURÍPIDES-ECO

Lamente-se!

SOLDADO

Voltando com uma esteira e dirigindo-se a EURÍPIDES.

Ocê aí, por que tá dizendo fanfarronada?

EURÍPIDES-ECO

Fanfarronada?

SOLDADO

Vô chamá o dotô delegado!

EURÍPIDES-ECO

Delegado!

SOLDADO

Donde tá saindo esta vóis?

EURÍPIDES-ECO

Esta voz?

SOLDADO

Ocê continua falando, disgraçado?

EURÍPIDES-ECO

Desgraçado?

SOLDADO

Ocê vai si arrependê!

EURÍPIDES-ECO

Arrepender!

SOLDADO

Ocê tá zombando de mim!

EURÍPIDES-ECO

De mim!

MNESÍLOCO

Não! Aquela mulher está perto de nós!

EURÍPIDES-ECO

De nós!

SOLDADO

Onde tá a bandida?

MNESÍLOCO

Ela vai fugir!

SOLDADO

Pra onde ela vai fugi?

EURÍPIDES-ECO

Vai fugir?

SOLDADO

Ocê num vai se alegrá!

EURÍPIDES-ECO

Alegrar!

SOLDADO

Ocê inda tá grunhindo!

EURÍPIDES-ECO

Grunhindo!

SOLDADO

Sigura a bandida!

EURÍPIDES-ECO

Bandida!

SOLDADO

Mulhé fanfarrona e mardita!

EURÍPIDES-ECO

Disfarçando-se de Perseu e declamando.

“A que país de bárbaros cheguei agora

num ímpeto incontido? Atravessando o éter,

abrindo meu caminho voo sem parar

com os pés alados com destino à antiga Argos,

levando em minhas mãos a cabeça da Gôrgona (A Gôrgona era um monstro cuja face petrificava quem a via.).”

SOLDADO

Como é que é? Levando a cabeça do iscrivão Gorgo?

EURÍPIDES-ECO

Eu disse “a cabeça da Gôrgona”.

SOLDADO

Eu também disse Gorgo.

EURÍPIDES-ECO

“Avante! Que rochedo é este e quem será

esta donzela semelhante em tudo às deusas?

Parece uma galera amarrada no porto!”

MNESÍLOCO-ANDRÔMEDA

“Tem piedade de meu infortúnio enorme,

desconhecido! Solta os grilhões que me prendem!”

SOLDADO

Ocê vai continuá dizendo bobage? Mardito! Atrivido! Ocê vai ficá com essa conversa mole na hora de morrê?

EURÍPIDES-ECO

“Ah! Virgem! Como é triste ver-te acorrentada!”

SOLDADO

Ele num é virge; é um veio inganadô, ladrão e safado!

EURÍPIDES

Você está dizendo tolices, soldado; ela é Andrômeda, filha de Cefeu.

SOLDADO

Levantando a roupa de MNESÍLOCO.

Oia o piru dele! Ocê acha ele piqueno?

EURÍPIDES

Dirigindo-se a MNESÍLOCO.

Chegue mais perto, mocinha! Dê-me a mão para eu segurá-la.

O SOLDADO se interpõe entre os dois.

Vejamos, soldado. Todos os homens têm suas fraquezas. A minha é ser apaixonado por esta gatinha.

SOLDADO

Eu num invejo ocê, mas se ele tivesse de costa pra eu, eu atacava o traseiro dele.

EURÍPIDES

Por que você não me deixa soltá-la, soldado, "e levá-la depois ao leito nupcial?"

SOLDADO

Se ocê tá querendo mermo transá cum o veio, agarra a canga por trais e dá uma de tarado.

EURÍPIDES-ECO

"Não, pelo deuses, mas destruo seus grilhões."

SOLDADO

Entonce, cuidado cum o chicote!

EURÍPIDES

Não importa; tenho de soltá-lo!

SOLDADO

Pois eu vô rachá a cabeça dele cum esta ispada!

EURÍPIDES-ECO

"Ah! Que farei? Que argumentos usarei?

Mas este bárbaro não me deixa salvá-la!

Usar com ignorantes argumentos novos

é trabalho perdido. Deverei valer-me

de ideias ao alcance de sua rudeza!"

Sai EURÍPIDES.

SOLDADO

Raposa trambiquera! Ele qué mi inganá de quarqué manera!

MNESÍLOCO

Gritando na direção em que EURÍPIDES saiu.

Não se esqueça, Perseu, da situação difícil em que você me abandona!

SOLDADO

Ocê tá mermo cum vontade di entrá no chicote!

CORO

Em nossos coros costumamos invocar Atena para juntar-se a nós, ela, a sempre virgem padroeira de nossa terra, única detentora legítima do poder em sua cidade, chamada de guardiã das chaves. Apareça, você que detesta os tiranos, como manda a sã razão! O povo das mulheres a chama! Queiram os céus que você venha juntar-se a nós, trazendo consigo a paz amiga das festas. Vocês também, os outros deuses benévolos e propícios neste bosque onde celebram-se os mistérios sagrados das duas deusas que os homens não têm permissão para ver, e onde elas mostram suas faces imortais à luz das tochas. Venham, aproximem-se! É uma súplica, Tesmôforas muito veneradas. Se nunca antes deste dia vocês responderam aos nossos apelos, imploramo-lhes: venham hoje, apareçam aqui entre nós!

Durante a fala do CORO o SOLDADO adormece. Reaparece EURÍPIDES, tendo nas mãos uma harpa; com ele vêm uma dançarina e um flautista.

EURÍPIDES

Se vocês quiserem fazer as pazes comigo para sempre, mulheres, este é o momento, pois me comprometo a nada dizer de mal contra vocês a partir de agora. Esta é a minha proposta.

CORIFEU

Por que você nos faz esta proposta?

EURÍPIDES

Este homem preso na canga é meu sogro. Se vocês quiserem libertá-lo, nunca mais voltarei a falar mal das mulheres. Se vocês recusarem, revelarei aos maridos de todas, quando eles deixarem o serviço militar, tudo que vocês fazem escondidas enquanto eles servem à pátria.

CORIFEU

Quanto a nós, fique sabendo: estamos de acordo com você,

Apontando para o SOLDADO.

mas você mesmo vai ter de convencer este pau-de-arara.

EURÍPIDES

Essa tarefa é minha.

Dirigindo-se à dançarina.

A sua, gatinha, é não esquecer de fazer o que eu lhe disse no caminho para cá. Fique na frente dele e levante o véu.

Dirigindo-se ao flautista.

Você aí, toque uma música bem sensual.

Enquanto a moça dança e o rapaz toca flauta, EURÍPIDES disfarça-se em velha.

SOLDADO

Qui musga é essa? O baruio do forró me acordô!

EURÍPIDES

Apontando para a dançarina.

Essa moça está treinando, soldado, pois ela vai dançar com alguém…

SOLDADO

Entonce ela pode dançá e se esquentá; eu não vô criá caso por isso. Como ela remexe bem! Parece uma purga num couro de bode!

EURÍPIDES

Dirigindo-se à dançarina.

Vamos, gatinha! Tire a roupa pela cabeça! Sente-se nos joelhos do soldado e levante os pés, para eu tirar as suas sandálias.

SOLDADO

Tá bom! Muntcho bom! Se senta, gostosa! Se senta!

A dançarina obedece. EURÍPIDES começa a tirar as sandálias dela.

Oba! Como os peitinhos dela são durinho! Parece duas maçã!

A moça começa a dançar nua.

EURÍPIDES

Dirigindo-se ao flautista.

Você aí! Toque mais depressa! Você tem medo do soldado?

SOLDADO

Qui trasero bacana!

Falando a seu membro em ereção.

Manera! Fica quetinho debaixo da ropa!

EURÍPIDES

Dirigindo-se à dançarina.

Agora chega; vista a roupa. Já é hora de irmos embora.

SOLDADO

E ela não vai mi dá um bejinho primero?

EURÍPIDES

Dirigindo-se à dançarina.

Dê um beijo nele. Está bem!…

SOLDADO

Beijando a dançarina.

Oba! Oba! Qui linguinha doce! Parece mé de abeia. Por que ocê num deita cum eu?

EURÍPIDES

Adeus, soldado. Não é possível.

SOLDADO

Dirigindo-se a EURÍPIDES ainda disfarçado em velha.

Dexa! Dexa, veia! Me dê esse gosto!

EURÍPIDES

Então você me dá uma grana?

SOLDADO

Tá bem! Tá bem! Eu ti dô uma grana.

EURÍPIDES

Passe logo a grana!

SOLDADO

Grana eu num tenho, mas ti dô meu carcás cum todas as minha frecha.

O SOLDADO tira o carcás do ombro e dá a EURÍPIDES.

Depois eu vô ti levá a grana e ocê me devorve o carcás.

Dirigindo-se à dançarina.

Vem cum eu, gostosa!

Dirigindo-se a EURÍPIDES e apontando para MNESÍLOCO.

Fica de oio nesse veio, veia. Mais como é mermo teu nome?

EURÍPIDES

Artemísia.

SOLDADO

Como é qui eu vô dizê esse nome? Artemija?

O SOLDADO sai com a dançarina.

EURÍPIDES

Hermes astucioso (Hermes, mensageiro de Zeus, era o deus astucioso por excelência.)! Até aqui você fez tudo como eu queria.

Dirigindo-se ao flautista e dando-lhe uma harpa.

Você, meu rapaz, vá embora com isto.

Apontando para MNESÍLOCO.

Vou soltar esse coroa.

Dirigindo-se a MNESÍLOCO.

Quando você estiver solto trate de fugir sem demora, e corra para se juntar à sua mulher e os filhos em casa.

MNESÍLOCO

Logo que estiver solto é a primeira coisa que vou fazer.

EURÍPIDES

Depois de soltar MNESÍLOCO.

Você está livre. Trate de fugir antes que o soldado volte e queira prender você de novo.

MNESÍLOCO

É isto que já estou fazendo! Vamos!

SOLDADO

Voltando.

Ah! Veia! Tua fia é uma gostosura e muito legal! Mas onde tá a veia? Tô perdido! Pra onde foi a veia?

Chamando.

Veia! Veia! Num tô gostando disso, veia!

Gritando.

Artemija! A veia me inganô.

Vendo o carcás vazio e chutando-o.

Vai pras profundeza do inferno, carcás mardito! Num é à toa que tu tem esse nome tão feio e andava sempre se isfregando nas minhas costa! Qui disgraça! Qui é qui eu vô fazê agora? Onde tá a veia? Artemija!

CORIFEU

Você pergunta pela velha que levava a harpa?

SOLDADO

É isso aí! Tu viu ela?

CORIFEU

Ela foi embora por ali, com um velho atrás dela.

SOLDADO

A veia tava cum um vistido amarelado?

CORIFEU

Garanto que estava. Se você perseguir os dois indo por ali, ainda pode alcançar a dupla.

SOLDADO

Veia mardita! Pra donde eu vô corrê? Artemija!

CORIFEU

Vá correndo em linha reta e subindo. Mas para onde você está indo? Você quer voltar ao mesmo lugar correndo para o outro lado?

SOLDADO

Eu sô um disgraçado! Eu? Corrê? Artemija!

CORIFEU

Corra depressa para onde houver urubus (quem gosta de velho é urubu…) e bons ventos o levem! Quanto a nós, já nos divertimos bastante hoje.

Dirigindo-se aos espectadores.

É tempo de cada um de vocês voltar para casa. Que as duas deusas Tesmôforas concedam suas boas graças a todos!

F I M

Aristófanes, *Só para mulheres*, tradução do grego de Mário da Gama Kury, Rio de Janeiro, Zahar, 3ª edição, 2003.

As rãs

Tradução de Mário da Gama Kury

Época da ação: Século V a.C.

Local: caminho para o Inferno e o próprio Inferno.

Primeira representação: 405 a.C.

PERSONAGENS

XANTIAS, criado de Diôniso

DIÔNISO

HERACLÉS

UM DEFUNTO

CÁRON, barqueiro do Inferno

CORO DAS RÃS

CORO DOS INICIADOS

CORIFEU

ÁIACO, um dos juízes do Inferno

CRIADA de Perséfone

1ª TABERNEIRA

2ª TABERNEIRA

EURÍPIDES

ÉSQUILO

HADES (o deus maior do Inferno)

ESCRAVO de Hades

Cenário

A cena inicial é o caminho do Inferno, e em seguida o próprio Inferno. DIÔNISO está vestindo uma pele de leão, e vem armado com um porrete como se fosse HERACLÉS e calçando coturnos. XANTIAS, montado num jumento, carrega nas costas a bagagem de seu senhor.

XANTIAS

Devo dizer alguma coisa divertida aos espectadores, meu senhor?

DIÔNISO

Claro! Diga o que você quiser, menos as palavras "Já não posso mais!". Isto você não pode dizer, porque já estou cheio de ouvir.

XANTIAS

Posso dizer algum gracejo?

DIÔNISO

Desde que não seja: "Estou desancado!"

XANTIAS

Esta não! Não posso dizer as coisas mais engraçadas?

DIÔNISO

É isto aí: tudo que você quiser. Proíbo só uma coisa.

XANTIAS

Qual?

DIÔNISO

Dizer, passando sua trouxa de um ombro para o outro: "estou apertado!"

XANTIAS

E se eu não aliviar meus ombros da trouxa que me esmaga, vou peidar.

DIÔNISO

Nada disso, por favor, a não ser que você queira que eu vomite.

XANTIAS

De que serve, então, estar tão carregado assim se não posso ter licença para os gracejos de Frínico (Este Frínico era um mau poeta cômico contemporâneo de Aristófanes. Lísias era outro poeta cômico contemporâneo, menos frio, como Ameipsias a seguir.), de Lísias e de Ameipsias, que põem em cena carregadores de bagagens?

DIÔNISO

Não faça nada disto. Quando vou ao teatro, invenções como estas me fazem envelhecer mais de um ano.

XANTIAS

Coitados de vocês, meus ombros! Vocês sofrem sem que eu possa fazer rir.

DIÔNISO

Isto não é o cúmulo da insolência e da preguiça? Eu, Diôniso, filho de um jarro de vinho, vou a pé e me canso, enquanto este manhoso quer uma montaria para estar à vontade, sem ter o que carregar!

XANTIAS

Eu não estou carregando nada?

DIÔNISO

Como você carregaria, se está sendo carregado?

XANTIAS

Mas com esta trouxa em cima de mim.

DIÔNISO

Como?

XANTIAS

E ainda por cima ele é surdo…

DIÔNISO

Não é o jumento que carrega a trouxa que você está carregando?

XANTIAS

É claro que não; ele não carrega o que eu mesmo levo.

DIÔNISO

Como é que você leva, você que é levado pelo jumento?

XANTIAS

Não sei bem, mas meus ombros não aguentam mais.

DIÔNISO

Se você acha que o jumento não serve para nada, o que você tem a fazer é pegar o jumento e carregar ele também nas suas costas.

XANTIAS

Ai de mim! Por que eu não estava na última batalha naval (A batalha naval de Arginusas contra os lacedemônios no ano da estreia de *As rãs*; durante a batalha morreram inúmeros atenienses.)? Você ia lamentar, e muito!

DIÔNISO e XANTIAS chegam à frente de uma casa na estrada.

DIÔNISO

Desça do jumento, preguiçoso! Vou bater nesta porta, onde tenho de parar primeiro.

Batendo na porta e chamando para dentro de casa.

Menino! Ô de casa! Menino!

A porta é aberta por HERACLÉS.

HERACLÉS

Quem bateu na porta? Seja quem for, bateu como um verdadeiro brutamontes. Qual é o caso? Que há de novo?

DIÔNISO

Dirigindo-se a XANTIAS.

Diga você!

XANTIAS

Dizer o quê?

DIÔNISO

Você não notou…

XANTIAS

O quê?

DIÔNISO

O medo que ele tem de mim?

XANTIAS

Vamos! Tenha cuidado para não dizer bobagens!

HERACLÉS

Por Deméter, não posso deixar de rir; estou mordendo os lábios mas ainda assim rio.

DIÔNISO

Aproxime-se, meu rapaz; tenho um pedido para lhe fazer.

HERACLÉS

Não posso mesmo conter as gargalhadas vendo uma pele de leão por cima de uma roupa amarela (Somente mulheres usavam roupas de cor.). Que significa este modo ridículo de vestir? Qual é a relação entre o coturno e o porrete? Por onde você viajou?

DIÔNISO

Andei montado em Clistenes (Clistenes era um homossexual da pior espécie, famoso na época em Atenas por sua devassidão.).

HERACLÉS

E você participou de algum combate naval?

DIÔNISO

E afundamos doze ou treze naus inimigas.

HERACLÉS

Vocês dois?

DIÔNISO

Sim, por Apolo!

XANTIAS

E aí eu acordei (A fala de Xantias indica a desconfiança dele em relação a Diôniso.)...

DIÔNISO

Eu estava em minha nau lendo a *Andrômaca* (Tragédia de Eurípides.) quando um desejo repentino me dominou (você pode imaginar com que força!).

HERACLÉS

Um desejo grande? De que tamanho?

DIÔNISO

Pequeno como Môlon (Ironia de Aristófanes, porque Môlon era um ator cômico de estatura elevada.).

HERACLÉS

Como uma mulher?

DIÔNISO

Também não.

HERACLÉS

Como um rapaz, então?

DIÔNISO

De jeito nenhum!

HERACLÉS

Então como um homem?

DIÔNISO

Até que enfim!

HERACLÉS

É verdade que você estava com Clistenes?

DIÔNISO

Não brinque comigo, querido irmão. Estou um pouco constrangido; um desejo muito forte está me inquietando.

HERACLÉS

Que desejo é esse, irmãozinho?

DIÔNISO

Não posso dizer, mas vou dar a entender por uma via meio tortuosa. Alguma vez você teve um desejo repentino de comer purê?

HERACLÉS

Purê? Ora! Milhares de vezes na vida!

DIÔNISO

Estou me explicando suficientemente? É necessário dizer mais alguma coisa?

HERACLÉS

No caso do purê é desnecessário; compreendo muito bem.

DIÔNISO

É assim o desejo que me consome por Eurípides.

HERACLÉS

Por um homem que já morreu?

DIÔNISO

E nenhum mortal me convenceria a não ir encontrá-lo.

HERACLÉS

Lá embaixo? No Inferno?

DIÔNISO

Certamente, e mais embaixo ainda se for necessário.

HERACLÉS

Para fazer o quê?

DIÔNISO

Tenho necessidade de um bom poeta. Eles não existem mais; os que ainda estão vivos são maus.

HERACLÉS

Como? Iofon (Poeta trágico filho de Sófocles.) não está vivo?

DIÔNISO

Só resta ele de bom, se ele é realmente bom, pois não sei muito bem se ele é mesmo bom.

HERACLÉS

Mas se você quiser tirar algum poeta trágico do Inferno, por que não tira Sófocles, que é superior a Eurípides?

DIÔNISO

Antes quero conversar com Iofon à parte e me assegurar do que ele pode fazer sem Sófocles. Eurípides, aliás, astucioso como é, fará todo o esforço possível para escapar comigo do Inferno,

enquanto o outro é tão simples entre os mortos quanto era aqui na terra.

HERACLÉS

E Agaton (Poeta trágico e cômico contemporâneo de Sófocles e de Eurípides. Veja-se a comédia *Só para mulheres*, de Aristófanes.), que é feito dele?

DIÔNISO

Ele me deixou; partiu. Era um bom poeta, cuja perda entristeceu os amigos.

HERACLÉS

Onde está o infeliz?

DIÔNISO

No banquete dos bem-aventurados (A certa altura de sua vida Agaton foi para a corte de Arquêlaos, na Macedônia, lugar preferido pelos poetas da época por causa da generosidade do rei.).

HERACLÉS

E Xenoclés (Xenoclés e Pitângelo eram poetas trágicos contemporâneos de Aristófanes.)?

DIÔNISO

Aquele? Que se arrebente!

HERACLÉS

E Pitângelo?

XANTIAS

Nem uma palavra minha a mais; meu ombro está todo esfolado!

HERACLÉS

Não há por aqui milhares de outros poetas jovens fazendo tragédias, incomparavelmente mais tagarelas que Eurípides?

DIÔNISO

Eles são frágeis brotos faladores, piando como andorinhas, corruptores da arte, que tombaram vencidos pela fadiga quando compuseram uma peça, obtendo um só voto a favor da Musa trágica. Você pode procurar, mas não encontrará um só poeta fecundo, capaz de engendrar pensamentos másculos.

HERACLÉS

Como, fecundo?

DIÔNISO

Sim, fecundos, capazes de inventar expressões ousadas, tais como “o Éter, palácio de Zeus”, ou “o pé do tempo”, ou “o coração que não quer jurar pelas vítimas”, ou “a língua que jura sem a participação do coração” (Fragmentos de tragédias perdidas de Eurípides.).

HERACLÉS

Então é isto que lhe agrada?

DIÔNISO

É sim, e até me deixa louco.

HERACLÉS

Isto são apenas bobagens, e simplesmente a sua opinião.

DIÔNISO

Não tente meter as suas ideias na minha cabeça; fique com elas para você mesmo.

HERACLÉS

Sinceramente isto me parece detestável.

DIÔNISO

É melhor você me ensinar a comer bem.

XANTIAS

E de mim, nem uma palavra!

DIÔNISO

Dirigindo-se a HERACLÉS.

Quanto ao motivo que me traz aqui, disfarçado com este enfeite semelhante ao seu, é para ficar sabendo de você, em caso de necessidade, quais são os anfitriões que acolheram você em sua descida ao Inferno; me indique também os portos, as padarias, os prostíbulos, as paradas, os hotéis, as fontes, as rotas, as cidades, os alojamentos, as hospedarias onde há menos percevejos (Heraclés era um símbolo da gula e do espírito simplório.).

XANTIAS

E de mim, nem uma palavra!

HERACLÉS

Você se atreverá a fazer essa viagem?

DIÔNISO

Não argumente nada contra este projeto; me indique somente a rota mais curta para chegar ao Inferno, uma rota que não seja nem muito quente, nem muito fria.

HERACLÉS

Pensemos: qual delas indicarei primeiro? Qual? Seria, por exemplo, arranjar um banco e uma corda e se enforcar.

DIÔNISO

Passemos a outra; esta é asfixiante.

HERACLÉS

Há ainda um atalho muito frequentado: o do gral (O recipiente onde se preparava a cicuta.).

DIÔNISO

Você quer dizer a cicuta?

HERACLÉS

Exatamente!

DIÔNISO

Esse caminho é frio como o gelo; ele entorpece logo as pernas (Alusão aos efeitos da cicuta.).

HERACLÉS

Você prefere uma viagem rápida?

DIÔNISO

Prefiro, desde que você considere que não sou um bom andarilho.

HERACLÉS

Vá ao Cerâmico (Local onde se realizavam as corridas com tochas.).

DIÔNISO

E depois?

HERACLÉS

Suba ao topo de uma torre…

DIÔNISO

Para fazer o quê?

HERACLÉS

… fique de olho na tocha no momento do sinal, e quando os espectadores gritarem para a partida, lance-se.

DIÔNISO

Onde?

HERACLÉS

Do alto para baixo.

DIÔNISO

Mas assim eu vou romper as membranas do cérebro. Não quero esta rota.

HERACLÉS

Então, qual delas você quer afinal?

DIÔNISO

A que você mesmo escolheu antigamente.

HERACLÉS

O percurso é longo. Você chegará primeiro a um pântano interminável e muito profundo.

DIÔNISO

E como vou poder atravessá-lo?

HERACLÉS

Um velho navegante atravessará com você numa barca bem pequena, e você pagará dois óbolos pelo serviço.

DIÔNISO

É mesmo? Que poder têm dois óbolos (Alusão aos salários dos juízes em Atenas (Cf. *As vespas*), e dos cidadãos atenienses que iam votar.)!

HERACLÉS

Foi Teseu quem ganhou isso primeiro. Depois você vai ver uma porção de serpentes e de outros monstros assustadores.

DIÔNISO

Não tente me amedrontar nem me espantar; você não abalará minhas convicções.

HERACLÉS

Depois vêm um lamaçal espesso e uma torrente lodosa. Naquele lodo você vai encontrar quem tiver violado os direitos de hospitalidade, quem não tirou dinheiro de seu salário para pagar ao menino de quem abusou sexualmente, quem ultrajou sua própria mãe e surrou o pai, quem cometeu um perjúrio ou transcreveu uma tirada de Môrsimo (Poeta trágico medíocre.).

DIÔNISO

Em minha opinião deve-se acrescentar a estes também quem aprendeu a dança pírrica de Cinésias (Cinésias era um poeta ditirâmbico, que incluía em suas obras danças frenéticas de coreutas.).

HERACLÉS

Um pouco mais longe o som doce das flautas encantará seus ouvidos; você verá como vê aqui a luz mais pura e bosques de mirto, ouvirá coros de bem-aventurados (homens e mulheres), e aplausos calorosos.

DIÔNISO

Quais são os habitantes do lugar?

HERACLÉS

Os iniciados…

XANTIAS

Por Zeus, sou o jumento que conduz os peregrinos que vão participar dos mistérios; mas eu também não vou levar mais eles.

XANTIAS começa a descarregar os fardos.

HERACLÉS

… vão lhe dar todas as informações necessárias, pois moram bem perto, na própria estrada que conduz ao palácio de Hades. Adeus, meu irmão!

HERACLÉS entra em casa.

DIÔNISO

Adeus, então, e muita saúde!

Dirigindo-se a XANTIAS.

Vamos! Reponha a sua carga no lugar!

XANTIAS

Esta não! Antes mesmo de pôr os fardos no chão?

DIÔNISO

E depressa!

XANTIAS

Me poupe, por favor! Vá marchando com alguns dos mortos que estão indo para o Inferno.

DIÔNISO

E se eu não encontrar você depois?

XANTIAS

Então você vai ter de levar…

DIÔNISO

Você falou bem. Aqui está justamente um defunto que estão levando.

Gritando na direção do DEFUNTO.

Ei! Você aí, morto! É com você que estou falando! Me diga: você quer levar um embrulhinho meu até o Inferno?

DEFUNTO

Como é o embrulhinho?

DIÔNISO

É este aqui.

DEFUNTO

Você vai ter de me dar dois dracmas.

DIÔNISO

Isso não; é muito caro.

DEFUNTO

Continuem a caminhar, carregadores!

DIÔNISO

Espere um pouco; podemos chegar a um acordo.

DEFUNTO

Se você não me der dois dracmas, não adianta conversar.

DIÔNISO

Tome: aqui estão nove óbolos.

DEFUNTO

Nove óbolos? Prefiro até voltar a viver.

XANTIAS

Este patife é insolente! Ninguém vai castigar ele? Então eu mesmo vou!

DIÔNISO

Você é um ótimo rapaz. Vamos depressa para a barca!

CÁRON

Gritando da barca.

Opa! Espere encostar!

XANTIAS

Que é isto?

DIÔNISO

Ora! É o pântano de que ele nos falou; já estou vendo a barca.

XANTIAS

Por Poseidon! Aqui está Cáron também!

DIÔNISO

Bom dia, Cáron!

XANTIAS

Bom dia, Cáron!

DEFUNTO

Bom dia, Cáron!

CÁRON

Quem está chegando aqui, vindo da morada das inquietações e das desventuras, para entrar no asilo do repouso e do esquecimento, em direção ao tosão do asno (Expressão popular para significar o que não existia.), aos Cerbérios ou aos Corvos, ao abismo do Táinaro (Lugares distantes ou tenebrosos.)?

DIÔNISO

Eu!

CÁRON

Entre logo! Fique em qualquer lugar.

DIÔNISO

Para onde você vai nos levar? É mesmo para os corvos (Expressão equivalente a “para o diabo”.)?

CÁRON

É, por Zeus, ao menos quanto a você. Então embarque.

DIÔNISO

Aqui, escravo!

CÁRON

Não transporto escravos, salvo se eles tiverem combatido no mar pelos cadáveres.

XANTIAS

Eu não podia; naquela ocasião eu estava doente dos olhos…

CÁRON

Está bem; você vai fazer o passeio pelo pântano.

XANTIAS

Onde vou parar?

CÁRON

Na rocha onde ninguém ri, perto do lugar de desembarque.

DIÔNISO

Você está ouvindo?

XANTIAS

Sim, estou ouvindo. Como sou infeliz! Que encontro eu tive saindo de casa!

Sai XANTIAS.

CÁRON

Dirigindo-se a DIÔNISO.

Sente-se no lugar de remar.

Dirigindo-se aos demais.

Se ainda há quem queira passar, que se apresente!

Dirigindo-se novamente a DIÔNISO.

Muito bem! Que faz você aí?

DIÔNISO

O que estou fazendo aqui? Me sentei na bancada do remador, como você disse.

CÁRON

Então fique aí, barrigudo.

DIÔNISO

Já estou aqui.

CÁRON

Avance os braços, recue os braços!

DIÔNISO

Pronto!

CÁRON

Não brinque em serviço! Mãos à obra e reme com toda a força.

DIÔNISO

Mas, como vou remar, eu, que não sei o que é suor e que não entendo nada de navegação?

CÁRON

Vá sempre em frente. Quando você estiver com as mãos no remo, ouvirá os cantos mais melodiosos.

DIÔNISO

De quem?

CÁRON

Dos cisnes, das rãs… Você ficará encantado.

DIÔNISO

Está bem; então dê o sinal.

CÁRON

Oopa, opa! Oopa, opa (Canto dos remadores em atividade.)!

CORO DAS RÃS

Brequequequex, coax, coax. Brequequequex, coax, coax. Nós, filhas das águas pantanosas, harmonizamos nossos tons com os sons das flautas; vamos repetir este canto harmonioso, coax, coax, que entoamos nos pântanos em honra de Diôniso Nísio (De Nisa, terra natal de Diôniso.), filho de Zeus, quando a multidão embriagada na festa das panelas se reúne para celebrar as orgias nos lugares consagrados. Brequequequequex, coax, coax.

DIÔNISO

Quanto a mim, começo a sentir dores no traseiro. Coax, coax!

CORO DAS RÃS

Brequequequequex, coax, coax.

DIÔNISO

Vocês pouco estão se incomodando comigo.

CORO DAS RÃS

Brequequequequex, coax, coax.

DIÔNISO

Danem-se vocês com seu coax, coax! É sempre o mesmo refrão, coax, coax.

CORO DAS RÃS

E com razão, criatura astuta, pois somos amadas pelas Musas com suas liras harmoniosas, e por Pã com seus pés de casco, enquanto faz reboar a sua flauta rústica. Apolo, tão competente com sua cítara, gosta de nós por causa das canas que nutrimos nos pântanos para servirem de cavalete à lira dele. Brequequequequex, coax, coax.

DIÔNISO

Quanto a mim, estou com bolhas nas mãos, meu traseiro está todo suado, e logo, de tanto remexer, ele vai dizer…

CORO DAS RÃS

Brequequequequex, coax, coax.

DIÔNISO

Maldita raça de cantoras! Vocês não vão terminar o concerto?

CORO DAS RÃS

Cantemos mais. Se nunca, à claridade de um dia sereno, nós saltamos entre flores perfumadas, todas alegres com o refrão que os remadores cantam, ou se jamais, fugindo às chuvas de Zeus e encolhidas no fundo do abismo, misturamos as vozes de nossos coros acelerados ao som das vagas espumantes, é agora, mais do que nunca, que devemos repetir brequequequequex, coax, coax.

DIÔNISO

Vou tirar este prazer de vocês!

CORO DAS RÃS

Seria um suplício para nós.

DIÔNISO

Para mim é um suplício ainda maior me arrebentar remando.

CORO DAS RÃS

Brequequequequex, coax, coax.

DIÔNISO

Tomara que a peste ataque vocês!

CORO DAS RÃS

Pouco nos importa. Enquanto nossa goela aguentar, gritaremos o dia todo: brequequequequex, coax, coax.

DIÔNISO

Vocês não gritarão com mais força do que eu.

CORO DAS RÃS

Nem você mais forte do que nós!

DIÔNISO

Não! Vocês não ganharão de mim! Gritarei durante todo o dia, até abafar o coax de vocês!

CORO DAS RÃS

Brequequequequex, coax, coax (Aqui as rãs param de coaxar.).

DIÔNISO

Eu tinha certeza de que obrigaria vocês a silenciar o coax.

CÁRON

Dirigindo-se a DIÔNISO.

Pare! Pare! Ponha de lado os dois remos! Desembarque e pague a sua passagem!

DIÔNISO

Tome; aqui estão dois óbolos.

Chamando XANTIAS.

Onde está você, Xantias? Xantias! Xantias!

XANTIAS

De longe.

Olá!

DIÔNISO

Venha cá!

XANTIAS

Salve, meu senhor!

DIÔNISO

Que significa esta frescura?

XANTIAS

Por aqui só há trevas e lama.

DIÔNISO

Você viu em algum lugar os parricidas e os perjuros de quem ele falava?

XANTIAS

Não. E você?

DIÔNISO

Por Poseidon!

Olhando para os espectadores.

Agora estou vendo! Que devemos fazer quanto a isto?

XANTIAS

É melhor ir mais longe, pois aqui é o lugar onde ele dizia que estão os monstros mais horripilantes.

DIÔNISO

A decepção dele vai ser grande. Ele me contou um montão de histórias da carochinha para me amedrontar; ele sabe que sou valente; é puro despeito. Ninguém é mais presunçoso que Heraclés. Bem que eu desejaria algum encontro, algum acontecimento para marcar dignamente a minha viagem.

XANTIAS

Juro que estou ouvindo barulho!

DIÔNISO

Onde? Onde?

XANTIAS

Lá atrás.

DIÔNISO

Então dê marcha a ré.

XANTIAS

Não posso; é para a frente que se vai.

DIÔNISO

Então marche para a frente.

XANTIAS

Ai! Zeus! Estou vendo um monstro enorme!

DIÔNISO

Como é ele?

XANTIAS

Espantoso! Ele toma todas as formas; ora é um boi, ora uma mula, ora uma mulher encantadora.

DIÔNISO

Onde está a mulher? Vamos ao encontro dela!

XANTIAS

Agora não é mais mulher; é uma cadela.

DIÔNISO

Então ela é a Êmpusa (Monstro lendário pavoroso, em forma de mulher.)?

XANTIAS

Sai fogo do rosto dela!

DIÔNISO

Ela tem uma das pernas de bronze?

XANTIAS

Tem, sim, e a outra é uma perna de jumenta. Não tenha dúvidas!

DIÔNISO

Em que direção eu devo fugir para escapar dela?

XANTIAS

E eu?

DIÔNISO

Correndo para o sacerdote de Diôniso sentado na primeira fila do teatro.

Ah! Sacerdote! Me salve! Depois vamos beber e comer juntos.

XANTIAS

Estamos perdidos, poderoso Heraclés!

DIÔNISO

Não me chame de Heraclés, por favor! Não diga o meu nome!

XANTIAS

Então estamos perdidos, Diôniso!

DIÔNISO

Ainda menos este que o outro!

XANTIAS

Vá direto na minha frente. Por aqui, meu senhor! Por aqui!

DIÔNISO

Qual é o caso?

XANTIAS

Confie em mim! Tudo vai acabar bem. Podemos dizer como Hegêloco: “Depois da tempestade vejo o gato.” (Este é o verso 269 do *Orestes* de Eurípides. Pela maneira de pronunciar de Hegêloco o verso se torna ridículo. Toda a graça decorre da confusão no original entre *galén* (gato), e *galén’* (calmaria), em que há uma contração da letra final da palavra *galéne*.) A Êmpusa desapareceu!

DIÔNISO

Jure por Zeus!

XANTIAS

Por Zeus!

DIÔNISO

Jure de novo!

XANTIAS

Por Zeus!

DIÔNISO

Jure!

XANTIAS

Por Zeus!

DIÔNISO

Ah! Deuses! Como fiquei amarelo diante desta aparição!

XANTIAS

Apontando para a roupa de DIÔNISO.

E isto aí também amarelou com o seu medo?

DIÔNISO

Coitado de mim! “De onde vêm todos os males que me assolam?” “A que deus devo atribuir a autoria de minha triste sorte?” Será o “Éter, palácio de Zeus?”, ou “o pé do tempo” ?

Ouve-se o som de uma flauta.

XANTIAS

Oba!

DIÔNISO

Qual é o caso?

XANTIAS

Você não ouviu?

DIÔNISO

O quê?

XANTIAS

O som das flautas.

DIÔNISO

É mesmo, e o odor místico das tochas envia suas exalações até mim. Fiquemos quietos para ouvir.

CORO DOS INICIADOS

Íaco! Íaco! Íaco! Ó Íaco (Íaco era o nome do gênio que personificava o cortejo dos iniciados.)!

XANTIAS

É isso mesmo, meu senhor! São as festas dos iniciados, de quem Cáron nos falou. Eles cantam Íaco, como Diágoras (Provavelmente um poeta ditirâmbico da época.).

DIÔNISO

Também me parece. É melhor ficar em silêncio para ver qual é o caso.

CORO

Avançando de longe.

Íaco! Você que é adorado nesta região desolada, Íaco, ó Íaco! Venha presidir as suas danças sobre a grama entre os iniciados em seus mistérios! Agite em sua fronte a coroa de mirto, e com os pés ousados mostre esta dança ousada, alegre, cheia de graça, sagrada e querida pelos fiéis!

XANTIAS

Augusta filha de Deméter! Que a carne de porco exale aqui um odor delicioso em minha direção!

DIÔNISO

Você não pode ficar calado? Trate de pegar também um pedacinho de chouriço!

CORO

Entrando.

Reanime a chama das tochas agitando-as com suas mãos! Íaco, astro brilhante da iniciação noturna! O prado está iluminado por mil fogueiras; a barriga da perna dos anciãos recupera seu vigor antigo; eles afastam os achaques da idade e esquecem o peso dos anos para participar das solenidades. Salve você, que brilha com uma luminosidade cintilante, à frente de uma juventude ágil neste prado fresco e enfeitado de flores!

CORIFEU

Retirem-se e deem lugar aos nossos coros aqueles que, estranhos a nossos cantos, não têm a alma pura, que não são admitidos nas festas das Musas nem nas suas danças, nem iniciados na linguagem dionisíaca de Cratino (Poeta cômico anterior a Aristófanes.); aqueles que se comprazem com as conversas dos bufões e com brincadeiras impertinentes; aqueles que, em vez de apaziguar uma sedição inimiga e praticar a benevolência com seus concidadãos, incitam e fomentam a discórdia em seu próprio interesse; que, elevados ao governo de uma cidade envolvida em tempestades, se deixam corromper com presentes, entregam fortalezas e naus ou, como outro Torícion (Torícion era um pedagogo na época de Aristófanes.), esse miserável cobrador de impostos, exportam de Áigina para Epídauro mercadorias proibidas - couros, linho, piche -; que aconselham a emprestar dinheiro aos inimigos para construírem mais naus; ou profanam as imagens de Hecate, misturando seus cantos com os coros acompanhados de danças; ou finalmente algum orador que avilta o salário dos poetas cômicos porque foi mostrado em cena durante as festas de Diôniso. Digo e repito a toda aquela gente - e torno a repetir- que dê lugar a nossos coros sagrados. Quanto a vocês, entoem seus cantos e seus hinos noturnos para acompanhar nossa festa.

Avance cada um ousadamente pelos vales floridos da última e sombria morada, e batendo com o pé no chão dê partida à alegria, às brincadeiras e a ditos espirituosos. Agora basta de festas; marchem, e

que seus cantos celebrem dignamente nossa divina protetora, que prometeu zelar sempre pela salvação desta terra, apesar de Torício. Comecem agora outros hinos em honra da divina Deméter, mãe dos frutos; celebrem Deméter com cantos sacros, Deméter que preside os santos mistérios! Seja-nos propícia e proteja o coro que lhe é consagrado! Faça com que possamos sempre nos entregar aos jogos e às danças, aliar ao riso sábias palavras, e por uma agradável diversão, digna de suas solenidades, merecer a coroa de vencedor. Invoque também em seus cantos este deus amável e participe sempre de nossas danças! Venerável Íaco, que nos ensina as árias suaves que ressoam nesta festa, acompanhe-nos até a morada da deusa, e mostre que você sabe percorrer uma longa rota sem fadiga! Íaco, amigo da dança, venha conosco! Foi você quem despedaçou assim este coturno e rasgou estas roupas humildes que fazem rir, e cujo modesto manto nos permite dançar com mais desenvoltura. Íaco, amigo da dança, venha conosco! Agora mesmo nossos olhos indiscretos perceberam uma moça de rara beleza; ela brincava com suas companheiras, e sua túnica rasgada nos deixou entrever seu pescoço. Íaco, amigo da dança, venha conosco!

XANTIAS

E eu vou entrar com muito gosto no bando alegre e dançar com ele!

CORO

Vocês também querem algumas piadas sobre Arquédemo (Chefe do partido popular em Atenas na época de Aristófanes.), que aos sete anos ainda não tinha seu título de cidadão, e agora governa os mortos de lá de cima (Ou seja, os apáticos ou neutros de Atenas.), onde detém o cetro da indignidade? Sabemos que Clistenes depila suas nádegas entre as sepulturas e mortifica o rosto; lá, tristemente estendido, ele geme desolado e chama aos berros seu querido Sebino de Anaflisto. Dizem também que Calias, o tristemente famoso filho de Hipôbino, arranjou uma estranha juba leonina para usar em combates navais (Calias, mencionado por Aristófanes em outras de suas peças, era um ateniense de péssima moral.).

DIÔNISO

Dirigindo-se ao CORO.

Vocês poderiam nos dizer onde é a morada de Hades? Somos estrangeiros recém-chegados ao Inferno.

CORIFEU

Não vá mais longe nem repita a pergunta; a porta da morada dele está à sua frente.

DIÔNISO

Apanhe novamente a sua trouxa, Xantias.

XANTIAS

Ele não diz outra coisa; é a “Corinto de Zeus” (Provérbio para significar que se repete sempre a mesma coisa.) para a minha trouxa.

CORO

Agora dancem dando voltas em honra da deusa, vocês que são admitidos nesta solenidade religiosa, e entreguem-se às brincadeiras neste bosque risonho. Vamos juntar-nos às moças a às mulheres no recinto onde se celebra a festa noturna da deusa e levaremos a tocha sagrada (A deusa mencionada é Deméter.). Vamos pelos prados floridos, cheios de rosas, exercitar-nos de acordo com nossos usos, nestas danças animadas sob a direção das Parcas tenebrosas. O sol e a lua brilham somente para nós, que somos iniciados, e que durante nossas vidas fomos benévolos em nosso convívio com os estrangeiros e com nossos concidadãos.

O CORO se posiciona à direita. DIÔNISO e XANTIAS aproximam-se da porta da casa de Hades à esquerda.

DIÔNISO

Como vou bater nesta porta? De que maneira a gente do Inferno bate?

XANTIAS

Não perca tempo; bata com a força de Heraclés, como você costuma fazer.

DIÔNISO

Gritando em direção à casa de Hades.

Alô, rapaz!

ÁIACO

Entrando e confundindo DIÔNISO com HERACLÉS.

Sem-vergonha, indecente, atrevido, o mais celerado dos celerados! Foi você que levou daqui o nosso Cérbero (Cérbero era o cão que guardava a entrada do Inferno.), torcendo o pescoço dele! Foi você que nos roubou aquele cachorro à minha guarda! Agora peguei você! Os negros rochedos do Stige e o rochedo ensanguentado do Aquêron pegaram você! Os cachorros errantes do Cócito e a Hidra de cem cabeças estraçalharão suas entranhas! As moreias tartesianas (As moreias do Tárteso davam mordidas mais cruéis que as de qualquer outro ser.), as Gôrgonas titrasianas (Títraso era um povoado da Ática.) destruirão suas entranhas, seus rins ensanguentados! Corro para ir procurá-las com meus próprios passos!

XANTIAS

Dirigindo-se a DIÔNISO, que estava acocorado de medo.

Que é que você está fazendo aí?

DIÔNISO

Já me borrei de medo! Valha-me o deus!

XANTIAS

Você não tem vergonha? Levante-se depressa antes que algum estrangeiro veja você nesta posição!

DIÔNISO

Estou sentindo que vou desmaiar; aplique uma esponja molhada sobre o meu… coração!

XANTIAS

Está aqui a esponja; pronto!

DIÔNISO

Chegue a esponja mais para baixo!

XANTIAS

Onde? Deus de ouro! Seu coração é aí?

DIÔNISO

O medo fez ele descer até o baixo-ventre…

XANTIAS

Ah! Mais covarde dos deuses e até dos homens!

DIÔNISO

Eu, covarde? Eu lhe pedi uma esponja. Ninguém mais teria feito o mesmo?

XANTIAS

Como?

DIÔNISO

Um covarde ficaria todo sujo, mas eu me virei e me limpei.

XANTIAS

Por Poseidon! Que feitos heroicos!

DIÔNISO

Sem nenhuma dúvida. Mas você não está com medo dessas ameaças estrepitosas?

XANTIAS

Francamente, pouco estou ligando para elas.

DIÔNISO

Muito bem. Já que você é um bravo, muito valente mesmo, desempenhe meu papel; pegue este porrete e a pele de leão, já que você não está tremendo; eu, de minha parte, vou levar a trouxa.

XANTIAS

Está bem; faça isso depressa. Tenho de obedecer. Olhe para Xantias-Heraclés; veja se tenho o jeito de um frouxo e se sou parecido com você.

DIÔNISO

De jeito nenhum; vão pensar que você é o tratante do povoado de Melite (Melite era um povoado da Ática.). Vamos! Eu me encarrego da trouxa.

Uma CRIADA sai da casa de Perséfone.

CRIADA

É você, querido Heraclés? Entre logo! Desde que Perséfone soube de sua chegada ela amassou pães, mandou cozinhar legumes em muitas panelas e fez purê e mandou assar um boi inteiro e fazer bolos e doces. Entre, então!

XANTIAS

Fingindo ser DIÔNISO.

É muita honra; muito obrigado.

CRIADA

Ah! Por Apolo! Não vou deixar você ir embora; ela mandou também cozinhar galinhas, assar biscoitos e preparar o vinho mais doce.

XANTIAS

Dando a impressão de que ia embora.

Muitíssimo obrigado.

CRIADA

Você está brincando comigo! Não vou deixar você ir embora. Você vai ver lá dentro uma flautista das mais bonitas e duas ou três dançarinas.

XANTIAS

Que é que você está dizendo? Dançarinas?

CRIADA

Elas estão na flor da juventude e se depilaram há pouco tempo. Mas entre; o cozinheiro já ia tirar o peixe do fogo e os escravos já estavam trazendo a mesa.

XANTIAS

Que ótimo! Vá dizer às dançarinas que eu venho num instante.

Dirigindo-se a DIÔNISO que se fingia de XANTIAS.

Escravo! Me siga deste lado com a sua trouxa!

DIÔNISO

Espere um pouco. Sem dúvida você não está levando a sério o papel de Heraclés, que lhe dei brincando. Ou está? Torne a pôr a trouxa no ombro!

XANTIAS

Que é isto? Você não pensa - suponho eu - em me tirar o que me tinha dado!

DIÔNISO

Então ouça bem: vou fazer isto mesmo e neste instante. Tire esta pele de seus ombros!

XANTIAS

Invoco os deuses como testemunhas e ponho nas mãos deles o cuidado de se vingarem!

DIÔNISO

Que deuses? Você será tão louco a ponto de acreditar que é o próprio Heraclés, filho de Alcmene? Você, que é um simples mortal e ainda por cima um escravo?

XANTIAS

Está bem! Está bem! Já estou acostumado. Talvez um dia você necessite de mim, se os deuses quiserem.

CORO

Convém a um homem sensato, prudente e com muita experiência da vida ficar sempre do lado da nau que afunda menos, em vez de permanecer imóvel como uma estátua, na mesma atitude; mas saber

dar meia-volta e adotar a posição mais vantajosa é próprio de um homem experimentado, de um Teramenes (Um dos Trinta Tiranos de Atenas, famoso por sua versatilidade.).

DIÔNISO

Não seria ridículo ver Xantias, um simples escravo, deitado num tapete de Míleto, abraçar uma dançarina e me pedir para trazer o penico, enquanto eu ficasse me masturbando diante dessa visão? E ele, insignificante como é, quando me visse me quebrasse os dentes da frente com um murro na boca?

Entra a 1ª TABERNEIRA.

1ª TABERNEIRA

Gritando para a 2ª TABERNEIRA.

Platane! Platane! Venha cá! Está aqui aquele cara que entrou um dia em nossa taberna e nos roubou dezesseis pães!

Entra 2ª TABERNEIRA

2ª TABERNEIRA.

É ele mesmo! É o próprio!

XANTIAS

As coisas vão mal para alguém…

1ª TABERNEIRA

E além dos pães, vinte porções de carne cozida de meio óbolo cada uma delas!

XANTIAS

Alguém vai sofrer por isso…

1ª TABERNEIRA

E além disso muito alho!

DIÔNISO

Você está brincando, mulher; você não sabe o que diz.

1ª TABERNEIRA

Você imaginava que, por estar calçando coturnos, eu não ia reconhecer você? Mas eu ainda não disse nada das muitas porções de carnes salgadas!

2ª TABERNEIRA

Nem eu do queijo fresco que ele engoliu com o cesto e tudo; e quando pedi para ele pagar, o maluco me olhou de lado e começou a mugir.

XANTIAS

Reconheço muito bem aquele cara; ele faz a mesma coisa em toda parte.

2ª TABERNEIRA

E ele puxou a espada com um ar furioso.

1ª TABERNEIRA

Coitada de mim! Foi isto mesmo.

2ª TABERNEIRA

Nós, dominadas pelo medo, saltamos logo num desvão, enquanto ele escapava levando as nossas esteiras.

XANTIAS

Tudo isto está na cara dele, mas vocês não deviam insistir tanto nisto.

1ª TABERNEIRA

Vamos logo chamar Clêon, nosso protetor (Clêon, e Hipérbolo logo abaixo, eram políticos corruptos e influentes na época.).

2ª TABERNEIRA

E você, trate de chamar Hipérbolo; vamos acabar sem dó nem piedade com este sem-vergonha!

1ª TABERNEIRA

Goela insaciável! Como eu ia gostar de quebrar a pedradas estes dentes que mastigaram as minhas mercadorias!

2ª TABERNEIRA

E eu, de jogar o guloso no Báratro (Precipício perto da Ágora de Atenas, onde se lançavam os criminosos condenados à morte.)!

1ª TABERNEIRA

Eu ia gostar muito de pegar uma foice e cortar esta garganta por onde passaram os pães que eu tinha torrado debaixo da cinza! Mas vou já procurar Clêon, que vai levar você ao tribunal e resolver tudo isto!

Saem as TABERNEIRAS.

DIÔNISO

Que eu morra se não gosto loucamente de Xantias!

XANTIAS

Eu sei; eu sei onde você quer chegar; basta de palavras bonitinhas. Não quero mais voltar a ser Heraclés.

DIÔNISO

Não diga isto, meu Xantiasinho!

XANTIAS

Um escravo, um simples mortal pode ser filho de Alcmene (Heraclés era filho de Alcmene.)?

DIÔNISO

Sei que você está aborrecido, e tem motivos para estar. Ainda que me quisesse mal você não me espancaria. Mas se de agora em diante eu lhe atribuir este papel, que eu morra da morte mais cruel, eu, minha mulher, meus filhos e o remeloso Arquédemo (Arquédemo era um contemporâneo de Aristófanes, de péssima reputação.)!

XANTIAS

Aceito seu juramento, e nestas condições retomo o papel.

CORO

Dirigindo-se a XANTIAS.

Cabe a você agora, depois de ter novamente vestido sua roupa antiga, mostrar-se com o viço da juventude e o olhar atravessado, como o deus que você finge ser. Se você deixar escapar alguma bobagem, ou se agir como um covarde, terá de carregar novamente a trouxa.

XANTIAS

A opinião de vocês é boa, minhas amigas, mas eu mesmo já pensei em tudo isto. Ainda que as coisas saiam bem ele vai querer me esfolar - só espero isto dele; mas apesar disso não deixarei de mostrar uma constância inabalável e um olhar ameaçador. Mas a hora é de agir; estou ouvindo o barulho de uma porta que se abre.

Entram ÁIACO e três guarda-costas escravos.

ÁIACO

Dirigindo-se a seus guarda-costas.

Amarrem depressa este ladrão de cães (Entre os feitos de Heraclés estava o de ter furtado o cão Cérbero, guarda da entrada do Inferno, em sua descida anterior ao Inferno.)! Ele tem de ser punido! Depressa!

DIÔNISO

Isto vai mal para alguém…

XANTIAS

Dirigindo-se aos guarda-costas.

Danem-se! Não se aproximem!

ÁIACO

Você resiste? Vamos, Ditilas, Cablias, Pardocas! Marchem contra ele!

DIÔNISO

Não é uma perfídia roubar alguém e ainda achar que deve espancar os roubados?

XANTIAS

Isto ultrapassa todos os limites!

DIÔNISO

Isto é insuportável! Isto é uma ignomínia!

XANTIAS

É mesmo, por Zeus! Quero morrer se jamais estive nestes lugares, ou se roubei o valor de um argueiro. Estou pronto a lhe dar uma prova brilhante: pegue um destes escravos, interrogue ele (Em Atenas os escravos eram torturados para revelar os crimes dos donos.), e se você achar que sou culpado, mande me matar!

ÁIACO

Que torturas aplico nele?

XANTIAS

Todas; amarre ele num cavalete (O "cavalete" era um instrumento de tortura na Grécia antiga.); pendure ele, dê uma surra de corda nele; esfole ele; torture ele; derrame vinagre nas narinas dele; ponha tijolos em cima dele; use todos os meios, menos o de chicoteá-lo e de pôr alho bravo e alho novo nas feridas.

ÁIACO

É isso mesmo. E se eu estropiar seu escravo você pedirá indenização?

XANTIAS

De jeito nenhum! Você pode levar ele e submeter ele a torturas.

ÁIACO

Vou fazer tudo isto aqui mesmo, para que ele fale na sua presença.

Dirigindo-se a DIÔNISO.

Você aí, ponha sua trouxa no chão e trate de não mentir.

DIÔNISO

Proíbo você de pôr as mãos em mim! Sou um imortal! Se você fizer alguma coisa a mim, o mal recairá sobre sua cabeça!

ÁIACO

Que é que você está dizendo?

DIÔNISO

Digo que sou imortal, Diôniso, filho de Zeus;

Apontando para XANTIAS.

ele é que é escravo.

ÁIACO

Dirigindo-se a XANTIAS.

Você está ouvindo?

XANTIAS

Sim; estou ouvindo; e é por isto que é necessário bater nele com mais força; se ele é um deus não vai sentir as porradas.

DIÔNISO

Se você tem a pretensão de ser deus, por que não se submete a uma prova?

XANTIAS

Esta observação é interessante; aquele de nós dois que você vir chorar primeiro, ou se mostrar sensível às porradas, você pode concluir que não se trata de um deus.

ÁIACO

Sem dúvida você é um homem valente, Xantias. Você se antecipa ao que é justo. Vamos! Tirem a roupa!

XANTIAS

Como você vai fazer a experiência de maneira justa?

ÁIACO

É fácil; vocês vão receber as porradas alternadamente.

XANTIAS

Grande ideia! Preste atenção; observe bem para ver se estou resmungando.

ÁIACO

Pronto! Já bati em você.

XANTIAS

Não é verdade.

ÁIACO

De fato, ninguém diria que você já foi espancado. Vejamos este aqui; vou bater nele.

DIÔNISO

Quando você vai fazer isso?

ÁIACO

Mas eu já bati em você!

DIÔNISO

Como, se eu nem estremeci?

ÁIACO

Não sei; vou recomeçar no outro.

XANTIAS

Decida-se, então! Trá-lá-lá! Trá-lá-lá!

ÁIACO

Que significa este “Trá-lá-lá”? É que você está chorando?

XANTIAS

De jeito nenhum! Eu estava pensando na época em que se celebra a festa de Heraclés em Diomeia (Povoado da Ática, onde havia um templo consagrado a Heraclés.).

ÁIACO

Aqui está uma criatura muito religiosa! Passemos ao outro!

DIÔNISO

Ai! Ai!

ÁIACO

Que é que há?

DIÔNISO

Estou vendo cavaleiros.

ÁIACO

Então, por que você está chorando?

DIÔNISO

É porque estou cheirando cebola.

ÁIACO

Então você pouco está ligando às porradas?

DIÔNISO

Nem estou pensando nelas.

ÁIACO

Tenho de voltar a este aqui.

XANTIAS

Trá-lá-lá!

ÁIACO

De novo? Que é isto?

XANTIAS

Tire este espinhozinho de mim.

ÁIACO

Que significa isto? Tenho de voltar ao outro.

DIÔNISO

Ah! Apolo! Como se adora você em Delos e em Delfos!

XANTIAS

Ele gemeu! Você não ouviu?

DIÔNISO

De jeito nenhum! Eu estava me lembrando de uns versos de Hipônax (Poeta iâmbico do Século VI a.C.).

XANTIAS

Assim você não faz nenhum progresso; bata na barriga dele!

ÁIACO

Bem lembrado! Vamos! Descubra a barriga!

DIÔNISO

Ah! Poseidon….

XANTIAS

Alguém gemeu!

DIÔNISO

… você que reina nos promontórios do mar Egeu, ou nas profundezas do mar azulado!

ÁIACO

Por Deméter! Não posso distinguir qual dos dois é um deus. Mas entrem; meu senhor e Perséfone, que são deuses eles mesmos, julgarão o caso.

DIÔNISO

Você falou bem, mas eu teria preferido que você tivesse tomado essa atitude antes de eu receber as porradas.

Entram todos em casa.

CORO

Assista, Musa, a nossos coros sagrados! Venha juntar-se a nós em nossos cantos e ver esta multidão de homens capazes e mais nobremente ambiciosos que este Cleofon (General ateniense morto numa rebelião.), cujos lábios infatigáveis deixam escapar um som áspero, semelhante ao pio das andorinhas da Trácia numa árvore daquela região bárbara. Ele imita o canto lamentoso do rouxinol, pois perecerá ainda que os sufrágios sejam repartidos igualmente.

CORIFEU

Convém ao coro sagrado dar à cidade conselhos úteis. Nosso primeiro cuidado é o de estabelecer a igualdade entre todos os cidadãos, e de livrá-los de todos os temores. Se alguém se deixou desviar do bom caminho pelos artifícios de Frínico (Este Frínico era um poeta trágico, anterior aos três grandes trágicos, que exaltava a oligarquia.), penso que devemos deixar àqueles que não aproveitaram na época a oportunidade de defender sua causa e de se justificar. Em seguida pretendemos que a nenhum homem indigno deve ser concedido o direito de cidadania. Com efeito, é vergonhoso que, pelo fato de alguém se ter engajado uma vez em um combate naval, goze logo os mesmos direitos concedidos aos habitantes de Plateia, e de escravo passe a ser senhor. Não quero dizer que isto seja malfeito; ao contrário, aplaudo a medida; este é o único caso em que vocês agiram sensatamente. Mas não é menos justo que aqueles que combateram tantas vezes no mar com vocês, à semelhança de seus pais, unidos a vocês pelo nascimento, obtenham o perdão por sua única falta. Vocês, então, que a natureza fez tão sábios, relaxem um pouco de sua severidade; façamos de tal maneira que todos que combateram nos bancos das nossas naus formem uma única família; sejam todos reabilitados e gozem os direitos de

cidadania. Se mostramos tanta altivez e atrevimento a respeito do direito de cidadania quando estávamos à mercê das ondas, a posteridade não louvará nossa sabedoria. Se conhecemos bem aqueles que terão de se arrepender de sua conduta, o momento fatal não está longe para esse macaco turbulento, o baixinho Cligenes (Personagem desconhecido.), o pior de todos os donos de banhos públicos, que mistura à sua cinza salitre de má qualidade e cal de Címolo (Uma das ilhas Cíclades.). Ele sabe disto e está sempre em pé de guerra, com um porrete na mão com medo de que o roubem quando está bêbedo. Muitas vezes notamos que nesta cidade se age em relação às pessoas honestas como se agia a respeito da moeda antiga. Ela era sem ligas, a melhor de todas, a única bem cunhada, a única que tinha curso tanto entre os gregos como entre os bárbaros; mas em vez de usá-las, preferimos estas moedas de cobre de má qualidade cunhadas recentemente, e de má liga. Acontece a mesma coisa com os cidadãos: aqueles que sabemos que são bem-nascidos, modestos, justos, honestos, hábeis nos exercícios físicos, na dança, na música, nós os ultrajamos, enquanto achamos bons em tudo os indecorosos, os estrangeiros, os escravos, os vagabundos de más famílias, os novos ricos, os que antigamente a cidade não queria nem mesmo para serem vítimas expiatórias. Mudem, então, de métodos, e demonstrem sua confiança nas pessoas de bem. Se vocês forem bem-sucedidos nesta mudança de atitude, receberão louvores por isto; se caírem, pelo menos terão caído de uma boa árvore.

XANTIAS sai de casa com um ESCRAVO de Hades.

ESCRAVO

Dirigindo-se a XANTIAS.

Por Zeus Salvador, seu senhor é um homem valoroso.

XANTIAS

Um homem valoroso! Acredito nesta conversa… Ele só sabe beber e transar.

ESCRAVO

Por que ele não lhe deu umas porradas quando pegou você em flagrante de mentira, você que, sendo um simples escravo, passava por senhor?

XANTIAS

Ele teria se arrependido.

ESCRAVO

Assim fala um bom escravo; eu gosto de fazer a mesma coisa.

XANTIAS

Você está dizendo que gosta da coisa?

ESCRAVO

Me sinto o mais feliz dos homens quando maldigo meu senhor sem ele perceber.

XANTIAS

E quando você vai até a porta grunhindo, depois de ele ter moído você a pancadas?

ESCRAVO

Ainda assim eu tenho prazer.

XANTIAS

E quando você se mete com o que você não tem nada a ver?

ESCRAVO

Não conheço nada mais divertido.

XANTIAS

Ah! Zeus! E quando você fica xeretando, que dizem os seus senhores?

ESCRAVO

Aí é que eu fico maluco!

XANTIAS

E quando você vai contar as coisas da casa aos vizinhos?

ESCRAVO

Aí, então, eu gozo!

XANTIAS

Ah! Apolo! Me dê sua mão! Me abrace também e me diga, em nome de Zeus, companheiro de nossas penas, qual é o barulho que escuto lá dentro, que espécie de gritos e discussões!

ESCRAVO

É um desentendimento entre Ésquilo e Eurípides.

XANTIAS

Ah!

ESCRAVO

É um debate, um grande debate que começa entre os mortos; é um verdadeiro conflito!

XANTIAS

A respeito de quê?

ESCRAVO

Aqui há uma lei que ordena que todo homem superior a seus rivais nas artes mais nobres e mais engenhosas seja sustentado no Pritaneu (Pritaneu era o edifício público em que ficavam os mais altos magistrados de Atenas.) e se sente perto do próprio Hades.

XANTIAS

Estou compreendendo.

ESCRAVO

Isto até aparecer outro mais capacitado que ele em sua arte; neste caso ele tem de lhe ceder o lugar.

XANTIAS

Em que esta lei pode atingir Ésquilo?

ESCRAVO

Ele ocupou até há pouco tempo o trono da tragédia, por ter sido o primeiro em sua arte.

XANTIAS

E quem ocupa o trono agora?

ESCRAVO

Logo que Eurípides desceu para estas profundezas deu uma amostra de sua astúcia aos ladrões, aos batedores de carteiras, aos parricidas, aos arrombadores de portas, gente que abunda no Inferno; essa gente, vendo a desenvoltura dele para falar dos prós e contras, suas sutilezas, seus artifícios, apaixonou-se por ele e decidiu que ele era mais competente; e, presunçoso como é, ele se apoderou do trono onde se sentava Ésquilo.

XANTIAS

E não apedrejaram ele?

ESCRAVO

Não, por Zeus! Ao contrário, a multidão esbravejava dizendo que tinha de haver um julgamento para decidir qual dos dois era o melhor poeta trágico.

XANTIAS

A multidão dos trambiqueiros?

ESCRAVO

Isto mesmo, e os gritos deles iam até o céu.

XANTIAS

E Ésquilo não tinha defensores?

ESCRAVO

As pessoas de bem são poucas,

Apontando para a plateia.

como também acontece aqui.

XANTIAS

Que é que Hades pretende fazer?

ESCRAVO

Realizar um concurso o mais breve possível para julgar o talento deles.

XANTIAS

E por que Sófocles não reclamou também o trono da tragédia?

ESCRAVO

Ele tirou o corpo fora; quando chegou aqui ele primeiro abraçou Ésquilo, deu a mão a ele e deixou-o na posse pacífica de seu lugar. Mas agora, como diz Clidemides (Supõe-se que Clidemides era filho de Sófocles.), Sófocles está preparado para ser o reserva; se Ésquilo for o vencedor ficará em seu lugar; se não for assim, ele disputará com Eurípides.

XANTIAS

É isso aí! Que vamos fazer agora?

ESCRAVO

Dentro de poucos instantes, aqui mesmo vai começar este grande combate. O mérito dos dois competidores será pesado na balança.

XANTIAS

O quê? Vão pesar uma tragédia?

ESCRAVO

Eles trarão réguas e fitas métricas para medir os versos, recorrerão a cubos, diâmetros e esquadros. Eurípides disse que examinará as tragédias verso por verso.

XANTIAS

Ésquilo deve estar zangado.

ESCRAVO

Ele baixou a cabeça depois de lançar olhares sombrios.

XANTIAS

Quem será o juiz?

ESCRAVO

Esta é a maior dificuldade, pois na opinião dos dois faltam pessoas sensatas. Ésquilo não se entendia bem com os atenienses…

XANTIAS

Talvez ele visse ladrões entre eles…

ESCRAVO

Além disso eles consideravam os habitantes do Inferno incapazes de apreciar a genialidade dos poetas; finalmente resolveram entregar o julgamento ao seu senhor Diôniso, Xantias, já que ele conhece a arte dramática. Mas vamos entrar, pois quando nossos senhores se interessam vivamente por uma coisa as porradas chovem sobre nós.

CORO

Sim, o poeta de estilo pomposo sentirá em seu coração uma cólera violenta quando ouvir a incontrolável tagarelice de seu rival aguçando os dentes contra ele. Antes ele rolava para cá e para lá seus olhares furiosos; agora explodirá uma guerra terrível entre a sublime elevação da linguagem e os minguados recursos do espírito refinado demais; o autor de tantas sutilezas defenderá sua insignificância contra as palavras enfáticas de um gênio inventivo. Este, agitando sua vasta cabeleira e franzindo a testa assustadoramente, fará retumbar, como um sopro de gigante, períodos intimamente ligados, como as ripas de uma nau, enquanto o outro, com sua língua ágil e delgada, roendo o freio de inveja, esquadrinhará as frases, dissecará os versos de seu rival, e reduzirá a cacos o produto de uma inspiração poderosa.

Entram em cena EURÍPIDES, DIÔNISO e ÉSQUILO.

EURÍPIDES

Não! Não abrirei mão do trono! Não faça advertências, Diôniso. Tenho a pretensão de ser superior a ele em poesia trágica.

DIÔNISO

Você não diz nenhuma palavra, Ésquilo? Você está ouvindo Eurípides?

EURÍPIDES

Ele vai primeiro assumir um ar grave; era este seu charlatanismo normal em suas tragédias.

DIÔNISO

Não fale com tanta presunção, meu caro.

EURÍPIDES

Conheço há muito tempo o humor feroz de Ésquilo, sua linguagem desordenada, sem regras, sem freios, sem medida, empolada e soberba.

ÉSQUILO

Na realidade, filho de uma deusa rústica (Eurípides era filho de uma verdureira.), é você que fala assim, declamador de tolices, criador de mendigos, que só sabe emendar trapos! Vou fazer você se arrepender de sua maledicência!

DIÔNISO

Pare, Ésquilo! Não se deixe empolgar pela cólera.

ÉSQUILO

Não pararei antes de haver mostrado que este fabricante de estropiados não tem razões para ser altivo.

DIÔNISO

Tragam um cordeiro - um cordeiro negro, meninos -, pois a tempestade vai desabar.

ÉSQUILO

Você introduziu no palco os monólogos cretenses e os himeneus incestuosos (Fedra, a heroína do *Hipólito* de Eurípides.).

DIÔNISO

Modere-se, venerável Ésquilo; e você, Eurípides coitadinho, se for sábio saia correndo desabaladamente para evitar esta saraivada; você não tem medo de que, em sua cólera, ele lance contra a sua cabeça alguma palavra descomunal que seu Télefo (Título e nome do herói de uma tragédia perdida de Ésquilo.) deixa escapar de sua boca? Você, Ésquilo, critique sem se encolerizar e com moderação, para ser criticado de maneira idêntica. Não é decente que poetas se injuriem como vendedoras de pão na rua; você explode primeiro, como certas espécies de madeiras quando são postas no fogo.

EURÍPIDES

Estou preparado para tudo; não tenho receio nem de atacar nem de ser atacado primeiro, como ele achar melhor, a propósito dos versos, dos trechos líricos, do vigor trágico, de Peleu, de Éolo, de Melêagro e até de Télefo.

DIÔNISO

E você, Ésquilo, qual é a sua intenção?

ÉSQUILO

Eu preferiria não combater aqui, pois não se trata de um jogo em pé de igualdade.

DIÔNISO

Por quê?

ÉSQUILO

Minhas tragédias não morreram comigo; as dele, ao contrário, morreram com ele; ele não ficará constrangido por isto. Entretanto, já que é seu desejo, tenho de tomar uma atitude.

DIÔNISO

Vamos começar; tragam incenso e brasas; antes do início do combate quero suplicar aos deuses que iluminem meu julgamento.

Dirigindo-se ao CORO.

Vocês aí, cantem um hino em honra das Musas.

CORO

Castas filhas de Zeus, nove Musas cujos olhares observam os sutis fabricantes de discursos, os fecundos artesãos de pensamentos, quando o amor da disputa os leva às vias de fato e às armas de seus artifícios mais delicados, e com ímpetos estudados e sinuosos se atacam verbalmente! Venham contemplar o poder de duas vozes eloquentes! Venham ajudá-los e inspirem seus versos! Esta luta de gênios vai começar.

DIÔNISO

Dirigindo-se a EURÍPIDES e ÉSQUILO.

Vocês também, façam suas invocações antes de recitar seus versos.

ÉSQUILO

Queimando incenso.

Deméter! Você que formou meu coração, torne-me digno de seus mistérios!

DIÔNISO

Dirigindo-se a EURÍPIDES.

Queime incenso você também!

EURÍPIDES

Muito obrigado; tenho de invocar outros deuses.

DIÔNISO

Deuses exclusivos, recém-fabricados?

EURÍPIDES

É verdade.

DIÔNISO

Então invoque seus deuses exclusivos.

EURÍPIDES

Éter de que me nutri, Volubilidade da Linguagem, Fineza de Espírito, Olfato Sutil! Façam com que eu refute vitoriosamente as razões de meu adversário!

CORO

Sem dúvida estamos ansiosos por ouvir os discursos destes dois hábeis rivais e presenciar seus debates eruditos. As línguas deles estão na iminência de se soltar; não falta audácia no coração deles, nem calor em seus espíritos. Temos, então, de esperar para ver um deles usar todos os seus refinamentos de uma elegância castiça, e o outro, precipitando-se sobre o rival com um estilo nervoso e cheio de vigor, arruinar e aniquilar o engenhoso artífice de versos.

CORIFEU

Comecem o mais depressa possível, mas em termos polidos, sem vulgaridades, sem nada dizer daquilo que qualquer outro mortal pudesse dizer.

EURÍPIDES

Falarei mais tarde de mim mesmo e de meus galardões poéticos; neste momento quero primeiro mostrar a vaidade dele, seu charlatanismo, os meios que ele emprega para iludir os espectadores simplórios, formados na escola de Frínico. Cuidava-se, por exemplo, de pôr em cena personagens sentados e cobertos com véus, como no *Aquiles* e na *Níobe* (Duas das mais antigas tragédias de Ésquilo, das quais restam poucas referências e fragmentos.), sem descobrir o rosto nem dizer uma palavra sequer, simples figurantes mudos.

DIÔNISO

Eu não poderia dizer o contrário.

EURÍPIDES

O coro recitava quatro réplicas em seguida, sem que os personagens abrissem a boca.

DIÔNISO

Eu adorava esses silêncios; eles não me agradavam menos que as tragédias de hoje.

EURÍPIDES

Você não tinha o senso comum, sem a menor dúvida.

DIÔNISO

Acredito que sim. Mas, por que ele fazia isto?

EURÍPIDES

Por charlatanismo, para manter o público na expectativa do momento em que Níobe ia falar; durante esse tempo a peça continuava.

DIÔNISO

Ah! Malandrinho! E eu fui totalmente enganado por ele? Mas, por que estas contorsões e estes gestos de impaciência?

EURÍPIDES

É que estou ansioso para vê-lo num beco sem saída. Em seguida, após as pausas desse gênero, quando a metade da peça já tinha sido representada, ele soltava uma dúzia de palavras empoladas e enfáticas, verdadeiros espantalhos que embasbacavam os espectadores.

ÉSQUILO

Como sou infeliz!

DIÔNISO

Silêncio, Ésquilo!

EURÍPIDES

Ele nada escrevia de inteligível…

DIÔNISO

Não trinque os dentes, Ésquilo!

EURÍPIDES

Era só Escamandro (Rio da Troas, na Ásia Menor (perto de Troia).), abismos, águias de bronze esculpidas nos escudos, e outras palavras enormes como montanhas e difíceis de compreender.

DIÔNISO

De fato, passei certa vez boa parte da noite tentando saber o que era o seu cavalogalo marrom, e imaginando que tipo de ave ele era.

ÉSQUILO

Ignorante! É a escultura com que se ornamenta a popa das naus.

DIÔNISO

Pensei que fosse Eríxis (Um ateniense extremamente feio e desagradável.), filho de Filôxeno…

EURÍPIDES

Você tinha necessidade de galos nas tragédias.

ÉSQUILO

E você, inimigo dos deuses, diga-nos o que fez!

EURÍPIDES

Não apresentei no palco nem galos enormes nem “capriveados”, seguindo o seu exemplo, e tais como eles são vistos em tapetes persas. Recebi de suas mãos uma tragédia totalmente sobrecarregada

de exageros bombásticos e de uma pesada bagagem de palavras enormes; primeiro tornei mais leve o peso dela, e diminuí essa inchação por meio de versinhos, de digressões, de ligeiros cozimentos de beterrabas, acrescentando o suco de muitas bagatelas extraídas de livros antigos; depois a nutri com monólogos, fazendo uma mistura como as de Cefisofon (Um serviçal (ou, segundo outras menções, colaborador) de Eurípides.); e eu não esticava indistintamente toda espécie de conversas, não fazia minhas misturas ao acaso; o primeiro ator a entrar em cena expunha desde logo os antecedentes da peça.

DIÔNISO

À parte.

Seria melhor se você falasse de sua própria origem (Mais uma alusão à origem humilde de Eurípides.)...

EURÍPIDES

Desde os primeiros versos eu não deixava nenhum de meus personagens ocioso; mulher ou homem, escravo ou senhor, moça ou velha, em minhas peças todos falavam indiscriminadamente.

ÉSQUILO

Você não mereceria a morte por semelhante ousadia?

EURÍPIDES

Certamente não; eu fazia isto para ser agradável ao povão.

DIÔNISO

Passemos a outro tópico; a discussão deste não seria vantajosa para você, Eurípides.

EURÍPIDES

Apontando para os espectadores.

Além disso ensinei os atenienses a falar.

ÉSQUILO

Estou de acordo quanto a isto. Mas por que você não explodiu antes disto?

EURÍPIDES

Mostrei o uso das regras mais sutis, das palavras de duplo sentido, a arte de refletir, de ver, de compreender, de ser esperto, de intrigar, de amar, de admitir a maldade, de controverter os fatos…

ÉSQUILO

Estou de pleno acordo quanto a isto.

EURÍPIDES

Pus em cena os hábitos da vida cotidiana, coisas banais, familiares, sobre as quais cada espectador estava em condições de julgar. Não me esforçava por confundir a inteligência com um estrépito de palavras, nem por encher de espanto os espectadores diante de Cicnos e de Mêmnons (Cicno e

Mêmnon eram provavelmente personagens de peças perdidas de Eurípides.) guiando seus corcéis ornados de sinetas e de penachos. Você vai ficar sabendo quais são os seus discípulos e quais são os meus. Os seus: Formísio e Megentes de Magnesia, armados de lanças, de trombetas e de uma ironia mordaz. Os meus são Clitofon e o elegante Teramenes.

DIÔNISO

Teramenes? Esse homem jeitoso e capaz de tudo que, se se vê envolvido em um mau negócio, sai dele dizendo-se nascido não em Quios, mas em Ceos?

EURÍPIDES

Foi assim que consegui formar o pensamento

Apontando para os espectadores.

deles, introduzindo em minhas tragédias o raciocínio e a reflexão, de tal maneira que atualmente eles podem compreender tudo, aprofundar-se em tudo e governar melhor seus lares, enfim, dar a razão de tudo dizendo a si mesmo: "Onde se pode fazer este negócio?", "Que é feito disto?", "Quem tomou aquilo de quem?".

DIÔNISO

Isto é verdade. Um ateniense entra em seu lar? Ele chama seus escravos e pergunta: "Onde está a panela?", "Quem comeu a cabeça da anchova?", "O prato que comprei no ano passado quebrou-se?", "Onde está o alho de ontem?", "Quem comeu azeitonas?". Antigamente eles ficavam abobalhados, com a boca escancarada, como patetas ou imbecis.

CORO

Você está ouvindo Eurípides, valente Aquiles? Então vejamos: o que você replicará a isto? Tomara que a ira não leve você além dos limites, pois ele o atacou violentamente. E você, nobre Ésquilo, não responda sob o domínio da cólera; recolha suas velas maiores e entregue ao vento apenas a parte menor delas; avance com moderação e espere o momento em que você sentir um vento suave e constante.

CORIFEU

Dirigindo-se a ÉSQUILO.

E você, que pela primeira vez entre os gregos deu pompa e elevação à linguagem, e contribuiu com um brilhante adorno para os concursos de tragédias, solte ousadamente a sua torrente de palavras!

ÉSQUILO

Um debate deste nível excita minha cólera; meu coração fica indignado por ter de responder a tal adversário. Mas ele não deve pensar que me reduziu ao silêncio. Responda-me: quais são os ingredientes que tornam um poeta trágico digno de admiração?

EURÍPIDES

As sábias lições que tornam os homens melhores.

ÉSQUILO

E se em vez disto você perverteu os homens e transformou em más as boas qualidades deles, que tratamento você imagina estar merecendo?

DIÔNISO

A morte. Sua pergunta é ociosa.

ÉSQUILO

É isto mesmo. Veja os homens saídos de minhas mãos: eu os edifiquei como se fossem torres feitas de palavras cheias de dignidade; eles não recusavam funções públicas onerosas, não eram ociosos, nem intrigantes, nem charlatães como hoje; só respiravam lanças e dardos, capacetes com penachos brancos, elmos, escudos recobertos de sete couros.

DIÔNISO

Ah! Eis-nos aqui! Ele nos espancará com seus capacetes!

EURÍPIDES

E como você fazia seus heróis com tudo isso?

DIÔNISO

Fale, Ésquilo; modere um pouco seu orgulho feroz.

ÉSQUILO

Com uma tragédia cheia do espírito marcial (Literalmente, "cheias do espírito de Ares" (o deus da guerra dos gregos).).

DIÔNISO

Qual delas?

ÉSQUILO

Os sete chefes contra Tebas; todos os espectadores saíam do teatro com o furor guerreiro.

DIÔNISO

Você fez muito mal, tornando os tebanos mais belicosos, e merece uns tapas por isto.

ÉSQUILO

Vocês deviam exercitar-se, mas não cultivaram o gosto pela guerra. Depois, em *Os persas*, incuti em vocês o desejo de vencer sempre seus inimigos, produzindo uma obra-prima admirável.

DIÔNISO

Foi uma grande alegria para mim ouvir a notícia da morte de Dario e ouvir o coro gritar "Iauoi ("Iauoi" era um grito de júbilo.)" enquanto os espectadores batiam palmas.

ÉSQUILO

Aí estão os temas que os poetas devem cultivar. Veja, por exemplo, os serviços prestados desde o princípio pelos poetas mais ilustres: Orfeu ensinou os Mistérios sagrados e o horror à violência; Museu, os remédios para as doenças, e os oráculos (Orfeu e Museu foram os poetas mais antigos da Grécia, ainda lendários.); Hesíodo ensinou a agricultura - a época das colheitas e da semeadura. E o divino Homero, de onde lhe veio tanta honra e glória senão por haver ensinado melhor que todos os outros as virtudes marciais, a arte das batalhas e a profissão das armas?

DIÔNISO

Mas não se pode aprender coisa alguma de Pantaclés, o tipo acabado do inútil; de fato, tendo de marchar há pouco tempo à frente de uma procissão, ele já tinha posto seu capacete quando sonhou que deveria adaptar um penacho nele.

ÉSQUILO

Mas ele formou muitos outros heróis, entre eles Lâmaco (General ateniense, no princípio atacado mas depois defendido por Aristófanes.). Foi de acordo com Homero que apresentei as façanhas de Pátroclo e de Teucro (Dois heróis gregos da guerra de Troia.), o Coração de Leão, para insuflar em cada cidadão o desejo de igualar-se a esses grandes homens, desde que ouve o som da trombeta. Mas obviamente eu não punha em cena Fedras indecorosas, nem Steneboias (Personagens de tragédias de Eurípides, dominadas por amores mórbidos.), e não sei se jamais cantei os amores de uma mulher.

EURÍPIDES

Certamente não, pois você jamais conheceu Afrodite (Afrodite, a Vênus dos latinos, era a deusa do amor para os gregos.).

ÉSQUILO

Nem a quero conhecer. Que ela reine sempre sobre você e os seus! Afinal de contas ela foi a sua perdição.

DIÔNISO

Nada mais verdadeiro, por Zeus. Esses desregramentos que você atribuía às mulheres dos outros, você mesmo acabou por experimentá-los, Eurípides.

EURÍPIDES

Ah! Maledicente! Que mal minhas Steneboias fizeram à cidade?

ÉSQUILO

Foi o sentimento de vergonha inspirado por seu Belerofon que levou as mulheres mais nobres a beber a cicuta.

EURÍPIDES

Eu alterei de qualquer modo a história de Fedra?

ÉSQUILO

É verdade que não, mas o poeta deve lançar um véu sobre o que é indecoroso, e evitar sua exposição à luz do dia ou apresentá-lo em cena. O poeta trágico é para a idade viril o que o preceptor é para a infância. Nada devemos dizer além do proveitoso.

EURÍPIDES

Então é proveitoso que você fale dos montes Licabetos e da altitude do monte Parnaso, em vez de usar uma linguagem totalmente humana?

ÉSQUILO

Mas é necessário, desastrado, inventar expressões correspondentes à elevação dos pensamentos. Aliás, é natural que os deuses e semideuses falem uma linguagem mais sublime, da mesma forma que vestem roupas mais imponentes que as nossas. Eu enobreci tudo e você degradou tudo.

EURÍPIDES

Como?

ÉSQUILO

Primeiro cobrindo os reis de andrajos, para inspirar piedade em relação a eles.

EURÍPIDES

Que mal eu fiz escrevendo assim?

ÉSQUILO

Isto faz com que nenhum rico hoje queira equipar uma trirreme; todos se fazem de pobres e se envolvem em andrajos.

DIÔNISO

Por Deméter! Eles vestem por baixo uma túnica de lã espessa, e depois de se imporem graças às suas mentiras vão todos os dias ao mercado de peixe.

ÉSQUILO

É a você, Eurípides, que se deve este gosto por falatórios e argúcias, que fez os ginásios de educação física ficarem desertos, e a corrupção dos jovens ávidos apenas por discutir; você inspirou também nos marinheiros o espírito de insubordinação. No meu tempo eles sabiam somente pedir sua comida e gritar "ripapai" (O grito ritmado dos marinheiros em atividade.)!

DIÔNISO

E peidar no nariz dos remadores da fileira inferior das naus, sujar de merda seus vizinhos e saquear os transeuntes no local onde eles iam descansar. Agora eles discutem, soltam o remo e navegam sem rumo.

ÉSQUILO

De que crimes ele não é o autor? Ele não põe em cena cafetinas, mulheres que vão parir nos templos, irmãs incestuosas e outras mulheres que dizem que a vida não é vida? Das tragédias dele sai esta multidão de escrevinhadores e charlatães que fervilham em Atenas, uma espécie de macacos que enganam sempre o povo; por outro lado, hoje ninguém sabe segurar a tocha (Nas corridas de tochas por ocasião da festa chamada Panateneias, e nas festas de Hefesto e de Prometeu.) por falta de aptidão física.

DIÔNISO

É verdade; ninguém mesmo. Também nas Panateneias pensei que ia morrer de rir, vendo na corrida um homem baixinho, muito pálido, gordo, inclinado para a frente, muito atrás dos outros competidores, que fazia um esforço terrível; os espectadores que estavam nas portas do Cerâmico (Bairro de Atenas onde havia um ginásio atlético.) esmurravam a barriga, os rins, as costas e o traseiro dele; depois de tantas porradas ele deu um peido tão forte que reanimou o fogo da tocha, e assim conseguiu chegar são e salvo.

CORO

Este caso é importante; um grande debate, uma guerra declarada. É difícil nos pronunciarmos entre alguém que ataca vigorosamente e outro que se defende e replica com habilidade. Mas não fiquem sempre no mesmo terreno; há muitos outros pontos sobre os quais vocês dois podem batalhar. Mostrem e desenvolvam ousadamente todos os meios de que podem lançar mão; arrisquem alguns argumentos sutis e engenhosos. Se vocês temem que os espectadores, por ignorância, não entendam tantas filigranas de argumentação, estejam certos de que não é mais assim que todos eles fazem a guerra; cada um tem o seu livro e se forma na sabedoria. Além disso eles hoje têm o espírito mais aguçado, mais natural do que nunca. Não tenham receios; exibam todo o seu talento, pois vocês estão diante de espectadores esclarecidos.

EURÍPIDES

Passemos então a falar dos prólogos. Esta é a primeira coisa que ouvimos numa tragédia; esta será a primeira que examinarei neste sagaz poeta trágico. Nele a exposição é obscura.

DIÔNISO

Que prólogo você pretende criticar?

EURÍPIDES

Um monte deles.

Dirigindo-se a ÉSQUILO.

Recite primeiro o da trilogia de Orestes (A trilogia chamada *Oréstia* se compõe de *Agamêmnon*, *Coéforas* e *Eumênides*.).

DIÔNISO

Façam todos silêncio! Fale, Ésquilo.

ÉSQUILO

"Hermes subterrâneo, que vela pelo reino paterno, seja meu protetor e meu apoio! Enfim estou de volta e entro em minha pátria!"

DIÔNISO

Dirigindo-se a EURÍPIDES.

Você tem alguma coisa a dizer?

EURÍPIDES

Mais de doze.

DIÔNISO

Mas ele disse apenas três versos.

EURÍPIDES

Há vinte defeitos em cada um deles.

DIÔNISO

Dirigindo-se a ÉSQUILO.

Aconselho você a ficar calado, Ésquilo, senão além dos três versos iâmbicos haverá muitos outros atacados.

ÉSQUILO

Eu, me calar diante dele?

DIÔNISO

Se você acredita em mim…

EURÍPIDES

Já no início ele comete a falta mais grave. Ouça a bobagem.

DIÔNISO

O que é que eu tenho com isto?

ÉSQUILO

Onde você diz que cometi a falta, Eurípides?

EURÍPIDES

Repita o primeiro verso, o de Orestes.

ÉSQUILO

“Hermes subterrâneo, que vela pelo reino paterno…”

EURÍPIDES

Orestes não diz isto sobre a tumba de seu pai?

ÉSQUILO

Sem dúvida.

EURÍPIDES

Ele quer dizer que Hermes velava, enquanto o pai de Orestes já tinha perecido sob os golpes de sua própria mulher, numa odiosa perfídia?

ÉSQUILO

Hermes não é o deus da astúcia, e sim Hermes que Socorre, que Orestes chama de Subterrâneo; é o que ele demonstra, dizendo que obteve essa função do pai.

EURÍPIDES

É ainda pior, pois ele obteve do pai este emprego subterrâneo…

DIÔNISO

Isto não significa mais que ser um desenterrador de mortos.

ÉSQUILO

Seu vinho não tem buquê, Diôniso.

DIÔNISO

Dirigindo-se a ÉSQUILO.

Passe a outro verso.

Dirigindo-se a EURÍPIDES.

E você, preste atenção às faltas.

ÉSQUILO

“Seja meu protetor e meu apoio! Enfim estou de volta e entro em minha pátria!”

EURÍPIDES

O esperto Ésquilo nos diz a mesma coisa duas vezes.

DIÔNISO

Como, duas vezes?

EURÍPIDES

Preste atenção; vou fazer você ver. “Enfim estou de volta”, diz ele, e “entro em minha pátria”. Ora: “estou de volta” é a mesma coisa que “entro”.

DIÔNISO

Sim, é verdade. É como se alguém dissesse a seu vizinho: “Me empreste a sua gamela de amassar o pão, ou, se você quiser, sua masseira.”

ÉSQUILO

De jeito nenhum, tagarela! Isto não é a mesma coisa; meu verso é excelente.

DIÔNISO

Como é isto? Me diga como você entendeu.

ÉSQUILO

Quem goza dos direitos de cidadão tem licença total para ir e vir à sua pátria, pois ele chega lá sem haver sofrido desgraça anterior; mas um exilado vem para lá e reentra lá.

DIÔNISO

Muitíssimo bem, mas por Apolo! Que diz você sobre isto, Eurípides?

EURÍPIDES

Sustento que Orestes não reentrou em sua pátria; ele chegou secretamente, sem haver obtido permissão para isso.

DIÔNISO

Muitíssimo bem, por Hermes! Mas não compreendo o que você diz…

EURÍPIDES

Passemos a outro ponto.

DIÔNISO

Vamos, Ésquilo; diga depressa. E você, Eurípides, aponte as faltas.

ÉSQUILO

“Ao pé de seu túmulo suplico, meu pai, que me ouça, que me escute!”

EURÍPIDES

Eis aí, ainda, uma repetição: “ouça” e “escute” são exatamente a mesmíssima coisa.

DIÔNISO

Mas ele estava falando com um defunto, a quem não basta dizer as coisas duas vezes ou até três.

ÉSQUILO

E você, como fazia seus prólogos?

EURÍPIDES

Vou lhe dizer; e se me repito ou encho linguiça, me condene.

DIÔNISO

Vamos! Diga! Nada tenho a fazer senão ouvir você e julgar as belezas de seus prólogos.

EURÍPIDES

"No princípio Édipo era feliz." (Verso da tragédia *Antígona* de Eurípides, da qual restam apenas fragmentos.)

ÉSQUILO

Não! Com certeza não! Mas destinado à desventura, pois antes de ele ter sido concebido Apolo vaticinou que Édipo mataria seu pai (e ele nem havia nascido!). Como, então, ele "no princípio era feliz"?

EURÍPIDES

"E depois ele se tornou o mais infeliz dos homens."

ÉSQUILO

Não! Com certeza não, pois jamais ele deixou de ser infeliz. Logo após o nascimento foi exposto, em pleno inverno, por receio de que, crescendo, ele viesse a ser o assassino de seu próprio pai; em seguida, para sua desgraça, ele foi para o palácio de Pólibo com seus próprios pés inchados; depois, ainda jovem, casou-se com uma mulher mais velha, e esta mulher era sua própria mãe; depois ele furou seus próprios olhos.

DIÔNISO

Feliz, quanto a isto, se ele tivesse sido general juntamente com Erasinides (Um dos generais condenados por causa dos acontecimentos das Arginusas. Veja-se Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, Livro VII, § 7.).

EURÍPIDES

Você está dizendo bobagens; quanto a mim, sou ótimo nos prólogos.

ÉSQUILO

Não vou esmiuçar cada um de seus versos palavra por palavra, mas com a ajuda dos deuses arrasarei seus prólogos com um simples sopro.

EURÍPIDES

Com um simples sopro?

ÉSQUILO

Sim, com um único sopro. Você faz os seus versos de tal maneira que se pode acrescentar a eles tudo que se quer - torrãozinho, garrafinha, saquinho. Vou provar num instante o que estou dizendo.

EURÍPIDES

Será que você vai provar?

ÉSQUILO

Vou.

DIÔNISO

Vamos! Recite!

EURÍPIDES

“Egito, segundo a tradição comum, alçando as velas para ir a Argos com seus cinquenta filhos…”

ÉSQUILO

… perdeu sua garrafinha.

EURÍPIDES

Que significa esta garrafinha? Você se arrependerá por isto!

DIÔNISO

Recite para ele outro prólogo, Eurípides; queremos ouvir mais.

EURÍPIDES

“Diôniso que, armado com o tirso e coberto de peles de veadinhos, dança no cume do Parnaso à luz das tochas…”

ÉSQUILO

… e perdeu sua garrafinha.

DIÔNISO

Ah! Outro golpe da garrafinha!

EURÍPIDES

Para o golpe, eis aqui um prólogo ao qual ele não o poderá aplicar: “Não existe homem algum feliz em tudo; um oriundo de uma ilustre origem, não tem fortuna; outro, de nascimento obscuro…”

ÉSQUILO

… perdeu sua garrafinha.

DIÔNISO

Eurípides!

EURÍPIDES

Qual é o caso?

DIÔNISO

Creio que teremos de arriar as velas, pois esta garrafinha nos ameaça com uma tempestade violenta.

EURÍPIDES

Por Deméter, isto não me inquieta, pois agora mesmo vamos vê-la saltar das mãos dele.

DIÔNISO

Vamos; diga outro prólogo, mas tenha cuidado com a garrafinha.

EURÍPIDES

"Cadmo, filho de Agênor, tendo saído certa vez da cidade de Sídon…" (Do prólogo da tragédia *Os Frígios*, de que restam apenas fragmentos.)

ÉSQUILO

… perdeu sua garrafinha.

DIÔNISO

Compre logo essa garrafinha, meu amigo, para ela não estragar ainda mais os nossos prólogos.

EURÍPIDES

Eu? Você acha que eu comprarei qualquer coisa dele?

DIÔNISO

Se você acreditar em mim.

EURÍPIDES

Certamente não; posso recitar muitos prólogos onde ele não terá oportunidade de usar a sua garrafinha. Por exemplo: "Pêlops, filho de Tântalo, tendo chegado a Pisa com seus corcéis velozes…" (Do prólogo da *Ifigênia em Táuris*.)

ÉSQUILO

… perdeu sua garrafinha.

DIÔNISO

Você está ouvindo? Ele ainda usou a garrafinha.

Dirigindo-se a ÉSQUILO.

Vamos, chefe! Venda ela a qualquer preço. Você terá uma muito mais bonita por um óbolo.

EURÍPIDES

Não! Não! Ainda tenho muitos prólogos. "Um dia, nos campos, Oineu…" (Do prólogo da tragédia perdida *Melêagro*.)

ÉSQUILO

… perdeu sua garrafinha.

EURÍPIDES

Me deixe ao menos recitar os versos inteiros: "Um dia, nos campos, Oineu, vendo uma colheita abundante, ofereceu as primícias aos deuses…"

ÉSQUILO

… e perdeu sua garrafinha.

DIÔNISO

Durante a oferta das primícias? Quem tirou ela dele?

EURÍPIDES

Deixe para lá, meu caro; que ele tente com este verso: “Zeus, como disse a própria Verdade…”

ÉSQUILO

… perdeu a sua garrafinha.

DIÔNISO

Ele ainda fará você ficar furioso, repetindo “perdeu a sua garrafinha”. Esta garrafinha tem a ver com seus prólogos como a remela com os olhos; mas, em nome dos deuses, volte a seus coros.

EURÍPIDES

Já posso demonstrar que ele compõe mal os coros e se repete sem parar.

CORIFEU

Como acontece isto? Estou curioso por saber o que ele vai chamar de repetição num poeta que já fez tantos cantos líricos, muito superiores aos de hoje; não sei realmente o que ele poderá encontrar neste rei das festas de Diôniso, e temo por ele.

EURÍPIDES

Sim, admiráveis cantos líricos! Vamos ver daqui a pouco. Vou reunir todos os coros num só.

DIÔNISO

E eu contarei os trechos com estas pedrinhas.

Ouve-se o som de uma flauta.

EURÍPIDES

“Aquiles, herói da Ftia (Ftia era a terra natal do herói Aquiles.), por que, diante das notícias da carnificina, você não corre para aliviar a luta? Habitantes deste pântano, honraremos Hermes, deus padroeiro desta raça!” (Trecho da tragédia *Os mirmidões*, da qual restam apenas fragmentos.) Você não sente vontade de correr para tornar a luta menos desigual?

DIÔNISO

Aí estão lutas para você.

EURÍPIDES

“Ah! Mais ilustre dos gregos, filho de Atreu, que reina sobre um povo numeroso, ouça!” Você não corre para tornar a luta menos desigual?

DIÔNISO

É a terceira de suas lutas, Eurípides.

EURÍPIDES

“Silêncio, comandante das Melissas (Sacerdotisas de Ártemis.)! Vão abrir o templo de Ártemis!” Você não corre para tornar a luta menos desigual? “Posso relembrar aqui a partida ameaçadora dos

comandantes de nossos guerreiros?" Você não corre para tornar a luta menos desigual (Citações do *Agamêmnon*.)?

DIÔNISO

Ah! Zeus! Que luta interminável! Quero tomar banho! A luta fez meus rins incharem.

EURÍPIDES

Tenha paciência. Ouça ao menos este outro canto, arranjado com base em árias acompanhadas de cítara.

DIÔNISO

Vamos depressa, mas nada de luta.

EURÍPIDES

"Como este par de reis, glória da Hélade, flatotratoflatotrato (Palavra sem qualquer sentido para ridicularizar o uso de palavras longas e bombásticas inventadas por Ésquilo.), envia a Esfinge terrível, o cão vigilante flatotratoflatotrato, armado de lança e de um braço vigoroso? O pássaro guerreiro flatotratoflatotrato entrega aos audaciosos cães alados que cruzam os ares flatotratoflatotrato aqueles que tendem para o partido de Aias flatotratoflatotrato…"

DIÔNISO

Que significa este flatotratoflatotrato? Ele vem de Maratona, ou é o canto de algum tirador de água de poço?

ÉSQUILO

Dei àquilo que era belo outra forma igualmente bela, para não parecer que eu estava colhendo no jardim sagrado das Musas as mesmas flores de Frínico. Quanto a Eurípides, ele tira seus cantos das conversas de prostitutas, dos de Mêleto (Mêleto seria um dos acusadores de Sócrates no processo em que o filósofo recebeu a pena de morte.), das árias de flauta da Cária (Ou seja, bárbaras.), das expressões de dor, das árias de dança. Vou mostrar isto aqui agora mesmo. Tragam-me uma lira! Mas, que é isto? Uma lira para ele? Não! Onde está a tocadora de castanholas? Venha! Venha, Musa de Eurípides! Esta é a música adequada a seus versos!

Entra uma tocadora de castanholas nua.

DIÔNISO

Esta Musa nunca fez o que as lésbicas costumam fazer?

ÉSQUILO

"Alciones, que piam sobre as ondas infindáveis do mar, com o corpo salpicado de gotas de orvalho, e vocês, aranhas que nos cantos de nossas casas te-te-te-te-te-tecem com suas pernas a trama de uma teia delicada, obra-prima da lançadeira que retine, lá onde o golfinho gosta de saltar, ao som da flauta, em volta das proas azuladas, agitando os oráculos e os estádios. Delícias da vinha em flor, sustentáculo da uva que amadureceu. Envolva-me em seus braços, filho meu!" (Mistura de trechos esparsos de Eurípides, sem qualquer conexão, tirados das tragédias *Hipsipile, Melêagro* (das quais só nos restam fragmentos), e paródia de trechos da *Ifigênia em Táuris*.) Você notou o ritmo?

DIÔNISO

Notei.

ÉSQUILO

O quê? Você notou?

DIÔNISO

Notei, sim; já lhe disse.

ÉSQUILO

E depois disto você se atreve a criticar meus versos, você que compõe os seus cantos no antro de Cirene (Provavelmente Cirene era uma prostituta contemporânea de Aristófanes.) das doze posições? Aí estão seus versos líricos; mas quero ainda examinar seus monólogos. “Negra treva da noite, qual é este sonho funesto que você me envia do fundo da escuridão, ministra do Inferno, mero fantasma, filha da noite sombria, de aspecto repelente, envolta num negro lençol, de olhar feroz, de garras terrificantes? Mulheres! Acendam a lâmpada! Vão com suas urnas buscar as ondas dos rios. Aqueçam-nas para que eu me purifique deste sonho mandado pelos deuses! Deus do mar, é isto mesmo! Ah! Minhas companheiras! Contemplem este prodígio! Glica levou meu galo e desapareceu! Ninfas das montanhas! Ó, Mania (Mania era a personificação da loucura.)! Prendam-na! E eu, infortunada, estava então entregue ao meu labor, te-te-tecendo o linho que guarnecia meu fuso, fazendo um novelo para levá-lo ao mercado de madrugada e vendê-lo. Ele se elevava nele, ele se elevava nos ares, levado por sua asas lépidas. Ele me deixou apenas dor - a dor! Lágrimas, lágrimas rolavam, rolavam de meus olhos. Ah! Cretenses! Filhos do monte Ida, apanhem suas flechas, venham ajudar-me, acorram com seus pés velozes e ataquem a casa! Ao mesmo tempo, que Ártemis, deusa dos bosques, percorra com sua malta os recantos mais recônditos! E você, Hecate, filha de Zeus, segure duas tochas com suas mãos ágeis e ilumine meu caminho até a casa de Glica, para que eu possa descobrir o latrocínio!”

DIÔNISO

Depois destes, chega de coros!

ÉSQUILO

Eu também já estou cheio deles. Agora quero conseguir uma balança; assim se julgará melhor a nossa poesia e o peso de nossas expressões.

DIÔNISO

Aproximem-se, então. Vou vender o gênio poético a peso, como se faz com o queijo.

ÉSQUILO e EURÍPIDES se colocam um ao lado esquerdo e o outro ao lado direito de DIÔNISO.

CORO

As pessoas de espírito têm grande quantidade de expedientes. Eis uma coisa singularmente maravilhosa, nunca ouvida nem vista; e que outra pessoa tê-la-ia imaginado? Realmente, se o primeiro que chegasse tivesse dito semelhante coisa, eu não teria acreditado nele; teria pensado que fosse uma brincadeira.

DIÔNISO

Vamos! Vamos para perto da balança!

ÉSQUILO e EURÍPIDES

Estamos aqui.

DIÔNISO

Que cada um recite um verso segurando-o, e não o solte antes de eu dizer: “Cuco”!

ÉSQUILO e EURÍPIDES

Vamos segurá-los.

DIÔNISO

Recitem um verso com a mão no prato da balança.

EURÍPIDES

“Ah! Se os deuses jamais tivessem querido que a nau *Argó* voasse sobre as ondas!” (Verso da *Medeia*.)

ÉSQUILO

“Rio Sperqueio, viçosas pastagens das novilhas!” (Fragmento de peça desconhecida de Ésquilo.)

DIÔNISO

Cuco! Relaxem; este último verso fez a balança descer muito mais!

EURÍPIDES

Por quê?

DIÔNISO

Porque ele se molhou no rio, como fazem os vendedores que molham a lã para ela pesar mais.

Dirigindo-se a EURÍPIDES.

Você trouxe um verso alado…

EURÍPIDES

Está bem. Que ele diga outro e pese.

DIÔNISO

Cheguem à balança mais uma vez.

ÉSQUILO e EURÍPIDES

Ela está aqui.

DIÔNISO

Recitem!

EURÍPIDES

“A eloquência é o único templo da Persuasão. ” (Fragmento da *Antígona* de Eurípides.)

ÉSQUILO

“A Morte é a única divindade indiferente às dádivas.” (Fragmento da *Níobe* de Ésquilo.)

DIÔNISO

Relaxem! Relaxem! Ésquilo venceu novamente. Ele pôs na balança a Morte, o mais pesado de todos os males.

EURÍPIDES

E eu com a Persuasão? Meu verso é ótimo!

DIÔNISO

Mas a Persuasão é lépida e não tem sentido. Procure outro verso de peso, que faça pender o prato da balança para o seu lado, um verso sólido, vigoroso.

EURÍPIDES

Deixe-me ver; onde tenho um desta espécie?

DIÔNISO

Onde? Eu mesmo digo: "Aquiles conseguiu no jogo de dados dois e quatro." (Alusão à tragédia perdida *Télefo*, onde o autor introduz personagens que jogam dados.) Fale você mesmo; esta é a última prova.

EURÍPIDES

"Sua mão pegou uma maçã pesada como o ferro." (Fragmento do *Melêagro* de Eurípides.)

ÉSQUILO

"Carro sobre carro, cadáver sobre cadáver." (Da tragédia *Glauco* de Ésquilo, de que restam somente fragmentos.)

DIÔNISO

Você foi vencido novamente, Eurípides.

EURÍPIDES

Mas, como?

DIÔNISO

Ele pôs dois carros e dois cadáveres na balança; é um peso que cem egípcios não levantariam.

ÉSQUILO

Que ele ponha na balança não mais um verso, e sim ele mesmo se ponha nela com seus filhos, sua mulher, Ctesifon e todos os seus livros; a tudo isto eu oporia dois versos meus.

Um escravo leva a balança; entra HADES.

DIÔNISO

Meus amigos, vou me abster de dar o veredito; não quero atrair o ódio de nenhum dos dois; acho um deles esperto, e o outro me encanta.

HADES

Dirigindo-se a DIÔNISO.

Então você não terá atingido o objetivo de sua viagem.

DIÔNISO

E se eu der o veredito?

HADES

Você poderá levar consigo de volta à vida aquele entre os dois que for seu preferido.

DIÔNISO

Muito obrigado! Tudo bem; então ouçam: vim procurar um poeta trágico aqui.

EURÍPIDES

Com que objetivo?

DIÔNISO

Para que Atenas, salva do perigo, mande representar novamente tragédias. Aquele entre vocês dois que der à cidade um bom conselho, eu levo comigo. E para começar, que pensam vocês dois de Alcibíades (Na época da primeira encenação desta peça Alcibíades estava foragido de Atenas, mas alguns atenienses lutavam para vê-lo de volta.)? Agora ele está numa pior.

EURÍPIDES

Que pensam disto os atenienses?

DIÔNISO

O que eles pensam? Eles querem Alcibíades; ao mesmo tempo odeiam ele, mas não podem passar sem ele. Vocês dois devem dar sua opinião.

EURÍPIDES

Odeio um cidadão moroso na hora de servir à pátria e pronto para prejudicá-la, esperto consigo mesmo e inútil para a cidade.

DIÔNISO

Ótimo, por Poseidon! E você, Ésquilo, qual é a sua opinião?

ÉSQUILO

Não é prudente criar um filhote de leão numa cidade; quem fizer isto terá de obedecer aos caprichos da ferazinha.

DIÔNISO

Não sei mesmo qual será a minha opinião; um deles falou matreiramente, o outro claramente. Mas eu ainda faria aos dois uma pergunta sobre os meios de reanimar a vida da cidade.

EURÍPIDES

Isto significa atrelar Cinésias e Cleôcrito, como se o primeiro tivesse um par de asas, para que o sopro dos ventos o levasse através dos mares (Cinésias era famoso por sua magreza.).

DIÔNISO

Seria muito engraçado, mas que quer dizer isto?

EURÍPIDES

No caso de um combate naval eles teriam suas garrafinhas cheias de vinagre que jogariam nos olhos dos inimigos. Mas tenho outra ideia, que vou partilhar com vocês.

DIÔNISO

Fale.

EURÍPIDES

Confiamos naquilo de que desconfiamos, e evitamos aquilo em que confiamos.

DIÔNISO

Como? Não estou compreendendo. Fale de maneira menos doutoral e mais clara.

EURÍPIDES

Se os cidadãos que merecem agora nossa confiança se tornassem suspeitos a nós, e se empregássemos aqueles que deixamos na inatividade, a cidade estaria salva, pois se uns são a nossa perdição, os outros, fazendo o contrário, não nos salvariam?

DIÔNISO

Bravíssimo, Palamedes (Palamedes foi um herói grego famoso por sua capacidade de persuasão.)! Ah! Homem perspicaz! Você descobriu tudo sozinho ou foi Cefisofon?

EURÍPIDES

Eu sozinho; as garrafinhas são de Cefisofon.

DIÔNISO

E você, Ésquilo, que diz?

ÉSQUILO

Diga-me primeiro: quem é empregado pela cidade? Os cidadãos honestos?

DIÔNISO

Ela detesta os cidadãos honestos.

ÉSQUILO

Ela ama, então, os maus?

DIÔNISO

Nada disso; ela se serve deles por necessidade.

ÉSQUILO

Como se pode salvar uma cidade que não usa nem o tecido fino nem o estofo grosseiro de lã?

DIÔNISO

Descubra um meio de impedir que ela caia no abismo.

ÉSQUILO

Daqui a pouco lhe digo; aqui eu não quero.

DIÔNISO

Não mesmo? Dê aqui seus bons conselhos, e agora!

ÉSQUILO

Isto seria ver as cidades inimigas como vemos a nossa, e a nossa como as inimigas (Este conselho é atribuído ao famoso político ateniense Péricles.), e nossas naus como nossas finanças, e nossas finanças como arruinadas.

DIÔNISO

Muito bem, mas o juiz come tudo sozinho.

HADES

Pronuncie-se, Diôniso!

DIÔNISO

A decisão é de vocês; quanto a mim, vou escolher aquele que me agrada mais.

EURÍPIDES

Fiel ao juramento que você fez de me levar com você, escolha seu amigo.

DIÔNISO

"Minha língua jurou" (Parte de um verso de Eurípides no *Hipólito*; o resto do verso é: "… mas não meu coração."), mas escolho Ésquilo.

EURÍPIDES

Que fez você, criatura mais odiosa de todas?

DIÔNISO

Eu? Dei a vitória a Ésquilo. Por que não?

EURÍPIDES

Você ousa me olhar depois de um comportamento a tal ponto vergonhoso?

DIÔNISO

"Que há de vergonhoso, se não é este o pensamento dos espectadores?" (Paródia de um verso de *Éolo* de Eurípides, tragédia da qual só nos restam fragmentos.)

EURÍPIDES

"Criatura cruel! Deixar-me-ão entre os mortos?" (Aparentemente a paródia de um verso de tragédia de autor desconhecido ou do próprio Eurípides.)

DIÔNISO

"Quem sabe se a vida não é a morte…" (Trecho da tragédia perdida *Poliído* de Eurípides, da qual restam apenas fragmentos. O restante do verso é "… e a morte a vida?". A parte final ("a respiração um jantar, o sono uma cabeleira") é de autoria do próprio Aristófanes e não tem sentido propositalmente.), a respiração um jantar, o sono uma cabeleira?

HADES

Venha ao meu palácio, Diôniso.

DIÔNISO

Para quê?

HADES

Para que eu possa tratá-lo tão bem como você merece antes da partida.

DIÔNISO

Isto é bem pensado; já não estou aborrecido com o que houve.

Entram todos no palácio de HADES.

CORO

Feliz o homem totalmente sábio! Milhares de provas atestam a veracidade desta afirmação. Este, por ter sido sábio, voltará a ver a sua casa, o que é uma vantagem para seus concidadãos, para seus parentes e seus amigos; ele deverá tudo à sua sapiência. É bom, então, não ficar perto de Sócrates conversando com ele, desdenhando a música e as partes mais importantes da arte trágica. É loucura perder tempo em conversas ociosas, em sutilezas frívolas.

Reaparecem DIÔNISO, HADES e ÉSQUILO.

HADES

Parta alegremente, Ésquilo; salve a sua pátria valendo-se de sábias lições, e cure os loucos (eles são numerosos).

Entregando uma espada a ÉSQUILO.

Leve isto a Cleofon (As outras pessoas mencionadas por Hades a seguir eram intrigantes. Cleofon era um estrangeiro e se opunha à paz, e rejeitou as propostas do embaixador de Esparta em Atenas.); isto ("Isto" aqui são laços de corda para enforcamento.) aos provedores do Tesouro, a Mírmex e a Nicômaco; isto ("Isto" aqui é uma taça com cicuta.) a Arquênomo. Diga-lhes para virem sem demora juntar-se a mim (depressa mesmo!). Se eles não vierem logo eu os agarro e os atiro com os pés e as mãos atados juntamente com Adêimanto (Um estrangeiro comandante de parte das forças navais atenienses.), filho de Leucôlofo, na parte mais profunda do Inferno.

ÉSQUILO

Não deixarei de fazer tudo isto. Dê meu lugar a Sófocles, para que ele o guarde e preserve para mim se algum dia eu voltar para cá. Considero-o o mais importante poeta trágico depois de mim. Mas tenha muito cuidado para que aquele intrigante, aquele mentiroso, aquele charlatão (Todos estes adjetivos são para Eurípides.) jamais venha a sentar-se em minha cadeira, ainda que seja pela força.

HADES

Vocês do Coro tratem de iluminá-lo com suas tochas sagradas, e lhe façam um cortejo cantando e tocando em sua honra seus hinos e suas melodias.

Organiza-se um cortejo para acompanhar ÉSQUILO.

CORO

Deuses infernais! Concedam primeiro ao poeta que volta à luz uma feliz viagem, e inspirem à cidade pensamentos salutares! Assim vocês porão fim a tantas desventuras e ao estrépito assustador das armas. Quanto a Cleofon e outros iguais a ele, que vão combater em sua própria pátria (Ou seja, na Trácia, ainda bárbara na época, onde nasceu Cleofon, que se fazia passar por ateniense.)!

FIM

Aristófanes, *As rãs*, tradução do grego de Mário da Gama Kury, Rio de Janeiro, Zahar, 3ª edição, 2004.

A revolução das mulheres

ou

A assembleia das mulheres

Esta comédia é uma sátira às teorias de certos filósofos da época, principalmente os sofistas, que mais tarde se cristalizaram na “República” de Platão.

Lideradas pela eloquente Valentina, que recorda a figura de Lisístrata por sua intrepidez, as mulheres de Atenas decidem tomar conta do poder, cansadas da incapacidade dos homens no governo. Impõem sorrateiramente nova constituição, com base na comunidade dos bens, tendo em vista, segundo Valentina, a eliminação do pauperismo.

Inspiradas no princípio em que há similaridade entre a direção da coisa pública e do lar, as mulheres governarão a cidade com a mesma eficiência com que cuidam de suas casas, para satisfação de todos. Não haverá mais ricos de um lado e pobres do outro. Atenas será como uma única habitação na qual cada um poderá obter, num fundo comum, o necessário à sua subsistência, graças a reformas de base como a comunidade de bens e de mulheres.

É digna de nota a solução de Valentina (Aristófanes) para o problema das mulheres feias diante da desvantagem em que ficariam, relativamente às bonitas, nesse regime autoritário...

Personagens:
Valentina: cerca de 40 anos, casada com Blêpiro, chefa da revolução.
1.ª Mulher: mesma idade, amiga de Valentina.
2.ª Mulher: idem, ibidem
3.ª Mulher: idem, ibidem
Blêpiro: cerca de 60 anos, marido de Valentina.
Um Homem: mesma idade, vizinho de Blêpiro.
Cremes: mesma idade, vizinho de Blêpiro.
Um Homem: cerca de 40 anos, interlocutor de Cremes.
Secretária: auxiliar de Valentina, cerca de 40 anos.
1.ª Velha: cerca de 50 anos.
Uma Moça: cerca de 20 anos.
Um Rapaz: cerca de 25 anos.
2.ª Velha: cerca de 60 anos.
3.ª Velha: cerca de 70 anos.
Várias mulheres, participando da revolução.
Mulher encarregada dos pregões.
Carregadores.

Época:
Cerca de 400 anos antes de Cristo.
Local:
Atenas
Cenário:

Praça pública em Atenas, de onde saem duas ruas. Ainda é noite. Estão reunidas várias mulheres.

Valentina - *(com uma lanterna na mão e olhando ansiosa para as duas ruas)* Será possível? Apesar de termos combinado tudo direitinho em nossa última reunião secreta, nenhuma das nossas correligionárias apareceu até agora! E está chegando a hora da Assembleia! Temos de ocupar já os lugares onde até agora os homens públicos falavam das mulheres públicas. É hora de sentar nossas *(apontando para certa parte do corpo)* pessoas nos melhores lugares antes que cheguem lá os homens. *(pausa; torna a olhar para as ruas)* Que estará acontecendo? Será que não conseguiram as barbas postiças? Ou terão tido dificuldades para roubar as roupas dos maridos? *(nova pausa; aparece ao longe uma mulher caminhando com uma lanterna na mão)* Finalmente vejo uma luz que se aproxima! *(dirigindo-se às outras mulheres)* Vamos esconder-nos! Pode ser um homem! *(Valentina e as outras mulheres recuam até a esquina da outra rua; pela primeira rua entra uma mulher, logo seguida de outras, todas vestidas de homem).*

1.ª Mulher - *(dirigindo-se a Valentina)* É tempo de marchar, pois o encarregado de convocar as assembleias já deu o segundo sinal quando eu vinha para cá!

Valentina - E eu passei a noite toda esperando vocês! *(encaminhando-se para uma das casas da praça)* Vamos, que vou chamar minha vizinha batendo delicadamente à porta, pois o homem dela não deve desconfiar de nada. *(bate levemente à porta).*

2.ª Mulher - *(saindo de casa, vestida de homem)* Enquanto me calçava ouvi o toc-toc de seus dedinhos, pois já estava bem acordada. Você sabe, querida, meu marido é funcionário público, dorme o dia todo de modo que passa a noite inteira agindo por baixo das cobertas. Não dá uma folga! Só agora consegui apanhar a roupa dele; está aqui.

Valentina – *(em voz alta às outras mulheres que iam chegando, também vestidas de homem)* Até que enfim vocês estão chegando! Lá vêm a Esquerdina e a Reformilde! Vocês querem fazer o favor de apressar-se? A Brigolina propôs que a última a chegar pagaria o cabeleireiro para todas.

2.ª Mulher - Vejam só! Lá vem a Comiciana, toda desajeitada com as sandálias do marido! Aliás deve ter sido a única que pôde sair calmamente de casa: o marido dela não é de nada!

1.ª Mulher - E a mulher do padeiro, você está vendo? Lá vem a Populária de lanterna na mão! Agora é ela que vai agitar as massas!

Valentina - *(entusiasmada)* O mulherio está chegando! Milhões! Todas as mulheres da cidade!

3.ª Mulher - Foi com muita dificuldade, querida, que pude sair de casa cedo, pois meu marido tossiu a noite inteirinha, engasgado com uns amendoins que comeu na hora de deitar!

Valentina - Então vão sentando nesses bancos da praça. Agora que estamos todas juntas quero ver se as resoluções de nossa última reunião foram executadas devidamente.

3.ª Mulher - De minha parte, sim. *(levantando lateralmente um braço)* Estou com as axilas mais peludas que um espanador, conforme combinamos. Além disso, toda vez que meu marido saía para vir discutir política eu tomava um pouco de sol, para parecer mais máscula.

2.ª Mulher - Eu também! A primeira coisa que fiz foi deixar de me depilar com a navalha de meu marido, para ficar toda peluda, como um homem!

Valentina - E todas estão com as barbas que combinamos trazer?

1.ª Mulher - *(mostrando a barba postiça que traz na mão)* Veja que barba linda!

Valentina - (*dirigindo-se às outras mulheres*) E vocês, que dizem?

1.ª Mulher - Elas dizem "sim" com a cabeça.

Valentina - Muito bem. Quanto ao resto, vejo que fizeram tudo como havíamos combinado. Então com as roupas, com o calçado, com tudo dos maridos.

1.ª Mulher - Bem... com quase tudo...

Valentina - É isso mesmo; e também temos de garantir um lugar na tribuna melhor colocada.

2.ª Mulher - *(mostrando uma bolsa com lã e agulhas de tricô)* Eu ando sempre com isso; fico fazendo tricô enquanto a assembleia enche.

Valentina - Enche, sua errada?

2.ª Mulher - Sim. Mesmo fazendo tricô estarei ouvindo. Minhas crianças estão nuas.

Valentina - Vocês estão vendo? Fazer tricô!... Não esqueçam nossa combinação: não devemos deixar os homens verem nada de feminino em nós, principalmente qualquer parte de nosso corpo! Estaríamos fritas se, no meio de tanto homem, alguma de nós cruzasse graciosamente as pernas, mostrando a... diferença! Mas se ocuparmos logo os lugares ninguém notará que estamos disfarçadas. E quando nos virem com as barbas que trouxemos, todos nos tomarão por homens de verdade. Conheço um "enxuto" que deixou a barba crescer e todo mundo agora passou a considerá-lo homem. Hoje ele é o tal! Por essas e outras vamos dar o golpe, vamos tomar o poder para consertar o país! Agora as mulheres vão ficar por cima!

1.ª Mulher - E como nós, as mulheres, criaturas delicadas e de coração fraco, iremos falar ao povo?

Valentina - Do melhor modo possível, pois dizem que falam melhor os homens mais rebolantes. Se o caso é rebolar, então está para nós!

1.ª Mulher - Não sei... A inexperiência dá medo...

Valentina - É, mas estamos aqui para resolver o que vamos fazer na assembleia. *(dirigindo-se à primeira mulher)* Ajuste depressa a barba! *(dirigindo-se às outras mulheres)* Vocês também! E vamos treinar para falar!

2.ª Mulher - E qual é a mulher que precisa treinar para falar?

Valentina - É sempre bom. Ponham as barbas e virem homens. Quanto a mim, porei na cabeça esse chapéu de chefe e a barba, como vocês, para o caso de ter de falar. *(todas põem as barbas)*

2.ª Mulher - Venha cá, minha Valentinazinha! Olhe, meu bem, como a coisa parece ridícula!

Valentina - Como ridícula?

2.ª Mulher - Parecemos espanadores com essas barbas!

Valentina - *(sem ligar mais à Segunda mulher e dirigindo-se à outra)* Secretário: Faça a chamada! Silêncio! O cidadão que está aí de pé, sente-se! Quem quer a palavra?

2.ª Mulher - Eu!

Valentina - Suba à tribuna! Há um copo lá e boa sorte!

2.ª Mulher - *(subindo em um banco da praça)* Lá vai brasa!

Valentina - Pode falar!

2.ª Mulher - Então eu devo falar sem antes beber alguma coisa?

Valentina - Vejam só! Beber...

2.ª Mulher - Para que serve, então, o copo que há na tribuna?

Valentina - É da água, para molhar a garganta seca! Já vi que você continua a mesma! Desça!

2.ª Mulher - Ora essa! Os homens não bebem na assembleia?

Valentina - Você pensa que eles bebem o que você está querendo beber?

2.ª Mulher - Exatamente. A bebida forte! Todas as leis, quando bem examinadas, parecem ter sido feitas por bêbedos, bem perto da demência! E se não bebessem, como se explicariam as xingações, os palavrões que eles trocam?

Valentina - É melhor sentar. Você não é de nada.

2.ª Mulher - *(descendo do banco)* Eu, hein? Antes não tivesse posto esta barba; ela não serve nem para me darem um golezinho!

Valentina - Alguém quer usar a palavra?

1.ª Mulher - *(levantando-se)* Eu!

Valentina - Pois suba à tribuna! Estamos em sessão *(a primeira mulher encaminha-se, rebolando, para um banco, onde sobe)* Mas veja se fala como um homem! Não exagere no rebolado!

1.ª Mulher - *(em tom oratório)* Agradar-me-ia mais que alguém, mais eloquente e com ideias mais claras, viesse falar-lhes, permitindo-me continuar tranquilamente sentado em meu lugar. Num momento como este, todavia, seria inadmissível o silêncio, agora que há coisas tão sérias a fazer como... *(pausa embaraçosa)* como mandar consertar essas calçadas de mosaico em que se prendem os saltinhos dos sapatos altos de nossas mulheres. É a minha opinião, por Nossa Senhora do Parto!

Valentina - "Por Nossa Senhora do Parto", sua errada! Onde você está com a cabeça?

1.ª Mulher - Dei algum fora? *(olhando para a segunda mulher)* Afinal eu não preciso beber para falar!

Valentina - Ora! Você está bancando o homem e invoca Nossa Senhora do Parto! Quanto ao resto, até que você falou bem.

2.ª Mulher - *(fazendo trejeitos de convencimento)* Ah! Meu Deus!

Valentina - Basta! Não darei mais um passo no sentido de tomar conta da assembleia enquanto não estiver tudo certinho! *(vai retirar a primeira mulher do banco que serve de tribuna)*

1.ª Mulher - Não! Eu fico na tribuna! Vou retomar a palavra, pois desta vez não direi bobagens. *(retomando o tom oratório)* Quanto a mim, mulheres aqui presentes...

Valentina - "Mulheres", desgraçada!... É assim que você se dirige a homens?

1.ª Mulher - Pensei que estivesse no baile dos "enxutos"... Por isso imaginei estar falando a mulheres...

Valentina - Desça você também e vá sentar-se entre as outras. Eu mesma falarei em defesa de vocês, depois de subir à tribuna. *(sobe no banco e assume ares de orador)* "Elevo meus pensamentos aos céus: que nossos projetos se realizem! Sou igual a todo o mundo mas não posso deixar de afligir-me ao ver o estado de decomposição em que se encontra a administração do país. Vejo-o sempre entregue a maus dirigentes. Se um é bom um dia, torna-se mau durante dez. Recorre-se a outro, é ainda pior. Sei que não é fácil dirigir homens difíceis de contentar. O povo tem medo de quem lhe deseja e adula quem lhe faz mal. Houve um tempo em que não tínhamos assembleias mas sabíamos que um mau elemento era mau elemento mesmo. Agora, que as temos, ouvimos aqueles que conseguem vantagens através de seus candidatos fazer-lhes os elogios mais rasgados; quem nada conseguiu diz que os políticos querem apenas ganhar milhões do povo sem fazer coisa alguma!"

2.ª Mulher - Virgem Maria! Vá falar bem assim na Bahia!

Valentina - Desastrada! Invocando a Virgem Maria, como qualquer mulher! Você teria feito um papelão dizendo isso na assembleia.

2.ª Mulher - Mas lá eu não diria.

Valentina - Então vá perdendo o hábito. *(continuando o discurso)* "E essas medidas salvadoras? Quando deliberam sobre elas parece que o mundo acabaria se não fossem aprovadas; depois, tem-se vontade de matar o autor de tais projetos, tão grande é a decepção! É preciso aumentar os impostos? Os pobres se conformam, os ricos esbravejam!"

2.ª Mulher - Que homem inteligente!

Valentina - Desta vez você me elogiou. *(continuando o discurso)* "E o povo é a causa de tudo isso, pois todo mundo cuida apenas dos próprios interesses, com a preocupação única de levar vantagens. E o pobre país vai aos trambolhões, como um bêbedo! Mas se acreditarem em mim ainda haverá salvação. É às mulheres, às mulheres - repito - que devemos entregar o Governo, da mesma forma que confiamos a elas a direção dos nossos lares!"

Todas a mulheres - Muito bem! Muito bem! Fala, baiano!

Valentina - *(continuando o discurso)* "Vou demonstrar agora que os costumes delas são melhores que os dos homens. Primeiro, elas são conservadoras: fazem tudo hoje como sempre fizeram (e os nossos governantes acham que só nos salvam com reformas e inconstância). Elas cozinham hoje como antigamente; fazem bolos como antigamente; amolam os maridos como antigamente; têm amantes como antigamente; comem pouquinho como antigamente; bebem pouquinho como antigamente; como antigamente trocam beijinhos! Homens aqui presentes! Confiemos o Governo às mulheres sem maiores discussões. Nem perguntemos o que elas irão fazer, mas deixemo-las governar logo e bem! Pensemos um pouco: sendo mães, elas pouparão de cuidar da vida de seus filhos, de nossos soldados, evitando as guerras; para arranjar dinheiro, as mulheres são muito mais hábeis; nos cargos que ocuparão, ninguém as enganará, pois elas que vivem enganando os homens conhecem todos os truques e saberão defender-se. Quanto ao resto, nem vou falar. Se vocês acreditarem em mim serão felizes para o resto da vida!"

1.ª Mulher - Muito bem, meu doce de coco, e muito certinho. Mas onde você aprendeu tudo isso, meu bem?

Valentina – Ao invés de conversar com meu marido sobre a carestia da vida e os defeitos das empregadas eu pedia a ele para me contar o que se passava na assembleia.

1.ª Mulher – Não é de admirar então, meu bem, que você seja tão bem-falante e esperta. Portanto nós todas confirmamos você, neste momento, como nossa chefa, a fim de que você possa realizar os seus projetos. Mas se algum político aparteasse você na assembleia, como você reagiria?

Valentina - Eu diria que ele estava dizendo bobagens.

1.ª Mulher - Mas isso é o que eles dizem sempre!

Valentina - Eu diria também que ele estava falando palavrões!

1.ª Mulher - Mas os políticos não dizem outra coisa uns aos outros!

Valentina - Eu diria ainda mais; que a mulher dele grita com ele em casa e ele quer se vingar gritando na assembleia!

1.ª Mulher - E se eles tivessem a ousadia de mexer em você?

Valentina - Eu mexeria com eles, porque mexer eu sei, e muito bem!

1.ª Mulher - Mas ainda há uma dúvida: e se mandassem os guardas da assembleia retirar você da tribuna à força?

Valentina - *(pondo as mãos nas cadeiras)* E quem teria a ousadia de pôr a mão em mim?

1.ª Mulher - É mesmo; e mesmo que pusessem nós obrigaríamos o atrevido a tirar a mão ainda que tivéssemos de puxar os cabelos dele e unhá-lo todinho! *(dirigindo-se à sua vizinha)* Tudo isso está combinado direitinho, mas há uma coisa em que não pensamos: como é que na hora de votar vamos lembrar de levantar os braços, nós, que só estamos acostumadas a levantar as pernas?

Valentina - Isso realmente vai ser difícil, mas de qualquer forma teremos de votar levantando o braço que a túnica deixa descoberto. Vamos! Ponham as túnicas, calcem as sandálias, como vocês veem os maridos fazerem na hora de sair para a assembleia ou para outras reuniões políticas! Isso feito, ajustem as

barbas; quando estiverem bem firmes, apanhem as mantas que vocês roubaram dos maridos e ponham-nas nos ombros, marchem cantando alguma música patriótica, imitando os modos dos homens do interior.

1.ª Mulher - Bem falado! Quanto a nós, vamos na frente, pois creio que mais mulheres estão vindo de outros bairros diretamente para a assembleia, de acordo com a nossa combinação.

Valentina - Mas não é preciso tanto retoque, tanta arrumação! Depressa, pois segundo a tradição quem não chegar ao romper do dia não tomará parte na assembleia.

3.ª Mulher - *(avançando de um grupo numeroso)* Já é tempo de marcharmos, homens! Esta palavra - lembremo-nos bem, mulheres - devemos repetir sem cessar: homens, homens, homens, para evitar descuidos desastrosos. Não será pequeno o perigo se nos apanharem tramando um golpe de audácia como esse.

Todas as mulheres - *(falando ao mesmo tempo)* Vamos para a assembleia! Vamos depressa para tomar conta dos lugares! Vamos votar, de braços erguidos! Vamos, amiguinhas! (Que digo? Deveria falar "camaradas"!) Sei que não iremos ganhar dinheiro com o golpe, mas ajamos desinteressadamente, como outrora, quando se tratava de política sem pensar em abiscoitar milhões.

Saem todas por uma das ruas, marchando ruidosamente ao som de música marcial.

Novo cenário; ruela, aparece Blêpiro, homem idoso, meio para fora, meio para dentro da porta de sua casa; está com roupa e sapatos de mulher.

Blêpiro - Que negócio é esse? Aonde terá ido minha mulher? O dia já vem raiando e ela não aparece. E eu na cama, num aperto horrível, tentando apanhar no escuro meus chinelos e minha roupa!... Por mais que procurasse não encontrava. Como o aperto aumentou, apanhei esse vestido de minha mulher e calcei as sandálias dela. Mas como sair daqui com esses trajes para desapertar? Ora! Ainda está escuro; vou lá fora assim mesmo e ninguém me verá. Sou um infeliz! Também, quem me mandou casar com essa idade? Merecia umas bordoadas! Pois não há de ter sido para boa coisa que ela saiu! *(pondo as mãos na barriga)* O aperto continua! Vou sair assim mesmo! *(dá um passo para fora da porta)*

Um Homem - *(da varanda da casa em frente, mostrando apenas a cabeça)* Quem está aí em baixo? Não parece o meu amigo Blêpiro!...

Blêpiro - Sim, meu velho! Sou eu mesmo...

Um Homem - Ora bolas! E essa roupa roxa?

Blêpiro - *(encabulado)* Senti necessidade de sair e como o aperto era grande vesti essa roupa mesma, de minha mulher...

Um Homem - E a sua roupa, onde está?

Blêpiro - Não sei; bem que procurei mas não houve meio de achar.

Um Homem - *(desanimado)* Não... Ela não está em casa... Saiu de mansinho, escondida, e receio que esteja fazendo alguma travessura por aí...

Um Homem - Com todos os diabos! Sua história é a mesma que eu ia contar! *(aparecendo inteiramente na sacada, vestido de mulher)* A madame

desapareceu com a minha roupa! Mas o que me aborrece mais é o que ela levou também minhas sandálias; pelo menos não consegui achá-las em parte alguma.

Blêpiro - Nem eu as minhas; e como tive que me levantar de qualquer maneira, não tive outro jeito senão calçar as sandálias dela e ir saindo...

Um Homem - Que terá acontecido? Será que alguma amiga a convidou para o almoço?

Blêpiro - É a minha opinião, pois que eu saiba ela não é má esposa.

Um Homem - Quanto a mim, já é tempo de ir andando para a assembleia, se é que a minha mulher não carregou a minha roupa nova de sair, que está escondida!

Blêpiro - Eu também talvez vá até lá, mas primeiro tenho de fazer uma coisa mais urgente.

Sai o homem. Entra Cremes pela esquerda, vindo da assembleia. Blêpiro faz menção de entrar em casa correndo.

Cremes - *(dirigindo-se a Blêpiro, de longe)* Ei, você aí! Que é que você está fazendo?

Blêpiro - *(desajeitado)* Eu ia fazer, mas você apareceu...

Cremes - Vejam só! Com o vestido da mulher!

Blêpiro - Apanhei-o por engano, no escuro, quando ia me levantar... E você, de onde vem?

Cremes - Da assembleia.

Blêpiro - E já acabou?

Cremes - Já, e muito cedo.

Blêpiro - Mas você naturalmente chegou a tempo.

Cremes - É, mas quase não consegui lugar, pois havia tanta gente como nunca vi na assembleia. E era uma gente brancosa, que pelo jeito nunca tomou sol.

Blêpiro - Mas que assunto levou tanta gente tão cedo à assembleia?

Cremes - Como sempre, os políticos tratavam da salvação da pátria: apresentavam projetos de efetivação de interinos com duas horas de exercício da função, de concessão de taxas de insalubridade ao pessoal que vai à praia aos domingos e fica lá depois do meio-dia, de criação de mil cargos de assistentes sexuais para os deputados, de aumento de subsídios, de férias de 300 dias por ano, etc. De repente levantou-se um, muito branco, subiu à tribuna e começou a falar com uma voz meio esganiçada, dizendo que o governo devia ser entregue às mulheres. Toda a turma brancosa gritava e dizia que o orador tinha razão. O resto do pessoal discutia apaixonadamente os projetos de efetivação, insalubridade, criação de cargos, etc.

Blêpiro - Gente sensata!

Cremes - Mas em minoria. O orador na tribuna falava cada vez mais alto, dizendo maravilhas das mulheres e barbaridades de você.

Blêpiro - E que dizia ele?

Cremes - Que você é velhaco...

Blêpiro - E você que disse?

Cremes - Deixe as perguntas para depois. Que você é larápio...

Blêpiro - Só eu?

Cremes - Você sim! *(mostrando os espectadores)* Todos os homens! Você não é homem?

Blêpiro - *(olhando para a roupa de mulher que vestia)* Apesar dessa roupa, sou homem e ninguém pode dizer nada em contrário!

Cremes - Mas as mulheres, continuava o orador brancoso, são um prodígio de bom senso; sabem guardar segredos, são leais e honestas. Elas não denunciam ninguém, não processam ninguém, não falam mal da vida alheia, não entram em golpes contra a democracia, enfim, atribuía mil qualidades às mulheres e não esgotava a fonte de elogios às virtudes delas.

Blêpiro - E o que decidiram?

Cremes - Ouça: decidiram entregar o governo às mulheres. Era só o que faltava fazer entre nós para salvar a pátria.

Blêpiro - Já foi decretado?

Cremes - E sancionado!

Blêpiro - Quer dizer que as mulheres agora estão encarregadas de fazer tudo que os homens faziam?

Cremes - Exatamente.

Blêpiro - Então eu agora não irei mais ao batente?

Cremes - E você não terá mais de sustentar a família; será dever de sua mulher.

Blêpiro - Não terei mais de levantar cedo?

Cremes - Não. De agora em diante isso caberá à sua mulher. Você ficará de papo para o ar, como ela ficava.

Blêpiro - Uma coisa que devemos recear, nós, homens de certa idade, é que, tendo tomado conta do governo, elas queiram nos forçar...

Cremes - A fazer o que?

Blêpiro - A ser mais... assíduos... Se nós não pudermos elas talvez não queiram sustentar-nos...

Cremes - Ora bolas! Afinal a boa vida vale um sacrifício. Dá-se um jeito!

Blêpiro - Mas tudo que se faz forçado perde o gosto.

Cremes - Não adianta discutir. A maioria resolveu, temos de concordar. Aliás há um provérbio nosso segundo o qual as decisões mais insensatas e mais absurdas acabam favorecendo-nos. Em outras palavras: deus é grego. Que assim seja! Bem, vou andando; e você, cuide de dar conta de seus afazeres domésticos...

Blêpiro - Você também.

Cremes afasta-se. Blêpiro entra em casa. Reaparece o grupo de mulheres vestidas de homem que no princípio se dirigiram para a assembleia. Vem marchando e falando alto, todas ao mesmo tempo.

Uma Mulher - Será que algum homem está seguindo-nos? *(voltando-se para a sua vizinha)* Volte e observe atentamente para ver se há algum homem no grupo, pois algum salafrário pode estar metido entre nós observando-nos.

Outra Mulher - Continuemos vigilantes e fimes! Seria uma vergonha para todas nós se o nosso golpe, que até agora vai tão bem, fosse descoberto. Olho

vivo! Já estamos perto do lugar de onde partimos em direção à assembleia.

Outra Mulher - É mesmo! Já estou vendo a casa de nossa comandante, que concebeu o projeto hoje transformado em lei pelos cidadãos.

Outra Mulher - É perigoso ficarmos com a barba pendurada no queixo; alguém poderia ver-nos e nos denunciar.

Enquanto uma mulher fica na esquina observando, todas tiram as barbas postiças e as roupas e calçados masculinos.

A Mulher que observava na esquina - Cuidado! Vem gente aí! É a nossa comandante e suas auxiliares, já com as roupas de mulher!

Aparecem Valentina e as outras cabeças do golpe.

Valentina - Pronto! Tudo feito! Nós, as mulheres, aproveitamos a oportunidade; as coisas saíram exatamente de acordo com o nosso projeto. Então, todas já tiraram as barbas e as roupas de homem? Muito bem! Agora vou lá em casa, pôr a roupa do meu marido no mesmo lugar de onde a tirei, antes que ele me veja.

Uma Mulher - Mas antes você deve dar-nos as instruções para o que ainda tem de ser feito. Estamos prontas para continuar seguindo as suas ordens, pois nunca vimos mulher mais legal que você!

Valentina - Esperem até que eu volte. Continuem obedientes como até agora, para que eu possa usar a autoridade de que estou investida com o opoio de todas vocês, pois na assembleia verifiquei que na hora de resolver vocês são um bocado homens!

Quando Valentina ia entrar em casa, Blêpiro, seu marido, sai vestido de mulher.

Blêpiro - Sim senhora! De onde você está vindo, Valentina?

Valentina - Que diferença faz, meu bem?

Blêpiro - Pergunta boba! Faz muita diferença!

Valentina - Você dirá, como sempre, que venho da casa de algum amante!

Blêpiro - Talvez você não venha da casa de um só.

Valentina - Pois bem! Você pode tirar a prova!

Blêpiro - Como?

Valentina - *(aproximando a cabeça do nariz de Blêpiro)* Cheire meus cabelos! Eles não estão perfumados.

Blêpiro - Ora essa! O que é que tem o cheiro com o principal? As mulheres só se encontram com os amantes quando estão perfumadas?

Valentina - Claro, bobão! *(a parte)* Esse infeliz parece que nunca teve uma amante!

Blêpiro - Então por que você saiu de casa escondida, de madrugada, com minha roupa?

Valentina - A noite passada uma amiga minha mandou me chamar, pois estava para ter criança...

Blêpiro - E você não podia me explicar isso antes de sair?

Valentina - Você queria que eu fosse perder tempo numa hora daquela, enquanto a minha amiga precisava tanto de mim?

Blêpiro - Você podia ao menos me avisar. Mas há alguma coisa por trás de tudo isso!...

Valentina - Você é que está com coisas na cabeça. Saí como estava; a pessoa que veio me procurar a mando de tal amiga que ia ter criança pediu-me para ir logo, de qualquer maneira...

Blêpiro - Nesse caso, você devia ter vestido a sua roupa, e não a minha. Mas você vestiu o meu casaco, jogou em cima de mim o seu penhoar e foi embora, deixando-me exposto como um cadáver; só faltou pôr uma coroa em cima de mim!

Valentina - É que fazia frio. Eu sou fraquinha e delicada; para me aquecer, o jeito foi vestir o seu casaco. Você ficou deitado no quentinho, embaixo da cobertas, meu marido!...

Blêpiro - E você saiu com meus sapatos também por causa do frio?

Valentina - Foi para garantir a sua roupa que calcei os seus sapatos: eu imitava o seu andar másculo, pisando forte no chão. Assim afugentava os assaltantes.

Blêpiro - Você sabe que por sua causa deixei de ganhar um dinheiro, que iam me dar lá na assembleia?

Valentina - Não se preocupe... *(pausa)* Ela teve um menino.

Blêpiro - A assembleia?

Valentina - Não! A amiga que mandou me chamar! Mas houve assembleia?

Blêpiro - Houve, sim senhora! Você não lembra que ontem eu falei que ia haver?

Valentina - Ah!... Agora estou lembrando...

Blêpiro - E naturalmente você ignora o que foi decretado.

Valentina - Decretaram alguma coisa? Não sei de nada...

Blêpiro - Pois não se assuste: dizem que o governo foi entregue às mulheres!

Valentina - Para fazerem o quê? Para bordar, ou remendar?

Blêpiro - Não, com todos os diabos! Para governar!

Valentina - Como?

Blêpiro - Todo o governo, mas todo mesmo, ficará nas mãos das mulheres.

Valentina - Oba! Pois agora o país será feliz, para sempre!

Blêpiro - Por quê?

Valentina - Por várias razões: não será mais permitido aos oportunistas aproveitarem-se dos cargos públicos para tratar dos próprios interesses; não será mais permitido fazer promessas para não cumprir...

Blêpiro - Não! Não façam isso! Não tirem o pão de minha boca!...

Cremes aproxima-se e ouve a parte final da conversa.

Cremes - Diabo de homem! Deixe sua mulher falar!

Valentina - *(imperturbável)*...nem roubar o povo, nem fazer intrigas, nem injuriar; não haverá mais pobres...

Cremes - Sim senhora! Veremos grandes coisas (desde que se realizem).

Valentina - Vou provar que se realizarão; você será testemunha e ele próprio *(apontando para o marido)* nada terá a reclamar.

Aproxima-se novamente o grupo de mulheres que Valentina comandara; a que vinha à frente dirige-se a Valentina; depois falam todas a um só tempo.

Uma Mulher - *(a Valentina)* Estamos esperando por você. Você, por seu espírito lúcido e pensamentos sábios *(Blêpiro vai tomando ares de importância),* irá agora pôr a sua capacidade de chefia a serviço da regeneração dos costumes e da prosperidade geral. O povo vai ser mais feliz. Chegou a hora de mostrar aquilo de que você é capaz. Nossa terra anseia por reformas, por novidades! Não queremos nada que já tenha sido feito ou dito! O povo detesta o que já conhece.

Outra mulher - Não demore!

Outra mulher - Comece a realizar os seus projetos agora mesmo!

Outra Mulher - Não esqueça que o povo aqui presente *(apontando para os espectadores)* não gosta de coisas arrastadas, demoradas!

Valentina - Tenho certeza de que todos gostarão das coisas que iremos mostrar. Quanto ao povo aqui presente, será que todos concordarão com as inovações? Não quererão continuar apegados aos hábitos e coisas antigas? Esse é o meu maior receio.

Cremes - Quanto às inovações, não tenha dúvidas; o pessoal só quer saber das novas; ninguém se interessa pelas velhas...

Valentina - *(dirigindo-se aos espectadores)* Que ninguém me contradiga nem me aparteie antes de conhecer minhas ideias todas e ouvir as minhas explicações. Para começar, todos terão de entregar seus bens ao Governo, para que todos tenham partes iguais desses bens e vivam deles; não é inevitável que uns sejam ricos e outros não tenham onde cair mortos; que uns tenham a seu serviço uma porção de escravos e outros não sejam sequer donos de si próprios! Instituiremos uma só maneira de viver, igual para todos!

Blêpiro - Como poderá ser igual para todos?

Valentina - *(impaciente)* Ora! Vá para o inferno!

Cremes - O inferno será para todos?

Valentina - Não, mas você é muito apressado e fica me interrompendo! *(continuando)* A terra será de todos, bem como o dinheiro e tudo que atualmente pertence a cada um. Com base num fundo comum, constituído por todos os bens, nós, as mulheres, sustentaremos vocês, administrando com economia e pensando em tudo.

Blêpiro - E aqueles que não possuem terras, mas outros bens, como joias?

Valentina - Terão de entregar tudo!

Blêpiro - E se não entregarem?

Valentina - Quem nada trouxer terá de jurar que nada tem, e ninguém vai querer cometer perjúrio.

Blêpiro - Mas foi com perjúrios que muita gente fez fortuna!

Valentina - Mas essa riqueza não servirá para coisa alguma.

Blêpiro - Como?

Valentina - Ninguém fará mais nada por necessidade, pois tudo pertencerá a todos: comida, bebida, roupa, etc. Que vantagem haverá em não trazer tudo para o fundo comum? Diga, se for capaz!

Blêpiro - Não é verdade que atualmente são os larápios que possuem as maiores riquezas?

Valentina - Até ontem era, meu camarada; as leis que seguíamos eram leis de antigamente! Agora, porém, que o sustento de todos estará no fundo comum, que ganhará quem não trouxer tudo para o fundo?

Blêpiro - *(após alguns momentos de silêncio)* E se, vendo uma dona boa, um homem quiser convidá-la e tiver de oferecer um presente, será que o fundo comum vai dar um dinheirinho a ele para pegar a dona?

Valentina - Para quê? Ele terá o direito de ir com ela de graça! As mulheres serão comuns a todos os homens; cada um poderá ir com qualquer uma e ter filhos com quem quiser.

Blêpiro - E qual o meio de evitar que todos os homens queiram a mais bonita e tentem papá-la?

Valentina - As feias e mal acabadas ficarão ao lado das mais bonitas e quem quiser as bonitonas terá que satisfazer primeiro as feiosas.

Blêpiro - *(com ar desconsolado)* E nós, os velhotes, como nos arranjaremos? Se tivermos de "traçar" primeiros as feias o nosso... entusiasmo murchará e como é que vamos dar conta das bonitonas?

Valentina - Elas não vão chorar por isso; pelo menos quanto a você, fique tranquilo. Elas não vão brigar por você...

Blêpiro - Quem sabe?

Valentina - O.... entusiamo que já está murcho não tem o que murchar, meu velho. Esse problema você não terá.

Blêpiro - Para vocês, mulheres, o plano está muito engenhoso; você já arranjou as coisas de tal maneira que nenhuma mulher ficará sem o dela. Mas quanto aos homens, como é que vai ser? As gostosonas fugirão dos feios para entregar-se aos bonitões.

Valentina - Não senhor! Isso aconteceria no regime antigo, quando só se pensava em um lado dos problemas. Agora o mecanismo vai ser o mesmo! Os feios tomarão conta dos bonitões e as mulheres não poderão ir com os altos, morenos e simpáticos antes de ter resolvido o problema dos baixinhos e mal acabados.

Blêpiro - *(entusiasmado)* Muito obrigado em nome dos desfavorecidos!

Valentina - É um dispositivo muito democrático. Nossa reformulação é certinha em tudo. Vocês vão rir dos convencidos, dos galãs, e dirão: "Calma, mocinho bonito! Primeiro aqui o papai vai provar o material! Depois, quando o papai acabar e a fila andar, chegará a sua vez!"

Blêpiro - É... Mas com esse gênero de vida como é que cada um vai reconhecer os próprios filhos?

Valentina - Isso não terá importância. As crianças julgarão seus pais todos os homens que tiverem idade para isso.

Blêpiro - Agora é que a rapaziada vai espancar os velhos à vontade, pois até hoje, sabendo quem era o pai, eles espancavam, quanto mais quando não souberem!

Valentina - Mas os companheiros não permitirão. Antes eles não se incomodavam quando um rapaz batia no pai, mas no futuro não deixarão ninguém bater em ninguém, pois um poderia estar batendo no pai do outro.

Blêpiro - Isso que você está dizendo não é nada mau. Mas se um desses rapazinhos rebolantes que andam por aí chegar perto de mim e ma chamar de "papai", vai ser duro de aguentar!

Valentina - Mas esses rapazinhos rebolantes que você está falando nasceram antes da nova lei; não há perigo de eles poderem chamar você de "papai".

Blêpiro - Antes assim. Mas quem vai cultivar a terra?

Valentina - Os escravos. Seu único "trabalho" será aprontar-se para o jantar coletivo quando forem seis horas da tarde.

Blêpiro - E como arranjaremos roupas? Afinal não vamos andar nus.

Valentina - Para começar, as que vocês já têm servirão. Depois, nós, as mulheres, faremos outras.

Blêpiro - Só uma pergunta mais: quando alguém perder uma questão na justiça, como vai arranjar dinheiro para pagar o advogado e os escreventes? No fundo comum? Não haveria dinheiro que chegasse!...

Valentina - Para início de conversa, não haverá mais questões.

Blêpiro - Se você acabar com as questões o seu governo não se aguentará por muito tempo.

Cremes - Sou da mesma opinião.

Valentina - Por que terá de haver questões?

Blêpiro - Por muitas razões; primeiro, se um devedor negar-se a pagar a dívida.

Valentina - Mas onde alguém irá arranjar dinheiro para emprestar? Você esquece que tudo será comum? Quem tiver dinheiro para isso será ladrão!

Cremes - Sai dessa, Blêpiro!

Blêpiro - *(dirigindo-se a Cremes)* Acontece que ela vai ter explicar o seguinte: e se os dois camaradas brigarem e forem presos, com que pagarão a fiança? E quando, depois de um jantar legal, puxado a vinho, alguém agredir alguém? *(dirigindo-se a Valentina)* Dessa quem não sai é você!

Valentina - Pagarão a fiança com uma parte do que tiverem para comer. Tendo de ficar com o estômago vazio eles pensarão melhor antes de cometer outra violência; o estômago castigado será bom conselheiro.

Blêpiro - *(com ar de desânimo mas sem se dar por vencido)* E não haverá mais ladrões?

Valentina - Para roubar o que já é deles?

Blêpiro - *(depois de pensar alguns segundos)* Então não se será mais assaltado de noite?

Cremes - Não, se você ficar em casa.

Valentina - Nem se você dormir fora de casa, como costuma fazer, pois todo mundo terá o suficiente para viver. Se quiserem o seu casaco você o dará, pois bastará ir ao fundo comum para obter outro.

Blêpiro - Nem haverá mais um joguinho?

Valentina - Para ganhar o quê?

Blêpiro - Então que espécie de vida você quer que levemos?

Valentina - Todos viverão em comum. Pretendo fazer das cidades uma só casa, demolindo todos os muros, de maneira a que todos possam ir a toda parte.

Blêpiro - *(ainda sem querer dar-se por vencido)* Não haverá perigo de faltar comida para alguém?

Valentina - Em nossa terra não haverá mais necessitados. Nós, mulheres, daremos tudo a todos abundantemente. Os homens, depois de terem comido e comido e bebido à vontade nos jantares coletivos, irão embora com a testa coroada de flores e de tocha acesa na mão (para não errarem o caminho). E as mulheres, nas esquinas, dirão aos que vierem voltando dos jantares: "Vem cá, vem! Lá em casa há uma pequena muito boa para você!" Outras dirão: "E lá em casa há uma ainda melhor, clarinha e gostosinha! *(Blêpiro e Cremes ouvem embevecidos)* Só que antes de ir com ela você terá de dar conta de mim!" *(Blêpiro e Cremes mudam de fisionomia)* E os homens mal acabados seguirão os bonitões e lhes dirão: "Para que tanta pressa? Você nada conseguirá chegando antes de mim, pois de acordo com o decreto os primeiros a provar os brotinhos serão os velhotes e feiosos; enquanto nós executamos o trabalho com os brotos vocês ficarão de mão no... queixo, esperando pacientemente". *(dirigindo-se a Blêpiro e Cremes)* Então, a reforma de base está boa para vocês?

Blêpiro e Cremes - *(a uma voz)* Legalíssima!

Valentina - *(séria)* Chega de conversa. Agora tenho de ir à praça pública receber os bens que todos levarão para organizar o fundo comum pelo bem do país, pois fui escolhida para chefa do governo das mulheres. Arranjarei umas ministras de alto gabarito e mandarei providenciar os jantares coletivos para que todo o mundo ainda hoje veja o governo em pleno funcionamento. No meu governo todo o mundo vai comer à vontade.

Blêpiro - *(animado)* E hoje já haverá jantar coletivo?

Valentina - É como estou dizendo! Enquanto isso as "coroas" irão retocando as fachadas para resolver o caso de vocês depois do jantar.

Blêpiro - As "coroas"?

Valentina - Sim senhor! Você esquece de que, de acordo com o decreto, elas serão as primeiras a provar os bonitões?

Blêpiro - Então vamos! Eu vou marchando a seu lado, bem junto de você, para que todo o mundo me veja e diga: "Olhem! Lá vai o marido da chefa do governo!"*(saem Valentina e Blêpiro, seguidos das mulheres)*

Cremes - E eu vou andando; vou dar um balanço nas minhas coisas para levá-las à praça pública, ao fundo comum. *(sai Cremes noutra direção)*

Horas depois. Mesmo cenário. Reaparece Cremes seguido de carregadores trazendo os seus objetos. A um sinal de Cremes os carregadores vão pondo os objetos no chão.

Cremes - *(dirigindo-se a um dos carregadores* Vamos, rapaz! Ponha esse retrato da minha mulher aí! *(dirigindo-se a outro carregador)* Você aí! Ponha no chão essa cadeira de embalo da minha sogra! Agora essa panela (Como ela está preta!... Até parece pintada com a tinta que um amigo meu usa para tingir

os cabelos!...) Agora esse vaso! E os meus aparelhos de ginástica! E a minha mesa de trabalho! (Agora é a madame que vai trabalhar!)

Um Homem - *(aproximando-se e examinando os objetos trazidos por Cremes; à parte)* Eu, hein? Trazer os meus trastes! Bobo seria eu se fizesse isso! De jeito nenhum! Antes vou observar bem, pensar muito no assunto, contar até dez! *(balançando a cabeça negativamente)* Não senhor! Meu suor, minhas economias! Não vou perder tudo assim de repente só porque as madames mandaram, sem saber direitinho como as coisas vão ficar. *(chegando mais perto de Cremes)* Ei! Você aí! Que significa essa coleção de trastes aí no meio da rua? O distinto está de mudança ou vai botar tudo isso no prego?

Cremes - Nem uma coisa nem outra.

Um Homem - E por que eles *(apontando para os carregadores)* estão arrumando as coisas assim? Então é para levá-los ao leiloeiro!

Cremes - Nada disso! Vou transportá-los até a praça pública para entregá-las ao governo, de acordo com a nova lei.

Um Homem - Você vai entregá-las, dá-las?

Cremes - Perfeitamente.

Um Homem - Está maluco?

Cremes - Eu?

Um Homem - Você sim! Está na cara!

Cremes - Essa é boa! Não devo obedecer à lei?

Um Homem - A que lei, desgraçado?

Cremes - As leis que aceitamos.

Um Homem - Aceitamos!... Você é mesmo um grande bobo!

Cremes - Bobo?

Um Homem - E não é? O maior bobo do mundo!

Cremes - Por fazer o que a lei manda?

Um Homem - Então um sujeito sensato tem de fazer tudo o que a lei manda?

Cremes - Mais que os insensatos.

Um Homem - Isso é para os trouxas!

Cremes - Quer dizer que você não vai entregar as suas coisas ao governo?

Um Homem - De jeito nenhum! Pelo menos até ver o que a maioria fará.

Cremes - Que pode resolver a maioria senão entregar depressa os seus bens?

Um Homem - Quero ver para crer.

Cremes - Todo mundo está dizendo nas ruas que vai entregar tudo.

Um Homem - Dizer, eles dizem...

Cremes - E garantem que vão carregar as coisas nos próprios ombros.

Um Homem - Garantir, eles garantem...

Cremes - Você acaba me matando de raiva, você que não acredita em nada!

Um Homem - Acreditar, eles não acreditam!

Cremes - Dou-lhe umas pancadas!

Um Homem - Pancadas eles darão. *(em tom mais sério)* Então você acredita mesmo que alguém de bom senso vai dar o que tem? Nós nunca fomos de dar. De receber, sim! Até os deuses recebem. Você pode ver nos templos: quando

vamos pedir alguma graça, lá estão eles de mãos estendidas, não para dar mas para receber.

Cremes - Que sujeitinho safado! *(afastando-se do homem)* Vou cuidar de coisas mais sérias, pois ainda tenho de amarrar tudo isso. *(dirigindo-se aos carregadores)* Onde está a corda?

Um Homem - Então você vai mesmo entregar as suas coisas!

Cremes - Se vou! Estou amarrando os meus trastes!

Um Homem - Que bobagem! Você podia ao menos esperar para ver o que os outros vão fazer. Depois então...

Cremes - Então!

Um Homem - Depois então vai-se ganhando tempo; depois adia-se novamente...

Cremes - Para quê?

Um Homem - Pode haver um terremoto ou alguma outra calamidade, ou vir uma nova lei, e então fica tudo como estava, idiota!

Cremes - *(após alguns instantes de silêncio, como que indeciso)* Ora essa! Havia de ter muita graça eu não saber o que devo fazer!

Um Homem - Você saberá. Não digo hoje, mas amanhã ou depois.

Cremes - Como?

Um Homem - Conheço muito bem o nosso povo: votar, todo o mundo vota, mas na hora de cumprir a lei...

Cremes - Todos entregarão, esteja certo!

Um Homem - E se não entregarem?

Cremes - Fique tranquilo; entragarão.

Um Homem - E os que não quiserem?

Cremes - Lutaremos contra eles!

Um Homem - E se eles forem mais fortes?

Cremes - Eu largo tudo e vou embora...

Um Homem - E se eles venderem as suas coisas?

Cremes - Vão para o inferno!

Um Homem - Eu também?

Cremes - Você já devia ter ido há muito tempo!

Um Homem - Pela última vez: você entrega?

Cremes - Entrego e já, com todos os diabos! Aliás já estou atrasado, pois estou vendo os meus vizinhos cumprirem o dever. Você é que não acredita em nada.

Um Homem - Acreditar por quê? Como se não estivesse acostumado com as leis!... Você não se lembra do decreto que congelou o preço das coisas? Congelou mesmo?

Cremes - Mas as coisas mudaram. Essas leis foram do tempo em que nós, os homens, governávamos. Agora são as mulheres! E você sabe muito bem que quando a mulher cisma de fazer uma coisa faz mesmo!

Um Homem - Cuidado com elas! Se começarem a querer fazer tudo que nós fazemos...

Cremes - Não sei o que você está imaginando. *(dirigindo-se a um dos carregadores)* Puxe mais a corda, rapaz!

Entra uma mulher, marchando solenemente, com um papel aberto nas mãos.

Mulher - *(lendo o papel)* Concidadãos! Dirijam-se todos à praça pública para o jantar por conta do governo! As mesas já estão postas, há lugar para todos! Os vinhos estão nas jarras, a comida está quase pronta! Há leitão assado, galeto, churrasco, peixadas, feijoada completa, macarronadas, cozido etc.! Eis uma pequena parte do que o governo fará pelo povo! Afiem os dentes e afrouxem os cintos! Quem for patriota me siga! *(afasta-se a mulher, apregoando)*

Um Homem - *(fazendo menção de seguir a mulher)* Vou já! Por que deveria ficar plantado aqui no momento em que a pátria me chama?

Cremes - *(segurando o homem pelo braço)* Calma, velhinho! Aonde vai você com essa pressa toda, você que ainda não depositou os seus bens na praça pública?

Um Homem - Vou jantar! Você ouviu o menu?

Cremes - Não senhor! Elas não são bobas! Antes de entregar as suas coisas ao governo, não!

Um Homem - Está bem. Entregarei.

Cremes - Quando?

Um Homem - Não serei um obstáculo...

Cremes - Que conversa é essa?

Um Homem - Muitos entregarão as coisas depois de mim!

Cremes - E você vai jantar a si mesmo?

Um Homem - Que hei de fazer? Cada um ajudará o governo como puder; é o dever dos homens sensatos...

Cremes - E se as chefas não deixarem?

Um Homem - Sou inflexível no cumprimento do dever: baixo a cabeça e me mando!

Cremes - Mas se elas baterem em você?

Um Homem - Apresento queixa à polícia!

Cremes - E se elas rirem no seu nariz?

Um Homem - *(empertigando-se)* Ereto junto à porta...

Cremes - Que fará você? Diga!

Um Homem - ...arrancarei os pratos das mãos dos garçons!

Cremes - Está bem! Venha atrás de mim. *(dirigindo-se aos carregadores)* Vamos, pessoal! Vamos levar os meus troços!

Um Homem - *(fazendo menção de apanhar um dos objetos)* Eu ajudo a carregar.

Cremes - *(segurando o homem)* De jeito nenhum! Você é capaz de querer passar por dono das minhas coisas na presença das mulheres encarregadas da coleta!

Cremes sai junto com os carregadores levando seus objetos.

Um Homem - Com todos os diabos! Tenho de arranjar um jeito de conservar as minhas coisas mas não posso perder essa comida toda de graça! *(pensa um*

pouco) É... O jeito é ir atrás das coisas daquele bobão para pensarem que também são minhas.

Sai correndo em direção aos criados de Cremes. Horas depois. Novo cenário representando duas casas fronteiras numa rua que vai desembocar numa praça próxima. No meio da rua, uma mesa, a cuja cabeceira estava sentada Valentina, tendo ao lado uma secretária.

Valentina - Até agora as coisas funcionaram perfeitamente bem. Os homens portaram-se como deviam, levando os seus bens à praça pública para constituir-se o fundo comum e foram todos ordeiramente ao jantar coletivo. Vejamos agora como se comportam as mulheres, pois se as coisas não derem certo com elas vai ser um caso sério.

Secretária - Estou ansiosa para ver como os homens vão reagir à "lei da prioridade", que as coroas acharam o máximo! *(abre-se a janela de uma das casas, aparecendo uma velha muito pintada e vestida com exagero)* Parece que a experiência vai começar! O meu receio é que as mulheres não se entendem quando se trata dos homens...

1.ª Velha - *(da janela)* Por que será que os homens ainda não apareceram? O tal de jantar coletivo já deve ter acabado há muito tempo... *(a velha cantarola na janela)*

Valentina - Aquela ali parece prontinha para executar a lei: toda pintada e enfeitada, dando a maior sopa, cantarolando e rebolando.

Secretária - *(apontando para a janela da casa em frente)* É, mas a coisa não vai ser muito pacífica, pois um broto já apareceu naquela janela e está olhando para a velha com cara feia.

Uma Moça - *(da janela da casa em frente, dirigindo-se à velha)* Desta vez você chegou primeiro para se pavonear aí na janela, velha sapeca! Você queria aproveitar enquanto estivesse sozinha aí para fisgar algum distraído!

1.ª Velha - Cara não resolve, franguinha! O que resolve é... competência!

Uma moça - Você vai ver o que é que resolve!

1.ª Velha - Não adianta, meu anjo! De acordo com a nova lei, nenhum homem poderá ir com você antes de entrar aqui... na casa da gostosona!

Uma Moça - Só se for para o enterro, para levá-la para o cemitério, sua múmia! Nem com essa pintura e esses enfeites todos!

1.ª Velha - Afinal, por que você veio falar comigo?

Uma Moça - E você, por que está aí na janela, cacarejando?

1.ª Velha - Ora essa! Vim ver as autoridades ali naquela mesa. Naturalmente vieram observar a aplicação da lei, para não permitir transgressões de atrevidas iguais a você. Além disso estou satisfeita da vida, transbordando de entusiasmo cívico, esperando alguém que goste de mim!

Uma Moça - Só se for algum necrófilo!

Valentina - É agora! Lá vem um homem para cá! As duas vão pegar fogo!

1.ª Velha - *(que também percebera a aproximação do homem, dirigindo-se à moça)* É, gracinha? Pois você vai ver! Já está chegando o meu homem!

Uma Moça - Não é você que ele vem procurar, espantalho!

1.ª Velha - É sim!

Uma Moça - Que múmia pretensiosa! Vou até entrar para não ver o susto que ele vai tomar!

A moça retira-se da janela.

1.ª Velha - Eu também vou entrar. Vamos ver quem tem mais charme!

A Primeira Velha retira-se da janela. Aproxima-se um rapaz.

Valentina - *(dirigindo-se ao rapaz)* Que deseja o cidadão?

Um Rapaz - Eu queria saber onde mora uma pequena muito boa, morena, miudinha. *(baixando a voz)* Quero ver se consigo ir direto à casa dela, sem ter de passar por alguma velha horrorosa!

Valentina - Não senhor! Até agora o senhor seguiu a lei, porque lhe convinha: comeu do bom e do melhor, de graça, no jantar coletivo, mas agora quer burlar a lei. Nada disso!

Secretária - Lá vem a velha! Até eu me assustei.

1.ª Velha - *(saindo de casa e correndo para o rapaz)* Você está me procurando, meu amor?

Um Rapaz - *(recuando, assustado)* Eu?

1.ª Velha - Você sim, bonitão! Vejo o desejo reluzindo nos seus olhinhos!

Um Rapaz - *(à parte)* Antes uma boa morte! *(à parte)* deve haver algum engano...

1.ª Velha - Que faz você por aqui, então?

Um Rapaz - Nada... Estava procurando... sossego...

1.ª Velha - Quem?

Um Rapaz - Garanto que não era você.

1.ª Velha - Tanto faz querer como não querer. *(segura o rapaz pelo braço)*

Um Rapaz - *(soltando-se delicadamente)* Não é que eu não queira... Mas vamos deixar para outro dia... Hoje eu só quero um joguinho inocente com uma pequena conhecida...

1ª Velha - Não adianta. A lei agora manda você... jogar primeiro comigo.

Um Rapaz - Então eu passo!

Valentina - É, mas pelo jantar o cidadão não passou!

1.ª Velha - Ouviu o que disse a lei em pessoa?

Um Rapaz - *(impaciente)* Não ouvi nada; só sei que vou entrar na porta da pequena e não na sua.

1.ª Velha - *(pondo-se em frente da porta da casa da moça, com as mãos nas cadeiras)* Primeiro você terá de entrar na minha, gostosão! Ou então terá de passar por cima do meu cadáver!

Um Rapaz - *(à parte)* Não falta muito... *(à Primeira Velha, fazendo mesura)* É muita bondade sua!... Estou comovido com tanta largueza...

1.ª Velha - Eu sei que você gostou de mim! Você está meio encabulado porque sou muito expansiva... Não se acanhe! Me dê um beijinho!

Um Rapaz - *(recuando)* Mas... gostosona, eu tenho medo do seu gostosão... Ele pode aparecer de repente...

Valentina - O rapaz tem uma conversa!...

1.ª Velha - Qual deles?

Secretária - Mas ela não fica atrás!

Um Rapaz - *(à parte)* Algum papa-defuntos! *(à velha)* Entre logo! Ele pode ver você aí fora e ficar com ciúmes!

1.ª Velha - Eu sei... Eu sei o que você quer!...

Um Rapaz - *(à parte)* Eu é que sei o que você está querendo!...

1.ª Velha - *(pendurando-se no pescoço do rapaz)* A sorte me mandou esse "pão" e eu não vou largá-lo de jeito nenhum!

Valentina - A coroa está indócil!

Um Rapaz - *(tentando livrar-se da velha)* Você está maluca?

1.ª Velha - Conversa, meu bem! Deixe de timidez! Vou levar você lá para fora dentro! A lei é dura! Eu gosto de dureza!...

Um Rapaz - Não adianta. Eu também sou durão.

Valentina chama a velha, mostra-lhe um papel e cochicham alguma coisa.

1.ª Velha - *(dirigindo-se ao rapaz)* Pois você vai ouvir uma coisa que vai fazer você amolecer!

Um Rapaz - Não!... Não é preciso dizer nem mostrar coisa alguma! *(à parte)* Já amoleci há muito tempo! *(à velha)* Mas afinal, de que coisa vocês está falando?

1.ª Velha - *(apontando para Valentina)* Aquela distinta tem ali um decretinho muito legal, que reformula todo esse assunto e diz que você vai ter de ir primeiro comigo!

Um Rapaz - *(apontando para Valentina)* Então leia essa sentença de morte que eu quero ouvir tudo direitinho.

Um Rapaz - *(dirigindo-se à Secretária)* Leia o decreto!

Secretária - *(lendo)* "As mulheres no governo decretaram e a chefa sancionou: Se um homem ainda novo quiser uma mulher ainda nova, não poderá ter a nova antes de fazer a velha feliz. Se o homem novo não quiser fazer antes a velha feliz e insistir em querer a moça, a velha terá o direito de arrastar o homem para sua casa, segurando-o pelo... lugar próprio".

Um Rapaz - *(à parte)* Estou perdido! Vão arrancar o meu... lugar próprio!...

1.ª Velha - Ouviu direitinho? O jeito é obedecer à lei.

Um Rapaz - *(dirigindo-se a Valentina)* E se eu pagar uma multa?

Valentina - O cidadão esquece que agora ninguém terá dinheiro para pagar multas?

Um Rapaz - E se eu jurar que meu... lugar próprio não funciona?

Valentina - Perjúrio é crime, cidadão!

Um Rapaz - Estou perdido! Que é que vou fazer?

1.ª Velha - Venha comigo lá para dentro de casa que eu lhe ensino...

Um Rapaz - Legalidade! Legalidade! A quanto obrigas...

1.ª Velha - Até que a legalidade tem o seu lado bom...

Um Rapaz - *(resoluto)* Está bem! Espalhe muitos cravos roxos pelo seu quarto, acenda quatro velas...

1.ª Velha - Garanto que você vai gostar tanto que depois vai me mandar flores!

Um Rapaz - *(à parte)* Só se for numa coroa de defunto, pois você parece que vai cair morta a qualquer momento!

A velha puxa o rapaz pelo braço. A moça reaparece, saindo da casa em frente, e corre em direção ao rapaz.

Secretária - *(dirigindo-se a Valentina)* A chefa quer que eu prenda a moça?

Valentina - Não. Acho que tudo vai acabar bem...

Uma Moça - *(dirigindo-se à velha)* Para onde você está arrastando esse homem?

1.ª Velha - Mas logo agora que ele tinha resolvido? Este rapaz está indo por sua livre espontânea vontade para a minha casa!

Uma Moça - Você está louca? Você não vê logo? Moço como é, ele não tem idade para deitar com você, que podia ser mãe dele! Se a moda pegar vai haver um incesto por aí! *(tenta afastar o rapaz da velha)*

1.ª Velha - Despeitada! É o ciúme! Mas eu me vingo! *(entra em casa correndo)*

Valentina - Qual será a vingança dela?

Um Rapaz - *(suspirando aliviado, dirigindo-se à moça)* Muito obrigado! Você me prestou um serviço, meu broto! Você terá todo o meu reconhecimento, que não é pequeno!...

Aparece, vinda pela mesma porta por onde entrara a primeira velha, uma Segunda velha, ainda mais feia que a primeira.

Valentina - Ih! Lá vem a vingança da primeira velha! E ainda é mais feia!

2.ª Velha - *(dirigindo-se à moça)* Ei, menina! Que é que você quer com esse rapazinho? E a lei, não vale nada? O artigo primeiro é muito claro: ele deve deitar antes comigo!

Um Rapaz - *(desconsolado)* Ah! Desgraça!... De onde surgiu você, coisa horrível?

2.ª Velha - *(segurando o rapaz pelo braço)* Venha cá!

Um Rapaz - *(dirigindo-se a Valentina)* Não deixe esse monstro me arrastar, moça, pelo amor de Deus!

Valentina - Não é ela, é a lei que o arrasta, cidadão!

Um Rapaz - Sempre ouvi dizer que a lei era ruim, mas nunca pensei que fosse tanto assim!

2.ª Velha - Vamos, garotão! Por aqui! Não é conversa que eu quero!

Um Rapaz - Está bem... *(dirigindo-se a Valentina)* Mas veja se essa velha me deixa parar um pouco, para tomar fôlego. Não estou psicologicamente preparado para... executar a lei. Se ela não tiver calma eu vou fazer uma coisa feia por aqui, de tanto medo que sinto!

2.ª Velha - Você fará quando chegar lá em casa, meu bem! Vamos!

A Segunda velha começa a arrastar o rapaz quando aparece uma terceira velha, ainda mais decrépita que as anteriores; a moça, desanimada, entra em casa.

Valentina - *(dirigindo-se à Secretária)* Não é possível! Isso é o máximo em matéria de feiura! Já estou ficando com pena do rapaz! Ele vai levar um susto!...

3.ª Velha - *(dirigindo-se ao Rapaz, que está sendo arrastado e não pode vê-la)* Para onde você está indo com essa mulher?

Um Rapaz - *(ainda de costas, sem ver a 3.ª Velha)* Eu não vou: estou sendo arrastado! Muito obrigado por você me salvar dessa situação *(percebendo a 3.ª Velha)* Não! Essa não! *(esfregando os olhos)* Será que isso existe? Parece uma alma do outro mundo!

3.ª Velha - Deixe de brincadeiras, bonitão! *(apontando para a 2.ª Velha)* Você não pode ir com essa moça aí antes de me fazer feliz.

2.ª Velha - *(ainda segurando o rapaz por um braço)* Muito obrigada pelo elogio mas ele vai é comigo!

3.ª Velha - *(segurando o rapaz pelo outro braço)* Não vou perder este galã de jeito nenhum!

2.ª Velha - Nem eu!

Valentina - Cuidado! Vocês querem esquartejar o cidadão?

2.ª Velha - De acordo com a lei, ele tem de vir comigo!

3.ª Velha - Eu sou um pouquinho mais velha! Chegou a hora da velhice valer alguma coisa!

Um Rapaz - *(apontando para a casa onde entrara a moça)* Se elas continuarem me puxando dessa maneira, como é que vou chegar perto daquela belezoca?

Valentina - Cidadão, isso é problema seu. Agora o que me interessa é fazer cumprir a lei!

Um Rapaz - *(dirigindo-se a Valentina)* Afinal, com qual das duas eu devo ir para ir para cumprir essa lei-rolha!

3.ª Velha - Será que você ainda não manjou? Se for preciso eu mostro a certidão de nascimento!

Valentina - Não é necessário! Está na cara...

Um Rapaz - *(dirigindo-se à 2.ª Velha)* Então me largue!

2.ª Velha - Não senhor! É comigo que você tem de ir primeiro!

Um Rapaz - *(voltando-se para a 3.ª Velha)* Se ela deixar.

3.ª Velha - Mas eu não deixo, não deixo, não deixo!

2.ª Velha - Nem eu, nem eu, nem eu!

Valentina - Elas até parecem deputados disputando votos!

Um Rapaz - E então, vamos resolver a parada?

3.ª Velha - *(pondo o dedo indicador delicadamente na boca do rapaz)* Cale a boquinha e venha logo comigo, meu bem!

2.ª Velha - Não senhora! É comigo!

Um Rapaz - *(dirigindo-se a Valentina)* Essa lei que as mulheres fizeram devia dar a receita para satisfazer as duas...

Valentina - É muito simples, cidadão: basta comer um quilo de amendoim por dia!

As duas velhas puxam o rapaz, cada uma por um braço.

Um Rapaz - Estou perdido! Já me arrastaram até a porta!...

2.ª Velha - *(dirigindo-se à 3.ª Velha)* Não adianta você querer entrar antes de mim! Eu me mando de qualquer maneira lá para dentro junto de você!

Um Rapaz - *(dirigindo-se a Valentina)* Chefa! Dê um jeito, pelo amor de Deus! Uma só já vai ser um sacrifício, quanto mais as duas!

3.ª Velha - Não adianta! De boa vontade ou obrigado você vai é comigo! Sou mais velha (só um pouquinho) e lei é lei!

2.ª Velha - Hoje você está dizendo isso mas até ontem afirmava a todo mundo que era mais nova do que eu! Ele vai é comigo!

A Primeira Velha, que assistia à cena da janela, reaparece, saindo correndo pela porta, trôpega.

Valentina - *(com ar de impaciência)* Ih! A coisa está engrossando!

Secretária - Bem que eu disse que as mulheres não se entendem quando o assunto é homem!

1.ª Mulher - Ainda bem que há autoridade nesta terra! *(dirigindo-se a Valentina)* Fui eu que vi primeiro o rapaz e evitei que ele desobedecesse à lei, pois ele queria ir direto com um brotinho! As senhoras não lembram? É comigo que ele tem de ir!

Valentina - *(aproximando-se do rapaz e examinando-o atentamente)* Ouçamos o que ele tem a dizer!

Um Rapaz - Por favor, moça! Livre-me desses pesadelos! Meu brotinho está me esperando naquela casa em frente!

Valentina - Mas isso não seria legal...

Um Rapaz - Que falta faz a liberdade!... Mas o meu broto é muito legal!

Valentina põe a mão no queixo, refletindo sobre a situação. Contempla novamente o rapaz; de repente põe as mãos nas cadeiras, com ar de quem tomou uma decisão.

Valentina - Muito bem! Diante da intransigência das cidadãs e tendo em vista o artigo da lei segundo o qual os casos omissos serão resolvidos pela chefa do governo e, mais ainda, que o espírito da lei é mais importante que a sua letra... *(dirigindo-se ao Rapaz)* Quantos anos tem o seu broto?

Um Rapaz - Uns vinte anos.

Valentina - *(passando a mão vaidosamente no cabelo e ajeitando a roupa)* Então esse cidadão não vai nem com a moça nem com as senhoras. A moça tem vinte anos, as senhoras devem ter uma média de sessenta, vinte mais sessenta igual a oitenta, oitenta divididos por dois igual a quarenta (a mamãe aqui tem mais ou menos quarenta...) *(segurando o Rapaz gentilmente pelo braço)* Venha comigo! Resolvi o seu caso, agora você vai resolver o meu! *(à parte)* Afinal de contas eu não ia fazer essa revolução para aprontar a cama para outras deitarem!

Um deus chamado dinheiro

ou

Pluto

Tradução de Mário da Gama Kury

Crêmilo está de tal maneira indignado ao ver ricos desonestos por todos os lados, enquanto ele mesmo é honesto e pobre, que consulta o oráculo de Apolo para saber se deveria ou não educar seu filho como um trapaceiro. O deus aconselha-o a seguir a primeira pessoa que encontre ao deixar o santuário e levá-la para ir morar com ele em sua casa. Essa pessoa é um velho cego que, sob pressão de ameaças, revela sua identidade: trata-se de Pluto, o deus da riqueza, que Zeus cegara por estar desgostoso com os homens. Crêmilo decide obter a cura da cegueira de Pluto, de tal maneira que ele possa evitar as pessoas más e enriquecer apenas as virtuosas. Pluto teme a vingança de Zeus, porém convence-se logo de que é realmente mais poderoso que o próprio Zeus, e deixa-se levar até o templo de Asclépio, deus-médico, para ser curado. A Pobreza intervém e tenta convencer Crêmilo a desistir de sua ideia, alertando-o para as consequências desastrosas de sua decisão, pois a pobreza é a fonte de todas as virtudes e a força motriz de todo esforço humano e causa da grandeza da Hélade. Mas Crêmilo não se deixa persuadir. A sessão de cura no templo de Asclépio é descrita hilariantemente e Pluto, já com a visão recuperada, volta à casa de Crêmilo, que agora ficara rico. Chegam em seguida numerosos visitantes: um homem honesto, que fora pobre durante muito tempo e agora está próspero, desejoso de consagrar ao deus seu manto e suas sandálias velhas e estragadas; um sicofanta, indignado por estar reduzido à ruina; uma velha, abandonada pelo gigolô que antes a adulava para explorá-la; o deus Hermes, que agora nada obtém no céu para comer e procura emprego na terra; e finalmente o próprio sacerdote de Zeus, também na iminência de morrer de fome.

Esta comédia foi a última de Aristófanes, o “enfant terrible” das Musas, e já se aproxima das características da Comédia Intermediária.

UM DEUS CHAMADO DINHEIRO (No original *Pluto*, deus da riqueza na mitologia grega.)

Época da ação: Século IV a.C.

Local: Atenas

Primeira representação: 388 a.C., em Atenas

PERSONAGENS

CARÍON, escravo de Crêmilo

CRÊMILO

PLUTO, deus da riqueza, o "velho cego"

MULHER DE CRÊMILO

CORO de camponeses

BLEPSÍDEMO

POBREZA

HOMEM JUSTO

SICOFANTA (Sicofanta: denunciante, junto às autoridades, de infrações geralmente imaginárias contra o patrimônio de Atenas, para tirar proveito pecuniário. Com o tempo a palavra adquiriu o sentido de chantagista, mau-caráter, delator.)

VELHA

RAPAZ

HERMES

SACERDOTE DE ZEUS

Cenário

Praça pública em Atenas; ao fundo aparece a casa de CRÊMILO. Por um lado entra um velho cego e mal-vestido, marchando tropegamente com a ajuda de um bastão. Atrás dele vêm CRÊMILO e seu escravo CARÍON, de volta de uma viagem e coroados de folhas de loureiro; CARÍON traz uma panela.

CARÍON

Como é penoso, Zeus e todos os deuses, ser escravo de um senhor que perdeu o juízo!… Se o escravo dá os melhores conselhos e seu dono não liga, fatalmente vão sobrar aborrecimentos para o mais fraco. O destino não deixa que ele disponha livremente de sua pessoa, pois o escravo pertence a quem pagou para ser o seu dono. Afinal, as coisas são assim mesmo, mas quanto a esse tal de Loxias (Loxias (= oblíquo), era um dos epítetos do deus Apolo, numa alusão à ambiguidade de suas profecias e oráculos.), que berra oráculos do alto de seu tripé, censuro o fato de ele, que é médico e adivinho muito competente, segundo dizem, mandar de volta meu senhor ainda mais desequilibrado. Ele vem caminhando atrás de um velho cego, fazendo o contrário do que devia fazer. De fato, nós, que enxergamos, devíamos guiar os cegos, enquanto ele segue um deles e me obriga a fazer o mesmo, e tudo isto sem dar uma explicação, sem me dirigir a palavra mais curta!

Dirigindo-se a CRÊMILO.

Está bem; não vou ficar calado de jeito nenhum se o senhor não explicar finalmente por que estamos seguindo este homem; vou lhe causar aborrecimentos e o senhor não vai poder bater em mim, porque estou usando uma coroa (Os peregrinos que iam a Delfos consultar o oráculo de Apolo, o deus das profecias, levavam na cabeça uma coroa de ramos de loureiro até chegarem de volta às suas casas; enquanto portavam a coroa essas pessoas, ainda que fossem escravos, permaneciam consagradas ao deus e ninguém podia maltratá-las.).

CRÊMILO

Se você me aborrecer, por pouco que seja, arranco a sua coroa e você vai sofrer ainda mais por isso!

CARÍON

Isso é papo furado. Não vou parar de falar até o senhor me dizer quem é este cego. Estou perguntando porque quero bem ao senhor, o melhor homem deste mundo.

CRÊMILO

Está bem! Não vou esconder a verdade a você, pois entre os meus escravos acho que você é o mais fiel e o mais… ladrão. Eu, embora seja religioso e justo, não fui bem-sucedido na vida e sou pobre.

CARÍON

Eu sei disto, e muito bem.

CRÊMILO

Outros homens, embora sejam hereges, demagogos, dedos-duros, avarentos, estão com tudo.

CARÍON

Concordo com o senhor.

CRÊMILO

Fui então consultar o deus, não para mim mesmo, tão infeliz que já considero esgotadas todas as jogadas de minha vida, mas para meu filho, o único que tenho, a fim de saber se ele, mudando sua conduta, devia passar a ser cínico, injusto, sonegador, um verdadeiro mau-caráter, pois em minha opinião só sendo tudo isto se tira proveito da vida agora.

CARÍON

E que disse Febo (Febo: outro epíteto de Apolo, significando “luminoso”.) no meio de suas coroas?

CRÊMILO

Você vai saber. O deus me disse claramente para eu seguir a primeira pessoa que encontrasse saindo do templo, e para não perder essa pessoa de vista e insistir para ela me acompanhar até a minha casa.

CARÍON

E quem o senhor encontrou primeiro?

CRÊMILO

Apontando para o cego.

Este aqui.

CARÍON

O quê? O senhor não adivinhou o pensamento do deus; ele quis dizer com a maior clareza que o senhor devia educar seu filho de acordo com os costumes atuais desta terra.

CRÊMILO

Por que você pensa assim?

CARÍON

Está na cara, mesmo para um cego, que se deve entender que é mais vantajoso não fazer nada de bom na época atual.

CRÊMILO

Não é possível que o oráculo de um deus tenha sido neste sentido; ele tem um alcance mais elevado. Se este homem dissesse logo quem ele é, por que razão e em que circunstâncias ele veio até aqui conosco, compreenderíamos o significado do oráculo.

CARÍON

Dirigindo-se ao cego em tom ameaçador.

Vamos, velho! Você quer dizer, ou não, quem é você, ou eu vou ter de agir neste sentido? Fale já!

PLUTO

Digo para você gemer.

CARÍON

Dirigindo-se a CRÊMILO.

Você entendeu a resposta dele?

CRÊMILO

Ele disse estas palavras a você, e não a mim; você interrogou o velho de maneira errada e grossa.

Dirigindo-se a PLUTO.

Se lhe agradam as maneiras de um homem leal, responda, meu velho.

PLUTO

Digo para você chorar.

CARÍON

Dirigindo-se ironicamente a CRÊMILO.

Receba bem o homem e o presságio do deus…

CRÊMILO

Dirigindo-se novamente a PLUTO.

Garanto que você não terá mais motivos para rir!

CARÍON

Dirigindo-se a PLUTO.

Se você não falar eu mato você miseravelmente, seu miserável!

PLUTO

Me deixem em paz, vocês dois!

CRÊMILO

De jeito nenhum!

CARÍON

Ora! Então eu falei melhor que o senhor. Vou matar este homem da pior maneira possível: levo ele até a beira de um precipício e depois saio de perto para ele quebrar o pescoço na queda.

CRÊMILO

Então leve o velho já!

Os dois tentam agarrar PLUTO.

PLUTO

Não! De jeito nenhum!

CRÊMILO

Você não vai falar?

PLUTO

Mas, se vocês souberem quem eu sou, tenho certeza de que vão me maltratar e não vão me deixar ir embora.

CRÊMILO

Claro, ainda que você não queira!

PLUTO

Então, primeiro me soltem.

CRÊMILO

Está bem; vamos soltar você.

PLUTO

Agora ouçam. Percebi que tenho de dizer o que estava disposto a manter em segredo: eu sou o deus Pluto.

CARÍON

Que mau-caráter! Você é Pluto e ficou calado?

CRÊMILO

Você, Pluto, neste estado lamentável? Ah! Febo Apolo! Ah! Deuses! Ah! Demônios! Ah! Zeus! Que disse você? Você é realmente Pluto?

PLUTO

Sou.

CRÊMILO

O próprio?

PLUTO

O propriíssimo.

CRÊMILO

Então me diga: de onde vem você assim tão sujo?

PLUTO

Estou saindo da casa de Patroclés, que não toma banho desde o dia em que nasceu.

CRÊMILO

E como lhe aconteceu a desgraça de ficar cego? Me conte!

PLUTO

Foi Zeus quem me fez isto, despeitado por causa dos homens. Há muito tempo eu ameaçava ele de favorecer somente as pessoas justas, sábias e honestas. Então ele me cegou para me impedir de reconhecer as pessoas. Vejam até quanto vai o despeito dele contra as pessoas de bem!

CRÊMILO

Mas se ele é venerado, é pelas pessoas de bem e justas.

PLUTO

Concordo com você.

CRÊMILO

Então me diga: se voltasse a enxergar como antes, você fugiria a partir de agora das pessoas más?

PLUTO

Garanto a você.

CRÊMILO

E você procuraria a companhia dos justos?

PLUTO

Sem dúvida nenhuma, pois há muito tempo não vejo gente justa.

CARÍON

Dirigindo-se aos espectadores.

Não há nada de extraordinário nisto; eu também, que enxergo otimamente, também não vejo há muito tempo uma pessoa justa.

PLUTO

Agora me deixem, pois vocês sabem tudo a meu respeito.

CRÊMILO

Não, pois nunca mais deixaremos você.

PLUTO

Eu não disse que vocês iam me causar aborrecimentos?

CRÊMILO

Peço encarecidamente a você que se deixe convencer e não vá embora. Você não vai achar, por mais que procure, um homem de caráter melhor que o meu.

CARÍON

Dirigindo-se aos espectadores.

Não! Não existe outro como eu!

PLUTO

Isso é o que todos dizem, mas quando eles me possuem verdadeiramente e ficam ricos, a maldade deles ultrapassa enormemente todos os limites da compostura.

CRÊMILO

É verdade que as coisas se passam assim, mas nem todas as pessoas são más.

PLUTO

Todas não, mas a maioria delas.

CARÍON

Você me pagará.

CRÊMILO

Mas você deve conhecer ao menos as vantagens que vai ter se ficar conosco. Ouça: com a ajuda dos deuses espero curar a sua cegueira.

PLUTO

Não faça isto, de jeito nenhum! Não quero voltar a ver!

CRÊMILO

Dirigindo-se aos espectadores.

Esta criatura é infeliz por natureza.

PLUTO

Sem dúvida Zeus, se conhecesse as loucuras desta gente, me esmagaria.

CRÊMILO

E ele já não faz isto, deixando você ir para cá e para lá tropeçando em tudo?

PLUTO

Não sei, mas tenho um medo terrível dele.

CRÊMILO

Você está falando sério? Ah! Deus mais covarde de todos! Você acredita que a soberania e os relâmpagos de Zeus valham a menor das moedas se você ficar bom da cegueira, ainda que seja por pouco tempo?

PLUTO

Não fale assim, infeliz!

CRÊMILO

Fique quietinho! Vou provar que você é muito mais poderoso que Zeus.

PLUTO

Você está dizendo isto sinceramente?

CRÊMILO

Digo sim; primeiro, por que Zeus tem o comando sobre os outros deuses?

CARÍON

Por causa do dinheiro, que ele tem demais.

CRÊMILO

Muito bem: quem dá esse dinheiro a ele?

CARÍON

Apontando para PLUTO.

Este aqui.

CRÊMILO

E a quem Zeus deve os sacrifícios oferecidos a ele? Não é por causa deste que está aqui?

CARÍON

É, sim; o que se pede mais aos deuses é a riqueza, e sem rodeios.

CRÊMILO

E este aqui não é a causa disto? E se ele quisesse não acabava com tudo isto?

PLUTO

Como?

CRÊMILO

Ora! Nenhum homem vai sacrificar mais bois nem oferecer qualquer outra coisa aos deuses se você não quiser.

PLUTO

Mas como?

CRÊMILO

Como? Sem você, parece que não existe outro meio de comprar coisas, se você não providenciar o dinheiro, só você e mais ninguém. Sendo assim, você ia acabar com o poder de Zeus, se ele causasse qualquer aborrecimento a você.

PLUTO

Que é que vocês estão dizendo? É por minha causa que os homens oferecem sacrifícios a ele?

CRÊMILO

É isto mesmo que eu estou dizendo. E se os homens têm alguma coisa brilhante, bonita, agradável, é por seu intermédio que tudo isto chega às mãos deles, pois tudo depende do dinheiro.

CARÍON

Veja bem: foi por causa de um pouco de dinheiro que passei a ser escravo, eu, que antes era livre.

CRÊMILO

E dizem que as prostitutas de Corinto, se por acaso um João-ninguém tenta ir para a cama com elas, nenhuma delas dá a mínima atenção a ele; mas se se trata de um homem rico, logo elas mostram o traseiro (Os habitantes de Corinto - principalmente as mulheres - eram célebres por sua depravação.).

CARÍON

Sim, e dizem que os bichas fazem o mesmo, não por amor a seus homens, mas por dinheiro.

CRÊMILO

Não os honestos, mas os prostituídos; os honestos não pedem dinheiro.

CARÍON

Não pedem?

CRÊMILO

Eles não pedem dinheiro, mas uns pedem cavalos, outros pedem cães de caça…

CARÍON

Talvez alguns tenham vergonha de pedir dinheiro, e enfeitam a depravação deles com nomes enganadores.

CRÊMILO

E todas as artes e descobertas dos homens são devidas a você, Pluto; uns curtem o couro, outros trabalham o bronze, outros são carpinteiros, outros são ourives, e todos fazem tudo pelo dinheiro que você dá…

CARÍON

… aquele outro é assaltante noturno; outro pula muros…

CRÊMILO

… um pisa na ponta dos pés…

CARÍON

… outro limpa as peles…

CRÊMILO

… este é curtidor…

CARÍON

… aquele vende cebolas…

CRÊMILO

… outro, flagrado em adultério, é depilado se não oferecer dinheiro.

PLUTO

Ah! Infeliz de mim! E eu ignorava tudo isso há tanto tempo!…

CARÍON

E o Grande Rei (O "Grande Rei" era o rei da Pérsia.), não é por causa do ouro que ele mostra tanta arrogância? E a Assembleia Popular (Assembleia Popular: literalmente *Ekklesía*, era a assembleia constituída pelos cidadãos atenienses; cada cidadão recebia três óbolos para participar das reuniões.), não é por causa do dinheiro que ela se reúne?

CRÊMILO

Me diga: não é você que equipa as naus de guerra atenienses?

CARÍON

Não é o dinheiro que mantém nossos soldados mercenários em Corinto? Não era por causa dele que Pânfilo esbravejava (Pânfilo, comandante das forças atenienses na época da primeira representação

desta peça, foi acusado de locupletar-se com os recursos do Tesouro da cidade.)?

CRÊMILO

E o vendedor de agulhas não era sócio de Pânfilo?

CARÍON

E não é por causa do dinheiro que Aguírrio vive peidando (A riqueza de Aguírrio levava-o a comportar-se insolentemente.)?

CRÊMILO

Não é por causa dele que Filépsio inventa histórias? Não foi por sua causa, Pluto, que os atenienses fizeram uma aliança com os egípcios? E não é por você que Laís (Laís: uma prostituta de Corinto, famosa por sua beleza na época de Aristófanes. Filonides era famoso por sua grande fortuna, por sua inteligência curta e por sua devassidão.) ama Filonides?

CARÍON

E a torre de Timóteo (Timóteo era um general ateniense muito rico, que mandou construir em Atenas uma torre dedicada à Fortuna.)?

CRÊMILO

Tomara que ela desabe em cima de você, Pluto! E não é por sua causa que são feitos todos os negócios? Só você, sozíssimo, é a causa de tudo, dos males e dos bens; não tenha dúvidas!

CARÍON

Até na guerra, por exemplo, a vitória pende sempre para o lado que você apoia, só você e mais ninguém.

PLUTO

Será possível? Eu sozinho sou capaz de fazer tantas coisas?

CRÊMILO

Sim, e muitas outras ainda, de tal maneira que ninguém nunca acha que obteve bastante dinheiro de você. Os homens se saciam de tudo: de amor…

CARÍON

… de pão…

CRÊMILO

… de música…

CARÍON

… de comidas gostosas…

CRÊMILO

… de honrarias…

CARÍON

… de tortas…

CRÊMILO

… de glória…

CARÍON

… de figos secos…

CRÊMILO

… de ambição…

CARÍON

… de pão de cevada…

CRÊMILO

… de comandos militares…

CARÍON

… de purê de lentilhas…

CRÊMILO

Mas de você nunca ninguém acha que tem o bastante. Se alguém recebe treze talentos (Talento: ver *As Nuvens*.), deseja mais ardentemente receber dezesseis; se ganha dezesseis, logo quer quarenta, e pensa que não pode viver sem eles.

PLUTO

Vocês dois falam muito bem, na minha opinião; só uma coisa me dá medo.

CRÊMILO

Explique-se; de que você está falando?

PLUTO

Como eu posso me tornar senhor desse poder que na opinião de vocês me pertence?

CRÊMILO

Todo mundo diz que nada é mais medroso que a riqueza.

PLUTO

De jeito nenhum! Foi algum pulador de muros que me caluniou; ele entrou um dia em minha casa mas não encontrou nada para levar, pois tudo estava trancado a sete chaves, e chamou minha prudência de medo.

CRÊMILO

Não tenha medo de coisa alguma. Imagine que, se você se interessar por nossa proposta, eu lhe devolvo a visão mais penetrante que a de Linceu (Linceu, um dos Argonautas,tinha a vista extremamente penetrante, a ponto de enxergar através dos objetos opacos.).

PLUTO

E como você vai fazer isto, sendo apenas um mortal?

CRÊMILO

Tenho uma esperança muito forte, de acordo com o que me disse o próprio deus agitando o loureiro pítico (Um dos epítetos de Apolo era “Pítio”.).

PLUTO

Ele também conhece o segredo?

CRÊMILO

Com toda a certeza.

PLUTO

Tenha cuidado!

CRÊMILO

Não se preocupe com coisa nenhuma, meu amigão; é bom você saber que vou até o fim, mesmo que tenha de morrer.

CARÍON

Eu também, se você quiser.

CRÊMILO

E ainda muitos outros ajudarão a gente, todos aqueles que não têm pão embora sejam honestos.

PLUTO

Você está falando de ajudantes muito fracos…

CRÊMILO

Não, se eles todos se tornarem logo ricos.

Dirigindo-se a CARÍON.

Você aí, vá embora, saia já!

CARÍON

Diga o que eu devo fazer.

CRÊMILO

Chame nossos companheiros, os trabalhadores - você encontrará eles no campo, penando o tempo todo - e diga a eles que venham todos se juntar à gente para receberem também a parte deles nas dádivas de Pluto aqui presente.

CARÍON

Vou agora mesmo!

Mostrando uma panela a CRÊMILO.

Mas quem vai levar este pedaço de carne para casa?

CRÊMILO

Eu cuido disto. Acabe a conversa e vá correndo!

CARÍON entrega a panela a CRÊMILO e sai correndo.

E você, Pluto, o deus mais poderoso, entre aqui comigo. Esta é a casa que você hoje deve encher de riquezas por todos os meios, justos ou injustos!

PLUTO

Cada vez que eu entro numa casa estranha me aborreço, pois nada de bom ganho fazendo isto. Se é na casa de um avarento que por acaso entro, logo ele me esconde debaixo da terra; se um homem honesto e amigo vem pedir um dinheirinho de nada, ele muda de assunto dizendo que nunca me viu. Se é na casa de um esbanjador que por acaso eu entro, ele me lança às prostitutas e aos jogos de azar para acabar comigo, me pondo porta afora completamente nu em um instante.

CRÊMILO

Isso acontece porque você nunca encontrou um homem moderado. Pois eu sou um deles em quase tudo. Gosto de economizar como ninguém, para ter o que gastar quando for necessário. Mas vamos entrar. Quero apresentar você a minha mulher e a meu filho único, a criatura de quem mais gosto neste mundo… depois de você.

PLUTO

Acredito em você.

CRÊMILO

Por que eu não ia lhe dizer a verdade?

Entram CRÊMILO e PLUTO na casa de CRÊMILO. Entra em cena o CORO, composto de camponeses, trazido por CARÍON.

CARÍON

Dirigindo-se ao CORO.

Vocês, que tantas vezes comeram o mesmo alho que meu senhor, amigos e conterrâneos apaixonados pelo trabalho, venham depressa e se apresentem! Não é hora de demorar; vocês chegam no momento certo em que têm de estar aqui para nos ajudar.

CORIFEU

Você não viu que há muito tempo nós avançamos com entusiasmo, tanto quanto se pode esperar de homens cansados, envelhecidos? Mas talvez você ache bom que a gente corra, antes de nos dizer por que motivo seu senhor nos chamou para virmos até aqui.

CARÍON

Se eu não disse nada antes a culpa é de vocês, porque vocês não ouvem bem. Meu senhor garante que vocês vão viver dias felizes, livres de uma vida insossa e cheia de privações.

CORIFEU

Que negócio é esse, e de onde ele tirou o que disse?

CARÍON

Ele chegou aqui trazendo um velho sujo, corcunda, miserável, enrugado, careca, desdentado, e penso que até castrado.

CORIFEU

Afinal, de que é que você está falando? Anunciando ouro em palavras? Repita: você garante que ele veio com um montão de dinheiro?

CARÍON

Ao contrário, digo que ele veio com um montão de males da velhice.

CORIFEU

Por acaso você pensa que depois de fazer promessas gostosas vai sair daqui inteiro? Para que serve este porrete que eu tenho na mão?

CARÍON

Você acredita que a natureza fez de mim um vigarista, incapaz de dizer a verdade pelo menos uma vez?

CORIFEU

Que ar sério toma este mau-caráter! Mas as pernas dele gritam "ai, ai", reclamando correntes e cordas!

CARÍON

Por que a sorte não escolhe você para ir adivinhar num caixão de defunto, e não vai logo para o outro mundo? Caronte (Caronte era o barqueiro que transportava as almas dos mortos para o inferno, atravessando o rio Aqueronte.) já lhe ofereceu a senha para poder entrar no inferno?

CORIFEU

Tomara que você se dane! Você é um sem-vergonha e farsante por natureza, que tenta enganar a gente e ainda não tem coragem bastante para nos explicar coisa nenhuma, a nós que, depois de tantas canseiras, viemos cheios de coragem até aqui sem ter tempo a perder, passando por cima de tantos pés de alho!

CARÍON

Muito bem! Não quero mais esconder o que sei. Meu senhor, pessoal, trouxe Pluto para cá a fim de tornar todos vocês ricos!

CORIFEU

Será que a gente vai ficar mesmo rico?

CARÍON

Todos vocês vão ficar ricos, ou melhor, novos Midas (Midas, rei lendário da Frígia, na Ásia Menor, que transformava em ouro tudo em que tocava.).

À parte.

Se ficarem com orelhas de asno.

CORIFEU

Agora estou maravilhado, felicíssimo, querendo dançar de tanta satisfação, se você está falando realmente a verdade.

CARÍON

Quero justamente conduzir vocês, imitando o Ciclope e batendo com os dois pés no chão ao mesmo tempo,

Fazendo o gesto.

assim. Vamos! Coragem, meninos! Gritem sem parar depois de ouvir minhas palavras e, berrando cantos sobre carneiros e cabras malcheirosas, sigam com a cabeça do peru de fora, pois vocês vão ter uma festa de bodes!

CORIFEU

E nós, de nosso lado, berrando depois de surpreender o Ciclope que você é, todo sujo, levando um saco de legumes do campo ainda úmidos de orvalho, bêbedos, enquanto conduzimos nossos carneiros, e fazendo-o dormir tranquilamente, vamos tentar furar seus olhos com um pedaço de pau em brasa (Na *Odisseia* de Homero os companheiros de viagem de Odisseu furam o único olho do Ciclope com um pedaço de madeira em brasa.).

CARÍON

Mas eu vou fazer como Circe (Circe: feiticeira famosa na Antiguidade, mencionada na *Odisseia*, que transformou os companheiros de Odisseu em porcos..), aquela feiticeira que misturava drogas e que, recebendo os companheiros de… Filonides (Em vez de Odisseu Aristófanes diz Filonides.) certa vez em Corinto, levou-os como se fossem porcos para comerem merda amassada por ela mesma; vou imitar Circe de todas as maneiras. Quanto a vocês, grunhindo de gozo, sigam a sua mãe, porcos!

CORIFEU

Então você, a Circe que misturava drogas, faz suas feitiçarias e transforma em porcos nossos companheiros, nós agarraremos você e imitando em nossa alegria o filho de Laertes (O "filho de Laertes" é Odisseu.) penduraremos você pelos ovos e esfregaremos merda no seu nariz, como se você fosse um bode. E, como Arístilo, você dirá com a boca cheia de merda: "Sigam a mãe de vocês, porquinhos!"

CARÍON

Agora vamos; parem com as brincadeiras e procurem outro tipo de diversão. Quanto a mim, entrando na casa de Crêmilo quero tirar furtivamente de meu senhor um pedaço de pão e outro de carne, e ainda mastigando vou começar a agir.

CARÍON entra na casa de CRÊMILO.

CRÊMILO

Saindo de casa e dirigindo-se ao CORO.

Dizer "bom dia", meus conterrâneos, é coisa do passado e bobagem. Mas cumprimento vocês por terem vindo apressadamente, com os músculos bem esticados. Ajam de maneira a me acompanhar também em tudo mais e a ser realmente salvadores do deus que está aqui em casa.

CORIFEU

Confie em nós; você vai pensar que está vendo em mim o próprio Ares (Ares (o Marte dos latinos) era o deus da guerra e dos combates em geral na mitologia grega.). Seria uma vergonha a gente se amontoar na Assembleia Popular por três óbolos por dia de reunião e deixar que tirem de nós o próprio Pluto.

Aproxima-se BLEPSÍDEMO.

CRÊMILO

Vejo neste momento exato Blepsídemo vindo ao nosso encontro. Pela pose e pressa dele, é claro que já ouviu falar no assunto.

Entra BLEPSÍDEMO.

BLEPSÍDEMO

Que foi que aconteceu? Onde e como Crêmilo ficou rico num instante? Não posso acreditar nisto, mas os fregueses das barbearias só falam na fortuna de nosso amigo. É de admirar que, agora que ele está rico, mande procurar os amigos. Aqui ninguém faz isso.

CRÊMILO

Está bem; vou falar sem esconder coisa nenhuma. Estamos indo melhor que ontem, Blepsídemo, e você pode participar, pois é um de meus amigos.

BLEPSÍDEMO

Você ficou mesmo rico, como dizem por aí?

CRÊMILO

Na verdade, vou ficar daqui a pouco, se um deus quiser, mas este negócio ainda não está perfeitamente garantido.

BLEPSÍDEMO

Que negócio?

CRÊMILO

É que…

BLEPSÍDEMO

Diga logo o que você tem a dizer!

CRÊMILO

Se tudo der certo, vamos ser felizes para o resto da vida, mas se houver um fracasso estamos… perdidos.

BLEPSÍDEMO

Isto me parece mutreta e não me agrada… Ficar rico demais assim de repente e ainda ter medo é história de alguém que fez alguma coisa ruim.

CRÊMILO

Como coisa ruim?

BLEPSÍDEMO

Quem sabe se você roubou ouro ou prata no templo do deus que foi consultar e agora está com remorso?

CRÊMILO

Essa não! Este não é o meu caso.

BLEPSÍDEMO

Poupe estes rodeios, meu caro; eu compreendo muito bem…

CRÊMILO

Não pense essas sujeiras a meu respeito!

BLEPSÍDEMO

É isto aí! Nenhum homem é perfeito. A vontade de ficar rico domina todo mundo.

CRÊMILO

Parece que você perdeu o juízo!

BLEPSÍDEMO

À parte.

Como as maneiras dele estão mudadas!

CRÊMILO

Você está falando sozinho como um maluco, homem!

BLEPSÍDEMO

À parte.

Até a aparência dele está mudada! É claro que ele deu algum golpe sujo!

CRÊMILO

Eu adivinho perfeitamente o seu sentimento; você imagina que eu furtei e quer receber a sua parte para ficar calado.

BLEPSÍDEMO

Eu, querendo receber a minha parte? De quê?

CRÊMILO

Não é nada disso! O caso é outro!

BLEPSÍDEMO

Será que em vez de furtar você roubou?

CRÊMILO

Um espírito mau baixou em você!

BLEPSÍDEMO

Então a verdade é que você não tomou nada de ninguém?

CRÊMILO

Não! De jeito nenhum!

BLEPSÍDEMO

Como vou me explicar? Não quero dizer a verdade.

CRÊMILO

E você me acusa antes de me ouvir.

BLEPSÍDEMO

Vamos resolver este caso com pouco dinheiro, meu caro, antes que a cidade fique sabendo de tudo; umas poucas moedas fecham a boca dos acusadores…

CRÊMILO

Sinceramente, parece que você quer gastar um dinheirinho para me cobrar muitas vezes mais como amigo…

BLEPSÍDEMO

Estou antevendo mais gente que vai se sentar na escada do tribunal com um ramo de oliveira em companhia dos filhinhos e da mulher, parecendo com os Heráclidas de Pânfilo (Os Heráclidas eram os descendentes do herói Heraclés (o Hércules dos latinos); numa colunata de Atenas havia um quadro pintado pelo famoso pintor Pânfilo, no qual os Heráclidas pediam a proteção dos atenienses.).

CRÊMILO

Não é nada disto, retardado. Vou transformar agora em ricas somente as pessoas de bem, justas e sábias.

BLEPSÍDEMO

O quê? Será que você roubou tanto assim?

CRÊMILO

Isto é demais! Você vai provocar a minha morte!

BLEPSÍDEMO

Você mesmo se matará, segundo me parece.

CRÊMILO

É claro que não, mau-caráter, pois o próprio Pluto está comigo.

BLEPSÍDEMO

Pluto está com você? Que Pluto?

CRÊMILO

O deus da riqueza em pessoa!

BLEPSÍDEMO

E onde está ele?

CRÊMILO

Aqui na minha casa.

BLEPSÍDEMO

Onde mesmo?

CRÊMILO

Na minha casa!

BLEPSÍDEMO

Na sua casa?

CRÊMILO

Perfeitamente.

BLEPSÍDEMO

Por que você não vai para o inferno? Pluto está na sua casa?

CRÊMILO

Está sim.

BLEPSÍDEMO

Você fala mesmo a verdade?

CRÊMILO

É o que estou dizendo e repetindo.

BLEPSÍDEMO

Em nome da deusa (Literalmente: “em nome de Hestia”, que era a deusa protetora do fogo da lareira, sagrado para os gregos antigos. Na linha seguinte: Poseidon, o deus maior dos mares para os gregos.)?

CRÊMILO

É mesmo, por Poseidon!

BLEPSÍDEMO

Você fala do Poseidon marítimo?

CRÊMILO

Se existe outro Poseidon, falo também do outro.

BLEPSÍDEMO

E por que você não manda Pluto para toda parte, para as casas de seus amigos?

CRÊMILO

As coisas ainda não chegaram a este ponto.

BLEPSÍDEMO

Como? Ainda não chegou a hora de partilhar as riquezas?

CRÊMILO

Ainda não, pois antes de mais nada é necessário…

BLEPSÍDEMO

O quê?

CRÊMILO

… que nós dois demos um jeito para ele voltar a enxergar.

BLEPSÍDEMO

Quem deve voltar a enxergar? Explique, homem!

CRÊMILO

Pluto, como já disse antes; e de qualquer maneira!

BLEPSÍDEMO

Ele está mesmo cego?

CRÊMILO

Está, sim.

BLEPSÍDEMO

Não é de admirar, então, que ele não tenha vindo à minha casa.

CRÊMILO

Mas agora ele vai, se isto for do agrado do deus.

BLEPSÍDEMO

Não é melhor chamar um médico para ele?

CRÊMILO

Que médico a gente vai encontrar agora na cidade? Onde não há dinheiro não há médicos (Na época em que foi apresentada pela primeira vez esta peça em Atenas, a cidade atravessava uma grave crise financeira em decorrência da derrota na guerra do Peloponeso.).

BLEPSÍDEMO

Olhando para os espectadores.

Vamos ver.

CRÊMILO

Olhando também.

Eu também não estou vendo nenhum para remédio.

BLEPSÍDEMO

É mesmo; parece que não há nenhum.

CRÊMILO

Diante disso penso que é melhor levar Pluto para se deitar no templo de Asclépio (Asclépio (o Esculápio dos latinos), filho de Apolo, era o deus da medicina.).

BLEPSÍDEMO

Esta é mesmo a melhor ideia. Não demore! Faça logo alguma coisa!

CRÊMILO

Já estou indo!

BLEPSÍDEMO

Vá mais depressa!

CRÊMILO

É isto mesmo que estou fazendo!

Ao sair, CRÊMILO encontra a POBREZA, coberta de andrajos. Ela para diante de CRÊMILO e de BLEPSÍDEMO, que recuam assustados diante daquela aparição.

POBREZA

Vocês aí, homenzinhos de nada que se atrevem a cometer uma loucura, uma perversidade, para onde estão indo? Por que fogem? Não querem ficar aqui?

BLEPSÍDEMO

Que susto!

POBREZA

Vou matar vocês miseravelmente, miseráveis! Vocês se atrevem a praticar um ato intolerável, como nenhuma outra criatura se atreveu, nem homem, nem deus! Vocês estão perdidos!

CRÊMILO

Quem é você? Como você é pálida!

BLEPSÍDEMO

Ela é igual a uma Fúria de tragédia (As Fúrias (em grego *Erinyes*) eram divindades incumbidas de punir os crimes hediondos.). É mesmo! Ela tem o olhar desvairado e trágico!

CRÊMILO

Mas ela não é Fúria, pois não está com uma tocha nas mãos (Alusão à tragédia *Eumênides* de Ésquilo, onde as Fúrias aparecem portando tochas em perseguição a Orestes.).

BLEPSÍDEMO

Então ela vai chorar.

POBREZA

Quem vocês estão pensando que eu sou?

CRÊMILO

Uma quitandeira ou vendedora de ovos na rua. Se não fosse, não estava aí esbravejando assim contra nós, que não fizemos mal nenhum a você.

POBREZA

É mesmo? E querer me expulsar de todos os lugares não é o tratamento mais vexaminoso?

CRÊMILO

Mas ainda lhe resta o inferno (Literalmente: o Báratro, precipício onde os atenienses lançavam os piores criminosos.)! Quem é você, afinal?

POBREZA

Sou aquela que punirá vocês ainda hoje, por tentarem acabar comigo.

BLEPSÍDEMO

Será a quitandeira de perto daqui, que sempre me engana no peso das coisas que eu compro?

POBREZA

Sou a Pobreza, que mora com vocês aqui há muito tempo.

BLEPSÍDEMO

Apolo e os outros deuses! Para onde vou fugir?

BLEPSÍDEMO sai correndo.

CRÊMILO

Que é que você está fazendo, animal covarde? Fique aqui perto de mim!

BLEPSÍDEMO

De jeito nenhum!

CRÊMILO

Você não fica? E nós, dois homens, vamos fugir diante de uma mulher?

BLEPSÍDEMO

Acontece que ela é a Pobreza, desastrado, o animal mais repelente produzido pela natureza em qualquer lugar.

CRÊMILO

Pare! Estou mandando! Pare!

BLEPSÍDEMO

Já disse que não paro de jeito nenhum!

CRÊMILO

Mas eu lhe digo que a gente praticaria o mais vergonhoso de todos os atos se deixasse o deus aqui entregue à sua própria sorte, fugindo para qualquer lugar com medo desta criatura sem resistir ao máximo.

BLEPSÍDEMO

Em que armas, em que forças nós podemos confiar? Existe alguma couraça ou algum escudo de que esta miserável não lance mão?

CRÊMILO

Fique tranquilo; eu sei que o nosso deus, mesmo sozinho, vai se salvar de tudo que esta mulher fizer.

POBREZA

E vocês ainda se atrevem a resmungar, idiotas, quando foram surpreendidos em flagrante cometendo uma indignidade contra mim?

CRÊMILO

E você, merecedora do pior de todos os fins, por que vem até aqui insultar a gente, se não fizemos o menor dos males a você?

POBREZA

Então não é me fazer mal algum, na opinião de vocês, querer curar a cegueira de Pluto?

CRÊMILO

Como? Fazer bem a todos os homens e fazer mal a você?

POBREZA

E que bem vocês podem inventar para dar aos homens?

CRÊMILO

Que bem? Primeiro, expulsar você da Grécia.

POBREZA

Me expulsar? E que mal maior vocês pensam que podem fazer aos homens?

CRÊMILO

Qual? Desistir de curar Pluto e esquecê-lo.

POBREZA

Bonita frase! A propósito, antes de mais nada quero dizer quais são as minhas razões. Primeiro vou demonstrar que sou a causa única de todo o bem que acontece aos homens, e que vocês me devem a própria vida; se eu não provar isto, façam o que acharem melhor.

CRÊMILO

Você se atreve a falar assim comigo, criatura infame?

POBREZA

Me deixe explicar. Creio que posso demonstrar com a maior facilidade que você está redondamente enganado se pretende enriquecer os homens justos.

CRÊMILO

Ah! Porretes! Ah! Coleira de ferro (As pessoas que iam ser torturadas eram amarradas em postes (pelourinhos) mediante uma coleira de ferro posta no pescoço.)! Vocês não vêm me ajudar?

POBREZA

Você não deve se queixar nem esbravejar antes de me ouvir.

CRÊMILO

E quem não tem vontade de esbravejar ouvindo as bobagens que você diz?

POBREZA

As pessoas sensatas.

CRÊMILO

E que pena vou pedir para castigar você, se você perder a causa?

POBREZA

A que você quiser.

CRÊMILO

Você agora falou bem.

POBREZA

E se vocês perderem a pena é a mesma.

CRÊMILO

Você acha que morrer vinte vezes é bastante?

BLEPSÍDEMO

Para ela é; para nós bastam duas.

POBREZA

Vocês têm de perder. Que razões justas vocês podem alegar contra mim?

CORIFEU

Então vamos começar a discussão. Agora vocês vão ter de falar muito bem

Apontando para a POBREZA.

para confundir esta aqui com boas réplicas. E não façam nenhuma concessão!

CRÊMILO

Na minha opinião todos concordam em reconhecer que é justo que as pessoas de bem devem ser felizes, e as más e hereges devem ter naturalmente a sorte contrária. Nós, desejando que seja assim, encontramos afinal um objetivo enobrecedor e generoso, válido em qualquer circunstância. De fato, se Pluto recuperar a visão e não andar mais dando topadas por aí pelo fato de ser cego, ele vai se juntar às pessoas de bem e nunca mais se afastará delas; dos homens maus e dos hereges, ao contrário, ele fugirá; sendo assim, todos vão passar a ser honestos - e naturalmente ricos - e respeitosos das coisas divinas.

Dirigindo-se à POBREZA.

Quem pode imaginar coisa melhor para os homens?

BLEPSÍDEMO

Ninguém - isto eu garanto. Agora não faça mais perguntas a ela.

CRÊMILO

De fato, considerando as condições presentes de vida para nós, criaturas humanas, quem não acharia que elas são uma loucura, ou melhor ainda, uma brincadeira de mau gosto de um gênio maligno? Na verdade, muitos homens sendo maus, são ricos à custa de bens acumulados injustamente; outros, ainda mais numerosos e gente de bem, são infelizes, passam fome e estão geralmente em sua companhia, Pobreza.

Dirigindo-se a BLEPSÍDEMO.

Declaro que se algum dia Pluto, recuperando a visão, der um jeito nesta situação, estará descoberto o meio de proporcionar aos homens os maiores benefícios.

POBREZA

Ah! De todos os homens os mais facilmente levados a perder o bom senso! Vocês, os velhotes, companheiros da loucura e da extravagância, se acontecesse o que vocês desejam garanto que não tirariam proveito disto. Se Pluto recuperasse a visão e repartisse tudo entre todos igualmente, não existiriam mais as profissões entre os homens, e ninguém mais se esforçaria, uma vez abolidas estas coisas por vocês. Quem vai querer ser ferreiro, construir navios, cozer, fazer carros, fazer calçados, ser pedreiro, lavador ou curtidor de couro? Quem haveria de querer lavrar a crosta dura desta terra para colher os frutos dela, se as pessoas pudessem viver sem fazer nada, sem se preocupar com tudo isso?

CRÊMILO

Você está dizendo tolices. Nossos escravos fariam todos esses trabalhos de que você falou.

POBREZA

Mas, como você vai comprar escravos?

CRÊMILO

Nós compraríamos todos que quiséssemos com nosso dinheiro.

POBREZA

Para início de conversa, quem iria ter o trabalho de vender escravos se todos tivessem dinheiro?

CRÊMILO

Algum vendedor ganancioso vindo da Tessália, região cheia de insaciáveis traficantes de escravos.

POBREZA

Continuando a falação, naturalmente não vai haver mais um só traficante de escravos, de acordo com a sua conversa fiada. Quem, depois de ficar rico, vai arriscar a vida neste negócio? Sendo assim, obrigado você mesmo a trabalhar, a lavrar a terra e fazer outras tarefas penosas, você vai levar uma vida muito mais dura que a de hoje.

CRÊMILO

Tomara que esses males caiam sobre sua cabeça!

POBREZA

Depois você nem vai poder dormir numa cama - não existirão mais estas coisas -, nem num tapete - quem vai tecer tapetes se tiver dinheiro? Depois, você não vai ter perfumes para pôr na sua noiva

quando for levar a eleita do seu coração para sua casa, nem tecidos maravilhosos tingidos em cores variadas para enfeitar a moça. Então, que vantagem haveria em ser rico, se a gente ficasse privada de tudo isso? Graças a mim, ao contrário, vocês hoje podem comprar facilmente o que falta, pois eu, como uma patroa vigilante, forço o artesão, premido pela pobreza, a procurar meios de ganhar a vida.

CRÊMILO

Que bens você pode proporcionar além das queimaduras nas casas de banho (No inverno os pobres podiam entrar sem pagar nas casas de banhos para se aquecerem.), das crianças sofrendo com fome e das mulheres velhas? A quantidade de piolhos, mosquitos, pulgas - nem vou falar mais nisso -, que incomodam com suas picadas e seus zumbidos e acordam a gente dizendo: "Vamos! Levantem-se para ter fome!" Sim senhora, e, além dessas "delícias", ter para vestir um reles trapo, para leito uma esteira de palha cheia de percevejos que obrigam a ficar acordados aqueles que anseiam por dormir; para tapete uma esteira apodrecida, para travesseiro uma grande pedra; para comer, em vez de pão brotos de malva, e em vez de bolos folhas secas de rabanetes; para cadeira, um pote quebrado; para tábua de amassar pão o pedaço de uma armadura quebrada. Então, você quer continuar a falar da quantidade de bens que oferece aos homens?

POBREZA

A vida descrita por você não é a minha; é a dos mendigos de quem você zomba.

CRÊMILO

E como é que a gente chama a mendicância? Não é "irmã da pobreza"?

POBREZA

Sim, vocês, os mesmos que dizem que Dionísio é parecido com Trasíbulo (Dionísio era um tirano cruel, e Trasíbulo livrou a pátria da tirania.). Mas minha vida não é desse gênero, nem vai ser. A vida do mendigo de quem você fala consiste em viver sem nada ter; a do pobre, em viver poupando e se dedicando a seus afazeres, a não ter nada supérfluo sem que lhe falte o necessário.

CRÊMILO

Você descreve uma vida bem-aventurada: poupar e sofrer, sem deixar nem o dinheiro bastante para o enterro…

POBREZA

Você tenta ser engraçado e me ridicularizar, sem cuidar de ser sério. Você não sabe que, mais que Pluto, eu dou aos homens a superioridade de corpo e de espírito. Com ele os homens sofrem de gota, são barrigudos, insolentemente gordos; comigo eles são esbeltos, com um corpo de vespa, e temidos pelos inimigos.

CRÊMILO

Sem dúvida é pela fome que você impõe a eles esse corpo de vespa…

POBREZA

Agora passo à saúde moral e vou ensinar a vocês que a decência mora comigo e a falta de vergonha com Pluto.

CRÊMILO

E é perfeitamente decente roubar e abrir buracos em muros…

BLEPSÍDEMO

É claro, pois se nos escondemos entre muros provamos que somos modestos.

POBREZA

Veja os políticos na cidade. Enquanto são pobres são honestos diante do povo e do Estado, mas quando ficam ricos à custa do dinheiro público, logo se tornam os mais desonestos, conspiram contra o povo e passam a combater a democracia.

CRÊMILO

Ao menos nisto você não mente em uma única palavra, embora sua língua seja ferina; mas nem por isso você vai se arrepender menos - você não tem razões para ser arrogante - por tentar nos convencer de que a pobreza vale mais que a riqueza.

POBREZA

Quanto a isto, você não pode me desmentir; você diz bobagens e bate asas fugindo de mim.

CRÊMILO

E por que razão todos tentam fugir de você?

POBREZA

É porque eu torno vocês melhores. Isto pode ser visto principalmente nas crianças: elas se rebelam contra os pais, que só querem o bem delas (mesmo para os adultos é difícil distinguir o que é justo!).

CRÊMILO

E Zeus? Você vai dizer que ele não sabe distinguir o que é melhor? Ele também prefere a riqueza.

BLEPSÍDEMO

Ele manda você para nós…

POBREZA

Vocês, que ficam cegos de espírito por causa de uma remela no tempo de Cronos (Cronos: Ver *As Nuvens*.), fiquem sabendo que Zeus é naturalmente pobre, e vou provar cabalmente o que estou dizendo. Se ele fosse rico, como, quando ele mesmo instituiu os Jogos Olímpicos durante os quais se reúne toda a Grécia de quatro em quatro anos, proclamando os atletas vencedores, ele concederia aos melhores uma simples coroa de oliveira selvagem? Se ele fosse rico a coroa tinha de ser de ouro.

CRÊMILO

Mas assim ele demonstra perfeitamente que gosta da riqueza. Ele poupa e não quer gastá-la; põe umas folhinhas, umas bobagens na cabeça dos vencedores, e guarda o ouro para si mesmo…

POBREZA

Muito mais vergonhoso que a pobreza é o procedimento que você tenta atribuir a Zeus se, embora rico, ele é tão mesquinho e pão-duro.

CRÊMILO

Tomara que Zeus mate você depois de lhe dar uma coroa de folhas de oliveira!…

POBREZA

E dizer que vocês se atrevem a negar que todos os bens chegam aos homens pelas mãos da Pobreza!

CRÊMILO

É a Hecate (Hecate: deusa das encruzilhadas e da magia em geral.) que se pode perguntar o que vale mais - ser rico ou ser pobre. Ela quer que os detentores de posses e os ricos tragam mensalmente para ela uma refeição, que os pobres levam logo depois de oferecida. Agora dane-se! Não digo mais nem uma palavrinha! Você não vai me convencer, ainda que me convença!

POBREZA

"Cidade de Argos! Estás ouvindo o que ele diz? (Verso de Eurípides em uma de suas tragédias perdidas. Argos era uma das cidades-estados mais importantes da Grécia na idade heroica.)"

CRÊMILO

Invoco Páuson (Páuson era um pintor paupérrimo, muito popular em Atenas.), seu companheiro de mesa.

POBREZA

Que será de mim, desta infeliz (Esta fala da Pobreza e as seguintes são provavelmente versos de tragédias perdidas de Eurípides.)?

CRÊMILO

Vá para o inferno, para bem longe de nós, e já!

POBREZA

Para que lugar da terra eu posso ir?

CRÊMILO

Vá pôr uma coleira de ferro no pescoço imediatamente! Vamos acabar com este papo furado!

POBREZA

Com certeza vocês vão me chamar de volta um dia!

Retira-se desarvorada a POBREZA, aos gritos.

CRÊMILO

Depois você volta. Agora dane-se! É melhor para mim ser rico, embora tenha de ouvir você dar longos gritos batendo na cabeça com as mãos.

BLEPSÍDEMO

E eu quero ser rico para me tratar bem e a meus filhos e a minha mulher, e para poder, quando sair do banheiro, reluzente de limpeza, peidar no nariz dos trabalhadores e da Pobreza!

CRÊMILO

Estamos livres dela; a peste foi embora. Vamos o mais depressa possível, eu e você, levar Pluto para se deitar no templo de Asclépio.

BLEPSÍDEMO

Vamos já, para evitar que alguém impeça a gente de tomar algumas medidas necessárias.

CRÊMILO

Chamando à porta de sua casa.

Caríon, meu rapaz, saia debaixo dos cobertores e leve Pluto com tudo o que está preparado aí dentro, de acordo com as cerimônias de costume.

CARÍON sai de casa trazendo um embrulho e conduzindo PLUTO pela mão. Todos seguem com ele.

CARÍON

Velhos, que tantas vezes nas festas de Teseu (Rei lendário de Atenas e herói da cidade.) tinham de se contentar com o pão molhado na sopa e comer mal, como a vida de vocês mudou! Como vocês têm sorte, vocês e todas as outras pessoas honestas!

Depois de algum tempo voltam CARÍON e PLUTO.

CORIFEU

Dirigindo-se a CARÍON, que voltava com PLUTO.

Que vem anunciar você, grande homem, a respeito de seus amigos? Parece que está trazendo uma boa notícia.

CARÍON

Meu senhor está nos píncaros da felicidade, e o próprio Pluto ainda mais que ele. De cego que era ele agora enxerga muito bem, e seus olhos estão brilhantes graças às artes e à bondade de Asclépio.

CORIFEU

Você fala de coisas alegres, ou melhor, grita!

CARÍON

Há razões para tanta alegria, queiram ou não vocês.

CORIFEU

Vou festejar o digno filho de um pai divino, a luz resplandecente para os homens, Asclépio!

Aparece a MULHER DE CRÊMILO saindo de casa.

MULHER DE CRÊMILO

Que querem dizer estes gritos? É alguma boa notícia? Eu estava há muito tempo sentada dentro de casa, esperando ansiosamente este homem!

CARÍON

Depressa! Vá buscar vinho depressa, patroa, para que a senhora também beba.

À parte.

Aliás, você faz isto sempre com muito prazer, e agora temos todos os bens ao mesmo tempo…

MULHER DE CRÊMILO

E onde estão eles?

CARÍON

Na minha boca; você vai já saber.

MULHER DE CRÊMILO

Então diga tudo que quer dizer e vá embora.

CARÍON

Ouça bem; eu vou revelar as coisas desde os pés até a cabeça.

MULHER DE CRÊMILO

Não! Não me fale em nada “até a cabeça”!

CARÍON

Nem nas boas coisas que estão acontecendo?

MULHER DE CRÊMILO

Principalmente nas “coisas”…

CARÍON

Logo que a gente chegou perto do deus, conduzindo o velho até então todo ruim e agora bom e feliz, se algum dia algum homem chegou a tanto, a gente levou ele primeiro para uma fonte de água salgada e depois todo mundo tomou banho.

MULHER DE CRÊMILO

O velho devia estar feliz, sendo lavado em água salgada e fria…

CARÍON

Aí a gente entrou no santuário do deus. Depois da consagração dos bolos e das oferendas num altar, e de tudo ser consumido pelas chamas de Hefesto (Hefesto: o deus do fogo na mitologia grega (o Vulcano dos latinos).), a gente obrigou Pluto a se deitar, como tem de ser feito, e cada um de nós preparou uma cama de folhas.

MULHER DE CRÊMILO

Tinha ainda outros homens fazendo preces ao deus?

CARÍON

Tinha, sim, principalmente um tal de Neoclides (Neoclides era um orador ateniense acusado de ter-se apropriado indebitamente de dinheiro do governo.), que embora seja cego, na hora de roubar enxerga mais que todos os que veem; tinha muita gente com tudo quanto era doença. Depois de apagar as luzes o sacerdote do deus mandou a gente dormir, dando ordem a todo mundo para fazer silêncio, e então a gente se deitou e ficou quietinho. Eu não consegui dormir. Uma panela cheia de sopa posta perto da cabeça de uma velhinha me deixou maluco, e eu senti um piedoso desejo de ir até onde ela estava; aí o sacerdote, levantando os olhos, surrupiou uns bolos redondos e uns figos secos da mesa sagrada; aí ele visitou todos os altares para ver se por acaso algum bolo tinha sido esquecido; aí ele consagrou todos os bolos e botou eles numa sacola. Eu, então, convencido da santidade de meu ato, me levantei para ir apanhar a panela de sopa.

MULHER DE CRÊMILO

Você não teve medo do deus, trapalhão?

CARÍON

Sim; eu tive medo de que ele chegasse antes de mim ao lugar onde estava a panela, pois o sacerdote deu o bom exemplo. Ouvindo o barulho que eu fiz, uma velhinha levantou o braço para pegar a panela,

aí eu assobiei e mordi o braço dela, como se fosse uma serpente se enroscando (Havia nos templos de Apolo (pai de Asclépio) serpentes que vieram a ser o símbolo da medicina, enroscadas num bastão.). Mas ela puxou depressa o braço e se deitou depois de se enrolar em cobertas, tremendo de medo e soltando um peido mais fedorento que o de um gato. Aí eu devorei a sopa quase toda, e quando me senti empanturrado descansei.

MULHER DE CRÊMILO

E o deus não apareceu a vocês?

CARÍON

Até aquele momento não; depois eu fiz uma coisa que me deu muito prazer: quando ele se aproximou soltei um peido estrondoso, pois meu estômago estava estufado.

MULHER DE CRÊMILO

Ele deve ter ficado aborrecido com você naquela hora.

CARÍON

Mas Iasó (Iasó e Panaceia eram filhas de Asclépio, o deus da medicina.), que seguia o sacerdote de perto, ficou ruborizada, e Panaceia desviou a cabeça e apertou o nariz (é natural, pois eu não peido incenso).

MULHER DE CRÊMILO

E o próprio deus?

CARÍON

Ele nem ligou.

MULHER DE CRÊMILO

Então esse deus de quem você está falando é um grosso.

CARÍON

Não, mas ele gosta de merda (Alusão a certos médicos da época, que examinavam as fezes do paciente para tirar conclusões quanto a seu estado.).

MULHER DE CRÊMILO

Você é mesmo um trapalhão.

CARÍON

Aí eu me enrolei nas cobertas, com medo, enquanto o deus fazia a ronda examinando todos os casos com a maior atenção. Depois um rapaz botou perto dele uma bacia de pedra, um pilão também de pedra e uma caixinha.

MULHER DE CRÊMILO

De pedra também?

CARÍON

Não; a caixinha não.

MULHER DE CRÊMILO

E como você podia ver tudo aquilo, trapalhão, se você disse que estava enrolado na coberta?

CARÍON

Pelos buracos dela, que eram muitos. Antes de mais nada ele começou a preparar um unguento como remédio para Neoclides: ele jogou na bacia três cabeças de alho, e esmagou o alho junto com resina de figueira e aroeira; aí ele misturou tudo com vinagre e encheu com aquilo os olhos do doente, que se enroscava por causa da dor terrível. Urrando e gritando, Neoclides quis fugir e pulou, mas o deus disse a ele rindo: "Fique aí quietinho com seu unguento; de agora em diante não vou deixar mais você fazer juramentos invocando como testemunhas as Assembleias Populares."

MULHER DE CRÊMILO

O deus é realmente muito amigo da cidade e sabe muito bem das coisas!

CARÍON

Depois ele se sentou outra vez perto de Pluto e primeiro apalpou a cabeça dele; aí, com um pano apropriado limpou em volta das pálpebras dele. Panaceia cobriu a cabeça e todo o rosto dele com um véu cor de púrpura. Aí o deus assobiou e vieram correndo do fundo do templo duas serpentes que não tinham mais tamanho.

MULHER DE CRÊMILO

Deuses amigos!

CARÍON

Levantando devagarzinho o véu cor de púrpura, elas começaram a lamber em volta das pálpebras de Pluto - pelo menos esta era a minha impressão -, e em menos tempo do que você gasta para esvaziar duas jarras de vinho, patroa, Pluto estava em pé e enxergando bem. Eu bati palmas, de tão alegre, e despertei o meu senhor. Asclépio desapareceu num instante com as serpentes no meio do templo. Você não pode imaginar como as pessoas que estavam deitadas perto de Pluto abraçavam ele (elas ficaram acordadas durante toda noite até o dia amanhecer). Quanto a mim, eu não parava de agradecer a Asclépio por ter devolvido a visão a Pluto com tanta rapidez e aumentado a cegueira de Neoclides.

MULHER DE CRÊMILO

Que poderes ele possui! Mas me diga onde está Pluto.

CARÍON

Ele já vem aí, cercado por uma multidão. Aqueles que eram justos e viviam de pouca coisa abraçavam e seguravam ele, pirados de alegria, enquanto os ricos que deviam suas grandes fortunas à injustiça franziam a testa e estavam com o olhar sombrio. Outros seguiam ele com a cabeça coroada, rindo e bendizendo Pluto. O chão reboava com os passos dos velhos marchando cadenciadamente. Vamos também, todos juntos, sem distinção, dançar fazendo coros, pois ninguém vai dizer que não tem farinha no saco quando voltar ao lar.

MULHER DE CRÊMILO

Eu também quero enfeitar você com coroas de bolinhos pela boa notícia, Caríon, você que foi o portador desta mensagem!

CARÍON

Então não demore, pois todo mundo já está perto de nossa porta.

MULHER DE CRÊMILO

Vamos mais depressa! Eu vou entrar para preparar presentes de boas-vindas para os olhos dele, como se faz com os escravos comprados há pouco tempo.

A MULHER DE CRÊMILO entra em sua casa.

CARÍON

Dirigindo-se aos espectadores enquanto saía.

Eu quero ir ao encontro deles!

Entra PLUTO.

PLUTO

Antes de mais nada quero adorar o sol; em seguida o solo ilustre da divina Atenas e toda a terra de Cêcrops (Cêcrops: rei lendário de Atenas.) que me acolheu. Tenho vergonha de meus infortúnios pensando nos homens com quem convivia em minha ignorância, enquanto evitava, sem saber, aqueles que eram dignos de minha presença. Como eu era infeliz! E como eu procedia mal com uns e outros! Mas repararei o meu erro com uma conduta completamente diferente, e de hoje em diante mostrarei a todos os homens que eu me juntava aos maus contrariando a minha natureza.

Entra CRÊMILO, vendo alguns intrusos.

CRÊMILO

Vão todos para o inferno! Como são chatos esses amigos que aparecem de repente quando tudo vai bem! Eles nos atormentam e chutam nossas canelas, cada um querendo dar demonstrações maiores de benevolência. De fato, quem ainda não veio me cumprimentar? E a multidão de velhos que me cercou na praça?

A MULHER DE CRÊMILO, trazendo frutas, sai de sua casa quando o marido está chegando com PLUTO.

MULHER DE CRÊMILO

Dirigindo-se a CRÊMILO.

Ah! Homem mais querido de todos!

Dirigindo-se a CRÊMILO e a PLUTO.

Salve os dois, você e você!

Dirigindo-se somente a PLUTO.

De acordo com o costume, jogo em vocês estes presentes de boas-vindas!

PLUTO

De jeito nenhum! Quando entro em sua casa pela primeira vez depois de haver recuperado a visão, convém que não receba coisa alguma e, ao contrário, ofereça.

MULHER DE CRÊMILO

Então você não aceita estes presentes?

PLUTO

Aceito, mas somente lá dentro, perto da lareira, de acordo com a tradição.

Dirigindo-se aos espectadores.

Assim evitamos a acusação de vulgaridade. De fato, não convém ao poeta cômico mandar jogar nos espectadores figos secos e outras comidinhas, esperando forçar a plateia a rir.

MULHER DE CRÊMILO

Você apresenta boas razões; ali está Dexínico (Dexínico: provavelmente um glutão famoso na época de Aristófanes.) levantando-se para apanhar os figos.

Entram todos na casa de CRÊMILO. Logo após sai CARÍON.

CARÍON

Dirigindo-se ao CORO.

Como é bom ser feliz, gente, principalmente quando não se tem de gastar coisa nenhuma do que é nosso! Todos os bens caem sobre nossa casa sem que a gente nada tenha feito de desonesto. É uma coisa doce ser rico a este preço. A despensa está cheia de farinha branquinha, as ânforas estão cheias de vinho escuro e perfumado; todos os móveis estão cheios de ouro e prata, uma coisa maravilhosa, enfim! Nosso celeiro está abarrotado de azeite de oliveira, os vidrinhos estão cheios de perfumes até o gargalo, o sótão está cheio de figos secos; todos os depósitos de vinagre, todos os pratos e panelas, agora são de bronze; nossos velhos pratos de barro rachados, onde a gente punha peixe, passaram a ser de prata, como vocês podem ver. Nossa lanterna num instante transformou-se numa coisa preciosa de marfim. É com moedas de ouro que nós, os escravos, jogamos agora cara ou coroa. Não nos esfregamos mais com hastes de alho, e sim com esponjas muito macias. E agora o dono da casa, com a cabeça coroada, sacrifica lá dentro um leitão, um bode e um carneiro. A fumaça do sacrifício me obriga a sair; eu não podia mais aguentar, pois ela agora irrita meus olhos.

Entra um HOMEM JUSTO seguido por um menino que traz um manto e um par de sandálias.

HOMEM JUSTO

Me siga, menininho! Vamos ver o deus!

CARÍON

Ei! Você aí! Quem está chegando?

HOMEM JUSTO

Um homem antes pobre e agora feliz.

CARÍON

Você parece ser do número dos homens de bem.

HOMEM JUSTO

Sem a menor dúvida!

CARÍON

De que você está sentindo falta?

HOMEM JUSTO

Vim dar graças ao deus, pois ele me encheu de bens. Como herdei de meu pai uma fortuna muito grande, ajudei meus amigos necessitados; eu gostava de melhorar a vida deles.

CARÍON

Aí o dinheiro começou a faltar.

HOMEM JUSTO

Exatamente.

CARÍON

E por causa disso você ficou muito pobre.

HOMEM JUSTO

Exatamente. Eu pensava que aqueles a quem fiz bem nos dias de indigência deles iam ser para mim amigos realmente certos se eu um dia me tornasse necessitado. Mas eles se desviavam de mim e fingiam que não me viam quando cruzavam comigo na rua.

CARÍON

E além disso eu tenho certeza de que eles zombavam de você.

HOMEM JUSTO

E como! Meu cofre se esvaziou e isto foi a minha perdição. Agora vim até aqui à procura do deus para render homenagens a ele.

CARÍON

Mas, que quer dizer este manto velho que o menino vem carregando atrás de você? Me explique!

HOMEM JUSTO

Trago o manto para consagrá-lo ao deus.

CARÍON

Por acaso você foi iniciado nos grandes mistérios (Nos mistérios de Elêusis, localidade próxima de Atenas, os peregrinos usavam roupas velhas, apropriadas para a longa viagem até o santuário.) vestindo este manto?

HOMEM JUSTO

Não, mas tremi de frio durante treze anos com ele.

CARÍON

E estas sandálias?

HOMEM JUSTO

Elas também sofreram no inverno comigo.

CARÍON

E você traz elas também como oferenda ao deus?

HOMEM JUSTO

Trago, sim.

CARÍON

Grandes presentes estes que você vem trazendo ao deus!

Entra um SICOFANTA com uma testemunha.

SICOFANTA

Sem ver CARÍON.

Ai de mim! Como sou infeliz! Estou… perdido, desgraçado! Ai! Três vezes, quatro, cinco, doze, dez mil vezes infeliz! Ai! Ai! Quantos males um deus lança sobre mim!

CARÍON

Apolo salvador e deuses amigos! Que desgraça aconteceu a este homem?

SICOFANTA

Percebendo CARÍON.

Não é terrível o que me acontece agora? Perdi tudo que tinha em minha casa por causa deste deus! Ah! Tomara que ele volte a ser cego, se ainda há justiça no mundo!

HOMEM JUSTO

Dirigindo-se a CARÍON.

Acho que estou percebendo a situação. Trata-se de um homem arruinado; pelo jeito ele não é grande coisa.

CARÍON

E não é mesmo; ele mereceu a sorte que teve.

SICOFANTA

Onde? Onde está esse deus que prometia riqueza para todos nós imediatamente, se recuperasse a visão? Em vez disso ele me arruinou e arruinou os meus colegas!

CARÍON

Mas quem foi tratado assim por ele?

SICOFANTA

Eu, que você está vendo aqui.

CARÍON

Então você era um mau-caráter, um ladrão?

SICOFANTA

Não! São vocês dois que não valem nada, e é impossível que vocês não estejam com o meu dinheiro!

CARÍON

Com que violência entrou aqui este sicofanta! É claro que ele sofre de fome insaciável!

SICOFANTA

Vá já para a praça pública! Não demore! Lá você sofrerá o suplício da roda para confessar suas patifarias!

CARÍON

Ameaçando espancar o SICOFANTA.

Maldito seja você!

HOMEM JUSTO

Quanto reconhecimento este deus terá de todos os gregos se exterminar completamente os sicofantas, esses nojentos!

SICOFANTA

Ah! Infeliz de mim! Você está se juntando a ele para zombar de mim?

Aproximando-se do HOMEM JUSTO.

Aliás, onde você conseguiu esta roupa nova que está vestindo? Ontem vi você com uma roupa velha.

HOMEM JUSTO

E eu estou peidando para você.

Mostrando um anel.

Estou usando este anel, comprado a Êudemo por um dracma.

CARÍON

Mas ninguém pode comprar uma garantia contra as "mordidas" de um sicofanta.

SICOFANTA

Isto não é o máximo em matéria de insulto? Vocês dois estão zombando de mim, mas não explicam o que estão fazendo aqui. De vocês não se pode esperar nada de bom.

CARÍON

Nada de bom para você; tenha certeza!

SICOFANTA

Sem dúvida vocês vão jantar à minha custa.

HOMEM JUSTO

Tomara que você e sua testemunha morram de fome!

CARÍON

É isto mesmo! E com a barriga completamente vazia!

SICOFANTA

Vocês negam? Lá dentro, bandidos, têm muito peixe e carne assada.

Farejando o ar.

Hum! Hum!

CARÍON

Você está farejando alguma coisa, mau-caráter?

HOMEM JUSTO

Ele está, sim; talvez o frio.

SICOFANTA

Vou ter de suportar os insultos destes dois? Que indignidade! Eu, um homem de bem e um patriota, sendo maltratado desta maneira!

HOMEM JUSTO

Você, patriota e homem de bem?

SICOFANTA

Sim, e como nenhum outro homem!

HOMEM JUSTO

Então vou interrogar você. Responda!

SICOFANTA

Sobre que assunto?

HOMEM JUSTO

Você é um trabalhador?

SICOFANTA

Você pensa que sou louco?

HOMEM JUSTO

Então é um negociante?

SICOFANTA

Sou, sim; pelo menos passo por negociante quando me convém.

HOMEM JUSTO

O que é você, afinal? Você aprendeu algum ofício?

SICOFANTA

Ofício? Eu? Não!

HOMEM JUSTO

Como você vivia, e de quê, se você não faz nada?

SICOFANTA

Fiscalizo os assuntos de Estado e os assuntos privados, todos eles.

HOMEM JUSTO

Você? Para quê?

SICOFANTA

Porque quero.

HOMEM JUSTO

Como você seria um homem de bem, mau-caráter, se, intrometendo-se em tudo sem ser chamado por ninguém, você se torna odioso a todo mundo?

SICOFANTA

Não me compete servir à minha cidade, imbecil, tanto quanto está a meu alcance?

HOMEM JUSTO

Você chama servir à cidade intrometer-se em tudo?

SICOFANTA

Você estaria mais perto da verdade se dissesse que zelo pelo cumprimento das leis em vigor, impedindo que elas sejam violadas.

HOMEM JUSTO

E não existem juízes incumbidos expressamente dessas funções pela cidade?

SICOFANTA

E quem faz as denúncias?

HOMEM JUSTO

Qualquer pessoa que tome conhecimento das violações.

SICOFANTA

Então eu sou esta pessoa. E sendo assim, sou incumbido dos assuntos de Estado.

HOMEM JUSTO

Que mau patrono eles têm em você! Mas você não acha melhor viver tranquilamente, sem fazer nada?

SICOFANTA

Mas isto de que você fala é uma existência de animal, sem ter uma ocupação qualquer na vida.

HOMEM JUSTO

E você não gostaria de aprender outra coisa qualquer?

SICOFANTA

Nem se você me desse o próprio Pluto e o sílfio de Batos (O sílfio era uma planta abundante no norte da África, usada como condimento e remédio. Fazia a prosperidade de Cirene, cidade principal da Líbia antiga. Batos foi o fundador de Cirene.)!

CARÍON

Dirigindo-se ao SICOFANTA.

Tire já a sua roupa!

O SICOFANTA não se move.

HOMEM JUSTO

Você aí! É com você que ele está falando!

CARÍON

Depois tire as sandálias!

O SICOFANTA continua imóvel.

HOMEM JUSTO

Ele está dizendo tudo isto a você, mau-caráter!

SICOFANTA

Então, atreva-se qualquer dos dois a chegar perto de mim!

CARÍON

Muito bem! Eu me aproximo!

CARÍON tira o manto e as sandálias do SICOFANTA. A testemunha sai correndo.

SICOFANTA

Vocês tiraram minhas sandálias em pleno dia, malditos!

CARÍON

Porque você acha bom viver se metendo nos assuntos dos outros.

SICOFANTA

Pretendendo falar com sua testemunha.

Você viu o que ele fez? Você vai ser a minha testemunha!

CARÍON

Mas a testemunha profissional que você trouxe fugiu.

SICOFANTA

Ai de mim! Estou lutando sozinho contra tudo e contra todos!

CARÍON

Agora você está gritando?

SICOFANTA

Ai de mim mais uma vez!

CARÍON

Dirigindo-se ao HOMEM JUSTO.

Me dê seu manto para eu cobrir o sicofanta.

HOMEM JUSTO

Não posso dar; o manto foi consagrado ao deus há muito tempo.

CARÍON

Mas onde o velho manto estaria melhor consagrado que nos ombros deste cretino e mau-caráter? Quanto a Pluto, é preferível prestar homenagens a ele com mantos maravilhosos.

CARÍON põe o velho manto do HOMEM JUSTO nos ombros do SICOFANTA.

HOMEM JUSTO

E o que vamos fazer com as sandálias dele? Diga!

CARÍON

Vou pendurar elas na cabeça dele agora mesmo, como se ele fosse uma oliveira selvagem.

SICOFANTA

Eu vou embora daqui, pois noto que sou muito mais fraco que vocês dois. Mas se eu achar um companheiro, ainda que seja uma figueira, vou fazer com que este deus poderoso sofra hoje o castigo merecido, pois ele virou de pernas para o ar a democracia sem consultar nem o Senado nem a Assembleia Popular!

O SICOFANTA sai correndo.

HOMEM JUSTO

Dirigindo-se ao SICOFANTA que corria.

Agora, que você saiu levando minha armadura (O Homem Justo chama de "armadura" o velho manto posto nos ombros do sicofanta.), vá aos banhos públicos e lá, como primeiro da fila, aqueça-se. Até há pouco tempo eu também ocupava esse lugar.

CARÍON

Dirigindo-se também ao SICOFANTA.

Mas o administrador dos banhos arrastará você para fora, te segurando pelo saco. Basta olhar você para perceber que se trata de um mau elemento.

Dirigindo-se ao HOMEM JUSTO.

Quanto a nós, vamos entrar, para você dirigir suas preces ao deus.

Os dois entram em casa. Entra em cena uma VELHA vestida berrantemente, seguida por uma escrava trazendo um prato coberto.

VELHA

Dirigindo-se ao CORO.

Chegamos realmente à morada do novo deus, queridos velhinhos, ou viemos por um caminho errado?

CORIFEU

Fique sabendo, mocinha, que você chegou à porta da casa dele. Você se orientou direitinho.

VELHA

Vamos chamar alguém da casa.

Sai da casa CRÊMILO.

CRÊMILO

Dirigindo-se à VELHA.

Não precisa chamar, pois eu mesmo estou saindo, mas me diga o motivo de sua vinda até aqui.

VELHA

Aconteceram comigo coisas horríveis e injustas, amigão. Depois que esse deus recuperou a visão a minha vida se tornou um inferno!

CRÊMILO

Qual é o caso? Não me diga que você é uma sicofanta!

VELHA

Eu? De jeito nenhum!

CRÊMILO

Então você estava bebendo em uma assembleia de mulheres antes da sua vez?

VELHA

Você está gracejando. Estou com o coração magoado! Coitadinha de mim!

CRÊMILO

Você vai dizer qual é essa mágoa?

VELHA

Então ouça. Eu tinha um amiguinho jovem, pobre, é verdade, mas bonitão, gentil e honesto. Quando eu necessitava daquela coisa, ele fazia tudo para me satisfazer na mesma hora, e carinhosamente. De minha parte eu fazia tudo por ele.

CRÊMILO

E quanto ele pedia a você de cada vez?

VELHA

Não era muito, pois neste ponto ele era até cerimonioso comigo; às vezes ele me pedia algum dinheiro para comprar um manto, e mais um pouco para comprar sandálias novas. Para as irmãs ele pedia de vez em quando dinheiro para comprar uma tunicazinha, um mantozinho para a mãe dele; às vezes ele estava precisando de quatro canecos de trigo…

CRÊMILO

É mesmo; tudo isso que você me disse é pouca coisa… A gente vê que ele usava você moderadamente…

VELHA

E não era por exploração que ele fazia esses pedidos, e sim por amizade, dizia ele, para que o manto dado por mim, quando ele vestia, fizesse com que o meu amiguinho se lembrasse de mim.

CRÊMILO

É… Você está falando de um homem muito apaixonado…

VELHA

Mas agora o ingrato já não é o mesmo para mim; ele mudou completamente. Eu mandei para ele um bolo e mais umas comidinhas no prato que está nas mãos da escrava, para ele perceber que eu ia encontrar com ele à noite…

A VELHA começa a chorar.

CRÊMILO

Que fez o rapaz? Vamos! Diga!

VELHA

Ele me devolveu tudo, mandando ainda um bolo de leite que está também no prato, com a condição de que eu não fosse mais me encontrar com ele. Além disso, ele me disse quando devolveu tudo no prato: "Você já não é mais aquela. (Literalmente: "antigamente os milésios tinham muito valor", provérbio significando que certa coisa já não tinha o valor antigo.)"

CRÊMILO

Quanto ao caráter, evidentemente ele não era um mau rapaz… Agora, que ele está rico, não gosta mais de lentilhas; antes, quando era pobre, ele comia qualquer coisa.

VELHA

É isso aí… Antes não passava um único dia sem que ele viesse bater à minha porta muitas vezes.

CRÊMILO

Para saber se tinha chegado a hora de seu enterro?

VELHA

Não! Ele só queria ouvir a minha voz…

CRÊMILO

À parte.

… oferecendo dinheiro a ele…

VELHA

Se ele me via triste, me chamava carinhosamente de "minha patinha", de "minha pombinha"…

CRÊMILO

À parte.

… antes de pedir sandálias novas a você…

VELHA

Certa vez, na celebração dos Grandes Mistérios, alguém me olhou no carro onde eu estava; por causa disso apanhei durante todo o percurso da procissão, tão forte era o amor do meu rapaz!…

CRÊMILO

À parte.

Sem dúvida era porque ele não gostava de comer sozinho.

VELHA

E ele dizia que as minhas mãos eram lindas…

CRÊMILO

À parte.

Sim, quando davam dinheiro a ele…

VELHA

… e que o perfume de minha pele era tão suave…

CRÊMILO

À parte.

Se você tivesse posto na taça dele vinho de Tasos (O vinho de ilha de Tasos era muito perfumado.), naturalmente…

VELHA

… e que meu olhar era doce e uma beleza…

CRÊMILO

À parte.

O rapaz não tinha nada de tolo; ele queria devorar os bens da velha fogosa.

VELHA

Foi nisto, queridinho, que o deus não agiu bem, ele, que pretendia ajudar as vítimas da injustiça.

CRÊMILO

Que deseja você que ele faça? Diga que ele faz.

VELHA

É justo obrigar alguém que recebeu tantos benefícios de mim a restituir o meu dinheiro. Ou é justo que eu tenha perdido tudo por causa dele?

CRÊMILO

Ora! Ele não lhe retribuía todas as noites?

VELHA

Mas ele prometia que nunca me abandonaria, enquanto eu vivesse!

CRÊMILO

Muito bonito, mas agora ele pensa que você não está mais viva…

VELHA

De fato, querido, a amargura está me consumindo.

CRÊMILO

À parte.

É… Parece que você já era…

VELHA

Agora estou tão magra que podia passar por dentro de um anel…

CRÊMILO

É, sim, se o anel fosse o furo de uma peneira fina…

Entra o RAPAZ, com uma coroa de flores na cabeça e trazendo nas mãos uma tocha, como se viesse de uma festa e parecendo ébrio.

VELHA

Aqui está o próprio rapaz, aquele mesmo que estou acusando! Parece que ele está indo para uma festa!

CRÊMILO

Parece, sim; ao menos ele está vindo com uma coroa e uma tocha.

RAPAZ

Dirigindo-se à VELHA.

Oi…

VELHA

Que disse ele?

RAPAZ

… minha velha amiga… Seus cabelos ficaram brancos muito depressa…

VELHA

Ai! Como sou infeliz! Ser ofendida assim!…

CRÊMILO

Parece que ele não vê você há muito tempo.

VELHA

Há muito tempo como? Ontem ele esteve comigo!

CRÊMILO

Então acontece com ele o contrário do que ocorre com a maioria das pessoas: o porre torna mais penetrante a visão dele…

VELHA

Não é nada disto; agora ele é sempre impertinente; faz parte do caráter dele.

RAPAZ

À parte, aproximando a tocha do rosto dela.

Deuses novos e antigos! Quantas rugas há no rosto dela!

VELHA

Ai! Ai! Não ponha a sua tocha tão perto de mim!

CRÊMILO

À parte.

Mas ela tem razão! A menor fagulha que caísse da tocha ia tocar fogo na velha, como se se tratasse de um ramo seco de oliveira…

RAPAZ

Dirigindo-se à VELHA.

Você quer brincar um pouco comigo?

VELHA

Onde, malvado?

RAPAZ

Aqui mesmo; pegue algumas nozes para jogar comigo.

VELHA

Que jogo é este?

RAPAZ

Adivinhar quantos dentes você tem.

CRÊMILO

Isto é muito fácil de adivinhar. Ela deve ter três ou quatro.

RAPAZ

Você perdeu! Ela tem um só - um molar.

VELHA

Homem mais perverso de todos! Na minha opinião você perdeu o juízo e quer fazer de mim uma bacia para lavar roupa suja diante de todo mundo.

RAPAZ

Você até podia melhorar muito se fosse lavada e esfregada com muita força.

CRÊMILO

De jeito nenhum, pois com toda esta pintura ela ainda parece aproveitável; mas se alguém lavar essa camada de tinta vai ver claramente restos de rosto.

VELHA

Apesar de sua idade, velho, você não tem um pingo de delicadeza, penso eu.

RAPAZ

Ou melhor dizendo, ele tenta seduzir você; ele está bolinando você, pensando que não estou vendo.

VELHA

Dirigindo-se a CRÊMILO.

Não! Não, velho nojento!

CRÊMILO

Não! Só se eu estivesse maluco! Não admito, rapazinho, que você queira fazer mal a esta mocinha!

RAPAZ

Mas eu sou apaixonado por ela…

CRÊMILO

E ainda assim ela acusa você!

RAPAZ

De que ela me acusa?

CRÊMILO

De ser insolente e de dizer que ela já não é mais aquela.

RAPAZ

Não vou brigar com você por causa dela.

CRÊMILO

Por que não?

RAPAZ

Por respeito à sua idade. Eu nunca ia deixar que outra pessoa fizesse isso. Agora você pode ir embora satisfeito, levando a sua gatinha…

CRÊMILO

Sei muito bem o que você está pensando. Você já não acha bom transar com ela.

VELHA

E quem é capaz de suportar este rapaz?

RAPAZ

Eu não posso mais suportar uma mulher esgotada em transas indecorosas

Apontando para os espectadores.

com estes treze mil homens.

CRÊMILO

Dirigindo-se ao RAPAZ.

Já que você gostou de beber o vinho, agora vai ter de engolir a borra.

RAPAZ

Mas esta borra é velha e bolorenta demais!

CRÊMILO

Um filtro para vinho pode resolver o problema. Vamos! Entrem!

RAPAZ

Quero entrar para consagrar ao deus estas coroas que tenho na cabeça.

VELHA

Eu ainda quero dizer uma coisa a você.

RAPAZ

Então não entro mais.

CRÊMILO

Não tenha medo! Entre! Ela não vai forçar você a fazer nada.

RAPAZ

Você falou muitíssimo bem. Já passei muito tempo tapando os buracos dela.

VELHA

Entre! Eu vou atrás de você.

Entram o RAPAZ e a VELHA.

CRÊMILO

Com que gana a velhinha se gruda no rapaz! Parece uma concha nas pedras!

CRÊMILO também entra. Aparece HERMES (Hermes era o deus mensageiro de Zeus e patrono dos larápios.)*; ele bate à porta da casa de CRÊMILO e depois se esconde*.

CARÍON

Do interior da casa, entreabrindo a porta.

Quem está batendo? Quem é? Não vejo ninguém; deve ter sido a própria porta que fez barulho.

CARÍON faz menção de entrar.

HERMES

Mostrando-se e chamando CARÍON.

É com você mesmo, Caríon, que eu quero falar; venha cá.

CARÍON

Você aí, me diga: foi você quem bateu na porta com tanta força?

HERMES

Não, mas eu ia bater. Agora você abriu, chegando primeiro. Chame o dono da casa! Vá correndo, depois chame a mulher dele e os filhos do casal, e depois os escravos, depois a cadela, depois você mesmo e finalmente a porquinha!

CARÍON

Antes me diga qual é o caso.

HERMES

Fique sabendo, criado incompetente, que Zeus quer misturar vocês todos no mesmo cesto para jogar no inferno.

CARÍON

À parte.

Devemos cortar a língua do moço de recados que traz esta novidade.

Dirigindo-se a HERMES.

Mas por que ele está mal-intencionado com a gente?

HERMES

Porque vocês armaram uma encrenca terrível. De fato, desde o momento em que Pluto voltou a enxergar ninguém nos oferece mais incenso, nem ramos de loureiro, nem bolos, nem vítimas para serem sacrificadas, nem coisa nenhuma, a nós, os deuses do Olimpo.

CARÍON

Não se oferece e nunca mais se oferecerá, pois até agora vocês quase não pensavam em nós.

HERMES

Pouco me importam os outros deuses, mas eu mesmo estou nas últimas; ou seja, estou morrendo.

CARÍON

Você está agindo com a cabeça.

HERMES

Até agora eu ganhava dos quitandeiros todas as coisas boas: bolos de vinho, amoras, mel, figos secos, tudo que eu gosto. Agora fico deitado com as pernas para o ar, morrendo de fome.

CARÍON

E você não acha isto justo, você que muitas vezes fazia mal às pessoas de quem você recebia tanta coisa boa?

HERMES

Ah! Como sofro com saudades do bolo de queijo que preparavam para mim no quarto dia do mês!

CARÍON

Você lamenta o que já era; suas queixas não adiantam.

HERMES

Ah! Pernas de porco que eu devorava!…

CARÍON

Exercite as suas próprias pernas pulando por cima de um barril de vinho aqui ao ar livre.

HERMES

E as entranhas bem quentes que eu estraçalhava e comia!…

CARÍON

Parece que alguma cólica está revolvendo suas próprias entranhas.

HERMES

Ah! Taças com a mistura meio a meio!

CARÍON

Peidando.

Engula este peido e trate de salvar a sua pele o mais depressa possível!

HERMES

Você quer prestar um serviço ao seu amigo que lhe quer tanto bem?

CARÍON

Se eu puder fazer o que você vai me pedir…

HERMES

Ah! Se você me trouxesse um pão bem fresquinho para eu comer com um pedaço de carne do animal que estão sacrificando lá dentro!…

CARÍON

Isto é proibido.

HERMES

Mas quando você passava a mão em alguma coisa de seu patrão, mau-caráter, eu sempre fazia com que seu furto não fosse percebido.

CARÍON

É verdade, mas com a condição de levar a sua parte, pois sempre sobrava para você um grande bolo bem assado.

HERMES

Que você mesmo comia, sem dividir comigo.

CARÍON

Você também não dividia comigo as porradas quando me apanhavam em flagrante.

HERMES

Você esquece os males passados, agora que está feliz. Vamos! Me receba em sua casa, em nome dos deuses!

CARÍON

Então você quer abandonar os outros deuses para ficar aqui?

HERMES

As coisas estão bem melhores aqui na sua casa.

CARÍON

Como? Você acha decente desertar agora?

HERMES

"A pátria é qualquer lugar onde nos sentimos bem. (Provérbio, talvez inserido em alguma tragédia de Eurípides.)"

CARÍON

O que é que você pode fazer se ficar aqui com a gente?

HERMES

Me ponha perto da porta para eu tomar conta dela.

CARÍON

Tomar conta? Mas nós não queremos ninguém que tome!

HERMES

Faça de mim um empresário.

CARÍON

Agora nós estamos ricos. Para que vamos querer um Hermes empresário?

HERMES

Então um Hermes trambiqueiro, que é a mesma coisa…

CARÍON

Trambiqueiro? Essa não! Não temos mais razões para fazer trambiques; queremos atividades honestas.

HERMES

Bem que eu podia ser o guia do deus.

CARÍON

O deus agora enxerga bem; não temos a menor necessidade de guias.

HERMES

Então vou ser presidente da Confederação Ateniense de Esportes e Diversões. Que diz você desta vez? Nada pode ser mais vantajoso para Pluto do que instituir competições esportivas e musicais (As despesas das competições públicas eram pagas pelos cidadãos mais ricos de Atenas; tratava-se, portanto, de um assunto da alçada de Pluto.) na C.A.E.D.

CARÍON

Como é bom ter muitos sobrenomes! Este malandro aqui já tem um meio de ganhar a sua vidinha. Não é por nada que os cidadãos do corpo de jurados se esforçam para ser inscritos em muitas circunscrições (Os cidadãos atenienses incumbidos de formar o corpo de jurados eram distribuídos em dez circunscrições de acordo com as letras que tiravam de uma urna no sorteio. A tentação de receber pagamento pelo comparecimento levava os atenienses na época de Aristófanes a querer ganhar o "jeton" em várias circunscrições.).

HERMES

Então vocês querem me receber nesta qualidade?

CARÍON

Queremos, sim; vá já aos poços lavar as vísceras dos animais sacrificados a fim de mostrar que você está em perfeitas condições de nos prestar serviços imediatamente.

Entram na casa HERMES e CARÍON. Aparece em cena um sacerdote de Zeus.

SACERDOTE

Quem pode dizer com certeza onde está Crêmilo?

CRÊMILO

Saindo de casa.

Que é que há, gente boa?

SACERDOTE

Nada de bom. Desde que o deus que você sabe muito bem qual é recuperou a visão estou morrendo de fome. Nada tenho para mastigar, embora seja sacerdote de Zeus Salvador.

CRÊMILO

Qual é a causa desta situação?

SACERDOTE

Agora ninguém quer fazer sacrifícios aos deuses.

CRÊMILO

Por quê?

SACERDOTE

Porque todo mundo está rico. Mas no tempo em que muitas pessoas nada tinham, tanto um empresário de volta de uma viagem de negócios como um homem absolvido na justiça sacrificavam vítimas para comemorar sua boa sorte. Outras pessoas realizavam sacrifícios para receber augúrios favoráveis, e me convidavam na qualidade de sacerdote de Zeus. Agora ninguém oferece o menor sacrifício, nem frequenta os templos, a não ser as milhares de pessoas que vão lá para mijar nas paredes.

CRÊMILO

À parte.

E você não recebe sua parte habitual dessas "oferendas"?

SACERDOTE

Também quero pedir a Zeus Salvador para me dispensar, pois eu também quero morar aqui com vocês.

CRÊMILO

Fique tranquilo; tudo irá bem, se os deuses quiserem, pois Zeus Salvador está presente aqui; ele veio espontaneamente.

SACERDOTE

Então tudo irá bem, como você mesmo diz.

O SACERDOTE quer entrar.

CRÊMILO

Espere um pouco! Vamos agora mesmo instalar Pluto no lugar dele, como guardião perpétuo do Tesouro da cidade (Tesouro: o *opistôdomos*, lugar fortificado atrás do templo de Atena, padroeira da cidade; lá se guardava o tesouro da cidade.). Vamos! Tragam tochas acesas para cá!

Dirigindo-se ao SACERDOTE.

Você vai pegar as tochas para marchar com elas na frente do deus.

SACERDOTE

É exatamente isto que deve ser feito.

CRÊMILO

Chame Pluto para sair conosco!

Sai de casa PLUTO, seguido pela VELHA.

VELHA

E eu, que vou fazer?

CRÊMILO

Ponha estas panelas na cabeça (Recipientes cheios de alimentos preparados, que eram oferecidos ao deus cuja imagem era inaugurada.) para a entronização do deus e leve elas solenemente. Por coincidência você está vestida de cores vivas (Nas procissões as mulheres atenienses usavam roupas de cores vivas.).

VELHA

E o assunto de que eu vim tratar?

CRÊMILO

Tudo vai sair bem para você. O rapaz vai se encontrar com você logo mais à noite.

VELHA

Que bom! Se você quer dizer que ele vem transar comigo, eu levo as panelas!

A VELHA põe logo as panelas na cabeça.

CRÊMILO

Estas panelas não são como as outras. Nas outras a crosta (A nata do leite fervido e a crosta de gordura de outras fervuras de alimentos ficam sobrenadando na panela e se enrugam à proporção que esfriam, enquanto as rugas da velha ficavam por baixo da panela, no rosto e no corpo dela.) fica por cima; aqui as panelas vão por cima da crosta em que se transformou a pele enrugada da velha…

PLUTO começa a marchar solenemente, seguido de perto pela VELHA e por todos.

CORIFEU

Não devemos demorar mais; vamos sair. Não há razões para ficarmos aqui por mais tempo. Sigamos cantando atrás deles.

Saem todos.

F I M

Aristófanes, *Um deus chamado dinheiro*, tradução do grego de Mário da Gama Kury, Rio de Janeiro, Zahar, 3ª edição, 2003.